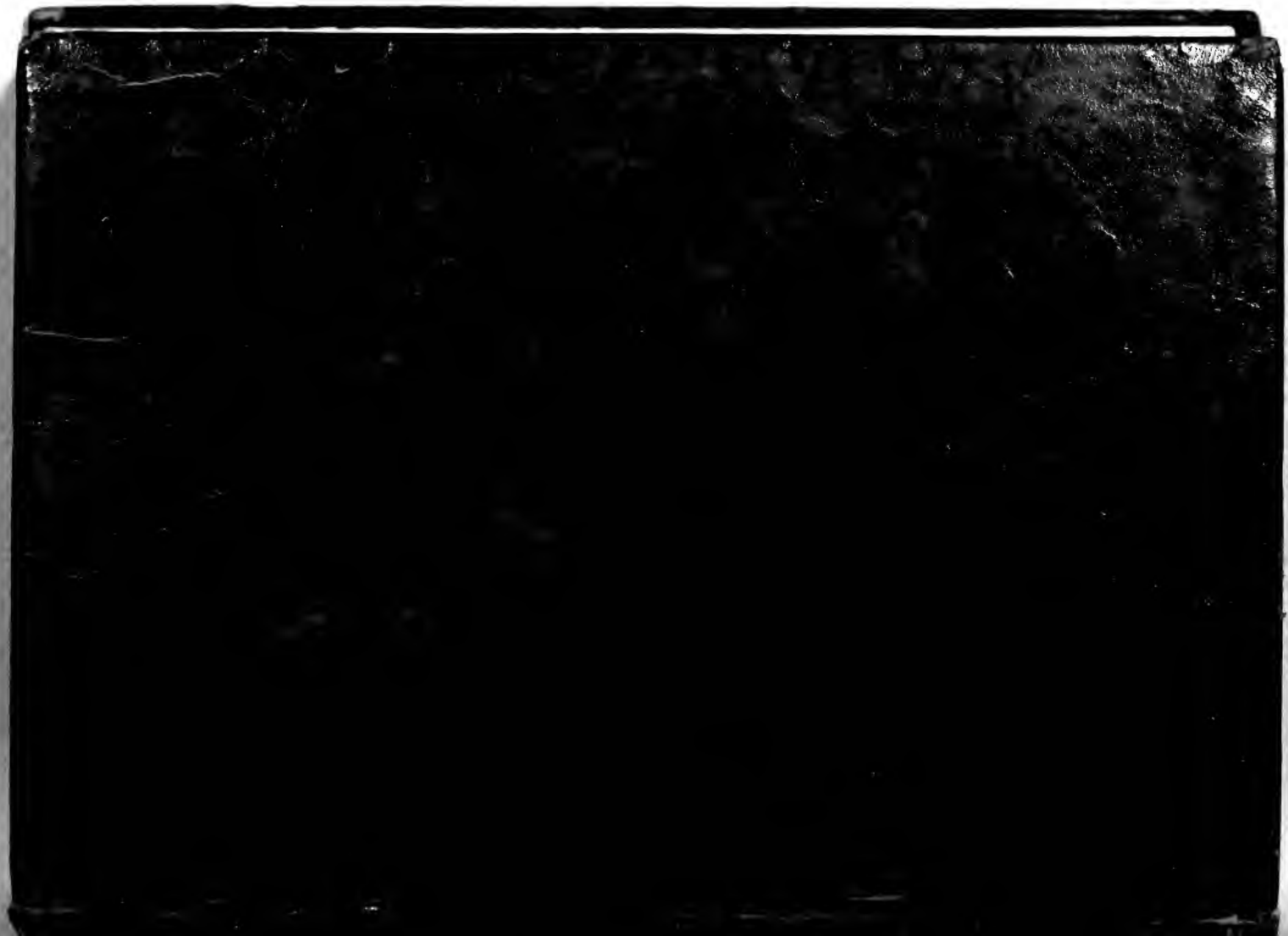


John Carter Brown
Library
Brown University

The John Carter Brown Library
Brown University
Purchased from the
Louisa D. Sharpe Metcalf Fund

DESENGANO
DOS
PECCADORES,

NECESSARIO A TODO GENERO DE PESSOAS,
Utiliſſimo aos Miſſionarios, e aos Prégadores deſenganados, que ſó deſejão a ſalvação das almas,

DEDICADO A

JESUS CHRISTO
SENHOR NOSSO,

Venerado na ſua ſagrada Imagem dos Paſſos no Convento de Noſſa Senhora da Graça de Lisboa da Ordem de Santo Agoſtinho,

ESCRITO PELO

R. P. ALEXANDRE PERIER

Miſſionario da Provincia do Brazil,

E accreſcentado com o Tratado do Inferno Aberto,

Quinta Edição

POR

PEDRO ANTONIO CALDAS,

Familiar do Santo Officio, e Mercador de livros.

LISBOA,

Na Offic. de MIGUEL MANESCAL DA COSTA,
Impreſſor do Santo Officio.

Anno de M.DCC.LXV.
Com todas as licenças neceſſarias.

nos, que estive Missionario no Brazil, me succedêrão muitos casos semelhantes. Tinha eu huma destas imagens illuminada com a mesma cor do fogo. Não he crivel a impressão do Inferno, que fazia nos Indios; tanto assim, que alguns vinhão já alta noite a confessarem-se; e perguntando-lhes eu, porque não esperavão pela manhã, respondião, ter medo de morrer aquella noite, com se lhes representar na imaginação aquelle condenado, que estava ardendo com os demonios no Inferno. Direi mais, que nas Missões que eu fazia nas Villas, e nos engenhos, por muito, que eu estudasse de representar ao vivo os insoffriveis tormentos eternos, bem poucos, e raros se movião; porém em mostrando do pulpito a imagem de hum condenado, logo todo o auditorio se desfazia em lagrimas, e gemidos. Tanto he verdade, que a vista faz fé, ainda que seja de fogo pintado em hum painel; muito mais quando esta fé he de Deos, com crer, e ter por infallivel o fogo do Inferno.

Este foi o principal motivo, que me induzio a unir estas estampas com este livro do desengano dos peccadores, para que depois de vistas, e consideradas, supprão o pouco espirito, e zelo, com que em tantos annos de Missionario, trabalhei tão froxamente na salvação das almas. Oh se quizera Deos que algumas se convertessem, e eu pudesse *reddere animam pro anima* em desconto dos meus peccados, e das minhas tibiezas no seu serviço! Tenho razão de crer, e esperar assim; pois diz São Paulo, que Deos costuma eleger para semelhantes emprezas da sua gloria os fogeitos mais vís, e despreziveis: *Ignobilia mundi, & contemptibilia elegit Deus.* Que se pois nem a vista do fogo pintado nestas imagens, nem a consideração do Inferno são bastantes para desenganar a algum peccador endurecido, saiba que toda

Exod. 2 F.

1. Cor. c. 1.

da a Sagrada Escritura, o mesmo Filho de Deos no seu Euangelho não achou remedio mais efficaz para reduzir os peccadores á penitencia, que o tormento do fogo eterno: *Ite, maledicti, in ignem æternum.* E bem póde applicar a si aquella formidavel sentença, que pronunciou Deos por boca do Profeta Isaias: *Hæc dicit Dominus: Insanabilis fractura tua pessima plaga tua.* A chaga da tua maldade he já tão apodrecida, e corrupta, que he incuravel, e sem remedio, verificando-se della aquelle celebre aforismo da medicina: *Quod non sanat medicamentum, sanat ferrum; quod non sanat ferrum, sanat ignis; quod non sanat ignis, est insanabile.*

Matth. 25.

Jerem. 30.

Fern. de mor. incur.

A JESUS CHRISTO
NOSSO SENHOR,

Venerado na ſua ſagrada Imagem dos Paſſos no Convento de noſſa Senhora da Graça de Lisboa da Ordem de Santo Agoſtinho.

SENHOR.

HUM livro, que tem por argumento deſenganar os peccadores do engano, em que vivem, pelo eſquecimento do Inferno, ſó deve dedicar-ſe a voſſos

ſos ſagrados pés, cujos Paſſos, ſempre agigantados, (1) *ſe encaminhárão todos para lhes perſuadir o deſengano do mundo, e os conduzir á felicidade do Ceo. Muitas vezes ſe perde eſta felicidade por não ſe attender áquelle deſengano; mas ſe toda a cauſa he a falta de huma attenta conſideração, pois della (como Vós diſſeſtes pelo voſſo Profeta* (2) *procedem todas as culpas, e deſordens do mundo: bem remediada ficará eſta falta, emendadas as culpas, e ſegura aquella felicidade, ſe a impulſos da voſſa graça ſe empregarem os peccadores attentamente na lição deſte livro; porque nos ſeus diſcurſos encontrarão huma viva imagem dos inexplicaveis tormentos do Inferno, de que tão laſtimoſamente vivem eſquecidos; e ſe conſeguirá felizmente (como outro voſſo Profeta deſejava* (3) *que deſcendo ao Inferno vivos com a conſideração, não deſção na realidade depois de mortos.*

A muitos peccadores (como piamente ſe póde crer) ſerião já de grande utilidade as conſiderações, que neſte livro ſe lhes offerecem; pois tendo ſahido quatro vezes a público pela impreſsão, em todas mereceo a attenção devida ao importante da materia. Agora porém que novamente apparece protegido com o poderoſo aſylo deſſa voſſa prodigioſa Imagem,

(1) *Exultavit ut gigas ad currendam viam.* Pſal. 18. 6.

(2) *Deſolatione deſolata eſt omnis terra: quia nullus eſt, qui recogitet corde.* Jerem. 12. 11.

(3) *Deſcendant in Infernum viventes.* Pſalm. 54. 16. *Ne deſcendant morientes.* Div. Bern. l. de Vit. ſolit.

que

que copioso fruto de Desenganos se não deve esperar da sua lição! He, Senhor, essa vossa sacrosanta Imagem o sagrado, e soberano Objecto do respeito, e devoção não só desta Corte, mas de todo o Reino. Tão soberano, e tão sagrado, que todos os que a adorão se sentem na sua presença interior, e suavemente movidos a huma terna compaixão dos vossos tormentos: todos reconhecem, e confessão adorarem a mais expressa, e viva Figura do Divino Original, que representa; e todos finalmente alcanção da vossa infinita bondade especial amparo, e opportuno remedio nas tribulações, ou públicas, ou particulares, como tantas vezes tem experimentado os nacionaes, e admirado os estranhos.

Este respeito, e esta devoção serão poderosos attractivos para os peccadores lerem attentamente este livro, se Vós, Senhor, vos dignares de o aceitar na vossa protecção; e se (como humildemente vos peço pelos vossos mesmos merecimentos) fores servido lançar-lhes benignamente a vossa benção, com ella receberão os seus leitores copiosa graça, para efficazmente se desenganarem das vaidades do mundo, para amorosamente se abraçarem com a vossa Cruz, e para resolutamente seguirem os vossos sagrados Passos; em cujo beneficio

alcance o primeiro lugar, como mais neceſſitado, já que tem o primeiro lugar entre os peccadores, eſte voſſo indigno ſervo, que não (4) *he digno do nome de voſſo filho,*

(4) *Jam non ſum dignus vocari filius tuus: fac me ſicut unum de mercenariis tuis.* Luc. 15. 19.

Pedro Antonio Caldas.

AO

AO PIO LEITOR.

SAnta Catharina de Sena, como tão amante de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, deſejava com o grande exceſſo do ſeu zelo pôr-ſe na boca do Inferno; e com ſoffrer ella ſó todos aquelles tormentos, fechalla a todas as almas remidas com o precioſiſſimo ſangue do ſeu dilecto Eſpoſo Eu, que não tenho o eſpirito, nem o fervor deſta tão grande Santa, deſejo ao menos fechar para alguns com eſte meu livro aquella boca infernal, que, ſem nunca ter termo, ſempre eſtá aberta para engulir todos os peccadores enganados: *Dilatavit infernus animam ſuam, & aperuit os ſuum abſque ullo termino.* E porque entre aquelles poucos, que eu intento, e eſpero, mediante a graça Divina, vós (ó meu caro, e pio Leitor) tendes o primeiro lugar, a vós meſmo preſento eſte pequeno volume, intitulado *Deſengano dos peccadores*, e nelle achareis o engano palpavel, em que até agora tendes vivido, e juntamente o deſengano certo, com o remedio ſeguro para a voſſa ſalvação. Iſai. 5.

Por iſto tenho dividido eſte livro em quatorze diſcurſos, que todos, além da materia do Inferno, contém varios pontos de doutrina mui ſolida, e moral; de maneira, que difficultoſamente ſe achará vicio, ou má inclinação, em que o peccador vivia já de muitos annos habituado, que não ſe poſſa livrar daquelle pégo, em que eſtá ſubmergido; e ainda que agora, pela rebeldia, e violencia da natureza corrupta, lhe pareça como impoſſivel o reſurgir, reſolva-ſe a ler cada dia com attenção na hora mais deſoccupada algum ponto do diſcurſo da eternidade, ou da pena do damno, ou de algum outro, que trate do vicio, que o predomina, e invoque primeiro a

Deos com as palavras do Profeta Samuel: *Loquere, Domine, quia audit servus tuus*: Fallai, Senhor, que este peccador vosso escravo vos está ouvindo. E como a graça de Deos nunca falta a quem o busca, conhecerá o engano, em que vivia, e desenganado ficará mais forte para resistir ás tentações, e vencer os máos habitos; e o jugo da Lei de nosso Senhor Jesus Christo, que dantes lhe parecia tão difficultoso, e pezado, o achará depois mui facil, e com a experiencia mui leve, e suave: *Jugum meum suave est, & onus meum leve.*

2. Reg. 3.

Matth. 11.

Assim succedeo a Santo Agostinho, como elle mesmo refere de si nas suas Confissões. Estava elle em huma perpetua batalha da carne com o espirito, commettia o peccado, e logo depois lembrando-lhe o Inferno merecido, o aborrecia. Chamava-o Deos com as suas inspirações a mudar vida; e querendo-lhe obedecer, a violencia do amor profano, em que era mal habituado, vencia ao Divino. Deste modo combatido de dous amores totalmente oppostos hum ao outro, foi-se assentar debaixo de huma arvore, e chorando a sua miseria, brotou nestas palavras: *Usquequò, Augustine, usquequò?* E até quando hei de continuar nesta má vida? Sempre hei de differir de anno em anno, de mez em mez, de hoje á manhã a minha conversão? *Quandiù? cras & cras?* Se ha de ser huma vez, por que não agora? Se ha de ser á manhã, por que não hoje? Por que não nesta hora, neste momento acabarei de pôr fim para sempre a estas minhas torpezas: *Quare non modò, quare non in hac hora finis turpitudinis meæ?* Assim chorando, e fallando comsigo ouvio huma bellissima voz, que lhe cantava: *Tolle lege, tolle lege*; e não vendo pessoa, nem lugar, donde pudesse sahir tão linda voz, imaginou ser angelica. Foi-se logo para o seu aposento, e pegando nas Epistolas de

Aug Conf. l. 8. c. 11.

S.

S. Paulo, as quiz abrir acaſo com animo reſoluto de executar quanto Deos lhe inſinuaſſe por ellas. E achou no primeiro periodo o deſengano, e juntamente o remedio: *Non in cubilibus, & impudicitiis.* Rom. 13. Eis-ahi o deſengano, e vem a ſer, que quem de véras quer ſalvar-ſe, convém que largue as delicias do corpo, e os deleites da carne: *Sed induimini Dominum noſtrum Jeſum Chriſtum.* Eis-aqui o remedio. Quem determina veſtir a libré de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, elle o protege como a ſeu ſervo, e o defende com a ſua graça, como fez a Santo Agoſtinho, que dahi por diante de hum grande peccador ſahio hum grandiſſimo Santo.

A mão de Deos não he abbreviada: *Manus Domini non eſt abbreviata*; e noſſo Senhor Jeſus Chriſto diſſe de ſua propria boca: *Non enim veni vocare juſtos, ſed peccatores*: Que não veio ao mundo para chamar os juſtos, mas os peccadores. Pelo que *tolle lege, tolle lege.* Bem póde ſer que em lendo algum ponto deſte livro fiqueis convencido, conhecendo que tudo o que ha neſte mundo he vaidade, fingimento, e hum puro engano; e que de peccador, de tantos annos enganado, em hum inſtante vos acheis hum verdadeiro penitente arrependido, que he hum grande paſſo para ſer Santo. Supponho que nunca vos paſſará pela imaginação, que nos diſcurſos deſte livro, cuja principal materia he a terribilidade dos tormentos do Inferno, poſſa haver exaggeração, ou encarecimento. Mas quando por acaſo vieſſe eſte penſamento, lembrai-vos que as penas do Inferno são ſobrenaturaes, e aſſim de todo incomprehenſiveis ao entendimento, e inexplicaveis á noſſa lingua; porque, como diz S. Paulo, fallando da Bemaventurança, que não virão os olhos, nem os ouvidos ouvirão, nem póde caber nos corações dos homens a immenſidade da gloria, que Deos

Deos tem preparado para os seus escolhidos : *Non*
1. Cor. 2. *oculus vidit , nec auris audivit , nec in cor hominis ascendit , quæ præparavit Deus iis , qui diligunt illum.* Assim havemos de discorrer do Inferno. Que não he perceptivel ao nosso entendimento, nem entre a esféra dos nossos sentidos , a immensidade dos tormentos , que Deos tem preparado para os reprobos seus inimigos ; pois conforme a misericordia Divina he immensa, e infinita para premiar os justos, do mesmo modo a sua justiça he tambem immensa, e infinita para castigar com justo rigor os peccadores.

Os bens , e males da vida futura excedem sem proporção, e medida os bens, e males da vida presente , não só na extensão , mas tambem na intenção ; e como elles são, e serão para sempre eternos, por muito que se encareça, por muito que se cuide, por muito que se diga, sempre, diz Santo Agostinho, será muito menos do que he na realidade : *Quidquid vis , dicas de æternitate , quia quidquid dixeris : Minus dicis.* Oh Inferno ! Oh eternidade! Inferno, que encerra em si todo o genero de tormentos! Eternidade, que sempre começa , e nunca acaba! Sempre, e nunca, e nunca, e sempre! Nunca ter hum minimo alivio , sempre padecer todas as penas! O cuidar no Inferno, e na eternidade, chama Santo Agostinho, aquelle grande pensamento , *magna cogitatio* , que bem dirigido tem feito resolver a tantos Monarcas , e Principes, a tantos nobres , e ricos , a tantas donzellas virgens , a dar costas ao mundo, deixar a sua liberdade , e encerrar-se entre quatro paredes , para fugir das occasiões, para fazer penitencia , e chorar os seus peccados ; e não moverá tambem a vós , meu amado Leitor , a mudar vida, e deixar hum gosto momentaneo, para evitar huma eternidade de penas? Eu creio, e espero que

Auguſt. Pſalm. 60.

sim.

ſim. Mas quando ſe acheaſſe algum peccador tão endurecido, que a eſte trovão do Inferno, a eſte raio da eternidade, não ſe deſpertaſſe do lethargo dos ſeus vicios, já póde fechar eſte livro, já para elle não ha eſperança do Paraiſo, já he morto anticipadamente para o Inferno: *Qui ad hæc tonitrua non expergiſcitur, jam mortuus eſt.* Euſeb. Emiſſ. lib. 5. Serm. 8.

IN-

INTRODUCÇÃO DO LIVRO.

MAndou ElRei Nabucodonoſor fabricar huma eſtatua de ouro, e no meſmo tempo convocou as Relações, e Tribunaes, os Principes, e Magnates com todos os povos do ſeu Imperio, para que a adoraſſem. Apenas tocava o final com o ſom das trombetas, tambores, e mais inſtrumentos, que logo todos proſtrados de joelhos obedecião, adorando a eſtatua. Pois como? Não ſabião todos elles que eſte ſimulacro não era o verdadeiro Deos vivente, mas hum idolo falſo, hum pouco de ouro fundido, pelo qual concorrerião talvez tambem elles, como os Iſraelitas na fundição do bezerro? Sim ſabião: *Simulacra gentium, argentum, & aurum, opera manuum hominum.* E juntamente viáo que eſte era hum idolo, que tinha boca, mas não fallava; tinha ouvidos, mas não ouvia; tinha mãos, e pés, mas não obrava, nem ſe podia mover: *Os habent, & non loquentur, manus habent, & non palpabunt, pedes habent, & non ambulabunt*; e com tudo deixavão a Deos todo poderoſo para idolatrar eſte ſimulacro. Não vos eſpanteis, diz S. João Chryſoſtomo: *Nolite mirari*, porque tinhão diante dos olhos acceza huma grande fornalha de fogo, com hum areſto irrevogavel delRei, que quem não ſe ajoelhaſſe logo, e não adoraſſe o ſimulacro, foſſe no meſmo inſtante lançado nella: *Si quis autem non proſtratus adoraverit, eadem hora mittetur in caminum ignis ardentis.* Tanto póde hum Rei, para ſer logo obedecido, com pôr ſómente á viſta huma fornalha de fogo? E que ſeria ſe foſſe experimentada!

Pſalm. 13.

Pſal. 13.23.

Dan. 3.

Eu tambem neſte meu livro preſento aos peca-

cadores enganados, não a fornalha de Babylonia, não o incendio de Troia, não as lavaredas do Veſuvio, mas a medonha, e horroroſa fornalha do Inferno. Será grande miſericordia que de tantos ſubditos delRei Nabuco ſó os trez mancebos, deſprezando generoſos o ſeu falſo idolo, quizeſſem antes ſerem lançados na fornalha, que deixar a adoração devida ao verdadeiro Deos todo poderoſo, que no meſmo inſtante lhes trocou o ardor do fogo em hum brando zefiro, e em hum rocio celeſte: *Et fecit medium fornacis, quaſi ventum roris flantem*; e que o noſſo Rei, e Redemptor Jeſus Chriſto, de hum numero innumeravel de Chriſtãos, tenha tão poucos, que lhe obedeção, com lhes prometter o Paraiſo, e que a maior parte queira antes ſeguir o falſo idolo das ſuas paixões, e não tema a fornalha do Inferno. Dan. 3. 28.

Direis que o fogo da fornalha de Babylonia era fogo real, e verdadeiro, e que o fogo, que preſento nas eſtampas deſte meu livro he fogo pintado. Aſſim he; mas como eſtes meus diſcurſos são dirigidos aos Catholicos, que por grandes peccadores que ſejão, tem ainda a fé, e eſperão com mudar de vida de ſe ſalvarem, ſupponho que eſta meſma fé os fará tambem crer que ha tal differença entre eſte noſſo fogo ſublunar, e o fogo do Inferno, que ſe Deos permittíra que hum condemnado paſſaſſe da fornalha do Inferno á fornalha mais terrivel deſte mundo, eſta lhe pareceria hum jardim de flores, os carvões accezos roſas de Jericó, e o ardor do fogo o meſmo fogo pintado, que vedes nas imagens deſte livro.

Bogóre, Rei dos Bulgaros, era Pagão, e de genio guerreiro. Por muitos annos continuou a guerra contra Theofilo, Emperador do Oriente. Feitas finalmente as pazes, mais á força, que de vontade, ſendo de natural féro, occupava-ſe em caçar nos ma-

matos as féras mais brabas, e monſtruoſas. Soube que em Roma havia hum Monge por nome Metodio, Pintor celeberrimo: mandou-o logo buſcar, e apenas chegado, ordenou-lhe que delineaſſe em hum painel os monſtros mais horridos, e as figuras mais medonhas, que lhe vieſſem á imaginação. Como nos Poetas, e Pintores he licito de quimerizar todo o genero de atrevimentos, que na fantaſia conduzem á perfeição da ſua arte:

Hor. Poet. *Pictoribus atque Poetis*
Quidlibet audendi ſemper fuit æqua poteſtas.

Aſſim Metodio, ſendo não menos perfeito Religioſo que Pintor affamado, não achou a ſua fantaſia poder forjar painel mais medonho que o da juſtiça final dos reprobos para o Inferno. Via Bogóre no alto do painel o vulto reſplandecente, e fulminante de hum Deos irado, e irritado; via debaixo huma grande fornalha de fogo, donde ſahião innumeraveis demonios em figuras tão horroroſas, que em as vendo os preſcitos, corrião por medo a ſepultarem-ſe naquelle abyſmo de fogo. Conſiderava ElRei o painel, já attento, já cuidadoſo, já timido na conſciencia, e já mudando de cores. Então Metodio, conhecendo-lhe o coração já diſpoſto, explicou-lhe o myſterio do painel, e com elle os mais myſterios da noſſa Santa Fé, e em breve tempo inſtruido nella, mandou a Emperatriz ſua prima hum Biſpo, que o baptizou. Eis-aqui como o fogo pintado em hum painel baſtou para reduzir hum Pagão a fazer-ſe Catholico, e de leão furioſo trocar-ſe em hum cordeiro manſo. E como não poderá fazer o meſmo em hum peccador, por grande que ſeja, pois além de ſer baptizado, tem o lume da Fé, e a luz do Euangelho, que o guião, e o refreão?

Dict. Hiſt. in Bugóre.

Mas porque refiro eu exemplos dos ſeculos paſſados, quando a mim meſmo em trinta, e mais annos,

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

PODe-se reimprimir o livro, de que se faz menção, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa 26. de Junho de 1764.

Trigoso. Mello. Thorel.

DO ORDINARIO.

PODe-se reimprimir o livro, que se apresenta, e depois venha para se dar licença que corra. Lisboa 27. de Junho de 1764.

D. J. Arceb.

DO PAÇO.

QUe se possa reimprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de reimpresso tornará á Meza para se mandar conferir, e dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa 30. de Junho de 1764.

Siqueira. Affonseca. Castro.

Está conforme com o seu original. Lisboa no Hospicio do Duque 21. de Janeiro de 1766.

Fr. Francisco de Portel.

Póde correr. Lisboa 21. de Janeiro de 1766.

Thorel. Lima.

Póde correr. Lisboa 25. de Janeiro de 1766.

D. J. Arceb.

Que possa correr, e taixão este livro em seiscentos reis. Lisboa 29. de Janeiro de 1766.

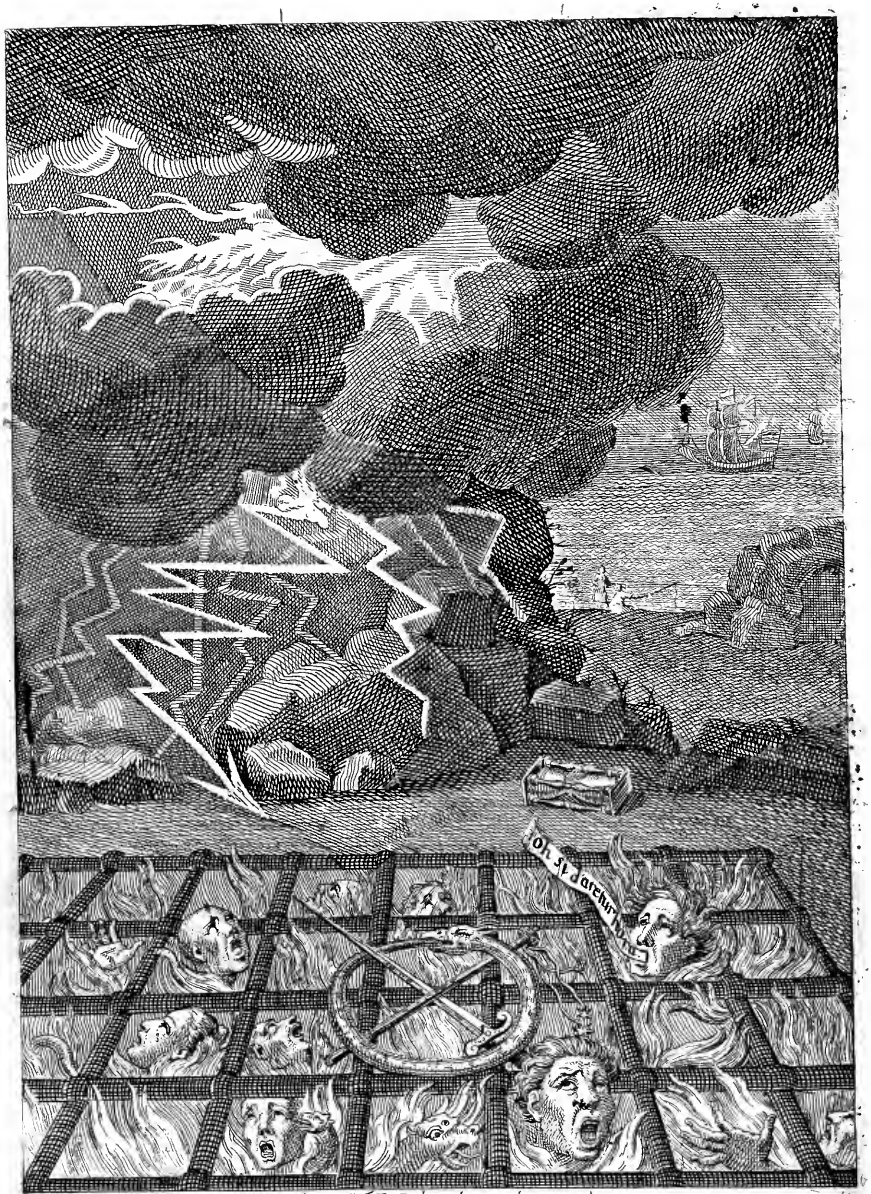
Carvalho. Affonseca. Pacheco.

IN-

INDICE
DOS DISCURSOS.

Discurso I. *Tormento I. do carcere do Inferno.* pag. 1.
Discurso II. *Do tormento da vista entre as trévas do Inferno.* 27.
Discurso III. *Do tormento dos Ouvidos.* 53.
Discurso IV. *Do tormento do insoffrivel fedor do Inferno.* 77.
Discurso V. *Do tormento do Gostar.* 100.
Discurso VI. *Do tormento do Tacto.* 127.
Discurso VII. *Do tormento dos Soberbos, e Presumidos.* 159.
Discurso VIII. *Do tormento dos Avarentos.* 196.
Discurso IX. *Do tormento dos Luxuriosos.* 233.
Discurso X. *Do tormento dos Tyrannos, e Vingativos.* 266.
Discurso XI. *Do tormento do Sitio immovel.* 298.
Discurso XII. *Do tormento da pena do Damno.* 327.
Discurso XIII. *Do tormento da Desesperação.* 357.
Discurso ultimo. *Do tormento da Eternidade.* 388.
Addição. *De hum caso horrendo de hum jogador, que foi sovertido no Inferno.* 421.

DIS-



G.F.L. Debrie dir. et sculp. 735.

DISCURSO I.

TORMENTO PRIMEIRO
Do Carcere do Inferno.

Claudentur ibi in carcere. Isai. c. 24.

ENTRE as penas, que as leis humanas tem decretado para punir os delinquentes, as mais usuaes são a prizão, e o degredo; e ainda que estas, por serem mais communs, não fazem ao povo aquelle terror, que comsigo trazem os nomes dos tratos, dos equuleos, das rodas, e dos Touros de Fallaris, e outros generos de tormentos, que a justiça humana julgou proporcionados para castigar os delictos mais atrozes dos malfeitores, ou a barbaridade dos tyrannos soube inventar, para vencer a insuperavel constancia dos Martyres, com tudo se a prizão for apertada, e por toda a vida, he muito mais cruel que todos estes tormentos, e que a mesma morte, pois: *Est juge martyrium*, he hum martyrio continuado. Por isto visitando hum dia o Imperador Tiberio as prizões, hum Fidalgo, que já de muitos annos vivia naquelle tormento, lhe pedio, não que o soltasse, pois bem sa-

bia que já estava como esquecido, mas que ao menos lhe désse a morte. Respondeo-lhe Tiberio: *Nondùm in gratiam mecum redisti*: Isso he o que vós desejais, e quereis, mas ainda não sois tornado na minha graça, julgando que a morte, por cruel que fosse, lhe serviria de alivio, e muito mais suave que a pena da prizão. E na verdade, se o carcere he com aperto, e o delinquente está em algum calabouço, onde não o deixem ver, nem fallar com alma viva, já a pena do carcere he mais sensivel, por lhe estar annexa aquella do degredo, pois vive na sua patria, ou em huma Cidade, como se estivesse longe mil leguas em hum deserto. Eis-aqui debuxada por alto toda a materia, que hei de tratar neste primeiro Discurso do carcere do Inferno. Mostrarei em primeiro lugar, quão terrivel he este carcere infernal, não tendo comparação com os mais medonhos, e crueis do mundo: em segundo lugar veremos como a Justiça Divina tem encerrado nesta prizão todos os generos de tormentos assim na quantidade, como na qualidade ao nosso entendimento imperceptiveis para castigar os peccadores, que deixão ao seu Creador pelas creaturas.

Suet. in vita.

Mas quanto mais terrivel, e penosa será a prizão do Inferno das que inventárão os tyrannos, ou imaginárão os Poetas! E quanto mais sensivel será o degredo, depois que a alma despida do corpo conhecer claramente que a sua patria, para a qual foi creada, era o Paraiso! O labyrintho de Creta, como refere Celio, foi huma prizão condecorada com este nome, para mostrar que era mui facil a entrada, mas sem a esperança de achar a sahida. Chamava-se *Labyrinthus quasi labor intus*, porque quem lá huma vez entrava, não achava senão trabalhos, e penas. Dionysio Rei, ou para melhor dizer, tyranno de Siracusa, mandou fabricar huma prizão, que por fóra parecia hum palacio mag-

Celius lib. 7.

T. Liv. lib. 2. Celius lib. 17.

magnifico de eſtructura Regia, ainda mais viſtoſo, e ſoberbo que o Paço do meſmo Rei; mas quem por ſua deſgraça entrava dentro, o achava melancolico, eſcuro, tetrico, com as paredes tão ruſticas, e horroroſas, que em breve tempo de pura melancolia acabava os ſeus dias. No tempo de Verres os Romanos lhe puzerão o nome de *Orbis domicilium* pelos muitos, que lá entravão, e nunca mais ſahião. Os Meſſenios fabricárão hum carcere horrendiſſimo, e tão mal arquitectado, que parecia hum monſtro, eſtava debaixo da terra, ſempre em huma perpetua obſcuridade, não tinha portas, nem janellas, por onde entraſſe a luz, nem tranſpiraſſe o ar, ſó tinha hum buraco, por onde entravão os reos, e logo ſe fechava com huma grande pedra a modo de ſepultura: *Monſtrum horrendum informe ingens, cui lumen ademptum.* E a eſte carcere para lhe diminuir a horribilidade com hum belliſſimo nome, lhe chamárão o theſouro. Pelo contrario a Republica de Athenas poz nome de baratro a huma ſua prizão fabricada a modo de poço: era por dentro toda de pedra marmore, mas no fundo eſtava hum enxarco de immundicias, nas quaes logo que lançavão dentro do dito poço algum delinquente morria affogado. Os Romanos, além do carcere Tulliano, tinhão por prizão a rupe Tarpeia, cavada em huma penha altiſſima perto do Capitolio; mas muito peiores erão os degráos gemonios, calabouço feito a modo de eſcada no Monte Aventino, e ſe chamava o lugar dos gemidos, e eſtancia das calamidades: *Locus gemitum, cella calamitatum.* Galeacio Viſconti, Duque de Milão, fez fabricar huma prizão em fórma redonda, e com a abobeda tão baixa, que lhe chamavão o forno; e não era poſſivel eſtar hum homem em pé, por pequeno que foſſe, nem havia outra luz, que a da bocca do forno, quando ſe abria. Porém ninguem ſuperou na

Plutar. in Philopan.

Æneid. lib. 6.

Celius lib. 17.

Plut. ibi.

Paul. Jov. in vita.

crueldade ferina a Ezelino Romano, depois regulo, e tyranno de Padua. Este fez fabricar hum carcere, a que elle, e os povos puzerão o nome de prizão infernal, na qual quem huma vez entrava, nunca mais sahia; de nenhuma parte entrava nella luz, ou ar: os mortos matavão aos vivos. Cada dia entravão nella quantidade de pessoas a borbotão como ovelhas. Morrião sem numero, e assim innumeraveis erão aquelles, que todos os dias entravão, pois já ninguem tomava o trabalho pela grande confusão de os contar. A prizão por si era obscurissima, e não se ouvia nella outra cousa, que gemidos, gritos, e alaridos. O tormento não sei se diga incrivel, ou inexplicavel. Cada hum padecia fome, sede, calma, com a penuria de todas aquellas cousas, que são á humana miseria necessarias; o fedor era intoleravel, e o que mais os molestava, erão certas sevandijas, que dentro daquellas fedorentas immundicias se creavão, e sem dar hum momento de descanço, hião roendo de dia, e de noite aquelles corpos dos miseraveis prezos. Não se choravão naquella prizão os defuntos, antes os que morrião, erão estimados felices, e bemafortunados, pois ficavão livres de tanta infelicidade, e miseria. Estas em compendio são as prizões mais horrendas, e penosas, que souberão inventar os tyrannos mais deshumanos, e por muito que se enfurecesse o seu odio, e se deshumanasse a sua natureza, todas estas prizões são jardins de flores, e camas de rosas á vista do carcere do Inferno, que além de ser de fogo, encerra em si, como veremos, todo o genero de tormentos.

Pachiuch. de pat.

Cypr. tom. 2.

S. Cypriano repara, que Deos na creação do mundo poz o Ceo no alto sobre as nossas cabeças, creando o homem direito, a fim de que considerando os resplandores do Sol, e a formosura das Estrellas, nos servissem como de degraos para contemplarmos a sua

a ſua Divindade, e enamorarmo-nos do Paraiſo. O meſmo conhecêrão os Poetas gentios.

Pronaque cum teneant animalia cætera fronte,
Os homini ſublime dedit, cœlumque tueri. Ovid. lib. 1. Metam.

Pelo contrario, tem eſcondido a horroroſa prizão infernal no lugar mais profundo debaixo dos noſſos pés, para dar-nos a entender, que o ſeu fim principal não era, que o amemos, e ſirvamos obrigados como eſcravos, por medo, e rigor dos ſupplicios, mas por amor, como filhos ao pai, e como ſeus herdeiros. Porém vendo Deos a ingratidão dos homens, que ſe havião de render ſempre mais inſenſiveis aos ſeus beneficios, multiplicando culpas, e amontoando delictos ſobre delictos, ſe vio para a ſua emenda obrigado a deſcubrir-lhes o grande abyſmo de tormentos, que eſtá para elles preparado neſta prizão do Inferno.

Que haja eſte carcere do Inferno, he verdade tão certa, como he certo que ha Deos: e ſe Deos he juſto, e verdadeiro, e não póde mentir, ſegue-ſe, que a juſtiça, por ſer recta, ha de dar o premio aos bons, e o caſtigo aos máos: o Paraiſo aos eſcolhidos, que obrárão bem, e o amárão, e ſervírão; o Inferno aos preſcitos, que obrárão mal, por fazerem a ſua perverſa vontade, e não lhe obedecêrão. Publicou pois Deos eſta verdade do carcere do Inferno na lei antiga em todos os livros do teſtamento velho por bocca de todos os Profetas; e na Lei nova começou a publicalla o Prodromo S. João Baptiſta: *Prædicans baptiſmum pœnitentiæ in remiſſionem peccatorum*; ameaçando o fogo do Inferno, que nunca ſe apaga, e dura ſempre: *Paleas autem comburet igni inextinguibili.* Depois o meſmo Chriſto tantas vezes de ſua propria bocca, e por bocca dos ſeus Apoſtolos, que como trombetas da Lei Euangelica annunciárão eſte carcere do fogo do Inferno a todo o mundo: *In omnem terram* Matth. c. 3. Luc. c. 3. Pſal. 18. 5.

exivit sonus eorum, & in finem orbis terræ verba eorum.

De qualquer maneira, que nós considerarmos esta prizão do Inferno, e os differentes supplicios, que nella se padecem, nada acharemos, que não seja destinado pela Divina Justiça, para dar maior pena, e tormento aos condenados. O sitio he o mais triste, o mais tetrico, e hediondo, que se possa imaginar, o clima o mais pestifero, o lugar o mais infame, o mais baixo, e profundo, pois he o mesmo centro da terra, o sangradouro de todas às fezes do mundo; porque, como bem diz S. Bernardino de Sena, a morada da casa ha de ter proporção com os moradores, que a habitão; e assim como o sitio mais elevado, que he o Ceo Empyreo, se deve aos corpos glorioſos, que são os Santos, assim o lugar mais baixo, e inficionado, que he o Inferno, toca, e se deve aos corpos mais infames, e vis, como são os dos peccadores. Outra razão dá Santo Antonino Arcebispo de Florença, e argumenta assim: O lugar mais proprio aos corpos mais pezantes he a terra, e da mesma terra o mais profundo, e baixo he o que mais péza, pois dos corpos que mais pezão, são os que contém em si a maior carga dos peccados: segue-se logo, que o centro da terra, como mais pezado, seja o lugar mais proprio, e proporcionado aos peccadores prescitos, que são os mais pezados, pela grande carga das culpas, que carregão comsigo.

D. Bern. Sen. opus 16.

D. Anton. Summa Theolog. p. 4.

Se pois considerarmos a grandeza, e capacidade do Inferno, o Espirito Santo pelo Profeta Isaias nos faz saber, que o Inferno tem dilatado o seu ventre de modo, que não tem medida: *Dilatavit Infernus animam suam*, e tem aberta a sua bocca, que não tem termo: *Et aperuit os suum absque ullo termino.* Commenta este texto Cornelio A'Lapide, e diz que o Profeta falla

Isai. cap. 5.

falla metaforicamente, dando ao Inferno corpo, e alma, e fazendo-o semelhante a huma grande besta insaciavel, que sempre tem fome, e tudo devora: *Inferus insatiabiliter cava gutura pandit.* Do mesmo modo Salamão nos seus Proverbios, entre as cousas, que elle chama insaciaveis, põe em primeiro lugar o Inferno, e no ultimo o mesmo fogo do Inferno, que nunca diz basta, e nunca deixará de arder, e atormentar: *Tria sunt insaturabilia Infernus, os vulvæ, & ignis qui nunquam dicit, sufficit.* Quer dizer o Sagrado Texto, que não se consolem, nem se allucinem os peccadores, por serem muitos, porque ainda que sejão innumeraveis, na prizão do Inferno haverá lugar para todos, e quantos forem, todos caberão, mas fortemente apertados, como agora veremos.

Corn. A'Lapid. in Isai. ibi.

Prov. c. 30.

Os Mathematicos mais peritos, que muitas vezes tem tomado as medidas deste globo terraqueo, que soa o mesmo, que este nosso mundo sublunar, provão commummente, como diz o P. Menochio, que em todo o seu circuito, e grandeza, he pouco mais, ou menos de seis mil leguas. Conforme esta dimenção fazem o computo, que o carcere do Inferno, aquella cava medonha, aquella bocca fedorenta, aquelle chaos de confusão, não chega a ter mais de largura, de profundidade, de extensão, e de circuito que escaçamente duas leguas, pois a grossura das paredes será em toda a parte, e circumferencia desta prizão, ou cava infernal de mil e quinhentas leguas. Nem pareça este espaço do carcere do Inferno incrivel ao pio Leitor, por pequeno, e muito limitado, para caberem tantos milhões de condenados, que desde o principio do mundo são entrados, e hão de entrar, até se acabar o mundo, sem serem entre si penetrados: pois he certissimo, e de fé, que no ultimo dia do juizo hão de resuscitar todos os corpos, assim dos justos, como dos

Steph. Menoc. lib. 3.

peccadores, e todos, assim escolhidos, como prescitos, se hão de arrumar, e caber no Valle de Josafat, para ouvirem a sua sentença, e hão tambem de serem divididos, e separados: os Santos á mão direita, como ovelhas, que ouvírão a voz, e seguírão o caminho do seu Pastor; os reprobos á mão esquerda, como cabritos, que sahírão do rebanho de Christo, e se alistárão debaixo da bandeira do demonio, para depois entrar com elles no chiqueiro do Inferno. Se no Valle de Josafat hão de caber apartados, e divididos os predestinados dos prescitos, quem poderá logo duvidar, que no Inferno caibão só os reprobos, sendo este muito maior que o Valle de Josafat, ainda que o numero será quasi infinito, como diz Salamão: *Stultorum infinitus est numerus*; e por innumeraveis que sejão, o grande aperto, em que estarão, como veremos, sempre lhes dará lugar.

Eccles. 1. 15.

Será pois esta prizão do Inferno tão apertada, que os miseros condenados ficarão nella como sardinhas em hum barril, ou como huns cachos de uvas espremidos no lagar. Mas deste aperto fallarei mais por extenso no discurso do tormento do sitio immovel. Agora digo só com o Profeta Isaias, que os reprobos serão todos congregados em hum montão, e depois atados como feixes de lenha, e lançados na fornalha do Inferno: *Congregabuntur in congregatione unius fascis, & claudentur ibi in carcere.* Feixes de lenha se chamão varios páos atados, grandes, e pequenos sem mais distinção, ou resguardo. Lenha para o fogo são os peccadores, como diz Christo no Euangelho: *Omnis arbor, quæ non facit fructum bonum, excidetur, & in ignem mittetur*: Toda a arvore, que não der bom fruto, seja cortada para o fogo; e comparando os bons ao trigo, e os máos á zizania, ordenou, que a zizania fosse atada em feixes, e estes lançados no fogo do Inferno

Matth. c. 3.

ferno: *Alligate in faſciculos ad comburendum.* S. Gregorio he de parecer, que eſtes feixes ſerão de varias caſtas de peccadores, como as lenhas são de varias caſtas de páos. Soberbos com ſoberbos, avarentos com avarentos, laſcivos com laſcivos, zizanarios com zizanarios: *Congregabuntur ibi congregatione unius faſcis, ut qui pares ſunt in culpis, damnentur pariter, & in pœnis; ſuperbi cum ſuperbis, avari cum avaris, luxurioſi cum luxurioſis.* Matth.cap. 13. D. Greg. Hom. in Euang. Matth.

Mas como póde ſer, que os reprobos fiquem atados a modo de feixes? *Alligate in faſciculos.* Com primeiro ſer aprizionado cada hum per ſi, e carregado de algemas nas mãos, e de grilhões nos pés, para depois congregados em feixes ſerem lançados naquelle eſcuro calabouço: *Ligatis manibus, & pedibus mittite in tenebras exteriores.* Quando Chriſto no ultimo dia do Juizo pronunciada a ſentença lhes ordenará, que ſe apartem delle, e corrão a precipitar-ſe no fogo eterno: *Diſcedite à me maledicti in ignem æternum*; declarando, que eſta prizão infernal foi preparada deſde o primeiro dia da creação do mundo para os demonios, e não para o homem, que foi creado no ſetimo, nem para os ſeus ſucceſſores, ſenão em caſo, que pelo peccado mortal ſe transformaſſem elles tambem em demonios, como ſeus ſequazes: *Diſcedite à me maledicti in ignem æternum, qui paratus eſt à conſtitutione mundi, diabolo, & angelis ejus.* Diz mais o Euangeliſta S. Mattheus, que os preſcitos, não mandados, nem rogados, não obrigados, nem arraſtrados, mas como de ſua propria vontade, como de ſeu meſmo pé, ſem detença, ſem mais demóra, antes com precipitação, irão buſcar o ſeu ſupplicio, e penar eternamente no Inferno: *Ibunt in ſupplicium æternum.* Mas qual he o reo, ou malfeitor, em qualquer parte, que ſeja do mundo, que ouvindo o areſto irrevogavel da ſua ſenten- Matth.c.12. 13. Matth. cap. 25. Matth. cap. 15. 46.

tença de morte, vá elle mesmo espontaneamente, e de seu pé buscar o patibulo? Muitos belegins armados o levão com as mãos algemadas, com huma grossa corrente, que vá arrastrando nos pés, e com o laço ao pescoço, por maior segurança, o tem por detrás o verdugo nas proprias mãos. Nada disto tem mister os condenados no Inferno: *Ibunt in supplicium æternum. Ibunt.* Irão acompanhados com o algoz mais cruel da sua réa consciencia, que lhes representará sempre á memoria as suas maldades, atados com humas correntes compridas de tantos fuzis, quantos são os seus peccados: e da mesma maneira, que huma grande pedra de moinho, atada, e cercada de barras de ferro, e levantada no ar, e posta em equilibrio, ella sem mais morulas se deixará cahir a precipicio, até chegar ao seu centro, e o pezo do ferro, e das ataduras não só não impedirá, nem retardará o seu curso, mas antes o facilitará, e dará maior impulso no seu movimento: assim do mesmo modo os infames corpos dos prescitos, ainda que sejão atados cada hum per si de pés, e mãos com os terriveis grilhões dos seus delictos, e religados em feixes com a forte corrente das culpas, entre elles commuas, e da mesma especie, *recta via* pelo caminho mais direito, e breve sem torcer desta, ou daquella parte, sem divertir de huma, ou da outra banda: *Mole sua ruent in infernum* com a carga sobrada, e pezo immenso dos seus peccados se precipitarão forçosamente no centro da terra mais pezada, que he o Inferno. *Ibunt.* Irão envergonhados das suas torpezas, enganos, embustes, e calumnias, vendo-se entre tantos Justos, que delles mesmos atribulados, soffrendo-os com paciencia, soubeerão ganhar o Ceo. *Ibunt.* Irão tristes, e confundidos, por ter offendido, e desprezado a Deos, por não ter recorrido á Virgem nossa Senhora, que como

mo Mãi dos peccadores, podia como ſeu patrocinio impetrar-lhes do ſeu bemdito Filho o perdão das ſuas culpas, e fazellos herdeiros do Paraiſo. Agora ſim que *ibunt* irão; e não ſó irão, mas correrão em precipicio, como deſeſperados, a enterrar-ſe naquelle profundo abyſmo de tormentos; e não contentes do aperto da prizão, eſtando já tantos milhares, e milhões de condenados huns ſobre os outros, pedirão, como diz o Euangelho, aos montes, que caião ſobre elles: *Incipient dicere. Tunc dicent montibus: Cadite ſuper nos*, e rogarão aos meſmos outeiros, que lhes fechem a boca daquelle eterno calabouço, ſervindo-lhes de pedra ſepulchral, para nunca mais ſerem viſtos, nem ouvidos, nem lembrados: *Et collibus: Operite nos.* Luc. c. 23.

Eſcaçamente ſe achou o rico avarento ſepultado neſta prizão do Inferno, que logo feito Miſſionario zeloſo pedio ao Padre Abrahão que mandaſſe algum dos já defuntos para converter os ſeus ſinco irmãos, que eſtavão regalando-ſe no mundo com as riquezas, que lhes tinha deixado: *Sed ſiquis ex mortuis ierit ad eos, pœnitentiam agent.* Era couſa natural, que para fazer eſtas converſões mandaſſe a elle, como irmão mais velho, e porque o aperto do carcere lhe era inſoffrivel, imaginava teria algum alivio, ou maior largueza com ſahir do carcere naquelles breves inſtantes, que fazia a ſua embaixada. Não lho concedeo Abrahão, porque aos condenados, que não quizerão fazer neſte mundo a vontade de Deos, além de nunca mais terem no Inferno o minimo alivio nas ſuas penas, para maior ſeu tormento ſe lhes fará ſempre o contrario do que appetecer a ſua vontade. Com tudo tem permittido Deos raras vezes para noſſa emenda certos caſos, que a ſeu lugar referiremos, em que algum preſcito por breve eſpaço de tempo tem ſahido da prizão do Luc. c. 16.

In-

Inferno; mas isto foi para declarar-nos as penas atrozes, que lá padecião, e muito mais para convencer, e confundir aquelles peccadores inveterados, que immersos nos vicios vivem titubantes na Fé, e falsamente enganados se allucinão como Atheistas, e dizem que não tem visto até agora, de tantos, que morrem, quem seja tornado, e nos désse distincta noticia do que se passa naquella região tão medonha, e decantada do Inferno: *Dixerunt enim cogitantes apud se non rectè: Non est, qui agnitus sit reversus ab inferis.*

Sapient. c. 2.

Nem por isto o miseravel condenado, para qualquer parte do mundo, que a Justiça Divina o mande, ou em qualquer lugar lhe ordene que esteja, deixará de trazer comsigo o mesmo aperto da prizão, e tolerar todos aquelles tormentos, que soffria, estando apertado, e amontoado com os outros no Inferno. Bajazetes, primeiro Imperador dos Turcos, que pela facilidade, e presteza, que tinha em conquistar Provincias, e Reinos, o chamavão por alcunha *Gilderin*, que em lingua Turquesca soa o mesmo que na nossa Portugueza raio. Começárão as suas conquistas no anno 1392. e subjugou a Bulgaria, Macedonia, Armenia, Tessalia, e durando pelo espaço de dez annos a sua fortuna, senhoreou huma porção da Europa, e huma grande parte da Asia. Atemorizados os Principes confinantes de tantas victorias; e conhecida a ambição, e tyrannia de Bajazetes, se unírão, e recorrêrão ao grão Tamborlão dos Tartaros Rei potentissimo: este, preparado em breve tempo hum formidavel exercito, veio, vio, venceo, e o prizionou na primeira batalha. Feito cativo o soberbo Bajazetes no 1402. mandou o Tamborlão fazer huma forte gaiola com varas de ferro, e ahi imprizionado, para o humilhar, trazia-o comsigo em toda a parte feito trofeo da vaidade, basculho da fortuna, e opprobrio de toda a Asia.

Dict. hist. lit. B.

Em

Em tanta desgraça, e miseria nunca afrouxou o orgulho de Bajazetes, nem quiz pedir graça, ou favor ao Tamborlam, nem reconhecello, e respeitallo como victorioso. Finalmente enfadado de hum carcere tão penoso, não achando quem lhe désse veneno, ou algum instrumento para se matar desesperado, deo tantas vezes, e com tanta força com a cabeça naquellas barras de ferro, que derramando os miólos, trocou com a morte a prizão temporal desta vida com a eterna do Inferno. Eis-aqui como Bajazetes, sem sahir do aperto da sua prizão, corria todas as Provincias da Asia com maior ignominia, e tormento, que se fosse fechado em hum escuro calabouço.

Tenho referido este successo para maior intelligencia de hum Texto da Sagrada Escritura, que confirma quanto até agora temos dito. O Profeta David, sempre mais zeloso contra os peccadores, diz que Deos metterá os peccadores em hum forno de fogo, e que ahi a ira de Deos os conturbará, e o fogo os devorará: *Pones eos, ut clibanum ignis in tempore vultus tui: Dominus in ira sua conturbabit eos, & devorabit eos ignis.* Pſal. 20. v. 10. Não ha peior prizão, como dissemos no principio, que aquella de hum forno, ou fornalha, e muito peior se qualquer destes está accezo por dentro com fogo. S. Mattheus fallando dos peccadores escandalosos diz, que serão atormentados em huma fornalha de fogo: assim chama o Inferno, onde acharão lagrimas, gemidos, e estridores de dentes: *Mittent eos in caminum ignis, ibi erit fletus, & stridor dentium.* Matth. cap. 23. 42. E que differença vai entre o forno, e a fornalha? Não ha outra, senão que o forno he mais pequeno, e se coze nelle o pão; e a fornalha he maior, e se cozem nella os ladrilhos. Os pães se mettem no forno com attenção, e distinctos com alguma largueza este daquelle; mas os

os ladrilhos são lançados sem resguardo, em confusão, ficando apertados, e amontoados huns sobre os outros. Ainda mais pequeno he o forno, de que falla o Profeta David: *Mittes eos in clibanum ignis.* Clibano he huma palavra Grecolatina, que significa hum fornozinho maneiro, e portatil: usão muito delles os navegantes, especialmente nas nossas náos de guerra, e da India. Ha esta differença entre o clibano, e as fornalhas, e os outros fornos, que estes são fabricados de pedra, e cal, tem alicerces, e são fixos, e immoveis, e o clibano he feito de cobre, e vulgarmente de ferro, e serve como hum movel da cozinha, ou de casa, que se transporta de hum lugar a outro. Nem por ser mais pequeno, e portatil será menos horrivel, e penoso, nem o prescito, que estiver recluso nelle, estará menos apertado dos outros, que estão como tijolos embarrilados na grande fornalha do Inferno; porque o ambiente daquelle clibano todo ardendo em fogo se ajustará, e adatará ao individuo daquelle condenado, apertando-o, como se estivesse em hum lagar de fogo. Daqui nasce, que se apparecesse algum condenado com o seu clibano de ferro rubente, quem o tocasse com só a extremidade de hum dedo, ainda levemente, e por hum unico instante, sentiria huma dor insoffrivel. Oh miseravel peccador, que por abuso da tua liberdade corres á redea solta a precipitar-te nesta prizão do Inferno! Considera que o aperto della, que agora te parece tão horroroso, he o menor dos innumeraveis tormentos, que soffre, e ha de soffrer para sempre quem morrer em peccado, como o veremos no ponto seguinte, e muito mais nos discursos, que após deste se seguem.

Muitas vezes tenho considerado que cousa seja esta prizão do Inferno; e depois de ter lido muitos Santos Padres, e Expositores Sagrados, que a descrevem, a ne-

nenhum tenho achado, que me déſſe a ſua definição adequada, e aſſim havia de ſer; porque para hum Filoſofo, ou Theologo definir bem huma couſa, deve conhecer, e penetrar a eſſencia della. E que conhecimento, ou experiencia póde ter, quem nunca a vio, nem a tratou, e menos a experimentou? Seja para ſempre bemdito, e louvado noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que ſeu Euangelho fez fallar a hum condenado, o qual achando-ſe ſepultado no Inferno, logo que vio o que era, e o como lá ſe paſſava: *Cum eſſet in tormentis*, provando as dores deſatinadas, que padecia, em duas palavras o definio admiravelmente, chamando ao Inferno lugar de tormentos: *Locum tormentorum*, teathro de agonias, e miſerias, centro de todos os males. Admittem concordemente as Eſcolas a definição de Boecio ſobre a Bemaventurança do Paraiſo: *Beatitudo eſt ſtatus bonorum omnium aggregatione perfectus.* Boet Phil. Quer dizer, que o Paraiſo he huma eſtancia, onde os eſcolhidos gozão perfeitamente, e para ſempre todos os bens unidos; aſſim o Inferno he huma prizão, onde os preſcitos padecem perpetuamente congregados, e juntos todos os males; mais breve, o Paraiſo he hum lugar, onde ſe achão todos os bens, e nunca ſe experimenta mal algum. Pelo contrario o Inferno he hum lugar, onde ſe achão todos os males, e nunca ſe goza de algum bem, e aſſim ſe póde definir: *Malorum omnium ultimus terminus.* Deuter. 32. 23. He de advertir, que o Eſpirito Santo não ſó diz, que no Inferno congregará todos os males, mas tambem que ſe ſervirá de todas as ſuas armas para caſtigar os condenados, até dar complemento ao rigor da ſua juſtiça: *Congregabo ſuper eos mala, & ſagittas meas complebo in eis.* Por iſto o rico avarento não ſó ſe queixa da prizão, mas tambem do fogo inſoffrivel do Inferno, não diz ſómente *crucior* eſtou penando neſte total aperto da minha liberdade, mas

cru-

crucior in hac flamma, estou affligido, e atormentado neste tal fogo. E deste tal fogo, que encerra em si todo o genero dos mais tormentos, fallaremos agora no segundo ponto.

Segundo ponto.

Se consultarmos os Theologos, acharemos que por duas cousas o peccador se rende culpavel diante de Deos, e por consequencia digno de todo o castigo. A primeira he o abuso, que tem feito da sua liberdade; a segunda o castigo illicito, e vedado, que toma com as creaturas com desprezo do seu Creador, preferindo hum bem temporal, e caduco ao seu bem soberano, e eterno, que he Deos: *Confregisti jugum meum, dirupisti vincula mea, & dixisti: Non serviam.* Pelo que Deos justamente castiga no outro mundo o abuso, que o peccador faz da sua liberdade, com o aperto da prizão; e o gosto, ou deleite prohibido, com toda a dor, e tormento universal do fogo do Inferno: *Crucior hac flamma.* Mas porque a Justiça Divina, para justo, e universal castigo dos peccadores, escolhe entre os mais elementos o fogo? A primeira razão tirada da Escritura, e dos Santos Padres vem a ser, porque a pena deve ser proporcionada á culpa: *Pro mensura peccati, erit & plagarum modus.* O peccado mortal, que tão facilmente se commette, he hum crime de primeira cabeça, he hum attentado contra a Divina Magestade lésa, he hum alevantamento, hum manifesto desprezo de hum vilissimo escravo contra o seu Senhor, e Rei soberano, de huma creatura de nada contra o Creador seu, e de tudo; assim para reparar a desordem dos aggravos, e affrontas, que o peccador rebelde, e atrevido fez ao seu Deos, foi necessario que a Justiça Divina escolhesse o tormento do fogo, como mais proporcionado, para castigar, como merece, a sua rebeldia, e atrevimento. A segunda razão, por que a Justiça Divina

Hierem. 2.

Job c. 20.

Deuter. 25.

vina se serve do fogo, como instrumento mais proprio para atormentar os condenados no Inferno; he porque assim já o fez neste mundo, quando os crimes são tão atrozes, e enormes, que bradão para o Ceo, pedindo hum castigo exemplar, e huma prompta satisfação de Deos: *Clamor Sodomorum multiplicatus est, & peccatum eorum aggravatum est nimis.* O clamor, e o escandalo se vão dilatando, e os peccados vão crescendo com circumstancias sempre mais aggravantes: *Igitur Dominus pluit sulphur & ignem, & subvertit Civitates, & omnes habitatores Urbium.* Mandou logo Deos do Ceo huma chuva de fogo, misturada com enxofre fedorento, e abrazou as Cidades, e queimando todos os moradores, os reduzio em cinza. Estando gravemente enfermo ElRei Ochosias, em lugar de recorrer ao Profeta Elias, para que rogando ao verdadeiro Rei de Israel o saraſſe da sua doença, mandou consultar ao demonio Belsebub. Este peccado irritou de qualidade a Deos, que mandando depois ElRei por duas vezes hum seu Ministro com a comitiva de sincoenta pessoas a buscar o Profeta para tratar com elle da sua saude: *Homo Dei, Rex præcepit, ut descenderes*; porém a resposta, que lhes deo Elias ambas as vezes, foi mandar ao fogo do Ceo, que os consumisse a todos: *Si Homo Dei sum, descendat ignis de Cœlo, & devoret te, & quinquaginta tuos. Descendit ergo ignis de Cœlo, & devoravit illum, & quinquaginta ejus.* A terceira razão, por que a Justiça Divina se serve deste fogo, he, como diz Tertulliano, porque todos os condenados são as victimas, e os holocaustos das suas vinganças. No antigo testamento entre as victimas, que se offerecião a Deos, havião humas, que se chamavão as victimas do holocausto, que á Justiça Divina se fazia immolar: *Immolavit & holocausti victimam*; e esta passava toda pelo fogo, até ficar totalmente destruida. Daqui in-

Genes. c. 18.

Genes. c. 19.

4. Reg. c. 1. 19.

4. Reg. c. 1. 10.

Levit. c. 9. 11.

fere Tertulliano, que os condenados, sendo as victimas do holocausto, que á Justiça Divina se faz immolar, he necessario que estejão sempre ardendo no fogo do Inferno, sem nunca ficarem destruidas.

Esta verdade vem admiravelmente explicada, e confirmada pela mesma bocca de nosso Senhor Jesus Christo. No capitulo nono do Euangelista S. Marcos nos intíma o rigor das penas do Inferno, daquelle bicho da consciencia, que sempre roe, e nunca morre, daquelle fogo terrivel, que sempre arde, e nunca se apaga: *In gehenam ignis, ut vermis eorum non moritur, & ignis non extinguitur.* E depois de ter repetido bem trez vezes esta admoestação, para que a tivessemos sempre viva na memoria, e firme no coração, accrescenta depois estas palavras, e acaba com dizer, que todo o peccador será salgado com fogo, e toda a victima será salgada com sal: *Omnis enim ignis salietur, & omnis victima sale salietur.* E que enfatico fallar he este, salgar os corpos humanos depois de resuscitados, e as mesmas almas com fogo, a modo de sal? O fogo, e o sal, diz S. Hilario, são as propriedades necessarias para os peccadores, que são as victimas de holocausto, que hão de ser eternamente immoladas á Justiça de Deos: *Omnis victima sale salietur.* O sal tem duas propriedades: a primeira he de consumir tudo aquillo, que causa corrupção; a segunda he de produzir huma especie de incorruptibilidade no individuo, que deseca. Assim o fogo do Inferno tem estas duas propriedades, queimará os corpos dos condenados depois de resuscitados, os desecará, e conservará para sempre incorruptiveis. Ainda mais; da mesma maneira, que para preservarmos alguma carne da corrupção, a salgamos de sorte, e com tal advertencia, que a virtude, e acrimonia do sal se insinúe em todas as partes, e a penetre toda, assim o Divino.

Marc. c. 9. 46.

Marc. c. 9. 50.

no Juiz irritado, como Deos das vinganças: *Deus ultionum*, fará que o fogo do Inferno se insinúe em todos os membros, e penetre todo o corpo de qualquer condenado. A alma estará toda empapada, e embebida, como em hum tanque de fogo: *In stagno ignis.* Apoc. c. 19.
O corpo achando-se, como dissemos, em huma fornalha de fogo, todos os seus sentidos exhalarão tambem chammas de fogo, fogo nos olhos, fogo nos ouvidos, fogo nos narizes, fogo na bocca, e garganta, fogo no coração, fogo nos miólos, fogo nos tutanos dos ossos. Não haverá nem veias, nem nervos, nem tendões, nem musculos, nem junturas, nem cartilagens, nem parte minima de hum dedo da mão, ou do pé, que não fique cuberta, e penetrada do fogo. Por isto o Profeta Isaias fallando do fogo do Inferno, para melhor exprimir a sua grande actividade, o chama fogo devorante: *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante.* E o Profeta David ameaçando os peccadores, diz, que o fogo do Inferno os devorará a todos: *Devorabit eos ignis.* Mas não bastava dizer, que este fogo infernal os queimará eternamente com huma dor insoffrivel, os atormentará com hum ardor inexplicavel? Não. Não bastava; quer dizer, que como todo o manjar, que se come, ou devóra, passa na substancia de quem o recebe, assim o corpo, e a alma de hum condenado passará como em alimento, e substancia do mesmo fogo, ficando em hum certo modo todo o composto humano transubstanciado nelle. Oh peccador enganado, como estarás bem salgado no Inferno! Victima desgraçada da Justiça de Deos, infeliz holocausto das suas vinganças, como estarás bem embalsamado com hum fogo, que sempre arderá, e te queimará, sem nunca te consumir: *Omnis peccator igne salietur, & omnis victima sale salietur.* Meu Senhor Jesus Christo, Salvador, e Isai. c. 32. 14. Psal. 20. 12.

Redemptor meu, e que estranha metamorfosis he esta, que em mim vejo, e que mudança para sempre em mim tão deploravel! Vós me tendes creado neste mundo para arder em chammas de vosso amor, e me vejo condenado para arder eternamente no fogo da vossa ira. Eu fui destinado para ser a victima da vossa caridade, para vos amar, para vos bemdizer, para vos adorar eternamente; e será possivel que eu queira antes ser o holocausto da vossa indignação, e furor! Oh triste peccado mortal, (já começo a cahir no verdadeiro desengano) quão grande deve de ser a tua malicia, pois obrigas a hum Deos tão misericordioso, e que tanto nos ama, a precipitar-nos no Inferno, para soffrer eternamente tormentos, que quanto mais os considero, sempre mais os acho incomprehensiveis, e inexplicaveis!

Digo incomprehensiveis, porque quem não percebe bem a malicia do peccado mortal, o desprezo, e affronta, que faz a Deos, nunca poderá perceber o rigor, com que o castigará na prizão do Inferno; com penas, e tormentos tão inexplicaveis, e imperceptiveis, quanto inexplicavel, e imperceptivel he a nós o mesmo Deos, cujas perfeições, e attributos são infinitos. Todos os Monarcas da terra unidos, diz S. João Chrysostomo, não tem poder de produzir huma mosca, ou huma formiga, e Deos com huma só palavra creou o mundo todo de nada, e com elle todas as creaturas. *Ipse dixit*: *Et facta sunt*. Não he este hum final evidente da sua omnipotencia? Mostrou o seu infinito saber na substancia, e união das essencias, que sendo compostas de qualidades entre si contrarias: *Frigida pugnabunt calidis*, *humentia siccis*, em lugar de se destruirem, se conservão, e subsistem. O attributo da sua misericordia se vê manifestamente no altissimo Mysterio da Encarnação, e assim discorrendo dos mais.

D. Chrys. hom. 15. ad Pop.

Psalm. 148.

Metam. lib. 1.

Com

Com tudo em dous lugares todas as ſuas perfeições, e attributos obrão com toda a força, e virtude. No Paraiſo, e no Inferno. No Paraiſo, por ſer a recompenſa dos Bemaventurados, pois os Santos o tem ſervido, e amado com todas as forças, com todo o coração, e com todas as potencias da alma. He juſtiſſimo que todas as perfeições Divinas ſejão occupadas em lhes procurar todos os bens imaginaveis na ſua Bemaventurança. O ſegundo lugar he o Inferno, onde todos os attributos ſerão inceſſantemente applicados no caſtigo dos preſcitos; e aſſim os caſtigarão com todo o rigor da ſua juſtiça, da ſua omnipotencia, da ſua immenſidade, da ſua ſantidade, da ſua infinidade, da ſua eternidade, e para dizer com Tertulliano tudo em duas palavras: *In plenitudine Divinitatis ſuæ.* E quando Deos caſtiga hum condenado com todo o ſeu ſer, com todo o ſeu poder, com todo o ſeu ſaber, que penas, que tormentos poderá a mente humana imaginar, que ſejão adequados aos que na realidade padecem? ſenão confeſſar com S. Paulo, que conforme á miſericordia Divina, para premiar os ſeus eſcolhidos, lhes tem preparado no Paraiſo huma Bemaventurança, que os olhos humanos nunca vírão ſemelhante: *Nec oculus vidit*; os ouvidos nunca ouvírão diſcurſos, que a igualem, ou a expliquem: *Nec auris audivit*; e o noſſo entendimento nunca poderá formar idéa, que correſponda a huma perfeita poſſeſsão de todos os bens ſem a minima miſtura de mal: *Nec in cor hominis aſcendit, quæ præparavit Deus iis, qui diligunt illum.* Aſſim por huma juſta, verdadeira, e infallivel oppoſição podemos dizer o meſmo da prizão do Inferno, que he impoſſivel a todo o entendimento humano o poder comprehender, e explicar as penas, que Deos tem preparadas aos preſcitos ſeus inimigos: *Nec oculus vidit, nec auris audivit, nec in cor hominis*

Tertul.

2. Cor. c. 29.

nis ascendit, quæ præparavit Deus iis, qui oderunt illum.

Quero concluir este primeiro discurso, e provar o que até agora tenho dito com hum reparo de S. Dionysio Areopagita. Diz este grande Santo, e não menos grande Theologo, que querendo Deos representar alguma imagem da sua unidade, encerra muitas cousas na simplicidade de huma só substancia; assim temos na Escritura Sagrada, que no simples maná encerrou Deos todos os gostos, e todos os sabores para o palladar do povo escolhido: *Omne delectamentum in se habentem, & omnis saporis suavitatem.* Daqui se segue, que como a misericordia Divina emprega toda a sua omnipotencia, e todos os seus attributos, obrando milagres no Ceo, e na terra a favor dos seus escolhidos, para que no simples lume da Gloria achem (como dizem os Theologos) todos os bens: *Omne bonum*; assim tambem he forçoso que a sua Justiça se sirva da mesma sua omnipotencia, e mais attributos, para castigar na prizão do Inferno os reprobos, elevando milagrosamente o fogo, e encerrando na simples sua substancia todo o genero de tormentos, toda a especie de penas, e, como diz o Profeta Job, hum extracto de todas as dores, que podem atormentar a alma, e o corpo de hum condenado: *Omnis dolor irruet super eum.* Oh prizão, oh Inferno, oh fogo, quem em vós sempre cuidára, para fugir o peccado, e viver santamente! Oh prizão, quanto es medonha! Oh calabouço, quanto es horrivel! Oh fogo, quanto es tormentoso! Com razão a tua lembrança fazia tremer a S. Bernardo, prorompendo nestas palavras: *Oh regio dura, & extimescenda, terra afflictionis, & miseriarum! ò carcer fugiendus, locus tormentorum! Totus tremo, atque horreo, ad memoriam istius regionis concussa sunt omnia ossa mea.* A lembrança desta prizão com a simples con-

Sap. c. 16. 10.

Job c. 20.

D. Bern. Serm. de quinque Regionibus.

side-

ſideração do que ſe paſſa nella, me faz arrepiar os cabellos, tremer as carnes, e gelar o ſangue nas veias. O' peccadores, ſe hum Santo, que na flor da ſua mocidade, primeiro de conhecer o mundo, o tinha deixado para recolher-ſe, e viver em huma Religião auſtera com tanto exemplo, e innocencia da vida, que fazia a cada paſſo milagres, até reſuſcitar mortos, teme, treme, e deſmaia ao nome de Inferno, que ſerá de tantos, que achando-ſe com milhares de peccados mortaes, não tem feito, nem cuidão fazer tão cedo penitencia, differindo-a enganados para a hora da morte? Diſſe, enganados, porque nenhum peccador condenado eſtá no Inferno, ſenão porque neſta vida não quiz cuidar no Inferno. E como bem diz S. João Chryſoſtomo: Nenhum daquelles, que vivendo neſte mundo, ou não cuida, ou deſpreza, ou não faz caſo, quando ouve fallar das penas do Inferno, eſcapará o meſmo Inferno: *Nullius ex iis, qui gehenam deſpiciunt, effugient gehenam.*

Chryſ. hom. 2. in ep. 1. ad Theſſ.

Eis-aqui, peccadores, o juſto ſupplicio da prizão eterna do Inferno, que Deos tem preparado para caſtigar o abuſo da noſſa liberdade. Oh maldita, oh execranda liberdade, que, como diz o Apoſtolo S. Pedro, he o véo de todas as culpas, e peccados: *Velamen habentes malitiæ libertatem*! Vós quereis neſte mundo cuidar nos objectos mais viſtoſos, e que mais vos deleitão. Vós quereis dizer mal de todos, e fallar nas honras deſtes, ou daquelles, como mais vos agrada. Vós quereis fazer o que vos parece melhor, para contentar o voſſo brutal appetite, e as voſſas paixões deſordenadas. Deſenganai-vos, que não ſerá ſempre aſſim. E ſe agora por breviſſimo tempo gozais mal, e individamente da voſſa liberdade, no Inferno não ſerá ſó imprizionada a liberdade exterior, ficando immoveis todos os membros do corpo, como diſſemos

D. Petr. ep. 1. c. 2.

no primeiro ponto, mas tambem a liberdade interior das potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade. Agora não tendes hum quarto de hora de tempo para cuidar em Deos, e meditar as verdades eternas; agora não fazeis caso dos Prégadores, quando reprehendem os vossos vicios, e vos admoestão, que deixeis as vaidades no mundo para tratares da vossa salvação. No Inferno não vos lembrará outra cousa, que o tempo perdido, e o desprezo de tantas inspirações Divinas, e de tantas occasiões de vos salvar. Agora não podeis ouvir huma Missa, nem rezar hum terço do Rosario, sem hum continuo fluxo, e refluxo de distracções. No Inferno sereis perfeitos contemplativos, sem nunca ter em toda a eternidade huma minima distracção. O vosso entendimento será sempre fixo, invariavel, e forçosamente obrigado em não cuidar outra cousa, que o vosso descuido em deixar a Deos nosso unico, e verdadeiro bem, por amar, e servir as creaturas, e fazer-vos escravos do demonio. E este será o pensamento successivo, e consideração perpetua, em que se occupará eternamente o prescito: *Detinebitur intellectus ad considerandum, & voluntas ad detestandum.* A vontade será tambem cativada, e constrangida a detestar necessariamente a sua eterna desgraça para sempre: *Detinebitur voluntas ad detestandum.* Amaldiçoarão a si, e a hora, em que nascêrão, aos pais, e as mãis, que os gerárão, e creárão, e a todos aquelles, que forão cumplices das culpas, e delictos, que commettêrão. Estas são as lembranças, estes são os argumentos, e discursos, que já fazem os condenados, e farão para sempre os peccadores impenitentes no Inferno: *Detinebitur intellectus ad considerandum, & voluntas ad detestandum.*

Caiet. in D. Cho.

Vivia na Cidade de París hum Doutor celeberrimo com tão grande fama de saber, que todos o vene-

ra-

ravão por hum poço de letras, e a elle concorrião nas demandas mais embaraçadas. Fez este hum concerto com outro Letrado seu amigo, que o primeiro delles, que morresse, tornasse a dar parte do estado, em que se achava na outra vida, como lá se passava, e o que lá se fazia. Em menos de hum anno morreo o celebre Doutor, e por permissão Divina appareceo logo ao Letrado seu amigo vestido de huma beca, com huma gorra na cabeça, tudo de cor purpurea, porque tudo era fogo. Disse que o seu estado era de prescito, a sua estancia, em que havia de morar eternamente, era o Inferno: *Infernus domus mea est.* E perguntando-lhe o Letrado se no Inferno o seu grande saber lhe servia de algum alivio, respondeo, que de maior tormento, pois toda a razão, saber, e discurso se lhe era barrido da memoria: *Nec ratio, nec scientia, nec sapientia erunt apud inferos.* Que no Inferno só se representava no entendimento dos condenados huma unica, e breve questão: *Quid non sit pœna?* Quer dizer, se havia alguma cousa naquella prizão, que não désse tormento, ou não fosse puro penar; e que todos por experiencia resolvem, que no Inferno não ha, nem haverá por toda a eternidade instante de tempo, em que hum condenado tenha hum pequeno socego, ou hum minimo alivio; porque, como dissemos, a prizão do Inferno he hum lugar, onde o prescito nunca gozará de bem algum, e para sempre padecerá todos os males, pois o seu estado assim o pede: *Est status malorum omnium aggregatione perfectus.* Eu confesso que não tenho palavras para exprimir o meu pasmo, considerando hum Catholico, que vive em peccado mortal, e não faz reflexão, nem repara ao perigo imminente de cahir para sempre no Inferno. Os navegantes, que estão no mar alto, estão pouco distantes do naufragio. Assim a vida delles, como a morte,

Job cap. 17. 13.

Eccles. c. 9. 10.

con-

consiste em huma taboa da grossura de dous dedos. Os peccadores, que navegão no mar tempestuoso deste mundo, tem sempre debaixo dos pés hum mar de fogo, e tudo, o que os divide, he muito menos, que a grossura de huma taboa; quero dizer, huma vida fragil, e sujeita a mil accidentes. Não he necessaria a quéda de hum cavallo, ou huma espinha na garganta, basta huma respiração tomada, ou hum ar de apoplexia, para deitar-se valente, e amanhecer morto, ou levantar-se prospero, e anoitecer para sempre no Inferno. Eu para mim, meu Deos, não vos saberei nunca dar as devidas graças por me ver livre de tantas occasiões, e perigos do mundo; e de ter hum estado de vida, em que deveria cuidar só nesta prizão do Inferno, para assegurar melhor a minha salvação. Se vós não podeis deixar o mundo de todo, deixai-o ao menos com o affecto; e para o poder deixar com o affecto, deixai o peccado, e fazei penitencia; e estai certos que nenhuma cousa vos fará experimentar a penitencia mais suave, e mais doce, nem vos fará aborrecer mais o peccado, que ter frequentemente no sentido a intoleravel, e horrorosa prizão do Inferno; porque, como diz S. João Chrysostomo, não he possivel, que quem tem medo, e cuida na eterna duração das penas do Inferno torne cedo, e com facilidade a peccar: *Fieri non potest, ut anima de gehena solicita citò peccet.*

Hom. 2. in ep. 1. ad Thess.

DIS-

G. L. Debrie sculp 705

TORMENTO DA VISTA

DISCURSO II.

Do tormento da vista entre as trévas do Inferno.

In æternum non videbit lumen. Psal. 48. Exordio.

SEmpre julguei por verdadeiro aquelle apologo, que no mesmo throno não cabem dous assentos, na mesma Monarquia dous Principes, na mesma Igreja dous Pastores: *Hæc sedes non capit una duos.* Não he assim neste mundo pequeno do composto humano, onde reinão dous Monarcas entre si tão unidos, que iguaes nos movimentos, semelhantes na representação dos objectos, sem pertenção, ou inveja, vivem irmãmente contentes do seu governo. Estes dous Monarcas são os olhos, que collocados em sitio eminente, dominão as partes do corpo, senhoreão, sem serem Neptunos, todos os mares, medem em hum instante as Cidades, os campos, e os bosques; e sendo pequenas estrellas da terra, pisquizão, e devação as Estrellas da primeira grandeza, e os maiores Planetas do Ceo: são logo os olhos dous Principes, que descidas as cortinas das pestanas, encerrão-se no seu real gabinete, negando sua presença a todos; e estas levantadas, a todos se mostrão, prevem os perigos, prevem as necessidades, brilhantes alegrão; tristes desconsolão, agastados offendem, piedosos movem, e abrandão até ao mesmo Deos, dando-lhe huma nova casta de pezames pela morte da alma com os peccados, derramando aos pés do Crucifixo hum poder de perolas. Estas perolas são as lagrimas, que nascidas no mar de hum coração contrito, sahem

sahem dos olhos, como das suas conchas, e sobem logo na estimação de Deos a tão alto preço, que qualquer Mercador Euangelico póde dar por bem empregada toda a sua fazenda, para com huma dellas comprar o Reino do Ceo. Oh lagrimas bem afortunadas, se nos fazem desprezar o mundo, e nos tirão do Inferno para nos metter no Paraiso! São Mattheus no seu Euangelho bem quatro vezes faz menção, e repete os choros, e lagrimas continuadas dos reprobos naquelle calabouço eterno: *Ibi erit fletus, & stridor dentium.* E S. Bernardo considerando, e meditando esta repetida sentença de nosso Senhor Jesus Christo, lhe pedia que os seus olhos fossem duas fontes perennes nesta vida para prevenir as lagrimas, e choros eternos na outra: *Quis* (inquit) *dabit oculis meis fontem lacrimarum, ut præveniam fletibus fletum æternum, & stridorem dentium.* E com muita razão, e espirito; porque, como diz elle, as lagrimas são pelo intoleravel tormento do fogo, que sempre arde, e queima, e nunca se apaga, o estridor dos dentes pelo bicho da consciencia, que sempre róe, e nunca morre: *Fletus quidem* (inquit) *ob ignem, qui non extinguitur, stridor verò dentium ob vermem, qui non moritur.* Sobre o fundamento de huma doutrina tão solida de S. Bernardo, e tão util, e necessaria para a salvação de nossas almas, levanto o assumpto deste segundo Discurso, que divido logo em dous pontos: no primeiro veremos o horrivel tormento, que padecerão os olhos no Inferno pela culpa das vistas peccaminosas; e no segundo, que só as lagrimas dos mesmos olhos, nascidas da dor, e arrependimento de tantas culpas, nos podem livrar desta pena.

Matth. c.8.

Bern. Serm. 16. in Cant.

Bern. Serm. 8. in Psal. *Qui habitat.*

He cousa digna de reparo, que a providencia Divina désse aos olhos dous officios, e aos mais sentidos do corpo désse hum só. Ao olfacto deo-lhe o cheirar,

rar, aos ouvidos o ouvir, o gostar ao gosto, o tocar ao tacto; porém aos olhos dobrou os officios, dando-lhes o ver, e o chorar. E isto porque? Porque como a maior parte dos peccados tem ordinariamente o seu principio nos olhos, era conveniente que da mesma fonte, em que residia a doença, sahisse prompto o remedio: na mesma officina, onde se formava o veneno, se fabricasse tambem o antidoto. A primeira culpa, que houve no mundo, foi a de Adão, e Eva. E que principio teve? O ver: *Vidit.* E parecendo-lhe o pomo formoso aos olhos: *Pulchrum oculis*, logo comeo, e presentou-o a Adão, para que tambem comesse delle: *Comedit, deditque viro suo.* Genes. c. 3. v. 6. Castigou Deos esta culpa de lésa Magestade com desterrar logo a ambos os delinquentes do Paraiso terreal; para com esse degredo livrallos juntamente da occasião proxima da reincidencia: *Et emisit eos Deus de Paradiso voluptatis.* Gen. c. 3. v. 23. Cousa notavel! No mesmo tempo, que se deo á execução esta sentença, mandou Deos hum Querubim com huma espada de fogo na mão, e que estivesse sempre á vista de Adão, e Eva nas portas do Paraiso: *Collocavit ante Paradisum Cherubim, & flammeum gladium, atque versatilem.* Genes. v. 27. E não bastava para declarar o castigo da sua Divina Justiça huma espada de aço com huma tempera finissima, como foi a de Judith, que degollou a Olofernes, ou a de David, que de hum só golpe cortou a cabeça a hum Gigante? Não. Havia de ser de fogo, que lhe representasse o Inferno, que merecião, e tambem esta havia de ser espada versatil, que quer dizer esgrimidora, lançando chammas horrorosas, e fulminantes para atemorizar a vista de Adão, e Eva, considerando o tormento, que havião de soffrer os seus olhos peccaminosos no baratro infernal, quando humildes, e mortificados não continuassem a fazer penitencia, que, ainda que era

de

de novecentos annos, lhes pareceria suave, e breve em comparação da eternidade.

Psal. 48. O principal tormento da vista no Inferno será a falta da luz, como diz o Profeta David: *In æternum non videbit lumen.* Huma prizão tão apertada, hum carcere tão estreito, he forçoso tambem que seja demaziadamente escuro, porque a mesma multidão de tantos corpos amontoados, huns sobre os outros, e apertados como as uvas no lagar, ainda que o Inferno fosse claro como o dia, não havendo lugar, por onde possa passar a luz, ou outra materia diafana, e transparente, he necessario que fique com huma escuridão perpetua, como huma noite eterna. Porém esta escuridão, e esta noite quiz Deos, para maior castigo dos condenados, que fosse huma qualidade propria do fogo do Inferno, chamada na Escritura com nome de trévas. O Apostolo São Thadeo, depois de ter escrito com admiraveis metaforas a atrevida maldade

Jud. 13. dos peccadores, acaba, dizendo: *Hi sunt quibus procella tenebrarum servata est in æternum*: Estes são aquelles, para quem está guardada para sempre huma tempestade de trévas: *Procella tenebrarum.* E que combinação tem as trévas com a tempestade? Muita. Porque assim como nas tormentas do mar se enche o hemisferio de humas nuvens grossas, e medonhas, escurece-se o Sol, levantão-se as ondas, enfurecem-se os mares, e não se ouve mais que o roncar medonho neste furibundo elemento, o zenith dos tuffões impetuosos, o ranger das enxarças, o rasgar-se das vélas, o romper-se dos cabos, o abalar-se dos mastros, aqui gritos, e alaridos dos marinheiros, acolá lagrimas, e arrependimento dos navegantes, e finalmente tudo he huma confusão de fazer, para evitarem o perigo da morte, e salvarem as vidas; da mesma maneira no mar de fogo do Inferno se acha-

rão

rão os condenados entre humas trévas, e escuridões: huns blasfemando contra a Justiça Divina, que os lançou naquelle calabouço infernal; outros amaldiçoando os pais, e as mãis, que os gerárão, e creárão. Estes darão bramidos como leões, e quererão poder despedaçar a quem os incitou ao peccado; e aquelles darão em furias como desesperados. Ajunte-se a isto os estrondos, e ruidos, que farão os demonios, atormentando os corpos dos reprobos com mil generos de tormentos, tomando visagens medonhas, dando risadas, fingindo pesquins, e fazendo escarnio das culpas, que neste mundo commettêrão; pelo que naquelle carcere infernal tudo será, como disse Job, hum cáos, huma confusão, huma desordem, e a vista hum perpetuo horror: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* Job c. 10.

Entre as grandes pragas, que Deos mandou aos Egypcios para castigar a soberba delRei Faraó, ainda que todas forão molestas, medonhas, e asqueroſas, com tudo, só a praga, e castigo das trévas tem na Sagrada Escritura o epiteto, ou appellido de horriveis: *Factæ sunt tenebræ horribiles in universa terra Ægypti.* Exod. 10. v. 22. E porque sómente as trévas hão de ter este sobrenome de horriveis, e as outras pragas não? A maior razão dará o doutissimo Interprete Nicolao de Lyra, que commentando este Texto, repara, que era tal a escuridão, que nenhum Egypcio via ao outro, nem ousava partir, ou mudar-se do lugar, em que estava: *Nemo vidit Fratrem suum, nec movit se de loco, in quo erat.* Nicol. de Lyra ibi. Accrescenta mais, que apparecião entre elles huns fantasmas tão espantosos, humas figuras tão medonhas, huns monstros tão abominaveis, e lhes causavão tal horror, que já desejavão antes mil vezes a morte, que a vida. Do mesmo modo glosa este passo o Cardeal Hugo; porém com hum reparo digno

do

do seu eminentissimo engenho, e do seu grande espirito: *Horribiles dicuntur tenebræ, quia apparebant eis quædam imagines valde eos deterrentes. Heu, Domine Deus, quid erit in Inferno!* Quer dizer: se as trévas do Egypto, sendo como empreſtadas, dão hum tormento tão excessivo; se os corpos fantasticos, que vião entre ellas, lhes fazião tal assombramento, que se durára mais tempo este castigo, a terra do Egypto ficaria inhabitavel. Oh bom Jesus! que será no Inferno! Aqui as trévas são como sombras, que espantão; no Inferno são realidades, que affligem. Neste mundo são figuras fantasticas, que apparecem para fazer medo; no Inferno são verdadeiros demonios, que com a vista, e com todo o genero de penas atormentão. A Aguia dos Doutores Santo Agostinho com o Eminentissimo Cardeal Caietano, Interprete Classico de S. Thomaz, seguindo a versão dos Setenta, são de parecer, que estas pragas do Egypto forão antes ameaços a Faraó, que castigo: *Ad similitudinem illudentis, manifestat Deus, se facere hæc signa, quasi non seriò, sed joco afflixerit Deus Pharaonem, & Ægyptos.* A modo de quem faz zombaria, mandou Deos estas trévas ao Egypto, como se não de véras, e seriamente: *Sed jocoso contemptu*, mas como se com desprezo ridiculo quizesse fazer medo a Faraó, e mortificar aos seus vassallos.

Hugo in Exod. c. 3.

D. Aug. & Card. Caet. in hunc locum.

No anno de 1588. estando Filippe Prudente, Monarca de Castella, em guerra viva com Inglaterra, e Hollandezes, mandou huma potente, e numerosa armada, que com vento prospero, e bom successo entrou em poucos dias no canal de Inglaterra. Avistou logo as fragatas de linha dos Inglezes, que vinhão sahindo de Londres, e da banda do Sudueste a armada de Hollanda, que dous dias antes levantou ferro em Dunquerque, e velejando buscava encorporar-se com a In-

Card. Bent. histor. Belg.

a Ingleza. Achou-se de repente a armada Catholica como cercada das duas armadas inimigas, e faltando totalmente o vento, todos forão constrangidos a botar ferro. Ficou depois aquelle inconstante elemento tão constante na bonança, que sendo por razão do clima naturalmente turbulento, agora que havia de ser temido, e soberbo por carregar no seu curso maritimo as trez maiores armadas da Europa, compendiadas em 300. navios de guerra, como humilde, e rendido a tanto pezo parecia o mar pacifico. Chegou a noite; e como era muito escura, e o mar tão quieto, determinárão os Cabos Hollandezes de dar hum sobresalto aos Castelhanos, lembrados que poucos mezes antes com huns navios de fogo, estando no cerco de Amberes, lhes tinhão queimado alguns pataxos, e embarcações meudas, sahírão de repente com oito chalupas carregadas de gente, que mais hião para folguedo, que para a peleja. Levavão todos huns fachos accezos nas mãos, e davão taes brados, e vozerias, que bem mostravão hião mais depressa a fazer medo, que a intentar alguma grave entrepreza. Com tudo a armada Hespanhola entre as trévas, e escuridão da noite, vendo aquellas luzes, e ouvindo o estrondo daquellas gritarias, não podendo distinguir, nem atinar o que era, parecerão-lhes as oito chalupas oito navios de fogo, que hião a renovar o triste successo de Amberes. Pelo que sobresaltados de hum temor bem fundado, que de noite as náos devem estar longe do fogo, sem esperar para ver de mais perto, o que era, cortárão logo as amarras, e tratárão de pôr-se ao largo. E como por acaso entrou o vento contrario, que se foi despertando, procurárão os Cabos de declinar todo o vento nocturno, e esperar a luz do dia, parecendo-lhes, que pegando o fogo com a força do vento, não se poderia Pachaq.

apagar. O escuro da noite foi grande, maior porém foi a confusão, porque não se vião os navios amigos, nem se ouvião os Commandantes, nem apparecião sinaes, e assim topando-se huns com os outros, muitos se perdêrão, e os mais separados buscárão os seus portos. Grande lastima de huma armada Catholica tão florente ficar como vencida, e sem effeito por hum folguedo, não sei se fingido, ou verdadeiro, ou para melhor dizer, por hum rebate falso de quatro marinheiros. Ora se os fogos de noite, que representados em muito maior quantidade em tempo, que se celebrão as pazes, ou nasce algum Infante, ou Principe soberano, são materia de tanta alegria, e diversamente representados em tempo de guerra são capazes de influir tanta tristeza, e de atemorizar, e destruir tantos alumnos de Marte; e se as trévas do Egypto acompanhadas de humas figuras fantasticas, que Deos mandou, como espantalhos de meninos, para humilhar a soberba de Faraó: *Ut illuderet Ægyptiis*, parecêrão aos Egypcios tão horriveis, e insupportaveis, que se durassem mais tempo, havião como desesperados de buscar a morte, que será pois das trévas do Inferno! Que horror! Que tormento! Que terriveis representações se acharão naquella masmorra! Por isto o Profeta Job, considerando a terribilidade destas trévas, pedia a Deos, que sendo a sua vida tão breve, lha dilatasse por algum espaço de tempo, para chorar, e ter dor das suas culpas, a fim de não ser condenado para huma terra cheia de miserias, e de trévas, (assim chama elle ao Inferno) onde quem entra huma vez, he para nunca mais sahir: *Nunquid paucitas dierum meorum finietur brevi. Dimitte ergo me, ut plangam paululum dolorem meum, antequam vadam, & non revertar ad terram miseriæ, & tenebrarum.*

Glos. interl. in Exod.

Tam-

Tambem Christo no seu Euangelho chama ao Inferno com nome de trévas exteriores; e assim naquelle banquete das vodas, vendo entrar hum reprobo, que não tinha a veste nupcial da graça, mandou, que atado de pés, e mãos o lançassem nas trévas exteriores: *Ligatis manibus, & pedibus.* Eis-ahi os apertos da prizão, e a estreiteza do carcere, de que fallámos no Discurso antecedente: *Mittite eum in tenebras exteriores.* Eis-aqui as trévas do Inferno, de que agora vamos discorrendo. He doutrina do Angelico Doutor S. Thomaz, que o fogo do Inferno terá (como veremos em outro Discurso) hum ardor de qualidade intensissima, porém sem luz alguma: *Ibi erit ardor sine claritate.* Arde, e arderá sempre com hum milagre opposto, e totalmente contrario ao fogo de Babylonia. Quando os trez mancebos não quizerão idolatrar a estatua delRei Nabucodonosor, mandou o soberbo Principe, que se accrescentasse sete vezes mais o fogo nas fornalhas, de modo, que as chammas subião quarenta e nove covados mais alto que as mesmas fornalhas: *Præcepit, ut succenderetur fornax septulum, quam accendi consueverat, & effundebatur flamma super fornacem cubitis quadraginta novem.* E com tudo nessa occasião, querendo Deos salvar aos trez mancebos, suspendeo ao fogo toda a potencia de arder, e queimar, e deixou-lhe só a propriedade de luzir. No Inferno não será assim, porque Deos para maior castigo dos condenados, não só deixará ao fogo o appetite innato de queimar, e consumir, mas lhe elevará a potencia, porque arda, e queime com maior actividade, e suspenderá toda a luz, ficando huma escuridão medonha, humas trévas horrendas. Estas trévas affirmão muitos Santos Padres, que terão seus lucidos intervallos, quero dizer, huns como vapores igneos, ou exhalações accezas. Da mesma

Matth. cap. 22.

D. Thom. in opusc.

Dan. c. 3.

maneira que em huma tempestade nocturna entre as nuvens mais densas apparecem relampagos. Estes porém, he tanto pelo contrario que aliviem, ou recreem a vista dos navegantes, que antes os atemorizão mais, e lhes accrescentão nova pena, por serem prenuncios de algum raio, que cahindo os poderá consumir. Assim entre as trévas do Inferno apparecerá huma nova casta de luz sobre modo pallida, e medonha, nascida daquelle fogo, cuja materia será de enxofre, pez, e outros betumes hediondos. Esta luz misturada com huma insoffrivel fumaça, que encherá toda aquella gruta infernal, será por permissão Divina bastante, para se enxergarem as horriveis visagens, os aspectos monstruosos, e as fantasmas medonhas, que em corpos fantasticos, e como quimericos tomarão os demonios para maior tormento dos peccadores. Oh vistas horrendas! Oh trévas medonhas! Oh noite eterna! Considere o peccador a desesperação de hum reprobo, condenado por toda a eternidade em huma prizão tão escura.

Mar. Histor. Hisp. Mandou ElRei D. Fernando de Castella prender a D. Diogo Osorio, e ordenou, que levado a Sevilha, o assegurassem em huma casa de segredo, que

Pach. t. 2. l. 33. havia nos carceres daquella Cidade. Entrou na prizão pelas seis horas da tarde; e foi tal o horror, e assombro, que teve, considerando-se fechado naquelle calabouço tão escuro, forão tantas as imaginações, que lhe perturbavão o juizo naquella noite, que estando na primavera dos annos, amanheceo com o Inverno da velhice, tendo a cabeça tão carregada de brancas, que parecia cuberta de neve. Bem se podia dizer de D. Diogo, o que o Principe das agudezas

Mar. l. 4. disse de outro em hum caso semelhante: *O nox quàm longa es, quæ facis una senem!* Melhor dissera: *O nox quàm longa est, quæ caret una die!* Que nunca

mais

mais verá a luz do dia, nem a aurora, nem quem estiver nella, nunca será velho, mas sempre por toda a eternidade como moço, e fresco aos tormentos eternos. Oh noite, como es comprida, pois chegas a fazer hum homem de moço velho! Ora, se huma noite, que durou bem poucas horas sem mais tormento, que ficar o reo entre as escuridões de hum carcere, foi bastante para obrar hum excesso tão extraordinario, de trocar repentinamente a mocidade em velhice, que effeitos não obrarão as trévas do Inferno! As trévas do Egypto durárão só trez dias, e com tudo da-lhes a Sagrada Escritura o sobrenome de horriveis: *Factæ sunt tenebræ horribiles tribus diebus.* E que nome daremos nós áquellas trévas, que depois de durarem trez milhões de seculos, durarão por toda a eternidade! Oh peccador desgraçado, que vivendo com a cegueira da culpa, desprezas agora a luz da graça, para ficar sepultado para sempre nas trévas do Inferno! Oh noite eterna! *Horrida, lurida, squalida, tetrica, terribilis nox.* Oh noite escura! Triste de quem cahir em ti, porque nunca mais verá a bella luz do dia: *In æternum non videbit lumen!*

Drex. de inf.

Exod. c. 10.

Heron. Hug. eleg. 13.

Obrigou Christo a huma legião de demonios a que largassem o corpo de hum endemoninhado. Obedecêrão elles logo ao imperio da voz Divina; he porém de reparar, que sendo os demonios os corifcos da soberba, com petição humilde o supplicárão, por compaixão não os desterrasse no tenebroso abysmo do Inferno: *Rogabant illum, ne imperaret illis, ut in abyssum irent.* Extravagante não menos que implicada petição! Se o Inferno foi creado pela omnipotencia Divina *primariò* para os demonios, conforme se lê no Euangelho: *Qui paratus est diabolo, & angelis ejus*, e elles bem sabem, que he, e ha de

Matth. c. 8.

Matth. cap. 21.

ser a sua propria morada. Mais. Se elles são capitaes inimigos dos miseros condenados, e se desvelão com toda a ancia, para os atormentar sempre mais, como não correm logo para a sua negra officina de tormentos, e com o triste fogo, e com a lugubre fumaça não desabafão contra os desgraçados reprobos a sua feriſſima tyrannia? Mais. Se esta mesma legião de demonios, que residia no corpo do endemoninhado, podendo viver em hum campo aberto, assistir no povoado, habitar em palacios, diz o mesmo Euangelho, que buscava as escuridões dos sepulchros, as trévas dos monumentos: *Neque enim manebat in domo, sed in monumentis.* Como logo pedem a Christo com tantas véras, que não os obrigue, a restituirem-se com a sua residencia áquelle tenebroso sepulchro do Inferno? *Ne imperaret illis, ut in abyſſum irent.* Ah que muita differença vai dos monumentos da terra ao abysmo do Inferno, das escuridões desta vida ás trévas eternas. Estas são tão horriveis, e insupportaveis, que o mesmo demonio, com ser o antesignano da soberba, abate a bandeira, só pela esperança de se ver por algum tempo, ainda que breve, livre dellas: *Eſt locus tenebroſus.* São palavras de S. Cyrillo Alexandrino: *Quem ipſe quoque diabolus pertimeſcit.* E se o mesmo demonio com ser o principe das trévas: *Princeps tenebrarum*, sendo o Inferno cheio de infinitos tormentos, só destas trévas se queixa, e pede algum alivio; que será dos miseraveis peccadores, quando se virem eternamente condenados naquelle baratro escuro, onde estarão todos atados, como diz o Espirito Santo, com a mesma corrente de trévas! *Una catena tenebrarum erunt omnes colligati.* Estranho modo de fallar, mas porém enfatico. Quer dizer, que as trévas lhes servirão de prizão, de correntes, de algemas, e grilhões; e como cegos

Matth. c. 8. v. 25.

S. Cyril. tract. de exitu animæ.

Sap. c. 17.

gos não ſe atreverão dar hum paſſo, nem mudar ſitio, nem virar-ſe a outra banda, anellando ſempre naquella noite eſcura a que amanheça alguma luz; mas nunca apparecerá a eſtrella da alva, nem amanhecerá outra aurora, que aquella de principiar ſempre a ſua pena: *In æternum non videbit lumen.*

Eſte tormento das trévas não ſerá incompoſſivel com o tormento da viſta; porque no Inferno os tormentos ſe dão de mão huns aos outros, e com hum modo admiravel fazem liga entre ſi os contrarios; e aſſim o fogo não derreterá o gelo, nem a agua apagará o fogo: e a maior intensão de hum calor ſummo *ut octo* não poderá diminuir o minimo gráo de frio *ut unum*: *Quod enim mirabile erat, in aqua, quæ omnia extinguit, plus ignis valebat. Nix autem, & gelu ſuſtinebant vim ignis.* Da meſma maneira, os olhos de hum condenado naquellas trévas do Inferno entre as horriveis fumaças de tantos corpos, que eternamente ſe eſtão aſſando, ſerão como cegos para ver a qualquer objecto, que for capaz de lhes dar algum alivio; pelo contrario, para ver aquelles monſtros horrendos, informes, e agigantados, não ſerá, como fabulava Virgilio, ſem viſta: *Monſtrum horrendum, informe, ingens, cui lumen ademptum*; antes para ſua maior pena ſerá hum lince, que traſpaſſará com huma viſta aguda, e penetrante as montanhas de corpos preſcitos, que tem amontoados ſobre elle. Será hum argos de cem olhos, para ver huma multidão innumeravel de demonios encaretados com aſpectos diabolicos, repreſentando figuras tão extravagantes, e eſpantoſas, que o Profeta Job, e toda a Sagrada Eſcritura não as ſabe explicar, ſenão com o nome de horriveis: *Vadent, & venient ſuper eum horribiles.* Diga agora o vulgo, e repita muitas vezes eſte ſeu adagio: O demonio não he tão feio, como ſe pinta.

Sap. c. 16. verſ. 17. & verſ. 22.

Æneid. lib. 6.

Job c. 20.

Oh bocca sacrilega, que tal disseste! Oh lingua diabolica, que dictado tão pernicioso para as almas proferiste! Eu bem entendo o que encerra em si semelhante proposição. Quer dizer, que o peccado não he aquelle monstro tão abominavel, como o descrevem os Prégadores, affirmando trazer comsigo o fel amargoso do arrependimento; e na verdade assim he, ao depois que a delinquente natureza se fartou da doçura, que traz comsigo o mel do deleite. Oh peccador, Deos te livre, a ti, e a todo fiel Christão, de ver nem por hum instante ao demonio. Vio-o o glorioso Patriarca S. Francisco, e confessou ao Veneravel Fr Gil seu companheiro, que era impossivel, sem auxilio especial de Deos, olhar para tal monstro, sem se morrer de repente. Refere Santo Antonino Arcebispo de Florença, que tendo visto hum Religioso ao demonio, disse, que antes de tornar a vello, elegeria antes entrar para sempre em huma fornalha de fogo. Narra S. Bernardo, que apparecendo o demonio a hum seu patricio, deo tal alarido, que acudirão todos os vizinhos; e ficando muito tempo sem falla, tornando depois em si, fazia rigorosas penitencias, mas sempre como frenetico, e furioso. Finalmente Santa Catharina de Sena, por permissão Divina, por hum só instante vio ao demonio; e pelo tempo adiante pedia continuamente a Deos, que antes a fizesse caminhar descalça por hum caminho lastrado de fogo até o dia do Juizo, que tornar a ver hum objecto tão horroroso. Destes todos se verificou o que disse o Profeta Job, figurado na pessoa de hum peccador: *Hostis meus terribilibus oculis me intuitus est.* Torne a dizer agora o vulgo ignorante, que o demonio não he tão feio, como se pinta. Sirva de remate a este primeiro ponto huma prova do Angelico S. Thomaz, admittida commummente de to-

Chron. p 4. tit. 1. c. 5.

S. Anton. Dial. tr. 1. c. 28.

D. Bernard sup. Pf. 90.

Blos. Spir. c. 14.

Job c. 20.

todos os Theologos ; e vem a ser , que assim como no Paraiso ha o lume da Gloria , que conforta , e eleva a potencia , cativa suavemente os Santos , e os une á vista de Deos , obrigando necessariamente a sua vontade a amallo , e o seu entendimento a ver as suas perfeições , e os olhos a ver a humanidade de Christo com aquelle gosto immenso , que resulta da visão Beatifica , assim no Inferno o fogo encerra em si hum lume de pena , huma luz de infamia , que ainda ao entendimento , e vontade dos condenados os fará conhecer a sua summa miseria , e obrigará os seus olhos a ver necessariamente todos os monstros , e aspectos , que temos dito , e souberem inventar os demonios , com todas as mais figuras medonhas , e mais terriveis , que forem capazes de excitar nos prescitos o assombramento , o furor , e a desesperação ; e vendo tudo isto forçadamente , estarão sempre sepultados nas trévas , sem nunca ver hum raio de luz , que os alivie , ou console : *In æternum non videbit lumen.* Psalm. 48.

Resta agora o vermos no segundo ponto , como os olhos são a causa principal deste tormento das trévas ; e assim a elles toca com as lagrimas continuadas apagar o fogo de tantas culpas , que o accendêrão. Anda celebre entre os Juristas hum ponto de Direito muitas vezes discutido , e vem a ser : se basta , para tomar posse de alguma herdade , ou fazendas , vellas só com os olhos , ou se seja necessario ir com a presença local tambem tocallas ? Este tomar posse dos bens do mundo só com a vista , sem mais nada , tem grandes controversias nas Leis ; e achão-se muitos jurisperitos , que seguem o contrario ; porém nos bens da alma , e nas materias de espirito , he decisão já firme , e Juridica de todos os Santos Padres , que no mesmo instante , que os olhos vírão a algum

obje-

objecto, logo tomárão a posse completa delle. E esta decisão he infallivel, por ser fundada em varios aestos publicados por bocca do mesmo Deos, e dos seus Profetas. Santo Ambrosio chama aos olhos redes, e laços, com que prendem, e cativão as almas mais innocentes: *Ratio quibus speciosas juvenum animas capiunt.* S. Bernardo, e Teofilacto os chamão correios, e traidores, que entregão á morte as proprias almas, que lhes dão a vida: *Nuntii læthales, animæ proditores.* O Profeta Jeremias chorava a sua desgraça, em ver que os seus olhos cativárão a sua alma: *Oculus meus deprædatus est animam meam.* E Christo no seu Euangelho nos adverte, que qualquer que lançou os olhos, e vio a huma mulher por máo fim, vem a ser o mesmo, que já ter tomado posse della no seu coração: *Qui viderit mulierem ad concupiscendum eam, mœchatus est eam in corde suo.* Grande liga, ainda que occulta, devem ter entre si os olhos, e o coração. Parece-me, que entre elles passa aquella secreta correspondencia, que tem entre si certos montes, que de quando em quando lanção fogo. Observárão os curiosos, como no mesmo tempo que o Vesuvio em Napoles, e o monte Etna em Sicilia lançavão em Italia tantas lavaredas de fogo, que parecia hum incendio, no mesmo tempo por canos subterraneos, e por vias occultas outros montes do Chile, e do Potosî na America Meridional se enfurecião, lançando chammas, como se passasse entre elles huma reciproca intelligencia. E he certissimo, que no anno 1672. quando houverão aquelles grandes terremotos, que assolárão Arimino, e muitas outras Cidades do Estado do Pontifice, e do Reino de Napoles, correndo a costa do mar Adriatico, no mesmo tempo houverão semelhantes terremotos na Cidade de Lima no Perú, correndo a costa toda do

Ambr. lib. 1. de Abel. c. 4.

Bern. Serm. 10. ad Fr.

Thr. c. 3.

Flor. ven. in tract. de reb. Ital.

mar

mar do Sul, que chamão Pacifico. Esta mutua intelligencia, e este commercio occulto entre os olhos, e o coração, he tão infallivel, que para livrarmo-nos no mar tempestuoso desta vida das crueis tormentas das tentações, não ha melhor remedio, que ser bom Piloto dos olhos, vedando-lhes todo o rumo, que com vistas incautas vai dar nos abrolhos dos objectos profanos. E bem se confirma com o nosso ditado Portuguez: O que os olhos não vem, o coração não deseja. Tanto assim que o Profeta Job não achou maior argumento, com que provar a innocencia da sua vida inculpavel, como allegar a Deos, que nunca o seu coração tinha seguido os seus olhos, quando na variedade dos objectos tinhão sido pouco acautelados: *Si secutum est oculos meos cor meum.* Job c. 31.

Cuida o vulgo pouco intelligente nas materias de espirito, que os olhos são nossos amigos, pelos muitos divertimentos que nos dão sempre applicados a nos fornecer de novas especies, recreando-nos com variedade de cores em milhares de objectos, como já disse o Poeta amante do arco Iris: *Mille trahit varios adverso Sole colores.* Muito mais que Christo diz no seu Euangelho, que os olhos são como nossas guias, fazendo officio de pagens, que carregão as tochas para diante, livrando-nos de mil quédas, e tropeços: *Lucerna corporis tui oculus tuus.* Ainda assim digo, que os olhos são os peiores inimigos, que temos, assim o affirma por experiencia o grande Mestre da milicia espiritual, que já não se atrevendo com tantas batalhas, a bom livrar tratou de pactear treguas com elles: *Pepigi fœdus cum oculis meis.* He certissimo, que as treguas não se fazem com os amigos, mas com os inimigos intentos a pelejar. E provéra a Deos, fossem só inimigos como os mais, capazes ao menos de alcançar huma paz firme; mas

Ovid. Met. l. 2.

Matth. c. 5.

Job cap. 31.

nun-

nunca ſe podem vencer na batalha de qualidade, que não fiquem no campo ſenão meio rendidos, e ſempre capazes de nos accommetter tantas vezes, quantos são os novos, ou antigos objectos, que nos repreſentão na alma : *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine.* Eſtranho modo de fallar ! Os olhos não forão creados para cuidar, mas para ver. Mais. Na guerra, que move o peccado á alma, os olhos não são os Capitães, nem os ſoldados, mas são ſimplices exploradores, e não fazem outro officio, que de eſpias, relatando tudo ao penſamento, com a repreſentação fiel á alma do modo, que o objecto na apparencia exiſte. As treguas não ſe tratão com as eſpias, nem ſe ajuſtão com os exploradores, mas com os Generaes, e Plenipotenciarios, que para iſto são deputados. Aſſim he meſmo; porém conſiderava o Santo Profeta, como perito na arte, o grave damno, e a rota do exercito, que ſe havia de ſeguir, ſe déſſe entrada a eſtes exploradores. Via no olhar que o penſamento curioſo o ſeguia, no penſamento via o deleite, no deleite o conſenſo, no conſenſo a obra, na obra o habito, no habito a deſeſperação, na deſeſperação a impenitencia final, na impenitencia final a condenação, na condenação o Inferno; e aſſim prevendo eſte total exterminio da ſua alma, queria pactear a tempo com as eſpias, que são os olhos, porque tendo a elles obedientes, e pacificos, eſcuſava de experimentar a força das tentações, a violencia dos aſſaltos com riſco evidente de ficar vencido, e roto na batalha. Sabia que nas praças fortificadas em nenhuma parte ſe uſa de maior prevenção, e cautela, que em guardar, e defender bem as portas. Aſſim na fortaleza da alma achão-ſe ſinco portas, que são os ſinco ſentidos; porém, nenhuma he mais facil a ſer conquiſtada que

a da

a da vista; por isto todos os Santos Padres, segundo a doutrina de Christo, tanto encommendão a vigilante cautela dos olhos. E esta he a porta, contra a qual o demonio levanta logo a primeira bataria, assegurando-se com a experiencia, que esta vencida, fica a nobre praça da alma conquistada. Assim foi vencido David olhando para Bersabé em hum eirado: *Vidit mulierem se lavantem in solario.* Assim se perdeo Dina com o Principe de Siquem, por curiosa em querer ver o traje das mulheres estranhas: *Egressa est Dina, ut videret mulieres.* Assim o confessa de si o Poeta amante, que o mesmo foi o ver, que cahir no laço de mil erros, e morrer: *Ut vidi, ut perii, ut me malus abstulit error.* Refere Tertulliano de hum certo Filosofo, que desesperado de poder olhar para as mulheres, sem as cubiçar, arrancou de si generosamente ambos os olhos: *Quod muliere sine concupiscentia aspicere non posset, & doleret si non esset potitus, excæcavit se.* Este Filosofo, com ser pagão, sem ter luz alguma do Euangelho, interpretou ao pé da letra, e com todo o rigor o conselho de Christo: *Si oculus tuus scandalizat te, erue eum, & projice abs te.* A Lei Divina não requer tanto nos seus preceitos; basta que tenhamos treguas com elles, e não lhes larguemos o campo na batalha; e se por acaso nos vencerem, os obriguemos com as lagrimas a restaurar o damno, que nos tem feito. Assim o ensinou Santo Ambrosio a huma donzella, que pouco acautelada tinha cahido como fragil em huma miseria humana. Saia o remedio, diz elle, das mesmas fontes, por onde se distillou a culpa: *Oculi lacrimis defluant, qui masculum simpliciter non aspexerunt.* E já que os olhos perdendo a simplicidade innocente, com faiscas amorosas accendêrão o incendio da culpa, he bem justo, que com continuados rios de lagrimas o apaguem.

Suc-

Succede muitas vezes neste mundo, que as lagrimas, ainda que nascidas da tristeza, ou de algum estranho accidente, que nos affligе, e molesta, soceguem, ou aliviem a dor da nossa pena: *Sedatur lacrimis, egeriturque dolor.* No Inferno não será assim, antes tudo ao contrario: o chorar será sempre continuado, e eterno, porque o ardor do fogo, e a atrocidade dos mais tormentos obrigarão á força os miseros condenados a deplorar a sua miseria: *Ibi erit fletus*; mas quando virem que este choro não modéra, nem move a compaixão, antes irrita os demonios a serem mais crueis, e provoca os companheiros, e os cumplices na culpa a insultar, e proferir maiores blasfemias, então o choro passa em furor, em raiva, e em desesperação, que os incita, e obriga ao estridor dos dentes: *Stridor dentium*, como bem o explica S. Bernardo: *Planè verò fletus ex dolore, stridor dentium ex furore*, verificando-se a sentença do Profeta Rei contra os peccadores prescitos: *Peccator videbit, & irascetur, dentibus suis fremet, & tabescet.* Oh se os peccadores considerassem os gemidos desesperados, e os choros inuteis dos prescitos no Inferno, quanto aborrecerião as apparencias enganosas deste mundo, cujos deleites, e delicias passão em hum momento: *Momentaneum quod delectat, æternum quod cruciat*! Oh se experimentassem quão doces, e quão suaves são as lagrimas derramadas por hum coração contrito, e pezaroso de ter offendido a Deos, toda a pena lhes pareceria delicia, e todo o trabalho leve! Visitava São João Climaco os Mosteiros da sua Ordem, e achou entre os mais Religiosos a hum Leigo cozinheiro, que sempre chorava, e fazia a cozinha com humildade, e paciencia a mais de duzentos Monges. Quiz saber delle, como Superior, o principio, e fundamento

Ovid. de arte.

Matth. 31.

Bernard. Serm 8. in Psalm. *Qui habitat.*

Psalm. 3.

de

de tantas lagrimas. Respondeo o Leigo, que elle se imaginava de servir a nosso Senhor Jesus Christo, e aos seus Discipulos; e como para cozinhar com attenção, lhe era necessario estar sempre ao fogo, considerava a graça, que Deos lhe tinha feito, de o livrar do fogo do Inferno, que elle muitas vezes tinha merecido, por tantos peccados commettidos no seculo.

Nos desertos da Sitia estava o Abbade Macario em conceito de grande virtude, e santidade pelos muitos milagres, que obrava. Determinárão os outros Monges em hum Capitulo geral, que fizerão, mandallo chamar, para que os dirigisse na vida Monastica, e lhes désse algumas regras, ou breve instrucção para a reforma dos seus Mosteiros. Apenas que chegou S. Macario, logo todo aquelle sagrado congresso se lançou de joelhos; e admirados da sua humildade, e modestia, quizerão á força beijar-lhe os pés, pedindo-lhe que quizesse consolar a todos com alguma pratica espiritual, com que renovassem o fervor, e espirito da antiga observancia. Então S. Macario, depois de hum breve espaço de oração feita a Deos, deo principio á sua pratica com estas palavras mal pronunciadas, pelo interrompimento das lagrimas, e soluços, com que as dizia: *Ploremus*, (*inquit*) *ò Fratres*, *& lacrimas nostri oculi producant*, *antequam hinc eò migremus*, *ubi lacrimæ comburunt corpora*: Choremos, Irmãos carissimos, e os nossos olhos se derretão em lagrimas de dor, e arrependimento, para evitarmos de ir áquelle lugar, onde as lagrimas ficarão inuteis, e queimarão para sempre os nossos corpos. Este foi o exordio, estes forão os discursos, estas forão as provas, esta foi a peroração, e epilogo de todo o Sermão, e al não disse, deixando a todos os Monges pensativos, e chorosos, e com proposito firme de lavar dahi por di-

Rosu. lib. 3. n. 9.

diante com lagrimas os seus defeitos, e de seguir a mais rigida observancia.

Passava Christo com a Cruz ás costas pelas ruas de Jerusalem, quando ouvio os gemidos, e lagrimas de humas devotas mulheres, que lastimando a sua cruel morte, se rendião inconsolaveis. Cuidava eu, que Christo as consolaria com a sua doutrina: *Beati qui lugent, quia ipsi consolabuntur*; porém acho que as exhorta a continuar com as lagrimas, e que derramando-as, não tenhão lastima delle, mas lastimem a si, e os seus filhos: *Filiæ Hierusalem, nolite flere super me, sed super vos, & super filios vestros.* Pois, continúa a sua exhortação deste modo: Porque virá tempo, em que dirão: Bemaventuradas as mulheres, que não parírão, e as paridas, que não vingárão os filhos, e pedirão aos montes, e aos valles, que os sepultem? Porque se assim se accende o fogo dos tormentos no lenho verde, como sou eu, que fará na lenha seca, e disposta dos peccadores? *Quoniam ecce venient dies, in quibus dicent: Beatæ steriles, quæ non genuerunt, & ubera, quæ non lactaverunt. Quia si in viridi ligno hoc faciunt, in arido quid fiet?* Muito cuidado dava a Christo o fogo, que se havia de accender na lenha seca, e disposta dos peccadores, quando naquelle extremo desfalecimento, causado da grande carga da Cruz, ainda se lembrava delle. Diz Tertulliano, que o fazer Christo menção do uso matrimonial na frase de parir, e crear os filhos, foi declarar com honestas palavras as torpezas, e deleites illicitos, que são como a lenha já alcatroada, para arder no fogo do Inferno. E ainda que Teofilacto he de parecer, que Christo neste passo fallasse metaforicamente, dando a entender, que na destruição de Jerusalem, muitas mais com horror inaudito havião de assar ao fogo os seus filhos, e comel-

Matth. c. 5.

Luc. 23. v. 29.

Luc. 23. v. 31.

los:

los : *Erant fœminæ crudeliter suos filios assaturæ , & comesturæ.* Isso será huma interpretação accommodaticia ao pé da letra; mas em sentido tropologico da Igreja Militante não ha duvida que muito maior cuidado davão a Christo as fornalhas accezas do Inferno, a cujo fogo lento hão de ser assados vivos os peccadores para sempre. Confirma esta mystica , e importante doutrina o Veneravel Beda , explicando as citadas palavras de Christo: *Quia si in viridi ligno hoc faciunt, in arido quid fiet?* Se eu, Cordeiro innocente, sendo por natureza impeccavel , parto deste mundo cercado do fogo de tantos tormentos; se eu, sendo a verdadeira arvore da vida , florente, e verdejante, pelas maldades do meu povo sou destinado ao sacrificio , como a mais cruel victima da morte: *Propter scelera populi mei percussi eum* , que penas, que tormentos estão preparados para as arvores secas dos homens, para as figueiras estereis dos peccadores! Consideremos attentos estas palavras de Christo já agonizante , para que excitem em nós hum verdadeiro arrependimento das nossas culpas. Profundemo-nos com a imaginação neste incendio , que á vista da luz medonha deste fogo infernal , diz Tertulliano , se destillará pelos alambiques dos nossos olhos a mais subida quinta essencia de lagrimas , sacadas por antiperistasis de hum verdadeiro arrependimento das mesmas rosas de Venus , e das mais flores de Cupido : *Oculi lacrimis defluant , qui cupidine inflammati in venereum amorem arserunt.*

Theof. in hunc loc.

Beda ibi.

Isai. c. 53.

Theof. ibi.

He opinião dos Santos Padres, que entre estas devotas filhas de Jerusalem, a quem Christo deo por conselho chorassem a si , e não a elle : *Nolite flere super me , sed super vos ipsas flete*, estava tambem a Magdalena , que penetrando o sentido das palavras do Redemptor , applicou-as a si , e considerando a

a sua escandalosa vida, parecia-lhe ser ella o páo
Luc. 13. secco, que só servia para queimar no Inferno: *Mulier in Civitate peccatrix*; e, como diz S. João Chrysostomo, não só se julgava peccadora, mas o mes-
Chrys. in hom. fol. 5. mo peccado de toda a Cidade: *Non peccatrix jolùm, sed totius Civitatis facta ipsa peccatum.* Conheceo ella que na pouca cautella dos seus olhos se remata-va o compendio de todas as suas maldades, e que a fonte dos seus vicios manava dos mesmos olhos igualmente culpados, como diz Santo Ambrosio, tanto por curiosos em ver, quanto por libidinosos em serem vistos: *Invicem se eadem oculorum gratia desiderant, ejusdem libidinis est videri, & videre.* Resolveo-se logo a Magdalena a separar-se de seus irmãos Lazaro, e Maria; e porque já lhe aborrecia o nome de Cidade, que lhe deo o titulo de pecca-
Ambr. in Exam. dora: *In Civitate peccatrix*, largou logo a Marselha, e foi buscar a gruta mais escondida dos Alpes, para não ver mais, e nunca mais ser vista. Mas que importa que ella cerrasse os olhos a todo o objecto humano, affastando-se de tudo, o que chamamos mundo visivel, se o demonio na imaginação, e fantasia com a lembrança do passado lhe armava huma guerra invisivel. Não, Magdalena, dizia o demonio, não he possivel passar em tão breve tempo de hum extremo a outro: *Nemo repente fit summus*; passar da Cidade ao deserto, da conversação á solidão, será conversão de pouca dura. Quem se costumou a ter por sua morada hum palacio, pouco poderá durar em huma cova alpestre. Nunca peccou de ingrato, quem teve sangue fidalgo nas veias; muito mais quando a pessoa he amorosa de genio, e branda por natureza, então virar as costas, a quem idolatrava aos vossos olhos, he huma especie de tyrannia, que nunca teve jazigo na Corte. Quantos chorão agora em

Be-

Betania, porque não vos vem chorar neſſa gruta; e ſe agora pudeſſem enxugar as voſſas lagrimas, logo pararião as ſuas. Quantos ſuſpirão por não poder ouvir hum dos voſſos ſuſpiros, que ſe os écos deſta eſpelunca lá retumbaſſem, como cá retumbão os voſſos ais, já Betania, já a Paleſtina, já a Judea toda formaria a ſua Corte neſte deſerto. Bem ſei que o voſſo Divino Meſtre vos inculcou a penitencia, e que enſina no ſeu Euangelho, que não ha de ſer no inverno da velhice: *Orate, ne fuga veſtra fiat in hyeme*, mas tambem vós não deveis fazella na primavera dos annos, pois com a flor da mocidade corre riſco evidente de não ſe vingarem os frutos della. Seja logo no verão da vida, quando a idade já vai para madura; e aſſim vingando os deſejados frutos da penitencia, ſe lograrão ſazonados: *Facite vobis fructus dignos pœnitentiæ.* Até aqui o demonio para enganar a Magdalena, a fim de que ceſſando as lagrimas, differiſſe a penitencia. Mas ella, como quem ſe deſperta de hum leve ſono, abrio os olhos da alma, e conhecendo o engano, começou a flagellar-ſe. Dobrava os ſuſpiros, e redobrava os açoutes, e entre as lagrimas, e ſaluços dizia: Chora, peccadora, chora. Chorou Ezequias, e chegando ás portas do Inferno, com as lagrimas apagou aquelle incendio. Peccou David huma ſó vez, e com tudo as lagrimas forão tão abundantes, que de dia lhe ſervião de bebida, e de noite lhe allagavão o leito, em que ſe recoſtava: *Potum cum fletu miſcebam, & lacrimis ſtratum meum rigabam.* Poucos inſtantes durárão as negações de Pedro, quando por medo ſe moſtrou vacillante no amor de ſeu Meſtre; e com tudo deſpenhava-ſe de dia, e de noite em huma torrente de lagrimas, que ſulcando as faces, deixárão formados dous regos, por onde continuamente corrião: *Petrus autem*

Matth. c. 14.

Luc. c. 3.

Pſalm. 6. Pſalm. 101.

Matth. c. 26.

amarè flebat. Chora, peccadora, chora Magdalena, não por temor do eterno tormento das trévas, merecendo os teus olhos de ver nunca mais a luz Divina: *In æternum non videbit lumen.* Chora, Magdalena, e refina as tuas lagrimas, chorando as ausencias do teu amante Jesus, que para ser teu Esposo, te perdoou tantas culpas, para depois dotar para sempre a tua alma com o lume da Gloria. Até aqui Magdalena, ensinando-nos com o seu fervor o modo, com que havemos de rebater as tentações do demonio, e da carne. Diz S. Cypriano, que todas as vezes que a Magdalena se lembrava dos seus peccados, logo chorando se rebaptizava nas suas lagrimas: *Cùm se sordidam agnosceret, fletibus se abluit, & lacrimis se baptizat.* Muitos se alegrão, e consolão em ler, ou ouvir a conversão da Magdalena, e argumentão: A Magdalena foi pública peccadora, e não só se salvou, mas foi huma grande Santa: logo me salvarei tambem eu. Esta consequencia, diz Santo Ambrosio, he falsa, e juntamente enganosa; porque a Magdalena não se salvou, porque foi peccadora, mas porque foi penitente, e derramou muitas lagrimas. O mesmo haveis de fazer vós, se quereis salvar-vos: *Si secutus es Magdalenam errantem, sequere pœnitentem.* Larguem daqui por diante os vossos olhos o officio de ver a qualquer objecto insentivo da culpa, e tomem por officio, como diz o Profeta Jeremias, de derreter-se de dia, e de noite em lagrimas de arrependimento: *Deducant oculi mei lacrimas per diem, & noctem.* Oh doces, e mil vezes felices lagrimas, pois dellas emana a redempção dos nossos peccados: *Felices lacrimæ, quibus est redemptio peccatorum!* Estas lagrimas, diz S. Gregorio Papa, são como hum novo baptismo, que apura a vista do nosso entendimento: *Mens lacrimis baptizata vidi limpidius.* Produzem

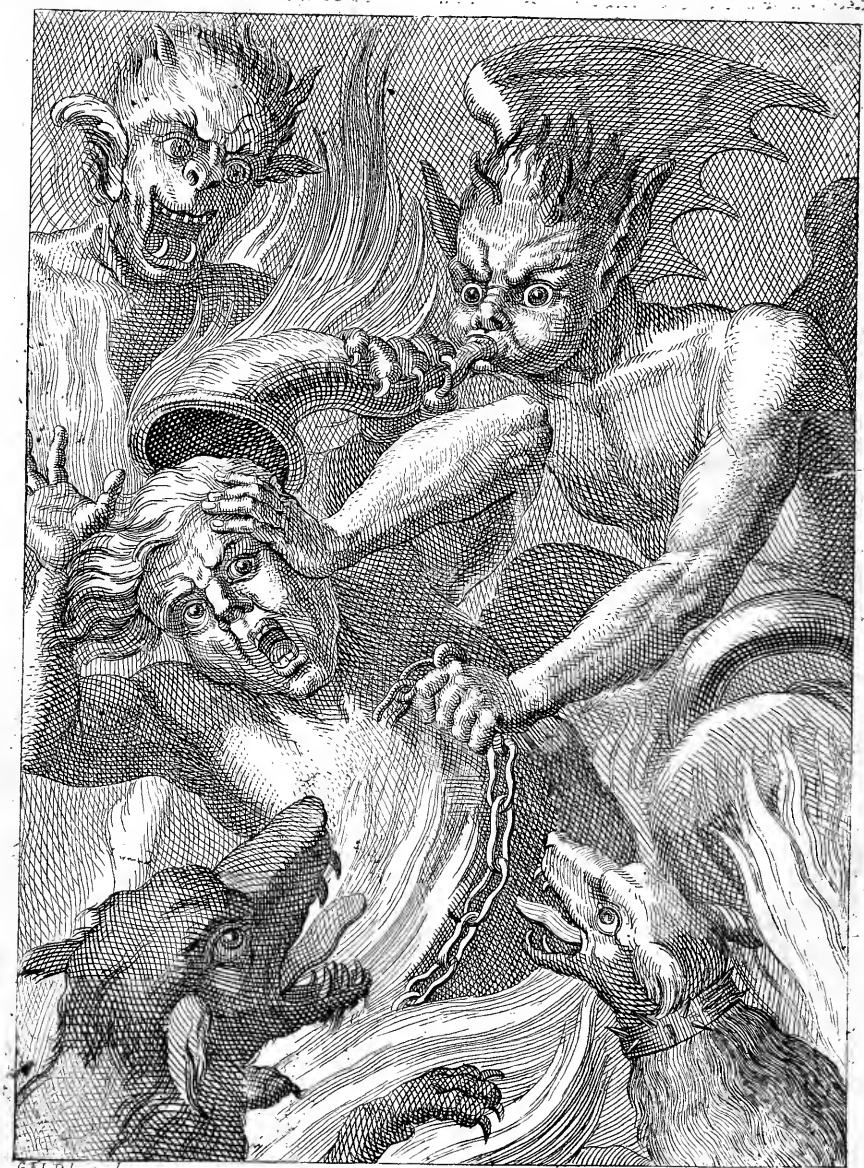
D. Cypr. orat. 22. super Mar. Magd.

D. Amb. ad Cæs.

Hierem. c. 14. Ambr. in Esam.

D. Greg. Mor.

na



G.F.L. Debrie sculp 1735

TORMENTO DOS OVVIDOS

na alma huma nova regeneração da graça, para fugirmos das trévas do Inferno, e alcançarmos o lume da Gloria, que he a eterna Bemaventurança.

DISCURSO III.

Do tormento dos ouvidos.

Vox Citharedorum, & Musicorum non audietur amplius. Apoc. 18.

A Musica, arte admiravel, pedra iman dos corações humanos, ainda que a fação nascida na obscura officina de Tubalcain, quando com os harmoniosos golpes dos trez martellos, com unisona dissonancia retumbando, fez obedecer, e servir o ferro ao bom, ou ao máo uso desta triste vida, com tudo, não faltão Authores, que digão ser Divina a sua origem, trazendo os seus principios da sciencia infusa em Adão. Aristoteles chama á Musica alivio, e refrigerio das nossas penas. Platão huma doce, ainda que effimera sepultura dos nossos cuidados. Os Gregos contavão a Musica no numero das sciencias, e fazião as mesmas honras aos Musicos, que aos Poetas, coroando-os com coroas de louro. Santo Agostinho, que com a agudeza da sua penna escreveo seis livros em louvor da Musica, prociama a Solfa por arte Divina; e queixando-se que a sua natureza não seja conhecida, antes desprezada na terra: *Quoniam vilescit in terris*, ameaça ao mundo com dizer, que tornará a recolher-se no Ceo; e julga que o ser alguem amante da Musica, he hum final, ou huma tal qual congruencia

Jos. Ebor. l. 6. de antiq.

Lib. 8. pol.

Lib. 4. de Rep.

Aug. l. 1. de Mus.

encia de ser predestinado. Canonizou pois Deos a Musica como santa, quando ordenou, que no seu Templo houvessem quarenta Musicos com largos estipendios cada anno, para cantarem de dia, e de noite os seus louvores: *Universi ad cantandum in Templo Domini, distributi erant, in cymbalis, psalteriis, & citharis.* Por isto S. Gregorio Papa não deixou de ser grande, por ensinar elle mesmo aos moços do coro o cantochão, que do seu nome se chama o Gregoriano, nem S. Luiz Rei de França abateo da sua Magestade, nem Carlos Magno poz em menos preço a coroa imperial, porque ambos honrárão as solemnidades da Igreja com cantarem publicamente nella. Pois se a Musica he huma arte, que os mesmos Anjos exercitão, como se ouvio em Belém no nascimento de Christo: *Gloria in excelsis Deo*, se he hum ensaio da Bemaventurança, se he hum rasgo da Gloria do Paraiso, como logo tanta gente por causa della se perde? E quanto mais suave, e delicioſa parece aos ouvintes, com tanto maiores penas lhes atormentará os ouvidos no Inferno. E esta será a total materia deste Discurso, em que mostraremos os grandes males, e damnos, que causão as cantigas deshonestas, e os bailes, e danças indecentes, até fazerem estrago total nos povos, e Republicas; e no fim veremos a terribilidade dos tormentos, que soffrerão estes Musicos, e tangedores, que povoárão o Inferno de tantas almas, que com a sua innocencia, e cantigas devotas estarião no Paraiso. O uso bom, ou máo da Musica; o ouvir, ou cantar cantigas licitas, ou illicitas, he o que merece o premio, ou a pena, he o que dá a vida, ou a morte.

Paral. 1. c. 15.

Pau. Idiac. in vita.

Luc. cap. 1.

Doutamente advertio Platão a todos os Magistrados, que por nenhum caso consintão na sua Republica mudanças de Musicas, porque estas nunca se fa-

fazem ſem mortaes parociſmos no governo, e ſem notavel prejuizo das Leis: *Nunquam enim Muſici modi mutantur, abſque maxima legum civilium mutatione.* E tenho reparado ſer iſto aſſim, porque neſte Brazil, depois que ſe inventárão certos generos de bailes, e cantigas, no eſpaço de quinze, ou vinte annos, vão ſerpando os vicios, e depravando-ſe os coſtumes com maior licença, e publicidade; e ainda que o Prelado, como Ercules Eccleſiaſtico, com a clava do ſeu baculo paſtoral faz o poſſivel para extinguir eſta hydra, cortando-lhe com a eſpada da Igreja a cabeça, o eſpirito infernal do aſmodeos faz naſcer logo outras mais peiores, que os ſete demonios, de que Chriſto falla no ſeu Euangelho: *Cùm immundus ſpiritus exierit, tunc vadet, & aſſumet ſeptem alios ſpiritus nequiores ſe, & fiunt noviſſima peiora prioribus.* E que a Muſica com huma doce violencia prenda os corações, troque os affectos, e mude os coſtumes, he couſa tão certa, como a experiencia em tantos caſos o tem moſtrado, e nós o moſtraremos com o que ſe ſegue mais adiante.

Plat. Dial. 8. de Rep. apud Stob.

Luc. 11.

Alexandre Magno foi deſde infante inclinado a ouvir, e tocar inſtrumentos, até que o ſeu rigido pedagogo lhe diſſe, que a ſua mão real fora talhada para o Sceptro, e não para o plectro: *Non ad plectrum, ſed ad Sceptrum.* Guardou porém ſempre eſpecial amor o Timotheo, celebre citaredo, e juntamente Muſico tão inſigne, que ſe aſſimelhava a Orfeo, não o fabuloſo daquelles tempos. Eſte, como fido Achates, o acompanhava ainda no exercito, onde reparando hum dia que elle eſtava com os ſeus Aulicos ſobre o triſte, e como ſonolento, armou de repente na viola huma batalha, começou a correr as cordas, primeiro as ſolas, depois todas juntas, como quem vai buſcando, e aſſegurando a conſonancia, apertando depois a pri-

Ælian. l. 3. biſ. Sabel. lib. 10. c. 8.

ma, a modo de quem toca hum clarim, carrega logo como de salto no bordão, e contraprima, parecendo hum tambor, batendo com pifaros, e sahindo no mesmo tempo com a sua voz angelica, começou a cantar: *Guerra, guerra, Alexandre; Alexandre, guerra.* Mudou semblante o valeroso Principe com subirlhe o fogo de Marte ao coração, e já com os olhos em chammas, ao modo que Turno, instigado por Juno contra os Troianos, gritou: *Ferte citi ferrum, date tela scandite muros.* Assim Alexandre desembainhando a espada, e já vestido do furor bellico, levantou a voz, e disse: *Armas, armas, toquem depressa as caixas, em fileira todos, cada hum ao seu posto.* Então Timotheo, tocando com som mais leve a retirada, e mudando com a viola totalmente a scena, com voz entre amorosa, e languente cantava: *Paz, Alexandre, paz. Ao teu valor já todo o mundo cede.* Parou o invicto Heroe, e já com o vulto sereno, já despindo as armas, mostrava nos olhos o fogo marcial apagado. Continuando pois Timotheo os seus vilanscos, e descantes, com a fineza da arte, e com o languido do som fazia acabar a voz em deliquios; e Alexandre passando com suave metamorfosis de leão a cordeiro, experimentou em si a velubilidade dos seus affectos; que quando os imaginava mais terriveis, como soldado valente, ao som de huma viola se deixou cahir desmaiado, como hum amante.

Plut. in vita.

Virg. l. 9.

Esta he a suave violencia, com que o objecto presente da Musica attrahe a si a potencia sensitiva dos ouvidos; e ainda que nunca poderá predeterminalla fysicamente, com tudo com suavidade, e doçura a obrigará a privaricar, e seguir, o que por via do som, e do canto se representa na alma, como se verá claramente neste successo. Foi cercada a Cidade de Groninga em Hollanda por Alexandre Farnesio no anno

no 1568. Tem o torrião da Cidadella seis columbrinas de bronze, fabricadas pelo artifice com tal industria, que pelas vozes suaves, que lhes sahião da bocca, quando o fogo as animava na polvora, lhes derão os nomes das seis celebres syllabas, *do*, *re*, *mi*, *fa*, *sol*, *la*, que são os elementos, com que se compõe toda a Solfa, e a escada, por onde se sobe ao mais sublime da arte do canto, ou doce encanto da Musica. Eu me persuado a que seria huma delicia, quando applicando escassamente, a modo de relampago, o fogo no ouvido do bellico instrumento, como se désse a alma ao ferreo parto, que encerrava nas entranhas, o vomitava pela bocca com tal impeto, que aballando com o sonoro estrondo a terra, emulava os mais medonhos trovões do Ceo. Começava com a syllaba *do*, seguia-se o *re*, depois o *mi*; este affinado a tiple, aquelle imitando o contraalto. Continuava o *fa*, *sol*, *la*; hum fazendo o papel de temor, o outro de oitava baixa, e todos de falsetes, conforme a maior, ou menor medida da polvora, que lhes dava o espirito, e alento, para sahirem as vozes entre si enlaçadas, e ajustadas ao metro, que a simetria do perito artifice inventára. Cousa prodigiosa! Que seis canudos de bronze, que em Latim se chamão tormentos da guerra: *Tormenta bellica*, mais aptos a saciar o furor de Marte, que a mover a mansidão, ou piedade, compunhão huma nova casta de orgão, cujas vozes tão compassadas sem compasso, agora tristes, e querullas, depois alegres, festivas, e pausadas, sem pausas, se desfazem em gargantejos tremulos, em cadencias sustenidas, em passagens volantes, e em fugas acceleradas; e assim discordemente concordes, retumbando os quatro elementos com o éco, como se lhes dessem os euges, recreavão os ouvidos humanos com hum som tão suave, e magesto-

Famistr. l. 7. an. 1568.

toso, que parecia a harmonia do mundo, ou a melodia Pytagorica das esferas; porém os effeitos forão tão differentes das vozes, que sahindo impetuosos, a modo de coriscos, os globos de ferro, onde cahírão, ou batêrão, fizerão tal estrago no exercito, que incendiando, e destruindo, não respeitando nem aos quartos dos Generaes, que mandão, nem aos quarteis dos soldados, que obedecem, tudo arruinárão, e a todos derrotárão, até o mesmo campo ficar todo assolado. Assim acabou a suave, e juntamente horrorosa melodia das vozes destes canudos de bronze, que, como se fossem sinos, ao mesmo tom, e tempo, em que alegres os cercados festejavão com repiques a vitoria, officiosos, e tristes se dobravão para os funeraes dos sitiadores.

Nunca li, nem ouvi instrumentos da Musica nem tão pezados, e graves, nem tão curiosos, e terriveis. Sei eu andarem celebres entre os Poetas Orfeo, e Anfion, este inventor da Solsa, e filho de Mercurio, aquelle filho de Apollo, Deos da Musica; porém ambos na pericia de tocar instrumentos erão mestres tão eminentes, que senhoreavão os sentidos não só dos racionaes, mas tambem dos brutos, e de todo o creado. O racional elevado ficava attonito; o sensitivo dos brutos na fantasia, e apprehensão parava suspenso; os passaros em ouvindo todos os instrumentos, como se fossem capazes de Solsa, largavão os pomares, e ao som da cithara, cantando, e dobrando, se desfazião em cantos, e gargantejos. Cousa maravilhosa, senão fosse fabula inventada pelos Poetas; pois ainda as mesmas pedras insensiveis, como puxadas, dá huma força magnetica, do mesmo modo que a pedra Iman attrahe o ferro, seguião a doce melodia do canto, e da cithara, e em tanta quantidade, que fazendo como corte a Anfion,

e Or-

e Orfeo, amontoando-se em toda huma sobre a outra, deo materia a fingirem, que com ellas assim arrumadas se fabricárão os muros da famosa Cidade de Thebas:

Fertur, & Anfion Thebanæ cenditor arcis.
Saxa movere sono testudinis; & prece blanda
Ducere, quo vellet.

Hor. de art. poet. Ovid. Metam. lib. 10.

Reparemos nas palavras: *Ducere, quo vellet.* Quer dizer, que o objecto dos ouvidos nos levará por onde quizer. Bem sabião Ovidio, e Horacio, varões tão doutos, e entendidos, que nem as arvores se arrancárão do lugar, em que estavão plantadas, para ouvirem a Orfeo, nem as pedras sahírão das suas torrentes, movidas da cithara de Anfion; porque se erão insensiveis por natureza, como podião ouvir, que he hum dos sinco sentidos? Fallavão logo metaforicamente, dando-nos a entender, que huma voz cantadora passa logo a encantadora, e feita huma circes, transforma o racional em bruto, e o sensivel no insensivel, como Hesiodo, e Natal Comite explicão as suas notas.

Vide dict. hist. v. *Circes.*

Temos a prova evidente na Sagrada Escritura no mais sabio, e entendido homem do mundo. Escassamente ouvio Salamão as cantatrices estrangeiras, as Moabitas, e Sidonias, que de racional o mais perfeito se transformou em bruto o mais estólido: *Depravatum est cor ejus, ut sequeretur Deos alienos.* Commenta Cornelio À' Lapide: *Depravatum est cor ejus per mulieres, hæ enim Sidoniæ*, que são as cantatrices, *quæ dementaverunt eum.* Fizerão-no louco, privárão-no do juizo, *dementaverunt*; pois quem he louco, e já não tem o uso da razão, que he o racional, ficalhe só o sensitivo, que he o constitutivo dos brutos. Ora fatal maga, e terrivel Circes he a Musica, que sem ser fabula, mas com toda a verdade de racionaes

2. Reg. c. 11.

Cornel. À' Lap. ibi.

nos

nos transforma em brutos! Mas oh grande miseria dos nossos ouvidos! Ainda as cantatrices fizerão a Salamão peior que bruto. Obrigárão-no a adorar a Astarther, Deosa dos Sidonios, que era entre os Hebreos a Deosa Venus de Grecia; obrigárão-no a dar incenso a Moloch, Idolo dos Moabitas, chamado o Deos da luxuria: *Sed colebat Salomon Astarthen Deam Sidoniorum, & Moloch idolum Ammonitarum.* E ainda o obrigárão a maior excesso, que não fora crivel em hum homem, que por antonomasia se chama a mesma sabedoria, senão fora de fé, e foi, que levantou hum sumptuoso Templo a Chamos, Idolo dos Moabitas, que era entre elles o Deos das bebedices, como Bacco entre os Gregos: *Tunc ædificavit Salomon fanum Chamos, erat autem Chamos Deus temulentiæ, sicut, & Baccus*, exposição do grande Cornelio A' Lapide. A tanto não se atrevêrão com as suas poesias nem os inventos de Homero, nem as fantasias de Horacio, nem as transformações de Ovidio; pois estes quando muito differão, que a cithara de Orfeo, e de Anfion fazião com a sua melodia as arvores, e as pedras de insensiveis sensiveis. Porém as Circes Moabiticas, e as Sereas Sidonias com o seu doce canto encantavão de maneira os ouvidos de Salamão, que chegou a dar ás arvores, e ás pedras não só o sensitivo, mas tambem o racional, e o Divino; pois bem sabia Salamão que nem o Idolo de Moloch, nem o de Chamos podião ser Deos, pois erão por essencia huma arvore talhada, e entalhada em hum simulacro de cedro, ou huma pedra debuxada, e esculpida em huma estatua de marmore.

Reg. 2. cap. 11.

Corn. A' Lap. ibi.

Tornemos agora ao orgão das bombardas de Groninga, já que ellas, a modo das trombetas de Jericó, no mesmo tempo em que as tocavão, destruião, e lançavão por terra os muros: *Et clangentibus*

Jos. 6.

bus tubis, muri illico corruerunt, e vejamos se as podemos moralizar com hum texto de S. Job, cuja explicação não he tão facil. Descreve Job a hum peccador em figura de Behemot, palavra Hebraica, que na nossa lingua significa jumento, e diz, que os seus ossos tem a fórma de frautas, ou canudos de bronze: *Ossa ejus velut fistulæ æris.* Aristoteles diz na sua Metafysica, que o composto humano he como hum orgão, e a alma he a fórma, que o informa, e o espirito, que o anima, e lhe dá a vida: *Anima est actus corporis organis, potentia vitam habentis.* E se o corpo humano he hum orgão, quem duvída que falla admiravelmente o Santo Job, chamando aos ossos canudos, ou frautas: *Ossa ejus fistulæ.* Reparo, porque causa estas frautas havião de ser de bronze? *Fistulæ æris.* Se são frautas os ossos, diga antes que são de marfim, ou de ouro, ou de prata, ou de cobre, ou de ferro. Mas não, porque todas estas cousas cada huma per si são de huma só especie. Hão bem fim de ser de bronze: *Fistulæ æris*, que he metal composto de diversos metaes. Mais. E por que o peccador havia de ser figurado em Behemot, e não em Asmodeos, ou Belsebub? Porque Behemot melhor representa a hum peccador, pois significa hum jumento, que he o animal mais vil, e estolido de todos, sem brios, sempre pigro, e por isto maltratado, e obrigado a toda a carga, e a todo o genero de trabalho, sem estimação, ou cuidado delle, antes desprezado como hum jumento. Job 40. Arist. 5. Met.

E que este seja o sentido, assim mystico, como tropologico deste texto, o Profeta Rei, que na materia da Musica, entre os mais Profetas, he o melhor contrapontista, já que Job leo na cadeira do seu muladar a sua lição de ponto, David não já com a sua arpa, mas com o orgão do seu corpo, explicará o contra-

traponto. Queixa-se pois o Real Profeta, que não
Psalm. 35. póde firmar as pazes com os seus ossos: *Non est pax ossibus meis.* E que guerra será esta, que tem David nos seus ossos, que não admitte nem tregua, nem quietação, nem pazes? *Non est pax ossibus meis.* São as frautas de bronze dos seus ossos: *Ossa ejus fistulæ æris*, que assopradas pelo demonio, fazem tinir o som de todos os metaes, agora juntos, já divididos, conforme a disposição da nossa natureza corrupta. Huma vez com o som do ouro, e da prata, que, como gerados do Sol, e da Lua, são os dous Planetas mais rutilantes, e nos instigão á soberba, e vaidade, para luzirmos melhor que os outros. O ouro, e a prata se falsificão com o cobre; e como este metal tem o influxo de Mercurio, nos insinua o roubo, o engano, a trapassa, e todo o genero de falsidades. O Planeta de Marte favorece muito o ferro; e como este metal he o ordinario instrumento para as guerras, assopra o fogo da ira, suscita os espiritos bellicosos, representa á imaginação injurias, e affrontas, e alterando o coração com hum vesuvio de colera, o faz arrojar em vinganças, precipicios, e mortes. O Planeta de Venus, tem effeitos totalmente contrarios a Marte. Chama-se este Planeta do vulgo a Estrella d'Alva, e dos Mathematicos o Planeta de Venus. He benefico ao corpo humano, e tem suas instancias benignas, e domina nos naturaes brandos, amigos de ouvirem instrumentos, e Musicas, que se forem profanas, e amorosas, affeminando-se o coração, acha-se depois com huma suave violencia engolfado em deleites, que do nome deste Planeta se chamão venereos.

Confessa agora David, como mestre da Capella tão exercitado no som destas frautas, o que experimentou em si. Chegou David do cajado ao Sceptro,

e de

e de Paſtor a ſer Rei. Conſiderava-ſe como o Sol da Judea, coroado de tantas luzes, quantas erão as pedras precioſas, e peças de ouro guardadas no ſeu theſouro, cortejado de tantos Planetas, quantos erão os Principes, e Grandes da ſua Corte. A' viſta de tanto poder, e grandeza tocou o eſpirito maligno a frauta da vangloria, e rendido logo ao ſom della, mandou aliſtar por Joab, no eſpaço de nove mezes, hum milhão, e trezentos mil homens de armas; oſtentação, de que Deos ficou mui irritado. Fez a penitencia, que Deos pelo Profeta Gad lhe mandou eſcolher. Mas que importa ſe elle da galaria do ſeu paço, ouvindo outro ſom mais ſuave de outra frauta, que neſta occaſião lhe ſervio tambem de canudo de oculo de ver ao longe, para alcançar a Berſabé, que ſe eſtava lavando: *Vidit mulierem ſe lavantem.* Foi-lhe recado, veio ao paço, e do meſmo modo que Dina com o Principe de Sichem, aſſim Berſabé tornou indigna para ſua caſa: *Et reverſa eſt in domum ſuam concepto fœtu.* Entrou depois outra frauta de ferro, que tocando em tom de guerra a batalha, na qual ficou vencedor Behemot, deſtruindo, e aniquillando ao pobre Urías, marido de Berſabé, que teve, com lhe tirarem a ſua conſorte, tão pouca ſorte, porque perdeo a honra, o credito, e a vida.

2. Reg. cap. 24.

2. Reg. cap. 11.

Gen. 34.

Com a deſconcertada melodia deſte orgão gaſtou David mais de hum anno, até que allumeado pelo Profeta Natan, conheceo que as faltas deſta ſolfa não erão minimas, nem ſeminimas, mas graves, e agudas, e todas corridas, procedendo não tanto da ruim materia das frautas, quanto do eſpirito, que com malicioſo aſſopro as animava. Oh luz Divina, quanto es poderoſa, quando entras em huma alma! Conheceo David que o concerto das frautas deſte noſſo orgão corporeo conſiſte na harmonia das paixões

xões ajustadas á razão, e que os descantes verdadeiros são as frequentes jaculatorias em Deos; assim trocando as delicias da solfa, que recrea os sentidos, com a penitencia, que conforta a alma, confessou, que todo o som, e canto profano era hum encanto vicioso: *Ossa mea velut fistulæ æris*; que com este nunca terião pazes os seus ossos: *Non est pax ossibus meis*; e que finalmente elle era o verdadeiro peccador figurado em Behemot, que se tinha transformado, e feito jumento: *Ut jumentum factus sum apud te.*

Para ficar a musica desta doutrina mais concorde, e perfeita, atrás dos instrumentos do pai seguem-se os cantares do filho. Diz pois Salamão no
Cant. 7. capitulo setimo: *Quid videbit in Sunamite, nisi choros castrorum*! Que se póde já ver na Sunamite, senão arraaes, tendas, e esquadrões armados! Difficultoso texto, e não menos duro que o de Job com os ossos de bronze. Se a Sunamitis he figura de huma alma elevada a Deos com hum extase, gozando as musicas do Paraiso, como diz que se não acha nella senão clarins, e tambores da terra? Se ella está solitaria, e pacifica na contemplação, como a faz entre os exercitos, e tumultos de guerra? E se finalmente Sunamites no original Hebreo significa *Dormiens*, está repousando no seio do seu Dilecto: *Dilectus meus mihi, & ego illi*, como quer que seja sentinella com continuadas vigias contra os seus inimigos? Reparou Salamão que seu pai David, bem sete vezes no dia, pegando na sua arpa, cantava louvores a Deos:
Ps. 118. *Septies in die, laudem dixi tibi.* Reparou tambem que de dia, e de noite estava meditando o modo mais seguro para guardar perfeitamente a Lei do seu Se-
Ps. 123. nhor: *Tota die lex tua meditatio mea est.* Reparou finalmente que destes canticos repetidos, e desta meditação continuada tirava David por consequencia:

Per-

Perſequar inimicos meos, & comprehendam illos: Farei guerra aos meus inimigos, e os reduzirei á minha obediencia, até eu ficar ſenhor abſoluto delles. Entendeo então que eſtes inimigos erão as frautas do orgão do ſeu corpo deſordenadas, que são as paixões da ira, do amor, e do odio; e eſcreveo então nos Cantares: *Quid videbis in Sunamite.* Eis-aqui a alma elevada em hum extaſe com a ſuave muſica da contemplação: *Niſi choros Caſtrorum.* Eis-ahi o perſeguir os inimigos, que são o demonio, o mundo, e a carne. Admiravelmente a eſte propoſito Theodoreto, ſobre eſte meſmo texto, approva, e confirma quanto temos dito: *Dum apud Altiſſimum preces fundit, & muſici officium facit, & militis; Muſici quidem dum placat iram Dei, Militis dum vincit ſeipſum.* Eſtas são as muſicas, ás quaes neſta vida havemos de applicar os noſſos ſentidos com cantar, e ouvir os louvores de Deos, e no meſmo tempo pelejar com os noſſos vicios o vencer noſſas paixões: *Muſici officium facit, & militis.*

Foi reparo de Marco Tullio, que nas Cidades da Grecia, com as mudanças das muſicas, ſe mudárão tambem os coſtumes dos povos, tornando-ſe de guerreiros em effeminados, até ficar a Grecia, que era o theatro de todas as ſciencias, como huma cloaca de immundicias. Só os Lacedemonios, como ainda eſtavão freſcas na ſua Metropoli de Eſparta as Leis de ſeu Legislador Licurgo, vivião mais commedidos, porque com a infallivel execução das penas não conſentia o Senado que paſſeaſſem deſcaradas as culpas. Não forão aſſim os povos Sibaritas, que eſquecidos da deſtruição, e incendio de Troia ſua patria, entregando-ſe a todo o genero de delicias, ſoltárão as redeas aos vicios; e, como ſe feſtejaſſem a ſua Elena, não contentes das ſuas muſicas, e dan-

ças, ensinárão tambem ao som sustenido, e grave de humas frautas a bailar com arte os seus mesmos cavallos. Oh quanto melhor fora que os cavallos, em lugar de se adestrarem com o som madioso das frautas para o baile, se ensaiassem com o tenir afinado das trombetas, e com o marcial estrondo dos tambores, que lhes suscitassem os brios para a peleja! Succedeo depois entrar o pomo da discordia entre os Lacedemonios, e Sibaritas, ainda que os Authores Gregos não especifiquem qual foi o Pariz, que o lançou. Só convém todos que os Sibaritas preparárão hum exercito numerosissimo, cuja noticia certa deo tão grande abalo á Republica de Esparta, que chamados a Concelho os Senadores, todos votárão concordemente, que o numero de trezentos mil combatentes, posto em parallelo com a limitação da gente de Esparta, que com grande trabalho poderia ajuntar trinta mil, era querer huma formiga pelejar com hum elefante; porém que se se mediſſe a desigualdade do numero dos soldados com o differente valor das duas nações, no calor do combate se acharião trinta mil elefantes contra trezentas mil formigas. Acordárão mais, que o genio dos Sibaritas mais era inclinado a ouvir concentos musicos, que instrumentos bellicos; e que mais depressa armavão com os pés huma dança, que nas mãos huma lança. Mas porque o valor só não basta, quando as forças são demaziadamente inferiores, determinárão valerse de hum estratagema, com que asseguraſſem a vitoria. Escolhêrão a huns poucos de soldados, dos mais fieis da Republica, e mandárão-os, como fugidos, e queixosos, passar para o exercito inimigo com instrucção secreta de comprarem as frautas de metal, e aprenderem as peças, a cujo som costumavão dançar os cavallos. Chegárão ao exercito, e fingindo-

se

se traidores, pedirão que os alistassem debaixo das bandeiras inimigas. Não forão admittidos a servir no exercito, porque erão fugitivos, conforme ensina o mestre da arte Militar Vegecio: *Transfugæ nullo modo in exercitu admittendi.* Buscárão logo aos tangedores, e tratando amigavelmente com elles, porfiavão que não era possivel que huns brutos, como são os cavallos, aprendessem bailes, e dançar a ponto. Da porfia passárão á aposta, da aposta á execução do baile, e do baile ao ensino; e assim ensinados, comprárão-lhes os cavallos, e juntamente as frautas; depois induzidos os mesmos tangedores com hum disfarce notavel, passárão outra vez para Esparta, onde os estavão esperando já preparados para a guerra. Vírão, e ouvírão assim as frautas, como os bailes, e cavallos; e certificados como o estratagema havia de sortir o seu effeito, assentárão de accommetter ao inimigo. Chegárão á vista dos dous exercitos, e accommettendo os Lacedemonios com impeto, fizerão forte resistencia os Sibaritas com a cavalleria, mas durou pouco; porque tocando as frautas a costumada melodia, e applicando os cavallos os ouvidos, parárão logo de repente; e o inimigo, entrando dentro das fileiras com socego, fazia grande estrago. Feridos os Sibaritas, ferião com as esporas os cavallos; porém estes obedecendo ao som das frautas, sem dar passo adiante, bailavão com maior força; e o inimigo, já entrado no exercito, degollando, proseguia no estrago. Conhecendo os Sibaritas que perdião a batalha, por terem cavallos dançantes, tocárão a retirada, por não ficarem de todo derrotados; porém os tangedores affinavão as frautas, e os cavallos tomando maiores brios, levantavão as mãos, e com saltos compassados pizavão o mesmo terreno no seu posto. Galharda vista, e na

Virg. l. 3. de Art. Milit.

verdade alegre, se com huma peripecia simultanea não obrasse effeitos encontrados; pois no mesmo tempo que os cavallos erão a recreação dos olhos, os cavalleiros forão o objecto da mais lastimosa magoa; porque os Lacedemonios, vendo a invenção do estratagema correr com toda a felicidade, forão ferindo, e degollando até ter completa a vitoria.

Este estratagema, que a muitos parecerá novo, se os que lerem este livro, tiverem com o lume da Fé abertos os olhos da alma, acharão ser mui antigo; e que, primeiro que os Lacedemonios, se servírão sempre delle os demonios. Supponhamos que hum moço, inclinado desde a primavera dos seus annos a ouvir musicas lascivas, aprende a tocar huma viola; as primeiras peças hão de ser de danças, e bailes; os primeiros descantes hão de acompanhar cantigas amorosas. E que importa que a voz sahindo do laringe, como por hum cano de prata, seja angelica, se no repercutir do ar fórma taes palavras, que se faz diabolica. Esta voz, que parece tão doce, unida com o som tão agradavel, entrando pela porta dos ouvidos, infunde insensivelmente no coração huma casta de veneno, que quanto mais suave, e amigo do corpo, tanto mais mortifero, e inimigo da alma. Assim inficionado passa o moço mezes, e annos neste exercicio, sempre em musicas, sempre em cantigas, e bailes. Chega depois huma doença, crescem os simptomas, o corpo enfraquece, e a pobre alma, se não está immersa, como a alma dos brutos, na materia: *Lutea vasa portans*, vive submergida no viscoso lodo dos vicios: chega finalmente a morte, e quero que a misericordia Divina permitta não ser apressada, nem repentina, mas que depois de alguns dias de perigosa doença, de certo final ao Medico, que he tempo de tocar o rebate,

Aug. hom. 10.

para

para tomar as armas dos Sacramentos, e preparar-se para a agonia (palavra que significa: *Certamen ultimum.*) A ultima batalha campal; ou para vencer para sempre, ou para sempre ficar vencido. A Confissão geral já não he a tempo, porque os dias antecedentes, em que havia de cuidar, e dispor-se para ella, se gastárão em tocar instrumentos para aliviar ao doente. Apenas se confessa do que se lembra naquelle instante, que logo vem o Paroco com o Santissimo Viatico, e pouco depois o Coadjutor com os Santos Oleos, para consolar, e confortar o enfermo neste ultimo transe para a outra vida. Isto assim admiravelmente disposto, vejamos agora a traça occulta, com que este miseravel peccador com hum successo tão prospero fica enganado. Entra já na agonia, já o sirro lhe aperta a garganta, já perde a falla, e a vista, e já não ouve. Põem-se de joelhos o Sacerdote com os mais circumstantes, e chorosos rezão as Ladainhas com as mais orações da Igreja, para que com a sua intercessão acudão propicios, com a Virgem nossa Senhora, o Santo do seu nome, e S. José, com os seus Advogados, e Protectores. No mesmo tempo ajuda-se invisivelmente huma legião de demonios, que com as violas, e mais instrumentos na mão despertão, e avivão na fantasia do moribundo os bailes, e saraos, com as mais musicas deshonestas. Repetem com som imaginario, e com vozes fantasticas as mesmas palavras das cantigas, com os mesmos descantes, que as acompanhavão. E o pobre do enfermo, ainda que prostrado de forças, acostumado como Sibarita a viver entre as sonóras delicias, firma-se voluntariamente na lembrança dos gostos passados; e o coração, que ainda vive como bruto, torna a desejar, e recrear-se no que em vida sempre amou; e a vontade, que pelo

espaço de tantos annos nunca soube, nem quiz resistir, ou vencer-se, em violencia se rende, e inclinada pelo máo habito se dá por vencida.

Finalmente, vendo já o Sacerdote os sinaes certos da morte, e que por instantes se separa a alma do corpo, começa a rezar em voz alta: *Profiscere, Anima Christiana, de hoc mundo in nomine Dei Patris omnipotentis, qui te creavit.* No mesmo tempo o demonio asmodeu levanta o compasso, e os seus companheiros tocão os mesmos descantes, cantão as mesmas cantigas, a que foi sempre inclinado, e com o engano de huma falsa esperança lhe dizem: *Dum spiro, spero.* Em quanto dura a respiração no corpo, ha vida; em quanto ha vida, se póde esperar a saude: *Dum spiro, spero*; e assim em quanto a alma respirando espera, desesperada espira. Adverte o Sacerdote, que já a alma se separou do corpo; e como cuida dos antecedentes que terá lugar na Bemaventurança, reza logo: *Subvenite Sancti Dei, occurrite Angeli Domini, suscipientes animam ejus, offerentes eam in conspectu Altissimi.* Chama aos Santos da Corte do Ceo que a acompanhem, e aos Anjos que a levem á presença do seu Creador, e lha offereção como sua; porém como a alma no mesmo lugar, onde se apartou do corpo, ahi ficou julgada, em quanto os parentes preparão o enterro ao seu corpo, arrastrada da commitiva dos demonios, que a tentavão, já vitoriosos, e triunfantes a levárão como sua para a sua sepultura, que he o Inferno: *Sepelierunt eam in sepulcro suo.*

In Brev. Rom.

Paral. 26.

Finalmente este he o estratagema, de que se serve o demonio, para enganar os peccadores, que nesta vida recreão os seus ouvidos com musicas, e cantos lascivos. Oh triste, e desgraçada alma, como ficaria desenganada naquella ultima hora, quando se

se vio entregue a Lucifer! Aquelle infernal monstro olhando para ella com vulto medonho. Vós sois, lhe disse, aquelle, que no mundo gastastes a melhor parte da vossa vida com som madioso em cantigas deshonestas? O' lá meus collegas, fazei-lhe ouvir para sempre as musicas do Inferno. E que diversos instrumentos ouviria, e ouvirá eternamente! Que gritos importunos! que alaridos insoffriveis! que estrondos medonhos! e que ais desesperados!

Dionysio Rei, e juntamente tyranno de Sicilia mandou em Siracusa fabricar hum ouvido de pedra marmore do mesmo modo, e arquitectura dos ouvidos humanos, e o fez collocar no meio da abobeda da prizão, que estava debaixo de seu palacio, com o beneficio de hum canudo de bronze, que começava da summidade do ouvido artificioso, e hia acabar no gabinete do cruel Principe, onde estava ouvindo todas as queixas, e suspiros dos miseraveis prezos, como se na mesma prizão morasse com elles; porém ou as queixas que fazião erão justas pela tyrannia, que sem culpa experimentavão, ou as palavras fossem encomios, ou vituperios, que delle dizião, sempre lhe davão gosto; porque Dionysio, como tyranno, satisfazia a huma curiosidade propria, e voluntaria de os ouvir queixosos, e desesperados. Na prizão porém do Inferno não he assim: *Vox citharedorum, & musicorum non audietur amplius.* Nunca mais ouvirá aquella viola tocada por pontos, que tanto lhe agradava, nem aquella bella voz, a que chamava o seu feitiço, nem aquellas comedias, que erão o seu encanto; antes ouvirá tudo ao contrario. Não se ouvirá gemido, que não dê pena, nem voz, que não moleste, nem blasfemia, que não irrite. As mesmas cantigas, que neste mundo forão o nosso feitiço, cantadas no Inferno, com vozes desentoadas, e

fantasticas, tocadas com bozinas de corno, e outros instrumentos medonhos, e horrorosos, accrescentarão particular tormento, verificando-se o que diz o Espirito Santo, que pelos mesmos sentidos, com que
Sap. 22. peccámos, seremos punidos: *Per quæ quis peccat, per hæc & punietur.*

Nem será já necessaria a industria do ouvido de pedra, nem do canudo de bronze; porque se Guglierme, Duque de Mantua, no palacio da sua quinta, que se chama a Virgiliana, tem huma sala de notavel grandeza, fabricada pela grossura das paredes com tal artificio, que qualquer palavrinha dita em voz secreta, ou tenue respiração em hum canto, ouve-se distintamente no outro, que será pois da prizão do Inferno! Que estando necessariamente no centro da terra, tem fórma concava, porque he como hum globo redondo, cujas paredes são da largura de mil e quinhentas leguas. Aquella horrenda gritaria dos demonios, aquella confusão de vozes desentoadas dos condenados, aquellas blasfemias horrendas, nascidas de corações desesperados, aquelles ais lançados da bocca, não para mover os circumstantes a compaixão da sua miseria, mas por hum odio entranhavel de se comerem, se pudessem, huns aos outros; em qualquer parte que esteja botado o miseravel prescito, amigo de bailes, e cantigas, tudo ouvirá tão clara, e distintamente, como se qualquer voz desunida das outras estivesse tinindo nos seus
Jerem. 19. ouvidos: *Omnis qui audiet, tinient aures ejus.* E que será ouvir todas estas vozes juntas, como se fossem separadas? Será, como escreve o Santo Monge Dionysio Cartusiano, accrescentar as dores, multiplicar as magoas, comerem-se eternamente em desesperações, e raivas: *Suis quoque clamoribus augebunt miseriam mutuam.* Oh tormento insupportavel! Oh pena insofri-

frivel! que bem conſiderada, baſtará para a emenda, e para tomar horror a todo o genero de muſicas deshoneſtas.

Quero tratar do fim deſte Diſcurſo, começando por huma ſentença de S. Bernardo, a qual cifrando em duas palavras quanto até agora temos dito, e ſe poderá dizer do penoſo tormento dos ouvidos, bem ponderada, e com vagar ao lume da Fé Catholica, ſervirá de deſengano a todo o peccador, que nas delicias do canto acha o ſeu encanto: *Damnatus in Inferno ſemper audiet, quod nollet; nunquam audiet, quod velit.* Terrivel ſentença para huma alma condenada! Sempre ha de ouvir o que não quer: nunca ha de ouvir o que quer: *Semper audiet, quod nollet, nunquam audiet, quod velit*: Sempre ha de ouvir vozes, que o atormentem; nunca ha de ouvir huma voz, que o conſole: ſempre ha de ouvir gritos dos demonios, que o atemorizem; nunca ha de ouvir hum ſuſpiro, que delle ſe compadeça: ſempre ha de ouvir rumores, e bulhas, que o perturbem; nunca ha de experimentar hum ſilencio, que o ſocegue: ſempre ha de ouvir alaridos, que o deſpertem; nunca ha de ouvir hum deſcante, em que deſcance: ſempre ha de ouvir toádas ſem tom, que o entriſteção; nunca ha de ouvir hum tom entoado, que o recree: ſempre ha de ouvir huns ais medonhos, que o deſeſperem; nunca ha de ouvir hum ai compaſſivo, que o alivie: *Semper audiet, quod nollet; nunquam audiet, quod velit.* Oh alma deſgraçada! Oh peccador infeliz! Quanto melhor te fora applicar os teus ouvidos em ouvir a palavra de Deos, que conſola, e promette a vida eterna: *Domine, verba vitæ æternæ habes.* A differença que ha entre os predeſtinados, e preſcitos, vem a ſer, que os predeſtinados ſe anticipão para ouvirem as muſicas do Paraiſo com ou-

Bern. ad Fr. de Mont.

Job c. 6.

vi-

virem a palavra de Deos, e cantarem louvores Divinos: *Qui ex Deo est, verba Dei audit*; e os prescitos ouvem, e cantão as cantigas deshonestas, que são os preludios das musicas do demonio: *Propterea vos non auditis, quia ex patre diabolo estis.* Como veremos no exemplo seguinte, referido, e citado por varios Authores fidedignos; e este espantoso caso servirá de desengano, e fim deste terceiro Discurso.

Job c. 8.

Morreo improvisamente hum destes sardanapolos, cuja vida foi empregada em bailes, e cantigas, e com estas provocando a outros, dava maior fartura á sua deshonestidade. Para nosso ensino quiz Deos que hum Santo seu servo, que estava em contemplação visse a entrada, e recebimento, que lhe fizerão os demonios no Inferno. Sahírão em grande numero a encontrallo, e acompanhando-o em ala, dizião em voz: *Date locum*: Lugar, lugar, que aqui vem hum grande nosso amigo; e o levárão com grande festa á presença de Lucifer, que o recebeo com os braços abertos; e depois apertando-o com hum abraço, ficou o miseravel todo traspassado de fogo, como hum ferro ardente, que sahe da fornalha, e lhe disse: Seja v. m. muito bem vindo a este seu palacio, onde provará as delicias, que lhe tenho preparadas. O' lá, disse Lucifer aos demonios, todos abracem a este nosso fiel amigo, como nosso bemfeitor, que nos tem aqui mandado muitos, e deixa a muitos outros inficionados com o seu máo exemplo, que cedo virão cá acabar, e fazer-lhe companhia. Vejão, que virá cançado do caminho: levai-o ao meu banho, para que se regale. No mesmo tempo o lançárão em hum tanque de fogo de enxofre, em que andavão nadando muitos diabos em fórma de serpentes, e basiliscos, que lhe accrescentavão o tormento. Depois replicou Lucifer: Levem-no depressa ao seu leito, para

Spec. Exemp. 5. inf. Poli. Dom. 1. post Epiph Desp. Christ. Ser. 29.

que

que deſcance na cama. Era eſta cama huma grade de ferro, já affogueada, com brazas ardentes debaixo. Então Lucifer: Tragão-lhe agora para ſeu deleite, huma moça muito formoſa. Appareceo-lhe logo hum dragão muito eſpantoſo, que lançava raios pelos olhos, e chammas pela bocca; e abraçando-ſe com o miſeravel, lhe diſſe: Eſtes são os goſtos, e deleites, que tu deves gozar aqui por toda a eternidade; mas agora começão, eſpera pelos outros. Então Lucifer diſſe: Dem-lhe agora hum pucaro de agua para o refreſcar. Trouxerão-lhe logo huma caldeira de chumbo derretido á bocca, e o infeliz, que até então tinha calado, paſmado da novidade do lugar, e de ſe ver de repente em tantos tormentos, exclamou, bradando em voz alta: Ai miſeravel, e deſgraçado de mim! Então diſſe Lucifer: Eia, meu amigo, já v. m. eſtará deſcançado. Venha agora cantar-nos alguma letrinha. Oução todos, que cantava muito bem, e com grande garbo lá no mundo. Cante v. m. meu amigo, que recreará a todos; porém elle callava, enfadado, e triſte, pelos tormentos, que padecia. Ora cante, replicou Lucifer, que todos deſejamos, e o queremos ouvir. O miſeravel deo hum ſuſpiro, e gritou em voz alta: *Quid cantabo*? Que tenho eu que cantar? Senão que ſeja maldito o dia, e a hora, em que eu naſci. Muito bem: Proſiga para diante: *Quid cantabo*? Que cantarei eu? Malditos ſejão os pais, que me gerárão, malditos ſejão os goſtos, malditos ſejão os amigos, e amigas, que aqui me arraſtrárão no Inferno. Oh como canta bem! Vá outra letrinha: *Quid cantabo*? Que quereis que eu cante? Cantarei, malditos ſejão os Santos do Ceo, malditos ſejão os Anjos do Paraiſo, maldito ſeja tambem eu, que podendo com mortificar-me, e fazer penitencia eſtar na Gloria com elles, agora me acho, e me acharei por toda

Deſpert. Chriſt. Serm. 39.

da a eternidade com vós-outros demonios no Inferno. Oh que bella cantiga foi esta! Vá ainda outra. Eia, que não basta: *Qui cantabo*? Ainda querem mais? Maldita seja (pio, e devoto leitor, me treme a mão em escrever blasfemias tão execrandas, mas melhor he sabellas para o nosso remedio, para não dizellas devéras, quando já desesperados no Inferno.) Maldita seja a Santissima Trindade. Maldito seja o Creador, que me creou. Maldito seja o Redemptor, que me remio. Aqui o interrompêrão os demonios, fazendo huma grande algazarra, e o levárão ao seu lugar, destinando-lho no Inferno, onde está, e estará eternamente, em quanto Deos for Deos. Nem pareça a quem ler este exemplo, que a visão do Santo Anacoreta fosse hum sonho, ou alguma invenção, para terror dos peccadores. Este he o manifesto engano do demonio, que quando não póde barrer-nos do sentido os tormentos do Inferno, os diminue, ou procura que duvidemos delles. Este exemplo he hum tosco rascunho ao nosso modo de perceber, he como hum mappa em ponto pequeno, que lá no Inferno he muito peior, como vimos no primeiro Discurso, e veremos nos outros que se seguem. O ponto he que nós nos desenganemos com evitarmos todas as occasiões de bailes, comedias, e cantigas deshonestas; e em lugar dellas cantarmos a Ladainha de nossa Senhora, rezarmos cada dia o seu Rosario, que he hum grande meio, e final mais certo para assegurarmos a salvação; pois ella, como Mãi dos peccadores, rogará por nós agora, e na hora da nossa morte ao seu bemdito Filho, que nos livre do Inferno, e nos leve comsigo a louvallo para sempre na sua companhia no Paraiso.

DIS-

L.M TORMENTO DO OLFACTO

DISCURSO IV.

Do Tormento do insoffrivel fedor do Inferno.

Erit pro suavi odore fœtor. Isai. c. 3.

NUnca cuidei que o fedor do Inferno fosse tormento tão insoffrivel, que bem considerado, se não vence a qualquer das penas, que hão de soffrer os mais sentidos, pelo menos não cede, nem he menor, daquellas que mais se podem excogitar. E se hum só fedor, que he intenso, não ha quem o possa supportar por muito tempo, quem dúvida que se os fedores forem muitos, e todos unidos no mesmo lugar, e com a mesma intenção, não sejão capazes de tirar milhares de vidas no primeiro instante. Será logo o fedor do Inferno intensissimo, e totalmente intoleravel por trez razões: a primeira em razão do lugar, e do sitio; a segunda em razão da quantidade innumeravel dos corpos dos condenados; a terceira em razão da continuada assistencia dos demonios. No tocante ao lugar, diz o Doutor Angelico S. Thomaz, que depois de estar a terra bem purgada pela violencia, e actividade do fogo do ultimo dia do Juizo; depois de reduzida em cinza esta universal maquina do orbe; depois de estar purificado o mundo de todas as immundicias dos peccados, todas as fezes que restarem, ajuntadas entre si, irão por canos subterraneos a sepultarem-se na intoleravel sentina do Inferno, mais o alcatrão, o enxofre, o breu, e outras materias betuminosas, que servem de alimento áquelle fogo, accrescentarão, e levantarão em gráo mais subido

D. Thom. in 4. dist. 47. q. 2.

este

este máo cheiro. E se o ar, por puro que seja, fechado por muitos annos em qualquer morada, se corrompe de qualidade, que fica insupportavel, e pestilente, julguemos agora que taes ficarão os ares do Inferno fechados ha tantos seculos, em hum hediondo reducto de tantas immundicias, sem nunca ter por onde exhalar, ou purgar-se. Que peste refinada não causará! E quem haverá que imagine o poderá soffrer! quando aqui neste mundo o fumo de huma candea mal apagada, que lá no Inferno pareceria hum mui suave, se rende ao nosso olfato molesto, como se fosse hum fedor insupportavel: *Erit pro suavi odore fœtor.* Esta he a substancia resumida de quanto hei de tratar neste Discurso, no qual veremos em primeiro lugar quão penoso seja este tormento do fedor do Inferno; e no segundo o desengano, de que se valêrão muitos Santos para se livrar delle.

Isai. c. 3. 24.

Menos hedionda, e fedorenta seria a cloaca do Inferno, com encerrar em si todas as fezes do mundo, se os corpos dos condenados não exhalassem de si hum fedor muito mais abominavel, e asqueroso. Terrivel, e deshumano foi o tormento, que inventou a tyrannia de Mezencio Rei dos Tirenos. Este tyranno, conforme escreve, e o descreve Virgilio, com huma inaudita barbaridade mandava atar hum corpo vivo a hum cadaver já corrupto, e fedorento, ajuntando, e unindo mãos com mãos, pés com pés, e bocca com bocca.

Virgil. Æneid. lib. 8.

Mortua quin etiam jungebat corpora vivis,
Componens manibusque manus, atque oribus ora
(Tormenti genus), & sanie, taboque fluentes
Complexu in misero longa sic morte necabat.

Não li até agora nas Historias, nem Divinas, nem profanas, genero de tormento mais terrivel, e juntamente asqueroso. Acho porém nos livros dos Ma-

ca-

cabeos, que por caſtigo manifeſto de Deos ſahia do corpo delRei Antioco huma eſpecie de bichos tão abominaveis, e hum fedor tão intoleravel, que inficionava ao exercito: *Itaut illius fœtore exercitus gravaretur*, e nenhum dos ſeus criados ſe atrevia chegar a elle para o mudar de hum lugar a outro, e ſervillo: *Eum nemo poterat propter intolerantiam fœtoris portare.* O meſmo ſuccedeo a ElRei Herodes, e a varios Emperadores do Oriente, todos comidos vivos dos proprios guzanos, que ſe gerárão nos ſeus meſmos corpos, exhalando hum fedor tão inſupportavel, que os meſmos ſervos, como deſeſperados, largavão por huma vez o fazer-lhes aſſiſtencia nas ſuas neceſſidades. Maior pena ſem comparação he o eſtar pegada a bocca de hum vivo á bocca de hum defunto; e o vivo não ter outra reſpiração que as exhalações peſtilentes, que vão emanando da podridão do cadaver já corrupto, nem outro ſuſtento que os guzanos, os quaes ſahindo da bocca, e nariz do defunto, entrão na bocca, nos olhos, e nas ventas do vivo. Oh tormento deshumano! Oh fedor peſtilente! que ſó conſiderado faz aſco, e horror á natureza humana. Tambem eſte tormento não faltará no Inferno; pois, como diz o Profeta Iſaias, fallando dos condenados, delles ſahirá hum fedor inexplicavel: *De cadaveribus aſcendet fœtor.* Chama o Profeta aos reprobos cadaveres, e corpos mortos, ainda que ſejão vivos, porque ſerão ſó vivos para os tormentos, que hão de ſoffrer, e mortos pelo fedor inſupportavel, que agudo, e penetrante ſahirá de tantos milhões de corpos amontoados naquelle calabouço.

Mach. lib. 2. c. 99.

Ibid. 10.

Iſai. 34. 3.

He notavel o reparo, que faz o Doutor Serafico S. Boaventura neſta materia, affirmando, que ſe Deos permittíra que hum ſó condenado ſahiſſe daquella gruta infernal para eſta vida, largaria de ſi hum fedor

dor

dor tão horrendo, que seria bastante para apestar o mundo, e matar logo a todas as creaturas, e deste parecer são todos os Santos Padres, que tratárão esta materia do Inferno: *Si vel unius damnati cadaver in orbe hoc nostro sit, orbem totum ab eo inficiendum.* No anno de 1086. chegou da costa de Africa, que chamamos de Guiné, ou Mina, hum navio a Pernambuco, que encontrando-se no mar com hum pataxo Hollandez, recebeo delle huns barriz de carnes de Hollanda, que devião de ser já de alguns annos, porque abrindo-se depois hum destes barriz no porto do Reciffe, foi tal o fedor pestilencial que exhallou, que no mesmo instante quem o abria cahia morto logo, e os circumstantes dahi a algumas horas, depois destes fetidos vapores, forão dilatando-se aos poucos, e inficionárão os ares, e deste modo se formou a peste em Pernambuco com tanta força, que já não havia quem enterrasse os infectos do contagio. Nem parou aqui a exorbitancia deste fedor, porque continuando a corrupção dos ares, passou á Bahia, onde fez hum total estrago da melhor gente, assim naturaes, como Europeos: e correndo as mais Cidades, e lugares, inficionou toda a costa do Brazil, não perdoando nem a sexo, nem a condição de pessoas, e assolou a todos com igual exterminio. Isto supposto, como certo, e evidente, argumentemos agora assim: Se o fedor de hum barril de carnes, que para não apodrecerem foi em hum certo modo embalsamado com sal, corrompendo-se depois de algum tempo, foi sufficiente para apestar, e destruir hum Reino tão dilatado, que tem por costa mais de seiscentas leguas, como he o estado do Brazil, qual será logo o fedor do corpo de hum condenado, que ha tantos seculos vive, e vivirá morrendo naquelle hediondo calabouço? Tanta differença vai do fedor desta terra ao fedor

Drex. Eus. Hierem. D. Bon. cit. à P. Pin.

dor do Inferno; que o corpo de hum só condenado federá em gráo tão sublimado, e superior, que vencerá todos os fedores das lagôas estigias, das paludes Lerneas, e de todos os cadaveres juntos do universo. E que será com tantos milhões de condenados, apertados em huma gruta subterranea tão estreita, e tão fechada, que não terá desabafo nenhum por toda a eternidade! Por certo que se qualquer condenado tornasse ao mundo, lhe pareceria este nosso fedor da terra hum jardim de flores com hum cheiro muito suave: *Erit pro suavi odore fœtor.* Isai. c. 3.

Segue-se agora em terceiro lugar o fallarmos do fedor inenarravel, que de si lançarão os demonios. Parece cousa impossivel que os demonios, sendo espiritos, possão espirar ruins cheiros. Não tem dúvida que em quanto são puros, e simplices espiritos por natureza nem podem feder, nem cheirar. Com tudo he sentença commua, e opinião mais seguida dos Theologos, que Deos com a sua omnipotencia faz que os demonios em pena da sua desobediencia sejão forçadamente atados a huns corpos igneos, sulfureos, alcatroados, e betuminosos; e vendo-se estes espiritos malignos eternamente obrigados a esta pena, pelo odio entranhavel que tem aos reprobos, se moverão com tal furia, e atormentarão as almas com tal vehemencia, que desfazendo-se em suores pestiferos, exhalarão fedores de todo o genero, e todos muito peiores que os dos condenados, pois desejão com elles dar-lhes sempre novos, e mais horriveis tormentos. Appareceo huma vez o demonio ao glorioso S. Martinho em hum traje mui galante, vestido de ouro, e de purpura, com huma coroa engastada de pedras preciosas na cabeça, e fallou-lhe nesta maneita: Eu sou Christo, teu Senhor, adora-me, como mereço, pois sou o Filho de Deos; porém o S. Thom. P. Hier. Drexel. P. Euf Nic. & alii Doct.

Santo illuſtrado com a luz Divina, e conhecendo o engano do pai das mentiras, reſpondeo-lhe deſte modo: Meu Senhor Jeſus Chriſto tem na ſua cabeça huma coroa de eſpinhos, e a purpura, de que o vejo veſtido, he eſtar o ſeu corpo pelos meus peccados todo flagellado, e enſanguentado: *Dominus meus Jeſus gerit in capite coronam ſpineam, & corpus pro peccatis meis diris flagellis cruentatum*; e neſſe habito das vaidades do mundo, que tu trajas, não o conheço. O demonio vendo-ſe deſcuberto deſappareceo; deixou porém hum tal fedor no apoſento do Santo, que bem deo a entender a toda a vizinhança quem era, pois parecia-lhes a todos que eſtavão no Inferno; e tão inficionado ficou aquelle lugar, que por muitos annos não foi habitavel. A' viſta deſte ſucceſſo argumento agora aſſim: Se o baratro infernal, conforme a doutrina de S. Thomaz, he a ſentina, aonde hão de ir a parar todos os conductos das mais hediondas fezes da terra; e ſe o corpo de hum ſó preſcito federá mais que a meſma ſentina de todas as immundicias do mundo; e ſe havendo milhões, e milhões de condenados, hum ſó demonio ſerá ſem comparação mais fedorento que todos elles, ſendo os demonios em tão grande numero, como cada hum póde excogitar, que pena poderá deſcrever, ou que lingua ſe atreverá a explicar a eſſencia, a qualidade, a quantidade, e a intensão de hum fedor tão inexplicavel, e imperceptivel? Só o Eminentiſſimo Cardeal Baronio, que parece eſtava na profunda conſideração dos fedores do Inferno bem radicado, era na primavera dos ſeus annos naturalmente inclinado a toda a ſorte de cheiros. Entrando depois no caminho mais apertado da ſalvação, procurou de ſer alumno, e imitar a S. Filippe Neri, para ſer a ſegunda columna da ſua Congregação do Oratorio. Naquelle eſtado

Laur. Sur. in vita D. Mart. Ep.

do já mais perfeito ainda prevalecia nelle o antigo aborrecimento, que tinha a tudo o que era aſqueroſo, ou não lhe cheirava bem; e para vencer os melindres da natureza corrupta, obrigou a ſua imaginação a profundar-ſe nos fedores do Inferno, que tantas vezes, dizia elle, tinha merecido. E como diz o Profeta David, que: *In meditatione mea exardeſcit ignis*; aſſim elle neſta meditação accendeo-ſe com tal fogo de penitencia, e de amor Divino o ſeu eſpirito, que buſcando huma mão cheia de percevelhos, cujo fedor era o que mais aborrecia, generoſamente os poz na bocca, comeo-os, e os engulio. Acção foi eſta mais heroica de tantas, que a trombeta da fama tem divulgado do Emperador Auguſto Ceſar; porque ſe Ceſar Auguſto venceo com o valor das ſuas armas Provincias, e Reinos dilatados no mundo, Ceſar Baronio venceo a ſi meſmo, que, como diz Platão, he o homem hum microcoſmo, que quer dizer hum mundo pequeno, pois no entendimento, e na vontade he capaz de milhares de mundos. E que bem remunerou Deos a Baronio por eſta acção heroica ainda neſta vida; porque além do dom da ſciencia, que teve, foi honrado com a purpura Cardinalicia; e ſe o ſeu nome não entra ainda como Heroe nos ſeus annaes Eccleſiaſticos, eſtá porém para ſempre regiſtrado pelos ſeus ſucceſſores no glorioſo catalogo dos Varões illuſtres, e bem ſe póde dizer delle que neſte mundo: *Illi erat pro ſuavi odore fœtor.*

Pſ. 28. 4.

In vita Car. Bar.

Raynal. an Eccl.

He axioma filoſofico, que: *Contrariorum eadem eſt diſciplina.* Quer dizer, que da eſſencia de hum contrato facilmente ſe infere a eſſencia do outro. Iſto ſuppoſto. Creou Deos neſte mundo huma grande quantidade de flores: creou a roſa de Alexandria, o cravo da rochela, as boninas de Portugal, os junquilhos de Caſtella, o jaſmim de Italia, a violeta, a an-

Aver. in com. Ariſt. l. perquier.

gelica, o narciso, a açucena, com outras tantas variedades de flores, entre si tão discrepantes na figura, como diversas no cheiro. Todas estas flores distilladas em hum lambique, e largando com a força do fogo cada huma per si o seu cheiro, conforme da rosa sahirá agua rosada, assim de todas as flores, e de todos os cheiros unidos em hum só lambique sahirá huma agua tão delicioſa, e agradavel ao sentido, de que tratamos, e tão confortativa do cerebro, que não tendo os distilladores nome proprio na terra para explicar a sua fragrancia, forão-no buscar no Ceo, chamando-lhe agua d'Angeles. Creou o Author da natureza varios animaes, cujos escrementos, quem os possue, vive na sua casa como se fosse morador na Arabia feliz, pois não são menos que o ambar, que a algalia, e que o almiscar. Creou os aromas da Asia, os bejuins da Africa, os balsamos do Brazil, com as mais drogas cheirosas da India, e da Sabéa. Se hum perito na Quimica, ou Espargirica quizesse agora apurar estes mistos, sublimando-os, subtilizando-os, e fazendo-os volatizar, depois de subtilizados, sublimados, e volatizados, sahiria huma quinta essencia tão admiravel, e hum extracto tão suave, que havia de ser o alivio da cabeça, o conforto do coração, e a maravilha dos cheiros; e para o não chamar Paraiso do olfacto, lhe daremos o seu nome proprio dos Quimicos, que chamão a esta quinta essencia de tantas essencias o *Elixir vitæ*.

Do mesmo modo que temos discorrido do cheiro, havemos agora de discorrer do fedor. Não chegárão as fantasias dos Poetas, para explicar os hediondos, e inenarraveis fedores do Inferno, nem a voar mais alto, que a referir os máos cheiros dos rios Letes, e Acheronte, da lagôa Estigia, dos tanques de Cocito, e finalmente da lagôa do Averno, tantas vezes de Virgilio repetida: *Gra-*

Graveolentis Averni.
Cocyti ſtagna alta vides, Stygiamque paludem.

Æneid. lib 6.

Eſta palavra *Avernus* he Grega, compoſta de *A* privativo, e de *Vernus*, que ſignifica primavera, donde o meſmo he dizer *Avernus*, como já diſſe em outro Diſcurſo, que ſem primavera. E como na primavera naſcem, e brotão todas as flores, bem ſe deixa entender o Poeta, dizendo, que nunca haverá cheiro, que conſole, ou recree, mas fedor, que ſempre moleſte, e mate: *Graveolentis Averni.* Tanto aſſim que Santo Iſidoro refere, que o fedor, que ſahe deſte lago do Averno, he tão agudo, e peſtilente, que todas as aves, que voando por alto paſſavão por elle, logo na meſma lagôa cahião mortas: *Ita ut* (são ſuas palavras) *exhalans inde fœtor graviſſimus ſuper volantes aves halitu ſubnecaret.* Continuemos agora o noſſo Diſcurſo, argumentando do meſmo modo, que do cheiro. Ora ſe diſtillaſſemos todas as aguas do Averno, e dos mais rios fingidos, ou imaginados Letes, Cocitis, Eſtigios, e de todas as ſentinas, paludes, e tanques fedorentos, e depois de diſtilladas ſe tornaſſem a diſtillar até ſahir, não digo a quinta eſſencia, mas a ultima eſſencia, que agua ſeria eſta? Por certo que ſahiria huma agua com hum fedor tão ſublimado, e operativo, que não ſó ſeria agua forte, mas agua de morte. E ſe ajuntarmos aos fedores da agua os fedores da terra, como são ſentinas, monturos, cloacas, canos, reductos, com todos os mais miſtos fedorentos, e aſſim congregados, e unidos foſſem por virtude da arte Quimica apurados, elevados, ſublimados, e ſubtilizados até ſahir o ſal volatil, por certo que ſubiria eſte fedor a taes quilates, que ſó os vapores delle baſtarião para apeſtar a todo o genero humano, e cauſar a mil mundos milhões de mortes. Oh fedor eterno! Oh fedor imper-

S. Iſidor. lib. 13. c. 3.

ceptivel, que quanto menos considerado nesta vida, tanto mais intoleravel ficará para sempre na outra, *Erit pro suavi odore fœtor!*

Quando o Inferno não fosse hum calabouço escuro, mas hum paiz ameno, huma região clara, e não houvesse o tormento do fogo, nem outra pena, que soffrer, mais que esta quinta essencia de todos os fedores, seria hum supplicio tão violento, e insupportavel, que nesta vida, como já dissemos, daria no primeiro instante a morte; porém se a esta quinta essencia de fedores se ajuntassem todas as outras quintas essencias de cada genero de tormentos, então os condenados não padecerião hum Inferno, mas mil Infernos. Parece que o Espirito Santo faz menção deste pensamento no Texto Sagrado, que diz assim: *Sunt spiritus, qui ad vindictam creati sunt; in tempore consummationis effundent virtutem.* Perguntão os Expositores, com os Santos Padres: Quem são estes espiritos que Deos creou, para castigar, e vingar-se dos peccadores? Muitos são de parecer que sejão os demonios; porém esta opinião envolve suas difficuldades, pois os demonios não forão creados *primariò* para serem demonios, inimigos de Deos, mas para Anjos, e Ministros, que havião de assistir ao seu Throno, e gozar da sua Gloria. Nem esta opinião está ao pé da letra, porque o sacro Codice não nomea por ministros desta vingança os demonios, mas o fogo, a saraiva, a fome, e outras cousas capazes de atormentar: *Ignis, grando, fames, romphea, &c. omnia hæc ad vindictam creata sunt*; pois se o fogo, a fome, e a saraiva são cousas materiaes, como as chamão espiritos. Respondem os Interpretes, e dizem: Que da mesma maneira que os Quimicos, e Espargiricos, occupados em apurar no fogo os mistos, cavão os extractos, e quintas essencias, que são como a flor das sub-

Eccles. cap. 39. 33.

Eccles. cap. 33. 34.

ſubſtancias, e a tudo iſto chamão com o nome de eſpiritos. Aſſim tambem de todas as febres agudas, e malignas ardentes ſahirá hum eſpirito de febre, de todas as fomes caninas, e raivoſas hum eſpirito de fome, de todas as dores de gota, de ſciatica, de reumatiſmo, como tambem de pedra, renela, calculos, e de todos os mais generos de males, ou tormentos que podem vir, ou ſe podem dar no corpo humano, eſtes todos, reſumida a ſua força, e virtude em huma quinta eſſencia, ou eſpirito mais apurado, *In tempore conſummationis*, como diz o meſmo Texto, *effundent virtutem.* No Inferno por toda a eternidade atormentarão os miſeraveis condenados. Oh grande rigor da Juſtiça Divina! e com tudo o peccador ſabendo iſto, nem treme, nem teme, ou não crê; mas não paſſará muito tempo que a ſeu grande pezar, e ſem remedio conhecerá, e experimentará a força deſtas verdades: *Viæ, quibus hæc prius lugenda ſunt, quàm credenda.* Eccleſ. c. 39. 33. Euſeb. Emiſ. Hom. ad Mon.

Nem pareça difficultoſo que no Inferno ſe congreguem em hum condemnado todos os extractos, e eſpiritos de quantos generos de males ha, e póde haver no mundo; porque eſtes eſtarão todos encerrados, e unidos na quinta eſſencia do fogo. Quando Deos quiz conſolar o povo eſcolhido, que ſe queixava da fome, fez logo chover do Ceo o maná, e no maná encerrou todos os goſtos dos guizados, e comeres, e todos os ſabores de todos os frutos da terra: *Omne delectamentum in ſe habentem, & omnis ſaporis ſuavitatem.* Do meſmo modo (enſinão os Theologos) que Deos no Paraiſo encerra no lume da Gloria todos os bens: *Omnia bona*, que agora, como diz S. Paulo, não podemos comprehender, nem imaginar: *Nec in cor hominis aſcenderunt.* E ſe a miſericordia Divina emprega a ſua omnipotencia em fazer Sap. cap. 16. 20.

milagres no Ceo, e na terra a favor dos seus escolhidos, quer tambem a razão, que a sua Justiça, por ser recta, empregue a sua omnipotencia com tormentos milagrosos, que encerrem *Omnia mala*, todos os males, para castigar os seus inimigos, e reprovados.

Sirva de prova concludente o rico avarento com as mesmas suas palavras, pois falla como experimentado. Apenas se achou este sepultado no Inferno, que logo se vio cercado de todo o genero de tormentos: *Cùm esset in tormentis.* Que logo pedio misericordia ao pai Abrahão, para que o livrasse daquelle fogo: *Pater Abraham, miserere mei, quia crucior in hac flamma.* Mas se o rico avarento define, e chama ao Inferno lugar de todos os tormentos: *In locum tormentorum*, como se queixa só do fogo? A razão he, porque aquelle fogo encerrava em si todos os mais tormentos; pelo que não disse absolutamente: *Cru-*
Luc. 16.24. *cior in flamma*, nem *Crucior in igne*, mas *Crucior in hac flamma.* Nesta tal chamma, neste tal fogo, mui diverso dos outros, que encerra, e contém em si eminentemente todos os mais tormentos. E se isto he assim, por que causa o rico avarento não pede alivio dos outros supplicios, que padece, mas só pede algum refrigerio para a sua lingua: *Ut refrigerer linguam meam?* Respondem os Santos Padres, que Deos communicou a este tal fogo, como a ministro das suas vinganças, huma virtude discernitiva para castigar os reprobos. E bem se prova isto, diz S. João Chrysostomo, na fornalha de Babylonia, que estando dentro os trez mancebos innocentes, o fogo não lhes tocou hum cabello, e sahindo a chamma fóra da fornalha, queimou vivos aos verdugos, que a todos os
Dan.cap.3. 23. tinhão lançado dentro: *Porrò illos, qui miserant, interfecit flamma ignis.* Cassiano chama a este fogo In-

qui-

quiſidor dos crimes: *Ignem delictorum Inquiſitorem.* E Santo Agoſtinho o chama fogo ſapiente, que caſtiga conforme os delictos de cada hum: *Quantum ſtulta iniquitas fugeſſit, tantum ſapiens ignis deſæviret.* Caſſiod. coll. 4. Vamos agora ao rico avarento, cujo crime principal era a golodice, porque vivia como epulão ſempre em banquetes, ſem nunca dar huma eſmola ao pobre Lazaro, que morria de fome: *Epulabatur quotidie ſplendide.* E por iſto o fogo como ſabio, e intelligente, carregava mais o tormento na lingua, que era o inſtrumento, com que ſatisfazia ao goſto no comer bons bocados. Do meſmo modo ſe adaptará por caſtigo o fedor do Inferno. Aquelles, que uſão dos cheiros por vaidade, para parecer galantes, ou por delicia laſciva, ou por máo fim, ſe lhes apurará o fedor do Inferno de qualidade, que todos os fedores mais hediondos do mundo unidos na quinta eſſencia lhes parecerião ſuaves: *Erit pro ſuavi odore fœtor.*

Tomára eu agora perguntar a certas moças de pouco cizo, creadas com tanto melindre, que a tudo tem aſco, de tudo tem horror. A certas matronas, e Fidalgas da Corte tão mimoſas, que paſſando nos ſeus coches, ou liteiras por alguma rua, onde da corrupção de algum animal morto exhala algum máo cheiro, no meſmo inſtante põem o lenço borrifado de agua de Cordova na bocca, e torcendo o roſtro, gritão em voz alta: Tange cocheiro, anda depreſſa, parece que os teus narizes são de bronze, pois não te fede eſta peſte. Tomára, digo, perguntar-lhes, ſe eſtão deſenganadas, que todos os fedores da terra, reduzidos em extracto, não são mais que huma garraffa de agua de flor, em comparação dos fedores do Inferno. E que direi eu de huma immenſidade de outras mulheres, que pertendendo ſerem as Helenas dos noſſos tempos, feitas

diſ-

discipulas de Venus, servem-se dos cheiros por máo fim, usando delles, não por recreação do olfacto, mas para maior incitamento ao peccado, e para laço, e destruição das almas? Oh que triste sorte! Com que impeto, e com qual vehemencia de fedores atormentarão os demonios a tão pernicioſa casta de mulheres, em recompensa de tão depravados cheiros, se não se desenganarem nesta vida com tempo! Procurem de imitar a Magdalena. Foi esta Santa matrona mui illustre de sangue, e senhora de Villas, e Cas-
Luc. 7. 37. tellos, mas foi tambem mulher peccadora: *Mulier in Civitate peccatrix*; porém logo que conheceo a Christo, desenganou-se das vaidades do mundo. A primeira prova do seu desengano foi despir-se das galas, e de todo o ornato, e quebrados os alabastros, em que guardava os aromas, e cheiros preciosos, lançados aos pés do mesmo Christo: *Maria habens alabastrum unguenti nardi pistici pretiosi unxit pedes Jesu*, não usou em todo o tempo da sua vida, de outras aguas odoriferas, que as das suas proprias lagrimas, com que lavava as maculas da sua alma,
Ibid. 38. commettidas na primavera dos seus annos: *Lacrimis cœpit rigare pedes ejus*, como temos dito em outro Discurso.

Tambem devem procurar este desengano huns certos paranynfos, que aspirão a todas as vodas, e pertendem os melhores casamentos: huns certos Narcisos, que contemplão a cada passo no espelho a sua formosura, e ficão idolatras de si mesmos. Huns Ganimedes aereos, que andão sempre com polvilhos nos cabellos, e cabelleiras, e nunca se lembrão da morte; considerem que o Principe das agudezas, com ser Poeta gentio, estranhava no seu tempo áquelles Fidalgotes de Roma, que como effeminados hião sempre com luvas ambreadas nas mãos carregados de chei-

cheiros, dizendo com ſubtileza, que não deixa de cheirar muito mal, quem cheira ſempre bem: *Non bene ſemper olet, qui bene ſemper olet.* Nem o fedor dos peccados ſe tira com as delicias dos cheiros, mas com a penitencia, e com a mortificação do olfacto, e dos mais ſentidos. Imitem a S. Arſenio, aquelle grande exemplar dos Anacoretas, que ſendo valído do Emperador Theodoſio, trocou a Corte com hum deſerto, e o ornato precioſo pela cuculla, largando as grandezas do paço com a pobreza de hum tugurio. Acoſtumou-ſe com os mais Monges em certas horas do dia, dedicadas ao exercicio exterior, a tecer eſteiras, e ceſtos; e porque era neceſſario a fim de que os juncos, e eſpartos, com que ſe tecião, eſtiveſſem ſempre na agua para ſe manterem verdes, e brandos, nunca mudava a agua, que tinha no vaſo; mas aſſim fedorenta como era, lhe accreſcentava outra, para que ſe conſervaſſe ſempre com o meſmo fedor. Hião das outras Hermidas a viſitallo os Monges mais anciãos, e não podendo tolerar aquelle máo cheiro, perguntavão-lhe, como não lançava fóra aquella agua tão corrupta, e tão nociva, que era baſtante para apeſtar a ſua cella? Reſpondia Arſenio: Conſervo-a por amor do regalo do ambar, e almiſcar, que ſempre trouxe comigo, quando eu vivia no ſeculo no Paço de Ceſar, e me he neceſſario que agora ſoffra eſte fedor, a fim de que no dia do Juizo me livre Deos dos fedores do Inferno: *Ut in die judicii de illo gehennæ innenarrabili fœtore liberet me Dominus.* Oh lembrança do Inferno quanto es efficaz para aliviar os Catholicos das moleſtias, e afflicções deſta vida! Pelo contrario quão penoſo caſtigo eſtá preparado para aquelles que vivem deſcuidados deſta lembrança! porque, como diz a Eterna Sapiencia por bocca de Salamão, enganando-ſe a ſi meſmos, diſcursão muito

Mart. lib. 5. Epigr.

Eriber. Roſv. in vita Arſen. Theat. vitæ hum.

Sap. c. 2. 1. 6. & 8. to mal : *Cogitantes apud se non rectè exiguum, & cum tædio est tempus vitæ nostræ. Venite coronemus nos rosis antequam marcescant* : A nossa vida além de ser breve, se não buscarmos algum modo de alegria , naturalmente he triste. Depressa coroemo-nos com capellas de rosas, primeiro que murchem: *Nullum sit pratum, quod non pertranseat luxuria nostra*: Não haja nos prados, e jardins deste mundo flor alguma de formosura, que a nossa luxuria não appeteça, e não alcance. Estes são os axiomas epicureos, que reinão nos corações molles, e effeminados, sem reparar que todas as flores de delicias, ou cheiros, sempre nesta vida são effimeras: *Ipsa dies aperit, conficit ipsa dies.* E durando tão pouco, vai depois parar para sempre nos eternos fedores do Inferno.

Entre os Imperadores Romanos nenhum houve nem mais dado aos regalos , nem mais amante dos cheiros que se igualasse a Eliogabalo. Convidou pois este a flor da Fidalguia de Roma a hum galhardo banquete, que com profuso dispendio tinha preparado na maior sala do seu real Palacio. Não fallo na extravagancia das viandas , na preciosidade dos comeres; porque, como se a Europa toda não fosse capaz de satisfazer ao appetite para fartar a intemperança, de Africa, e de Asia mandava conduzir a Roma o mais selecto. No melhor do banquete, quando já as malvasias, e as candias com os seus espiritos alegres avivavão a fantazia, de repente começou a cahir do tecto da aula hum chuveiro tão copioso de flores sobre os convidados , que parecia que Hibla, e Flora para lisongear a Cesar concorrião a solemnizar o banquete. De grande festejo foi esta novidade: ver em hum instante a meza marchetada de cravos, e alcatifada de rosas. Mudavão-se as iguarias, e assim as que entravão, como as que sahião , logo fica-

ficavão cubertas de flores. Brilhavão-se huns aos outros, e estando com os falernos mais subidos nas mãos, entre a alvura dos alabastros, e porcellanas, por onde bebião, misturava se no mesmo tempo o purpureo das rosas, que do forro estavão cahindo. Em fim tudo rosal, tudo flores, tudo cheiros, tudo delicias; porém, como diz o Espirito Santo, do maior da alegria passárão ao maior extremo da tristeza: *Extrema gaudii luctus occupat.* Prov. 13. 14. E quanto melhor fora para elles entrarem tristes, para dar os pezames na casa do luto, que irem alegres ao Paço, para receber os parabens de serem convidados ao banquete: *Melius est ire ad domum luctus, quàm ad domum convivii*; Eccles. c. 7. 3. porque continuando com igual copia a chover flores, o que primeiro era delicia, já passava a tedio dos convidados. Sahindo depois da sala Eliogabalo, mandou fechar as portas, e subindo elle mesmo ao tecto, fez lançar em maior abundancia flores, e mais flores, até que os infelices convidados batidos, e combatidos de huma tempestade odorifera, estando á meza de flores, e entre a fragrancia dos cheiros pizando purpuras, ficárão todos miseravelmente affogados, encontrando em cama de rosas a sepultura. Desenganem se todos aquelles, que por muito mimo, e melindre são mais amantes da seita de Epicuro, que da Lei de Christo; porque he traça antiquissima do demonio procurar que neste mundo vivamos entre as delicias mimosas dos cheiros, para que assim descuidados, vindo de improviso a morte, vamos a parar com elle entre os tormentos, e fedores do Inferno.

Foi opinião antiga dos Pytagoricos, que o cheiro bastava para a nutrição, e sustento, assim da vida humana, como de qualquer outro individuo. Allegão por si, que Aristoteles, estando em huma grave doença

ença com fastio mortal, e sem poder levar cousa alguma pela bocca, com cheiros confortativos, e substanciaes lhe forão prolongando a vida, até ter alguma melhora da sua saude; e que Plutarco escreve como na Asia vive hum passaro, cujo alimento não he outra cousa que puramente o cheiro, do mesmo modo que o cameleão sustenta a vida com fartar-se de ar, e do vento. Esta mesma sentença segue o secretario da natureza Plinio, o qual affirma como nas nascentes do Ganges estão situados certos povos, cujo vestido são folhas de arvores, que tendo hum nariz de grandes ventas, e assás comprido, não tem bocca para comer, chamão-se Astómos, que he palavra Grega, que significa o mesmo que sem bocca. Estes, quando he tempo de alimentar o corpo com o sustento, vão com toda a sua familia a buscar as arvores fructiferas, e assentando-se debaixo dellas, colhem as frutas, e tomando-as na mão, as estão cheirando até matar a fome com o simples cheiro. Esta opinião dos Pytagoricos, ainda que tem varios Authores, he mui duvidosa, e de mui poucos admittida. Mais depressa provarei eu com a experiencia, e com successos evidentes, que o cheiro, quanto he mais precioso para o corpo, tanto he mais pernicioso para a alma, e continuando o uso delle, em lugar de accrescentar a vida, precipita as mais das vezes para a morte.

Plut. lib. 7.

Plin. de reb. nat. lib. 8.

Petrus Bertus.

Vide Joan. Bapt. Man. con. 23.

Refere S. Pedro Damião, como o Emperador Otho III. prezo dos naturaes encantos da formosura, e graça de D. Joanna, nobilissima matrona Romana, mandou matar ao Marquez Crescencio seu marido, dando-lhe esperanças que pelo tempo adiante havia de casar-se com ella, e coroalla Emperatriz. Estando depois Otho com grave escrupulo, e remorso da consciencia, foi para Ravena a confessar-

D. Petr. Dam. in vita S. Rom.

se

se com S. Romualdo, que naquelle seculo estava no maior auge da veneração, e santidade. Fez proposito de mudar vida, e com fazer-se Religioso, trocar a purpura com a cogulla. Mandou com grande magnificencia fabricar o Mosteiro á sua custa, e no em tanto foi para a Cidade de Pavia a dar ordem para a renuncia do Imperio. Tornou depois para Ravena, e logo S. Romualdo foi-lhe lembrar a promessa de ser Religioso; porque lhe tinha revelado o Espirito Santo, que antes de hum anno havia de dar conta a Deos, não só dos seus peccados, mas tambem do máo exemplo, que no decurso da sua vida deo a tantos seus vassallos. Respondeo Cesar, que estava de acordo, mas que não podia ser logo, porque lhe era forçoso dar primeiro huma chegada a Roma, para deixar concluſos certos negocios, e que na volta guardaria sem falta o seu proposito; porém o Santo enternecido pela perdição daquella alma, lhe profetizou claramente, que se hia a Roma não tornaria nunca mais a Ravena: *Si Romam ibis, Ravennam amplius non redibis.* E assim foi, porque renovando como por despedida a antiga amizade com D. Joanna, ella considerando-se como burlada, e prevendo que não havia de ser Emperatriz, armou a vingança, tanto mais atrevida, quanto nas mulheres o fogo da ira he mais accezo. Sabia a Marqueza que o Emperador era naturalmente inclinado a todo o genero de cheiros, e por isto com huma traça atraiçoada mandoulhe de presente hum par de luvas, para que cheirando-as se lembrasse que era a ultima prenda do seu affecto. Como a fragrancia era suave, e peregrina, assim tambem a composição dos cheiros era medicada com hum veneno tão agudo, e penetrante, que subindo logo ao cerebro, e do cerebro ao coração, como se fosse ferido de huma apoplexia, sem confissão, e sem

Surius in vita D. Rom.

Card. Bar. ann. Oth. Cef.

e sem poder dizer Jesus, cahio subitamente morto. Oh caso terrivel! Oh successo lastimoso! cujas consequencias são dignas de hum serio reparo para total desengano dos peccadores. E quão diversos cheiros acharia o Emperador Otho naquelle mesmo instante, que das delicias do Paço passou para o fedorento calabouço do Inferno! Ahi sim, que experimentaria á sua custa ser verdade, que: *Erit pro suavi odore fœtor.*

He consideração minha, que fallando tantas vezes a Escritura sobre as penas reservadas aos peccadores no Inferno, sempre que nomea o fogo, accrescenta tambem o enxofre. O Profeta David no Psalmo decimo diz, que naquella gruta infernal choverá sobre os condenados fogo, e enxofre: *Pluet super peccatores ignis, & sulphur.* O Profeta Isaias diz, que o alimento, e nutrição dos reprobos será o fogo, e a bebida huma torrente de enxofre: *Nutrimenta ejus ignis, & torrens sulfuris.* S. João no seu Apocalypse muitas vezes falla delle: *Cruciabuntur igne, & sulfure.* Que os prescitos serão atormentados com fogo, e enxofre: *Missi sunt in stagnum ignis ardentis sulfure. Missus est in stagnum ignis, & sulfuris. Erit in stagno ardenti igne, & sulfure.* Que serão sentenciados a soffrer para sempre o tormento excessivo de hum fogo sulfureo. E que combinação tem o enxofre com o fogo do Inferno? Para responder com acerto a este quesito, he-me necessario explicar primeiro as qualidades, e os effeitos do enxofre. O celebre André de Laguna, Protomedico do Summo Pontifice Julio III. e depois delRei Filippe o Prudente de Castella, diz, que o enxofre tem huma liga inseparavel com o elemento do fogo, e prova-se com a experiencia; porque aproximando-se o enxofre ao fogo, no mesmo instante inflamma-se, accende-se, e arde: e

Psl. 10. 7.

Isai. c. 30. 33.

Apoc. c. 14. 10. c. 29. 20. c. 20. 9. c. 21. 8.

por

por isto os Quimicos o chamão fogo virtual, ou virtualmente fogo. Refere Dioscorides, que se achão aguas sulfureas, que passando por minas de enxofre, brotão, e sahem fervendo, o que denota ser o seu calor excessivo. Os mesmos raios, que se formão, e compõem de varios vapores, a maior parte delles são sulfureos, pois por onde passão deixão hum fedor manifesto de enxofre. Lembra-me, que na Cidade de Mantua, em tempo dos caniculares, armou-se huma trovoada tão escura, e medonha, que fazia horror. Desfechando depois ás trez da tarde, desarmou-se com varios raios. Cahio hum delles em huma casa, e de dezesete pessoas, que moravão nella, matou logo a quinze, sem deixar nos cadaveres lesão alguma; e as duas mais, que ficárão como semivivas, respiravão com difficuldade, porque o fedor do enxofre, que deixou o raio, era tão agudo, e maligno, que penetrava o cerebro, e affogava o coração. Para ser outra vez habitavel esta casa foi necessario lavalla com vinagres fortes, e defumalla com fogo de alecrins, e outros aromas confortativos. Prova-se tudo isto com a experiencia dos mesmos que tem por officio de cavar enxofre das minas. Estes mineiros, como destros na arte, além de terem perto de si alguns cheiros contrarios, procurão sempre de cavar o enxofre em lugares mui claros, e descubertos, porque se trabalhassem sem este resguardo, e em lugar fechado, infallivelmente cahirião mortos. Estes são os effeitos, e as qualidades do enxofre. Agora respondo ao quesito: Que combinação tem o enxofre com o fogo do Inferno? E digo que tem a mesma, que tem o fogo com o enxofre na terra. E porque Deos para castigar aos peccadores no Inferno entre os tormentos do tacto escolheo ao fogo como mais operativo, e violento, assim para punir

Dioſc. lib. 5. v. *Sulf.*

In Comment. Dioſc.

os melindrosos, e effeminados nos cheiros, entre os tormentos do olfacto escolheo ao enxofre, porque tem o seu fedor mais activo, e penetrante: *Missi sunt in stagnum ignis ardentis sulfure.* E conforme a creatura do fogo, elevada pela omnipotencia Divina, obra com muito maior actividade, e violencia, de tal sorte, que este nosso fogo natural pareceria aos condenados, sem esta elevação, hum fogo pintado; assim tambem o enxofre elevado da mesma virtude Divina, largará de si hum fedor muito mais vehemente, efficaz, e penetrativo; tanto assim, que todos os fedores do mundo congregados parecerião aos reprobos huma suave fragrancia: *Erit illis pro suavi odore fœtor.*

Apoc. c. 19. 20.

Foi costume da antiguidade purgarem-se as casas habitadas dos demonios com o fogo do enxofre. Este uso foi tambem admittido na Grecia entre os Sacerdotes Gentios, que expellião com o seu fumo os malignos espiritos dos corpos dos invasados; e assim Homero refere, que Ulysses defumou a sua casa com o fedor do enxofre, para expellir as almas infectas, que a assombravão. Será tudo isto fabula, ou invenção poetica, ainda que não faltem Authores que o digão. He porém verdade de Fé o que narra o Euangelista S. Lucas, que estando Christo lançando huma legião de demonios, pedirão-lhe estes que não os obrigasse a tornar para o Inferno, que antes entrarião em hum lote de animaes immundos, que estavão pastando no monte. Despachou-lhes Christo a petição: *Permisit illis.* Escaçamente entrou a legião dos demonios no lote immundo, que este precipitando-se do monte abaixo foi buscar hum lago de agua, onde se affogou: *Abiit grex perpræceps in stagnum, & suffocatus est.* Reparão os Santos Padres sobre este Texto, que sendo estes animaes não só por

Hom. in Odiss.

Diosc. in annot. verb. *Sulfur.*

Luc. c. 8. 32.

Ibid. 33.

no-

nome, mas tambem por natureza immundos, creados em monturos, e quanto mais se deitão em lamarões, e fedores, mais crescem, e engordão, agora estranhassem de qualidade o fedor dos demonios, que para o não soffrer hum só instante, elegêrão todos juntos morrerem affogados. Assim he, responde São Pedro Chrysologo, e isto prova a differença que vai do fedor do Inferno aos nossos fedores: *Sic est odor ejus tartareus, & crudelis, ut eum nec porcorum natura sufficeret sustinere. Denique demergi in mari, & fluctibus maluit deperire, quàm ejus immunditiam, & putredinem tolerare.* Oh fedor tartareo! Oh fedor do Inferno! que, como diz S. Bernardo, he tão insupportavel, que não ha lingua, que o saiba explicar, nem ha penna, que o possa descrever: *Fœtor intollerabilis, fœtor innenarrabilis.* Desenganem-se os peccadores, que a suavidade dos cheiros, que havemos de procurar nesta vida, he a virtude, e santidade; e sobre tudo o bom exemplo da nossa vida, com que havemos de edificar os nossos proximos, para podermos dizer com o Apostolo: *Christi bonus odor sumus.* Pelo contrario, regalar o palato com cheiros, e affectar fragrancias nos vestidos, diz S. João Chrysostomo, que denota hum animo effeminado, e lascivo, que procura com estes cheiros encubrir o fedor dos seus vicios: *Corporis enim, ac vestium fragrantia, arguit intus latere animum graveolentem, & immundum.* Mas nunca poderá por toda a eternidade encubrir os fedores do Inferno, onde estes, de que tanto agora foge, lá lhe haverão de parecer suaves: *Erit illis pro suavi odore fœtor.*

S. Petr. Chrys. Ser. 17.

D. Bern. Serpt Fr.

2. Cor. 2. 15.

Chrysost. hom. 4. de Laz. tom. 2.

DISCURSO V.

Do tormento do Goſtar.

Epulabatur quotidie ſplendidè, & ſepultus eſt in Inferno. Luc. c. 16.

Pſalm. 8. 6.

ENvejando o infernal inimigo a dignidade humana, pouco inferior á ſua: *Minuiſti eum, paulo minus ab Angelis.* E vendo-a collocada no Paraiſo terreal, para depois ir gozar da Bemaventurança, valeo-ſe de todas as traças, para que rebellando-ſe como elle ao ſeu Creador, fartaſſe deſte modo a ſua inveja, ficando o genero humano como ſeu ſubdito no Inferno. He de reparar, como o Eſpirito Santo, que dirigio a penna de Moyſés, primeiro Hiſtoriador da Sagrada Eſcritura, antes de relatar a ſerie da ruina dos noſſos primeiros pais, deo principio ao terceiro Capitulo, ſervindo-ſe como de

Gen. c. 3.

prologo da aſtucia malicioſa do demonio: *At ſerpens erat callidior omnibus animantibus terræ.* Procede depois á narração do infauſto ſucceſſo com o total exterminio de Adão, e Eva, e de toda a ſua poſteridade. He Lucifer o Proteo infernal, que para enlaçar as almas, veſte todos os trajes, toma todas as figuras, buſca todas as fórmas, inventa todos os artificios, e eſtratagemas; porém com tudo iſto, conhecia claramente, que Adão, e Eva eſtavão guardados da juſtiça original, como em hum forte rochedo, com abundante preſidio de auxilios, e fortalecidos de todas as bandas com a graça ſantificante, e por iſto capazes, não ſó de reſiſtir a todos os aſſaltos, mas de envergonhallo, vencello, e conſumil-

lo

TORMENTO DO GOSTAR

lo em huma batalha mui arriſcada. Que ſorte de armas eſcolheria Lucifer para alcançar a vitoria? Por certo que a malicia de Lucifer não achou maquina mais terrivel, para derrubar as duas columnas fundamentaes de todo o genero humano, que o ſentido do goſtar. Oh triſte peccado da gula, que com a doçura momentanea do teu mel tiveſte poder de enlaçar aos noſſos protoparentes com toda a ſua poſteridade! E por iſto bem mereces o nome, com que te chama S. João Climaco, de cruel tyranna de todo o genero humano: *Totius generis humani crudelis dominatrix.* Eſte quarto ſentido do goſtar tem muito maior cadencia para quebrantar a Lei de Deos, que os outros trez; porque além de ſer natural, he forçoſamente neceſſario valer-ſe delle cada dia para viver. Não he aſſim dos outros ſentidos; porque ſendo a viſta hum grande adjutorio para a vida, muitos cegos, com não ver, vivem com ſaude, e livrão-ſe das occaſiões dos objectos attractivos, e a cegueira do corpo lhes abre os olhos da alma. Huma muſica de ricas vozes, huns inſtrumentos bem tocados recreão os ouvidos; mas quantos ſurdos vivem melhor, porque não ouvem cantigas deshoneſtas, nem murmurações de ſi, ou dos outros! A ſuavidade dos cheiros conſola, e conforta os eſpiritos; mas quantos fogem delles como nocivos! E quem não tem olfacto, quando não ſe recree das delicias dos cheiros, não padecerá a pena dos fedores. Pelo contrario, como não ha viver ſem comer, aſſim não ha paladar ſem goſtar. E ſendo iſto aſſim, Deos não prohibe o comer neceſſario para o ſuſtento, mas o ſuperfluo, e demaziado da gulodice. Não véda o uſo das bebidas, mas o abuſo da bebedice. E eſta ſerá toda a materia deſte Diſcurſo, que dividirei em dous pontos: no primeiro veremos quão gravemente Deos caſtiga

Joan. Clim. gr. 14.

os comilões, e bebedores, ainda nesta vida, com mortes improvisas; no segundo mostraremos que aquelles, que á vista destes castigos perseverão no letargo deste vicio da gula, sem dúvida morrerão impenitentes, e serão sepultados por toda a eternidade com o epulão no Inferno: *Sepultus est in Inferno.*

Grande vicio deve de ser o da gula, pois aborrecendo Deos todo o genero de peccados, soffre os peccadores, e compadece-se delles, usando mais da misericordia, que da justiça; porém na intemperança da gula, e na crapula abomina Deos a qualquer excesso. Muito mais, se chegar a fartar-se sobre posse, ou a perturbar-se do juizo, então irrita-se Deos, e a modo de enfurecido, sem mais espera, descarrega o furor sobre os intemperantes, castigando-os em todo o tempo; nesta vida apressando-lhes a morte, e na outra sepultando-os no Inferno. Tudo consta do Sagrado Texto. Fallando tantas vezes o Espirito Santo por bocca dos Profetas, acharemos que todos uniformes ameação os peccadores com o terror do Inferno; porém não se apontará texto nenhum do Testamento velho, em que se lea que Deos nomeadamente mandasse alguem vivo ao Inferno, exceptuando a Coré, Natan, e Abiron. Ajuntárão-se estes trez prescitos, e constituindo-se cabeça de motim, levantárão ao povo contra Moysés, e Arão; este Summo Sacerdote, aquelle Lugartenente de Deos na terra. Não tardou Deos com o castigo, de repente se lhes abrio a terra debaixo dos pés, e forão buscar o seu centro, e assim vivos ficárão sepultados no Inferno: *Confestim igitur disrupta est terra sub pedibus eorum, & aperiens os suum devoravit illos, descenderuntque vivi in Infernum.* E qual foi o crime tão execrando, e escandaloso, que mereceo tão terrivel castigo? Se buscarmos o principio, donde emanou a desobedi-

Num. c. 26. v. 13.

diencia, e pouco reſpeito, que tiverão a Moyſés, acharemos que foi o deſordenado appetite da gula, que os precipitou na ſua ultima perdição, queixando-ſe que os tinha tirado de huma terra abundante de todo o genero de lacticinios, para os ir matar á fome no deſerto: *Non venimus*: Não queremos vir, nem obedecer-te: *Nunquid parum eſt tibi, quod duceres nos de terra, quæ lacte, & melle manabat, ut occideres in deſerto?* Num. c. 16. v. 13.

Do meſmo modo fallou Chriſto muitas vezes do Inferno, declarando por bocca dos ſeus Apoſtolos, e Euangeliſtas a diverſidade, e terribilidade daquelles tormentos, que devem ſoffrer os condenados. Com tudo não ſe achará em todo o novo Teſtamento texto algum, que falle clara, e diſtinctamente de outro ſogeito, que ſeja ſepultado vivo em corpo, e alma no Inferno, como deſte infeliz epulão, que eſquecido de Deos, banqueteava-ſe todos os dias com o eſplendor, e magnificencia de todas as delicias, e regalos: *Epulabatur quotidie ſplendidè*, e por iſto *ſepultus eſt in Inferno*. Eſte he o parecer de S. Pedro Chryſologo, que conſiderando a fatal mudança do eſtado do pobre Lazaro, e do rico epulão, acha que Lazaro depois de ſoffrer tantos males neſta vida: *Lazarus autem mala*, os Anjos o levárão, como em triunfo, para o Seio de Abrahão; e os demonios abrírão a terra, para que enguliſſe ao epulão, para ficar para ſempre ſepultado no Inferno: *En, Fratres, quam rerum lamentanda mutatio, pauperem portant Angeli in ſinum Abrahæ, divitem deglutit Infernus*. Oh quanto he melhor naſcer neſta vida pobre que rico, viver faminto que farto. O pobre com pouco ſe contenta; ao faminto qualquer legume lhe ſabe bem, todo o comer lhe ſatisfaz; e por iſto dá graças a Deos, quando acha o neceſſario para o ſuſtento. S. Chryſ. l. Ser. 121.

Pelo contrario, o rico, e o guloso quanto mais nada na fartura, tanto maior naufragio padece na indigestão; a multidão das iguarias, a variedade dos comeres lhe deprava o sentido do gosto; com o mesmo cuidado que tem de lisongear o palato, com tantas castas de viandas, concertadas com drogas de hum, e outro pólo, estas lhe corrompem o estomago, e lhe causão nausea a todo o comer simples, e ordinario; depois nasce hum fastio mortal, que o obriga a viver na sua muita fartura faminto, e infeliz na sua mesma felicidade; e com não conhecer nesta vida outro Deos, que o seu ventre, como diz
Phlip. 3. S. Paulo: *Quorum Deus venter est*, acha a morte, e o Inferno, onde poz a sua bemaventurança.

Reparou o Profeta Isaías, que estando a bocca do Inferno sempre aberta para engulir as almas, se hia sempre mais alargando, dilatando-se de modo,
Isai. c. 5. que já não tinha nem medida, nem termo: *Propterea dilatavit Infernus animam suam, aperuit os suum absque ullo termino.* E qual seria a razão desta voracidade interminavel do Inferno? Este adverbio *propterea*, que o Profeta antepõe ao seu periodo, denóta correlação, e certa a causa, por que aquelle baratro infernal alargue com tanta ansia as suas garras, para devorar o genero humano. Ouçamos ao mesmo
Ibid. Isaias, para que melhor fique solta esta dúvida: *Væ, qui surgitis manè ad potandum in conviviis vestris!* Esta particula *væ*, assim no novo, como no velho Testamento, sempre foi comminativa das penas do Inferno. Por isto o Profeta, depois de ameaçar a todos estes sardanapalos, embebidos nas delicias da gula, e que vão ajuntando companheiros á sua crapula nos banquetes, sem terem o minimo cuidado da outra
Isai. c. 22. vida: *Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur*, os adverte seriamente, que nem por serem muitos, por

isto

iſto hão de evitar o eterno caſtigo, que merecem, antes por eſta meſma cauſa infere eſta conſequencia, que irritado ſempre mais o furor Divino, dilatará as boccas do Inferno, para que todos juntos fiquem eternamente ſepultados naquelle calabouço de fogo. E eſta interpretação do Profeta Iſaias he tão genuina, que não duvidão os Expoſitores, gloſſando eſte meſmo texto, de affirmar por conſequencia certa, que todos aquelles, que vivem immerſos neſte vicio da gula, ſervem de lenha, que o demonio vai guardando para cevar o fogo do Inferno: *Propterea inferre licet, quod qui gulæ, & crapulæ dediti ſunt, ligna ſint, quibus ignis infernalis nutritur.* Mauſ. trat. 21. de gula.

Terrivel ſentença foi aquella, como refere S. Lucas, que pronunciou Chriſto contra os peccadores, privando-os do Reino do Ceo, deſnaturalizando-os de ſeus filhos adoptivos, e degradando-os para o Inferno, e com tal circumſtancia de aborrecimento, que moſtrava que não os conhecia, nem a patria, onde naſcêrão: *Neſcio vos unde ſitis. Diſcedite à me omnes operarii iniquitatis, ibi erit fletus, & ſtridor dentium.* E qual ſerá a cauſa, que moveo a Chriſto a tão grande rigor, e ſentimento? O meſmo S. Lucas inſinúa no meſmo capitulo. Prégando Chriſto ás Turbas ſobre o Reino do Ceo, forão huns curioſos, que lhe perguntárão, ſe erão poucos os que ſe havião de ſalvar: *Domine, ſi pauci ſunt, qui ſalvantur?* A eſte nome de ſalvação requintou Chriſto a ſua doutrina, exhortando-os á mortificação das ſuas paixões, fazendo violencia a ſi, para entrar na porta do Ceo, que era mui eſtreita: *Contendite intrare per anguſtam portam*, porque muitos buſcárão outros caminhos para entrar, e não entrárão: *Quia multi, quærent intrare, & non poterunt.* E quaes ſerão eſtes caminhos diverſos, que tanto deſagradão, e irritão a Jeſus Chriſto? Luc. 13. Ibid. Luc. 13. 24.

to? Elle mesmo no seu Euangelho os aponta. Entre as Turbas, que seguírão a Christo no deserto, onde com sinco pães, e sinco peixes fartou a mais de sinco mil homens, havia muitos, que lhes parecia ter merecimento bastante para entrar no Ceo com ter ouvido a sua doutrina, e ter comido, e bebido na sua presença: *Tunc incipietis dicere: Manducavimus coram te, & bibimus, & in plateis nostris docuisti.* Ha maior atrevimento que este! Allegar por grande serviço a esmola, e caridade, que Christo lhes fez, matando-lhes a fome em hum deserto! Vio-se algum dia entre gentes brutalidade mais disforme! Prega-lhes Christo o desprezo do mundo, o jejum, e a penitencia, que são o unico meio para entrar no Paraiso, e esperando nelles o arrependimento, a compunção, e o aborrecimento ás delicias do corpo, o fruto que tira delles, he responderem-lhe com comeres, e bebidas: *Manducavimus, & bibimus.* Ora claro está que os gulosos embebidos na crapula não conhecem a outro Deos, que ao seu ventre, e como a sua bemaventurança na terra he fartar-se, satisfazem a sua gulodice, como se o Reino do Ceo fosse *esca, & potus.* Por isto o Euangelista conhecendo que este vicio tão abominavel não tinha nelles emenda, lhes intimou immediatamente em nome de Christo, que já não os conhecia por seus Discipulos, e como obreiros da maldade, e prescitos, se fossem sepultar no Inferno: *Tunc dicet: Nescio vos, unde sitis. Discedite à me omnes operarii iniquitatis, ibi erit fletus, & stridor dentium.*

Supposto o aborrecimento, que Deos tem aos gulosos, he provada, como infallivel a sua condenação; falta-nos saber que tormentos padecerão no Inferno, e se tem alguma pena distincta, proporcionada, e devida a este vicio. Perguntão os Santos Padres, como o Inferno, sendo huma congerie de penas,

nas, hum aggregado de todos os tormentos, fallando Chriſto delle, faz ſómente menção do pranto, e do ranger dos dentes: *Ibi erit fletus, & ſtridor dentium.* Lea-ſe o Euangelho todo de S. Mattheus, e acharemos, que ameaçando Chriſto com o fogo eterno aos peccadores, não huma ſó vez, mas ſim oito vezes, reduz, e recopila a infinidade das penas, que padecem, e padecerão para ſempre os condenados, ao choro, e ao eſtridor dos dentes: *Ibi erit fletus, & ſtridor dentium.* Reſpondem, que a maior razão he, porque entre a multidão de peccados, que ha no mundo, achão-ſe dous generos, que ſempre triunfão, e ſubminiſtrão continuadamente a lenha, com que ſe accende ſempre mais aquelle infernal incendio. Hum deſtes generos tem a ſua raiz na deſenfreada licença dos olhos, que depois brota em muitas eſpecies de torpezas, como diſſemos no ſegundo Diſcurſo. A eſtas correſponde a pena do choro inconſolavel, e dos gemidos ſem remedio: *Ibi erit fletus.* O outro genero he o vicio da gula, que foi, e ſerá ſempre origem de tantos males no mundo; e porque a gula tem huma natural correlação com os dentes, tem tambem por pena eſpecial o ranger dos meſmos dentes: *Stridor dentium*, verificando-ſe o que diz o Eſpirito Santo por bocca de Salamão: *Per quæ quis peccat, per hæc & torquetur.* Confirma claramente a ſerie de quanto temos dito o doutiſſimo Hugo: *Flebunt oculi, quia in vagis fuerunt vagi, ſtridebunt dentes, quia fuerunt edaces. Per hæc duo notantur duo genera culparum, pro quibus puniuntur, ſcilicet, concupiſcentia oculorum, quæ per fletum, & guloſitas, quæ per ſtridorem dentium deſignatur.* Chorarão os olhos pela ſua pouca cautela em ver objectos, que provocão á deshoneſtidade. Rangerão os dentes, porque forão comilões, e vorazes. E eſtes são os dous gene-

Sap. c. 11.

ros

ros de culpas merecedoras dos dous tormentos: *Ibi erit fletus, & stridor dentium.*

Quero mostrar mais claramente as grandes penas, que padecerão os gulosos no Inferno, com o mesmo texto do epulão; e advirto que o Euangelista S. Lucas, que relata esta historia tão succintamente, não tem palavra, que não encerre em si muitos mysterios. Primeiramente S. João Chrysostomo repara com agudeza sobre aquella palavra: *Cum esset in tormentis*; e diz, que este fallar tão mysterioso do Euangelista insinúa hum cumulo innumeravel de supplicios, e todos excessivos; pelo que parece ao dito Santo que este rico avarento encerrava em si, e tinha ao redor de si innumeraveis tormentos, e por isso não disse: *Cum esset in tormento, sed in tormentis*, porque todo aquelle individuo era huma infinidade de penas: *Istum infinita tormenta possidebunt. Undè non dicit: Cum esset in tormento, sed cum esset in tormentis. Totus enim in tormentis erat.* Agora cahe bem, e se conhecerá a força daquella palavra enfatica do Euangelista: *Et sepultus est in Inferno.* Foi sepultado no Inferno, com que explica o *non plus ultra* dos tormentos destinados para os sequazes da gula, e para os imitadores do epulão. Todas as vezes que vemos a hum malvado jogar de dia, e de noite, perdendo o tempo, o dinheiro, a fazenda, a honra, a consciencia, a alma, e a tudo quanto tem, e não tem de si, logo dizemos: Este homem está sepultado no jogo até á garganta. O mesmo praticamos de hum luxurioso, que tudo gasta em más occasiões: este homem está perdido na sua deshonestidade, sepultando-se cada vez mais no lodo da sua lascivia: *Sepultus est in eo vitio usque ad fauces.* E com esta fraze se arremata quanto se podia dizer, e inventar, para encarecer a maldade deste jogador, ou deshonesto. Desta mesma figura se serve nesta oc-

ca-

caſião S. Lucas, porque quiz compendiar o immenſo catalogo das innumeraveis penas do noſſo epulão; e não contente de dizer muito em pouco, diſſe tudo, e quanto ſe podia, e poderá dizer com eſtas duas palavras: *Sepultus eſt in Inferno.* Admirado Santo Agoſtinho do tremendo enfaſis deſte ſemiperiodo, lhe fez huma gloſſa, que bem moſtra o ſeu grande engenho, e diz aſſim: *Sepultura Inferni pœnarum profunditas eſt*, que a ſepultura do Inferno he como hum poço profundiſſimo de penas. Como ſe diſſeſſe: Quanto mais fundo he hum poço, tanto mais perto eſtá da mãi da agua, que he como huma fonte indeficiente, que ſempre brota, e nunca ſécca. A ſepultura do Inferno he hum poço cheio de huma infinidade de tormentos, que tem a vea indeficiente do furor Divino, que dura, e durará eternamente. Conſidere agora o guloſo com vagar a profundidade deſte poço, que ha de ſer a ſua ſepultura; cançará o ſeu entendimento em excogitar, a que caos, e precipicio o leva a ſua gulodice; e ſe for com os olhos em Deos, e com verdadeiro arrependimento, poderá livrar-ſe delle, e com o jejum, e penitencia, paſſar ao banquete da Gloria; e por iſto torno a dizer, conſidere, e medite com pauſa, e reflexão, e achará, que nunca poderá eſgotar eſte poço do abyſmo, nem na qualidade das penas, nem na quantidade dos tormentos: *Sepultura Inferni pœnarum profunditas eſt.*

Auguſt. lib. 2. de Civ. q. 38.

O Beato Alberto Magno, e Fr. Diogo Stella, ambos varões eſclarecidos, aſſim na ſantidade, como nas letras, eſte da Religião Serafica, aquelle de S. Domingos, eſcrevem ſobre eſte Texto, que he coſtume uſual de todo o mundo, que cada freguez ſe enterre na ſua Paroquia, onde eſtá de reſidencia, e que na morte lhe aſſiſta o ſeu Paroco, e depois o acompanhe com os ſeus Coadjutores, e Clerigos rezando-

lhe

lhe pela alma, até o lançarem na sua sepultura. Como Lucifer he o supremo pastor de todos os gulosos, repartio o mundo em varias freguezias, e as provê de Parocos vigilantes, de Vigarios diligentes, e tão zelosos, que tomão por seus ministros, e coadjutores aos mesmos comilões, e bebedores, para que vão fazendo gente, e convidando a outros companheiros para as suas crapulas, e assim multiplicarlhe os freguezes. Pessimo officio he fazer-se hum homem missionario do diabo, e ser seu advogado, como diz Santo Ambrosio: *Homo diaboli advocatus*; e isto para grangear-lhe almas para o Inferno. Quero que hum terribilissimo succesſo sirva como de principio, e fundamento das provas, do que vamos dizendo. O Padre Martinho del Rio, da nossa Companhia, e outros Authores classicos o referem, e na verdade, bem considerado, he capaz de atemorizar os mesmos Anacoretas no deserto, quanto mais aos gulosos intemperantes na Corte. No Condado de Flandes ha hum certo Priorado, farto, e de boas rendas, onde assistião trez Sacerdotes, que todos intentos a impinguar o corpo, fartavão-se de bebidas, bons boccados, e nada tratavão da sua alma. Huma noite, depois de se ter lautamente banqueteado, disse hum delles: Assás temos hoje servido a Bacco, e a Venus, (e o peior he que assim era) demos graças a Deos: *Sat Baccho, libidinique datum: Deo gratias agamus.* Respondeo hum delles: Eu antes darei graças ao diabo, e parece que todos as haviamos de dar pois elle a nós, e nós a elle lhe fazemos tanto a vontade: *Ego Domini gratias ago, & agendum censeo, cujus opus agimus.* Isto assim dito, levantárão-se da meza, e cada hum se foi para o seu aposento para irá cama. Estavão-se despindo, quando ouvem hum grande estrondo na porta, a qual aberta logo per si, entrou,

Amb. in Exam.

Del Rio lib. 3. de Mag.

Bibl. P. Man.

trou, e appareceo hum eſpectro agigantado com hum ſemblante horroroſo, (era eſte o demonio, e trazia apôs de ſi dous criados de menor eſtatura, negros, e feios, que parecião ſer cozinheiros; pois hum levava hum grande eſpeto na mão, e o outro nas coſtas hum feixe de lenha, e botando os olhos, que lançavão chammas, ſobre os trez delinquentes, diſſe em voz alta, e medonha: *Ubi eſt, qui mihi gratias egit?* Onde eſtá aquelle, que me deo as graças? Reſpondeo o deſgraçado, mais por liſenja, e medo, que por vontade, já remordendo-lhe a conſciencia, e já adivinhando-lhe o coração a ſua ultima ruina: *Adſum, ac iterum referam*: Aqui eſtou, e as tornarei outra vez a dar, ſe aſſim quizer. Então o demonio pegando nelle, raſgou-lhe com violencia os veſtidos, e aſſim nú o entregou aos dous miniſtros, dizendo: Eſte homem foi ſempre noſſo freguez, chegou-lhe a hora peremptoria da ſua morte, he força aſſiſtir-lhe, e fazer-lhe as exequias coſtumadas. Saltárão nelle os dous miniſtros, e traſpaſſando-o com o eſpeto, já reduzida a lenha em hum brazeiro ardente, o forão aſſando vivo, e a fogo lento. A vehemencia das dores por eſtar aquelle corpo aſſim traſpaſſado daquelle cruel ferro, como tambem o ardor, e actividade extraordinaria do fogo, anticipárão-lhe a morte. Apenas eſpirou, diſſe o demonio aos outros dous: A alma deſte voſſo companheiro já eſtá ſepultada no Inferno, no lugar deſtinado aos epulões, e lhe eſtão fazendo as exequias merecidas. Não levo comigo agora eſte cadaver para lhe fazer o meſmo, porque me mandão o deixe por exemplo, e emenda voſſa, e de muitos outros. Todos trez eſtaveis condenados ao meſmo ſupplicio, nem a mim me falta o deſejo, nem a vontade, mas huma força ſuperior mo impede; vou-me conſtrangido, e obrigado: e advirto-vos, que

lá

lá ficão eternos tormentos, que são muito peiores, e mais atrozes dos que soffreo o vosso companheiro, e não tem comparação alguma, porque estes são como pintados, durão pouco, e logo acabão: *Digni vos etiam estis pari supplicio, nec deest voluntas mihi. Vetor vi maiori, invitus abeo, & moneo. Resipiscite aut manent terribiora.* Ficou aquelle cadaver medonho, como de hum condenado, e denegrido como hum carvão: os pingos da gordura, que cahião nas brazas, levantárão tal escuridão, e fumaça, que só pela falla se distinguião, hum do outro, e deixárão hum fedor tão insupportavel, que foi necessario mudarem casas, e sitio, ficando aquellas por muito tempo inhabitaveis.

Bibl. Manss. v. *Gul.*

Tornemos agora ao Beato Alberto Magno, e com as suas mesmas palavras fechemos o nosso discurso, e demos tambem fim a este primeiro ponto: *Ecce exequiarum officium à dæmonibus, Presbyteris impensum; in hoc enim præcipue verum est: Dimitte mortuos sepellire mortuos suos*: Este he o officio, estas são as exequias, com que os demonios honrão aos seus freguezes, quando os levão para a sepultura do Inferno. E que bella interpretação apontou este Santo Doutor, sobre hum Texto tão difficultoso, como este do Euangelho. Desejou hum mancebo deixar o mundo, seguir os conselhos de Christo com toda a perfeição, e para o executar logo, pedio-lhe só licença de ir assistir ás exequias, e enterro de seu pai, que de pouco era morto: *Domine, permitte me primum ire, & sepelire patrem meum.* Parece que não podia pedir este mancebo cousa mais justa, que querer honrar a seu pai, e fazer-lhe aquelle ultimo obsequio, que era devido depois de morto. Com tudo negou-lhe Christo a licença, e respondeo-lhe asperamente, que o seguisse, e que deixasse, que os mortos en-

enterraſſem aos ſeus mortos: *Ait illit, ſequere me, & dimitte mortuos ſepellire mortuos ſuos.* E quem vio nunca defuntos enterrar a outros defuntos! Sabia Chriſto que o pai deſte mancebo morrêra em peccado, e que já os demonios tinhão ſepultada a ſua alma no Inferno. Como os demonios pelo peccado são verdadeiramente mortos á graça para ſempre, e eſta he a morte, que Chriſto encommenda tanto, que ſó havemos de temer; pois bem, já que eſtes tem ſepultada a alma de voſſo pai no Inferno, deixai-os tambem ſepultar o corpo: *Dimitte mortuos ſepellire mortuos ſuos.* Vejamos agora a prova tirada do noſſo thema. O epulão, diz o Euangeliſta, que depois de morto foi ſepultado no Inferno: *Sepultus eſt in Inferno.* E quem o acompanhou á ſepultura, e o lançou dentro della? Por ventura os parentes? Claro eſtá que não. Quem foi logo? Era elle epulão dado ás crapulas: *Epulabatur quotidiè ſplendidè.* Logo era freguez do demonio: logo o meſmo demonio, que era o ſeu paroco, o mandou lançar em corpo, e alma na ſepultura do Inferno, que tem preparada para os comilões, e bebedores, ſeus freguezes: *Sepultus eſt in Inferno.* Matth. c. 8. Luc. 16.

He obſervação dos Santos Padres, que entre os peccadores, de qualquer genero de vicios, os guloſos são os que mais difficultoſamente ſe diſpõem a bem morrer, e por iſto ſuccede que morrem de improviſo, e ſem confiſsão; e ſe tem tempo para confeſſar-ſe, o vão prolongando até morrerem impenitentes, ſem dar final algum de arrependimento, ou da ſua ſalvação, que he o ſegundo ponto deſte Diſcurſo. Vendo Moyſés que Deos eſtava irritado contra o ſeu povo pela reincidencia na idolatria, adorando o bezerro, começou logo a pedir-lhe efficazmente que lhe perdoaſſe; mas quando vio que os *Segundo ponto.*

seus rogos erão baldados, reforçou com resolução as instancias até pactear com Deos: *Aut dimitte illis hanc noxam, aut dele me de libro tuo.* Pelo contrario appetecendo este mesmo povo as carnes, e cebolas do Egypto, descubrio a Moysés a sua gulodice: *Quis dabit nobis carnes ad vescendum, in mentem nostram veniunt cepe, & alia.* Vendo Moysés a extravagancia deste povo, quiz renunciar o governo delle, e quando não, pedia a Deos que lhe tirasse a vida: *Non possum solus sustinere hunc populum, quia gravis est mihi, sin aliter obsecro, ut interficias me.* Não lemos porém que Moysés pedisse a Deos por elle, e mais sabendo que estava altamente irritado, e que o havia de castigar, como fez com todo o rigor. Qual será a causa, por que Moysés intercedeo pelo povo, quando estava idolatrando, e não agora, que o via guloso, e intemperante? Por ventura a idolatria será peccado inferior ao da gula? *Absit.* Por nenhum caso. O peccado da idolatria em todo o rigor Theologico excede a todos os mais generos de peccados, e não he menos que tirar a Deos a Divindade, pondo-a em hum marmore, em hum metal, ou em hum madeiro. Sendo logo isto assim, por que Moysés se empenhou tanto para impetrar o perdão de idolatrar ao bezerro, e para o peccado da gula não disse huma só palavra, antes pedio eximir-se daquelle povo, deixando-o exposto ao furor Divino? E que bem obrou Moysés, como illuminado de Deos! Sabia que o peccado da idolatria tinha emenda; porque dando-lhes a beber os pós do mesmo bezerro, vendo que se reduzião em nada, era notorio, e palpavel o desengano, que o bezerro não era Deos; porém o vicio da gula, sendo tão conatural aos homens, os faz como incorrigiveis. Assim explica este Texto o Caetano, Commentador de S. Thomaz: *Peccatum gulæ quasi*

est

eſt incorrigibile. Conhecia tambem Moyſés, que os ſeus rogos não havião de ter valia para com Deos, porque no peccado da gula Deos ordinariamente he, ou ſe faz inexoravel: *Cognovit inſuper Moyſes, preces ſuas in hoc caſu minime ex audiendas forè, quia ſciebat, Deum contra hoc peccatum omninò inexorabilem eſſe.*

Paſſemos agora de Moyſés a Noé, tambem Varão querido de Deos, e de virtude conhecida, e experimentada pelo eſpaço de ſeiſcentos annos, que tantos tinha, quando Deos lhe confiou a ſuperintendencia da Arca. Revelou-lhe Deos, que o genero humano havia de ficar deſtruido, pois o via perſeverar na maldade, ſem eſperança alguma de emenda: *Dixit ad Noé: Finis univerſæ carnis venit coram me, repleta eſt terra iniquitate.* Começou logo Noé a trabalhar na Arca, e foi gaſtando hum ſeculo inteiro na conſtrucção della. Eſpalhou-ſe a fama deſta nova fabrica, ordenada por Deos a Noé; e como já ſe hia encorporando, e fazendo vulto do que havia de ſer, concorrião não ſó os naturaes da terra, mas tambem de outras Provincias, e Reinos, para ver a eſtructura, e fórma de tão grandioſa obra. Noé, feito Prégador incanſavel, a todos admoeſtava, que largaſſem os vicios, choraſſem as ſuas culpas, e emendaſſem a vida, porque Deos lhe tinha revelado, que eſtava imminente o diluvio, em que ſem remedio havião de morrer todos affogados; porém elles tão longe eſtiverão da emenda, que ſe ſubmergião cada dia mais nas ſuas crapulas, carregando a Noé de affrontas, chamando-lhe homem inſenſato, e velho tonto, que prodigamente gaſtava o dinheiro, e o tempo na fabrica de hum Caſtello nadante por huma louca abuſão, que lhe deo na cabeça; e que elle ſó com a ſua familia ſe havião de ſalvar nelle em hum diluvio imaginario. Couſa incrivel, ſenão foſſe de fé! De

tantos milhões de pessoas, que no espaço de cem annos ouvírão prégar a Noé o diluvio, ou lhes chegou á noticia a Arca, que elle por causa do dito diluvio estava fabricando, não houve hum, que se converteſſe? E o que mais me faz pasmar, he, que ainda nos ultimos periodos, em que elle, e os seus filhos se forão despedir dos amigos, que o acompanhárão até entrar na Arca, além de huma infinidade de gente, que por curiosidade foi assistir a este embarque, por ver a comitiva de toda a especie de animaes, que obedientes o seguião, não houve hum só que cresse, ou ao menos duvidasse da verdade deste diluvio; e para assegurar a sua vida, lhe pedisse ou como parente, ou como amigo de ficar com elle na Arca. Não se espante o pio leitor, que o Euangelista S. Lucas dá a resposta, que explica com clareza admiravelmente quanto temos provado: *Edebant, & bibebant usque in diem, qua intravit Noé in arcam, & venit diluvium, & perdidit omnes.* Comião, e bebião até no dia que Noé entrou na Arca, veio o diluvio, todos morrêrão affogados. De que servírão as prégações de Noé? Que importava o seu bom exemplo? Erão elles comilões, e bebedores: *Edebant, & bibebant*; pois não tem que se cançarem em esperar emenda, porque não admittem, nem adorão a outro Deos, que seu ventre: *Quorum Deus venter est*, nem tem outro fim, que com a morte eterna ficarem sepultados no Inferno: *Et quorum finis interitus.*

Luc. 17. v. 18.

Phil. 3. 19.

Conheceo a verdade desta doutrina, ainda que tarde, e á sua custa, o epulão do Euangelho. Nunca quiz crer, em quanto viveo, que na outra vida se lhe havião de trocar os regalos em tormentos. Por muitos avisos, que lhe derão, para que se emendasse da sua crapula; por muitas razões, que lhe allegassem, sempre foi surdo, e incorrigivel; antes, como

como diz S. João Chryſoſtomo, era tão cego, que aos exemplos da Sagrada Eſcritura chamava fabulas, e exibilando aos Profetas, fazia eſcarneo do zelo, que moſtravão com as ſuas admoeſtações, e documentos. Finalmente a fumaça do Inferno, onde de repente ſe vio ſepultado, lhe apurou a viſta do entendimento, e a actividade do fogo com a força dos tormentos lhe fez confeſſar as verdades, que neſta vida impugnava, como fabuloſas; e invocou logo ao grande pai Abrahão, para que mandaſſe a Lazaro prégar a ſinco irmãos, que tinha, e os deſenganaſſe, e não foſſem parar com elle no Inferno: *Habeo enim quinque fratres, ut teſtetur illis, ne & ipſi venient in hunc locum tormentorum*; porém Abrahão reſpondeo-lhe, que tinhão a Moyſés, que era ſeu Legislador, e aos Profetas, que erão os Interpretes da Lei, e Prégadores, que os ouviſſem, e ſe emendaſſem. Não baſta, replicou o epulão, porque elles tem os meſmos vicios, que eu: deſprezão o Decalogo, e reputão as Sagradas Eſcrituras por fabulas; porém ſe viſſem a Lazaro reſuſcitado, e lhes déſſe as novas dos tormentos, que padecia no Inferno, então poderião reduzir-ſe á penitencia, e emendarem-ſe. Porém Abrahão conhecendo que os irmãos erão dados aos meſmos vicios da gula, e por iſto incorrigiveis, reſpondeo: *Si Moyſen, & Prophetas non audiunt, neque, ſi quis ex mortuis reſurrexerrit, credent*, como ſe diſſeſſe: He tal a obſtinação dos guloſos, e tal a cegueira, em que vivem embebidos nas ſuas crapulas, que não dando fé nem a Prégadores, nem ás Eſcrituras, ſe eu lhes mandar o meſmo Lazaro, que elles conhecêrão, e vírão mendigo, e cheio de chagas, já reſuſcitado, hão de cuidar, e dizer que he huma fantaſma, hum eſpectro, e huma apparencia enganoſa, com fórma, e ſemblante humano para lhes fazer medo,

Luc. 16.

Luc. ibi. D. Chryſoſt. ibi.

e os enganar. Este he o sentido de S. João Chrysostomo sobre este Texto do epulão: *Quia audiendo scripturas contemnebat, & fabulas esse, putabat.* Pelo que fica claro, que o vicio da gula he irremediavel; e, como diz S. Bernardo, que os comilões, e gulosos só depois de mortos mudarão de costumes: *Qui gulosus effectus est, vix aliter quam morte mores mutabit.*

D. Bern. tom. 4. epist. 6.

Supposta a impenitencia final dos gulosos, segue-se o abbreviar-lhes Deos a vida com mortes espantosas, e precipitadas; e o peior he que subitas, e improvisas. E como a tempo, e com bello modo o nosso supremo Juiz Jesus Christo admoestou aos seus Discipulos, e a nós todos! Guardai-vos (são suas palavras) com grande cuidado, e attenção, que não sejais colhidos na crapula, e bebedice, que vos virá de repente a morte a modo de laço: *Attendite vobis, ne fortè graventur corda vestra in crapula, & ebrietate; & superveniat in vos repentina dies illa, tanquam laqueus enim superveniet.* Deixou a versão desta sentença, pois ao pé da letra confirma quanto vamos dizendo. E só reparo com S. Boaventura na semelhança do laço, com que cahem os passaros, quando famintos buscão a comida, que não podia ser mais accommodada para explicar a morte improvisa dos gulosos. Compara Christo os comilões aos passaros, ou aves; porque como estes no pasto, por comer, são prezos no laço pela garganta, e pescoço, assim tambem os gulosos, pelo vicio da gula, morrem pela garganta: *Comparatur avi, nam sicut avis per collum laqueo tenetur, sic gulosus per collum, & gutur capitur vitio gulæ.* Deste modo succedeo aos Israelitas, (e reparem neste successo) quando enfastiados do manná no deserto, queixando-se de Moysés, com choros, e alaridos lhe pedião carnes para comer: *Da nobis carnes, ut comedamus.* Conhecida a ingratidão, e rebel-

Luc. 21.

D. Bon. l. 1. c. 8. apud Manf.

Num. c. 11.

beldia deſte povo, que queria não ſó o neceſſario para o ſuſtento, mas o regalo para a gula, mandoulhes Deos huns bandos de codornizes tão copioſos, que parecião chuveiros, para que fartaſſem a vontade do ſeu appetite. Acudírão logo a ellas, comendo como lobos vorazes; mas eſtando ainda com a preza nos dentes, cahírão no laço da morte, que os affogou a todos: *Adhuc carnes erant in dentibus, & ecce furor Domini, concitatus in populum, & percuſſit eum plaga magna nimis, vocatuſque eſt locus ille ſepulchra concupiſcentiæ*, a fim de que onde commettêrão o delicto da gula, ahi achaſſem a ſepultura da gulodice. Num. 11. 33.

Deſtas mortes repentinas, e deſtes caſtigos immediatos depois da culpa eſtá cheio o ſagrado Codice; e lendo-o, acharemos que o furor Divino cai quaſi ſempre ſobre os guloſos. Morreo de repente o noſſo epulão. A razão a dá S. Lucas: *Epulabatur quotidiè ſplendidè.* Era comilão, e cada dia em banquetes. Tinha convidado ElRei Balthazar os magnates do Reino a huma grandioſa cea, e na meſma noite foi morto: *Eadem nocte interfectus eſt.* Eſtava-ſe gloriando aquelle rico do Euangelho, porque tinha os celeiros, e as adegas cheias; porém apenas conſolou-ſe, dizendo: *Comede, bibe, epulare*: Come, bebe, regala-te, porque logo Deos fulminou a fatal ſentença da morte, que ſe executou na meſma noite: *Stulte, hac nocte animam tuam repetent à te.* Tanto he verdade, que os embebidos na crapula fazem com que Deos para com elles ſe não mova á piedade. E para que os exemplos não ſejão todos antigos, referirei hum moderno, que Thomaz Cantipratenſe, Author celebre, e fidedigno, affirma ſer acontecido no ſeu tempo. Vivião em hum Moſteiro dous Monges mais inclinados a comer bons boccados no Re- Dan. cap. 5.

feitorio, que a rezar devotamente no Coro. Costumavão cear ambos juntos em huma meza á parte, e regalar-se com guizados, que lhes vinhão de fóra, com pouca edificação dos mais Religiosos, que se contentavão com a ração da Communidade. Hum delles, ao segundo, ou terceiro boccado, parece que se lhe atravessou tão fortemente na garganta, que virando os olhos, no mesmo instante espirou. Levantárão-se da meza o Abbade com os mais Religiosos, espantados do funebre successo; e mandando vir o esquife, acompanhárão o cadaver para a Igreja. E que tal ficaria o companheiro réo, e cumplice do mesmo delicto! (Cousa incrivel, senão fosse em materia do vicio da gula, que he irremediavel) Tornou-se a assentar só na meza, dizendo: Quem bem cea, melhor dorme; e fartando-se até não poder mais, assim repleto perdeo os sentidos; a morte foi arrebentar logo como hum bruto: *Et enormi crapula repletus, quasi brutum animal expiravit*, verificando-se destes dous comilões o que disse o Profeta David, que estando ainda com a vianda na bocca, a justa vingança de Deos cahio sobre elles: *Adhuc escæ eorum erant in ore ipsorum, & ira Dei ascendit super illos.* Tanto he verdade, que em todo o tempo sempre Deos foi, e será sempre para os guloſos, e comilões Juiz rigoroso, e sem piedade.

Tom. Cant. lib. 2. c. 12.

Psalm. 77.

Admiravel documento he aquelle, que dá Salamão, quando diz, que por muito comer muitos morrêrão: *Propter crapulam multi obierunt.* Esta sentença he quasi como aquella de S. Paulo: *Statutum est omnibus hominibus semel mori.* Está lançado por Deos o aresto irrevogavel, que todos havemos de morrer. Ainda que não fosse de Fé, a experiencia quotidiana nos mostra, que ninguem fica cá, mas todos vão, e morrem. Assim temos por evidente experiencia, que

Eccles. 37.

que a crapula matou a muitos de repente. O Emperador Alexandre Severo comeo tanto em hum jantar, que dahi a duas horas arrebentou. Se fora ſevero comſigo, como o era com os outros, não arrebentára. Peior he a crapula, quando vai junta com a bebedice, porque então com ſó o achaque do vinho ſe abbrevia a vida. Miguel Paleologo, o terceiro Emperador do Oriente, embebedou-ſe, como coſtumava, em hum banquete. Deitou-ſe em hum leito dourado, como Olofernes; porém Baſilio, que governava o Imperio, vendo que eſtava em hum profundo letargo, com hum alfange lhe cortou a cabeça. O Emperador Zeno Iſaurico, tendo o meſmo vicio da bebedice, contrahio o achaque de gotta coral. E como eſte, quando eſtava bebado, deſcompunha muitas vezes a Emperatriz Ariadna ſua mulher, eſtando hum dia á meza, lhe dobrou o achaque da gotta coral com o do vinho. No meſmo tempo a Emperatriz ſua mulher fez publicar, que o Emperador era morto, e o mandou logo enterrar, e tambem guardar por ſentinellas a ſepultura. Deſpertou-ſe Zeno já aliviado de ambos os achaques, e por muito que clamaſſe, e bradaſſe, para que lhe levantaſſem a pedra da ſepultura, com dizer que era o Emperador Zeno, e que faria muitas mercês, lhe reſpondêrão, que já outra peſſoa governava por elle. Não importa, (replicou o miſeravel Zeno) levem-me ao menos a hum Convento para me poder confeſſar, e lá me ficarei fazendo penitencia dos meus grandes peccados. Mas ſem fruto, e ſem compaixão foi o miſeravel ouvido, e aſſim morreo raivoſo, comendo-ſe pela fome os dedos, e as mãos. He tambem de reparar o que vai proſeguindo Salamão: *In multis eſcis infirmitas*: Que na variedade dos comeres, e no ſuperfluo dos guizados ſempre ſe gerão doenças. Falla generico

ſem

sem individuar as especies, porque parece que inclue a todas. Pelo que he certo aquelle adagio: Quem come muito, come pouco; e quem come pouco, come muito, porque tem muitos mais annos de vida para comer. He tambem ditado mui antigo, que na meza ninguem envelhece: *In mensa nemo consenescit.* Será assim pelo sobrio, e moderado comer, e beber; mas muito mais se verifica dos que comem, ou bebem mais do necessario, porque estes ou morrem moços, ou antes do tempo, e assim nunca chegão a envelhecer. A razão he de Aristoteles, porque: *Omne agens agendo repatitur*; assim vemos que a lima, limando o ferro, se consome; a faca, cortando, perde o fio. Do mesmo modo, o calor vital, cozendo o alimento no estomago, se he muito, e de diversas iguarias, enfraquece, e se diminue; e assim diminuido, já não tem força para ajudar a digestão; e sufocando-se sempre mais pela copia exorbitante dos comeres, abandona o officio vital, e faltando este, de todo falta tambem a vida: *In multis escis infirmitas: propter crapulam multi obierunt.*

Arist. Eth.

Eccles. 37.

Já he tempo de darmos algum remedio para aquelles gulosos, que não são totalmente incorrigiveis, e prescitos. Depois que o Espirito Santo nos advertio, que muitos pelo peccado da gula se precipitárão na morte: *Propter crapulam multi obierunt*, proferio immediatamente a sentença de larga, e dilatada vida, a quem fosse parco, e abstinente: *Et qui abstinens est, adjiciet vitam.* Esta verdade he tão patente, que reparão os Santos Padres, que desde o principio do mundo até o diluvio, que foi na idade de Noé de seiscentos e trez annos, vivião os homens oitocentos, e novecentos annos, sem nunca adoecerem; e S. Pedro Damião dá a razão com outros muitos, porque dizem não bebião vinho, nem co-

Eccles. ibi.

comião carnes, contentando-ſe das ervas, e frutas, que produzia a terra: *A' ſæculi origine mundus, uſque ad ſexcenteſimum tertium Noé annum, prorſus vinum ignoraſſe cognoſcitur, obiiſſe quidem, ſed nullus ægrotaſſe.* Petr. Dam. l. 3. Ep. 23. E iſto confirma o Profeta David, quando diſſe, fallando do povo eſcolhido, que não havia em todas as tribus hum ſó enfermo: *Non erat in tribubus eorum infirmus.* Pſalm. 104. Mas não he ſó antes do diluvio, que a parſimonia livrava das doenças, e prolongava os dias da vida. De Galeno, Principe da Medicina, eſcreve Santo Antonino Arcebiſpo de Florença, que viveo cento e vinte annos, e que nunca tivera doença, porque ſempre abominou a variedade dos comeres, e ſempre ſe levantou da meza com fome. S. Ant. 2. tit. 6. E o Bellovacenſe cita huma reſpoſta dos Bramanes a Alexandre Magno, deſejoſo de ſaber como chegavão todos á idade decrepita, e paſſavão de nonagenarios, e centenarios, e com forças, e ſem achaques. Reſcrevêrão-lhe, que a ſua meza era muito parca, e elles comião muito pouco, e por iſſo vivião muito, e ſempre com ſaude, e nunca neceſſitavão de purgas, ou ſangrias, ou outros remedios da Medicina, porque nenhum delles gravava o eſtomago com ſuperfluidades: Bell. ſp. mor. l. 3. diſt. 1. *Apud nos illicita eſt ventris extenſio, proindè ſumus ſine ægritudine. Diu vivimus, & quandiù vivimus, ſani ſumus; medicinas nullas facimus, quia naturam noſtram nullis ſuperfluitatibus gravamus.* Bellov. lib. 3. diſt. 1. E ſe a parſimonia tanto obra nos Gentios para eſtender a vida temporal, que não obrará o jejum entre os Catholicos para ſervir a Deos, e ganhar a vida eterna! Sant-Iago o Menor, quando Herodes Agrippa o mandou martyrizar, tinha noventa e ſeis annos de idade; e quem ſabe quantos viviria mais no ſeu perpetuo jejum, e penitencia! Era tão Santo, que ſó elle entre os Apoſtolos entrava no *Sancta Sanctorum.* S. Hilarião foi bem

moço

moço para o deserto, onde viveo oitenta annos com aquella austeridade, que se lê na sua vida. Santo Antonio Abbade viveo cento e vinte; e destes, como escreve Santo Athanasio, cento e trez, em hum perpetuo jejum, comendo só ao pôr do Sol humas ervas sem sal. S. Paulo primeiro Ermitão viveo cento e treze annos, submministrando-lhe o vestido, e o sustento huma palmeira com huma fonte de agua, que estava perto. Tambem S. Romualdo viveo cento e vinte annos, e foi Fundador dos Camaldulenses, com huma vida austerissima. E S. Francisco de Paula deixou por preceito indispensavel aos seus Religiosos de nunca comer carne, nem ovos, nem laticinios; e guardando com todo o rigor elle, e os seus Religiosos este preceito, viveo noventa e hum annos. Tambem os seus Alumnos, se muitos não passão, ou chegão a esta idade, não vivem porém menos de muitos, que por qualquer achaque, ou verdadeiro, ou imaginado, tomão pé na Quaresma para serem dispensados não só de comer ovos, e laticinios, mas tambem carne, porque deste modo na sua sentença podem almoçar, e cear á noite, pois já não são obrigados ao jejum. Nem com todas estas cautelas, e pervenções se vive mais. O jejum moderado, e o ser abstinente he certissimo, e infallivel, que prolonga a vida: *Qui abstinens est, adjiciet vitam.*

Arrematámos o primeiro ponto com provar, que os gulosos são subditos, e freguezes do demonio, que exercita nelles o officio de paroco, e de senhor. Agora arrematarei este segundo com mostrar, que os abstinentes predominão, e se fazem senhores dos demonios, que tremem delles; e os seus jejuns são o antidoto irrefragavel, que cura, e destroe toda a peste do vicio da gula. Diz Santo Ambrosio ser propriedade natural, que se a serpente gostar

da

da ſaliva de qualquer peſſoa, que eſtá em jejum, logo immediatamente morre. E com iſto quiz Deos manifeſtar quão maravilhoſa ſeja a virtude, e força do jejum; e que ſe ſaiba, que ſe o homem, eſtando em jejum, mata com a ſua ſaliva os dragões, e ſerpentes da terra, muito mais, jejuando por amor ſeu, proſtrará, e vencerá os dragões, e ſerpentes do Inferno: *Jejuni hominis ſputus, ſi ſerpens guſtaverit, moritur. Vide, quanta vis jejunii ſit, ut & ſputo ſuo homo terrenum ſerpentem interficiat, quanto magis ſpiritualem.* D. Ambroſ. lib. 6. Exam. c. 4. Eſcreve S. Pedro Damião, que a ſerpente envelhecendo, eſtá quarenta dias ſem comer, nem beber couſa alguma; e aſſim debilitando-ſe até emmagrecer de qualidade, que a pelle fica como deſapegada ſobre a carne, buſca então a abertura de duas pedras contiguas, ou algum buraco apertado na terra dura; e entrando com violencia, larga, deſpindo-ſe da antiga pelle, a velhice; e ſupprindo a natureza com outra nova, retorna ao priſtino vigor da ſua mocidade. Oh quantos epulões envelhecidos na crapula ſe esfriárão totalmente, perdendo o calor do eſpirito! O remedio contra eſte grande mal he imitar, como nos enſina noſſo Senhor Jeſus Chriſto no ſeu Euangelho, a prudencia das ſerpentes: *Eſtote prudentes ſicut ſerpens.* Matth. cap. 10. Paſſar pela porta eſtreita do jejum: *Intrate per anguſtam portam.* Matth. c. 7. Largando todo o regalo, e deſpindo-ſe da pelle do lobo voraz; de homem velho, veſtir-ſe de homem novo: *Induite novum hominem*; Eph. c. 4. porém iſto ſó ſe alcança (como bem adverte S. Pedro Damião) com o jejum. Repare o pio leitor nas ſuas palavras: *Vis ad ſerpentis exemplum novus fieri, & languentem animæ ſenectutem, impubeſcentis adoleſcentiæ reflorere decorem, jejuna cum ſerpente.* S. Petr. Dam. l. 1. Ep. 18.

Deſenganem-ſe os peccadores guloſos, que ſe

não

não imitarem o jejum da serpente nesta vida, experimentarão huma fome canina, e raivosa na outra; e em lugar das delicias dos bons comeres, e iguarias, a serpente infernal lhes dará a tragar fel de dra-
Deut. c. 32. gões, e venenos de viboras, e basiliscos: *Fel draconum, vinum eorum venenum aspidum.* E porque a sede será semelhante áquella do rico avarento, não pedindo já licor selecto, mas huma gota de agua para alivio da sua garganta abrazada com tanto fogo, o seu refrigerio será tomarem os demonios chumbo desfeito, e metal derretido, e abrindo-lhes á força com ganchos de ferro affogueado a bocca, lho lançarão dentro das goelas, e lho farão tragar, para encher, e fartar aquelle ventre, que neste mundo foi o seu Deos: *Quorum Deus venter est.* Oh gula! Oh Inferno! Oh eternidade! Hum enfermo para se livrar de huma febre, que tem algum perigo, faz dietas continuadas, e não se queixa que o enfraquecem: tem sedes insoffriveis, e não só lhe prohibem o vinho, mas tambem lhe negão a agua, e tem paciencia: dão-lhe bebidas amargosissimas, que a natureza mesma aborrece, não repugna; se faz violencia, obedece, nada diz, tudo toma, tudo soffre. E porque tanta resignação, e obediencia a hum Medico tão rigoroso, que talvez enganando-se, ordenará o contrario á saude? Não he por outro fim, que por se ver livre da febre, que lhe ameaça a morte. Oh cegueira dos homens! Oh engano! E não farão os comilões, e bebedores outro tanto, para se verem livres da febre do vicio da gula, que os conduz a huma morte inprovisa, preludio da morte eterna? Oh vicio da gula! Oh Inferno! Oh eternidade! Se estas verdades não movem os epulões, e guloso a huma resolução firme de huma total emenda, será verdadeiro o nosso assumpto, que o vicio da gula

não

L.M. TORMENTO DO TACTO

não tem remedio, e que os comilões, e bebedores são freguezes dos demonios, que já lhes tem preparado com sepulão a sepultura no Inferno: *Sepultus eſt in Inferno.*

DISCURSO VI.

Do tormento do Tacto.

Præcepit nobis Deus, ne tangeremus illud. Gen. c. 3. 3.

CConcordão todos os Santos Padres, que entre todos os sentidos o do tacto he o mais pernicioso, e em consequencia o de maior perigo, pois mais facilmente faz prevaricar huma alma, e com qualquer pequena detença a precipita no Inferno. São os outros sentidos, como as janellas de alguma fortaleza, que se não forem bem vigiadas, e com as sentinellas á lerta, entra o inimigo, saqueando, e depredando todas as virtudes até dar a morte á alma: *Mors intrat per feneſtras noſtras*; porém o tacto he como hum Capitão General, que dá logo o ultimo assalto á porta maior da fortaleza, fazendo-se com imperio senhor della. He bellissimo o reparo de S. Basilio, discorrendo sobre o vicio do tacto, e diz, que os outros sentidos lhe servem como os cães da caça para lhes entregarem a preza. Os olhos a vem, e a descobrem, os ouvidos a sentem, o olfacto a cheira, a imaginação a dá a goſtar, e faz appetecer, e finalmente parece que todos elles no exercitar o seu officio vão em busca della; porém o mesmo tacto he o proprio caçador, que Jerem. c. 9. 21.

que apenas vista, ou descuberta a caça, com só tocalla a agarra; e quanto mais brandamente a vai apalpando, com tanto maior crueldade a despedaça, e a mata. Por isto o mesmo Santo Doutor exhorta a todos a estar com grande cautela, por guardar-se deste sentido, e fugir delle, como da occasião proxima, chamando-o sorrateiro traidor, que traz todos apôs de si, e obriga com a sua brandura tyranna os mais sentidos á sua obediencia: *Tactum*, (inquit) *ut omnium sensuum perniciosissimum, & sævissimè blandientem, quàm maximâ curâ servabis.* S. Basil. lib. de Virgin. Este he o rascunho da materia, que havemos de tratar neste sexto Discurso do tormento do tacto; e como esta materia he muito ampla, e importantissima para a nossa salvação, procurarei de a reduzir em compendio, dividindo-a por maior clareza em trez unicos pontos. No primeiro veremos como este vicio do tacto he aquelle, que no genero humano faz maior estrago nas almas. No segundo mostraremos o unico, e mais seguro remedio para emendar-se, provado com as Sagradas letras, e approvados dos Santos Padres. No terceiro finalmente, com as razões, e com os exemplos se fará patente o desengano para quem espera emendar-se na hora da morte, que o seu arrependimento será falso, e a sua penitencia fingida; e não lhe servirão de outra cousa, que de lhe accrescentar maior pena, e tormento no Inferno.

Santo Agostinho faz huma engenhosa comparação do tacto, que he o infimo de todos os sentidos, com a terra, que entre os quatro elementos he tambem o ultimo, e menos nobre; porque, conforme o ar, o fogo, e a agua, são elementos mais puros, e de maior perfeição, com tudo obedecem, e servem á terra. O ar com a fazer habitavel, o fogo com a purificar, e a agua com a render fecunda. Assim os

ou-

outros ſentidos, ainda que mais apurados, por ſerem de condição mais excellente, ſervem, e obedecem aos goſtos, e delicias do tacto; porém eſte he hum ſenhor iniquo, e naturalmente tyranno, que quando ſe moſtra mais brando, então he mais cruel; porque o peccado, que começa a ter a ſua primeira entrada pelas janellas dos outros ſentidos, em chegando ao tacto, eſte lhe põe logo de par em par as portas, e depois de entrado, elle he o algoz, que quanto mais ſe detem apalpando, mais depreſſa lhe dá o ultimo complemento, e conſequentemente a morte eterna. Bem ſe eſpecifica iſto de hum Poeta ſacro: *Poſt viſum riſum, poſt tactum venit ad actum.* As mais das vezes o ver, e o ouvir paſſa por hum ſimples cumprimento com hum ſorriſo agradavel, moſtra a peſſoa hum genio obrigante, hum natural docil, e capaz de toda a converſação: *Poſt viſum, riſum*; porém ſe o ver, e o rir paſſa ao tocar, infallivelmente pela grande attractiva deſte ſentido, e pela occaſião proxima, e proximiſſima, paſſará o tacto ao acto peccaminoſo; e ſe não com a obra, por falta de tempo, ou do lugar, ſerá com o conſenſo: *Poſt tactum venit ad actum.* E deſta verdade tão certa, como por noſſa miſeria tantas vezes experimentada, ſe ſegue logo a prova evidente tirada das palavras do noſſo thema: *Præcepit nobis Deus, ne tangeremus illud.* Gen. c. 3.

Invejoſo o demonio da felicidade dos noſſos primeiros pais, ſe reſolveo tentar a Eva, para que comeſſe do pomo prohibido, com dizer-lhe: *Cur præcepit vobis Deus, ut non comederetis ex omni ligno Paradiſi?* Porque vos tem Deos prohibido, que não comais de toda a fruta, que produz o Paraiſo? Reſpondeo Eva: Nós comemos, e nos ſuſtentamos de todas: *De fructu lignorum, quæ ſunt in Paradiſo veſcimur;*

cimur; porém só do pomo de huma arvore, que Deos reservou, não quer que comamos delle, nem que o toquemos: *Præcepit nobis Deus, ne comederemus, & ne tangeremus illud.* Mas como podia Eva inventar, e dizer huma falsidade tão crassa, e patente, como he o dizer, que Deos lhe prohibíra de tocar o pomo? *Ne tangeremus illud.* Ella não ouvio o preceito; porque quando Deos o fez a Adão, Eva ainda não estava creada no mundo. Nem Adão lho podia ter dito; porque quando Deos lhe intimou o preceito, prohibio-lhe sómente o comer do pomo, sobpena de morte, e não o tocallo: *De ligno autem scientiæ boni, & mali ne comedas, in quacumque die comederis, morte morieris.* Sendo isto assim, como logo fallou Eva falso ao demonio, inventando de sua cabeça, que o preceito Divino era de não comer, e de não tocar o pomo? *Ne tangeremus illud.* Ah que não foi invenção, nem falsidade, nem menos engano; foi bem sim cautella necessaria para fugir o perigo proximo, e foi huma prevenção consecutiva, conhecendo mui bem, como tinha sciencia infusa, que o mesmo era tocar o pomo, que comello: *Post tactum venit ad actum.* E quando Deos prohibe o peccar, prohibe tambem todo o perigo evidente, e toda a disposição proxima, da qual procede infallivelmente o peccado. E por isto fallou Eva, como prudente, e acautellada, quando disse: *Præcepit nobis Deus, ne tangeremus illud.* Prouvera a Deos que tal cautella durára, que não padeceriamos agora tantas miserias, e tentações, nem tantos cahirião nellas. Mas prosigamos o mesmo Texto, e tocaremos com a mão a differença, que vai entre o sentido do tacto, e os outros sentidos. Depois que o demonio respondeo a Eva, que comendo do pomo, não morrerião, mas serião como Deoses: *Nequaquam moriemini, sed eritis sicut Dii*, considerou Eva,

Gen. c. 2. 17.

Gen. c. 33.

Eva, que o pomo havia de ser mais saboroso, e agradavel ao paladar: *Vidit igitur mulier, quod bonum esset lignum ad vescendum.* Eis-aqui o sentido do gostar, e com tudo mortificou-se, e não o comeo. Depois vio que era formosissimo: *Pulchrum oculis.* Eis-aqui o sentido da vista. Venceo-se, e teve paciencia; mas logo que das janellas dos olhos appareceo a deleitação: *Aspectuque delectabile*, o tacto, como mais atrevido, e violento, arrombou as portas todas, e pegou no pomo, e o tirou da arvore, e no mesmo instante o comeo, e engulio, tragando tambem o peccado, que he a morte da alma: *Tulitque de fructu illius, & comedit.* Oh vicio de tacto, quanto es attractivo, e poderoso! Como es feiticeiro entre os mais sentidos! Não contente Eva de ter quebrado o preceito, foi logo presentar o pomo ao marido: *Deditque viro suo.* Desgraçado successo! Apenas Adão pegou nelle, que inficionado daquelle contacto, e esquecendo-se de Deos, do preceito, de si, e de toda a sua posteridade, o mesmo foi receber o pomo, e tocallo, que comello: *Deditque viro suo, & comedit*, perdendo a si, e deixando em total ruina, e perdição o genero humano: *Post tactum venit ad actum.* E se o tacto de huma fruta heterogenea, que não teve outra vida que a vegetavel, e sem alguma correspondencia teve tal attractivo em suscitar o appetite do gosto em Adão, e Eva, que bastou para os fazer prevaricar no preceito, ainda que vivessem no estado da innocencia, e livres do *fomes peccati*, que será logo do tacto perigoso do corpo humano, que além de ter o sensitivo, que allucina, tem o ser homogeneo, que logo se faz congeneo, reciproco, e correspondente com tal viveza de affecto, que parece hum feitiço? Oh triste, e maldito vicio do tacto, como es cego! Atrevido, porque te atreves a todo o ge- Gen. c. 36.

nero de pessoas, e em todas as partes do corpo; cego, porque não fazes distinção nem de lugar, nem de idade, nem de gráo, nem de sexo, nem de estado; e do teu atrevimento, e cegueira não vês, nem reparas as consequencias, que nascem de mil enormidades, e absurdos. Do teu máo habito, e inclinação de tocar, e apalpar segue-se, que se o tacto for com pessoa desobrigada, será fornicação; se o tacto for com virgem, passará logo a estupro; se com parenta, passará ao incesto; se com casada, nascerá o adulterio; se com pessoa de voto, hum sacrilegio. Nem se contentará este torpe vicio do tacto de se ter feito como hum infame Proteo, tomando todas as fórmas, e representando todas as figuras. Que senão for detido com o temor de Deos, ou refreado com o lume da razão, chegará com a sua cegueira a ter a maldição, com que o ameaçava Deos na Sagrada Escritura: *Palpet in meridie, sicut palpare solet cæcus in tenebris.* Quer dizer, que estando hum Christão com a luz do meio dia da Fé Catholica, este enorme vicio de tocar, e apalpar o fará esquecer do ser racional, e humano, obrando peior que bruto contra a mesma natureza, até se transformar com nefandas metamorfoses em outras especies, que depois acabão em brutalidades, e cataftrofes, mais dignas de serem queimadas com o fogo, que merecem anticipado nesta vida, que descritas com a penna. Tanto póde a torpe, e cega inclinação ao vicio do tacto: *Post tactum venit ad actum.* Por isto disse bem Eva: *Præcepit nobis Deus, ne tangeremus illud.*

Deut. c. 28. 29.

Querendo Deos castigar ElRei Joaquim, e aos seus povos de Judá, diz o Sagrado Texto, que lhes mandou varias castas de ladrõeszinhos de patria, e costumes diversos, huns Caldeos, outros da Syria, estes Moabitas, aquelles descendentes de Amon:

Mi-

Miſit Dominus in terra Juda latrunculos Caldæorum, & latrunculos Siriæ, latrunculos Moab, & latrunculos filiorum Amon. Mas vendo que eſtes não baſtavão para os reduzir á ſua obediencia, mandou a Nabucodonoſor, Rei de Babylonia, que roubou, e ſaqueou toda a Judea, e levou comſigo cativos a ElRei Joaquim, e a todos os Principes de Judá: *Ad extremum miſit Nabucodonoſor Regem Babyloniæ, qui deprædatus eſt terram illam, qui & Joachim, & Principes captivitati ſubjecit.* Deſte meſmo modo faz o demonio para vencer, e conquiſtar a formoſa Cidade de Jeruſalem, que he a noſſa alma. Serve-ſe em primeiro lugar dos quatro ladrõeszinhos, que eſtão em diverſas moradas, e ſervem a differentes officios, e uſos; eſtes são os quatro primeiros ſentidos: mas ſe eſtes ou com a pouca cautella no ver, ou com a demaziada curioſidade no ouvir, ou com o depravado appetite do goſtar, não abrem logo a brecha, por onde poſſa entrar o peccado mortal, roubar, e ſaquear a alma, manda logo ao ſentido do tacto, que, como tyranno, e atrevido, ſaquea logo todas as virtudes, entra predominante no forte do coração, e ſe faz ſenhor delle; cega o entendimento, que he como Rei defenſor das leis da razão; apriziona, e faz eſcrava a vontade, que lhe obedece em tudo, o que appetece; e cativa os mais ſentidos, que lhes ſervem como de vís ſenſaes para os torpes tocamentos do ſeu infame goſto. O peior he, que ainda ſem a guia dos outros ſentidos, o tacto ſó per ſi, com o unico goſto de tocar, e apalpar, vive, reina, e triunfa ſempre mais eſcandaloſo em todo o genero de torpezas. Tenho conhecido neſte Brazil hum cego de naſcimento, tão immerſo no infame lodo da luxuria, que era o eſcandalo dos moradores daquella paragem, onde elle habitava. Como era cego, não po-

Lib. 4. Reg. c. 24.

dia usar daquellas advertencias, e cautellas, de que usão os que tem vista; mas era-lhe forçoso servir-se das noticias, de quem lhe referia de bocca as qualidades das pessoas, que desejava; e como era rico, valia-se com o dinheiro, de quem as fosse buscar a horas, que elle fiando-se cuidava fossem nocturnas, ou escuras, e podião ser patentes, e de meio dia. Estava eu fazendo missão naquelle destricto, e achei que o escandalo era público, e que se não fallava em outra cousa, senão do engano, e miseria deste pobre cego. Não faltárão zelosos, que me introduzírão a fallar com elle, para o dispôr a ganhar o jubileo da missão, e pôr-se bem com Deos. O discurso começou com razões humanas, para depois acabar com as verdades eternas. Perguntei-lhe eu, sendo verdadeiro aquelle nosso adagio Portuguez: O que os olhos não vem, o coração não deseja. Como podia elle desejar, e cubiçar com tantas véras objectos, que nunca víra? Mais; porque he commum o ditado, que a vista faz fé: E que fé podia elle dar de huma pessoa, que nunca vio, nem a pode ver? Respondeo logo o cego: Oh quanto se engana, Padre, oh quanto se engana! A mim suppre o tacto para os mais sentidos. Este com o apalpar me faz conhecer as idades, e sendo correllativo, e reciproco, conheço o genio, e affeição das pessoas, mais que das mesmas palavras. Deste modo, disse eu, tereis vós mais conhecimento de qualquer objecto, do que teve o cego Isaac dos seus filhos, que com não ser cego *à nativitate*, conheceo a voz ser de Jacob, porque Jacob não a soube contrafazer? *Vox quidem Jacob est*, mas se enganou no tacto, porque tocando, e apalpando as mãos, parecêrão-lhe as mãos de Esaú: *Sed manus sunt Esaú.* Eu não sei se teve emenda; sei que achei nelle bem pouca disposição, e que em menos de hum anno mor-

Gen. 22. 27.

reo

reo improviſamente, e ſem confiſsão, e Sacramentos. Oh meu Deos! Que importa que hum tenha a voz de Jacob, voz do Ceo, que te falla ao coração, para que deixes eſtes toques, voz da conſciencia, que te remorde, voz do Prégador, que te chama á penitencia, voz finalmente deſte livro, que eſtás lendo, que te enſina a fugir o perigo, para ſalvar a tua alma! Mas que importa que a voz ſeja de hum predeſtinado como Jacob, ſe tu queres ter, e conſervar as mãos de Eſaú; mãos coſtumadas a tocamentos torpes; mãos preſcitas, que em tocando peccão, em apalpando fazem a outros peccar; mãos de Inferno, e peiores que o Inferno! *Vox quidem, vox Jacob, ſed manus, manus ſunt Eſaú.*

Já he tempo que demos algum remedio para livrarmo nos de hum vicio tão pernicioſo, como he o do tacto. Eu não acho outro mais proficuo, nem mais ſeguro, que aquelle, que nos dá o Eſpirito Santo, quando nos exhorta a fugir dos peccados, como da preſença de huma cobra, ou ſerpente: *Fili, quaſi à facie colubri fuge peccata.* Mas porque não diz o Eſpirito Santo, que fujamos dos peccados, como da preſença de hum Leão *à facie leonis*? ou de qualquer outra féra cruel, que accommette, morde, e devóra? Porque as outras féras por vicioſas, e crueis que ſejão, não tem peçonha; e aſſim quando mordem em hum braço, ou tragão huma mão, póde ainda o homem viver ſem algum deſtes membros, ficando todo o reſtante do corpo ſão, e livre, como vemos cada dia; porém a cobra como he de ſi peçonhenta, mordendo a mão, ou hum pé, ou ainda picada ſó a extremidade de hum dedo, baſta para cauſar a morte; porque diffundindo-ſe o ſeu veneno nas veas, e correndo com a circulação do ſangue todos os membros, em chegando ao coração, ſem mais remedio, he neceſ-

Segundo ponto.

Eccleſ. c. 21. 2.

cessario morrer. Toda esta doutrina segue, e confirma o grande S. Basilio, comparando o perigoso sentido do tacto no corpo humano á venenosa mordedura de huma cobra, dizendo assim: *Non aliter nobis hunc sensum minimè cohibentibus evenire, quàm si caudam serpentis tangeremus.* Da mesma maneira succederá a nós, se formos pouco acautellados em refrear o sentido do tacto, que succede áquelles, que com pouca advertencia tocão, ou manejão alguma cobra, ou serpente. Esta logo que sente tocar-se no seu corpo, se revira, e morde com tal malignidade a quem a tocou, que na mesma mordedura deixa o veneno, e lhe dá a morte. Assim no tacto não necessario no corpo humano he tão pestilente, que logo move o sangue, altera os espiritos, e diffunde este seu contagio em todos os outros membros, até que cegando-se o entendimento do senso, passa ao consenso, e dá á alma a morte eterna: *Ita tactus minus circumspectus totum tangentis corpus in se convertit, & ad pravum consensum trahit.*

D. Basil. lib. 2. de Virg.

Nem faltão exemplos na Sagrada Escritura, que provão, e confirmão esta doutrina tão recommendada dos Santos Padres. Quando aquella senhora do Egypto, mulher de Putifar, convidou ao casto mancebo José, que era seu escravo, para violar o leito conjugal do seu marido, se escusou este com mostrar horror a hum crime, que era de alta traição contra seu amo, e senhor; mas quando vio que ás palavras brandas, aos mimos, e carinhos ajuntou o tacto, deo-se então logo por perdido, e assim buscou o ultimo, e unico remedio, que era o fugir; pelo que logo deo hum arranco, e fugio-lhe, deixando-lhe a capa nas mãos. Não ha dúvida que José obrou bem, mas se poz em manifesto perigo de perder a sua reputação, e tambem a vida, com deixar a capa,

pa, que posta em juizo fazia papel de corpo do delicto, e servia de prova quasi concludente do negro attentado contra sua senhora: e succedeo assim; porque a mulher vendo-se como affrontada, e desprezada, temendo que Josè fallasse, o accusou com grandes queixas ao marido, o qual demaziadamente credulo, vendo a capa do servo sobre o seu leito, sem mais interrogação, ou processo, não lhe dando a ira mais lugar, o mandou metter no fundo de hum carcere, sem nunca mais lembrar-se delle, como se não fosse no mundo: *Ostendit pallium marito, & ait:* Gen. c. 39. *Ingressus est ad me servus Hebræus, ut illuderet mihi. Cumque audisset me clamare, reliquit pallium, quod tenebam, & fugit foras. His auditis Dominus, & nimium credulus verbis conjugis, iratus est valde, traditque Joseph in carcerem.* Mas como he possivel que Josè, sendo tão prudente, não previsse a sua total ruina com deixar a capa na mão da sua senhora, podendolha arrancar por força, sendo elle moço valente, e na flor da idade, e depois fugir com ella? Bem previo Josè o perigo, e o mal, que havia de vir ao seu corpo com deixar a sua capa nas mãos de huma mulher lasciva; mas fez reflexão, que muito maior perigo, e muito peior ruina para a sua alma seria o ficarse elle com a capa, já inficionada com o tacto daquella mulher. Quiz, como commentão os Santos Padres sobre este Texto, fugir não só da occasião proxima, mas tambem da remota, e de toda a lembrança della. Sabia que quando nos lembramos de algum commodo, que tivemos, para satisfazer ao doce encanto do nosso sensual appetite, esta lembrança lisonjeira entra com doçura innocente no pensamento, e depois se insinúa na imaginação, representando-lhe vivamente o successo passado, e no mesmo tempo desperta a sensualidade com o fogo já accezo da concupis-

piscencia. Deixou logo prudentemente a capa; porque se a trouxesse comsigo, todas as vezes que pegasse nella, lhe poderia infundir o veneno da culpa, com a lembrança daquelle tacto, e contacto, e da occasião de offender a Deos. E como bem remunerou Deos esta acção generosa de Josè! Como bem lhe desfez a calumnia, e acudio ao seu credito! De feitor, que era da casa de Putifar, subio a Mordomo mór do Paço de ElRei Faraó, o qual tanto o amava, e se fiava delle, que além de o constituir seu primeiro Ministro, o fez publicar a som de trombetas por Vice-Rei de todo o Egypto, e que todos tivessem entendido, que elle era o supremo, e unico Commandante, a quem todos os seus Officiaes, e povos devião obedecer, ajoelhando-se em qualquer parte, que elle passasse; e que soubessem que entre ElRei, e elle não havia outra differença, que Josè ter o mando, e Faraó o assento no throno: *Tu eris super domum meam, & ad tui oris imperium cunctus populus obediet; uno tantùm regni solio te præcedam.* Parece que a casta, e valerosa Judith tomou a lição de Josè, e o quiz imitar em tudo, pois os Santos se aproveitão huns dos outros dos bons exemplos. Depois de ter Judith cortada a cabeça ao grande General Olofernes, e ter dado a vitoria aos seus compatriotas contra os Assyrios, tratárão os governantes de repartir os despojos dos vencidos, para dar a cada hum dos vencedores o quinhão, que lhes cabia proporcionalmente, conforme os seus merecimentos. Julgárão que tudo o que era do peculiar serviço da pessoa de Olofernes, ouro, prata, vestidos, roupas, e camas, com as mais alfaias, tudo com universal consentimento se entregasse a Judith: *Porrò autem universa, quæ Olofernis peculiaria fuisse probata sunt, dederunt Judith, in auro, & argento, & vestibus,*

Gen. c. 40. 41.

Judic. c. 14. 15.

bus, & gemmis, & omni ſupellectili, tradita ſunt omnia illi à populo; porém Judith fez tão pouco caſo do precioſo quinhão, que lhe tocou, e dos ricos deſpojos, que lhe trouxerão, que não ſó não os quiz receber, mas os mandou afaſtar de ſi, e da ſua caſa, por não ter occaſião de vellos, ou tocallos, nem ter a minima lembrança dellas: *Porrò Judith univerſa vaſa bellica Olofernis, quæ dedit illi populus, & conopæum, quod ipſa ſuſtulerat de cubili ipſius, obtulit in anathema oblivionis.* Judic. c. 16. 15. Mas porque Judith recuſa, e deſpreza os deſejos de huma vitoria tão aſſinalada? Porque não os toma, e não os tem mui bem guardados, para fazer illuſtres os ſeus deſcendentes? Como não os mette entre os trofeos dos ſeus avós, para dar a conhecer o ſeu valor á poſteridade, e eternizar a ſua memoria? E ſe ella não quiz guardar a eſpada, o punhal, e outros generos de armas proprias de hum General do exercito, pois não lhe erão uſuaes, nem convinhão a huma mulher, porque não guarda as outras alfaias, as roupas, e alcatifas, eſpecialmente o leito, e o pavilhão, que era hum movel proprio do ſeu ſexo? Muito mais, que era de Damaſco cremezim bordado de ouro, e guarnecido de eſmeraldas, e outras gemmas precioſas: *Conopæum, quod erat ex purpura, & auro, & ſmaragdo, & lapidibus prætioſis contextum*, Judic. c. 10. 29. e lhe podia ſervir de ornamento na ſua alcova, no tempo que as outras matronas de Betulia a hião viſitar, e dar-lhe os parabens. E quando não pareceſſe bem á ſua modeſtia, e eſtado viuval ter hum leito tão precioſo á viſta, o podia recolher, e deixallo a algum dos ſeus parentes mais chegados, que o guardaria como illuſtre monumento da ſua familia. Nada diſto quiz Judith. Previo prudentemente, e conſiderou, que todas as vezes que viſſe o leito, lhe tornaria em lembrança a occaſião, que ella teve

ve de offender a Deos com Olofernes, se quando estava no leito não ficasse logo prezo do sono, e que esta lembrança podia fixar-se na sua imaginação, e fazer algum movimento na sua sensualidade; por isto lançou longe de si, e da sua casa alfaias, leitos, pavilhões, e tudo aquillo, que podia ter tocado Olofernes, como se tivesse excommunhão o tocallas, e assim poz tudo em hum perpetuo esquecimento: *Obtulit in anathema oblivionis.*

Dos exemplos do Testamento velho, que he a Lei escrita, passemos aos do Testamento novo, que he a Lei da graça, veremos quanto Deos concorre com ella para todos aquelles, que não só fogem da occasião proxima deste vicio do tacto, mas tambem da remota com afastar-se delle. S. Martiniano, para fugir de toda a occasião deste vicio, deixou a Cidade, e a patria, e foi recolher-se a hum longe em hum deserto, onde gozando buma summa paz da alma, fazia penitencia. Mas nem ahi se achou seguro, porque huma mulher do mundo com pretexto, ou verdadeiro, ou falso, de largar a má vida, e tratar só da sua salvação, teve modo de penetrar todos aquelles bosques, até achar a pobre choupana de Martiniano. Ahi entrou dentro, e não vendo outra cousa mais que cilicios com pontas de ferro, e disciplinas ensanguentadas, se poz logo de joelhos a gemer, e chorar. No entanto tornou da fonte Martiniano, e ouvio gemidos, e soluços na sua choupana. Ficou pasmado de tal novidade não esperada, e chegando á porta della, vio dentro a nova hospeda. Disse logo comsigo: Já esta habitação não me serve. Deixou o pote da agua na porta com todos os instrumentos da penitencia, que lá estavão, e sem perguntar á nova hospeda a que veio, nem como veio, tomando outro caminho, e por rumo diverso, caminhou to-

toda a noite, e todo o dia seguinte, até que foi dar na praia do mar. Ahi soube que havia huma Ilhota, que apparecia ao longe, e em si tinha huma pequena alagôa, que não produzia senão juncos, e vimes. Ajustou-se com hum Marinheiro, para que lá o levasse na sua barca, e que cada mez fosse levar hum pouco de biscouto, que em pagamento lhe daria os cestos, e cestinhos de junco, que elle hia trabalhando. Foi fidelissimo o Marinheiro em lhe levar o sustento; e Martiniano vivia na sua Ilhota deserta como em hum Paraiso terreal, fóra de todas as occasiões, e perigos, sem outro cuidado que de fazer oração, e os seus cestos. Mas quem o cuidára! porque nem ahi ficou de todo livre o nosso Santo solitario, pois os perigos do mar lhe puzerão as occasiões em terra. Naufragou casualmente huma caravela em hum cachopo junto á Ilhota deserta; e em quanto os Marinheiros tratavão de fazer huma prancha para salvarem as vidas, pois não cabião todos no batellinho, huma moça, que hia de passagem na mesma embarcação, com o beneficio de huma taboa alcançou a Ilhota. Quando se vio com o pé em terra, não quiz mais nada do mar, e os Marinheiros no seu batel fizerão dalli sua viagem. Foi logo a moça a buscar S. Martiniano, o qual em vendo-a, lhe fallou assim: Minha filha, o fogo, e a estopa não estão bem estando juntos, quero antes deixar-me nas mãos da providencia Divina, e fiar-me della, que da fragilidade da minha natureza; aqui tendes hum pequeno de biscouto, que vos bastará para vos matar a fome por algum tempo. Não passarão muitos dias, que chegará a este lugar hum Marinheiro, que era o meu provedor de biscouto, a elle entregareis estes cestos, e juncos, e dizei-lhe, que vos dê a passagem na sua barca até á terra, que eu rogarei a Deos, que vos le-

leve a ambos de dous em paz, e salvamento. Não he crivel as lagrimas, que derramava a moça, vendo que a deixava só, e desamparada em huma Ilhota, que melhor se chamára hum penhasco. Mas o Santo olhando para o mar, disse: Quero antes fiar-me da inconstancia dos ventos, e da instabilidade das ondas, que pôr-me em risco, ou em occasião de commetter hum peccado mortal. Assim dito, levantou os olhos ao Ceo, depois fez o final da Cruz, e generoso se lançou ao mar. Escassamente começou nadando a lidar com as ondas, que a providencia Divina lhe mandou hum Delfim, que pondo-se debaixo delle, lhe foi levantando os peitos, até que deo geito para assentar-se nelle, e lhe servio de batel, que em breve espaço de tempo o levou áquella mesma praia, onde alguns annos antes se tinha embarcado. Dirão os peccadores, que este exemplo de Martiniano, para fugir todo o perigo, e occasião do peccado, he mais para se admirar, que para se imitar. Assim he; mas eu digo, que daqui se infere quanto estima, e gosta Deos que nas occasiões, e perigos recorramos logo a elle com toda a confiança seguros; que se nós resistirmos ao nosso appetite rebelde com valor, Deos não nos faltará com a sua graça: *Facienti quod in se est, Deus non denegat gratiam*; e muito mais se vencermos o ardor da nossa concupiscencia com a prompta fuga do objecto, que nos allucina ao peccado, então se obrigará Deos até a fazer milagres, como a S. Martiniano, para que fiquemos triunfantes de toda a occasião, e perigo.

Vasq. de gratia lib. 2.

Quero corroborar estas provas da obrigação, que temos de fugir á occasião proxima, com a doutrina, que ensinou Christo no seu Euangelho; e veremos claramente que S. Martiniano, que a seguio, não devia, nem podia obrar diversamente, para se li-

livrar do peccado, e aſſegurar a ſua ſalvação. He neceſſario que huma ordem, ou mandamento ſeja de grande conſequencia para a vida eterna, e aſſim digno de ſer com diligencia guardado, quando o meſmo Filho de Deos o inculca com ameaças, e o repete bem trez vezes, duas em S. Mattheus, e outra em S. Marcos. Contra nenhum vicio ſe valeo Chriſto nas ſuas prégações de maiores invectivas, e ameaças mais terriveis, como quando prégava contra o eſcandalo: *Væ mundo à ſcandalis. Væ homini illi, per quem ſcandalum venit.* Eſta particula *væ* na Eſcritura ſempre ſignifica perdição, reprovação eterna, condenação infallivel do Inferno. O eſcandalo pois, como dizem os Theologos, não he outra couſa, que *Dictum, vel factum præbens proximo occaſionem peccandi.* E que acção ſahirá dos noſſos ſentidos, que tenha mais prompta a occaſião do peccado, e que lhe abra mais depreſſa as portas, e que enfeitice com mais ſuave violencia o coração do proximo para commettello, como o vicio do tacto, que he o que temos mais aſſima dito, e provado no primeiro ponto? Sendo pois iſto aſſim, proſigamos a doutrina, que Chriſto nos dá no ſeu Euangelho, e acharemos huma prova, que convence, conclue, e ſerá o remate deſte ſegundo ponto. Apenas os Euangeliſtas S. Mattheus, e S. Marcos acabão de dizer da occaſião de peccar, que dá o eſcandalo, que logo immediatamente dizem: *Et ſi manus tua ſcandalizaverit te, abſcinde illam.* Que ſe a noſſa mão nos eſcandaliza, com ſer occaſião de peccar, manda que a cortemos. O meſmo diz do pé, e dos olhos: *Si pes tuus ſcandalizaverit te, amputa illum; & ſi oculus tuus ſcandalizat te, erue eum*, com mandar que cortemos o pé, arranquemos os olhos todas as vezes que nos forem occaſião de offendermos a Deos. Mas porque cauſa os Euangeliſtas, quando

D. Thom. Ther. & atii.

Matth. cap. 18. Marc. c. 9. 43.

do se trata de remedios, e cautellas para evitar as occasiões de perder a alma, põem em primeiro lugar as mãos, e não os outros membros? Que as mãos sejão mais nobres que os pés, não tem dúvida; mas que as mãos não precedão aos olhos, que são os dous monarcas irmãos, que governão este nosso mundo pequeno, e sem elles nem as mãos saberão no que pegão, nem os pés por onde andão, tambem não ha dúvida. Com tudo põe o Sagrado Texto em primeiro lugar as mãos, porque o sentido do tacto he o mais atraiçoado, e tyranno, que attrahe os outros sentidos, e com huma doce violencia os obriga a obedecer-lhe. Os olhos lhe servem de espias para lhe descubrir os objectos, que elle depois escolhe mais proporcionados á sua deleitação sensivel; os pés o acompanhão como famulos para o mesmo fim. Porém o que me faz mais temer este vicio do tacto, he reparar que S. Mattheus no repetir este Texto, accrescenta esta palavra *dextera*: *Si dextera manus tua scandalizat te, abscinde eam, & projice abs te.* E por que não diz o mesmo dos pés? *Et si pes tuus dexter scandalizat te, &c.* A razão he, porque quando a necessidade obriga a que se corte hum pé, pouco importa, que seja o direito, ou esquerdo, porque sempre com fazer outro de páo, igualmente se remedea a hum, e ao outro. Não he porém assim das mãos, porque muito vai que se córte a direita, ou a esquerda; sem esta póde ainda o homem servir-se, porque lhe suppre a direita nas cousas de maior importancias, como de manejar huma espada, ou outra arma para sua defensão, póde pegar na penna para escrever, ou em hum pincel para pintar; e finalmente ella he a que faz tudo, e a esquerda lhe serve de coadjutora, que a ajuda. Passemos agora do fysico ao moral, e veremos mais claramente a genuina intelli-

Matth. c. 5. 30.

gen-

gencia deſte Texto. Succede a cada paſſo confeſſar-ſe algum peccador, que tem tropeçado em huma occaſião, logo o emenda o Confeſſor com obrigallo a deixalla; e como eſta occaſião he caſual, paſſageira, e de pouco tempo, o penitente obedece, e ſe affaſta della. Eis-aqui cortada a mão eſquerda. Vem outro peccador, e confeſſa tambem a ſua fragilidade, e miſeria, com o torpeço de outra occaſião de mais tempo, e o peior he, que de portas a dentro. A' viſta do que eſtá forte o Confeſſor em negar-lhe a abſolvição, por não perder-ſe a ſi, e ao penitente. Eſte allega em razão, de não poder lançar fóra a amiga, ſem primeiro accommodalla em hum Convento, ou achar-lhe caſamento; e que de outro modo, deſamparando-a, ſerá tão ſómente evitar que peque com hum ſó, mas que peccará a cada hora com todos. Outros difficultão, e impoſſibilitão o apartar-ſe daquella criada, daquella ſerva, (e he o commum neſte noſſo Brazil) com dizer ou que não convem ao ſeu credito, porque ſervindo á mulher, ou ao irmão, ſe deſcubriria o peccado, o qual cuidão ſer occulto, quando os de caſa, e os vizinhos murmurão, e ſe eſcandalizão; e com dizello a todos em ſegredo, o fazem público. E finalmente quando ſe trata de lançar fóra de véras a occaſião daquella moça, ou daquella eſcrava, logo naſce a neceſſidade preciſa de que ella he a que faz o comer a ſeu goſto, e paladar, que lhe lava a roupa, que tem todo o governo da caſa, e finalmente ella he a ſua mão direita, e que ſem ella não póde viver. Ora deſta mão direita falla o Euangelho: *Si dextra manus tua ſcandalizat*; e não ſómente ordena Chriſto que ſe corte: *Abſcinde eam*, mas que ſe lance longe de ſi, para nunca mais a ver: *Et projice abs te*. Aſſim o fez Joſé, fugio logo eſte da occaſião,

Matth. ut ſupr.

largou-lhe a capa, para não se lembrar mais della; não se lhe deo do seu credito, nem da calumnia, nem da injusta prizão, e risco da vida. Assim fez Judith, que lançou dos olhos, e da sua casa as preciosas alfaias de Olofernes, para que lhe ficasse em hum perpetuo esquecimento a occasião, que teve de tratar com elle: *In anathema oblivionis.* Assim o fez Martiniano, que para estar longe da occasião fugio do mundo, fugio do deserto, fugio de si mesmo, e não duvidou de querer antes encontrar a morte do corpo, que de pôr em perigo a vida da alma. Mas não cuidem os amancebados ser rigoroso este preceito de Christo; pois muito mais terrivel he o que se segue no Euangelho, como dizer, que melhor he entrar no Ceo com menos a mão direita, que com ambas de duas ser lançado no Inferno, para arder eternamente: *Quàm duas manus habentem ire in gehennam, in ignem inextinguibilem.* Que he a materia do terceiro ponto.

Matth. ut supr.

Terceiro ponto.

Como o sentido do tacto he geral para todas as creaturas, e para todas as partes do corpo, assim tambem os tormentos, que devem reparar a desordem de innumeraveis tactos libidinosos, serão universaes em todos os membros do mesmo corpo: *Per quæ peccat quis, per hæc & torquetur.* E quanto maiores delicias, e gostos terá o peccador procurados com os toques deshoneſtos, e apalpamentos illicitos, tanto maior pena, e castigo experimentará elle no Inferno: *Quantum glorificavit se, & deliciis fuit, tantum date illi tormentum, & luctum.* Mas quem poderá dizer o estrago que faz nas almas este vicio do tacto! E quantas creaturas, que erão, e vivião innocentes, apestadas com o seu contagio, provocadas com o seu máo exemplo, estão agora, e estarão para sempre soffrendo as penas eternas! Este era o ma-

Sap. 11. 17.

Apocal. c. 18.

maior ſentimento, que tinha ElRei penitente David, o não poder conhecer todas aquellas culpas, de que a juſtiça Divina lhe havia de fazer cargo na hora da morte: *Delicta quis intelligit.* E aqui alagando-ſe em hum mar de lagrimas, todo confuſo, e contrito, recorre á miſericordia de Deos, e diz aſſim: *Ab occultis meis munda me*: Senhor, alimpai-me de todos os peccados occultos, que tenho feito, e daquelles, que não conheço: *Et ab alienis parce ſervo tuo.* E perdoai-me tambem, meu Senhor, os peccados alheios. Que dizeis David? Cada hum he obrigado a dar conta de ſi, e levar ſó a carga dos ſeus peccados, como diz o Apoſtolo S. Paulo: *Unuſquiſque onus ſuum portabit.* Logo para que pedis a Deos perdão dos peccados alheios? Ah, reſponde David, que conheço a ſeveridade do juizo, que me eſpera, e ſei que não ſó hei de dar conta dos peccados manifeſtos, e occultos, que tenho feito, mas tambem dos que outros tem commettido por cauſa, ou occaſião minha, ou com o meu máo exemplo. Miſericordia, meu Deos, pelos peccados alheios: *Ab alienis parce ſervo tuo*: *Scilicet*, como diz o doutiſſimo Interprete Lorino: *Quæ alii meo exemplo commiſerunt.* E tanto temor fazia a David eſta conſideração dos peccados alheios, que por ſua culpa, ou máo exemplo podião naſcer, que chegou a laſtimar-ſe, dizendo: *Circumdederunt me malæ, quorum non eſt numerus*: *Comprehenderunt me iniquitates mea, & non potui ut viderem*: Me tem cercado tantos males, que não os poſſo numerar, acho-me comprehendido em tantas maldades, que nem as poſſo diſtinguir, e conhecer; e o peior he, que ſe vão multiplicando em tão grande numero, que já são mais que os meus cabellos da cabeça: *Multiplicatæ ſunt ſuper capillos capitis mei.* Mas ſe conſta do Sagrado Texto, que os pec-

Pſ. 18. 13.

Pſalm. 18.

Gal. 6.

Lorin in Pſalm.

Pſ. 39. 13. Pſalm. 39.

cados de David forão só dous, hum adulterio, e huma morte, e estes pela grande contrição que teve, lhes forão logo perdoados, como o assegurou por parte de Deos o Profeta Nathan: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Como póde ser, que os seus peccados sejão innumeraveis, e as suas maldades mais que os seus cabellos: *Multiplicatæ sunt super capillos capitis mei?* Ah que sabia mui bem este Santo Rei penitente que os seus peccados, em quanto estiverão secretos, erão só dous; mas depois que sahírão ao público, e começou a dilatar-se o escandalo, e o máo exemplo, que deo aos seus povos, então foi que começou a entristecer-se, e pedir perdão dos peccados alheios, dos quaes não sabia o numero: *Quorum non est numerus*, nem podia vellos, ou sabellos: *Non potui, ut viderem*, porque cada dia mais multiplicando-se, como os cabellos, que quanto mais se cortão, mais crescem: *Multiplicatæ sunt super capillos capitis mei*, a mesma consideração, o mesmo temor, e o mesmo arrependimento, que teve David, devem ter todos aquelles, que tem dado occasião de peccar ao seu proximo com o vicio do tacto, e com mais razão, porque o máo exemplo dado a Bersabé, como cumplice do adulterio, não passou adiante, remediando David o perigo com a declarar Rainha, e sua mulher. Não he porém assim do tacto, este passa adiante, e sendo naturalmente contagioso, por onde toca, deixa inficionada a pessoa, que tocou. A pedra de cevar tem tal sympathia com o ferro, que sem o tocar, posto em distancia competente, o attrahe a si para abraçar-se com elle. Muito mais, se chega a tocallo, então une-se logo a pedra com o ferro, não obstante que sejão de diversa especie: e eu tenho visto que huma argolinha de ferro tocada de pedra de cevar, tinha vir-

2. Reg. cap. 12.

Ps. 39. 13.

tu-

tude de unir-se com outra argolinha, esta com outra, até formar huma cadea; tanta he a força simpatica, que tem a pedra de cevar com o ferro. Sendo isto assim, que estrago não fará o vicio apegadiço do tacto com a sua mesma especie! A quantas pessoas toca, ou apalpa, logo as inficiona, infundindo-lhes o doce veneno do deleite, com privallas da veste nupcial da innocencia. Estas já inficionadas, tocão, e apegão a outras o mesmo veneno: e que dúvida faz, que a força simpatica da concupiscencia em homens, e mulheres, que não são de pedra, nem de ferro, mas de carne fragil, os attrahe, os une, como tantas argolas, até formar humas correntes compridas, com que todos atados de pés, e mãos vão para sempre a penar no Inferno: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite in tenebras exteriores, ibi erit fletus, & stridor dentium.* Matth. cap. 22. 23.

E que grandes tormentos padecerão no Inferno todos aquelles, que inclinados a este vicio peccaminoso do tacto, induzírão com o seu máo exemplo a outros a deleitarem-se na mesma torpeza, e estes já crescidos, e feitos mestres ensinão a outros mais pequenos, multiplicando-se as culpas ao galarim! Tambem ao galarim se multiplicarão no Inferno os tormentos; e o maior tormento será o acharem-se todos naquelle eterno calabouço, amaldiçoando se huns aos outros, e despeçando-se, senão com a obra, por serem apertados, e immoveis, ao menos com a raiva, rancor, e desesperação: *Peccator videbit, & irascetur, dentibus suis fremet, & tabescet.* Psalm. 111. De huma terrivel invectiva se serve o Profeta Jeremias contra estes peccadores, que não contentes de se perderem a si, buscão traças, e usão de modos lascivos, para terem companheiros na sua maldade, com a perdição de infinitas almas: *Tu,* Jerem. cap. 13. 18.

Domine, ne propitieris iniquitati eorum, & peccatum eorum à facie tua non deleatur: Vós, meu Deos, não perdoeis huma tão grande maldade; e huns peccados tão enormes, como estes, nunca se risquem do vosso livro, e sempre estejão á vista na vossa presença. Não acho na Sagrada Escritura imprecação mais horrenda que esta; mas o que me rende mais attonito, são as palavras, que immediatamente se seguem: *Et in tempore furoris tui abutere eis*: E no tempo do furor da vossa mais rigorosa justiça abusai delles. Estranho modo de fallar! *Abutere eis.* Quando já estarão penando no calabouço do Inferno. Oh tremendo castigo! Oh terrivel, mas porém justa vingança do furor Divino! *Abutere eis*; *hoc est*, (diz outra versão) *creaturæ, quibus peccatores abusi sunt ad peccandum, nunc abutantur eis ad maius supplicium in Inferno.* Os peccadores se abusão das creaturas, divertindo-as do fim, para que forão creadas, que he honrar, e amar a Deos, e depois gozallo eternamente no Paraiso; e elle por satisfazerem ao seu torpe appetite, com os seus toques, e apalpamentos lascivos as precipitão no Inferno. Ora todo o abuso peccaminoso, sabe mui bem o Profeta, que deve ser reparado da Divina Justiça, e por isto pede a Deos, que as mesmas creaturas, que por serem induzidas á culpa, são incapazes da Gloria eterna, sejão ellas mesmas ministros do seu furor, para vingar este abuso: *Et in tempore furoris tui abutere eis.* Os peccadores se abusárão das creaturas para os seus gostos, Deos se servirá dellas para os seus tormentos. Oh que blasfemias horrendas! Oh que imprecações execrandas proferirão os complices huns aos outros, os tentadores, e os tentados! Terão dous Infernos, hum de fogo pelas suas culpas, outro de odio, de vingança, e de desesperação, de

Jerem. ut supr.

não

não se poderem aniquillar entre si. Oh maldito peccado, que obrigas a hum Deos tão piedoso, a darte penas tão rigorosas, e eternas! Oh peccador enganado, se por desgraça te achas immerso no visco pegadiço destas torpezas, peço-te, que logo mortifiques a tua carne, fazendo violencia á fragilidade da natureza, para arrancar-te delle. E desengana-te em não deferir a emenda, esperando na hora da morte desapegar-te deste brutal vicio do tacto; porque ainda que Deos te conceda tempo para te confessares, chorando as tuas culpas, será tal a força do habito continuado, que estando para espirar a tua alma, te representará o demonio aquelles toques, e apalpamentos deshonestos, e consentindo nelles conforme o teu ruim costume, deixarás de entrar no Ceo, estando já as portas abertas, e com aquelle ultimo, e momentaneo deleite te precipitarás no Inferno, como mostra a prova do caso seguinte.

Paulo Aringo, Author moderno, porém celebre pelo livro, que tem dado á luz, intitulado: *Mors peccatorum pessima*, em que mostra com hum longo cathalogo de mortes desgraçadas, e repentinas o grande rigor, com que a Justiça Divina castiga os luxuriosos. Eu tenho escolhido de tantos exemplos hum só, por ser muito a proposito da materia, que tratamos. Em huma Cidade de Italia havia hum moço nobre, (diz o Author, que não referia o nome, por ser a familia mui conhecida) filho de huma matrona viuva, com grande custodia nos bons costumes; e com frequentar as nossas classes, fazia não menos progresso na piedade, que nas letras. O demonio, inimigo de tanta innocencia, fez que huma moça donzella, que estava retirada, e como em deposito na mesma sua casa, lhe tomasse affeição, e de quando em quando lhe tocava a mão,

Paul. Aring. tom. 1. lib. 2. cap. 8.

lhe apertava os dedos, ou lhe dava algum belisção, mas sempre de pura amizade, e de hum affecto sincero: bem depressa estes toques de pudicos passárão a impudicos. Hão no Brazil certos páos, que os Indios nas viagens sempre trazem comsigo, que roçando-se hum com o outro, logo ardem, fazem fogo, e se accendem em chammas. Do mesmo modo succedeo a elles com os toques; e tanto assim, que o moço, em quem ainda reinava o temor de Deos, picado da synderisi, e combatido dos escrupulos, não podia dormir, nem socegar, até que foi ao Collegio buscar o seu Confessor, e prostrado aos seus pés, lhe fez patente o máo estado da sua alma, pedindo-lhe que o tornasse a pôr outra vez na graça de Deos. Conheceo-o logo o Confessor, e lhe disse, que hum tão pessimo principio o havia de guiar a algum desgraçado fim. Deo-lhe a absolvição, advertindo-o, que cortasse logo tal occasião, se não que iria de mal em peior. Prometteo elle, mas não guardou a promessa, porque tornou logo a cahir, não huma, mas muitas vezes; e quanto mais crescia o amor á creatura, tanto diminuia o temor do seu Creador. Com tudo não podendo mais soffrer o remorso da consciencia, determinou de tornar ao seu Confessor, que com maior energia lhe expoz o perigo proximo, em que estava de morrer em peccado, e lhe fez fazer hum acto de contrição, com proposito firme de apartar-se totalmente, e da occasião, e do vicio, e com isto o absolveo. Tornou a casa o moço contrito, e por algum tempo esteve forte em não cahir, resistindo com penitencias, e mortificações aos carinhos da moça, que quando não podia tocallo com a mão, porque fugia della, lhe piscava os olhos, que são as guias do tacto: *Si nescis, oculi sunt in amore duces.* Mas, oh

Ovid. de art.

for-

força encantadora da laſcivia! Parece que eſte jejum da culpa lhe accendeo mais o fogo da concupiſcencia, que eſtava com a cautella, e mortificação, ſenão apagado, ao menos adormecido, e lhe accreſcentou a ſede de beber no pucaro da maldade com mais ancia; pois a modo de huma torrente reprezada, derrubando o antemural do pejo dos homens, e os muros da lei, e temor de Deos, tornou á meſma pratica, não já com medo, e ás eſcondidas, como antes, mas deſaforadamente, ás abertas, e publicadas, fazendo paſſar a moça, que eſtava no quarto da mãi retirada, para huma camera contigua áquella, onde elle dormia, com grande ſentimento da mãi, que já não podia pôrlhe o remedio. Com eſta vizinhança das cameras, todas as vezes que queria ſatisfazer ao ſeu ſenſual appetite, dava trez palmadas na parede, e apparecendo a amiga, ſe deleitavão em todo o genero de toques, e actos peccaminoſos, excepto aquelles, (que ainda he peior) os quaes a podião render pejada. Com tudo a mãi deplorando a perdição do filho recorreo ao Confeſſor, e lhe contou tudo, para que vieſſe a admoeſtallo. Veio o Confeſſor; e achando-o pouco bem diſpoſto para a emenda, lhe diſſe, deſpedindo-ſe delle: Ora acabe v. m. por huma vez eſta má vida, que o coração me diz, que a ira de Deos lhe eſtá já preparando algum grave caſtigo. E foi aſſim, porque não paſſárão dous mezes, que eſtando elle deſcuidado no meio dos ſeus deleites lhe deo improviſamente hum deſmaio, que lhe deixou huma pequena febre. Acudírão logo os Medicos, e achando-o na flor da idade, tão proſtrado de forças, julgárão a febre por ſurrateira, e não fizerão bom prognoſtico da doença. Então o moço mandou com preſſa chamar o Confeſ-

ſor,

sor, e disse-lhe: Padre, as vossas ameaças tem sido profecias, temo da minha vida, e da minha salvação. Agora sim, que me quero converter de véras a Deos, e largar toda a occasião de mais offendello. Confessou-se com sinaes de verdadeiro arrependimento. Chorava o Confessor de consolação, chorava o confessado de contrito; porém o mal não abrandou, antes de carreira o levava para a morte. Foi o Padre a descançar, e vierão outros dous Religiosos a assistir-lhe na recommendação da alma, e elle respondia com muita piedade, beijando muitas vezes o Crucifixo, que tinha nas mãos. Crescendo pois a agonia, o moribundo, perdida já a falla, com a outra mão hia apalpando, e pegando no cubertor, como quem o queria apertar: quando de repente fez hum grande esforço, e levantando-se da cama, cahio-lhe o Crucifixo, e deo trez punhadas na parede; mas como estava já exhausto de espiritos, não se pode reger em pé; e deixando-se cahir, espirou. Forão os Religiosos a consolar a mãi, com dizer-lhe, que o filho tivera huma morte de santo, e que deixára as miserias desta vida, para ir gozar a Bemaventurança. Mas que só huma cousa reparárão, que antes de morrer sempre hia apalpando o cubertor, e que levantando se da cama, dera trez punhadas na parede, e ahi cahindo morrêra. Então a mãi exclamou: Ah desgraçada de mim! Meu filho morreo prescito, meu filho já he condenado, já está no Inferno! Como, senhora, póde ser isto? (differão os Religiosos assistentes) Deos nos mande a nós a morte, que elle teve. Não digão tal, meus Padres. Deos nos livre de tal morte; meu filho está no Inferno! Aquelle pegar no cubertor era o máo habito de pegar sempre nas mãos, e no rostro de huma moça impudica; e o bater

ter trez vezes na parede foi o final, que dava, estando ella na camera contigua, para que fosse ter com elle. Então os dous Religiosos se despedirão muito tristes, dizendo: Oh altos, e incomprehensiveis juizos de Deos! *Judicia tua abyssus multa.* E muito mais quando souberão, que preparando-se o Confessor para dizer Missa de Requiem pela sua alma, lhe appareceo o moço envolto em hum manto de fogo, pedindo-lhe, que não lhe accrescentasse os tormentos com celebrar o Santo Sacrificio, porque já estava no Inferno. Pasmado o Confessor, disse: E as lagrimas, que derramastes na Confissão, não vos valêrão? Sim valêrão, (replicou elle) e ainda que não era bem contrito; a attrição com a sincéra confissão foi bastante para eu tornar em graça; mas aquelle máo habito, com huma forte representação do demonio dos deleites passados, me commoveo os espiritos, e me fez consentir no peccado; e levantando-me para este fim, cahi morto, e ahi mesmo foi logo em hum instante a minha alma julgada, convencida, sentenciada, e justamente condenada, e arrastrada por toda a eternidade a penar no Inferno; e assim dito, desappareceo. Eis-aqui onde vai acabar a penitencia differida na hora da morte, em que põe tanta confiança os peccadores, para continuar nas suas culpas. Psalm. 7.

Desenganem-se os peccadores, que a morte he da cor da vida, e qual for a vida, tal será a morte; assim o affirma S. Bernardo, e o confirma a experiencia: *Qualis vita, finis ita.* E Santo Agostinho não póde levar em paciencia, que o peccador queira viver nas suas torpezas com a esperança de fazer penitencia na hora da morte, sendo caso mui contado, que se converta hum peccador habituado; e na Sagrada Escritura não se acha outro senão o bom D. Bernard. Serm. 18.

D. Aug. Serm. v. in Quadr.

bom ladrão: *Pœnitentia fera rarò vera*; pois he muito maior milagre resuscitar huma alma morta pelo peccado habitual á vida da graça, que hum defunto de muito tempo á vida do corpo. E que mais podia fazer Deos para salvar aquelle moço? Entre os innumeraveis tormentos, que padecerá no Inferno, parece que será o maior o abuso que teve das creaturas, preferindo-as por hum breve deleite ao seu Creador; mas muito maior tormento será o ter abusado da misericordia Divina, servindo-se della como medianeira, e fiadora, para continuar nos seus infames gostos. Os prescitos no Inferno se conhecerão huns aos outros, os peccados, que fizerão na vida, e a morte, que tiverão. Blasfemará hum, dizendo: Oh justiça de Deos, quanto es contraria agora á sua misericordia! Eu tinha determinado de confessar-me pela Pascoa com fazer penitencia, e mudar vida; mas hum golpe de apoplexia, que me deo improvisamente a morte, me tirou o tempo. E eu, dirá outro, que estando em hum sertão longe da Igreja, indo a confessar-me, no passar de hum rio affoguei-me; e todo estudioso á salvar a vida do corpo, não me lembrei do nome de Jesus, nem de Maria, para salvar a da alma. Sahirá outro enfurecido, bradando: E eu que tinha já no meu coração perdoado ao meu inimigo as affrontas, que me fez, e esperando-me elle em hum caminho, com hum tiro de espingarda me tirou a vida; e no mesmo tempo odiando-o, o meu corpo cahio no chão, e a minha alma foi sepultada neste eterno calabouço. Ora todos estes, e outros sem numero, que commettêrão muito menos peccados, que nós, que blasfemias execrandas não lanção contra Deos, por não lhes ter concedido hum quarto de hora de tempo para arrepender-se! Desesperados

dos amaldiçoarão para sempre o seu Anjo da guarda, aos seus Santos Protectores, á mesma Santissima Virgem Mãi de Deos, porque não lhes alcançou do seu Filho ametade, ou parte dos auxilios, que deo áquelle moço, para se salvar. Depois cheios de raiva descarregarão sobre o mesmo moço mil ignominias, pragas, e improperios com dizer-lhe: Tu, prescito infame, sim, que mereces mil Infernos, pois tiveste tempo de te confessares, e receber todos os Sacramentos, até a recommendação da alma, e tendo já hum pé nas portas do Paraiso, com hum momentaneo consenso aos teus deleites te precipitaste no Inferno. Sahirá no mesmo tempo huma tropa de demonios com varas de ferro affogueadas nas mãos, dizendo: Ah moço malvado, e traidor, cuidavas tu, depois de nos ter servido tanto tempo com as tuas torpezas, escapar-nos das unhas por hum instante de penitencia, nascida mais por medo dos nossos tormentos, que por amor, que tiveses a Deos nosso inimigo? Agora he tempo de gozar o fruto dos teus toques, e apalpamentos deshonestos: toca, apalpa, e abraça-te com estes ferros rubentes; e já que eras amigo de dar osculos com a bocca, affoguea esses teus beiços, e dá-lhes a beber os nossos sorvetes de bronze derretido para refresco daquellas entranhas, que sempre estavão accezas com o fogo da luxuria. Oh meu bom Jesus, meu Senhor, e Redemptor meu! E que caro vos custárão estas nossas torpezas, pois quiz o vosso amor satisfazer a ellas com o preço infinito de tantos milhares de açoutes. Hum só daquelles açoutes, offerecido por vós ao vosso Eterno Pai, com hum verdadeiro arrependimento, e hum firme proposito nosso de fugir de toda a occasião, basta para de escravos do demonio fazer-nos filhos de

Deos,

Deos, e herdeiros do Ceo. Assim será, se procurarmos imitar ao glorioso penitente S. Pedro de Alcantara, que nem na hora da morte permittio ao Frade enfermeiro que lhe tocasse hum pé, e foi tão grande inimigo do seu corpo, que além de o maltratar continuamente com penitencias, tinha feito pacto com elle, que em quanto estivesse nesta vida, não lhe havia de dar gosto algum, ainda que licito; e por isto logo depois de morto appareceo a Santa Teresa vestido de gloria, com dizer-lhe: *O' felix penitentia, quæ mihi tantam gloriam promeruit*: O' bemaventurada penitencia, que me mereceo tanta gloria. Meu pio, e devoto Leitor, se não te atreves a tanto, lembra-te deste dito dos Santos Padres: *Momentaneum quod delectat, æternum quod cruciat*: Os gostos nesta vida são momentaneos, os tormentos na outra são eternos. Considera bem esta verdade, a morte, que póde vir repentina, e as penas do Inferno, que durarão para sempre, e ficarás desenganado para nunca mais peccar: *Memorare novissima tua, & in æternum non peccabis.*

In 2. lect. D. Petri Alcant.

Eccles. 7.

DIS-

TORMENTO DOS SOBERBOS

DISCURSO VII.

Do tormento dos Soberbos, e Preſumidos.

O præſumptio nequiſſima unde creata es,
Eccleſ. 37.

CHamou Salamão á ſoberba a verdadeira origem de todas as maldades: *Initium omnis peccati eſt ſuperbia.* E com razão, diz S. Fulgencio, pois deſta, como de huma raiz generaliſſima, vão pullando, e prefilhando todas as mais eſpecies de peccados: *Ideo ſuperbia dicitur initium omnis peccati, ut omne peccatum de ipſa, tanquam de radice pullulare monſtretur.* Filha primogenita da ſoberba he a preſumpção; e tanto mais he peſtilente, e nociva, quanto mais he occulta, e disfarçada. A ſoberba de não reconhecer a Deos por Soberano, e ſeu Creador, ou de querer moſtrar-ſe independente delle, todos a fogem, e abominão; ainda nem conſiderando-ſe hum homem, por grande que ſeja, ſujeito ás miſerias deſta vida, lhe paſſa pelo penſamento; porém preſumir de ſalvar-ſe, vivendo mal, fiado na bondade, e miſericordia de Deos, e querer continuar no peccado, com huma falſa confiança de que Deos não lhe faltará com o tempo de ſe confeſſar, e poder fazer penitencia, he huma preſumpção diabolica, e huma ſoberba luciferina, que merece ſer punida com os meſmos tormentos, que o meſmo Lucifer padece, e padecerá eternamente no Inferno. Por iſto Salamão, como eſtatico exclama: *O' præſumptio nequiſſima, unde creata es?* Oh preſumpção maligna, e iniquiſſima, onde naſceſte, e quem

Eccleſ. 12.

D. Fulg. Ep. 3. ad Pr.

e quem te creou? Eis-aqui (pio Leitor) toda a materia resumida, e juntamente todo o assumpto deste Discurso, já dividido em dous pontos. No primeiro veremos o engano dos que peccão confiados na bondade, e misericordia Divina. No segundo o engano manifesto dos que commettem a culpa, persuadindo-se por certo o poder fazer verdadeira confissão, e penitencia. O desengano destes dous enganos, que eu irei delineando, he mui util, e necessario para quem deseja salvar a sua alma, e assim requere toda a consideração, e reparo; pois he certo o que diz S. Bernardo, que por falta deste desengano está o Inferno cheio de enganos.

He sentença, quanto mais debatida entre os Theologos, tanto mais difficultosa de resolver, aquella, que S. Thomaz trata na primeira parte da sua Theologia, sobre a qualidade, e circumstancias do primeiro peccado dos Anjos. He certissimo, e (conforme falla o Texto Sagrado) tambem de Fé, que Lucifer, como Primaz, e todos os Anjos rebeldes, peccárão de soberba: *Ascendam super astra Dei, exaltabo solium meum, similis ero Altissimo*: Subirei sobre as Estrellas do Empyreo, e ahi levantarei o meu throno, e serei no governo, e soberania semelhante a Deos Altissimo. A difficuldade consiste em explicar, como foi possivel que hum espirito Angelico, tão sublime, dotado de tantos dons, e de todas as sciencias naturaes, e sobrenaturaes; hum entendimento tão claro, tão agudo, e perfeito, enriquecido de tantas luzes, que por antonomasia se chamava Lucifer, se ensoberbecesse, e maquinasse huma traição tão atroz, e mal fundada, com se persuadir que podia chegar a ser Deos? *Elevatum est cor tuum in decore. Perdidisti sapientiam.* Não sabia Lucifer que Deos he hum só, e que no seu Throno, ain-

D. Thom. 1. 2.

Isai. 14.

ainda que immenſo, não podem caber dous aſſentos? *Numinis hæc ſedes non capit una duos.* Não ſabia que a ſua omnipotencia o faz independente de todas as creaturas, e que eſtas todas neceſſariamente em tudo dependem delle, ſendo eſte o fiorão mais zeloſo da ſua coroa? *Omniſque poteſtas impatiens conſortis erit.* Não ſabia finalmente que Deos he infinitamente juſto, e que a ſua juſtiça o havia de obrigar a punir hum attentado o mais horrendo, hum ſacrilegio o mais execrando, hum crime de leſa Divina Mageſtade o mais atraiçoado, e que Deos tudo vê, tudo ſabe, e que até o minimo deſejo do coração lhe eſtá claro, e patente? *Ego Dominus ſcrutans cor.* Sim ſabia. Por iſto os meſmos Profetas, que eſcrevêrão eſte ſucceſſo a modo de quem não percebe como iſto podia ſer, o perguntão ao meſmo Lucifer: *Quomodo cecidiſti de cœlo Lucifer? Qui dicebas in corde tuo: Aſcendam ſuper altitudinem nubium. Verumtamen ad infernum detraheris in profundum laci.* E ſe os meſmos Profetas pedem a ſolução deſta dúvida, como a podem dar os Theologos, cuja ſciencia he toda fundada nas Profecias, e na Sagrada Eſcritura?

Hier. 17.

Iſai. 14.

Já que a Theologia eſcolaſtica nada decide de certo ſobre eſte ponto, me valerei da Theologia myſtica de S. Bernardo, não aprendida nas claſſes, mas ditada-lhe pelo Eſpirito Santo naquelles ermos, onde ſe recolhia a contemplar os myſterios Divinos. Reſolve pois o Santo, que Lucifer ſabia perfeitamente, quanto temos dito aſſima, e não duvidava da omnipotencia de Deos, e da ſua ſabedoria infinita; mas que conſiderando-ſe, como a creatura mais formoſa, mais nobre, e mais perfeita de todas, ſe deſvanecêra, formando huma idea tão quimerica da bondade, e miſericordia Divina, que pre-

sumio ser Deos tão bom, e misericordioso, que antes consentiria de tello, como igual no throno, que odiallo para sempre, e vello padecer eternos tormentos. Esta presumpção quimerica foi o crime fatal, e enormissimo de Lucifer, e indignissimo de todo o perdão: *Inventa est iniquitas ejus, non ad iram momentaneam, sed ad odium, & odium sempiternum.* O peccado de Adão, e os peccados de todos os mais homens, sempre merecêrão, e merecem a ira de Deos; porém o attentado da presumpção de Lucifer, mereceo o odio não passageiro, mas eterno, pois foi direita, e diametralmente, *non ad tempus, sed pro semper*, contra a bondade Divina. Ouvi como o mesmo S. Bernardo doutamente argumenta contra Lucifer. Não he huma maldade monstruosa, e hum attentado diabolico, o valer-se da bondade de Deos, para offender aquella mesma bondade? Não he huma ingratidão luciferina o saber que Deos te póde aniquilar? Pois he teu Creador, que te póde punir com huma eternidade de penas, he teu Senhor, e teu Deos, que de nada te creou espirito, o mais perfeito, intelligencia a mais sublime; e formaste huma presumpção temeraria, rendendo o mal por bem, hum odio entranhavel pela mais fina caridade: *Posuerunt adversum me mala pro bonis, & odium pro dilectione?* E que bem perguntou Salamão, quando disse: *Oh præsumptio nequissima unde creata es!* Pois bem sabia que não teve os seus principios na terra, mas nasceo da soberba de Lucifer, e foi creada no Inferno.

D. Bern. de gr. hum. gr. 1.

Psal. 108.

Eccles. 37.

Esta presumpção da bondade, e misericordia Divina, foi logo o engano, que fez precipitar Lucifer, com os mais espiritos rebeldes seus sequazes, do Paraiso no Inferno, tornando-se de Anjos em demonios. E se esta presumpção foi capaz de enganar, e per-

e perverter as creaturas Angelicas, dotadas de entendimentos tão claros, e penetrantes, que couſa não fará com as creaturas humanas! Como não enganará entendimentos rudes, e pelos vicios, e peccados obſcurecidos! Muito mais, que os demonios põem todo o ſeu maior deſvelo em enganar os peccadores com eſta preſumpção temeraria da bondade, e miſericordia de Deos; porque aſſim pelo odio, que tem a Deos, como pela inveja, que tem aos homens, não podem levar em paciencia, que a meſma bondade, e miſericordia ſalve a eſtes, e não ſalvaſſe a elles. He logo neceſſario que o peccador, quando confiado na bondade, e miſericordia Divina, ſe arroja a peccar, conſidere com attenção, que commette hum peccado, que tem muito de luciferino, hum crime como diabolico, e da meſma eſpecie daquelle dos demonios; e que não ſe fie, nem ſe arriſque a tal abſurdo, porque infallivelmente na hora da morte ſe achará enganado, como ſe achárão, e ſe achão cada dia tantos outros. Mas porque eſte ponto he de grande importancia, darei logo algumas provas, que ſervirão de hum total deſengano, e argumento aſſim:

Ou vós, peccador, que dizeis que Deos he bom, e tão miſericordioſo, eſperais que elle perdoará o voſſo peccado, depois de o ter offendido, ou não? Se vós não eſperais o perdão, não he iſto ter perdido o juizo? Querer o goſto de hum momento, e ſaber de certo, que depois haveis de penar eternamente no Inferno! E neſte caſo, como podeis dizer que Deos he bom, pois para vós ſe moſtra tão juſto, e rigoroſo? Se pelo contrario eſperais ſer perdoado; e que maior monſtro de ingratidão, e que inimigo mais perfido podeis ſer, como diz S. Pedro Chryſologo, que por ſer Deos bom, e miſeri-

Cryſol. Serm. 5. cordioſo, fazer-vos mais cruel tyranno! *Fieri de Domini miſeratione crudeles.* Vós dizeis que Deos he bom, e miſericordioſo. Aſſim he. E a ſua miſericordia he muito maior que a noſſa maldade: *Maior eſt miſericordia tua, quam iniquitas mea.* E com tudo vós deſmentis eſta verdade, com querer em hum certo modo igualar a ſua miſericordia infinita com a voſſa malicia infinita; em quanto de hum bem infinito, qual he a bondade de Deos, tomais ouſadia de commetter hum mal como infinito, qual he o peccado totalmente oppoſto a Deos; e iſto não he em huma certa maneira querer igualar a voſſa infinita malicia por relação á ſua infinita bondade?

Aug. lib. 1. Conf.

Deos he bom, Deos he miſericordioſo. Vós dizeis a verdade, mas não dizeis tudo. Deveis tambem dizer, que he juntamente juſto, e com quem uſa da ſua miſericordia, e com quem exercita a ſua juſtiça. Quereis ſaber com quem Deos he bom? Ou-

Pſalm. 72. çamos os Profetas: *Quam bonus es Iſrael Deus iis, qui recto ſunt corde!* Oh como Deos he bom para a-

Pſalm. 124. quelles, que tem o coração recto! *Benefac Domine bonis*: Senhor, uſai da voſſa miſericordia com aquelles,

Thr. 3. que vivem bem: *Bonus eſt Dominus animæ quærenti illum.* Deos he bom áquellas almas, que o buſcão, e o amão; mas nunca differão, nem dizem, que he bom para aquelles, que o offendem, e buſcão o demonio com o peccado. Quereis ſaber para quem he juſto? Ouvi o oraculo do Eſpirito Santo, que não pó-

Iſai. 3. de mentir, nem enganar, em Iſaias: *Væ impium in malum, retributio enim fiet ei!* Deſgraçado do peccador, pois receberá a ſeu tempo o caſtigo do ſeu peccado! Em Job, que ſempre tremia, ſabendo que nenhum peccado ficaria neſta vida impunido: *Sciens, quod non parceres delinquenti.* Em Ezequiel: Que Deos deſcarregará o ſeu furor contra os peccadores obſtinados,

dos, e que não terá compaixão delles, nem lhes perdoará, e conhecerão todos, que he hum Deos juſto, que caſtiga, e ſabe caſtigar a ſeu tempo os ſeus inimigos: *Immittam furorem meum, non miſerebor, & non parcet oculus meus, & ſcietis, quia ego Dominus percutiens.* Ezech. 7. E o Profeta Nahum não falla ſenão em hum Deos zeloſo da ſua honra, que ſe vinga dos peccadores, e armado do ſeu furor não ceſſa de perſeguir os ſeus inimigos: *Deus æmulator, & ulciſcens Dominus, & habens furorem ulciſcens Dominus contra hoſtes ſuos.* Nahum. lib. 1. E S. Paulo diz, que a ira, e indignação de Deos, as tribulações, e anguſtias, eſtejão ſempre atormentando aquellas almas, que obrão mal: *Ira, & indignatio, tribulatio, & anguſtia in omnem animam operantis malum.* Rom. 2.

Deos he bom, Deos he miſericordioſo; e eu acreſcento, que o he infinitamente mais, do que vós dizeis, ou cuidais, e do que vós podeis dizer, e imaginar; porém nunca achareis, que tenha promettido a ſua miſericordia a nenhum peccador em particular. A concede ſó aos ſeus eſcolhidos, e a quem melhor lhe parece: e tende bem no ſentido eſta verdade tão importante, e vos ſirva de deſengano, e vem a ſer, que por grande, e infinita que ſeja a bondade, e miſericordia Divina, Deos a exercita para com os peccadores muito menos do que a ſua juſtiça; não porque Deos não ſeja mais inclinado a perdoar, mas porque a obſtinação, e maldade dos reprobos, aſſim o pedem, como veremos. Lea qualquer que ſeja toda a Eſcritura Sagrada, o velho, e novo Teſtamento; e eu vos aſſeguro, que não achará hum ſó Texto, que prometta a miſericordia aos que offendem a Deos obſtinadamente; achará bem ſim que a promette, e dá a alguns poucos, que arrependidos deſejão, e pedem mui devé-

ras, serem restituidos na sua graça; mas estes, diz o Profeta Isaias, que são tão poucos, como são raros os cachos de uvas depois da vinha vindimada:
Isai. 24. *Quomodo pauci racemi, cum fuerit finita vindemia.* E o primeiro Vigario de Christo, S. Pedro, faz o numero dos escolhidos tão limitado, que o compara ás oito almas, que se salvárão na Arca, em comparação das muitas, que perecêrão no diluvio: *Arca in qua paucæ, id est, octo animæ, salvæ factæ sunt per aquam.* E o mesmo nosso Senhor Jesus Christo, perguntado, se era verdade que mui poucos se havião de salvar, respondeo: *Contendite intrare per angustum portam, quæ ducit ad vitam*: Mortificai-vos, e fazei o possivel para entrar pela porta estreita, que vos leva ao Paraiso; porém são mui poucos os que a achão aberta, e entrão nella: *Et pauci sunt, qui inveniunt eam.* Argumentai agora, se vós sois do numero dos poucos escolhidos, *pauci verò electi*; ou daquelles, que com a temeraria presumpção, de que Deos he bom, buscão o caminho largo, que conduz á porta da perdição, por onde muitos entrão: *Quæ ducit in perditionem, & multi sunt, qui intrant per eam.*

1. Petr. 3.
Luc. 13.
Matth. 7.
Matth. 7. 23.

Deos não he sómente bom, e justo; mas he todo poderoso, immenso, infinitamente grande, sabio, e Santo, dotado de hum numero infinito de perfeições; e assim quando commetteis algum peccado, não ha duvida que a todas offendeis, e todas ficão vossas inimigas: *Manus tua contra omnes, & manus omnium contra te.* Pois todas estas perfeições são huma mesma cousa entre si, como tambem são huma mesma cousa com a essencia Divina. Isto supposto: Que presumpção? Que temeridade execranda seria de hum vassallo, que se atrevesse a affrontar a pessoa Real do seu Principe, fiado na protecção de hum

Gen. 1.

seu

ſeu patrono, que tem por ſeu amigo, porque ſabe que he valído, e póde muito com o ſeu Rei, ſem conſiderar, que na meſma Corte havião milhares de Cortezãos com a meſma graça, favor, e valimento, e eſtes como offendidos, e zeloſos da honra do ſeu Rei, logo ſe fazião voſſos inimigos declarados, e lhe pedião ſe eſqueceſſe da ſua miſericordia, e triunfaſſe a ſua juſtiça com punir exemplarmente ſemelhante preſumpção, e atrevimento? Todas as perfeições de Deos são delle igualmente amadas, ſe faz a meſma eſtimação de humas, como das outras, pois todas são do meſmo modo amaveis, Divinas, e infinitas. Vede logo quão mal fundada he a voſſa preſumpção, na bondade, e miſericordia Divina, com querer huma perpetua batalha das perfeições, contra as perfeições; levantar huns attributos, contra outros attributos; e finalmente armar eos contra Deos. Não he iſto procurar a ſua ira, o a odio, e a ſua eterna vingança, como diz S. Paulo: *Ira, & indignatio, & anguſtia in omnem animam operantis malum?* Rom. 2.

Deos he bom, e miſericordioſo. E ſe eu agora vos provaſſe, que a meſma bondade, e miſericordia de Deos, que vós cuidais ſer voſſa Protectora, he a voſſa maior inimiga; e que aquella que vós tomaſtes por voſſa Advogada, ſe unio com as partes aggravadas, e he voſſa contraria, e que as armas, que eſcolheſtes, para aſſegurar a voſſa defeza, ſerviſſem, para pelejar contra vós, pondo-vos em total ruina, até vos dar no meſmo tempo a morte temporal, e eterna, que direis então? Que Deos he bom, e miſericordioſo: *Bonus, & miſericors Dominus?* Ou que he juſto, e vingativo: *Deus ultionum Dominus, juſtus, ac rectus?* Eu bem poderia trazer aqui huma quantidade grande de exemplos, e todos de Autho- Exod. 33.

res graves, e de fama, com que provasse esta verdade; mas, porque com serem estes fidedignos, não são por isto de fé, me valerei nesta occasião por prova evidente de hum exemplo da Sagrada Escritura, que quanto mais he sabido de muitos, tanto menos he bem considerado ainda de poucos.

Querendo o Texto Sagrado resumir em compendio a funesta historia do desgraçado Aman, começa com esta sentença, que foi o fundamento da sua ruina: *Multi bonitate Principum abusi sunt in superbiam*: Que muitos, abusando-se da graça, e favor do seu Rei, presumem de poder tudo, e usão tyrannias com os povos. Esta foi a culpa, e a desgraça de Aman, que chegou a tal altura de valimento com ElRei Assuero, que ordenou que o seu assento fosse sobre todos os Grandes, e Magnates do seu Imperio, e que todos os seus subditos, em o vendo, se lhe ajoelhassem, lhe obedecessem, e o adorassem: *Rex Assuerus exaltavit Aman, & posuit solium ejus super omnes Principes, cunctique servi Regis flectebant genua, & adorabant Aman. Sic enim præceperat eis Imperator.* Este tão alto valimento fez cahir em tal presumpção a Aman, que para se vingar de Mardoqueo, que não se queria ajoelhar, quando entrava, ou sahia do Paço, determinou de dar a morte, não só a elle, mas tambem a toda a sua nação Hebrea, passando edito a todas as cento e vinte sete Provincias do Imperio, para que em tal dia determinado, fossem todos crucificados. Parece que a fortuna queria exaltar ainda mais a Aman, pois a Rainha Esther, convidando a ElRei Assuero, seu consorte, a hum grandioso banquete, que lhe tinha preparado, pedio-lhe que Aman recebesse esta honra, de comer com as duas pessoas Reaes na meza, e logo lho concedeo, e o mesmo Rei o trouxe comsigo:

Esther 16.

Esther 3.

Ve-

Venerunt itaque Rex, & Aman ad convivium, quod eis Regina paraverat. Não ha mais que ſubir no valimento, nem ha mais que eſperar de hum ſimples ſubdito, que não naſceo Principe, ou não tinha ſangue de teſta coroada; tanto aſſim, que tornando elle ao ſeu palacio *lætus, & alacer*, alegre, e contente, narrou as honras, e glorias, que tinha recebido, eſpecialmente da Rainha Eſther, que de tantos Principes, e Grandes, ſó a ElRei, e a elle convidou ao ſeu banquete, convidando-o tambem para o dia ſeguinte: *Regina quoque Eſther nullum alium vocavit ad convivium, præter me, apud quem etiam cras pranſurus ſum.* Aqui chegou o cume da preſumpção, e ſoberba de Aman, porque mandou levantar no ſeu jardim huma grande cruz: *Juſſit excelſam præparari crucem*, para que no tempo, em que elle eſtava jantando com a Rainha, Mardoqueo foſſe nella crucificado. E que pouco durou eſta felicidade! *Oh fortuna potens, quam variabilis!* Não ſabia Aman, que a Rainha Eſther era de nação do povo eſcolhido, que elle perſeguia a fogo, e ſangue, e que Mardoqueo, além de ſer ſeu tio, por morte dos parentes lhe foi ſeu pai nutricio, e a tinha adoptada por ſua filha herdeira, e ficou paſmado, quando tornando ao banquete, ouvio a Eſther, que pedia vingança ao Rei da ſua preſumpção, e crueldade: *Hoſtis, & inimicus noſter peſſimus eſt iſte Aman.* E para aplacar a ira de ElRei foi neceſſario, que do banquete paſſaſſe ao meſmo patibulo, que tinha preparado para Mardoqueo: *Suſpenſus eſt itaque Aman in patibulo, quod paraverat Mardocheo. Et ira Regis quievit.*

Eſther 5.

Eſther 9.

Eſther 13.

Ode 19.

Eſth. 8.

Eſta he ao pé da letra a ſubſtancia reſumida da fatal tragedia do deſgraçado Aman, que ſe do ſentido literal deſta Sagrada Hiſtoria paſſarmos, conforme a doutrina dos Santos Padres, e ſacros Expo-

positores, ao sentido mystico, e tropologico, acharemos, que ella he hum verdadeiro retrato de todos aquelles peccadores, que confiados na bondade, e misericordia de Deos, o offendem, e presumem temerariamente salvarem-se. E no inopinado, e horroroso castigo de Aman está perfeitamente delineado, que quando elles cuidão viverem mais descançados, e seguros na culpa, então a justiça Divina mais irritada descarrega sobre elles huma morte improvisa, que do banquete dos seus gostos os faz passar de repente ao penoso patibulo do Inferno:

Thess. 5. *Cum dixerunt: Pax, & securitas, tunc repentinus eis superveniet interitus.*

Sei mui bem o arrazoado de muitos, que discorrem assim: Eu não sou tão descuidado da minha salvação, que queira arriscar a minha alma, vivendo no mar tempestuoso de tantas culpas, entre os abrolhos de tantas paixões, em hum batel, que tem a unica ancora da bondade de Deos, em que se assegure. Temos de mais a mais, hum ancorote, em que nos fiamos, e nos damos por seguros. Este he a devoção á Beatissima Virgem. Huns dizem, que são da Confraria de nossa Senhora do Carmo, e que trazem comsigo o seu Bentinho, e nunca comem carne nas quartas feiras. Outros, que são Confrades do Rosario, que o levão sempre comsigo, e o rezão sem falta todos os dias. Ha tambem alguns que tomão o titulo oneroso de Escravos da Senhora, trazendo no braço huma cadeinha por final do seu cativeiro, com pagar-lhe todos os sabbados o tributo de hum jejum rigoroso. Estes todos, mui confiados, presumem, e dizem assim: Este ancorote da devoção a nossa Senhora he o que tem mão na ancora da bondade, e misericordia Divina; pois sendo ella, como canta a Igreja, Mãi de misericordia, e re-

e refugio dos peccadores: *Mater miſericordiæ, refugium peccatorum*, nunca permittirá, que tantos ſeus devotos padeção para ſempre no Inferno hum naufragio eterno.

Oh engano dos enganos, que quanto mais encuberto, tanto mais pernicioſo! Não ha peior tentação do demonio, que quando elle, ſendo o Principe das trévas, ſe transfigura em Anjo de luz, e moſtrando-ſe zeloſo de ſalvar certas almas, as move, e as incita a algumas devoções, e tambem penitencias exteriores, que na apparencia cobrão boa opinião no povo, e lhes promette com ellas infallivelmente o Paraiſo; e na realidade, continuando com maior confiança a peccar, as leva á redea ſolta ao Inferno. E quem havia de cuidar, que de dous ingredientes tão perfeitos, de dous antidotos tão ſantos, como são a miſericordia, e bondade de Deos, e a devoção a noſſa Senhora, pudeſſe ſahir huma compoſição tão diabolica, hum veneno tão refinado, como he huma preſumpção temeraria de ſalvar-ſe com multiplicar peccados. Iſto ſuppoſto, que direis vós, ſe eu agora vos fizeſſe ver, e tocar com a mão, que eſte voſſo ancorote da devoção da Senhora, em que pondes toda a voſſa confiança, ſerá o primeiro, que mais depreſſa vos puxará a vós, e ao voſſo batel a pique no profundo do Inferno? Dai-me attenção, e ſirva o que ſe ſegue de hum verdadeiro deſengano á voſſa temeraria preſumpção, e tornemos á Rainha Eſther, pois a ſua hiſtoria he cheia de grandes myſterios, e admiraveis documentos.

Todos ſabem que a Rainha Eſther era do povo eſcolhido, e tambem a figura da Rainha dos Anjos, a Virgem noſſa Senhora; tanto aſſim, que os Expoſitores Sagrados entre tantas profecias, e Tex-

tos

tos do Testamento velho, que provão a Conceição da Senhora ser immaculada, admirão as palavras, que ElRei Assuero disse á Rainha Esther; pois clara, e distintamente publicão o privilegio, que refuta, e annulla toda a dúvida: *Esther.... non morieris, non enim pro te, sed pro omnibus hæc lex constituta est*; pelo que aquella lei universal, em que os descendentes de Adão *omnes peccaverunt*, ainda que foi feita para todos *pro omnibus*, não foi feita para a Virgem nossa Senhora *non pro te*, pois no primeiro instante da sua Conceição foi preservada. Argumentai agora assim: Se a Rainha Esther, por ser do povo escolhido, foi a primeira, que pedio vingança a ElRei Assuero, para que logo mandasse executar a sentença de morte contra Aman, porque perseguia ao seu povo. A Rainha do Ceo, que além de ser do povo escolhido, he Filha do Padre Eterno, Esposa do Espirito Santo, e Mãi do Verbo encarnado, que justiça, e que vingança não pedirá ella á justiça de Deos, vendo que com a capa de seres seu devoto, crucificais de novo com novos peccados ao seu Bemdito Filho! *Iterum crucifigentes vobismetipsis Filium Dei.* Offendeis a Santissima Trindade, e a todas as perfeições Divinas, com as quaes a Senhora tem huma correlação tão estreita.

Esther 15.

Rom. 3.

Hebr. 6.

Finalmente quero acabar este primeiro ponto com hum dilema, que talvez vos poderá convencer. Ou vós conheceis a bondade, e misericordia de Deos, ou não. Se vós a não conheceis, por que pondes todas as vossas esperanças em hum objecto, que não sabeis qual he? Se vós a conheceis, e fiados nella commetteis novos peccados, presumis temerariamente que a bondade, e misericordia de Deos, por ser infinita, vos perdoará. Mas nisto mesmo consiste o vosso engano, porque, como diz S. João,

S. João, vós ſois hum mentiroſo, pois dizeis que conheceis a Deos, e no meſmo tempo o offendeis; iſto he não fallar verdade, he huma craſſa, e pura mentira: *Qui dicit, ſe noſſe Deum, & mandata ejus non cuſtodit, mendax eſt, & veritas in eo non eſt.* Joan. 1. 2. Eſta preſumpção de poder enganar a Deos, com deſprezar a ſua bondade, e abuſar da ſua paciencia, diz S. Paulo que he hum querer viver ſempre mais enganado: *An divitias bonitatis ejus, & patientiæ contemnis?* Rom. 4. 4. Eſta voſſa dureza, e obſtinação, e eſte voſſo coração impenitente, vão cumulando, e entheſourando a ira de Deos contra vós, declarando-vos, e conſtituindo-vos anticipadamente por preſcitos no ſeu recto juizo: *Secundum autem duritiam tuam, & impœnitens cor theſaurizas tibi iram in diem iræ juſti judicii Dei.* Rom. 2. 6. Bem ſei que huma grande parte dos peccadores coſtumão dizer: Eu nunca experimentei na minha alma eſta dureza, e obſtinação, e muito menos o meu coração he inclinado a viver, e morrer impenitente. Confeſſo que pecco como homem, e ſou tambem recidivo; porém quando me reſolvo a peccar, já ſinto em mim hum principio de arrependimento; e depois de commettido o peccado, huma reſolução firme de confeſſar-me, e pôr-me bem outra vez com Deos. Eſta he a materia, que devemos tratar no ſegundo ponto. E ſe o peccar, preſumindo temerariamente o perdão da bondade, e miſericordia Divina, he o engano dos enganos, o peccar com a preſumpção de confeſſar-ſe logo, e fazer penitencia he o engano dos enganos ſem remedio, dos quaes, como veremos, lá eſtá, e eſtará ſempre mais cheio o Inferno.

Segundo ponto.

Aquelle grande Doutor da Igreja S. João Chryſoſtomo, conſiderando a diverſidade dos artificios, de que ſe ſerve o demonio, para impedir a ſalva-

ção

ção de nossas almas, avança huma proposição, que á primeira vista parece hum paradoxo; e bem ponderada, não he senão mui importante, e verdadeira. E diz, que o demonio leva a muitos ao Inferno pela estrada larga do peccado, e a muitos outros pelo caminho estreito da penitencia: *Alios per peccatum, alios per pœnitentiam damnat.* Levar ao Inferno pelo caminho estreito da penitencia! Este he hum estratagema nunca ouvido, huma contramina nunca vista, e huma contrabateria de nova invenção, he bater-nos, e combater-nos com as nossas proprias armas, he levantarem os trofeos com os instrumentos das nossas vitorias, e finalmente, como diz Santo Ambrosio, he levar-nos para o Inferno pelo caminho do Paraiso, ficando o nosso unico remedio sendo o seu maior triunfo: *Remedium nostrum sit diaboli triumphus.* E assim he, pois hum grande numero de Christãos, dos Catholicos a maior parte; por não dizer quasi todos aquelles, que vão ao Inferno, elles mesmos se condenão pela penitencia, ou presumida, ou illegitima, ou não executada. He cousa certa, o que deixou escrito o grande Missionario, que falla por experiencia, que de cem Catholicos, que se atrevem a commetter o peccado, mais de oitenta tomão esta ousadia, pela presumpção que tem de fazer penitencia, dizendo comsigo: Depois que nós tivermos satisfeito á nossa paixão, e contentado o nosso appetite, nos confessaremos, e faremos penitencia; e destes oitenta, que presumem fazer penitencia, haverá ao menos sessenta, que continuando nos peccados nunca a farão, porque lhes faltará o tempo, como veremos adiante. E dos vinte, que a fazem, a fazem illegitima, diminuta, ou sem o verdadeiro arrependimento.

Chryſ. hom. 4. ep. ad Cor.

D. Amb. Serm. 9. de pec.

P. le Jeune tom. 2.

Vós dizeis que quereis fazer o vosso gosto, e con-

contentar o voſſo appetite, fiados na eſperança de vos arrepender. Mui boa propoſição he eſta para hum homem, que tem o uſo da razão! O motivo he mui lindo, e o fim he mui acertado para hum Catholico, que deſeja ſalvar-ſe! Foi convidado hum Filoſofo antigo a entrar em certa caſa pouco honeſta, que pela Helena, que morava dentro, era a perdição da mocidade de Athenas. Reſpondeo logo reſoluto: *Ego non emo tanti pœnitere*: Eu não compro por preço tão caro o arrepender-me. A reſpoſta foi verdadeiramente de hum Filoſofo, que diſcorre, e ainda que gentio, combinava o principio da obra, que pedia hum ſemelhante invite, com o fim, que era depois arrepender-ſe: *Ego tanti non emo pœnitere*. E vós com o lume da Fé, e com a luz do Euangelho diſcorreis todo o contrario, pois o arrependimento, que ao Filoſofo ſervia de freio, para não peccar, fazeis que vos ſirva de eſpora, que incite a voſſa preſumpção temeraria a commetter mais depreſſa o peccado. Quando vós vedes que algum voſſo parente, ou amigo quer entrar em alguma ſociedade, ou contrato, ſabeis que provavelmente vai perdido, depois de lhe ter dado muitas razões, e elle reſoluto não ſe rende, coſtumais dizer-lhe por fim: Entrai embora no contrato, que não paſſará muito tempo, que ficareis arrependido. Para diſſuadir a hum voſſo irmão, ou a outra qualquer peſſoa de voſſa obrigação de alguma obra, que além de ſer deſcredito, traz comſigo ruins conſequencias, depois de o ter convencido com os mais fortes argumentos, e elle perſiſte ſempre mais duro, e conſtante na ſua reſolução, acabais todo o voſſo diſcurſo, e o fechais com eſtas palavras, que vos ſervem como de concluſão: Já que o quereis aſſim, fazei a voſſa vontade; mas vos aſſeguro, que logo vos arre-

Laer. in Diog.

rependereis. Sendo isto assim, como he possivel que do arrependimento, de que vos servis para dissuadir aos outros das culpas, vos sirvais tambem para commetter os mais enormes delictos, com dizer, me arrependerei, me confessarei, farei penitencia!

Digo mais, que esta proposição: Quero satisfazer ao meu appetite: quero commetter este peccado, porque depois me arrependerei, e confessarei, nasce de hum entendimento erroneo, e de hum juizo enganado, pois nem ha fórma de discurso recto, nem tem connexão entre as partes, porque a natureza corrupta he inclinada ao peccado, e por isto lhe quereis dar aquelle gosto; e porque sabeis que o peccado he essencialmente contrario a Deos, que não o póde deixar impunido, e vós o pagareis com ser castigado eternamente no Inferno, por isto sempre vos enganais, dizendo, que vos arrependereis. E porque não dizeis antes assim, discorrendo com a razão, e com o temor de Deos, como discorrêrão, e discorrem todos aquelles, que de véras querem salvar-se: Se eu faço o meu gosto, e commetto este peccado, este me servirá de introdução para com mais facilidade commetter outro, e depois outro, e outros sem fim, como me tem succedido já tantas vezes, dizendo sempre, me arrependerei, me confessarei. Quantos forem os meus peccados, tantos serão os fuzis, que formão a corrente mais comprida, e pezante, com que o demonio me tem prezo,
Thr. 7. e atado: *Aggravavit compedem meum.* E pela força do máo habito, e appetite brutal predominante, já me considera, e trata como escravo seu, a elle vendido pelo preço de tantas reincidencias peccaminosas, sem nunca ter delle esperança do resgate, ou
Thr. 7. 21. de me livrar das suas mãos: *Dedit me in manum, de qua*

qua non potero ſurgere. Eſte ſim, que he diſcurſo formal, recto, e de quem vive já deſenganado, e com deſejo ſolido da ſua ſalvação.

Irritado Deos contra Achab Rei de Iſrael, por ter morto a Naboth, e haver-lhe uſurpado a ſua vinha, ordena ao Profeta Elias, que foſſe intimar-lhe a ſentença de morte. Chega Elias á audiencia do Rei, o qual diſſe: *Num, inveniſti me inimicum tibi?* Por ventura achaſtes que eu ſou voſſo inimigo? Reparemos na reſpoſta de Elias: *Inveni, eo quod venundatus ſis, ut faceres malum coram Domino*: Tenho achado, que vós meſmo vos tendes vendido, e feito eſcravo, para peccar, e offender a Deos na ſua preſença. Eſtranho modo de fallar he eſte do Profeta! Se Naboth já era morto, e a ſua vinha já eſtava uſurpada, parece que devia dizer, que ſe tinha vendido por eſcravo dos crimes, que já tinha feito, *eo quod feceris malum*, e não peccados futuros, que havia de fazer! *ut faceres malum.* Prova-ſe iſto com a ſentença, que Chriſto diſſe por bocca de S. João Euangeliſta: *Amen, amen dico vobis, omnis qui facit peccatum, ſervus eſt peccati.* Diz bem o Euangelho, admoeſtando a todos, que não ſe arriſquem a peccar, pois o peccado he por ſua natureza hum veneno tão maligno, que no meſmo inſtante que ſe commette, cauſa a morte da alma: *Peccatum, cum conſummatum fuerit, generat mortem*, e conſtitue o peccador eſcravo do ſeu peccado, e do demonio. Mais. O Profeta, que vai a converter a Achab, lhe repreſenta o infeliz eſtado do ſeu cativeiro, que he amontoar peccados ſobre peccados, pois tendo-ſe vendido aos demonios, e feito eſcravo dos ſeus appetites, ſenão recorrer a Deos, e não fizer violencia a ſi, lhe será neceſſario obedecer a elles, como a ſeus ſenhores; pelo que diſſe bem: *Eo quod venundatus ſis, ut faceres malum.*

Lib. 3. Reg. c. 21.

Joan. 8.

Jac. epiſ. c. 1.

Quem foſſe viſitar as galés de Napoles, ou de Sardenha, acharia entre aquella chuſma de gente trez claſſes de eſcravos, huns malfeitores inſignes, que a juſtiça, por aderencias, ou algum outro motivo, lhes trocou o patibulo em ficar condenados a hum remo perpetuo. Outros tem a ſentença por dez annos, que pela má eſtancia, e peior mantimento, vem reputado o meſmo que em toda a vida, e ſe os crimes são menores, a pena tambem he ſó de quatro, ou ſinco annos. A terceira ſorte de eſcravos são os que chamão voluntarios. Achão-ſe moços vadios, que por não trabalharem, nunca quizerão aprender officio. Para ſervir, ninguem os quer, porque são conhecidos, e inclinados, huns a Bacco, outros a Venus, e como lhes falta o dinheiro para comprazer aos ſeus vicios, buſcão o Capitão de huma galé, pedem-lhe ſinco, ou ſeis moedas de ouro, e fazem-lhe obrigação por eſcrito de ſervirem de eſcravos na dita galé, por hum, ou dous annos, conforme o contrato entre elles eſtipulado. Parte a galé, e depois de alguns mezes de corſo, torna ao ſeu porto. Quem havia de cuidar, que eſtes forçados voluntarios, tendo experimentado o ſuſtento de biſcouto negro, e duro, com huma medida de agua com bichos, e hum fedor intoleravel da ſentina, pediſſem de novo dinheiro, para ſatisfazer a ſua paixão, que devendo eſtar, ſenão morta, ao menos mortificada, reſuſcita tão faminta, que obriga os miſeraveis voluntarios a perpetuar-ſe no cativeiro! Se mais o Confeſſor déſſe por penitencia a qualquer deſtes moços vadios em deſconto dos ſeus enormes peccados, que foſſe ſervir por dous mezes com os mais forçados na galé, reſponderia logo, que era impoſſivel poder elle fazer tal penitencia, pois a galé he o inferno deſta vida; e poſto que Deos o tinha creado li-

liberto, não era ſeu credito que appareceſſe cativo, nem por duas horas. Conſiderai agora com eſta reſpoſta a tyrannia de hum habito vicioſo, e a força que tem de envolver em tal cegueira o entendimento dos homens, que todas as vezes que peccão mortalmente, vendem, e revendem a ſua alma ao Capitão infernal, e feitos eſcravos do ſeu appetite quanto mais os fartão, tanto mais ſe rendem infaciaveis, e com o engano de ſe arrepender, e confeſſar, peccarão, e mais peccarão, e tornarão a peccar, até que do cativeiro, e inferno deſta vida paſſarão com huma morte improviſa ao Inferno eterno da outra: *Venundatus ſis, ut faceres malum.*

Não ha homem no mundo, por malvado que ſeja, que ſendo Catholico, e não tenha perdido totalmente a Fé, não tema a morte, e muito, e muito mais o Inferno. Pelo que todo o ſeu diſvelo he querer viver mal, e morrer bem. Conhecem todos os peccadores, que continuando no peccado, o demonio os engana em vida; mas preſumem que Deos lhes dará tempo de ſe confeſſarem, e arrependerem, e aſſim na hora da morte o demonio ficará enganado. A tal engano, e a tal atrevimento exclama o Profeta Iſaias: *Audite verbum Domini viri illuſores.. Dixiſtis enim: Percuſſimus fœdus cum morte, & cum Inferno fecimus pactum.* Chama a eſtes taes homens, *Illuſores*, enganadores por ironia, pois elles ſão os enganados. E quem ha neſte mundo que poſſa fazer tregoas com a morte, pois falla tão claro o Euangelho, e a experiencia, que quanto ella he mais certa, tanto he mais incerto o lugar, e o tempo. Virá como o ladrão, e quando menos o cuidarmos: *Sicut fur in nocte ita veniet.... Qua hora non putatis.* E que pacto ſerá eſte, que tem feito com o Inferno? *Et cum Inferno fecimus pactum.* O pacto conſiſte em

Iſai. 28.

Theſ. 5.

Luc. 12.

que o demonio lhes promette, que antes de morrerem, terão tempo de se confessarem, e arrependerem; e quando falte o Confessor, farão, como Catholicos, hum acto de Contrição, que sendo perfeito, voará immediatamente a alma para o Ceo. Pois se estas condições são de tão grande ventagem aos homens, e de tanto prejuizo ao demonio, que fica com ellas enganado, como não só as consente o demonio, que he tão sagaz, e astuto, mas as quer, incita, e tenta os homens, para que lhas façáo? Porque na execução dellas elle fica o enganador, e os homens, que pertendião ser illusores, ficão illusos. Costuma o demonio nos seus contratos negocear sobre o seguro. Pede-nos o presente, com promessa larga de nos dar ao depois o futuro. Agora o peccado, e depois o arrependimento. E como o presente he facil, e certo, e o futuro he contingente, e difficultoso, segue-se que agora que ha tempo de se arrepender, e fazer penitencia, peccão confiadamente; e quando chegar a hora da morte, em pena desta confiança, e presumpção, mui poucos, ou nenhum fará verdadeira penitencia; e assim com o mesmo pacto, com que cuidavão enganar ao demonio, ficarão elles enganados: *Et cum Inferno fecimus pactum.* Isai. 28.

Vai tão seguro o demonio neste pacto, que como negociante rico, tem banco publico no mundo, offerecendo riquezas, dinheiros, e todo o genero de delicias, e gostos, com promessa de muitos annos de vida, estipula contratos, faz, e recebe escritos, e o que mais importa, com obrigação de lhes dar tempo de se arrependerem, e tornarem a Deos, contentando-se o demonio dos peccados, que fizerem por seu emolumento. Bem poderia eu allegar muitos, e muitos casos, succedidos em varias partes por confirmação desta verdade; porém direi hum só, re-

referido pelo Cardeal S. Pedro Damião. Em huma grande Cidade de Italia havia hum moço (diz o Santo) igualmente nobre por naſcimento, que bem herdado por ſeus pais; porém como eſtes erão já falecidos, em breve tempo gaſtou com mulheres, e jogos toda a herança. Vendo-ſe já chegado á extrema miſeria, e pelos ſeus vicios tambem de todos aborrecido, em lugar de recorrer a Deos, buſcou ao demonio. Eſte appareceo-lhe logo mui galante, e affavel, com ſe lhe offerecer a tirallo de todas as ſuas afflicções, e tornar-lhe a reſtituir dobrados os goſtos, que deſejava, e que para tudo iſto não lhe pedia outra couſa ſenão a ſua alma. O moço, que tendo perdido a graça de Deos, não tinha ainda perdido totalmente a fé, diſſe logo: Eu não quero vender a minha alma. E porque? (diſſe o demonio) Porque (reſpondeo o moço) depois de vendida, quem ma ha de reſgatar? Vós meſmo (replicou o demonio) como a tendes já reſgatado tantas vezes, confeſſando-vos. E quantos me tem vendido a ſua alma por toda a vida, e depois na hora da morte fiquei eu burlado, reſgatando-a com hum acto de Contrição, dizendo arrependidos, como David: *Peccavi*: Pequei, e baſtou iſto para reſgatarem a ſua alma, e gozarem logo de Deos. Vai bem, diſſe o moço; porém eu quero aſſegurar-me, e não quero paſſar eſcrito de venda, ſenão com a condição, que vós me aviſareis trez dias antes de eu morrer. Parece-me muito bem, (diſſe o demonio) e aſſim faz quem tem juizo; e eu vos prometto de guardar a condição, e ſem ella, que o noſſo contrato em todo o tempo ſeja nullo. Firmárão o pacto, e aſſignárão o eſcrito, que lhe fez, com reciproca ſatisfação de ambas as partes. Ficou mui contente o moço; e ſe de primeiro vivia mal, começou a viver peior. Achava-ſe com

Petr Dam. in opuſc.

dinheiro, nem lhe faltavão occasiões de satisfazer com liberdade os seus appetites em todo o genero de vicios. Durou porém pouco esta falsa felicidade, bastava vir do demonio, para ser efimera. Estando elle em hum festim bem descuidado, entrou hum cavalheiro de mui bom garbo, que acostando-se a elle, perguntou-lhe se o conhecia? Respondeo que não: Eu sou o demonio; (disse elle) e ainda que eu me chamo, e sou o pai da mentira, com tudo quero guardar a condição do nosso contrato, e assim vos advirto, que desta hora a trez dias, vós sereis já morto, e eu livre da minha promessa. E al não disse, pois logo desappareceo. Com este aviso ficou o moço tão perturbado, que não podia fallar. Cuidando os circumstantes que fosse algum ar de apoplexia, chamárão os Medicos, que o achárão com febre, e hum letargo mortal. Procurárão varios remedios para o despertar, que nada aproveitavão, e só dormindo se lhe ouvírão estas palavras: Eu fui enganado no tempo, pois ainda não tem acabado hum anno, depois que assinei o contrato no escrito, que depois de morto se lhe achou. Cuidárão os Religiosos, e Medicos, que lhe assistião, que não estava em si, e por isto faleceo sem Sacramentos. Já amortalhado, e preparando-se o enterro, entrárão dous negros agigantados com o seu tridente na mão, e hum delles disse com voz medonha: Quem compra a espada, compra tambem a bainha. Este nos vendeo a sua alma, que já está no Inferno, agora vimos buscar o corpo, porque como forão companheiros nos gostos, o sejão tambem nos tormentos, e fincando o tridente nas ilhargas do defunto, o carregárão nos hombros; e sahindo por huma janella, deixárão aos circumstantes assim pelo medo, como pelo fedor intoleravel, mais mortos que vivos. Assim vai a acabar

a pre-

a preſumpção de ſe confeſſar, ou de fazer hum acto de Contrição antes da morte. Eſte teve trez dias de tempo, e com tudo não ſe achou capaz de dizer arrependido, Pequei: *Peccavi.*

Eſte caſtigo, que faz horror, e parece rigoroſo, não he (diz S. Gregorio Magno) ſenão juſtiſſimo, e intimado pelo Eſpirito Santo naquellas formidaveis palavras: *Vocavi, & renuiſtis, deſpexiſtis omne conſilium meum; ego quoque in interitu veſtro ridebo, & ſubſanabo*: Vos chamei com as minhas inſpirações, e não me quizeſtes ouvir, nunca fizeſtes caſo dos meus conſelhos, nem dos meus aviſos; eu tambem na hora da voſſa morte me rirei, *ridebo*, e farei eſcarneo (de que notai eſta palavra *Subſanabo*) de ver, que cuidaveis com hum falſo *peccavi* enganar a Deos neſtes breves dias de vida, e ficaſtes enganados por toda a eternidade no Inferno. Aſſim ſuccedeo a ElRei Abimelec, que viveo ſempre mal, e eſquecido de Deos em todo o tempo da ſua vida, e Deos permittio, que na ſua morte não ſe lembraſſe nem de Deos, nem de ſi. Foi eſte ſitiar a Cidade de Tebas; e eſtando já vitorioſo para entrar nas portas, huma mulher, que eſtava em alto, pegou em huma grande pedra, e deixando-lha cahir ſobre a cabeça, lha partio pelo meio. Conhecendo ElRei que morria, que acto de Contrição fez? De que *peccavi* ſe lembrou? Chamou logo hum ſeu pagem, e lhe diſſe: Acaba de preſſa de matar-me com a tua eſpada, para que não ſe diga, que huma mulher matou a Abimelec com huma pedra: *Vocavit citò armigerum ſuum, & ait: Evagina gladium tuum, & interfice me, ne forte dicatur, quod à fœmina interfectus ſim, & interfecit eum.* Aſſim o executou o pagem, e ficou morto Abimelec. Nem ElRei Saul teve melhor fim. Vendo-ſe eſte mortalmente ferido, em lugar de

Prov. c. 1.

D. Greg. Mag. l. 6. v. mor.

Jud. 9.

pronunciar hum *peccavi*, e pedir a Deos misericordia, pedio tambem elle a hum dos seus soldados, que o acabasse de matar. Teve horror o fiel vassallo de commetter hum tal crime, por muitos rogos, que lhe fizesse. Então Saul, por fugir o opprobrio de ficar prizioneiro dos seus inimigos, poz os punhos da sua mesma espada no chão, e já desesperado poz os peitos sobre a ponta, e cahindo com força sobre
Reg. 1. 31. ella, ficou enfiado, e morto: *Arripuit itaque Saul gladium suum, & irruit super eum.* Peior succedeo ao Emperador Juliano. Este de bom Catholico prevaricou em pessimo Apostata, e inimigo declarado de nosso Senhor Jesus Christo, perseguindo os Christãos com tyrannias em todo o seu Imperio. Estando hum dia passando mostra ao seu exercito, vírão todos partir do Ceo huma setta, que em direitura foi ferir os peitos do Emperador. Todos cuidavão que á vista deste grave castigo tornaria em si; mas elle mais obstinado, e endurecido, vendo-se esgotar de sangue, tomou huma mão cheia delle, e lançando-a em alto, como contra o Ceo, gritou blasfemando:
Bar. an. *Vicisti, Galilæe, vicisti*: Me tendes vencido, ó Galileo, (assim chamava elle a nosso Senhor Jesus Christo) me tendes vencido. E se Juliano o conhece, e confessa por seu Deos vitorioso, e triunfante, por que não se lhe lança aos pés, pedindo-lhe perdão de o ter perseguido, e com hum *peccavi* ganhar na hora da morte o Paraiso? Porque (como diz S. Gregorio Magno) este castigo, e esta vingança de Deos he rectissima; pois permitte que os peccadores, que na vida se esquecêrão sempre de Deos, na morte se esqueção de Deos, e de si mesmos: *Hac animadverfione punitur peccator, ut moriendo obliviscatur sui, qui vivendo oblitus est Dei.*
Greg. l. 5. mor.

Sendo isto a mesma verdade, como he possivel

que

que a falſa preſumpção de hum peccador o perſuada a que a maior graça, que Deos póde fazer a hum Juſto ſeu amigo, a deva conferir ao maior dos ſeus inimigos? O maior inimigo, que Deos tenha tido, quem cuidais que ſeja? Por ventura ſerá Judas? Será Maſoma, ou Nerão, ou Domiciano? Nenhum deſtes he, mas outro muito peior. He eſte maldito, chamado *peccavi*. Não ha feiticeiro, (diz hum grande Miſſionario) não ha Turco, não ha tyranno, não ha Antichriſto, ou demonio encarnado, que tenha feito tanto damno á Igreja, ou maior eſtrago nas almas, e que tenha induzido os Chriſtãos a commetter deſcaradamente tantos peccados, como eſte falſo, maligno, e deteſtavel *peccavi*. Elle he o complice, o zeloſo, o ſolicitador, o procurador, o advogado, o patrono, e o garante de todos os peccadores. Elle he o que os eſtimula, o que os incita, e o que os anima a offender a Deos. Elle he o que lhes tira o pejo natural, que defende as almas innocentes de ſe entregar aos vicios, e o que lhes ſuffoca o remorſo da conſciencia; pois ſenão houveſſe eſte traidor enganoſo do *peccavi*, que lhes ſerve de aſylo para toda a maldade, ninguem ſe acharia tão falto de juizo, que quizeſſe arriſcar-ſe de trocar hum breve goſto deſta vida com a eternidade das penas no Inferno. O maior mimo, o dom mais precioſo, que Deos poſſa fazer a huma alma eſcolhida, he o conceder-lhe hum perfeito arrependimento das ſuas culpas, hum verdadeiro *peccavi* na hora da morte. Eſte *peccavi* com a perſeverança final são as arras mais certas, são os penhores mais ſeguros da Gloria celeſte, e são a diſpoſição mais proxima para a Bemaventurança. Já he ter ſubido ao ultimo degráo, e já he ter hum pé no Paraiſo. E que razão tendes vós de preſumir, que Deos dará

P. Leſeu no Serm. 54. de pœnit.

rá este dom gratuito, esta graça preveniente, e santificante ao maior dos seus inimigos, qual he este falso, e desgraçado *peccavi*, quando as Sagradas letras, os Concilios, e os Santos Padres, com a mesma experiencia de quantos morrem mal cada dia, nos provão todo o contrario?

ElRei Faraó, não podendo já mais soffrer as repetidas pragas do Egypto, arrependido recorreo a Moysés, confessando, que o Rei de Israel era o Rei,
Exod. c. 10. e Deos verdadeiro: *Peccavi in Dominum Deum vestrum.* ElRei Saul, vendo que o Profeta Samuel o advertio, que Deos estava irritado, e lhe tinha dividido o Reino em varias partes, logo mostrou o
1. Reg. 15. seu arrependimento: *Peccavi, quia prævaricatus sum.* ElRei Antioco, depois que desesperado dos Medicos vio impossibilitada a sua cura, *humiliatus ad terram* humilde, e contrito fez grandes promessas, e votos de restaurar o templo, de prover com grandes emolumentos o Clero, e de restituir em tresdobro as riquezas, que tinha tomado do thesouro; porém Deos não quiz aceitar os seus offerecimentos, nem ouvir as suas orações, nem admittir o seu falso *peccavi*, para usar com elle da sua bondade, e
2. Mach. 9. misericordia: *Orabat autem hic sceleſtus Dominum, à quo non esset misericordiam consecuturus.* Tambem o traidor Judas, arrependido de ter vendido a Christo, fez primeiro a restituição do preço da venda: *Pœnitentia ductus retulit triginta argenteos.* Confessou o seu crime de lesa Divina, e humana Magestade publicamente, e em presença dos mesmos Principes, e Ministros da Synagoga com dizer, que peccou vendendo hum Deos justo: *Peccavi tradens sanguinem justum.* Parece que não podia este fazer mais. E com todo este *peccavi* buscou desesperado hum laço para se precipitar mais de pressa com os mais

pec-

peccadores obſtinados no Inferno : *Abiens laqueo ſe ſuſpendit.* Ide agora a fiar-vos das confiſsões, e do *peccavi* na hora da morte, com a voſſa falſa preſumpção, de que haveis de morrer como hum Santo Hilarião arrependidos.

Bem ſei que muitos malviventes, que ainda não ſe ſentem com a deliberação de largar os ſeus vicios, admittem eſtes caſos por verdadeiros; porém dizem, que tambem tem ouvido, e viſto exemplos em contrario de alguns que viverão mal, e morrêrão bem. Fulano, e Sicrano (dizem elles) parecião mais Sardanapalos em buſcar todo o genero de goſtos para o ſeu corpo, que Catholicos em cuidar na ſalvação da ſua alma, e com tudo levárão boa vida, e fizerão huma belliſſima morte. Creio tambem eu, que eſſes farião huma bella morte, mas não ſe ſegue que foſſe boa. A meſma differença que vai entre huma bella morte, e huma boa morte, he a meſma que vai entre o bello tempo, e o bom tempo. Quando o Ceo eſtá ſereno, o dia claro, e ſem nuvens, o tempo he belliſſimo; porém ſe a terra eſtá arida, as hortas murchas, e as plantas ſe vão deſecando, então as nuvens bem eſcuras, e prenhes são deſejadas, para que ſe deſcarreguem em chuvas, e as meſmas trovoadas, que dão muita agua, são o bom tempo. O demonio he muito mais aſtuto, e ſagaz de nós, do que nós cuidamos; porque quando tem hum moribundo ſeguro, ou porque eſte fez a confiſsão dimidiada com callar as circumſtancias aggravantes, ou as conſequencias de alguns peccados, que pedem pública reſtituição da fama, da honra, e de juramentos falſos, em damno do proximo, ou porque no teſtamento não declarou todas as dividas, os lucros ceſſantes, e damnos emergentes com reter a fazenda alheia, ou alguma demanda

in-

injusta, para deixar mais ricos os filhos: então o demonio o ajuda a repetir todos aquelles actos, que lhe vai suggerindo o Sacerdote; elle mesmo lhe mette em bocca o *peccavi*, e lhe faz beijar muitas vezes o Crucifixo, que tem na mão. E que cousa pertende com isto o demonio? Pertende que os Religiosos, que lhe assistirão, digão, que tomárão ter elles huma morte semelhante. E que se divulgue em toda a Cidade a grandeza da misericordia Divina; pois fulano, que era a *petra scandali* do povo, morreo como hum S. Paulo. Oh astucia diabolica! Oh espirito arcimaligno! Eu bem conheço o teu engano. Não deixaste morrer aquelle homem com sinaes de prescito, como era, porque conheceste que muitos, que vivião mal, como elle, se ouvissem dizer que morrêra como prescito que era, logo se disporião a fazer huma verdadeira confissão, e mudarião vida; e agora com esta enganosa apparencia os incitas a continuar no peccado, com a presumpção, de que na ultima doença se confessarão, e morrerão predestinados: e então lhes mettes tantas vezes em bocca este *peccavi*, e o nome de Jesus, porque sabes, que Deos não gosta, nem agradece, que louvem, e honrem o seu nome com a lingua, quando o coração está mui longe delle: *Populus hic labiis me honorat, cor autem illorum longè est à me.* Matth. 15.

Não he crivel, quanto nosso Senhor Jesus Christo estimasse a confissão de S. Pedro, quando perguntando aos Apostolos, quem dizião que elle fosse, respondêrão huns, que o Baptista, outros que Elias, ou Jeremias; porém quando perguntou a elles mesmos quem era: *Vos autem quem me esse dicitis?* E vós na verdade quem dizeis que eu sou? respondeo logo Pedro: *Tu es Christus Filius Dei vivi*: Vós sois nosso Senhor Jesus Christo, Filho do verdadeiro Deos.

Deos. E tanto lhe agradou eſta confiſsão, que o declarou já Bemaventurado em vida, e o fez ſeu Vigario na terra, conſignando-lhe as chaves do Paraiſo, e do Inferno: *Beatus es Simon Barjona.... tibi dabo claves Regni Cœlorum.* Pelo contrario lemos em S. Marcos, e em S. Lucas, que eſtando o demonio no corpo de hum invaſado fez a meſma confiſsão: *Jeſu Nazarene, ſcio te quis ſis, Sanctus Dei*, lhe chama Jeſus, e o conhece, e ſabe muito bem quem he, e lhe chama Santo; e ainda que os attributos Divinos são todos infinitamente perfeitos, todavia o da Santidade excede a todos; e com tudo Chriſto o reprehende: *Et increpavit illum Jeſus.* E S. Marcos accreſcenta, que Chriſto o ameaçou, obrigando-o a callar-ſe, que não queria ouvir na ſua bocca os ſeus louvores, nem que pronunciaſſe o ſeu nome: *Et comminatus eſt ei Jeſus, dicens: Obmuteſce.* Entra aqui a agudeza do juizo de Santo Agoſtinho, e examinadas ambas de duas eſtas confiſsões, argumenta aſſim: Se as palavras são as meſmas, e tem o meſmo ſentido, e ſignificação, de conhecer, e dar louvores a Deos; como as obras, e os effeitos são tão diverſos? Pedro premiado, e o demonio reprehendido! *Undè ſeparantur iſtæ duæ confeſſiones? Una vox, & facta diverſa: Petrus laudatur, & dæmon compeſcitur.* Sabeis porque, (diz o meſmo Santo Agoſtinho) porque os louvores, que Pedro dava a Chriſto com a bocca, ſahião-lhe do coração, que eſtava abrazado do fogo do amor, que tinha ao ſeu Meſtre; e o demonio o louvava ſuperficialmente, e bem contra a ſua vontade, por temor, que o fizeſſe ſahir á força, como fez, daquelle corpo, que elle meſmo tinha invaſado: *In Petro laudatur amor; in dæmone damnatur timor.* A meſma differença ſuccede ás vezes na hora da morte entre as almas eſcolhidas, e preſci-

Matt. 16.

Luc. 4.

Marc. 1.

Aug. Serm. 3. de ver. Apoc. c. 9.

citas. Todas dizem belliſſimas palavras, e repetem muitas vezes o *peccavi*, e bem póde ſucceder que algumas almas reprovadas beijem mais vezes o Crucifixo, e chorem mais lagrimas que as eſcolhidas; mas nem por iſto Deos olhará muito para ellas, porque conhece que as não derrama pela contrição, e dor dos ſeus peccados; mas porque tem pena de deixar eſte mundo, onde vivia á ſua vontade; beija o Crucifixo, não porque o ame, mas porque tendo-o deſprezado tantas vezes, tem medo delle, que como Juiz lhe dê a ſentença, que merece, com condenallo ao Inferno. Se recommenda ás orações de todos, não para a ſua alma, pois elle não quereria morrer; mas porque eſpera com ellas ſarar da doença, e ſe lhe prolonguem os dias da vida.

Luiz XI. Rei de França, deſejoſo de viver muito tempo, aſſim na meza, como em outras partes, onde ſe achava, tinha ſempre o Medico preſente, para que em caſo de doença acertaſſe logo na cura. O eſtipendio pois do Medico quanto mais grandioſo, tanto mais era extravagante, e differente dos outros, porque lhe dava ſincoenta cruzados cada dia, em que ElRei ſe achava de pé, e com ſaude; porém em todos aquelles dias que eſtiveſſe doente, ou com algum achaque na cama, ceſſava o eſtipendio, e nada lhe dava. E com tudo, que foſſe de compleição forte, e robuſta, a ſua vida eſtragada o reduzio a huma doença perigoſa, que depois de uſar todos os remedios, ſe deſcubrio incuravel. Não ſe achando remedio na terra, foi neceſſario buſcallo do Ceo; e aſſim aviſárão a ElRei, que em Napoles eſtava S. Franciſco de Paula, que era o Taumaturgo daquelle ſeculo, e que delle ſó podia eſperar a ſaude. Mandou logo ElRei em buſca do Santo, que com toda a diligencia chegou á ſua preſen-

Matth. ſin Veta.

ſença; e lhe perguntou, ſe o queria ſarar daquella doença. O Santo para encubrir a ſua virtude, reſpondeo: Eu irei fazer oração; porém he neceſſario que ſe fação orações públicas, porque a oração de muitos he mais poderoſa para com Deos. Ordenou ElRei, que ſe expuzeſſe o Veneravel Sacramento da Eucariſtia em todas as Igrejas; porém vendo elle, que a ordem do Santo dizia, que todos rogaſſem a Deos pela alma, e ſaude de ElRei, diſſe logo aſſim: Não convem pedir tantas couſas juntas a Deos; baſta que o povo rogue a Deos ſómente pela ſaude do ſeu Rei. Foi repreſentado por Deos tudo iſto ao Santo na Oração, o qual foi logo ao Paço, e diſſe, que bem podião aviſar a ElRei, que trataſſe da ſua alma; pois Deos não queria dar-lhe a ſaude do corpo. Não lhe derão credito, e aſſim morreo, como viveo: (como diz S. Bernardo) *Qualis vita, mors & ita.* Aſſim ordinariamente são os propoſitos, e o *peccavi* dos moribundos, que vivêrão mal; porque todo o ſentido do coração deſtes he a ſaude do corpo, para ficarem com as creaturas no mundo, e para ir com o Creador para o Ceo, pronuncião o *peccavi* ſómente com o exterior da bocca. D. Bern. Serm. ad Fr.

Succede a eſtes que preſumem, e ſe fazem fortes com o *peccavi* da bocca, e não de coração, o que ſuccedeo ao exercito de Ephraim, gente confiada, e preſumida, que injuſtamente intimou a guerra a Jephte, ameaçando-o de queimallo vivo, e a toda a ſua familia: *Incendemus te, & domum tuam.* Ouvindo Jephte eſta temeraria preſumpção, reſpondeo prudente: *Quid commerui, ut adverſum me conſurgatis in prælium?* E que mal vos tenho feito, para me obrigares a pelejar comvoſco? Mas vendo que iſto hia de véras, eſquadronou a ſua gente de Galaad, entrou em campo, preſentou a batalha, e Ephraim Judit. 3. 2,

fi-

ficou derrotado em numero de quarenta e dous mil, entre mortos, e fugidos. Mandou logo Jephte huns Regimentos ao estreito do Rio Jordão, por onde forçosamente havião de passar para tornarem á sua
Judit. 6.12. terra. Encontrárão-se neste passo huns com os outros; os de Ephraim cheios de temor, porque fugitivos da batalha, que tinhão perdido, e os de Galaad animosos, como vencedores; e porque estes intentavão tirar a vida aos de Ephraim, lhes perguntavão: Vós sois da Tribu de Ephraim? Não, (respondêrão elles) mas somos de Galaad. E para melhor os reconhecer, lhes reperguntavão os de Galaad: *Dic ergo, Schibbolet* Mas como os de Ephraim não erão costumados a pronunciar esta palavra, *Schibbolet*, que he toda gutural, e faz força, como se sahisse do fundo do estomago, dizião: *Sibolet*, com a ponta da lingua, que já não tem a mesma significação, e sentido; assim conhecidos logo os degollavão, e lançavão no Jordão. Não he acaso o permittir Deos, que nas Sagradas Letras se registrasse es-
Rom. 15. te Texto: *Quæcumque enim scripta sunt, ad nostram doctrinam scripta sunt.* (nos ensina S. Paulo) E Christo exhorta a todos, não só a ler as Escrituras, mas a perscrutallas, e penetrar os sentidos, que nos per-
Joan. 5. suadem, e conduzem á salvação: *Scrutamini scripturas.* Isto supposto, a passagem do Rio Jordão he o estreito da morte, já que o curso deste rio vai acabar no mar morto, como tambem o curso da nossa vida acaba com a morte. A palavra Jordão na lingua santa significa *Fluvius Judicii*, e por isto esta passagem he tão perigosa, e faz tanto medo, porque depois da morte segue-se logo o juizo. Os nossos inimigos, que são os demonios, nos esperão neste estreito, e nesta passagem. Todos, assim bons, como máos, confessão que são peccadores, implorando

do a Divina miſericordia perdão a Deos, e dizem *peccavi*, *peccavi*; porém vai entre elles huma grande differença. Os juſtos eſtão coſtumados a pronunciar o *peccavi*, como palavra que ſahe do fundo do ſeu coração arrependido, e que deſeja ver-ſe livre deſte mundo por medo de tornar a peccar. Os reprobos pronuncião o *peccavi* não ſahido do coração, occupado com os deſejos das delicias do mundo, mas exteriormente, com a ponta da lingua por medo da morte, que já lhes eſtá na garganta. Por iſto lhes ſuccederá o meſmo, que ſuccedeo aos que pronunciavão ſó com a bocca *Sibolet*, com ſerem lançados para ſempre no Jordão do Inferno.

Hum Mariſcal de França Governador de Linguadoca era o tyranno daquella Provincia, pelas muitas injuſtiças, e oppreſsões, com que deſtruia pobres, e ricos. Veio a morte apreſſada, que a penas lhe deo tempo, de lhe pôr na bocca o *peccavi*, que nunca teve no coração, e de ordenar, para encubrir o eſcandalo, com que tinha vivido, que amortalhaſſem o ſeu corpo em hum habito de S. Franciſco, ſem cuidar de reſtituir a fama, a honra, e a fazenda. Hum villão, que tinha ſido arruinado pela ſua ambição, vendo-o naquelle ſacco de penitencia, diſſe: Mariſcal, Mariſcal, diſfarça aqui quanto quizeres, que tu vás para hum paiz, onde te tirarão logo eſſa maſcara, e o teu diſfarce nada te ha de valer. E que riſadas darão os demonios a huma alma, quando entra no Inferno, que em quanto viveo neſte mundo tratou o ſeu corpo com todos os mimos, e delicias da ſenſualidade, e depois de morto ordena, que ſeja veſtido com o cilicio de hum burel ſanto! Daqui tome cada hum o verdadeiro deſengano, confirmado por Santo Agoſtinho, o qual diz, que quem reſerva o dizer *peccavi*, e fazer penitencia na hora

Aug. de Civ. Dei. da morte, só por milagre se poderá salvar: *Pœnitentia fera, rarò vera.*

Quero acabar este Discurso, por onde comecei. Queixa-se o Santo Job, que o peccador, dando-lhe Deos lugar, e tempo para fazer penitencia, Job 24. abusa delle por soberba: *Dedit ei Deus locum pœnitentiæ, & ille eo abutitur in superbiam.* E que casta de soberba he esta, que abusa do tempo, que Deos lhe deo para se arrepender, senão a presumpção daquelle traidor, e falso *peccavi* na hora da morte? Oh engano diabolico! E se eu vos provar que naquella hora vós mesmos não haveis de querer dizer o *peccavi*, nem arrepender-vos, ficareis então desenganados? Apoc. 2. Ouvi a S. João: *Dedi ei tempus, ut pœnitentiam ageret, & non vult pœnitere.* Reparai naquelle *non vult*, não quer. Não falta Deos com lhe dar tempo: *Dedi ei tempus.* Não falta o Confessor, que o exhorte á penitencia: *Ut pœnitentiam ageret*; e com tudo diz que não quer: *Non vult.* E porque não quer? Porque nunca quiz, quando estava são, muito mais agora, que está moribundo. Quantas vezes me tem succedido no Brazil, e succede muitas vezes em toda a parte, que chamado a confessar hum doente de perigo, responde elle, que torne em outro tempo, que ainda não está tão mal, ou que ainda não está preparado, e depois tornando, está o doente como desesperado da saude, em que só cuida, assim como desesperado da salvação, na qual nunca cuidou? E destes taes está o Inferno cheio. Mas porque até agora vos tenho mostrado o engano, e desengano deste *peccavi*, acabo com vos dar o remedio, para que este *peccavi*, assim em vida, como na hora da morte, vos assegure infallivelmente o Paraiso.

Meu Senhor Jesus Christo, eis-aqui prostrada aos vossos sacratissimos pés a mais indigna, e vil crea-

creatura do univerſo. Não me atrevo, como o Publicano, levantar os olhos para o Ceo, porque a grande multidão dos meus peccados me deſanima, me perturba, e me confunde. Sei que tenho merecido milhões de vezes o Inferno, e já não mereço o perdão; mas ſei tambem que ſenão me quizeſſeis perdoar, e não deſejaſſeis ſalvar-me, já a eſta hora a minha alma eſtaria ardendo naquelle calabouço de fogo: *Niſi quia Dominus adjuvaſſet me, paulò minus in Inferno habitaſſet anima mea.* Por tanto, meu Deos, meu Senhor, meu Salvador, e Redemptor meu, *peccavi*, pequei, e peza-me de todo o meu coração de vos ter offendido, não por algum intereſſe meu, nem por medo da morte, ou terror do Inferno, que tenho merecido; mas por ſeres aquelle, que ſois, digno de ſer infinitamente amado. Tomára eu agora ter o fervor da penitencia dos Ninivitas, o arrependimento de David, a dor da Magdalena, e as lagrimas de S. Pedro, para com elles deteſtar, aborrecer, e chorar os meus peccados, e amar-vos com a mais fina compunção da alma. Proponho firmemente de nunca mais peccar, e actualmente deixar toda a occaſião, que me poſſa induzir a perder a voſſa ſanta graça. Eſtou reſolutiſſimo de perder tudo, antes que perder a vós, porque tudo he nada ſem vós, e vós ſois todo o bem infinitamente bom. Senhor, ſalvai-me, porque ſou todo voſſo: *Tuus ſum ego, ſalvum me fac.* Fazei eſte acto de Contrição todos os dias pela manhã logo depois de levantado da cama, e á noite antes de vos deitar; e eu vos prometto que o voſſo *peccavi* na hora da morte ſerá o meſmo que tantas vezes tendes repetido em vida, e paſſareis a gozar de Deos com os mais Bemaventurados na Gloria: *Qualis vita, mors & ita.*

Pſalm. 93.

Pſal. 128.

DISCURSO VIII.

Do tormento dos Avarentos.

Nolite errare, neque fures, neque avari Regnum Dei possidebunt. Corinth. 1. c. 6.

HE verdade que Deos no setimo Mandamento do seu Decalogo prohibe immediatamente o furto: *Non furaberis*: Não furtarás; mas he tambem certo, e por consequencia infallivel, que prohibe, e condena tambem a avareza, como disposição, e occasião proxima, para furtar, e reter o alheio. Apenas entrou Christo nosso bem no Templo, que armado de zelo lançou fóra com o açoute na mão todos os que compravão, e vendião, e desbaratou as mesmas fazendas, e dinheiros: *Et cum introisset in Templum, cœpit ejicere vendentes, & ementes, & mensas nummulariorum, & cathedras vendentium evertit.* Perguntão os Santos Padres, qual podia ser a causa de tanta ira, e zelo do Salvador, tendo elle hum natural tão benigno, e suave? porque finalmente, que mal fazião aquelles Mercadores, que vendião, e compravão no atrio do Templo ovelhas, e pombas, que tambem servião para o Sacrificio? S. João Chrysostomo he de parecer que a avareza, e o insaciavel desejo, que tinhão aquelles negociantes de enriquecer, foi o fogo, que accendeo a justa ira de Christo; pelo que os lançou fóra do Templo, para nos ensinar, que os avarentos, e os que furtão, ou retem a fazenda alheia, serão para sempre excluidos do Celestial Templo do Paraiso: *Nolite errare, neque fures, neque avari Regnum*

Matth. 11. 16.

Cor. 1. c. 16.

TORMENTO DOS AVARENTOS

gnum Dei poſſidebunt. E eſte ſerá o argumento deſte Diſcurſo, em que moſtraremos com as Eſcrituras, com os Santos Padres, e com a experiencia, que he moralmente impoſſivel que hum avarento ſe ſalve, e eſte ſerá o primeiro ponto: e no ſegundo veremos que o deter, ou o não querer reſtituir a fazenda alheia, he hum dos ſinaes mais certos, e infallivel de viver, e morrer neſta vida anticipadamente reprovado.

He moralmente impoſſivel que ſe ſalve o avarento, por dous principios, hum da parte de ſi meſmo, o outro da parte da graça de noſſo Senhor Jeſus Chriſto. Da parte do avarento, porque tendo todo o ſeu coração nas riquezas, quanto mais lucra, ou furta, tanto mais deſeja; e aſſim não ceſſará mais, porque não mudará mais a vontade de lucrar, e o deſejo de poſſuir. Da parte de Jeſus Chriſto he moralmente impoſſivel que a ſua graça mude a vontade do avarento, em quanto a meſma graça depende da ſua cooperação; porque ſendo o ouro, o dinheiro, e as riquezas o ſeu Idolo, e o ſeu Deos, para que entre a graça de Jeſus Chriſto na ſua alma, deve primeiro quebrantar eſte Idolo, com deſpir-ſe da deſordenada affeição ás riquezas, reſtituir logo o alheio, e amar a pobreza do eſpirito, para gozar da Bemaventurança dos Filhos de Deos: *Beati pauperes ſpiritu, quoniam Filii Dei vocabuntur.* A experiencia moſtra cada dia o contrario, verificando-ſe o que diz o Eſpirito Santo, que os olhos do avarento são inſaciaveis: *Inſatiabilis oculus cupidi.* Pergunta S. Baſilio, qual ſeja aquelle que com verdade ſe póde chamar avarento? *Quis, quæſo, eſt avarus?* E reſponde com elle tambem Santo Ambroſio, que no Texto Sagrado todos aquelles ſe chamão avarentos, que tendo bens baſtantes, para paſſar a

Matth. 5.

Eccleſ. 9. 14.

Baſil. hom. 2. de Divite avaro.

vida, conforme ao seu estado, não estão contentes; mas desejão, e cubição sempre mais fazenda: *Ille est avarus, qui eo, quod satis esse debet, non est contentus.* E Santo Agostinho diz, que não só se deve chamar avarento a quem furta, ou retem o alheio, mas tambem áquelle, que com demaziada affeição, e cubiça guarda o seu: *Non solùm avarus est, qui rapit aliena, sed qui cupidè servat sua.* E prova esta verdade com dous casos referidos por bocca do mesmo nosso Senhor Jesus Christo no seu Euangelho.

Ambr. Serm. 82.

Aug. Hom. de Divin. Amor.

O rico avarento não era ladrão, não tinha commercios injustos, era pontual em pagar os salarios aos servos, e as obras, que mandava fazer aos officiaes: e he certo que não tinha vicios, pois o ter boa meza, e vestir bem convinha ao estado de grande Fidalgo, como elle era; e se tivesse feito alguma injustiça, ou crime, Christo (como diz Santo Agostinho) o haveria publicado no seu Euangelho: *Si vis scire crimen divitis, noli aliud quærere, quàm quod audis à veritate.* E qual foi logo a causa da sua perdição? Foi o ser avarento. Tudo para si, e nada para os pobres: *Epulabatur quotidiè splendidè, induebatur purpura, & bysso.* E por isto foi sepultado no Inferno: *Et sepultus est in Inferno.* Mais me admiro daquelle moço, que sendo nascido mui rico, perguntou a Christo, o que havia de fazer para alcançar o Paraiso? *Magister bone, quid boni faciam, ut habeam vitam æternam?* Respondeo-lhe Christo, que guardasse os Mandamentos: *Serva mandata.* Estes (replicou o mancebo) tenho sempre guardado desde a minha mocidade. Muito bem, disse o Senhor. Pois se quereis ser perfeito, vendei quanto tendes, e dai aos pobres: vinde comigo, e segui-me, por onde vou: *Si vis perfectus esse, vende quæ habes, & da pauperibus, & sequere me.* Quando o moço ouvio fal-

Aug. Serm. 19. de verbis Apost.

Luc. 17.

Matth. c. 19. 17.

fallar em deſappropriar-ſe de quanto tinha, callou-ſe, deixou a Chriſto, e foi-ſe melancolico: *Et abiit triſtis.* Eis-aqui dous ricos, que nada furtárão, nem retiverão o alheio, e ambos de dous ſe perdêrão, ſem terem mais outro vicio, que amarem deſordenadamente as ſuas riquezas, e terem muita fazenda: *Habebant enim multas poſſeſſiones*, e fiarem-ſe mais no ſeu ouro, e dinheiro, que no meſmo Deos; e por iſto pronunciou Chriſto aquella ſentença, que moſtra como impoſſivel o ſalvar-ſe os ricos, dizendo, que era mais facil paſſar hum camello pelo fundo de huma agulha, que entrar hum rico no Reino do Ceo. E o repetio duas vezes: *Et itarum dico vobis, facilius eſt camelum per foramen acûs tranſire, quàm divitem intrare in regnum Cœlorum.* E em S. Marcos: *Quàm difficilè, qui pecunias habent, in regnum Dei introibunt*

Matth. 19. 23.

Luc. 18.

Marc. 10.

Já muitos annos antes da vinda de Chriſto ſe liáo no Teſtamento velho invectivas contra os avarentos: *Avaro nihil eſt ſceleſtius.* Que não havia couſa no mundo mais perigoſa para o mal, e muito abominavel, que o avarento. E accreſcenta tambem, que não havia maldade mais iniqua, que amar o dinheiro: *Nihil eſt iniquius, quàm amare pecuniam.* Reparo que não diz, *quàm furari*, que o furtar; mas diz, *amare pecuniam*, amar o dinheiro; e dá o Sagrado Texto a razão, porque quem ama com demaziada affeição o dinheiro, venderá com muita facilidade a ſua alma: *Hic enim & animam ſuam venalem habet.* E o Profeta Jeremias chora a maldade, e ruina do genero humano; pois em todos os eſtados raro he o que vive izento deſte vicio da avareza: *A minore uſque ad maiorem omnes avaritiæ ſtudent, & à Propheta uſque ad Sacerdotem.* Achão-ſe homens, que vivem na opinião de bons Catholicos, ſe confeſsão,

Eccleſ. 10.

Eccleſ. 10. 20.

Eccleſ. 10. 10.

Jerem. c. 6.

e commungão todos os mezes; não ouvireis delles huma palavra, que offenda, frequentão as Confrarias, são Juizes, e Mordomos dellas, acompanhão o Santissimo Sacramento aos enfermos, e são de edificação a todos; porém se os tocais no interesse, os achareis tão pegados na sua fazenda, que açoutarão os escravos como tyrannos, só porque quebrárão hum vidro, ou hum pucaro de barro, ou porque não acabárão a sua tarefa: *Omnes avaritiæ ſtudent à minore uſque ad maiorem.*

E que diremos das mulheres? Não fazem ellas peior, especialmente nesta nossa terra do Brazil? Todo o seu cuidado, e sentido, como he sexo mais devoto, he ir ás Igrejas fazer as suas devoções, assistir ás Novenas, confessarem-se, e commungarem muitas vezes. Tudo isto me parece muito bem; mas tambem dellas se póde dizer com o Profeta: *Omnes avaritiæ ſtudent.* E que estranha, e sordida avareza tem algumas dellas, e permitta Deos, que não sejão muitas! Toda a sua grandeza consiste em ter huma quantidade de escravas ao redor do seu estrado, humas costureiras, outras rendeiras; estas ao ganho, aquellas a vender as mesmas rendas, que fazem; o sustento dellas já se sabe, he huma pouca de farinha de páo, com algumas bananas, ou algumas ervas cozidas, ou legumes, quando os ha, ou lhos dão. Aquellas, que fazem rendas, ou costuras, ainda que sejão occupadas entre dia em algum serviço da casa, sempre hão de acabar a sua conta, se não puder ser de dia, seja de noite, com lhe tirar o descanço necessario do sono. As que vão ao ganho, ou vendem, se não achão a vender a renda pelo preço, que quer a senhora, para não serem açoutadas vendem o seu corpo; e aquellas do ganho não achando que ganhar de dia com o seu ser-

vi-

viço, fazem ſervir o ſeu corpo de noite para ganhar com menos trabalho. Oh que avareza çuja, e enorme he eſta! Oh que peccado hediondo! Oh que delicto execrando, ainda peior do que o abomina o Eſpirito Santo! Pois tal mulher por amor do dinheiro vende a ſua alma ao demonio: *Animam ſuam venalem habet.* Mas pelo intereſſe de poucos vintens obriga as ſuas eſcravas a pôr em leilão o ſeu corpo, e vender as ſuas almas, que não cuſtárão menos que a morte, e Paixão de N. Senhor Jeſus Chriſto; e depois de reſgatadas com o ſeu precioſiſſimo ſangue obrigallas a padecer eternamente no Inferno.

Eſte vicio da avareza neſta noſſa era reinará tambem em alguns Eccleſiaſticos, como nos tempos de Jeremias? *A' Propheta uſque ad Sacerdotem.* Oxalá, que aſſim não fora, porque pelo modo, com que vemos viverem agora alguns Sacerdotes da Lei da graça, são ainda mais avarentos, do que forão os da Lei eſcrita. Comecemos pelos Vigarios, e Parocos. Vaga huma Freguezia, ou Paroquia, que rende quinhentos, ou ſeiſcentos mil reis. Oh quantos Clerigos ao concurſo! Sabem muito bem todos, que o Biſpo não deve, nem a póde dar de juſtiça, ſenão ao mais douto, e mais digno: e ſenão tendes eſtudado, ou ſe ſabeis ſómente quatro caſos, lidos em algum livro vulgar, como haveis de reſponder em Latim no exame, e ſoltar os argumentos? Reſponderão, que tem amigos ricos, que fallarão, e peitarão aos Examinadores, e que para ajuſtar a conſciencia baſta ter hum bom Coadjutor, que faça tudo. Má doutrina, e peior conſciencia, por não dizer peſſima ſimonia. E para que ſerve huma Igreja tão opulenta, encarregando todo o trabalho a outrem, com guardar ſó para ſi o rendimento com as funções, que lucrão, ou dão honra? Bem ſei, que

Jerem. 6.

1. Cor. 1. 9. que diz S. Paulo: *Qui Altari deserviunt, cum Altari participant*: Aquelles, que servem ao Altar, devem participar das rendas do Altar; e por isto os Sagrados Canones explicão esta participação com dizer: *Qui Altari serviunt, de Altari vivant.* Não dizem *diteſcant*, que enriqueção; mas que das rendas do Altar se lhes dê huma congrua sufficiente ao seu estado para viverem: sendo claro, que os bens Ecclesiasticos, por serem patrimonio de Christo, tirando aquelle tanto, quanto for preciso para o puro sustento, não se podem gastar em outro uso, nem com os mesmos parentes, se não forem necessitados, quando de boa razão (como dizem os Santos Padres) se deve aos pobres. Muitos Sacerdotes pois, não he crivel, quanto commummente sejão dominados da avareza, comprando, e vendendo, sem pejo, nem escrupulo, como negociantes, que só tratão do bem das almas, quando esperão alguma conveniencia. Apenas cahe doente algum Mercador rico, ou algum ministro, ou pessoa capaz de dependencia, logo os Parocos, os Coadjutores, e Capellães correm para a sua casa, para lhe assistir com os Sacramentos; e se a doença cresce, não se afastão do arredor do leito. Sabe-se que ha de tomar o Viatico, oh que concurso de Capellães, e Clerigos intervem! Nunca o Santissimo Sacramento he tão venerado. No mesmo tempo entrão os Regulares, este com o manto de nossa Senhora da Saude, outro com o Menino Jesus, este com alguma reliquia de algum Santo da sua Ordem, aquelle com fazer-lhe fazer voto de alguma Novena, ou romaria; e desta maneira fica a casa cheia de Sacerdotes, e Regulares. Admiro, e louvo o grande zelo de salvar esta alma; porém reparo que no mesmo dia estão na Cidade muitos doentes de perigo tão pobres,

bres, que apenas achão algum vizinho, que por caridade vá aviſar o Vigario, ou o Coadjutor para os Sacramentos; e lhe reſpondem, que no dia ſeguinte. Eſtão muitos negros, e negras, huns forros, e outros cativos deitados ſobre huma eſteira em caſebres deſamparados de todo; e conhecendo que ſe lhes chega a hora da morte, não cuidão em remedios, ou alivios do corpo, mas ſó pedem confiſsão para ſalvarem as ſuas almas. Vai algum caritativo á Freguezia, acha que o Paroco eſtá mal diſpoſto, e que o Coadjutor eſtá fóra, eſpera por elle, e lhe reſponde, que vá buſcar confeſſor a algum Convento, que elle não póde ir, por ter huma occupação preciſa. Vai ao Convento; e ſe he de noite, acha a corda da campainha amarrada, e não póde tocar, porque os Religioſos repousão; ſe vai de dia, lhe reſponde o Porteiro, que os Religioſos tem ſuas occupações da Ordem, que torne ao ſeu Paroco, a quem toca por razão do officio, e de juſtiça, pois he eſtipendiado. Entretanto o pobre já perdida a falla, e o eſcravo já eſpirando, ambos morrem ſem confiſsão. Mas como póde ſer iſto? Se foſſe em outras terras, me calaria; porém nas noſſas Conquiſtas, e Monarquia Portugueza, onde a Fé Catholica, e o zelo de ſalvar as almas ſobrepuja as mais Nações! Não parece crivel. E com tudo aſſim ſuccede. Pois com tanto zelo, e fervor, para ſalvar a alma de hum rico, correm Eccleſiaſticos, e Regulares á ſua caſa ſem ſerem chamados; e para o miſeravel eſcravo, ou para algum pobre ninguem ſe move? Todos são occupados? Sim. Porque, como diz Jeremias: *Omnes avaritiæ ſtudent à Propheta uſque ad Sacerdotem.* O rico tem que deixar, ha de fazer teſtamento, diſporá ao menos da ſua terça em obras pias, lhe farão hum enterro ſumptuoſo, cada

hum

hum procura que se enterre na sua Igreja; outro alguma Capella de Missas; outro algum dote para alguma parenta orfã, ou pobre: *Omnes avaritiæ ſtudent.*

Jerem. 6.

Quero dar fim a este paragrafo com hum caso, que succedeo, ha mais de trinta annos, em hum engenho do mato do reconcavo da Cidade da Bahia. Confesso que quando mo contárão, e mostrárão o lugar, na primeira Missão que fiz naquella paragem, me ficou de tal sorte impresso na memoria, que me obrigou a escrevello, para que se conheça, quanto póde este vicio da avareza, ainda em hum Ecclesiastico, quando de pobre, e faminto quer entheſourar dinheiros. Chegou na frota dos navios do Porto hum Sacerdote mal vestido, e peior trajado, e logo tratou de ser Capellão em hum engenho. Foi provído: e o senhor do engenho vendo-o tão pobre, e humilde, lhe deo hum negro, para o servir, e hum cavallo, para acudir ás confissões dos applicados á sua Capella, além do estipendio de quarenta mil reis, e outros tantos dos seus applicados, e a Missa quotidiana de dous tostões cada dia, que nunca lhe faltava, pois suppria o senhor do engenho, para que a dissesse pelas almas dos seus defuntos. Ganhou em dous, ou trez annos, para comprar quatro, ou sinco escravos; e o senhor do engenho lhe deo hum pedaço da terra, para plantar canas. Rendia o canaveal felizmente; e fazendo bom açucar, comprou mais escravos com bois, e carro. Vendo-se elle com fazenda, não tratava já das confissões, nem do bem das almas; não fallava senão de interesse, e de rendimentos. Toda a sua occupação era assistir no canaveal, elle fazia de feitor, e juntamente de escravo, trabalhando com a enxada na mão entre elles; porém o sustento era tão limitado, que não podião aturar o serviço, nem elle

le passava melhor, porque vendo os seus Freguezes, que já tinha fazenda, não lhe mandavão mimos, e elle como avarento passava miseravelmente por não gastar dinheiro. Chegou finalmente o tempo de gozar do seu trabalho; e foi o caso, que carregando o seu açucar nos carros, para o conduzir ao porto do mar, como o caminho era cheio de lamas, succedeo ficar o carro mettido em hum atoleiro, sem que os bois pudessem arrancallo; e com a diligencia hum dos bois ficou tambem atolado. Quem disse que os Avarentos são cegos, disse bem. Oh cegueira inaudita! O Sacerdote, por não perder o boi, resolveo-se a entrar no lameiro; e pondo os hombros debaixo do jugo, dizia com voz alta ao escravo, que tinha a aguilhada na mão: Deixa estar o boi, pica-me a mim, e pica-me bem. O escravo pasmado da cegeira de seu senhor, e pela veneração, que tinha ao caracter Sacerdotal, picou o boi com tal violencia, que fazendo hum esforço para se levantar, deo com huma ponta nas costellas do Sacerdote, que lhe estava á ilharga puxando debaixo do jugo, que não pode dizer outra palavra senão esta: Ah que o meu boi me matou! E este foi o nome de Jesus, que invocou, e foi o acto de Contrição, que fez; e arrancando-se o boi vivo, ficou o Sacerdote no atoleiro morto: *Omnes avaritiæ ſtudent à Propheta uſque ad Sacerdotem.* Assim vão a acabar os avarentos.

Visto que a maior parte dos homens são dominados por este vicio da avareza, continuemos agora a dizer as razões, e provas, por que he moralmente impossivel que os avarentos se salvem. Para poderem salvar-se, devem (como dissemos no principio) mudar de vontade, e despir-se do amor demaziado, que tem ás suas riquezas; mas de tal sorte estão arraigados em accrescentar a fazenda, que de-

desejão ter sempre mais; e por muito mais, que tenhão, sempre como hydropicos do ouro, e da prata nunca está farto o seu desejo, cubiçando as riquezas com maior sede: *Crescit indulgens sibi dirus hydrops. Quo plus sunt potæ, plus sitiuntur aquæ.* Considerando Isai. cap. 8. Santo Agostinho as palavras do Profeta Isaias: *Repleta est terra argento, & auro*: Que a terra estava cheia de ouro, e prata, repara que não disse o Profeta, que ficasse tambem cheio, e farto o coração Augusti. ibi. do homem! *Terra impleri potest, cor non potest.* Poderão as minas do Brazil dar mais ouro em pó, que não dão areias meudas as praias do mar; poderá o Perú, e o Potosi dar tanta prata, que não a possão carregar todos os navios mercantes, e do registro, com tudo para a cubiça do coração do homem será pouca cousa, e desejará sempre mais. As cargas das náos tem sua medida; esta cheia, não tomão mais carga. O coração dos homens avarentos não tem medida, quanta mais carga tem, tanta mais desejão, até se afundarem na morte, irem improvisamente a pique ao Inferno: *Terra impleri potest, cor non potest.*

Todos os vicios, e paixões humanas ordinariamente se vencem com hum destes trez remedios geraes. Ou por hum feliz successo, ou por hum caso desastrado, ou por fraqueza, e impotencia da natureza. Appareça hum vingativo com o coração todo fogo, traz a honra na ponta da espada, não cuida senão em vingança, e todo o seu sentido he vingar-se, com matar ao inimigo: succede huma occasião de sahir com maior brio, e lustre do empenho, ou por huma inspiração Divina de fazer hum acto heroico, e ganhar o Paraiso de hum golpe, com desprezar a honra fantastica, que consiste naquelle pensamento: Que dirá o mundo! No mesmo instante de

Leão

Leão se faz Cordeiro, torna a embainhar a espada, abraça o inimigo, e em lugar da morte lhe dá a vida. Assim fez S. João Gualberto, que de peccador foi hum grande Santo, e Fundador da Ordem dos Vallumbrasianos. Hum ambicioso de honras não descança, até alcançar aquelle posto tão desejado. Depois que o possue, não se contenta, mas faz o possivel para chegar a torto, ou direito áquella dignidade; e estando já no cume das suas grandezas, entra a emulação dos competidores, e a inveja dos pertendentes, víra a roda da fortuna, cahe na desgraça do Principe, todos o deixão, e todos fogem delle. Este máo successo lhe faz conhecer a vaidade do mundo, que já lhe aborrece, como inconstante, e como traidor; e virando-lhe as costas, entra em huma Religião observante, para servir a hum Rei, que nunca falta, nem lhe póde faltar, com dar-lhe a paz, e quietação nesta vida, e na outra a Bemaventurança. Assim succedeo a S. Pedro Gonçalves. Passeava este vestido de bellissima gala sobre hum cavallo ginete, com os arreios bordados de ouro, e prata, que parecia hum Sol brilhante, fazendo pompa das suas luzes. Hum improviso salto do cavallo com hum contratempo não esperado bastou para hum total eclipse deste luzido Planeta; porque cahindo vergonhosamente estendido no lodo, de espelho da vaidade ficou espectaculo de riso. Levantou-se; e vendo-se tão deforme, e escarnecido, não quiz mais cavallo; mas assim envergonhado, com os olhos baixos foi á Portaria de S. Domingos, e despindo-se das galas, despedio os criados, dizendo: Daqui não sahirei mais senão Religioso. Eis-aqui como hum máo successo serve de desengano: abre os olhos da alma, e troca hum moço de vão em hum Santo humilde. A fraqueza, a

doença, e a impotencia não tem menos força, para sarar hum luxurioso, ainda que seja habituado de muitos annos nas suas torpezas. Desenganem-se todos aquelles, que dizem não lhes ser possivel passar nesta vida sem os deleites da carne, que se não deixarem este vicio, virá hum dia, em que o vicio deixará a elles. Lembrem-se, que a velhice, a natureza cançada, os morbos gallicos, e outros achaques os fará incapazes de usar mal do seu corpo, que foi creado para ser Templo de Deos. Sei que muitos debaixo das cinzas da impotencia do corpo tem na imaginação, e pensamento conservado sempre accezo este fogo deshonesto, levando-o comsigo até á sepultura. Mas que digo, até á sepultura? O levará comsigo até ao Inferno, lhe durará por toda a eternidade; porque morrendo em peccado mortal, com affecto desordenado aos deleites da carne, aquella sua fantazia, e imaginação depravada lhe ficará como huma especie impressa sempre fixa, sem nunca poder dar hum momento de gosto ao seu desejo mas pouco importaria o ser para sempre privado deste gosto, commum até aos brutos, senão tivesse outra especie impressa, que ha de tolerar tormentos insoffriveis eternamente. Oh que desesperação! Oh que batalha cruel da propria vontade, contra a propria vontade. Nunca ter o que quer, e sempre ter o que não quer; sempre desejar, e querer deleites momentaneos, e nunca tellos, nem por hum instante; não querer, e aborrecer tormentos, e penas, e sempre tellas eternamente! Esta consideração bem digerida no entendimento, e conservada cada dia na memoria sei que imprimio especies de tal modo differentes em varios meus confessados, que não quizerão mais cuidar, nem ver, nem ouvir fallar em torpezas. Fizerão da necessidade virtude,

quan-

quanto mais hediondos erão os achaques, tanto mais debilitada era a natureza, e serviáo-lhes de remedios mais efficazes para a salvação da alma. Seguião a doutrina de S. Paulo: *Humanum dico propter infirmitatem carnis vestræ sicuti enim exhibuistis membra vestra servire immunditiæ, & iniquitati, ad iniquitatem, ita nunc exhibete membra vestra servire justitiæ in sanctificationem.* Do sobredito se infere ser verdade que todos os vicios, e paixões tem seu remedio, ou em hum feliz successo, ou em hum caso desastrado, ou em a impotencia, ou enfermidade do corpo; porém na avareza não he assim, antes estes trez remedios, que destroem todos os mais vicios, lhe servem de oleo, e enxofre, que mais lhe accende o fogo insaciavel da sua cubiça. Rom. c. 6. 19.

Quanto mais feliz he hum avarento, tanto mais se augmenta a sua paixão. Santo Agostinho diz, que a avareza he semelhante ao Inferno, que nunca diz basta: *Avaritia est abyssus insatiabilis, quæ nunquam dicit sufficit.* Os elementos tem seus limites, e todas as cousas tem seu termo, e fim. Só a avareza não tem limite, não tem termo, nem tem fim: *Omnia suis terminis clauduntur, sola avaritia nullo clauditur fine.* Os bons, ou máos successos de nada servem para a emenda de hum avarento; se tem perdas no mar, ou desgraças na terra, entra em tristezas, e para reparar os damnos, e recuperar o perdido, não ha violencias, que não faça, não ha injustiças, a que não se atreva, porque não paga as dividas, opprime as viuvas, e engana os orfãos, e deste modo diz S. Jeronymo, que a avareza he hum mal sem remedio, que nunca se sara, nem com a indigencia, nem com a abundancia: *Semper avarus eget, cujus avaritia neque inopiâ, neque copiâ minuitur.* Por ventura a enfermidade, a fraqueza, ou outro achaque incu- Aug. Serm. ad Fr. de Erem. Aug. ibi. Hiem. in Eccles. c. 9.

ravel curará este vicio, e será o unico antidoto desta peste da avareza? De nenhuma sorte. Poderá por ventura ser, que a neve da velhice esfrie o ardor, e cubiça de sempre ter mais fazenda? Menos o fará; pois a avareza he hum fogo tão industrioso, que para se conservar, *scit* (como diz o Poeta) *nivibus servare fidem.* Ao menos na idade já decrepita, quando a morte lhe estará diante dos olhos, então o avarento se resolverá a deixar tudo. E senão tudo, ao menos o que lhe não for precisamente necessario. Tudo ao contrario será, porque então a avareza augmenta mais as forças, quando adverte, que a natureza já prostrada vai diminuindo as suas. E (como diz Santo Antonino) quando o homem vai envelhecendo, sempre vai descahindo, porque perde as forças, e se rende mais fraco; porém a avareza quanto mais velha se faz, tanto mais se remonta, e se rende mais forte, e potente: *Cætera vitia homine inveteraſcente seneſcunt, ſola avaritia juveneſcit.* Fica logo certo *de lege ordinaria* ser moralmente impossivel, que hum avarento mude a sua vontade de possuir, e accrescentar fazenda, pois nenhum dos remedios a diminuem, antes todos a augmentão.

Claud.

S. Ant. part. 2. cap. 1.

E se todos os remedios humanos não tem efficacia para mudar a vontade de hum avarento, de modo que desapegue a sua affeição desordenada, que tem ao dinheiro, que he o seu idolo; a graça de nosso Senhor Jesus Christo, que tudo póde, não poderá mover a vontade de hum avarento, e trocar-lhe o coração de modo que queira antes ser hum Lazaro pobre, e entrar no Paraiso, que ficar hum rico avarento, e ser sepultado no Inferno? Não: attendendo á cooperação, que da sua parte deve pôr o mesmo avarento, e sem a qual nunca o fará nosso Senhor Jesus Christo, sem fazer hum milagre pro-

prodigioſo, que não ſe deve preſumir, nem eſperar ſem huma grande temeridade. He belliſſimo o reparo, que a eſte propoſito faz S. João Chryſoſtomo. Quando Deos quer ſarar os peccadores dos outros vicios, acha ſó a difficuldade no máo habito daquelle vicio. Mais claro. Quer Deos introduzir a virtude da humildade em huma alma, acha ſó a difficuldade da parte do vicio contrario, que he a ſoberba. Quer eſtabelecer a caſtidade, e a pureza, e ſó lhe faz reſiſtencia a luxuria. Quer introduzir a paz, a quietação, e o amor do inimigo, e ſó experimenta contrarias, a ira, a colera, e a vingança; mas quando ſe trata de eſtabelecer o deſprezo das riquezas, não ſó acha reſiſtencia da parte da avareza, mas de todas as mais paixões, e vicios, que todos unidos ſe oppõem como ramos dependentes da ſua arvore; porque (como diz S. Paulo) ſendo a avareza a raiz de todos os males, e de todos os peccados: *Radix omnium malorum eſt cupiditas*, arrancando-ſe eſta, ficão ſecos, e arrancados todos os mais vicios. Quem tem dinheiro, e poſſue muita fazenda, tem honras, tem dignidades, tem boa meza, tem os deleites, que quer, tem dependencias, tem amigos, e tem criados; todos o buſcão, todos o ſervem, todos lhe obedecem, até os meſmos vicios: *Pecuniæ obediunt omnia*; e finalmente quem dinheiro tiver, fará o que quizer. Ora vejão que reſiſtencia achará a graça de noſſo Senhor Jeſus Chriſto para mudar o coração de hum avarento, quando para arrancar-lhe a avareza, ha de pelejar, e vencer no meſmo tempo, unidos entre ſi, e conjurados todos os vicios.

2. Timoth. 6.

Eccleſ. 10.

Acho no Texto Sagrado huma prova concludente de quanto temos dito. Joſué tendo vencido em huma batalha os inimigos do povo eſcolhido, e

querendo destruillos todos, e aprizionar os sinco Reis, que tinhão cercada a Cidade de Gabaon, mandou ao Sol, que na velocidade do seu curso parasse:

Josue c. 10. *Sol contra Gabaon ne movearis.* E estando aquelle Principe dos Planetas no meio da sua carreira, parou logo, e pelo espaço de vinte e quatro horas não continuou o seu curso: *Stetit itaque Sol in medio Cœli, & non festinavit occumbere spatio unius diei.* E o que mais faz admirar he, que o mesmo Deos obedeceo logo á voz de Josué: *Obediente Deo voci hominis.* Pelo contrario manda Josué sobpena de morte ao exercito, que nenhum se atreva tomar cousa alguma dos despojos, vencidos que fossem os inimigos, e que

Josue c. 6. 12. 14. esta era a vontade, e preceito de Deos: *Vos autem cavete ne de his, quæ præcepta sunt, quidpiam contingatis. Quidquid autem auri, & argenti fuerit, Domino consecretur.* E com tudo achando-se hum soldado por nome Acham, que vendo humas moedinhas de prata, e hum pequeno de ouro, cego da avareza quebrou logo o mandamento. Exclama aqui atonito Santo Ambrosio, e faz este reparo. Ordena Josué ao Sol, que pare no meio do seu curso, e ficou immovel; manda a hum homem avarento, que não se a-

D. Ambros. proveite dos despojos, e não quiz obedecer: *Qui Solem fecit sistere, avaritiam sistere non potuit.* O mesmo Deos obedece a Josué, e hum miseravel soldado lhe resiste! Daqui claramente se infere ser moralmente impossivel, que a graça de nosso Senhor Jesus Christo mude o coração de hum avarento, quando já está empedernido, e constante.

Esta verdade fica autenticada por infallivel no Euangelho na pessoa de Judas. Christo o tinha eleito, e admittido entre os seus Discipulos, e instruido no desprezo das riquezas com a sua doutrina, e com o seu exemplo. Os Apostolos á sua vista tinhão dei-

deixado quanto poſſuião para ſeguir a Chriſto: *Ecce nos reliquimus omnia, & ſecuti ſumus te*; e com tudo a avareza o fez reſolver a ſer traidor ao ſeu Meſtre, e vendello por viliſſimo preço. Noſſo Senhor Jeſus Chriſto ſe valeo de todos os modos imaginaveis para o converter; em todas as occaſiões lhe moſtrava hum amor exceſſivo, fello Theſoureiro do Collegio Apoſtolico, pollo á ſua meza, e lhe deo até o ſeu meſmo corpo a comer. Ah Judas, Judas! Ah deſgraçado! Por avarento que foſſe o teu coração, não devia eſtar já ſatisfeito, e farto, tendo encerrado em teu peito Jeſus Chriſto, que val mais que todos os theſouros do mundo? No Horto todos os ſoldados, que buſcavão a Jeſus para o prenderem, dizendo Chriſto: *Ego ſum*: Eu ſou, todos cahírão por terra, e com tudo Judas com o ſeu coração empedernido não ſe abalou, antes levantado que foi em pé, vendo que Chriſto, como manſo Cordeiro, delle recebêra o abraço, e oſculo de paz, como amigo, a nada ſe moveo, e nada diſto fez impreſsão alguma no coração inſaciavel deſte avarento, antes a ſua avareza fez que preferiſſe trinta dinheiros ao ſeu Divino Meſtre, á ſua ſalvação, e ao ſeu Deos. S. Pedro em poucas horas negou trez vezes a Chriſto; mas logo que vio os olhos amoroſos do ſeu Meſtre, lhe arrebentou o coração de dor, e ſe desfez em lagrimas de penitencia: *Flevit amarè*. S. Thomé foi infiel, foi incredulo; mas logo que tocou o coſtado de Chriſto, ſe confirmou na Fé, amando-o com mais ternura. A Magdalena era poſſuida de ſete demonios; porém logo que chegou aos pés de Chriſto, trocou tão de véras o amor profano no amor a Jeſus, que *dilexit multum*, e por iſto de grande peccadora ficou huma grande Santa. S. Paulo, embebido na Lei de Moyſés, ſe fez perſeguidor da Lei de Chriſto;

Matth. 19.

Joan. 18.

Matth. 16.

Acta Apost. 12. mas com dizer-lhe só: *Saule, Saule, quid me persequeris*: Porque me persegues, Paulo? Bastou, para de perseguidor ser hum grande Apostolo. Só ao desgraçado Judas não valêrão nem a sua vista amorosa, nem as suas palavras de vida, nem a sua doutrina do Ceo, nem os seus milagres, e prodigios, nem a sua humanidade sacrosanta, nem a sua Divindade, porque o avarento (como diz S. Boaventura) quer antes a sua fazenda, que o Paraiso; mais ama o dinheiro, que he o seu idolo, que o mesmo Deos: S. Bonav. lib. 1. c. 6. *Avarus Deum contemnit, quia plus diligit pecuniam, quàm Deum.* Quero concluir este primeiro ponto com dizer, que se a graça, e misericordia Divina não obrou cousa alguma em Judas, obrou muito a sua recta justiça, e vingança, porque primeiro que morresse Christo na Cruz, morreo elle desesperado, precipitando a sua alma no Inferno. Todos os avarentos (diz S. João Chrysostomo) tem o mesmo achaque, e são semelhantes a Judas, e assim podem temer justamente, que sendo dominados da mesma paixão, farão o mesmo fim, fazendo-lhe companhia por toda a eternidade no Inferno; e se he moralmente impossivel, que os avarentos se salvem, que será daquelles, que furtão, e retem o alheio sem o restituir? Esta he a materia, que propuzemos tratar no segundo ponto, que agora se segue.

Segundo ponto. Quando S. Bernardo estava na Cidade de Milão naquelle grande conceito de Santo, que até mortos resuscitava, lhe trouxerão hum endemoninhado, para que o esconjurasse até expellir os demonios daquelle corpo. Perguntou-lhe logo o Santo: Quantos sois vós? E como vos chamais? Respondeo-lhe logo o endemoninhado: Nós não somos tantos, como aquelles dos Gerasenos no Euangelho, que se chamava *legio*, que quer dizer huma legião inteira de

mais

mais de quinhentos. Somos ſómente trez, que valemos, e podemos por mais de mil, e nos chamamos, hum *Fecha corações*, o outro *Fecha boccas*, e o terceiro *Fecha bolſas*. O primeiro impede que os homens abrão o ſeu coração a Deos, que não as ſintão ás ſuas inſpirações, que não oução a ſua palavra, e ſobre tudo, que não creão a terribilidade das penas do Inferno. O ſegundo fecha as boccas aos penitentes, quando ſe reſolvem de ſe confeſſarem, engrandecendo-lhes a culpa, para que tenhão vergonha de dizer as ſuas torpezas, que o Confeſſor perderá o conceito, e boa opinião, que tinha delles, que lhes negará a abſolvição, ou gritará, e lhes dará grande penitencia. O terceiro demonio he o fecha bolças. Eſte he o mais attractivo, e poderoſo de todos, pois effeitua as mais das vezes, o que os outros dous não pudérão alcançar, pois não lhe prohibe o confeſſarem-ſe, antes os eſtimula, procurando que a confiſsão não ſeja válida, e os peccados não ſejão perdoados, e fique de mais a mais com hum ſacrilegio, por não fazer a reſtituição, ou por não fazella a ſeu tempo.

E que ſeja abſolutamente neceſſario reſtituir o alheio, ſobpena de ſer eternamente condenado ao Inferno, ſeria hum perder tempo em ajuntar Textos da Sagrada Eſcritura, citar Concilios, allegar Santos Padres, trazer Doutrinas Theologicas, pois nunca ſe achou nem Doutor, nem Caſoiſta, nem Theologo, ou Canoniſta, que falle o contrario, ou o ponha em duvida. O meſmo furto prega em voz alta eſta verdade: *Res clamat domino ſuo.* Grita continuamente no coração, que reſtituão a ſeu dono. A conſciencia não pára, nunca ſe aquieta, dá picadas ferozes com remorſos inevitaveis. S. Medardo Abbade tinha huma junta de bois, que ſervião para

trazer agua, e lenha ao seu Mosteiro. Hum destes bois tinha huma campainha dependurada ao pescoço para o acharem mais facilmente, quando se affastava do pasto. Passou hum ladrão, e desatada a campainha, a metteo na algibeira, e levou comsigo o boi para sua casa; porém a campainha sempre por si estava tinnindo. Fechou-a logo o ladrão em huma caixa, cubrindo-a bem de roupa, mas ainda assim não cessava de tinnir. Fez então huma cova bem funda no chão, e enterrou-a, dizendo: Ora tinne quanto quizeres, e se foi deitar. Apenas quiz pegar no sono, quando a campainha afinou mais o som, tinnindo, e mais tinnindo. Pasmado deste successo o ladrão, entrou em si, discorrendo deste modo: Este som da campainha tão agudo, que me não deixa dormir, não he natural, mas he a voz de Deos, que me desperta, já que não quero ouvir a voz da consciencia, que com tantas picadas me remorde pelo furto do boi. Pobres Monges, que além da perda do boi, tem tambem o damno de pagar a quem lhes acarretar agua, e lenha. Com este pensamento se levantou da cama, e posto de joelhos, pedio perdão a Deos do furto, com proposito de ir em pessoa ao amanhecer restituir o boi ao Mosteiro. Cousa prodigiosa! Logo a campainha não tinnio mais; e elle tornando-se a deitar, dormio socegadamente até alto dia. Despertado do sono, foi logo a ver o boi, que lhe pareceo bello, e bem gordo, e reparou tambem que a campainha não tinnia como de principio. Esquecido pois do proposito, que na noite antecedente tinha feito, mudou de parecer, dizendo comsigo: Oh como he forte a imaginação do homem! Parecia me hontem, que a campainha estava tinnindo, mas foi sonho, e se não foi sonho, erão por certo os ouvidos, que me zunião a modo de campainha.

Aon-

Aonde levarei eu agora este boi, para o fazer logo em dinheiro? Apenas consentio nesta determinação, quando logo a campainha tornou a tinnir de novo, e tão forte, como se aquelle cafebre fosse huma Capella, na qual tangendo chamasse a gente á Missa. Desenterrou logo o ladrão a campainha, e a levou com o boi a S. Medardo, que já o estava esperando á portaria, e lhe disse: Sejais bem vindo com trazer o nosso boi, que já fazia grande falta ao Mosteiro. Oh se todas as vezes, que se faz algum furto, permittíra Deos semelhantes campainhas, em quantas casas se ouviria este tinnido de dia, e de noite! E que confusão haveria nas Cidades com tantos, que andão pelas ruas, não se podendo já distinguir, qual fosse a campainha da Misericordia, qual do Hospital, qual da Irmandade dos Terceiros, qual das de mais Confrarias! Tudo seria tinnir sem atinar no tinnido. Mas desengane-se, quem não restitue a fazenda alheia, que se agora não ouve a campainha de fóra, ouvirá em quanto viver a campainha por dentro muito mais molesta, que he a consciencia, que sempre bradará com este som: *Res clamat domino suo*, e com taes remorsos, e picadas na alma, que o mais doce mel das delicias lhe parecerá hum fel amargoso. Não fallo por agora no tormento, que dará no Inferno este remorso, que he o bicho da consciencia, que sempre róe, e nunca morre: *Vermis enim non moritur*; tormento tão desesperado, que me obrigou a hum discurso á parte, que he o penultimo. Tornemos agora ao demonio *Fecha bolsas*, e vejamos a sua astucia, e maldade. Elle não costuma persuadir a hum Catholico, que não restitua, porque bem conhece que perderia o tempo, e o seu trabalho; pois todo o Catholico crê, e teme o Inferno, e sabe que se não restitue, ha de penar éterna-

namente. Mas fim representa-lhe razões apparentes, por que não restitua logo, assegurando-lhe, que basta fazer restituição em tempo, que tiver maior commodo, ou achar melhor conveniencia. Que se adoecer, fará testamento, e deixará esta commissão com clareza aos seus herdeiros. Oh astucia diabolica! Oh infernal engano! Primeiramente prevê o demonio, que vós podereis morrer repentinamente, ou ter huma tal enfermidade, (como succede a muitos) que não possais fazer testamento, e ainda que tenhais o juizo livre, e vontade de o fazer, os que vos herdão *ab intestato*, por medo dos legados pios, que podeis testar, vos dirão, que a morte está bem longe; e dado caso, que por resolução firme façais o testamento, poderá ser que o Escrivão induzido pelos parentes, com mudar huma só palavra, ou accrescentar huma pequena formalidade, fará que a vossa boa intenção não tenha effeito depois de morto, ou pelo menos seja hum seminario de contendas, e demandas, que sabe Deos quando se lhe verá o fim. O que mais faz tremer hum Catholico na materia da restituição, he, que differindo-a, se commette hum numero quasi innumeravel de peccados; pois este preceito de não furtar he negativo, que obriga em todo o tempo, e como dizem os Santo Padres, e Doutores da Igreja, *semper*, *& pro semper*, para sempre. Começarei as provas desta verdade pelo grande lume da Igreja, o Doutor Santo Agostinho, o qual escrevendo a Macedonio, diz assim: *Si res aliqua, propter quam peccatum est, & non redditur, pœnitentia non agitur, sed simulatur.* Quando alguem póde restituir a cousa alheia, e não a restitue logo, este não quer fazer penitencia, mas finge de a fazer, para não restituir. O Doutor Angelico S. Thomaz diz, que conforme o fur-

Suar. tom. de rest.

Aug. ep. 54. ad Maced.

o furtar he hum peccado contra juſtiça, aſſim tambem he o meſmo peccado o reter o furto contra a vontade de ſeu dono, porque he privallo do uſo, e dos frutos, e rendimentos dos ſeus bens, e não he licito perſeverar neſte peccado, nem por breve tempo: *Sicut accipere rem alienam eſt peccatum contra juſtitiam, ita etiam detinere eam, invito domino; quia ſic eum impedit ab uſu rei ſuæ: manifeſtum eſt autem, quod nec per modicum tempus licet in peccato morari.* D. Th. 2.2. q.62. art.8.

O Piiſſimo Religioſo Fr. Luiz de Granada, que toda a Igreja Catholica pela ſua grande virtude, e letras venera como Oraculo da verdade, exhorta a todo o fiel Chriſtão, que poſſue fazenda alheia, a reſtituilla logo, e ſem detença, e não baſta que tenha intenção reſoluta de o fazer em outro tempo mais proprio para elle, ou mais proporcionado aos ſeus intereſſes. E o Padre Gregorio de Valencia da Companhia de Jeſus, tão conhecido pelas ſuas doutrinas Theologicas, prova, que a prompta reſtituição he neceſſaria por preceito negativo, e que não o fazendo logo, ſe commette o meſmo peccado, como ſe de novo tiveſſe furtado a meſma couſa: *Reſtitutio eſt neceſſaria ex præcepto negativo, & omiſſio illius æquivalet injuſtæ acceptioni.* Greg. de Val. tom.2.diſp. 5.

Fundão-ſe todos eſtes Santos Padres, e Doutores Sagrados na juſtiça, na razão, e no preceito Divino, que manda, que o ſalario devido aos criados, e obreiros não ſe guarde para o dia ſeguinte: *Non remanebit merces uſque manè*, Deut. e que não ſejamos devedores de couſa alguma ao noſſo proximo: *Nemini quidquam debeatis.* Rom. 13. E por iſto no Concilio geral Lateranenſe eſtá definido, que o furtar couſa alheia, ou retella injuſtamente, e contra a vontade do ſeu dono he o meſmo peccado: *Non multum intereſt, quoad periculum animæ, injuſte detinere, ac invadere alienum.* Concil Lat. c.de reſt.tit.

E a

E a fim de que não pareça este preceito de não reter o alheio rigoroso, vejamos o que Deos ordenava na Lei velha ao seu povo. Se alguem (diz o Texto) tiver furtado huma ovelha ao seu proximo, ou a tiver comido, ou vendido, será obrigado por huma restituir quatro: *Si quis furatus fuerit ovem, & occiderit, vel vendiderit, quatuor oves pro una ove restituet.* Commentando S. Thomaz estas palavras, pergunta: Se a ovelha furtada he huma só, como a Lei ordena que se restituão quatro? E responde, que para impedir o furto, e reparar o reter o alheio, com o lucro cessante, e damno emergente. A ovelha furtada dava a seu dono quatro emolumentos, o leite para queijos, a lã para se vestir, o cordeiro, que nasce, e a carne da mesma ovelha; deve restituir ao dono os damnos, que lhe faz, e os interesses, que podia lucrar. Oh quantos, e quantos vivem enganados em todo o mundo, especialmente neste Brazil; e depois vão ao Inferno com lhes parecer de ter pagas as dividas, dizendo mui consolados, que nada devem! Tenho conhecido muitos senhores de engenho, e outros lavradores, que fazendo huma boa çafra de açucar, ou de tabacos, correm logo os acrédores mui contentes pela promessa, que na frota ficarião sem falta todos satisfeitos. E que fazem os taes devedores? Entra nelles o demonio *Fecha bolsas*, com accender-lhes o desejo de ser mais ricos, e discorrem assim: Se eu pago aos meus acrédores nesta frota, fico sem hum vintem: pelo contrario, se eu lhes pagar para a frota, que vem, posso com este dinheiro comprar mais dez negros, e estes mettidos a trabalhar no tal canaveal, que está devoluto por falta delles, dará canas prodigiosas, e fará açucares como diamantes, e com o rendimento satisfaço aos meus acrédores,

e fico

e fico ſem diminuição, antes com augmento do meu cabedal, cobrando nome de bom pagador, e fama de homem verdadeiro, e rico. Os Mercadores, e outros cubiçoſos fazem o meſmo negocio com reter o alheio, diſcorrendo do meſmo modo. Não convem a hum homem de negocio ficar com a caixa ſem dinheiro, pois o dinheiro he a alma do negocio. Se eu pago agora eſtas dividas, fica a caixa vaſia; e ſe detenho por eſte anno o pagamento, com o dinheiro, que me ficar, poſſo em hum leilão comprar hum lote de negros, ou huma partida de fazendas ſecas, e vendendo depois parte dellas, com o ganho de trinta, ou quarenta por cento, torno a prover a caixa, e com as que ficão mais ſomenos accommodarei os meus acredores, dizendo-lhes, que não ha ver dinheiro, que ouro he, o que ouro vale; e por tanto não deixe de remediar cada hum a ſua neceſſidade com as fazendas, que elle poſſue, que todas eſtão á ſua ordem. O pobre acredor, que tem os filhos rotos, e deſpidos, os eſcravos como nús, e neceſſita de outro par de eſcravos para o ajudarem no ſeu trabalho, e para lhe carregarem hum pote de agua, eſtima por favor receber o que lhe dá o Mercador ao preço que quer; e por não entrar em huma demanda, perder o tempo, e gaſtar quanto tem, torna a ſua caſa, amaldiçoando tal homem, e diz á mulher, e filhos: Paciencia. De máo pagador em palhas, melhor he alguma couſa, que nada; (aſſim diz o ditado) mas eu não lhe perdoo o meu ſuor, e o engano, e roubo, que me faz. Eis-aqui como aſſim aquelles, que pagão, como aquelles, que retem os pagamentos: *A' maiori uſque ad minorem, omne avaritiæ ſtudent*, todos eſtudão como avarentos de enriquecer com enganar o ſeu proximo, e até dos Eccleſiaſticos ſe achão alguns, que não são Jerem. c. 6.

me-

menos interessados que os seculares, e prouvera a
Jerem. 6. Deos que assim não fora: *Et à Propheta usque ad Sacerdotem.*

Estes são os discursos, que os demonios *Fecha bolsas* insinúa aos que com anxiedade procurárão as riquezas; estas são as industrias, que lhes aponta; estes são os enganos lisongeiros, com que os attrahe á perdição; e finalmente estes são os laços encu-
Tim. 1. c. 6. bertos, com que os assegura no Inferno: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli.* E que laço he este, diz S. Paulo, que o demonio tem armado aos que desejão ajuntar para serem ricos? Quem arma hum laço, o arma ao largo, e de qualidade, que a caça entre facilmente, e sem suspeita de engano. Entrada a caça, aperta-se o laço, e quanta maior violencia faz para se desembaraçar do laço, tanto mais o laço se aperta, até morrer affogada. Do mesmo modo, o demonio arma o seu laço ao largo; não diz que furteis, que não pagueis as dividas, mas que não restituais logo, e que não faltará tempo para satisfazer a todos com commodo vosso, e com agrado das partes. Eis-aqui armado ao largo o laço do demonio. Vós por desejar mais fazenda entrais no laço com a mira no vosso lucro, e sem cuidar no damno alheio, nem nas consequencias de retardar os pagamentos: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli.* As consequencias são, que quem detiver o alheio, e não o restituir a seus donos, he obrigado (como já dissemos) a restituir todos os frutos, emolumentos, e proveitos grangeados, e satisfazer todos os damnos padecidos por culpa da vossa injusta retenção; e crescendo conforme a medida do tempo, que se vai differindo a restituição, começa o demonio *Fecha bolsas* a apertar o laço, e a faz parecer como imposs-

poſſivel. Peior ainda quando o devedor ſe declara, que não quer pagar, ſenão for citado, e iſto não porque folgue que o citem, ſendo iſto hum deſcredito, ou deſdouro ſeu, mas porque o acredor he hum pobre, que não póde deixar a ſua lavoura, perdendo o ſerviço dos que o ajudão no trabalho, nem abandonar a ſua pobre familia, para acudir á demanda na Cidade, nem tem dinheiro para pagar a Letrados, e Procuradores; e o devedor vai prolongando a demanda com trapaſſas, pedindo viſtas, e reviſtas, ſó para o moleſtar, e vingar-ſe de o ter citado. Terrivel laço he eſte, e como agora ſe vai ſempre mais apertando, tendo-o ao principio armado o demonio tanto ao largo! E quem ha de pagar eſtas perdas, e damnos? Imagina-ſe o devedor de ficar livre, e conſola-ſe com dizer: E que mal lhe tenho eu feito com recorrer á Juſtiça? Os Letrados, e Procuradores, que aceitárão a demanda, ſabendo que era injuſta, e huma pura trapaſſa, para dilatar o pagamento, dizem, lhe ſatisfação elles, e delles ſe queixe. Ainda mal, que os Letrados, e Procuradores são os primeiros, que pela cubiça de ganhar mais dinheiro, cahem neſte laço armado ao largo, com dizer: Eu allego razões, ou boas, ou más, cito textos, ou verdadeiros, ou aparentes; lá ſe avenhão os Juizes, a quem toca diſcutir, e ler o meu arrezoado, decidir a cauſa, e dar a ſentença, e aſſim todos enlaçados, para ſerem mais ricos, vão enganados ao Inferno: *Qui volunt divites fieri, incidunt in laqueum diaboli.* Tím. 1. c. 6.

Viſta a cegueira, e moſtrado o engano dos avarentos, que lhes rende impoſſivel o reſtituir o alheio, já he tempo que ſe lhes abrão os olhos, e ſe lhes aponte o deſengano. Nenhum peccador, por inveterado que ſeja nos vicios, por arreigado

que

que tenha o coração no seu idolo das riquezas, deve desesperar-se. Em quanto vive, tem ainda tempo de ganhar o Ceo, se quizer. Hypocrate, e Galeno dizem, que nas doenças do corpo, a cura mais usual, e mais certa he acudir-lhe logo com os remedios contrarios: *Contraria contrariis curantur.* A mesma cura se ha de usar (como dizem os Santos Padres) com os vicios, e paixões da alma. Com resolver-se de véras, e fazer logo hum acto generoso, e heroico, restituindo não com novas promessas, mas com effeito, como o fez Zaqueo, que apenas Christo olhou para elle, e o chamou: *Zachæe festinans descende*, logo o seguio, e disse: Eis-aqui, meu Senhor, a metade dos meus bens para repartir aos pobres; e de quanto tenho roubado, restituo em quatro dobros: *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus, & si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum.* Esta restituição tão prompta grangeou tanto o coração de Christo, que além de lhe perdoar os peccados, lhe assegurou tambem a salvação: *Hodie salus huic domui facta est.* Fazei tambem huma resolução semelhante, e vereis que quanto tendes roubado ao vosso proximo em tantos annos, podeis em hum instante roubar a Deos o Paraiso; e para esta resolução ser firme, basta considerar que as vossas riquezas, fazendas, e ouro as haveis de deixar na hora da morte, e não haveis de levallas comvosco á cova, nem vos hão de acompanhar para serem queimadas eternamente comvosco no Inferno, e que os vossos herdeiros as consumirão em jogos, e pompas, sem ter a minima lembrança da vossa alma.

Gal. af. 26.

Luc. 19.

Luc. 19.10.

Para prova deste desengano referirei hum exemplo, que o Padre João le Jeune, Varão Apostolico, que por antonomazia se chama o grande Missiona-

P. le Jeune Serm. 28. de restit.

onario, traz mui a propoſito em hum Sermão contra os avarentos. Em França na Cidade de Bordeos, Metropoli da Provincia de Aquitania, havia hum velho já quaſi decrepito, que tinha gaſtado o melhor da ſua idade em uſuras públicas, e em enganos manifeſtos, e por iſto aborrecido, e deſprezado de todos, ainda dos meſmos filhos, que erão ſete, quatro machos, e trez femeas, que quanto mais ricos os deixava, tanto mais lhe deſejavão o fim da vida, para ficar cada hum abſoluto com o ſeu quinhão da muita fazenda. Chegou finalmente a hora da morte, e logo foi chamado o Confeſſor, o qual logo lhe intimou que não o queria confeſſar, e menos abſolvello, ſe primeiro não fazia reſtituição inteira de todo o alheio, que poſſuia. Reſtituir, meu Padre, (reſpondeo o velho) em todas as minhas Confiſsões ſempre o tenho promettido, e nunca o tenho feito, e como o poderei fazer agora! Poucos ſão os bens, que ſejão meus; e ſe eu os reſtituir, lá vai tudo, e os meus filhos ao Hoſpital. Por iſſo meſmo, (diſſe o Confeſſor) ſe eu vos abſolvo, e a reſtituição não ſe faz, ambos vamos para o Inferno, e aſſim buſque outro Confeſſor, que eu não quero la ir. Entretanto, como a doença era unida com a velhice, os Medicos a derão por deſeſperada, e nada cuidavão da alma. Não aſſim o bom Sacerdote, que a deſejava ſalvar. Tornou ao moribundo com huma belliſſima traça, fallando-lhe aſſim: Senhor, ſe Deos por ſua grande miſericordia vos quizeſſe ainda dar como a ElRei Ezequias quinze, ou vinte annos de vida: *Ecce ſanavi te, addam diebus tuis quindecim annis*, então vos reſolverieis a reſtituir com effeito a cada hum o ſeu? Com muito boa vontade (reſpondeo elle) diſporia totalmente os meus negocios, ſatisfaria a todos, e não ficaria deven- 4.Reg. cap. 20.

do hum vintem. Pois os Medicos (replicou o Confessor) dizem, que a raiz desta vossa mortal doença consiste na falta do humido radical, e que para refazer este, he necessario tomallo de alguem, a quem vós o tenhais communicado, por ter mais virtude pela simpatia, que tem com o vosso. Pelo que são necessarias trez, ou quatro gottas da graixa de hum dos vossos filhos. Induzido deste remedio o velho chamou logo o primogenito, e lhe disse: Meu filho, quereis resuscitar vosso pai, que como vedes, está morrendo? De muito boa vontade, (disse o filho) ainda que me custára ametade do sangue das veias. Pois bem, replicou o pai, são necessarias duas gotinhas da vossa substancia, que como homogenea, dará maior vigor á extrema fraqueza de vosso pai. Accendeo-se logo huma véla, e poz o filho hum dedo sobre a chamma, e logo retirou a mão, e protestou, que nem por dous, ou trez instantes queria supportar aquelle tormento, para elle insoffrivel. Chamou-se o segundo filho, e lhe disse: Quereis dar a vida a vosso pai, que tanto vos quer? De muito boa vontade, (respondeo elle) se estiver na minha mão. Aqui estou para tudo o que puder. Apenas poz o dedo sobre a véla, que sentido o ardor do fogo, começou a dar taes alaridos, que movia a compaixão. Acudírão os mais irmãos, e irmans, e ouvindo, que para dar a vida ao pai algum delles havia de soffrer pelo breve espaço de poucos instantes aquelle tormento, todos se escusárão, com dizer, que sendo já o pai velho, para que queria viver mais, dando tanta molestia, e trabalho a todos. Então o prudente Confessor, voltando-se para o moribundo, lhe disse: Que vos parece o amor, e agradecimento dos vossos filhos? Nenhum delles quer, para prolongar a vossa vida, soffrer por poucos

cos momentos o fogo na ponta de hum dedo; e vós para deixallos ricos com a fazenda alheia quereis metter no Inferno os dedos, as mãos, a cabeça, os braços, e todo o corpo, e alma, para arder eternamente? Isto he ser doudo, ou Atheo, que não teme a Deos, ou não crê que haja Inferno. O mesmo digo eu, para desengano de quem ler este Discurso. Nem cuide algum, que por servir as Confrarias, e Congregações, buscar Indulgencias, Jubileos, Confissões, e Communhões, lhe valerá cousa alguma, quando não restituir o alheio; antes a mesma absolvição do Confessor lhe servirá de condenação, e de padecer maiores tormentos, pelos muitos sacrilegios commettidos; pois cego da avareza, nunca teve proposito de restituir, podendo, a fazenda, e perdas, e damnos do seu proximo.

Temo, e tremo, todas as vezes, que me lembra hum caso succedido em huma Cidade de Italia, que os Authores fidedignos não nomeárão, por dignos respeitos. Havia hum homem nobre em conceito de virtuoso, porque se confessava muitas vezes com hum Confessor douto, e de grande reputação. Mas vendo este, que depois de tantos propositos, e promessas, não se resolvia a restituir o alheio, resoluto lhe negou a absolvição; e que buscasse outro Confessor, que se elle queria ir ao Inferno, não queria ser seu companheiro. Buscou elle varios Confessores, queixando-se com elles do rigor do primeiro; porém os achou todos correntes, e coherentes em não o quererem absolver. Finalmente a sua desgraça o fez encontrar com hum Confessor de seu genio, e do modo que elle desejava. Este Religioso condenou logo os outros de escrupulosos, e tambem de pouco saber, com doutrinas apertadas, que enlação as almas; e franco, co-

mo se fosse o Mestre das sentenças, lhe deo a absolvição. Ficou tão satisfeito, e pago o penitente, que não só o elegeo por seu Confessor estavel, mas tambem por amigo fiel, que muitas vezes lhe mandava presentes da sua meza, fazendo-lhe outros mimos, e favores, convidando-o tambem a comer nas suas festas, e banquetes. Hum dia, depois de ter ambos comido, o Religioso se foi para o seu Convento, e o Cavalheiro apenas começando a repousar sobre o seu leito, lhe deo hum furioso golpe de apoplexia, que improvisamente lhe tirou a vida. No mesmo instante dous demonios tomárão a figura com corpo fantastico dos dous seus criados, e forão logo ao Convento a buscar o Religioso, que já estava recostado. Depressa, differão ao Porteiro, chamai o Padre Confessor, que nosso amo está morrendo. Levantou-se logo o Religioso a este aviso, e com diligencia foi seguindo os dous criados fingidos, e chegou á casa do amo. No subir das escadas, o vio no topo della vestido de hum quimão preto, o vinha receber. Cuidou o Religioso que era zombaria, e queixou-se com elle, porque lhe fazia estas peças? Quando o penitente respondeo: Que zombarias! que peças! Os dous demonios, que tomárão a figura dos meus criados, e ahi estão, fallárão a verdade; como tambem he verdade, que eu não serei só no padecer o castigo, e a pena, assim como não fui só em commetter a culpa. Vós que tantas vezes me tendes absolvido injustamente com ser causa de novos sacrilegios, (vos digo agora) sois condenado tambem da Divina Justiça comigo com a mesma sentença, por teres sido fautor, e cumplice de eu não ter restituido o alheio. Apenas dito isto, os dous criados, tomando a figura, que melhor representava os dous demo-

monios, que erão, hum pegou no Confeſſor, e o outro no confeſſado, e carregando-os ſobre os hombros, com hum eſtrondo medonho, a modo de hum terrivel terremoto, levárão a ambos de dous para o Inferno, deixando no palacio hum fedor tão horrendo, que por alguns annos não foi habitavel. Eſte caſo entre outras teſtemunhas traz o R. P. M. João de Lorino, varão tão eſclarecido nos celebres commentarios ſobre a Eſcritura Sagrada, que affirma ter conhecido a ambos de dous eſtes deſgraçados, e preſcitos. Lor. & Segn. p. 3. Serm. 15.

Deſenganem-ſe todos aquelles, que não reſtituírão com tempo a fazenda alheia, que o maior tormento, que terão no Inferno, ſerá o tella deixado aos filhos, ou herdeiros, e melhor fora que a tiveſſem diſſipado, ou queimado. O rico avarento pedia no Inferno ao Padre Abrahão, que mandaſſe algum condenado ao mundo, para advertir aos ſeus Irmãos, que não foſſem tambem elles parar naquelle lugar de tormentos: *Ne & ipſi veniant in hunc locum tormentorum.* Como póde ſer iſto! Os preſcitos podem ter caridade, e deſejar que os outros ſe ſalvem? Certo que não! Antes pelo contrario os condenados são como os demonios, e deſejão que todos vão para o Inferno. Pedia iſto por amor proprio, e por medo; porque tendo deixado a ſua fazenda aos irmãos, com o ſeu máo exemplo, que lhes tinha dado, a gaſtavão em luxos, e banquetes, ſem ſe lembrarem dos pobres; e aſſim indo tambem elles ao Inferno, lhes accreſcentarião as penas, amaldiçoando-o, e carregando-o de blasfemias, e com tudo as riquezas não erão alheias. E que ſerá daquelles, que deixão a fazenda aos filhos, e duvidão, e ſabem que não he ſua? Que ſerá daquelles Juizes, que por intereſſe derão ſentenças injuſtas? Luc. c. 16

Daquelles Letrados, que por peitas enganárão as partes? Dos Testamenteiros, que roubárão os pupilos? Dos que com trapaças arruinárão familias em hum Tribunal tão bem instituido, como o dos defuntos, e ausentes? Oh que penas! Oh que tormentos! Oh que Inferno dos Infernos! Ver hum pai já condenado, os filhos condenados, os netos condenados, os bisnetos, e teteranetos, todos estes amaldiçoarão o pai, o avô, o visavô, teteravô! porque todos estes conhecendo que a fazenda era alheia, se fiavão com dizer: Tenho-a herdado de meus pais, e pouco me importa que elles estejão no Inferno, se assim o quizerão. E quantas viuvas, e quantas orfans, e quantos pobres, que por verem roubado o seu, se derão ao mundo, como desesperados, cumulando peccados a peccados! Outros blasfemando até da Divina providencia, porque permitte que hum avarento pela sua cubiça lhe tome o sustento. E quantas pragas não lhe rogão! E quantos odios mortaes não lhe conservão nas entranhas! E isto pela cubiça de huma pequena fazenda, que deixando-a na hora da morte, causa todas estas maldades. Ora qual he aquelle, que ainda que restitua, se confesse destas consequencias? ElRei David commetteo dous peccados, hum homicidio, e hum adulterio, e sabia de certo por bocca do Profeta Natan, que Deos lhos tinha perdoado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum, non morieris.* E com tudo dizia: *Delicta quis intelligit?* Quem he que possa perceber as terriveis consequencias dos peccados contra os seus proximos, especialmente dos furtos, e do reter o alheio? *Ab occultis meis munda me, & ab alienis parce servo tuo.* Os peccados occultos são os que temos dito assima, murmurações, raivas, odios, blasfemias, até desespe-

Lib. 2. Reg. c. 12. 13.

Psal. 18.

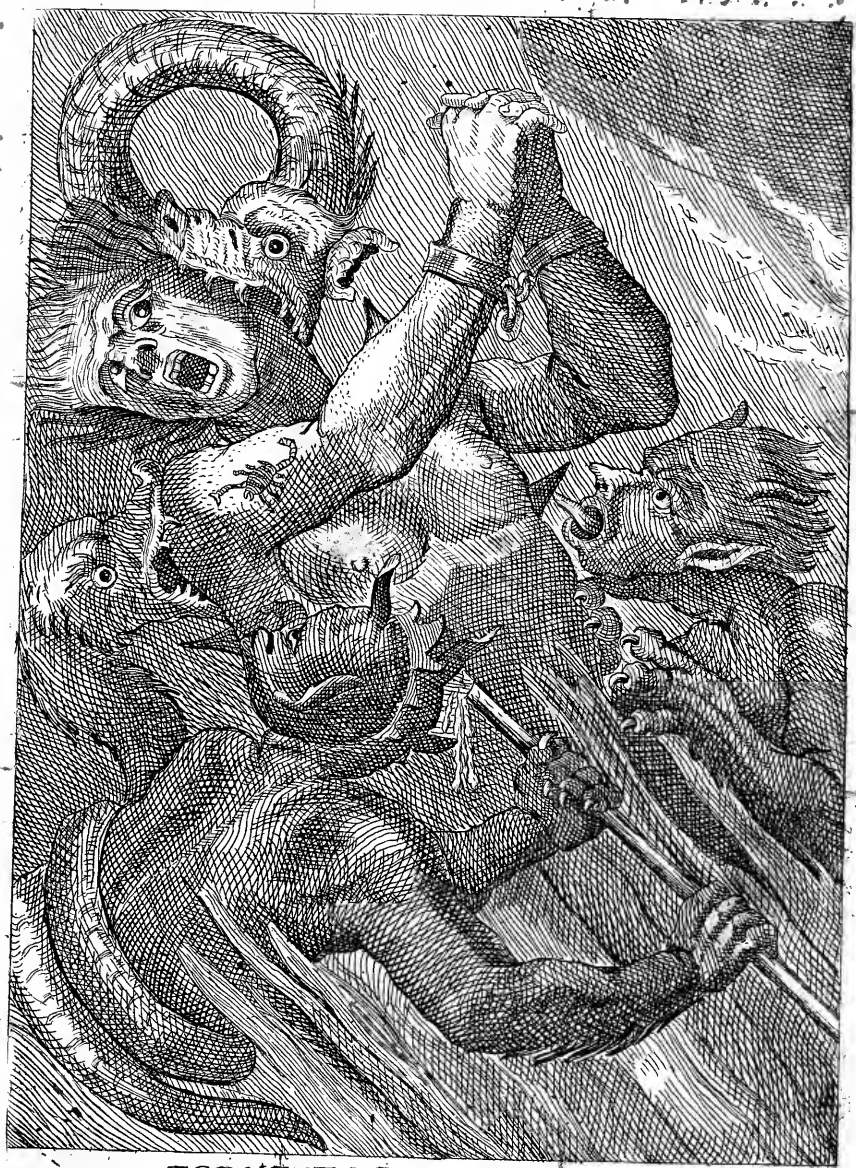
perações, por se verem por causa dos seus devedores em extrema miseria. Estes peccados são occultos a nós, porque os fazem em suas casas, sem nós ouvirmos, ou vermos cousa alguma. São alheios, porque são dos nossos acredores, que escandalizados, e irritados, por se verem faltos do necessario, prorompem em furias, amaldiçoando o dia, em que nascêrão, e pedindo ao Ceo que consuma com seus raios a quem tão injustamente lhe tira o sustento da vida. Acabemos este Discurso com as mesmas palavras do thema, com que o começámos: *Nolite errare, neque fures, neque avari Regnum Dei possidebunt.* 1. Cor. 16. Desenganem-se todos, (diz o grande Apostolo S. Paulo) nem os avarentos, nem quem furta, e não restitue o alheio, nunca, nunca dos nuncas poderá entrar no Reino do Ceo. Esta verdade he tão certa, que he de Fé, he tão clara, que não admitte commentos, nem interpretações, nem ha sentença, ou Doutor, que diga o contrario, fallando por bocca de todos Santo Agostinho: *Non remittitur peccatum, nisi restituatur ablatum.* D. Aug. Serm. 6. Por isto não diz S. Paulo: Não vos enganeis, ou não vos deixeis enganar; mas: *Nolite errare*: Não queirais vós mesmos enganar-vos; pois he tal este vicio da cubiça, e da avareza, que muitos buscão traças, pretextos, e razões falsas, e apparentes para não restituirem o alheio. Refere S. Gregorio Papa, que na Cidade de Roma havia hum Çapateiro por nome *Deus debit*: Deos o deo, pobre dos bens deste mundo, mas muito rico de virtudes. Hum Santo Anacoreta vio muitas vezes em extases que se lhe estava fabricando no Ceo hum Palacio, e que no dia de sabbado se multiplicavão os obreiros, accrescentando muitas mais casas. Cuidava o Santo Anacoreta que isto era por contraposição aos Ju- D. Greg. in SS. PP.

deos, que estão em Roma, que guardão o sabbado com tanto rigor, que nem o comer fazem; porém soube depois que *S. Deus dedit*, tirando o seu limitado sustento, dava aos pobres quanto naquella semana com o seu trabalho tinha ganhado. Este Santo sim, que vivia desenganado, e soube fabricar para si com a sua pobreza hum grandioso Palacio no Paraiso. E que Palacio fabricão os que furtão, ou não restituem?

Oh infelices ricos! Oh desgraçados avarentos, que com as suas usuras, e furtos, deixando por força na hora da morte as suas riquezas, e fazendas, acharão que tem fabricado para si huma prizão apertadissima no eterno calabouço do Inferno! Desenganem-se, que se não restituirem com tempo, e todos quantos damnos fizerão aos seus proximos, aquella prizão eterna será o seu palacio, será a sua quinta, será o seu jardim, será a casa de conversação, será a sua morada para toda a eternidade: *Nolite errare, neque fures, neque avari Regnum Dei possidebunt.*

DIS-

PRICE



TORMENTO DOS LVXVRIOSOS

DISCURSO IX.

Do tormento dos Luxurioſos.

Dilatavit Infernus animam ſuam, aperuit os ſuum abſque ullo termino. Iſai. cap. 5.

SE o Inferno he huma prizão tão apertada, como diſſemos no primeiro Diſcurſo, onde os condenados não terão largueza alguma, antes eſtarão atados, como a lenha em feixes, para arder eternamente: *Congregabunt in congregatione unius faſcis in lacum, & claudentur ibi in carcere*, como agora diz o Profeta, que elle he tão dilatado, e que abre huma bocca, que não tem termo: *Dilatavit Infernus animam ſuam, aperuit os ſuum abſque ullo termino?* Falla aqui metaforicamente o Profeta, e deſcreve o vicio da luxuria, fazendo-o ſemelhante a huma beſta inſaciavel, que quanto mais come, tanto mais ſe moſtra faminta. Imagem verdadeira daquelle Tricerbero, que fingírão os Poetas eſtar em cuſtodia das portas do Inferno, não para que não entraſſem os malfeitores, mas para que nunca mais ſahiſſe, quem huma vez lá entrava: *Inferus inſatiabiliter cava guttura pandit.* He certiſſimo que o retrato mais vivo, e natural de hum luxurioſo he aquelle de hum condenado no Inferno. O Texto Sagrado exprime o miſeravel eſtado dos reprobos no Inferno com quatro differentes penas. A primeira he huma eſcuridão, como huma tempeſtade nocturna, em que todos gritão, e blasfemão, ſem verem, ou ſaberem outra couſa, ſenão que para ſempre ſerão atormentados: *Hi ſunt, quibus procella tenebrarum* Iſai. c. 22. 24. Judit. c. 13.

rum servata est in æternum. A segunda he huma desordem perpetua, e huma confusão horrorosa: *Nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* A terceira he hum cativeiro crueliſſimo, não só do corpo, mas da alma, até perderem o seu livre alvedrio: *Pluet super peccatores laqueos, ignis: Ligatis manibus, & pedibus.* A quarta he o remorso da consciencia mais terrivel que o mesmo Inferno, pois he hum bicho intrinseco, que nunca dorme, e sempre róe: *Vermis eorum non moritur; qui me comedunt, non dormiunt.* Estes serão os quatro pontos do meu discurso, em que mostrarei como os luxuriosos padecem anticipadamente nesta vida estes quatro tormentos, para passar depois de mortos de hum Inferno a outro.

Job cap. 10.

Psalm. 10. Marc. c. 9.

Job cap. 30.

Todos os peccados são cegueira; porém não ha peccado, que mais conduza á total cegueira do entendimento, como a luxuria. Dá a razão S. João Chrysostomo, porque este peccado sujeita o racional ao sensitivo, obriga o espirito a obedecer á carne, e reduz finalmente a alma a ser escrava perpetua do seu corpo. Por isso S. Paulo, fallando de hum deshonesto, não o chama sómente homem, mas com o addito de homem carnal: *Animalis homo non percipit ea, quæ sunt spiritus Dei.* Pelo que quem pertendesse que hum homem carnalmente obrando se governasse como com o lume da razão, seria querer que a carne fosse, por modo de dizer, espirito. Prova-se isto com hum belliſſimo reparo de S. Bernardo, que diz assim: Quando o homem se deixa perdominar da soberba, pecca, mas pecca como Anjo, pois a soberba foi o peccado dos Anjos. Quando se deixa vencer da ambição, e avareza, pecca, mas como homem, pois a avareza he hum peccado, que só convem ao homem. Mas quando he vencido

D. Paul.

da

da luxuria, e ſe entrega aos appetites da carne, pecca como ſe já foſſe hum bruto, porque obedece, e ſegue ſem reparo os movimentos de huma paixão, que he predominante nos brutos. Logo ſe eſte pecca como bruto, não parece gozar daquelle claro lume da razão, e daquellas luzes de eſpirito, que o conſtituem differente dos brutos, e o fazem obrar como homem. Eſtá logo reduzido hum deshoneſto ao opprobrio, e ignominia de hum Nabuco, e quaſi da meſma condição dos brutos, com eſta ſó differença, que os brutos não peccão na ſua ſenſualidade, por lhes faltar o lume da razão, e o homem luxurioſo pecca, quaſi perdendo o lume da razão, para ſe fazer como bruto.

Confirmou eſta verdade o Profeta David, quando diſſe: *Comparatus eſt jumentis inſipientibus, & ſimilis factus eſt illis.* O homem eſquecido da honra, que lhe fez Deos em o crear conforme á ſua imagem, ſe aviltou com os brutos, tomando os ſeus coſtumes, e ſe fez ſemelhante a elles. Fallava com a experiencia, e conheceo eſta verdade depois de cahir no peccado de adulterio com Berſabé; e por iſſo cahido no erro, e deteſtando a ſua culpa, não ſe chamava mais homem, quando orava na preſença de Deos, mas hum bruto: *Ut jumentum factus ſum apud te.* Eſte he o diſcurſo de S. Bernardo, e a experiencia aſſim o declara. Vemos eſtes homens eſcravos da ſua ſenſualidade, que no tempo, em que a ſua paixão os tenta, ſe perturbão de modo, que fechão os olhos a qualquer conſideração Divina, e humana, não approvando o bem da virtude, não temendo o que dantes temião, obrando como ſem juizo, eſquecidos da honra, da ſua ſaude, do meſmo Deos, e do Inferno. Tanta he a força deſte vicio da luxuria, cegar de tal ſorte o entendimento de hum luxu-

Pſ. 48. 13.

Pſ. 72. 23.

xurioso, que como enfeitiçado do deleite, perde o conhceimento de Deos, do seu peccado, e de si mesmo.

Accrescenta mais Santo Agostinho, que os luxuriosos perdem tambem o conhecimento do que são, porque na escravidão daquelle vicio deixão de ser o que erão, e dá por prova o succesſo de Daniel. Por onde (diz elle) começou o atrevimento escandaloso dos dous velhos, que accommettêrão a casta Dan. 13. 8. & 9. Susanna? E respondeo por estas palavras: *Exarserunt in concupiscentiam ejus, everterunt sensum suum, & declinaverunt oculos suos, ne viderent Cœlum.* Já ardendo no fogo da concupiscencia, cegos da paixão, perdêrão o entendimento, e abaixárão os olhos para não ver o Ceo: e com razão, porque se tivessem os Dan. 13.35. olhos alçados ao Ceo, como fez Susanna: *Quæ flens suspexit ad Cœlum*, se se lembrassem de Deos, não terião animo para tentar hum crime tão execrando. Quem não quer olhar para o Ceo, menos quererá olhar para si, como fizerão estes dous velhos, que nem attendêrão á sua idade tão adulta, nem ao cargo de Juizes, que exercitavão na Republica, em razão do qual erão obrigados a punir hum semelhante excesso.

Mas o que mais faz pasmar neste caso he, que homens julgadores, que em razão do cargo devem ser mais ajustados, e rectos, em tão breve tempo, quanto os olhos correm em avistar hum objecto, prevaricassem, esquecidos totalmente do respeito devido a Deos, e a si mesmos. Responde a este reparo S. João Chrysostomo: Que assim como em hum instante se estende a luz pela immensidade do ar, dissipando todas as trévas nocturnas, assim tambem em hum momento o vicio da luxuria parece que escurece a alma, offuscando o lume da Fé, e da ra-

razão. Obſerva Clemente Alexandrino, como os Poetas, que no gentiliſmo fazião o papel, e figura de Doutores, quando deſcrevião os adulterios, e infames commercios dos ſeus Deoſes, nunca os repreſentavão nas ſuas proprias figuras, como de Jupiter, Mercurio, ou Juno, mas os disfarçavão, e exprimião com o nome de animaes. Nós os vituperamos (diz eſte Padre) por terem aſſim infamado a ſua Religião, e falſas Divindades; mas ſe bem o conſiderarmos, muito melhor obravão, do que nós, neſte modo de dizer, que não era imprudente. Querião com iſto ſignificar, que nunca os ſeus falſos Deoſes commetterião ſemelhantes exceſſos, ſem deixarem o ſer, que tinhão, e tomarem o ſer, e condição de brutos. Tanto he certo, que os meſmos Gentios ſem a luz do Euangelho conhecião claramente que a ſenſualidade, e luxuria era hum appetite tanto proprio de brutos, que ſe podia chamar bruto aquelle homem, no qual predominaſſe eſte appetite. Clem. Alex. in opuſc.

O noſſo Bemaventurado Santo Antonio Portuguez fallando da cegueira, á qual eſte vicio da ſenſualidade reduz hum homem luxurioſo, para melhor a explicar, buſca a etymologia da meſma palavra *fornicação*: *Fornicatio dicitur quaſi formæ necatio, id eſt, animæ adſimilitudinem Dei formatæ necatio.* Quer dizer, que a fornicação exprime, e ſignifica a morte da alma, que he a fórma do corpo humano: que vem a ſer o meſmo, que dizer, que a luxuria faz hum grande eſtrago na alma, quaſi privando-a do bom uſo das ſuas potencias, Memoria, Entendimento, e Vontade. Offuſca a memoria, porque o deshoneſto immerſo nos deleites da carne vive em hum perpetuo eſquecimento dos beneficios, e ameaças de Deos, que são os dous motivos: *Non* Oſee c. 4. 5. D. Ant. Serm. 26.

da-

dabunt cogitationes suas, ut revertantur ad Deum, quia spiritus fornicationis in medio eorum. Diz o Profeta Oseas. Quer dizer: Nunca levantarão o pensamento a Deos, porque o espirito da fornicação reina no intimo dos seus corações. E sem a lembrança dos beneficios, como poderá hum peccador ter pezar de ter offendido ao seu Bemfeitor, quando a Sagrada Escritura, os Concilios, Santos Padres, e Doutores põem por hum dos motivos do arrependimento a lembrança dos grandes beneficios, que temos recebido de Deos? Digo mais: Com hum total esquecimento das ameaças, e castigos de Deos, como poderá hum coração lascivo compungir-se com resolução de deixar as suas torpezas, e fazer ao menos hum acto de Attrição, quando se resolvesse a confessar, se totalmente se esquece das penas do Inferno, que lhe devião picar a consciencia para o arrependimento? *Qui sine timore est*, diz o Espirito Santo, *non potest justificari*: Quem perder o temor de Deos, e dos seus castigos, se rende quasi insensivel a querer-se justificar.

Eccles. 1. 28.

Depois de offuscar a memoria, passa este vicio da luxuria quasi a cegar o entendimento de modo, que parece perde de vista as verdades eternas, porque os deleites sensuaes á semelhança daquelles vapores grossos, que exhalão de algumas lagôas, e lugares paludosos, que encobrem o ar, assim encobrem, e escurecem o lume da razão. Os outros peccados, como diz S. Thomaz, perturbão o entendimento: *Perturbant rationem mentis*; mas a luxuria perturba, e apaga totalmente o juizo: *Luxuria totaliter extinguit rationem mentis*: e assim não se contenta de lhe chamar, como Aristoteles, huma especie de bebedice, mas diz que he hum ramo de loucura: *Stultitia maximè nascitur ex luxuria.* A razão he,

D Thom. 2. 2. q. 53. art. 6.

he, porque os motivos da virtude já não penetrão o coração de hum impudico, e as inſpirações Divinas alumeão o ſeu entendimento, aſſim como os raios do Sol alumeão a hum cego.

A prova ſe vê no infeliz ſucceſſo de Sansão, o qual, ſendo dotado de huma rara prudencia, e invicta fortaleza, depois de entregue aos amores de Dalida, de tal ſorte perdeo o juizo, que experimentando-a por trez vezes traidora, ainda aſſim entregue de novo aos ſeus enganoſos amores, lhe deſcubrio finalmente o ſegredo, que ſe lhe cortaſſem os cabellos, perderia a fortaleza, de que era dotado: *Si raſum fuerit caput meum, recedet à me fortitudo mea.* Judic. c.6. O meſmo ſuccedeo a Salamão, ſendo hum dos entendimentos mais illuſtrado com o lume das ſciencias; a cega paixão, em que ardia a reſpeito das ſuas concubinas: *Hic copulatus eſt Salomon ardentiſſimo amore*, de tal ſorte o privou do juizo, que o fez cahir nos exceſſos, que temos relatado em outro Diſcurſo. 3. Reg. c. 11. Não baſtárão os repetidos aviſos de Deos, não baſtárão todos aquelles principios, e habitos de tão alta ſciencia, de que era dotado, para impedirem as nuvens groſſas, com que o vicio da luxuria o cegava, obrigando-o nos annos da velhice, onde o deſengano deveria ſer maior, a fazer-ſe Idolatra, e a fabricar Templos, e ſacrificar aos demonios nos ſeus falſos Deoſes, ſó a fim de não deſcontentar as concubinas, com que tratava: *Cumque eſſet ſenex, depravatum eſt cor ejus per mulieres, ut ſequeretur Deos alienos.*

Da cegueira do entendimento naſce o deſconcerto da vontade, que como não he guiada da razão, ſe immerge, e profunda toda nos deleites da carne, como faz hum animal immundo: *Sus lota in volutabro luti.* Petr. 2. c. 2. Oh vontade do homem, que ſendo a mais

mais nobre potencia da sua alma, com tudo pelo vicio da luxuria se faz vil, e abatida mais que todas! He a vontade a mais nobre das potencias, porque he entre ellas como rainha, e senhora, que tudo dispõe; mais viciada, e avilitada com o vicio da luxuria, não sabe escolher, senão aquillo, a que inclina o appetite brutal dos deleites immundos. Se a memoria em alguma occasião lhe propõe a repentina, e terrivel morte de tantos luxuriosos, a vontade viciada procura logo que prevaleça contra esta lembrança a viva lembrança dos deleites, que ama. Se o entendimento quer discorrer sobre o rigor dos tormentos preparados para os luxuriosos no Inferno, considerando como são eternos, e sem fim, por serem para huma eternidade, a este pensamento da eternidade, a que Santo Agostinho chama grande: *Magna cogitatio æternitas*, que he hum firme alicerce, e fundamento para a segurança da nossa salvação, resiste logo a vontade luxuriosa, contrapondo-lhe outros pensamentos de novos gostos, de novos deleites, de novos objectos, com os quaes possa satisfazer ao seu brutal appetite, fazendo por se esquecer totalmente daquella maxima infallivel, que he momentaneo o que deleita, e eterno o que ha de atormentar no Inferno: *Momentaneum, quod delectat; æternum, quod cruciat.* Ninguem se admire de obrar assim huma vontade toda immersa nos deleites da carne, porque he castigo, que Deos permitte venha aos luxuriosos, que por muito tempo perseverem nas suas torpezas.

D. Aug. lib. 3. Soli.

Para prova mais clara referirei o caso succedido a huma celebre concubina da Cidade de Espoleto em Italia, a qual tinha vivido muitos annos em peccado, e sido causa da perdição de muitos. Finalmente mandou-lhe Deos huma terrivel doença, que logo

go os Medicos julgárão ſer mortal; e depois de applicados varios remedios, vendo que o mal precipitava para a morte, ſe deſpedírão da cura, dizendo-lhe, que trataſſe da ſua alma, porque ſó por milagre poderia eſcapar. Tomou a bem o aviſo eſta mulher, e com edificação de todos mandou logo expôr o Santiſſimo Sacramento em varias Igrejas, e dizer muitas Miſſas pelos Conventos, rogando a Deos pela ſaude do corpo, e promettendo, ſe vivia, de ſer outra Magdalena penitente. No dia ſeguinte entrou o Paroco com outros Miniſtros para a diſpôr, e ajudar naquellas ultimas horas da vida. Perguntou-lhe a mulher, porque razão lhe não concedia Deos a vida, e ſaude, que com tantas véras lhe tinha pedido? Reſpondeo-lhe o Paroco, que Deos queria ſalvar a ſua alma, e que não era ſervido dar-lhe mais tempo neſta vida cheia de miſerias, e peccados, mas dar-lhe huma vida muito melhor, que era a eterna. Então ella enfurecida, e cheia de raiva diſſe: Ora bem! Já que Deos não me quer dar goſto em prolongar-me a vida do corpo, que lhe tenho pedido, eu tambem não lhe quero dar o goſto de dar-lhe a minha alma; e proteſto em preſença de todos, que a dou ao diabo ſeu inimigo; e aſſim dito, eſpirou logo. Ficárão os circumſtantes paſmados a tal caſo, e a tal blasfemea nunca mais ouvida. E muito mais atonitos, e amedrentados ficárão, quando vírão naquelle apoſento dous demonios em figura de dragões com azas, que pegando naquelle corpo, ſahírão com elle para fóra por huma janella, e o levárão, como ſe crê, a unir-ſe com a alma já julgada, e ſentenceada a arder eternamente no Inferno. Eſte he o fim, aonde vai parar a noſſa vontade cega, quando o entendimento, que havia de ſer a luz, que a guia, eſtá tambem elle envolto

nas trévas da luxuria: ambos correm como desesperados ao precipicio, e a sepultar-se no calabouço eterno do Inferno: *Cæcus autem si cæco ducatum præstet, ambo in foveam cadunt.* Matth. 15.

Finalmente estas trévas do vicio da luxuria são tão grandes, e dilatadas, que o homem impudico chega a não conhecer-se a si mesmo, nem a enormidade dos seus crimes; e então se estima mais livre, quando está mais sepultado no abysmo das suas torpezas. No vicio da luxuria não succede como nas outras cousas. A experiencia de ordinario he a que causa o conhecimento das cousas. Assim o vemos nas Artes liberaes, e mecanicas. Aquelle he melhor musico, que tem gasto mais annos na Solfa. Aquelle melhor official, que tem mais tempo do officio. Assim he tambem nas sciencias: aquelle he mais adiantado no saber, que he mais versado nas letras. Finalmente nas Republicas Militares, Politicas, e Ecclesiasticas, os Postos, os Governos, e as Dignidades se dão áquelles, que se conhecem de maior experiencia. A razão he, porque nós não conhecemos bem as cousas, senão quando as temos experimentado.

Na materia porém do vicio da luxuria he tudo em contrario. Quanta maior experiencia tem hum lascivo deste infame vicio, tanto menos o conhece. Hum mancebo innocente em quanto na sua mocidade com a boa educação não experimentou os deleites da carne, e se retirava das occasiões, aborrecia notavelmente este vicio: qualquer tocamento impuro lhe fazia escrupulo, e perturbava a consciencia, a fornicação lhe parecia hum monstro, o nome de adulterio lhe causava horror; mas depois que começou a gostar dos deleites, se engolfa de maneira no vicio, que perde totalmente aquelle horror, e me-

medo, que dantes tinha, fazendo gala, e prezando-ſe de andar amancebado, gaſtando rios de ouro em veſtidos, e ornatos da concubina, para que ſeja de todos reſpeitada, e conhecida como ſua, cuidando que niſto adquire a eſtimação do povo. Eſta he a cegueira de todas as potencias de hum homem laſcivo. Eſtas são as trévas, que lhe eſcurecem a alma, muito mais medonhas que aquellas dos Egypcios, a que a Eſcritura Sagrada chama horriveis: *Factæ ſunt tenebræ horribiles*, muito mais peiores que aquellas do meſmo Inferno, porque aquellas são exteriores: *In tenebras exteriores*; mas eſtas da luxuria são internas, e penetrão toda a alma até reduzir o miſeravel impudíco a experimentar anticipadamente o Inferno, vivendo em huma contínua deſordem, e em huma perpetua confuſão, que he a materia do ſegundo ponto.

Exod. 10. 22.

Matth. 16.

Não ha menor deſordem na vida, que faz hum deshoneſto neſte mundo, que aquella, que faz hum condenado no Inferno, onde igualmente ſe póde dizer aſſim de hum, como de outro: *Ubi nullus ordo, ſed ſempiternus horror inhabitat.* Por iſſo affirma S. João Chryſoſtomo, que não acha differença entre hum endemoninhado furioſo, e hum homem feito eſcravo da luxuria: *Luxuria corruptus, & obſeſſus à dæmoniaco non differt.* He couſa digna de reparo o nome, que na Sagrada Eſcritura ſe dá ao demonio, que preſide, e dilata o vicio da luxuria, chamando-ſe *Aſmodeus*, que na lingua Hebraica ſignifica *abundantia peccatorum*, abundancia de peccados. E na verdade quem poderá explicar a abundancia, e multidão de peccados, que commette hum peccador habituado nas torpezas? Parece que não cuida em outra couſa, os penſamentos, os deſejos, e as palavras todas são dirigidas á ſenſualidade, maquinando ſem-

Segundo ponto.

D. Chryſoſt. hom. 29. in Matth.

pre em novos deleites da carne. Até os sonhos são solicitados dos fantasmas impuros, impressos na imaginação pelo máo habito, e assoprados pelo espirito de fornicação, a fim de que comece logo, quando se esperta, a consentir nas tentações. O menor numero de peccados são muitas vezes as obras, e com tudo são tão continuadas, que poucos dias passão, que não venhão a peccar por obra. São os luxuriosos como certas lebres fecundas, das quaes conta Aristoteles, que no mesmo dia, em que parem, ficão prenhes: *Postquam aliquos pepererint, rursus alios in utero gerunt.* E com serem tantos os peccados de obra, parecem pouco á vista dos que contém com os pensamentos, com as palavras equivocas, deshonestas, e provocativas dirigidas todas a peccar. Até os olhos, diz S. Pedro Apostolo, lhe servem de instrumentos para peccar: *Habentes oculos plenos adulteriis, & incessabilis delicti.* Todo o objecto vistoso os recrea, e em todos achão que appetecer, não respeitando estado, nem condição, nem a sexo, sem reparar se he honrada, ou, como dizem, do mundo, se solteira, se casada: antes aquelles peccados, dos quaes se póde seguir maior ruina, e desordens, como he do adulterio, e outros, a estes se applicão com maior estudo, como se fossem proezas de maior lustre: *Habentes oculos plenos adulteriis, & incessabilis delicti.*

Arist. lib. 3. Hist. c. 33.

Petr. ep.

Grande he a perturbação, e desordem, que se origina de hum estupro. Perturbão-se os delinquentes; ella, porque se considera com a honra perdida, que era a parte mais preciosa do seu dote; elle, porque esfriado o ardor da paixão, que o cegava, conhece, ainda que tarde, as tristes consequencias do seu brutal attentado, o fogo da vingança, que tem accezo entre os parentes, que considerando-se affron-

frontados uſão de todas as traças para lhe tirarem a vida; e finalmente toda a parentella de ambas as familias alterada, e talvez com as armas nas mãos, tudo he huma deſordem, confuſão, e horror: *Ubi nullus ordo, ſed ſempiternus horror inhabitat.* Temos a prova evidente no Texto Sagrado. Era Dina filha de Jacob, e namorando-ſe della pela ſua formoſura o filho do Principe de Sichem, teve traça para a furtar, e ſatisfazer o ſeu appetite. Cahido no erro, cuidou de o remediar, tomando-a por mulher. Foi o delinquente juntamente com ſeu pai buſcar a Jacob para tratarem do caſamento, offerecendo mil partidos, de não aceitar dote, de lhe darem terras para viverem todos unidos, obrigando-ſe aſſim elles, como todos os mais homens do ſeu Eſtado, a ſe circumcidarem, e aſſim o cumprirão: *Circumciſis omnibus maribus.* Gen. c. 34. Parece ſe não podia dar maior ſatisfação, e que o deſcredito tinha já paſſado a credito, e a deshonra a honra; e com tudo não foi aſſim, porque Jacob, e ſeus filhos, diſſimulando a affronta, lhe derão boas palavras, para ſerem mais ſeguros na vingança, que intentavão: *Reſponderunt filii Jacob, & pater ejus in dolo ſævientes ob ſtuprum ſororis.* Gen. ut ſupr. 43. No terceiro dia, quando a ferida da circumcisão coſtuma ſer mais moleſta, entrárão os dous irmãos de Dina Simeão, e Levi na Cidade, fazendo o papel de amigos, e com as armas eſcondidas ſubírão ao Paço, e degollárão o Principe, e o filho, e conduzírão outra vez comſigo a Dina ſua irmã. No meſmo tempo entrárão armados os outros irmãos na Cidade com tropas de gente armada, e matárão quantos homens achárão, derão ſaque, queimárão as caſas, fizerão preza de todo o gado, e cavallos, levando tambem comſigo cativas todas as mulheres, e meninos: *Parvulos quoque eorum, & uxores duxerunt captiſ-*

ptivas. Eis-aqui a desordem, e confusão de familias, a desolação de huma Cidade, o horror de tantas mortes, que se seguírão pelo estupro de huma só virgem: *Sævientes ob stuprum sororis. Nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.*

Gen. supr.

Mas se o estupro de huma virgem, que as mais das vezes se póde remediar com o matrimonio subsequente, traz comsigo tantas desordens, e ruinas, que fará o adulterio? He o adulterio hum peccado tão grande, que por si, e pelas consequencias, que o seguem, faz tal horror, e he hum monstro tão cruel, que em qualquer casa, onde elle entra, traz comsigo a confusão, a guerra, o odio, e desesperação, e finalmente fica sendo a tal casa hum Inferno anticipado nesta vida, não só para os cumplices, mas para todos os parentes, ardendo no fogo da vingança, e em huma desordem, que não tem remedio: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* Todas as Nações do mundo, ainda as Barbaras, aborrecêrão em todos os seculos o adulterio; e as que tinhão algum modo de Republica, fizerão Leis, em que davão pena de morte aos adulteros.

Gen. 38.

Os Judeos costumavão queimar vivos ambos os adulteros; mas depois mandou Deos no Levitico que morressem apedrejados. A mesma pena de fogo davão os Egypcios. Os Romanos davão a escolha de dar a morte, que quizesse ou o marido, ou a mulher do cumplice, que cahisse em adulterio. Os Médos, e os Parthos na Asia a nenhum crime castigavão com a morte mais penosa: *Nulla delicta adulterio graviùs vendicabant.* Godos, Vicegodos, e toda a Germania punía com tal rigor este crime, que escreve Tacito estas palavras: *Pauciſſima in tam numeroſa gente adulteria*, que era cousa rarissima achar-se hum culpado nesta materia. E o que mais admira

Levit. c. 20.

Celius lib. 21.

Tac. de more Germanor.

he,

he, que entre os Espartanos nem ainda o nome de adulterio se sabia, como cousa totalmente inaudita; e assim perguntado hum dos Juizes daquella Republica por hum Embaixador estrangeiro, que pena se dava pelas suas Leis aos adulteros, respondeo, que nenhuma; porque hum crime tão execrando ainda não tinha succedido, nem passava pela imaginação. Até aqui chegárão os Gentios sem o conhecimento do verdadeiro Deos, sem outra luz mais, que a do lume da razão, que dicta: *Quod tibi non vis, alteri ne facias*: O que não quereis vos fação a vós, não o façais a outro. Considere cada hum em si, se tivesse o estado de casado, vendo-se vil, e affrontado, assinalado com o dedo por todos, e diga, e confesse, que desordem, e confusão se seguiria na sua vida, e senão seria hum verdadeiro Inferno nesta vida: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* Plut. in Licur.

E se todas as Nações do mundo tanto aborrecem o adulterio: se todas as Leis humanas o castigão com pena de morte tão rigorosa, que fará Deos? Como aborrecerá este monstro tão abominavel ao Ceo, e tão pernicioso á natureza humana! Primeiramente a Sagrada Escritura chama ao adulterio peccado grande: *Induxisti super me, & super Regnum meum peccatum grande.* Job não só o chama peccado nefando, mas huma maldade em gráo superlativo grandissima: *Nefas est, & iniquitas maxima.* O Propheta Oseas não só o chama peccado maximo, mas profundo: *Profundè peccaverunt.* Donde se infere, que o adulterio he hum peccado desmarcadissimo, e que não tem medida na sua grande malicia, que chega até o mais profundo do Inferno. Assim falla Deos por bocca dos seus Profetas do adulterio no tempo da Lei antiga, quando o Matrimonio não era mais que hum simples contrato de fidelidade entre Gen. 20. 9. Job 31. 11. Osee c. 9.

o homem, e a mulher. Agora porém na Lei da graça, em que está elevado a Sacramento, de quanta maior malicia será o adulterio contra a fidelidade deste Sacramento? Assim como he mais injuriosa huma affronta, que se faz a hum Sacerdote dedicado a Deos, que a hum escravo, ou pessoa vil do povo, assim tambem he maior a injuria, que se faz pelo adulterio ao Matrimonio, que he Sacramento, do que a injuria, que se fazia, quando era sómente contrato: *Sacramentum hoc magnum est* (diz S. Paulo) *in Christo, & in Ecclesia.*

Ad Eph. c. 5. 32.

Oh se eu soubesse explicar bem a todos, os que lerem este Discurso de modo, que percebessem, quão grande he o Sacramento do Matrimonio! parece-me que nunca mais se commetterião adulterios: *Sacramentum hoc magnum est.* Chama-se grande huma obra ou pelo Author, que a fez, ou pela materia, de que he feita, ou pelo fim, por que se fez. O Author deste Sacramento he Christo Senhor nosso, que o instituio. Vede se se póde achar ou no Ceo, ou na terra pessoa mais authorizada, que a segunda Pessoa da Trindade encarnada. Por isso S. Paulo, quando lhe chama grande, accrescenta logo *in Christo.* A materia deste Sacramento he das mais nobres, que Deos creou. A materia de alguns outros Sacramentos ordinariamente he cousa sem vida, como a agua no Baptismo, o Oleo na Chrisma, e Extrema-Unção; porém a materia do Sacramento do Matrimonio são os corpos vivos dos conjugados, que são, e se dizem membros de Christo, santificados pela benção Sacerdotal tantas vezes.

Tambem he grande pelo fim, que representa, que he a união do Verbo Eterno com a sua santissima humanidade: e quanto a esta representação significa huma santidade substancial daquelle despo-

rio

rio entre a humanidade, e o Filho de Deos nas puriſſimas entranhas da Virgem Santiſſima, quando com admiração de todas as Jerarquias deſceo do ſeio do Eterno Padre a fazer-ſe Homem: *Deſcendit de Cœlis, & homo factus eſt.* Repreſenta mais eſte Sacramento os deſpoſorios de Chriſto com a ſua Igreja, e por iſſo S. Paulo lhe chama grande em Chriſto, e na ſua Igreja: *Sacramentum hoc magnum eſt in Chriſto, & in Eccleſia.* Daqui ſe infere, que ſe vos perguntarem, que couſa he hum homem caſado, com verdade ſe póde dizer, que he hum homem conſagrado com hum Sacramento, e o meſmo he da mulher caſada. E ſe de ambos perguntarem, que couſa são, com verdade podeis reſponder, que são dous ſinaes ſagrados, que repreſentão a Encarnação do Verbo Divino, e o Deſpoſorio de Chriſto com a ſua Igreja. Donde ſe infere quão grave peccado ſeja o adulterio; que ſe na Lei de Moyſés com ſer o Matrimonio hum ſimples contrato, ſe chamava o adulterio peccado grande, grandiſſimo, e profundo, como diſſemos atrás, na Lei de Chriſto, em que he Sacramento, creſce muito mais a ſua malicia, e por iſſo nas Leis Civeis, e Canonicas ſe chamão os adulteros com o nome de ſacrilegos do Matrimonio: *Sacrilegos nuptiarum*, que vem a ſer em realidade, profanadores das vodas, e por iſſo tão ſeveramente caſtigados.

Sendo iſto aſſim, he couſa que faz paſmar, o pouco caſo que fazem alguns do peccado do adulterio! Chegão alguns caſados á confiſsão, uſando deſta fraſe: Tenho commettido alguns furtoszinhos a minha mulher com huma ſerva de caſa, a quem tenho affeição, porque me ſerve em tudo. Outro diz: Tenho commettido alguns peccados com huma mulher caſada, mas ſem eſcandalo, e ſem deſcredi-

to

to do marido, que o não póde suspeitar pelas razões de parentesco, que tenho com a dita mulher, e ser elle meu compadre. Ha tal modo de confessar-se! De maneira, que ás razões do parentesco, e compadrado, que aggravão o seu peccado, e fazem que não só seja adulterio, mas tambem incesto, quer este malvado homem que fação diminuir o seu peccado nas orelhas do Confessor! Oh se soubessem os homens casados o grande mal que fazem, e o risco, em que se mettem, quando deixão o leito conjugal por outra occasião, e talvez de portas a dentro! Explicarei isto com hum caso das Chronicas de São Domingos. Huma mulher maltratada de seu marido por causa de huma concubina, não podendo soffrer mais esta injuria, achando-se na cama, começou a cuidar na vingança. Não faltou o demonio de representar-lhe hum moço bem parecido para servir-se delle, como fazia o marido da concubina, e consentindo na tentação, esperava que fosse dia para lhe mandar hum recado, e com esta tenção adormeceo. Em sonho se lhe representou ser levada ao Inferno, para ver as diversidades de penas dos condenados. Vio huma quantidade de fornos accezos, e em cada hum delles hum adultero abraçado com hum dragão tão apertadamente, que se não podia mover, e da bocca lhe sahia fogo de enxofre; e quando blasfemavão bradando, lhes botavão por refrigerio chumbo derretido nos olhos, e ouvidos, que penetrando até os tutanos, davão alaridos, que causavão horror ao mesmo Inferno. Attonita a mulher com esta vista, advertio que entre aquelles fornos accezos estava hum de vasio, e perguntando para quem era, lhe respondêrão, que era para seu marido em pena dos desprezos, que lhe fazia, e ao Sacramento do Matrimonio. Moveo-se á compaixão, e co-

e começou a chorar, e a solnçar com tanta vehemencia, que se despertou do sono; e arrependida logo da sua depravada tenção, na manhã seguinte foi buscar a S. Domingos, e lançada a seus pés confessou o seu peccado, e lhe contou tudo, quanto passára. O Santo, depois de a absolver, a consolou, e dando-lhe o seu mesmo Rosario, lhe disse o metteſse debaixo da cabeceira do marido, quando dormisse. Assim o fez a mulher; e o marido na noite seguinte teve a mesma visão, em que vio os tormentos, que lhe estavão apparelhados no Inferno em castigo dos adulterios, e injurias, que fazia ao Sacramento do Matrimonio, e atemorizado se foi na manhã seguinte lançar aos pés de S. Domingos, chorando, e confessando as suas culpas; e foi tal a emenda da vida, que lançada fóra a occasião do peccado, viveo ao diante com tanta paz, e união com a mulher, que merecêrão de Deos o morrerem no mesmo dia, na mesma hora, e serem enterrados na mesma cova. Oh se os Confessores tivessem hum Rosario semelhante, quanto fruto farião, não só no Brazil, mas em todo o mundo! Mas para que he necessario ver em sonhos as penas dos adulteros. Não he melhor (se temos fé) considerallas aos pés de hum Crucifixo, e com verdadeiro arrependimento pedirlhe perdão, com proposito firme de emenda!

Muitas vezes considero na dissimulação da justiça humana, para com os adulterios, dando por livre o marido, que matou a mulher, provando que era adultera, e mostrando tão pouca attenção em castigar os homens adulteros, sendo que o crime para com Deos he o mesmo, ou seja o adulterio commettido pela mulher, ou pelo marido; sendo que a mulher, por mais fragil, he mais desculpavel, e por isso em algumas leis a mulher adultera he punida

nida sómente com a pena de infamia, e degredo. Mas que importa que os Juizes humanos julguem assim, quando sabemos que Deos julgará igualmente assim a mulher adultera, como o homem adultero: *Adulteros judicabit Deus*, diz S. Paulo, e o castigo será a perdição da alma: *Qui autem adulter est, perdet animam suam.* E como? (direis vós) os outros peccados não perdem tambem a alma? Perdem, he verdade; mas o adulterio com alguma maior força pela sua grande malicia. E por isso chegou a dizer Tertuliano, que era quasi irremissivel; não porque Deos não queira, nem o possa perdoar, mas porque tanto o aborrece, que permittirá que os adulteros (como succede muitas vezes) sejão accommettidos de huma morte violenta, e improvisa: *Adulteri non demediabunt dies suos.*

Prov. 6.

Terceiro ponto.

O terceiro tormento dos condenados no Inferno he o cativeiro crueliſſimo, não só da alma, mas tambem do corpo, depois do dia do Juizo: *Pluet super peccatores laqueos.* Se os Profetas nos advertem que o fogo do Inferno serve de cadeias aos condenados, quem negará que o fogo da luxuria não faça o mesmo aos deshonestos! Brava miseria he a de hum amancebado, sem liberdade mais, que de cuidar na occasião do seu peccado, passando más noites, e gastando quanto tem para contentar a manceba. O seu fallar são desproposítos, com os quaes confessa a sua prizão, e cativeiro. Póde dizer hum destes com aquelle prescito, que bradava no Inferno: *Crucior in hac flamma*: Estou padecendo, e ardendo neste fogo da luxuria, que me consome, e atormenta sem ter hum só momento de descanço. Assim o explicou Santo Ambrosio: *Libido nunquam manere quietum patitur affectum, nocte fervet, die anhelat, de somno excitat, à negotio abducit, à ratione revo-*

Ambr. lib. 1. cap. 5. de Caim.

vocat; *aufert conſilium*, *mentem inquietat*, *nullus peccandi modus*, *& inexplebilis ſcelerum ſitis*. Quer dizer: A ſenſualidade nunca deixa quieto o coração do homem, de noite, e de dia o perturba, diverte-o dos negocios, priva-o da razão, e do conſelho, inquieta o entendimento, não tem termo em peccar, porque arde em huma ſede inſaciavel dos deleites. Neſte eſtado ſe achava Santo Agoſtinho antes da ſua converſão, como affirma nas ſuas confiſsões, dizendo: Eu eſtava penando, ſem o conhecer, prezo nas correntes de hum amor torpe, cativo de huma mulher, e tão cego, que as meſmas prizões me parecião ſuaves, e doce o meu cativeiro, e finalmente *mancipium concupiſcentiæ* feito eſcravo da minha meſma luxuria. Aug. l. 3. Conf.

Na Cidade de Pavía em Italia eſtava hum mancebo tão perdido do amor de huma mulher, que não ſocegava, ſenão quando ſe via junto a ella. Foi-lhe neceſſario aſſiſtir fóra da Cidade por alguns dias. Quando tornava a cavallo, ſe encontrou com ella ſobre a ponte célebre de Pavía, fabricada pelos Reis Longobardos. Apeou-ſe, e começou a ſignificar-lhe as grandes ſaudades, que padeceo naquella auſencia. Reſpondeo ella, contradizendo a eſte ſeu affecto. Replicou elle encarecendo-lho tanto, e affirmando, que ſe ella o mandaſſe lançar da ponte ao rio, o faria logo. Reſpondeo ella, que deſejava ver aquella fineza: e o mancebo ſem mais detença monta a cavallo, e o picava para ſaltar ao rio. O cavallo com as picadas ſe detinha, e recuava, que parece moſtrava ter mais juizo que o cavalleiro. Replicou a mulher, dizendo: Picais a medo? Reſpondeo elle: Como a medo, ſenhora, que por vos dar goſto vereis com eſta picada o cavallo affogado no rio, e a minha alma ſepultada no Inferno. Precipitou-ſe no Draoul. lib. exempl.

rio,

rio, e salvando-se o cavallo a nado, o desgraçado mancebo appareceo no dia seguinte em huma margem do rio tão desfigurado, e medonho, que fazia horror a quem o via, como hum cadaver do Inferno. Peço ao pio Leitor faça comigo esta reflexão entre o amor de Christo, e o amor profano. O amor de Christo pede que para se livrar do cativeiro da luxuria, façais huma disciplina, hum jejum, ou outra mortificação, e logo respondeis ao Confessor, que não podeis. Manda o amor profano por meio de huma mulher sem juizo, que para nunca mais apparecer na sua presença se precipite em hum rio, se affogue, e sepulte no Inferno; e hum desgraçado homem obedece com presteza, e vai ao Inferno padecendo huma morte tão violenta, qual he a dos affogados. Estas são as prizões, e cadeias do vicio da luxuria, que chegão a atar fortemente ainda o livre alvedrio, e entendimento de hum homem. E que confusão será a deste miseravel no dia do Juizo, quando na presença de Deos, e do mundo, todo se verá condenado por causa do arrojo da sua torpe affeição!

Confirma esta verdade o Espirito Santo, quando diz: *Funibus peccatorum suorum constringitur peccator*: O peccador está ligado estreitamente com as correntes dos seus peccados. Quereis saber quaes são os fuzis destas correntes? Eu o declararei com as palavras de Santo Agostinho, que fallava como experimentado: *Suspirabam ligatus, non ferro alieno, sed mea ferrea voluntate: quippe ex voluntate perversa facta est libido; & dum servitur libidini, facta est consuetudo, & dum consuetudini non resistitur, facta est necessitas, quibus quasi annulis sibi innexis tenebat me obstrictum dura servitus*: Estava suspirando (diz elle) por me ver prezo não em correntes de ferro, mas

Prov. 5. 22.

Aug. l. 3. Conf. c. 5.

da

da minha propria vontade, que era mais dura que o ferro. Deſta minha perverſa vontade ſe originou a concupiſcencia, em que ardia: por ſatisfazer á concupiſcencia adquiri o máo habito de peccar: do máo habito de peccar me naſceo huma neceſſidade, que me violentava ao peccado; e tudo iſto me ligava tanto, que me via em hum eſtreito cativeiro do Inferno. Devemos ponderar bem aquellas palavras: *Facta eſt conſuetudo, facta eſt neceſſitas*; porque o máo habito, e coſtume no peccar faz tanta força ao coração humano, que o faz como peccar por natureza, ſegundo aquelle axioma: *Conſuetudo eſt altera natura*: Que o habito vem a fazer-ſe como natureza.

Encarece mais eſta verdade Jeremias, comparando eſte máo habito do peccado ás qualidades por natureza inalteraveis: *Si poteſt Æthiops mutare pellem, aut Pardus varietates ſuas: & vos poteritis benefacere, cùm didiceritis malum.* Aſſim como não póde hum negro mudar a côr da ſua pelle, nem hum Leopardo a variedade das ſuas cores, aſſim não deixará o peccado hum peccador habituado. Toda a agua dos rios, e ſabão de Europa, lavando hum Ethiope, não o farão branco: donde naſceo o proverbio *Æthiopem lavat.* Todos os aviſos, reprehensões, ameaças, e caſtigos não acabarão com hum peccador habituado na ſenſualidade a largar o ſeu peccado. Mas por que ſe ſerve o Profeta das duas comparações, do Ethiope, e do Leopardo? Não baſtava a primeira para explicar o intento? Não, porque na ſegunda ſe contém huma boa doutrina. As manchas de Leopardo ſe podem tirar, cortando, e rapando-lhe todos os cabellos da pelle; mas creſcendo outra vez os cabellos, tornão outra vez as manchas. O meſmo ſuccede em hum ſenſual habituado. Vem o tempo da Quareſma, procura cortar

Jerem. 13. 23.

tar, e tirar estas manchas por meio de huma confissão; (em caso que seja bem feita) mas como lhe ficão as raizes, a saber, o máo habito, que tinha de peccar, tomão força as raizes dos máos habitos, e brotão em novos peccados, e póde ser que em tantos, ou mais que dantes. E póde chegar a tal excesso a dureza, e obstinação de hum luxurioso por causa da sua habituação no peccado, que não seja bastante meio algum daquelles, de que usa hum sabio Prégador, ou hum déstro Confessor, para o desatar destas tão fortes cadeias, como succedeo áquelle, de quem refere Drexelio, Author celeberrimo, que dizia: Deixai já, e acabai de me fazer medo com tão terriveis ameaças, porque vos protesto, que se me fizesseis aqui apparecer á mão direita a morte com a fouce para me cortar a vida, e á mão esquerda os demonios para me levarem ao Inferno, ainda que eu quizera, não poderia largar este fadario de tornar aos meus gostos, porque com elles, e por elles hei de morrer.

Não duvido da louca resolução, com que fallava este malvado; pois sendo elle já feito escravo da sua sensualidade, achava-se com saude, e ainda forte, e rebusto para continuar nos seus deleites. Via a morte muito ao longe, e considerava o Inferno como em perspectiva, onde aquelle fogo não lhe fazia mais impressão, que como pintado. Não porém assim se estivesse na cama com huma doença mortal desesperado dos Medicos, abatido de forças, abandonado de todos, e já com o sirro na garganta, que então se pudesse fallar, diria por experiencia com o Profeta David: Já me cercárão as dores da morte: *Circumdederunt me dolores mortis*, e que já persentia as dores do Inferno, que tão horrorosas, e medonhas o estavão cercando: *Dolores Inferni circumdederunt me.*

O que

O que mais me admira, e espanta, he hum caso, que direi muito a proposito, e servirá tambem de prova concludente para remate deste terceiro ponto. Vivia em Napoles hum mancebo nobre, que morrendo-lhe os pais, sendo menino, ficou debaixo da tutela de huns parentes, que mais tratárão de lhe conservar a fazenda, que de dar-lhe boa educação dos costumes. Creou-se bem mal, para viver peior, e para com mais liberdade satisfazer aos seus appetites, contava os dias, e as horas, que lhe faltavão, para ficar emancipado. Já livre dos tutores, e senhor da sua fazenda, em breve tempo como outro filho prodigo: *Dissipavit substantiam suam, vivendo luxuriosè.* E não só a gastou, e dissipou, mas (como explica mais claro o Euangelista S. Lucas) a devorou: *Devoravit cum meretricibus.* Reduzido a huma extrema miseria, lhe era necessario ir a casa de algum parente, ou conhecido a pedir-lhe o necessario para o sustento daquelle dia, que movidos da sua miseria, lhe não faltavão com a caridade que pedia. O agradecimento, com que pagava este beneficio, era furtar-lhes alguma peça de prata, e logo levalla a casa de huma mulher, que assim como o obrigava impudica a deshonestos tratos, o impellia tambem a semelhantes furtos, sendo só estes a causa dos carinhos fingidos daquella enganadora, que se o recolhia risonho, quando lhe trazia dadivas, não o admittia, se sem ellas a procurava. Fiai-vos agora no amor de semelhantes mulheres, e perdei-vos por ellas! Bem perdido andou este miseravel moço; pois para continuar na sua torpe amizade, vendo que já nem parentes, nem amigos o admittião nas suas casas, de domestico passou a ladrão de estrada; e sendo grandes os indicios, foi interrogada a amiga, que como se fosse mortal inimiga, con-

fessou de plano os furtos, com promessa (por não ser julgada complice) de entregar á justiça o desgraçado amante. Não tardou este com outro furto a ir visitalla, e presentallo ao seu idolo, de quem nunca foi tão bem recebido, e agazalhado, nem com maiores caricias, nem com melhor cea. Acabada esta, mandou logo a fingida amiga aviso á justiça, que vindo com diligencia cercárão toda a casa, entrárão dentro, e prizionárão o miseravel moço, o qual á vista do furto, que juntamente cahio nas mãos da justiça por industria da fingida amiga, como outra Dalila traidora, foi levado logo á cadeia, onde confessou sem difficuldade huns, e outros roubos, que tanto mais fizerão prova concludente, para ser sentenciado á morte. Vendo pois que esta pelos crimes lhe era irremissivel, tratou de reconciliar-se com Deos por meio da penitencia, para poder ir gozar de melhor vida na Celestial Patria. Já desenganado chorava, e abominava as miserias desta vida, arrependido não só dos roubos, e damnos, que tinha feito ao seu proximo; mas tambem de ter prodigamente dissipado toda a propria fazenda *vivendo luxuriosè*, conhecendo quanto melhor fora, se a tivesse gastado com os pobres, o que além de ser hum acto heroico, seria tambem caridade meritoria para com Deos. Com esta boa disposição sahio da cadeia, e caminhava para o patibulo no meio de dous Religiosos, levando o Crucifixo diante dos olhos, para poder contemplar, com quanta paciencia, e humildade o mesmo Senhor soffreo ignominiosa morte, sendo innocente, por nos salvar; e succedendo passar pela mesma rua, onde estavão as casas da amiga, levantou os olhos para a janella, e a vio toda alegre, e carinhosa; (caso incrivel, se não succedêra em presença de tanta gente, que o acompanha-

va)

va) e baſtou eſta viſta, que teve o tal moço, para lhe perturbar o juizo, e fazer-lhe tal commoção dos eſpiritos, que caminhando elle naquelle ultimo tranſe mais morto, que vivo, tomou tal brio, e alento para pertender com hum impetuoſo arranco eſcapar das mãos do algoz, e metter-ſe em caſa da amiga, mas como elle hia algemado, a falta da liberdade o fez cahir no chão junto da porta da ſua perdição. Acudírão logo os Miniſtros de juſtiça todos attonitos do ſucceſſo; e levantando-o em pé, o impellírão a caminhar com mais preſſa para a forca. Oh cegueira total do entendimento! Oh força predominante da natureza corrupta! Eis-aqui a prova de Santo Agoſtinho: *Dum conſuetudini non reſiſtitur, facta eſt neceſſitas*: quer dizer, que em razão do máo habito chega hum perverſo luxurioſo a ſer quaſi neceſſitado a peccar, e perder-ſe; verificando-ſe neſte caſo, o que já deixou eſcrito hum Gentio de grande ſaber: *Naturam expellas furca, tamen ipſa recurret.* Horat.

Não he de menor conſideração nos condenados o tormento do bicho da conſciencia, do qual faz menção Chriſto bem noſſo por S. Marcos, affirmando que he hum tormento, que nunca acaba: *Et vermis eorum non moritur.* Ora ſe conſiderarmos o que padece hum luxurioſo neſta vida, acharemos, que ainda neſte mundo padece anticipadamente eſte tormento. Tem o luxurioſo no ſeu coração huma caſta de bicho, que o deſpedaça, hoje por ſoſpeitas inuteis, á manhã por deſejos violentos, já por ciumes, e zelos endiabrados, e algumas vezes por vinganças impoſſiveis; e ajuntando-ſe algumas vezes todas as paixões no entendimento, e na vontade, padece hum tormento inexplicavel. E não he menos o remorſo, ou latidos, que ſempre lhe dá o cora- Quarto ponto. Marc. c. 9. 44.

ção, de que o caminho que leva, he o da perdição, porque Deos como recto deve castigar a sua depravada vida. Este remorso da consciencia era o que atormentava ao infeliz Cain. He digno de reparo o
Gen. 4.25. que disse Cain depois de matar a Abel: *Omnis, qui invenerit me, occidet me*: Que toda a pessoa que o encontrasse, o havia de matar. E quem o havia de matar, se elle ficou unico filho de Adão, e Eva, e não havia outra pessoa no mundo, mais que elle, e seus pais? Ah que este medo era causado do remorso da consciencia; e quando as folhas das arvores movidas do vento fazião rumor, lhe parecião exercitos, que o vinhão prender, para o matar. Quin-
Quint. tiliano clamando em Roma, disse: *Oh tormentis omnibus gravior conscientia*! Suetonio fallando de Ti-
Suet, in Tib. vit. berio affirmou: *Nihil est miserius, quam mala conscientia*; e Seneca convem com todos, que a consciencia he o algoz, que atormenta continuamente a quem obra mal: *Verè consentiamus mala facinora conscientia flagellari*. Finalmente concordão os Santos Padres,
Greg. in Psalm. 43. ser huma das maiores penas de hum peccador: *Inter multiplices tribulationes, & innumerabiles animi molestias nulla est maior conscientia delictorum*. Assim S. Gregorio concordando com Santo Agostinho.

Mas como (direis vós) não despertão com este remorso da consciencia os luxuriosos para a emenda? Respondo, que esta he a propriedade do vicio da carne, que quanto mais se radica com a continuação dos actos, tanto mais se apaga o lume da razão, até se extinguir totalmente o remorso. Fazia viagem de noite Luthero com huma Freira, que tinha tirado do seu Convento, para se casar com ella. O luar era clarissimo sem nuvem alguma, que impedisse a vista das Estrellas. Aconteceo dizer a Freira estas palavras: Oh que bello Ceo alcatifado de

Es-

Eſtrellas, e que ſerá o Paraiſo! He belliſſimo, (reſpondeo Luthero) mas não he para nós. E porque? (replicou a Freira) Então Luthero: Deos me bateo á porta do coração por dezeſete annos com hum remorſo de conſciencia, que me não permittia deſcanço; até que reſiſtindo eu ſempre, e fazendo peior, fiquei livre deſte açoute, e já não cuido no Paraiſo, e menos no Inferno. Oh que deſgraça! Oh deſamparo da graça de Deos, quando deixa huma alma entregue ao appetite da carne para viver brutalmente, continuando nos máos habitos, ſem remorſo algum da conſciencia, até morrer no peccado! He o que diſſe Chriſto aos Judeos: *Ego vado, & in peccato veſtro moriemini.* Deſenganai-vos, que não ha vicio, com que o demonio conduza mais alma para o Inferno, que o peccado da luxuria: *Magis per carnis luxuriam humanum genus ſubditur diabolo, quam per cætera vitia*; (diz Santo Iſidoro) e dá a razão, porque o demonio obra com os libidinoſos, como o corvo com os cadaveres, que a primeira couſa, que lhes devóra, são os olhos; aſſim elle lhes céga primeiro o lume da razão, que he como os olhos da alma, a fim que não conheção o ſeu peſſimo eſtado. O meſmo affirma Santo Agoſtinho, dizendo, que o demonio com os mais vicios peſca as almas como com o anzol; mas com o vicio da luxuria peſca como com rede, que apanha grande quantidade, ſegundo o dito de Habacuc: *Et totum congregat in rete ſuum*; e por iſſo S. Remigio chegou a dizer, que ſe exceptuarmos os meninos, que morrem innocentes, dos adultos por cauſa do vicio da carne poucos ſe ſalvão: *Exceptis parvulis, ex adultis propter carnis vitium pauci ſalvantur.*

Iſid. lib. 2. c. 34.

Hab. c. 1.

S. Rem. Apolog. 2. reſp. 24.

Corre entre os luxurioſos alguma opinião, que o peccado da carne he o mais facil de perdoado por

Deos, e com isto se facilitão a peccar, e induzem tambem a muitos innocentes a cahirem no peccado. Eu não nego que Deos póde, e quer perdoar este peccado a quem verdadeiramente se arrepende de o haver commettido; mas se lançarmos os olhos aos castigos, com que Deos punio este peccado, acharemos que não ha esta facilidade em Deos para o perdoar, qual nós imaginamos: *Luxuriæ facinus præ aliis atrociori vindicta punitum legimus.* (diz S. Thomaz de Villa-nova) Quer dizer, que nenhum peccado castigou Deos com maior severidade, que o peccado da luxuria. Os exemplos claramente o provão. Lembrai-vos do rigor, com que castigou os moradores infames das quatro Cidades de Pentapolis, abrazando tudo com hum fogo tão voraz, que até as casas, e pedras reduzio a cinzas, como se fossem réos de lésa Magestade; e se perguntares a causa de tão horrendo castigo, achareis que foi a sensualidade, em que vivião. Lembrai-vos do diluvio immenso de aguas, com que Deos çoçobrou o mundo todo, no qual perecêrão todos os viventes da terra, salvos sómente os que escapárão dentro da Arca; e se examinares a causa, vos responderá a Escritura: *Dixit Deus: Non permanebit Spiritus meus in homine, quia caro est.* A sensualidade, com que vivião os homens sobre a terra, foi a causa de castigo tanto universal, no qual perecêrão culpados, e innocentes. Ora deste rigor de Deos em castigar este vicio podereis inferir legitimamente a facilidade em o perdoar, para com esta confiança continuares a peccar carnalmente? Certo he que não.

S. Thom. fer. 4.

Não quizera porém que das verdades deste Discurso tomasse algum dos meus ouvintes, habituado no vicio da sensualidade, motivo para desesperar. Dai-me attenção. He verdade que o vicio

da

da ſenſualidade he difficiliſſimo a largar-ſe, principalmente de quem vive habituado nelle. He verdade que o máo habito neſte vicio paſſa como a natureza, fazendo como huma neceſſidade a continuar no peccado; mas tambem he verdade, que ajudado hum homem com a graça de Deos, que da parte ſua não falta, póde tomar huma reſolução de o largar totalmente, e livrar-ſe de tão eſtreita prizão. Não vos quero allegar outro exemplo, ſenão o de Santo Agoſtinho, tão celebre em a Igreja Catholica. Agoſtinho, ſendo Maniqueo, viveo tantos annos perdido neſte vicio com tantas raizes, que lhe parecia quaſi impoſſivel o largallo; com tudo feito Catholico achou por experiencia que ſe podia vencer, e dá o remedio com huma ſemelhança, que quando a propunha aos ſeus ouvintes, lhe pedia toda a attenção.

Equus, (diz elle) *non ſe domat*, *elephas non ſe domat*, *leo non ſe domat*, *ſic & homo non ſe domat. Ut dominetur equus*, *elephas*, *leo*, *quæritur homo*: *ergo quæratur Deus*, *ut dominetur homo. Domuiſti equum*, *quem non feciſti*, *& non domabit te*, *qui fecit te*? Quer dizer: Hum cavallo, hum elefante, e hum leão não ſe doma a ſi meſmo; aſſim da meſma maneira hum homem não ſe doma a ſi meſmo. Para domar o cavallo, o elefante, e o leão, he neceſſario o homem, que he ſuperior a todos: *Omnia ſubjeciſti ſub pedibus*; e para domar o homem, he neceſſario recorrer a Deos, que he ſuperior ao homem. De maneira, que aſſim como o homem amança huma féra, que não creou, aſſim Deos póde amançar o homem, que creou. Mas com eſta differença, que como Deos creou ao homem em livre alvidrio, a ſaber, com vontade livre, e quer conſervar eſta liberdade ao homem, por iſſo ainda que Deos poſſa *de potencia abſoluta* amançar

Aug. Serm. 4. de verb. Ap.

çar o homem, isto he, fazer-lhe mudar a vontade; com tudo *de modo ordinario* não lhe muda a vontade, sem o homem consentir nesta mudança. E para haver esta mudança, que deve fazer o homem? O mesmo Santo o declara em humas palavras seguintes: *In illo spes est, & nos subdamur, & misericordiam precamur.* Quer dizer: Em Deos está toda a nossa esperança, humilhemo-nos diante delle, peçamos instantemente a sua graça, o seu favor, e a sua misericordia, e deste modo poderemos alcançar esta mudança, poderemos sahir deste atoleiro, em que nos tiver mettido o nosso máo habito da sensualidade.

Psalm. 68. Assim fazia David, quando dizia: *Salvum me fac Deus, quoniam intraverunt aquæ usque ad animam meam*: Senhor, ajudai-me a salvar, porque eu me vejo submergido nas correntes dos meus peccados. Chamava com instancia a Deos, no qual punha toda a sua esperança, e por isso replicava: *Laboravi clamans, dum spero in Deum meum.* Devemos porém advertir, que o Santo Profeta no mesmo tempo, em que esperava de Deos o favor de se ver livre das suas culpas, trabalhava, e cooperava tambem da sua parte para se livrar. Essa força tem aquella palavra *laboravi.* Recorria, e pedia a Deos que o livrasse; mas no mesmo tempo fazia diligencia para se livrar: *Laboravi clamans.* Deos da sua parte está prompto a livrar o luxurioso habituado no peccado do habito vicioso, que o tem ligado, e prezo; mas he necessario que elle da sua parte faça diligencia para romper estas prizões, e vencer o seu máo costume. Para fazer esta diligencia, se deve ajudar do temor de Deos, temendo o seu juizo, a sua sentença, e os seus castigos, que serão por toda a eternidade; porque este temor será bastante não só a fazer-

zer-lhe romper as prizões do ſeu deplorado eſtado, mas tambem a extinguir-lhe todas as raizes do ſeu máo coſtume, fazendo que em lugar do máo, ſuccedа o bom habito, e coſtume. O meſmo Santo Agoſtinho: *Veternoſiſſima conſuetudo timore frænatur, frænata reſtringitur, reſtricta langueſcit, langueſcens emoritur, & malæ conſuetudini bona ſuccedit.* Quer dizer: Hum máo coſtume de muito tempo com o temor ſe refrea, refreado ſe vai apertando, apertado eſmorece, e eſmorecido vem a acabar, e em ſeu lugar ſuccede hum coſtume bom. Aſſim ſuccedeo ao meſmo Santo Agoſtinho, e a outros tantos Santos, e peccadores, dos quaes ſe podia julgar difficiliſſimo o livrar-ſe das prizões dos ſeus depravados affectos. O meſmo vos ſucederá a vós, e principalmente ſe vos valeres, e prevaleres da interceſsão daquella Santiſſima Mãi, e amoroſiſſima Advogada dos peccadores, a qual aſſim como mereceo ouvir da bocca do Anjo S. Gabriel aquella ſentença de não ſer impoſſivel a Deos o fazer que foſſe juntamente Mãi, e Virgem: *Non erit impoſſibile apud Deum omne Verbum*, aſſim tambem merecerá alcançar de Deos a converſão de hum luxurioſo, que pela muita habituação no ſeu peccado, pareceria talvez impoſſivel a ſua converſão.

DIS-

DISCURSO X.

Do tormento dos Tyrannos, e Vingativos.

Potentes potenter tormenta patientur.
Sap. cap. 6.

NÃo ha duvida que a natureza humana tem huma terrivel inclinação á vingança. Corre, e se precipita a ella com tanta furia, que as mais das vezes não lhe dá tempo de consultar, e seguir a razão. Daqui nasce que em semelhantes casos hum homem affrontado se esquece de Deos, e de si mesmo, consente, e corre á vingança sem reparo, sem cautella, sem armas, e sem temor: despreza os maiores perigos, ou, para dizer melhor, não cuida nelles, nem os prevê, nem os vê. Não he facil explicar todos os movimentos, e perturbações, que a natureza humana offendida excita no coração, e na alma de hum homem injustamente aggravado. Não ha tormenta no mar tão desfeita, não ha na terra innundação de rios tão precipitada, não ha no mar vento, ou tuffão tão impetuoso, não ha no Ceo raios, ou coriscos tão penetrantes: *Nulla vis flammæ, tumidique venti*, que cheguem a hum animo enfurecido, a hum coração ardente, quando, correndo a vingança, quer ferro, fogo, e sangue para o total exterminio de hum seu inimigo: *Ardet, & odit.*

Sen. trag. in med.

Isto supposto, receio muito que succeda agora a mim, o que já aconteceo a Christo Senhor nosso, quando prégava ás turbas naquella occasião, em que alguns dos ouvintes estranhando a su- doutrina co-

TORMENTO DOS TIRANOS E VINGATIVOS

como difficultoſa, e impraticavel, o deixárão, dizendo: *Durus eſt hic ſermo, & quis poterit eum audire?* Funda-ſe eſte meu receio ſobre huns falſos dogmas, que enſinão os politicos do mundo. Primeiramente pertendem, que perdoar as injurias, e não ſe vingar dellas, ſeja hum preceito novo eſtabelecido contra os principios da natureza. Segundariamente, ſuppoſta a fraqueza humana, ſeja impoſſivel o poder-ſe guardar eſte preceito. E em terceiro lugar ſer de deſcredito a huma familia, e indigno de hum homem brioſo, e honrado. Por tanto determino neſte Diſcurſo moſtrar todo o contrario, provando que o preceito de ſe não vingar dos inimigos he natural, e tão antigo como a creação do mundo. Que he faciliſſimo, ainda que pareça impoſſivel. Que he generoſo, e louvavel, ainda que muitos maldizentes, e mal intencionados lhe chamem vil, baixo, e de covardes. E eſte ſerá o primeiro ponto. No ſegundo veremos os grandes tormentos, que padecerão no Inferno eſtes vingativos, e tyrannos, que não ſouberão uſar miſericordia com os ſeus proximos, caſtigando-os Deos com o maior rigor, e furor da ſua juſtiça, verificando-ſe delles, que: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Joan. c. 6.

Seria hum erro muito craſſo, e huma abuſão de grandes conſequencias o cuidar, ou imaginar que foi em algum tempo permittido a alguem odiar o ſeu inimigo, e tomar vingança delle. Quando Chriſto bem noſſo diſſe de ſua propria bocca aquellas palavras: *Audiſtis, quia dictum eſt antiquis: Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum*, fallava reprovando certos dogmas falſos, que andavão em tradição, para obrar a vingança; e eſtas são as tradições, que S. Paulo chama mentiras, e fabulas: *Inanem fallaciam ſecundum traditionem hominum.* E Santo

Coloſ. c. 1.

to Agostinho as censura como delirios dos Judeos: *Deliramenta Judæorum.* O preceito de não tomar vingança dos inimigos, e de amallos, e fazer-lhes bem, he tão antigo como o mesmo mundo, pois he fundado na Lei natural, que nos prohibe de fazer aos outros, o que nós não queremos fosse feito a nós: *Quod tibi non vis, alteri ne feceris.* Ora he cousa certa, e evidente, que quando nós temos, ou por desgraça, ou por malicia, offendido algum nosso proximo, queremos, e procuramos que não se vingue, nem nos persiga, que nos perdoe, e não tenha mais odio, que nos queira bem, e continúe com os seus favores. Logo, conforme a Lei da natureza, e do lume da razão, somos obrigados a fazer o mesmo com os nossos proximos, quando nos tem offendido, e aggravado: *Quod tibi non vis, alteri ne feceris.*

Podemos considerar a Deos ou como nosso Creador, ou como Redemptor nosso. Se o consideramos como Creador, e Author da natureza, o mandamento, que nos obriga a não tomar vingança dos nossos inimigos, e demais a mais amallos, e fazerlhes bem, foi feito desde a creação dos nossos primeiros pais Adão, e Eva. E se o consideramos como Redemptor, he tão antigo como a mesma Lei Euangelica, publicada pelo mesmo Filho de Deos feito homem. Deos, como Author da natureza, e Senhor soberano de todas as creaturas, se declarou, que nunca permittiria a vingança a pessoa alguma, segundo a intelligencia daquellas palavras por boca de Moysés no Deuteronomio: *Mea est ultio, & ego retribuam eis in tempore*: Eu reservo para mim a vingança, e quero ser só em fazer justiça, e vingarme a seu tempo. E no Levitico deixou escrito: *Non quæras ultionem, nec memor eris injuriæ civium tuorum.*

Deut. c. 13.

Levit. c. 16.

Não

Não buſqueis a vingança, e não vos lembreis mais das injurias, que vos fizerão. E S. Paulo fallando em lugar de Deos, diz: *Mihi vindictam, ego retribuam*: A mim ſó toca a vingança, e dar o caſtigo, que merecem os que vos maltratão. De tudo iſto ſe infere claramente, que ſó Deos tem juſto poder para vingar, e caſtigar os ſeus, e os noſſos inimigos: e tambem ſe infere por legitima conſequencia, que ſe houveſſe algum homem offendido, ou aggravado de outro homem, que ſe perſuadiſſe, ou julgaſſe ſerlhe licita, ou permittida a vingança contra o ſeu inimigo, violaria o titulo de Creador, uſurparia o direito ſupremo de Deos, e commetteria hum crime de leſa Mageſtade Divina, com querer apoderar-ſe da ſoberanía, que Deos tem ſobre todas as creaturas, ſendo eſta o brazão mais precioſo da ſua omnipotencia. Ad Rom. c. 12.

Não ſe contentou Deos de gravar nos corações humanos eſte dictame de não fazer mal aos noſſos inimigos; mas tambem por huma Lei poſitiva nos manda, que os amemos, e ſoccorramos nas ſuas neceſſidades: *Si eſurierit inimicus tuus, ciba illum.* Não he logo baſtante o não lhes ter odio, mas quer que os amemos, e ſoccorramos, como ſe foſſem parentes, ou amigos. Temos raros exemplos naquelles grandes Varões do Teſtamento velho. Moyſés, Legislador tão amoroſo, foi murmurado, e maltratado de palavras do meſmo povo de Iſrael, que tinha recebido delle tão grandes beneficios; e com tudo não ſó perdoa de coração áquelles ingratos, e rebeldes, mas roga a Deos por elles com tal fervor, que pede antes a morte, que ver o ſeu povo caſtigado: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut ſi non facis, dele me de libro tuo.* Não he menos para ſe admirar a paciencia, e manſidão de ElRei David, quando fugindo Prov. c. 25. Exod. c. 32.

do de Absalão, hum soldado por nome Semei começou a insultallo, e infamallo com improperios, atirando-lhe com pedras, e chamando-o homem indiabrado, amigo de fazer sangue, e complice de muitas mortes: *Ita autem loquebatur Semei, cum malediceret Regi, egredere, egredere vir sanguinum, vir Belial; mittebatque lapides contra David.* A' vista deste atrevimento, e desprezo contra a pessoa Real, Abisai Capitão da Guarda pedio a David permissão de fazer em pedaços aquelle maldizente; porém David o não permittio, dizendo que o deixassem continuar com aquellas affrontas, e maldições, pois executava nisto a vontade de Deos: *Dimitte eum, ut maledicat. Dominus enim præcepit ei, ut malediceret David.* Da mesma maneira fez Josè, porque não só perdoou a seus irmãos a injustiça de o quererem matar, e de o venderem por escravo aos Israelitas, mas que os abraçou com sinaes de amor sincero, remediando a sua fome com abundancia de mantimentos, e dando-lhes terras, e gados, para viverem com largueza: *Ego sum Joseph frater vester, quem vendidistis in Ægyptum: nolite pavere, pro salute enim vestra misit me Deus, ut escas ad vivendum habere possitis.* Quem poderá agora dizer á vista destes exemplos, que preceito de perdoar, e fazer bem aos inimigos seja novo, quando era tanto em uso desde as primeiras idades do mundo.

Reg. 2. c. 7. 26.

Gen. 45.

Vejamos agora como perdoar as injurias he cousa facil, ainda que a muitos pareça difficultosa, e a alguns impossivel. Primeiramente quem considerasse com attenção as penas, os trabalhos, e as difficuldades, que encontra quando arma, e tenta huma vingança contra o seu inimigo, acharia que era mil vezes mais conveniente perdoar-lhe, que tirar-lhe a vida. Em quanto não se vinga, vive sempre pertur-

turbado ſem paz, e ſem quietação. Não cuida em outra couſa que no modo mais ſeguro de ſe vingar. Soſpeitas, medos, peſquizas, e receios, são as occupações continuadas do ſeu entendimento. Não fallo nos gaſtos das eſpias, conſelheiros, e executores, que o inquietão, e lhe são cauſa de grandes deſpezas. Oh quanto mais facil he o perdoar, para viver ſoccgado, e contente! Era o Emperador Auguſto de huma memoria feliciſſima, tanto aſſim que chamava por ſeu nome a quantos ſoldados ſe numeravão no ſeu exercito, e lembrando-ſe de quanto via, e lhe dizião, diz o Hiſtorico, que ſó ſe eſquecia logo das injurias, que lhe fazião: *Nihil obliviſcebatur præter injurias.* Que maravilha, que reinaſſe tanto tempo, e governaſſe, com ter todo o mundo em paz! Julio Ceſar nas guerras civeis de Roma teve por ſeu competidor, e inimigo a Pompeo, que munido, e fiado em huma facção numeroſa, e valente, que o ſeguia, lhe fazia huma perpetua guerra. Finalmente Ceſar em huma batalha ficou victorioſo, e nos deſpojos do campo ſe achou hum pequeno eſcritorio, onde Pompeo guardava todas as cartas, que lhe eſcrevião de Roma todos os conjurados, e amigos. Não quiz Ceſar nem ver huma ſó carta, e na ſua preſença as mandou lançar todas no fogo, dizendo que ſeria mais agradavel o perdão aos traidores, e inimigos com ficarem encubertos, que depois de ſerem conhecidos: *Gratiſſimum putavit genus veniæ neſcire quid quiſque contra illum peccaſſet.* Se eſtes dous Principes tiveſſem genio para a vingança, lembrando-ſe hum das injurias, que lhe fazião, e querendo o outro ler as cartas, e deſcubrir os traidores, que perturbações, e rumores não haveria em Roma? Que odios, e temores nos que temião de ſerem culpados? Que murmurações nos ſeus amigos, e paren-

Suet. in vit.

Sen. l. 2. de ira c. 23.

rentes? Corria risco de renovar huma nova guerra no Imperio, se logo no principio do seu governo procurasse a vingança com o rigor da justiça contra os delinquentes; porém usando da clemencia, e perdão, até com os inimigos, ficou gozando de paz, e socego com ganhar os corações de todos. Logo claramente se vê, que he muito mais facil, e de maior utilidade o perdoar as injurias, que o vingar-se dellas.

Esta prova porém, ainda que satisfaz á razão, e he mui conforme á experiencia, com tudo bem considerada, se póde achar nella muito do politico, ou do humano. Mais nobre motivo he sem dúvida amar o inimigo, e fazer-lhe bem, não por conveniencia propria, mas unicamente por dar gosto a Deos, e fazer-lhe a sua vontade, pois assim o quer, e assim
Matth. c. 5. o manda: *Diligite inimicos vestros, benefacite iis, qui oderunt vos*; e acharemos que os seus Mandamentos não são difficultosos, e pezados, como os pintão
Joan. Ep. 1. os malevolos: *Mandata ejus gravia non sunt.* Acharemos que a sua Lei he mui facil, e o seu jugo mui ligeiro, e suave: *Jugum meum suave est, & onus meum leve.* Todas as creaturas sensitivas não tem difficuldade alguma de obedecer a Deos, e até as insensiveis, sem mostrar repugnancia, se esmerão em fazer-lhe a vontade: *Ignis, grando, nix, glacies, spiritus procellarum, quæ faciunt verbum ejus.* Só a creatura racional, que he o homem, onde com obedecer devia sentir alivio, resiste, e sente pena. Quando hum grande Principe, ou Monarca da terra manda alguma cousa difficil, os subditos para serem benemeritos fazem faceis as mesmas difficuldades, para allegar maiores serviços, e merecimentos. Pois Deos, que he o Supremo Monarca do Ceo, e da terra não terá o mesmo poder, declarando-se que esta h

a sua

a ſua vontade, que aſſim o quer, e aſſim o manda: *Ego autem dico vobis: Diligite inimicos veſtros, benefacite iis, qui oderunt vos.*

Já houve certo Principe antigamente na Grecia, o qual juſtamente irritado, e não podendo mais ſoffrer as injurias, e deſprezos, que recebia dos Athenienſes, poz cerco á Cidade, e já como rendida, mandou ſe lhe puzeſſe o fogo em todos os cantos, para a reduzir em cinzas. Foi-lhe dito que na Cidade havia hum painel do famoſo Apelles, venerado naquelle tempo como o deos da pintura. A conſideração deſta imagem, que repreſentava a Jupiter falſo deos com os raios na mão, esfriou de tal ſorte o coração do Principe, que perdoou ao Magiſtrado, e povo daquella inſigne Republica. Bem ſei que no noſſo inimigo não ha couſa alguma, que não peça vingança, que não accenda a noſſa ira. A ſua lingua vos tira a reputação, e a fama; as ſuas mãos talvez manejão, e guardão indevidamente a voſſa fazenda; o ſeu coração he de hum tigre, que vos deſpedaçaria, ſe pudeſſe; o ſeu entendimento cuida, e fomenta penſamentos, para vos fazer mal; e finalmente a ſua vontade intenta de vos deſtruir, e aniquillar. Com tudo ſe nas paixões de voſſo inimigo conſiderares gravada a Imagem de Deos, em quanto elle he feito á ſua ſemelhança: *Creavit Deus hominem ad imaginem, & ſimilitudinem ſuam*; eſta Imagem, que he como hum raſgo da ſua bondade, e formoſura, faz eſquecer logo as affrontas, e inſultos, que são como ſombras, que verdadeiramente desluſtrão a Imagem do ſupremo Pintor, digno de toda a veneração, e reſpeito, pois he o meſmo Deos ſummamente bom, e infinitamente agradavel.

Daqui naſce que ſe movidos deſta conſidera-

ção, e deste motivo, perdoamos, e fazemos bem aos nossos inimigos, amamos, e honramos a Deos com o mais eminente modo, com o que póde amar a creatura racional. A razão he, porque como nos Mysterios da Fé (dizem os Theologos) a authoridade, e veracidade de Deos, que lhe serve de motivo, se mostra tanto mais potente, quanto o objecto, ou mysterio tem menos razões evidentes, que o fação crivel, assim tambem quanto maior difficuldade temos no perdoar ao inimigo, tanto mais reluz a authoridade de Deos sobre a nossa liberdade, e sobre a nossa paixão, que propende naturalmente a fazer mal a hum inimigo indigno talvez do perdão. Reconhecer a Deos em hum Rei, em hum Principe, não he cousa mui difficil; porque ainda que a authoridade Divina assim mo ordena, com tudo he munida da mesma Magestade temporal de Principe, do seu poder, e authoridade, em quanto Ministro do mesmo Deos: *Gladium portat, & Minister Dei est.* Rom. c. 13. Considerar a Deos em hum pobre, que cuberto de chagas morre de fome, tambem não he difficultoso, porque a compaixão natural nos move a ter piedade da sua miseria, e a pobreza não faz obstaculo para crermos que Deos está nelle. Porém reconhecer a Deos em hum inimigo, honrar, e amar huma sua imagem em hum homem, que em o vendo diante me perturba naturalmente a razão, me accende o sangue, me irrita a colera, e com tudo para obedecer a Deos, reconheço nelle a sua imagem, venço toda a minha repugnancia, o abraço, e me declaro por seu fiel amigo; este fim, que o amor mais puro, he o acto mais heroico da mais perfeita caridade de Deos, da qual faz menção S. João: *Si dilexerimus invicem, charitas Dei in nobis perfecta est.* 1. Joan. 2.

He cousa digna de reparo, que querendo Deos fa-

fazer-se visivel aos homens, appareceſſe a Moysés no meio de huma çarça: *Apparuitque ei Dominus in flamma ignis de medio rubi.* Exod. c. 3. E não era melhor que para maior ostentação da sua grandeza appareceſſe na summidade de hum cedro bem copado, ou de hum loureiro como Deos victorioso, e triunfante, já que se intitula Senhor dos Exercitos: *Dominus Exercituum?* Reg. 2. c. 7. Não: escolhe huma çarça, que he huma arvore de espinhos a mais desprezivel, e esteril de todas, e que nada tem de attractivo, ou de benefica aos homens, para deste modo realçar melhor a Magestade, e formosura de Deos, e attrahir mais heroicamente os corações dos homens, os quaes parece affastava de si o horror dos mesmos espinhos da çarça. Do mesmo modo Deos nunca se manifesta mais soberano, e glorioso nas suas creaturas, que quando os homens o reconhecem, venerão, e adorão em hum seu inimigo, que como huma çarça espinhosa, não serve para outra cousa mais que para o offender. Esta he a doutrina, que ensinou Christo Redemptor nosso, que prégárão, e praticárão os Apostolos, aos quaes imitando os Christãos da primitiva Igreja, com notavel facilidade perdoavão, e se reconciliavão com os seus inimigos, sabendo que era o sacrificio mais grato, e de maior honra, que se pudesse fazer a Deos. Cousa admiravel (diz Tertulliano) era uso corrente naquelle tempo o não reinar entre elles inimizades, que dizião: *Christianus nullius est hostis*, Tertul. e corria como em proverbio, que era virtude propria dos Christãos amar o inimigo: *Christiani inimicum diligere est*; P. de Jeunt. tanto assim que os Idolatras veneravão por argumento da nossa Fé este perdão das injurias, discorrendo ser verdadeiro Deos o Deos dos Christãos, pois tinha tanto poder sobre os seus corações, que os obrigava não só a perdoar,

mas tambem a amar os mais inimigos, e soccorrellos nas suas necessidades.

Resta agora provar para conclusão deste primeiro ponto, que não he vileza, mas antes generosidade de hum coraçaõ nobre, o perdoar aos inimigos. Deixo por agora os argumentos forçosos dos sabios antigos, que guiados com o lume da razão ensinárão esta doutrina, e a praticárão com o exemplo. Maior credito, e força tem o Texto Sagrado, que diz, que todos aquelles, que são amigos de Deos, vivendo na sua graça, nunca fazem acção vil, nem baixa. A honra, e a gloria seguem as suas obras:

Psalm. 138. *Nimis honorificati sunt amici tui Deus.* Deos não quer ao seu serviço senão animos generosos, e que tem brio. Por isto diz, que o Reino do Ceo não se conquista,

Matth.c.11. senão com valor, e força: *Regnum Cœlorum vim patitur, & violenti rapiunt illud.* Logo quando Deos manda que perdoemos as injurias, se deve entender sem dúvida alguma que he acção muito honrada, e glorioſa; e se não fora tal, o mesmo Deos feito homem a não faria, como sabemos a fez na Cruz, per-

Matth. doando aos mesmos que o crucificavão: *Pater, dimitte illis, non enim sciunt, quid faciunt.* E Salamão com a sua sapiencia infusa não deixou de nos advertir, que a omnipotencia Divina especialmente consiste em ter compaixão, e perdoar as injurias dos que a

In Miss. offendem: *Misereris omnium Deus, quia omnia potes.* E a Santa Igreja alumiada, e animada com o mesmo Espirito, diz nas suas orações, que nunca reluz melhor a gloria de Deos, nem mais se dilata a sua omnipotencia, que quando perdoa aos peccadores, que

Dom. Epiphan. a offendem: *Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maximè, & miserando manifestas.*

Mas porque razão Deos se mostra mais soberano, e se augmenta a sua gloria, e triunfa a sua omni-

nipotencia, não ſe vingando das injurias, e offenſas, que os homens lhe fazem? A razão he, porque eſte he o mais potente, e glorioſo modo, que a ſua ſapiencia infinita toma para ficar perfeitamente deſaffrontado, ſatisfeito, e triunfante do atrevimento, e rebeldia dos ſeus inimigos. Vingar-ſe nobremente, e perfeitamente do ſeu inimigo, he deſtruir o odio, que elle tem arraigado no ſeu coração contra vós; he trocar eſte ſeu odio em amor, e fazer que vos ame com todas as véras. Quem mata o ſeu inimigo, não mata o odio, que vos tem, antes ſuccede as mais das vezes, que quando morre o tal inimigo, o ſeu ultimo ſuſpiro he de ordinario hum final de maior furor, e raiva contra vós: logo o matar o inimigo em rigor não he vingança, porque não deſtroe a inimizade; antes ſe elle vai ao Inferno, a augmenta em dobro por toda a eternidade. Neſta ſuppoſição de poderes vós extinguir o odio, que vos tem o voſſo inimigo, neſta tal ſuppoſição direi, que fazeis bem em perſeguir, e procurar aniquillar o ſeu odio: mais iſto ſó ſe póde fazer, perdoando-lhe, e procurando juntamente de o reconcilliar com beneficios.

Quem he eſte voſſo inimigo? Succede talvez que he hum voſſo parente, e certamente he hum voſſo proximo. Bem eſtá. He axioma dos Filoſofos, que huma ſubſtancia nunca póde ſer contraria á outra ſubſtancia: *Subſtantiæ nihil eſt contrarium.* Que couſa vos he contraria neſte voſſo inimigo? Não o ſeu corpo, não a ſua alma, não a ſua nobreza, não as ſuas riquezas, e talentos, porque ſuccede muitas vezes que eſte voſſo inimigo he amado, eſtimado, e correſpondido de muitos outros, logo he o ſeu vicio, ou a ſua paixão o ſeu odio, e a ſua inveja, com a qual, e pela qual vos perſegue. Pois contra Ariſt. Fiz.

esta he que vos deveis armar, e pelejar: esta he a que deveis destruir, e aniquillar, e nunca o consiguireis, desejando-lhe, ou fazendo-lhe mal. Hum contrario nunca se vence senão com outro contrario. O fogo não se apaga com outro fogo, antes cresce, e se augmenta o seu calor; com o seu contrario porém, que he a agua, se extingue. Huma doença procedida do calor, se lança fóra com os remedios frios: *Contraria contrariis curantur.* Do mesmo modo desengane-se quem tem contrarios, emulos, e inimigos, que as inimizades não se compõem com outras inimizades, mas com usar de cortezias, vencendo huma malquerença com hum beneficio, hum rigor com huma brandura, huma furia com hum acto de paciencia, hum odio com hum amor, e finalmente o mal com o bem. He a verdadeira doutrina de Christo, como ensina Santo Agostinho: *Noli vinci à malo, sede vince in bono malum: Non ores, ut moriantur inimici tui, sed ut corrigantur, & mortui erunt inimici, jam enim correcti non erunt inimici.*

Gal. de morb.

Aug. l. 4. de Civ.

Para conclusão deste primeiro ponto referirei duas celebres historias, com que Deos triunfou de dous grandes seus inimigos: huma do Testamento velho, e outro do novo. Vendo Deos a obstinação de ElRei Faraó, e o seu coração sempre mais duro em perseguir o povo escolhido, ordenou a Moysés, que batendo com a sua vara o mar vermelho, o dividisse, e logo se fez hum caminho de terra, servindo as aguas como de muros de crystal para franquear a passagem aos Israelitas: *Et ingressi sunt Israelitæ per medium sicci maris; erat enim aqua quasi murus à dextra eorum, & læva.* Mandou Faraó ao exercito, que fosse em seguimento para os degollar a todos; porém levantando Moysés a vara, tornárão logo as aguas ao seu lugar, e alli coches, car-

Exod. c. 13.

carros, cavalleiros, e cavallos ficárão todos affogados sem escapar hum só: *Nec unus quidem superfuit ex eis.* Foi tão completa esta victoria, e tão glorioso este triunfo aos Israelitas, que em acção de graças cantárão aquelle famoso Cantico: *Cantemus Domino, gloriosè enim magnificatus est, equum, & accensorem dejecit in mare.* Saulo não era menos furioso contra os Christãos, que Faraó contra os Hebreos, desejando, e pedindo poder para prender, e extinguir os Apostolos, e sequazes de Christo: *Saulus adhuc spirans minarum, & cædis in Discipulos Domini.* Foi necessario que Christo o derribasse do cavallo, e prostrado em terra estivesse trez dias espantado, cego, e sem comer: depois tornando em si, e conhecendo quão poderosa era a palavra de Christo, de bravo leão se fez manso cordeiro, de perseguidor da Igreja, propagador da mesma, e de vaso de ira, vaso de eleição: *Vas electionis est mihi iste.* Esta he a vingança, que Deos Redemptor nosso quer tomemos dos nossos inimigos, não como Faraó, que querendo perseguir, e matar, ficou com todo o seu exercito affogado, e morto no profundo abysmo do mar vermelho: *In profundum abyssi.* E vós tambem com o coração duro em não querer perdoar, ficareis sepultado no abysmo do Inferno. Pelo contrario, enchendo de graças, de cortezias, e de beneficios o vosso inimigo, de vaso de ira, de odio, e de rancor contra vós, o trocareis em hum vaso de eleição, de amor, e de agradecimento.

Nem me digais que só Deos póde fazer isto, e não hum peccador fragil, e sensitivo, porque vos apresento o exemplo de hum gentio, o qual narra Seneca, varão tão authorizado no mundo. A Augusto Cesar, quando já em paz, e triunfante, em França teve noticia por cartas, que Cinna, Fidalgo tur-

bulento, lhe armava huma conjuração para o depôr do throno, e para maior certeza hum dos conjurados, tomada a impunidade, lhe declarou o lugar, e o como, e o quando se havia de executar esta traição. Perturba-se Cesar, chama os grandes a conselho, onde forão decretados os castigos devidos a tal crime. Depois entrando Cesar em consideração de que já Marco Antonio tinha sido degradado, e outros punidos com pena de morte, e que este novo inimigo Cinna era sobrinho de Pompeo, e tinha grande facção em Roma, discorria comsigo humas vezes fallando, e outras suspirando, e dizia: He possivel que depois de tantas batalhas por mar, e por terra, tenha eu conseguido a paz, e que Cinna agora, a quem tenho feito tantos favores, me persiga com huma guerra intestina, de que nunca me poderei ver livre! Para que he mais viver, se para conservar a vida, devo fazer morrer tantos! Será necessario encher Roma de patibulos, e fazer correr pelas ruas rios de sangue. Ouvia estes gemidos a Emperatriz Livia sua mulher, matrona sabia, e prudente; e entrando no gabinete, lhe fallou deste modo: Senhor, tome V. Magestade Cesarea o conselho de huma mulher, e faça como fazem os Medicos peritos, que quando curão huma doença, e vem que os remedios da arte não servem, e o doente vai a peior, applicão logo os contrarios: *Fac, quod Medici solent, qui ubi usitata remedia non procedunt, tentant contraria.* Com o rigor da justiça até agora nada tendes feito, mas antes crescem os odios, e inimizidades. Valei-vos agora da clemencia, e brandura, á qual sois inclinado, perdoai a Cinna, e vereis, que de inimigo se fará amigo tal, que será o vosso maior elogiador, e panegyrista.

Sen. lib. de Clem. c. 9.

Pareceo bem este conselho ao Emperador, e no dia

dia seguinte, mandando chamar a Cinna ao seu gabinete, fazendo-o sentar, e pedindo-lhe, que o não interrompesse, em quanto fallava, lhe fallou deste modo: Vós sabeis, ó Cinna, que fostes rendido, e prezo na primeira batalha. Eu vos concedi a vida, e liberdade, e todos os vossos bens, e fazendas já confiscadas, tanto assim, que dizião os emulos, que sendo Cinna vencido, ficára depois mais rico, e aproveitado que os mesmos vencedores. O vosso agradecimento depois de tantos beneficios he o maquinar de novo contra a minha vida. Sei os companheiros da conjuração, sei o lugar, sei o dia determinado para a traição, e a quem entregastes o punhal para executar a minha ultima ruina. Não sei qual será o intento, e o fim deste vosso arrojado animo. Se pertendeis o Imperio, quando não fosse outro impedimento que o da minha parte, eu vo-lo cederia espontaneamente, sem commetteres a grande violencia, e o execrando crime da minha morte. Mas não serão talvez deste acordo os Fabios Maximos com toda a sua parentella, os Atilios, e muitos outros Cavalheiros Romanos, que pelas suas generosas façanhas logrão a honra, e a gloria de verem as suas estatuas collocadas no Capitolio. Ora, Cinna, eu de novo vos perdoo a vida; a primeira vez vo-la perdoei como a inimigo, e agora como a traidor, e parricida. Comecemos desde agora huma nova, e reciproca amizade, e toda a nossa emulação deve ser de procurarmos cada hum de nós de aventajar-se em amar. Eu quero ser o primeiro em dar esta mostra; e porque sei que desejais summamente o Consulado, eu vos faço, e constituo Consul. E tomando-o pela mão, sahio juntamente com elle do gabinete, e disse aos Cortezãos, que esperavão o successo de tão larga audiencia; Dai os para-

rabens a Cinna, meu grande amigo, que o tenho creado Consul, e me ajudará a governar fielmente o Imperio.

Ficárão attonitos os circumstantes, e pasmou toda Roma, quando se soube que Cinna era Consul, e elle narrou a todos quanto tinha passado com o Emperador Augusto. Foi tal o amor do Senado, e o applauso do povo, que não contentes de o chamarem pai da patria, o collocárão no numero dos deoses com o titulo de Clementissimo, que depois tomárão os mais Emperadores. Depois Cinna lhe foi tanto fiel, e primoroso, que o deixou por seu unico herdeiro: *Nullis amplius insidiis ab illo petitus amicissimum, fidelissimumque habuit, hæres solus illi fuit.* Digão agora os sabios do mundo, que este preceito de perdoar as injurias he novo, estabelecido contra os principios da natureza. Digão, que vista a fraqueza humana, he impossivel poder-se guardar. Digão finalmente, que he de descredito a huma familia, e indigno de hum homem brioso, e valente. Augusto era da familia dos Cesares, tão brioso, e valente, que no concurso de tantos emulos, que não erão inferiores na nobreza, e valor, chegou á força de batalhas vencidas a ser Emperador. E o que mais se deve advertir he, que era Gentio adorador dos idolos, sem o lume da Fé, e sem a nova obrigação do tal preceito, em quanto intimado por Christo, que naquelle tempo ainda não era nascido; e quando nasceo, como nota o Cardeal Baronio no Martyrologio Romano, era Augusto triunfante, governando com a sua clemencia todo o mundo em paz.

Senec. lib. 1. de Clem. c. 10.

Martyrol. Rom. 25. Dezemb.

Segundo ponto.

Resta agora ver os horriveis tormentos, que padecerão no Inferno estes vingativos, e tyrannos, que com o coração endurecido não querem perdoar aos

aos seus proximos. Quando Deos creou o Inferno, não o creou propriamente para os homens, porque estes todos deseja Deos salvar: *Deus vult omnes homines salvos fieri*, mas o creou propriamente para os demonios, como se colhe da sentença de condenação, que dará aos reprobos: *Discedite à me maledicti in ignem æternum, qui paratus est diabolo, & angelis ejus.* Perguntão agora os Doutores, por que Deos para castigar os demonios se serve particularmente do fogo, e o nomea como principal instrumento para os atormentar? Porque o peccado de Lucifer, e dos seus sequazes era hum crime de primeira cabeça, que accommettia direitamente á Divindade, e pertendia levantar o seu throno sobre as estrellas, e fazer-se semelhante a Deos: *In Cœlum conscendam, super astra exaltabo solium meum, similis ero Altissimo*; e assim era justo houvesse proporção entre a culpa, e a pena; e porque entre todos os elementos o fogo he o mais activo, e o mais violento, era necessario se servisse delle para castigar os demonios. Ora todos os peccados mortaes são peccados de rebeldia contra Deos Senhor nosso, e justamente merecem pena eterna; porém o peccado da tyrannia, e vingança he peccado diabolico, he de huma malicia luciferina, he hum crime, que se oppõe immediatamente a Deos, e pertende despojallo da soberanía, que tem sobre todas as creaturas, da qual he tão zeloso, que só para si, como Senhor Supremo, reserva a vingança: *Mihi vindicta, & ego retribuam*; e he de advertir que S. Paulo immediatamente accrescenta: *Horrendum est incidere in manus Dei viventis*, como se disse: He cousa horrenda cahir nas mãos de hum Deos, que sendo morto para salvar os peccadores, será sempre vivo para atormentar com todo o rigor da sua omnipotencia

Tim. 1. c. 2.

Matth. cap. 25.

Isai. c. 14.

Hebr. c. 41.

a po-

a potencia injustamente usurpada dos tyrannos, e
Sap. 6. vingativos: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Para explicar a actividade, e terribilidade deste fogo, que ha de atormentar os vingativos, me valerei de outro texto de S. Paulo, quanto mais profundo para se entender, tanto mais expressivo para
Hebr. c. 10. 27. o nosso intento: *Terribilis quædam expectatio judicii, & ignis æmulatio, quæ consumptura est adversarios.* E como póde ser que o fogo tenha emulação, ou competencia: *Ignis æmulatio?* O fogo não tem alma, nem ainda vegetativa, como as arvores, nem sensitiva, como os brutos, nem racional, como os homens: como logo póde ter emulações, e competencias? Logo materialmente atormentará os vingativos, como os mais peccadores inimigos de Deos nosso Senhor. Assim he, diz Alberto Magno, se fallarmos deste nosso fogo, que he muito differente do fogo do Inferno, que os Santos Padres cha-
S. Cyril. Alex. mão: *Ignis sapiens*, porque he obediente em executar a vontade de Deos; e como os Emperadores Romanos para maior divertimento do povo incitavão as féras bravas, para que no anfitheatro sahissem com maior impeto a despedaçar, e devorar aquelles miseros Christãos condenados á morte, assim a Justiça Divina irritará em hum certo modo o fogo do Inferno, elevando-o instrumentalmente para abrazar com maior violencia os vingativos, e ficar a soberanía de Deos glorioſa, e triunfante: *Ignis æmulatio.*

Eu cuido de mais que esta emulação do fogo seja conjurada não só com os mais elementos, mas com todas as creaturas, que se offerecem para vingar os vingativos, como se offerecêrão os servos do Evangelho a extirpar a cizania, e lançalla no fogo:
Matth. cap. 13. *Servi autem dixerunt: Vis, imus.* Quereis que vamos O ar para os affogar, a terra para os sorver, o mar

mar para os ſubmergir como aos Egypcios; e finalmente as féras, as pedras, o gelo, a neve, as tempeſtades, os raios, e tudo o mais eſtão á competencia, para executar a vontade de Deos contra os vingativos: *Ignis, grando, nix, glacies, & ſpiritus procellarum, quæ faciunt verbum ejus.* He porém de advertir que o Profeta nomea em primeiro lugar o fogo como mais a propoſito para ſer Miniſtro da Juſtiça Divina; e com razão, diz S. Gregorio, tem o fogo eſta emulação, porque como os peccadores em toda a ſua vida não honrárão ao ſeu Deos verdadeiro por ſatisfazer ao fogo das ſuas paixões, e vinganças, o fogo do Inferno deputado por Deos a reparar a ſua honra, ſe veſte como de hum zelo, que quer moſtrar que he hum fogo de tal natural, que tem mais ardor, mais força, e mais poder que o fogo da tua colera, e da tua ira, a quem obedeceſte para executar a vingança contra o teu proximo: *Ignem tuum igne validiori ſuperabit te, & crucibit te.* Quizeſte moſtrar-te mais poderoſo que o teu inimigo, quizeſte tomar vingança delle: ora o fogo do Inferno ſerá mais poderoſo, e por toda a eternidade te abrazará, e te conſumirá, ſem nunca mais ficar conſumido: *Potentes potenter tormenta patientur.*

Pſal. 148.

D. Greg. l. mor.

Sap. 6.

Sendo o fogo preferido aos outros elementos, e a todas as creaturas, para atormentar os reprobos, he quaſi certo, que das penas exteriores, que ſoffrerão os vingativos, a mais ſenſivel, e violenta ſerá a do fogo. Eu bem ſei que a violencia, e actividade deſte fogo he inexplicavel, e aſſim nunca poderei explicar bem a doloroſa impreſsão que fará aos condenados; e por iſſo Santo Agoſtinho diz, que ſão atormentados com modos admiraveis, mas porém verdadeiros: *Torquentur miris, ſed veris modis.*

Aug. l. 21 de Civ. Dei.

dis. Primeiramente este fogo, diz Tertulliano, representa a indignação, e furor de Deos, e he como principal Ministro da sua Divina Justiça, para executar com o maior rigor as suas ordens: *Habet ignis ille divinam subministrationem*, e lhes fará sentir em summo gráo todo o genero de tormentos. E que differença será deste fogo do Inferno ao nosso sublunar? O nosso fogo antes de entrar nas partes interiores, se pega ás exteriores. O fogo do Inferno entra no mesmo instante na pelle, na carne, nas veas, nos nervos, e tutanos dos ossos, todo o corpo ficará fogo, como hum ferro ardente, e candente, ou como o vidro, quando sahe liquido, e transparente da fornalha. Este nosso fogo queimando o corpo, o vai enfraquecendo, e diminuindo, e a demaziada violencia lhe tira os sentidos, ficando aquella primeira vivacidade quasi amortecida. O fogo do Inferno conserva os sentidos sempre igualmente vivos, e delicados. Depois de cem mil annos hum vingativo condenado sentirá as dores tão vivas, e agudas, como na primeira hora, que entrou no Inferno; porque Deos, como dizem os Santos Padres, dará tal virtude, e propriedade a este fogo, que sempre queimará, e nunca consumirá, reparando sempre quanto queima: *Non absumit quod exurit, sed quod erodit reparat.*

Tertul. in Apoll.

Tert. in Apoll.

Oh peccador vingativo, quando considerares este fogo do Inferno, peço-te que não cuides ser exageração minha. Te asseguro que he muito mais terrivel, e tormentoso, do que referem os mesmos Doutores, e Santos Padres, pois confessão que o entendimento humano o não póde penetrar, e explicar; e assim quando ouvires que o nosso fogo a respeito do fogo do Inferno he como pintado... dá lhe fé, e não duvides; porque se Deos permittira

que

que hum reprobo ſahiſſe do ſeu calabouço do Inferno, e paſſaſſe logo a huma fornalha das noſſas a mais activa, e alli o deixaſſem por algum tempo, e depois tirado fóra o deitaſſem ſobre hum grande painel pintado, que repreſentaſſe hum incendio, he certo que o fogo pintado deſte painel não lhe pareceria tão ſuave a reſpeito do fogo da fornalha, quanto o fogo da fornalha lhe pareceria doce, e ſuave a reſpeito do fogo do Inferno; e com razão, porque o fogo do Inferno, ainda que he material como o noſſo, não obra naturalmente com o ſeu calor, mas he armado com o braço omnipotente de Deos, que com o zelo da ſua honra quer caſtigar os vingativos, e vingar-ſe delles, como de ſeus inimigos: *Armabit creaturam ad ultionem inimicorum.* Pelo qual, diz S. João Chryſoſtomo, que Deos mais exceſſivamente queima, e atormenta os condenados, que eſtão naquelle fogo, do que o meſmo fogo: *Magis urit, & cruciat Deus in illo igne, quam ipſe ignis*, pois elle he o que o anima, lhe dá força, irrita, accende, e o aſſopra, como diz o Profeta: *Flatus Domini ſicut torrens ſulfuris ſuccendens.* E ſe o aſſopro de Deos he como huma torrente de enxofre, que horrivel miſtura ſerá com o tal fogo poderoſo, e devorante para atormentar eternamente a tyrannia dos vingativos! *Potentes potenter tormenta patientur.*

Sap. c. 5.

Iſai. c. 30.

Eu aqui movido de compaixão, e zelo, me ſinto inſpirado a advertir algumas couſas ſobre a tyrannia, e máo tratamento, que no Brazil, e em outras Conquiſtas do Reino de Portugal ſe uſa com os eſcravos. Oh quantos ſenhores de engenho, feitores móres, e lavradores de fazendas eſtão no Inferno pela crueldade, e máo trato, que tem dado aos ſeus eſcravos! Primeiramente não lhes dão outro veſtido mais que aquelle, que tem Chriſto crucifica-

cado na Cruz, nem modo, nem tempo para o ganhar. Querem cada dia delle o serviço completo, e ás vezes sobre as forças, e em faltando, açoutes sobre açoutes, e não lhes dão o sustento, para terem forças, para trabalharem. Dizem que lhes dão o Domingo livre, para plantarem o seu milho, para se sustentarem; e em quanto o milho se planta, nasce, e cresce, que hão elles de comer? E se Deos ordena que o Domingo se guarde, e não se trabalhe, com que consciencia sois causa de que elles trabalhem. Mas o Domingo he dado para Deos para o descanço, e elle mesmo descançou em o tal dia, o abençoou, e santificou, e por isso se chama o dia Santo, ou o dia do Senhor: *Benedixit diei septimo, & sanctificavit illum.* Os escravos, que trabalhão toda a semana com tanto rigor, quando hão de descançar? Os escravos trabalhando, para se sustentar, no Domingo, não peccão, porque não podem de outro modo remediar a sua necessidade; mas os senhores, que pelo interesse de mais assucar, e tabaco, os mettem nesta necessidade, darão estreita conta a Deos, e serão rigorosamente castigados, como diz S. Paulo: *Pœnas dabunt in interitu æternas.* Muito mais he castigarem os escravos, e as escravas: estas, porque não querem consentir no peccado; e aquelles, porque não querem levar taes recados, ou porque não querem, ou não podem induzir ao peccado. Meu Deos, quão grande he a vossa paciencia! Basta que a pobrezinha de huma escrava, porque vos teme, ha de padecer, e chorar a sua miseria; e o senhor, que injustamente a castiga, ha de rir, e folgar, porque não vos teme, nem os vossos castigos! Ah que Deos não dorme, nem permitte que semelhantes tyrannias durem por muito tempo. Considera, ó peccador vingativo, e cruel, o que diz o

Gen. c. 2.

Es-

Eſpirito Santo: *Horrendè, & citò apparebit, quoniam judicium duriſſimum in his, qui præſunt, fiet.* Logo ſerás chamado a dar eſtreita conta a Deos, e o Juiz ſerá terrivel, e horrendo, e com todo o rigor da ſua juſtiça, e muito mais os tormentos, que padecerás eternamente: *Potentes potenter tormenta patientur.* Sap. c. 6.

Bem ſei que os que aſſim maltratão os eſcravos, dão por eſcuſa o ſeu natural colerico, que por qualquer couſa ſe accende em fogo, porém dizem que fogo de palha, que tudo he chamma, que não dura nada, e logo ſe apaga. Frivola eſcuſa na verdade. Todas as vinganças, e as mais paixões aſſim são. Depois de ſatisfeitas parão logo, e ſocegão; porém no dia ſeguinte tornão a fazer peior. Quereis ſaber onde ha de ir a parar eſte voſſo fogo de palha, pois aſſim chamais á voſſa ira, e vingança? Ouvi o que dizem S. Mattheus, e S. Lucas no ſeu Euangelho, fallando dos eſcolhidos, e preſcitos: *Congregabit triticum in horreum ſuum, paleas autem comburet igni inextinguibili*: Que o ſupremo Juiz ſeparará o trigo das palhas. Aos predeſtinados chama com o nome de trigo, e eſtes congregados os porá no celeiro do Paraiſo. Chama aos reprobos palhas, não ſó porque ſerão atados em feixes para arder eternamente no Inferno: *Alligate in faſciculos ad comburendum*, mas tambem porque aquelle fogo emulador: *Ignis æmulator*, enveſtirá com tal ardor as almas, e corpos dos vingativos, que em hum inſtante, ſem achar reſiſtencia alguma, arderão em chammas como palhas. Conſiderai agora a differença, que vai do fogo da voſſa ira, e raiva, que chamais de palha, com a voracidade, e rigor, com que ſerá caſtigado no Inferno. O fogo do Inferno ſempre arderá, queimará a palha do voſſo corpo com o meſmo vigor por toda Matth. c. 3. Luc. c. 3. Matth. c. 12.

a eternidade, como se fosse o primeiro dia, a primeira hora, e o primeiro instante, sem nunca parar, nem descançar; e a vossa alma, e o vosso corpo dispostos como palha, sempre arderão: *Paleas autem comburet igne inextinguibili.*

O Profeta Rei diz, que os peccadores são postos no Inferno como as ovelhas, e que a morte lhes
Psalm. 38. subministrará sempre o sustento: *Sicut oves in Inferno positi sunt, mors depascet eos.* Grande, e mysterioso Texto he este. Se as ovelhas são nomeadas no Euangelho como symbolo dos escolhidos, como agora são exemplos dos condenados? Ora concorda muito bem o Texto com a sua intelligencia. As ovelhas, que são do rebanho de Christo, ouvem a sua
Joan. c. 10. voz: *Oves meæ vocem meam audiunt*, e seguem o seu pastor, *& sequuntur me*, imitando a sua paz, e mansidão; e a estas taes ovelhas mansas, e pacificas he promettido o Reino do Ceo, e possuem a Bemaventurança, ainda nesta vida na paz, de que gozão:
Matth. c. 5. *Beati pacifici, Beati mites, quoniam ipsi possidebunt terram*; porém ovelhas, que não tem mais que a apparencia, e por dentro no coração são lobos carniceiros:
Matth. c. 7. *Intrinsecus autem sunt lupi rapaces*, que devorão os seus contrarios, tyrannizão os seus escravos, estas taes ovelhas apparentes tem no Inferno o seu lugar: *Sicut oves in Inferno positi sunt*, onde arderão eternamente.

Não são menos mysteriosas as palavras, que se seguem, e citei assima, *& mors depascet eos*, que a morte lhes dará sustento, que vem a ser o mesmo, que dizer: A morte lhes conservará a vida. E como póde a morte conservar a vida, se a vida nunca póde acabar, senão quando chega a morte, não sendo outra cousa a morte que a privação da vida, e a vida a exclusão da morte? Ainda mal! Quer dizer o

Pro-

Profeta, que eſtes dous contrarios, morte, e vida ſe unirão no Inferno, e cada hum terá o ſeu effeito, pois os reprobos ſempre morrerão vivendo, e ſempre virão morrendo: *Homo in Inferno* (diz S. Boaventura) *ſemper moritur, & ut ſemper mori poſſit, ad vitam continuò reparatur.* Poſto hum rebanho de ovelhas em hum valle, quanta herva comem de dia, tanta torna a brotar a terra, e creſce de noite, e no dia ſeguinte ſe achão as ovelhas com o meſmo ſuſtento. Do meſmo modo naquelle valle de miſerias, naquella terra tenebroſa: *Terram miſeriæ, & tenebrarum, opertam mortis caligine*, produzirá ſempre hum fogo infernal, que atormentará eternamente os condenados, reduzindo-os a dores de morte, e no meſmo tempo ſerá o ſeu paſto, e alimento, que os conſervará com vida, para que vivão, e morrão, e padeção por toda a eternidade, em quanto Deos for Deos: *Ignis infernalis ſic abſumit, ut ſervet, ſic ſervat, ut cruciet.* Pio Leitor, conſidera com attenção, que ſe Deos não tiveſſe uſado comnoſco da ſua miſericordia, já eſtariamos ardendo no Inferno. Uſemos agora de piedade com os noſſos cativos, e ſervos. Tratemo-los com compaixão, já que elles são tambem noſſos irmãos, para evitarmos na hora da morte de ſermos arguidos, e condenados com a ira, e furor da ſua juſtiça: *Domine, ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me.*

D. Bonav. Serm. 1. de S. Laur.

Job c. 10.

S. Cypr.

Pſalm. 6.

Não baſta não uſar de tyrannias, e crueldades com os ſervos, e eſcravos, mas he tambem neceſſario não maltratallos de palavras, com injurias, e nomes execrandos. He já inveterado o deſprezo deſtes pobres cativos; e não ſó o ſenhor, mas qualquer vil feitor, quando chama hum eſcravo, e eſte não acode logo, prorompe em huma torrente de nomes, e vocabulos affrontoſos, e injurioſos; e ainda que os po-

bres escravos não respondem palavra para evitarem talvez huma tempestade de açoutes, sentem com tudo, e deplorão a sua infeliz sorte de se verem mais aperreados entre a nação Portugueza, que he a flor da Christandade, do que seria entre os Mouros de Berberia. E he certo que na Berberia se usa talvez de maior caridade assim no sustento, como nas enfermidades dos escravos, ao menos pelo interesse do resgate, quando falta a compaixão natural, ou outro motivo Divino. E o peior he que raro será o senhor, que se confesse destas injurias ditas aos seus escravos; e se algum o fará como por escrupulo, he sem animo de se emendar, lançando sempre a culpa aos mesmos escravos, a cuja malignidade attribuem as suas iras, e raivas. E se Deos permittisse que vós fosseis os escravos, e elles os senhores, e vos castigassem, e injuriassem com o mesmo rigor, com que vós o fazeis, poderieis então dizer, que se requeria da vossa parte a paciencia de hum Job para soffrer. Mas ainda mal, que esta troca se póde fazer, se não nesta vida temporal, ao menos na eterna, onde talvez o vosso escravo será glorificado, e vós atormentado, e injuriado pela mão dos demonios com maior potencia, porque *potentes potenter tormenta patientur*.

O exemplo do rico avarento he tão abundante de boas doutrinas, que além de confirmar quanto temos dito, he hum desengano para os peccadores emendarem as suas tyrannias, e crueldades, ou a pouca compaixão, que tem dos miseraveis. Sentio o rico avarento no Inferno a vehemencia do fogo, e começou a gritar desta sorte: *Crucior in hac flamma*: Eu padeço neste fogo. Reparem, que não diz no fogo, mas neste tal fogo, *in hac flamma*, para mostrar a grande differença daquelle fogo do inferno

Luc. c. 16.

fer-

ferno, e do noſſo fogo, que como já diſſemos aſſima, he como pintado. No meio deſte fogo levantou os olhos em alto, e vio de longe a Lazaro no Seio de Abrahão. Exclamou logo com huma voz maviosa: Miſericordia, Padre Abrahão, miſericordia, a reſpeito deſte miſeravel condenado, e mandai-me a Lazaro: *Pater Abraham, miſerere mei, mitte Lazarum.* E porque, ou para que pedia, ou queria a Lazaro no Inferno, quando ſabia que o não podia livrar, ou aliviar daquellas penas? Direi: Lembravaſe que no mundo veſtia galas, e a ſua meza era hum continuo banquete: *Induebatur purpura, & byſſo, & epulabatur quotidie ſplendidè.* E que Lazaro pelo contrario eſtava deſpido, cuberto mais de chagas, que de panno á porta do ſeu palacio, eſperando algumas migalhas, que cahião da ſua meza, para ſe ſuſtentar; e vendo que eſte tal miſeravel Lazaro no outro mundo eſtava em delicias eternas, e elle pelo contrario em eternos tormentos, eſta conſideração lhe cauſava tal furor, e ira, que moſtrando de humilhar-ſe, pedio lhe trouxeſſe na ponta dos dedos huma pouca de agua, não porque eſperaſſe o minimo refrigerio, mas porque o queria agarrar com os dentes, e obrigallo a padecer as meſmas penas, que elle padecia. Tanto póde em hum condenado, que foi tyranno, o furor, e emulação quando vê o ſeu contrario, que deſprezou, e maltratou, ſalvo, e predeſtinado em gloria, e elle pelo contrario reprobo em penas; e eſta conſideração lhe cauſa tal furor, que nella, como diz S. João Chryſoſtomo, padece hum inferno peior que o meſmo Inferno: *Plus zelo cruciatur, quàm gehenna.* D. Chryſoſt. hom. in hiſt. Euan.

Eſte exemplo do rico avarento, referido pela bocca do meſmo Chriſto, he hum efficaz, e ſolido defengano contra os homens crueis, e deshumanos,

para aprenderem a compadecer-se dos seus proximos miseraveis, e necessitados. Quando considero na Providencia Divina em permittir, e querer neste mundo ricos, e pobres, poderosos, e miseraveis, cativos, e livres, ponderando juntamente que na hora da morte, e do juizo são iguaes, quanto á na-
Rom. 2. tureza, porque, *apud Deum non est acceptio personarum*, mais me inclino á infeliz sorte dos pobres, e miseraveis, que dos ricos, e senhores, sabendo que *potentes potenter tormenta patientur*. Oh que tormento, e confusão de hum senhor, e de hum official em ver o seu escravo, ou escrava, que ultrajou, e perseguio, no dia do Juizo á mão direita de Deos entre os Bemaventurados, gozando de huma alegria
Petr. 1. c. 1. inexplicavel, *lætitia inenarrabili*; vendo-se a si collocado á mão esquerda, feio, e aborrecido de todos como vaso de abominação, esperando a sua final sen-
Matth. tença de condenação: *Ite maledicti in ignem æternum*! Então sabereis qual seja mais potente, se o fogo das vossas paixões, se da vossa crueldade, a que vós chamaveis fogo de palha, ou o fogo emulador do Inferno assoprado pelo furor de Deos, que nunca se apagará, e tanto mais intenso será, quanta foi maior a crueldade, usada com os vossos escravos, e
Sap. cap. 6. a ira, e vingança com os vossos inimigos: *Fortioribus fortior erit cruciatio, potentes potenter tormenta patientur.*

A conclusão deste Discurso será o persuadirmonos que Deos de nenhuma cousa he tão zeloso, como de não perdoar aos nossos inimigos, e não amar o nosso proximo. Todas as Escrituras do novo, e velho Testamento tratão este ponto repetidamente; Christo bem nosso no seu Euangelho, e S. João nas suas Epistolas nenhuma cousa encommendão com mai empenho senão a caridade, e amor do proximo, por-

que

que sem elle não póde haver amor de Deos, nem salvação; e para que isto nos lembrasse cada dia, quiz Christo que na Oração do Padre nosso lhe pedissemos que nos perdoe as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores. O engano grande he, que muitos differem o perdoar ao seu inimigo, dizendo, que lhe não querem mal, e que não morrerão sem se reconciliarem com elle. Neste caso me occorre aquelle funesto successo de Sapricio, tão célebre, e sabido nas Historias Ecclesiasticas. Tinha Sapricio soffrido atrocissimos tormentos com grande valor pela Fé de Christo. Finalmente sentenciado á morte, foi levado ao lugar do supplicio para ser degollado. Corre Niceforo, que o tinha offendido, e venerando-o já como a Santo Martyr, se lhe lança aos pés, lhos beija, e lhe pede perdão. Caso horrivel! Não teve o brioso coração de Sapricio tão admirado pela generosidade, e constancia sobrenatural de resistir a tantos tormentos, não teve, digo, animo, e força para perdoar a Niceforo. Oh desamparo da graça de Deos! Esta dureza de coração fez que Deos lhe subtrahisse o auxilio efficaz da sua graça, e assim tímido da morte, perdeo a coroa do martyrio, e renegando depois a Fé, de glorioso Martyr se tornou em hum vil apostata. E que bem remunerou Deos o perdão, que pedio Niceforo, porque accusado depois de alguns annos de ser Catholico, mereceo ser degollado pela Fé de Christo. A' vista deste successo temo, e tremo, considerando que nem o martyrio, que he o maior sacrificio de amor, que se possa offerecer a Deos: *Maiorem dilectionem nemo habet; nisi quis ponat animam suam pro amicis suis*, he agrado a Deos, se primeiro não se sacrifica a paixão da vingança com perdoar ao seu proximo: *Vade priùs re-*

Joan. cap. 5.

Matth. c. 5.

reconciliari fratri tuo ; & tunc veniens offeres munus tuum ante altare. Assim o fez, e nos deo o exemplo o mesmo Christo na Cruz, pedindo ao Eterno Padre perdoasse aos que o crucificavão: *Pater, dimitte*
Luc. 23. *illis, non enim sciunt, quid faciunt.* Assim o devemos fazer nós, devemos perdoar as injurias, que nos fazem, rogando a Deos por aquelles, que nos calumnião, e perseguem, e seremos deste modo verdadeiros filhos de Deos, com a segurança infallivel de
Matth. 5. gozar eternamente da sua Gloria no Paraiso: *Orate pro persequentibus, & calumniantibus vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in Cœlis est.* Pelo contrario se nós formos de coração duro, e inflexivel, em não querer perdoar aos nossos inimigos, nos succederá o mesmo que succedeo á estatua de ElRei Nabucodonosor. Tinha esta a cabeça de ouro, os peitos, e os braços de prata, ventre de bronze, as entranhas, e mais partes do corpo de ferro. Só os dedos dos pés erão misturados, parte com ferro, parte com
Dan. 2. 24. barro: *Et digitos pedum ex parte ferreos, & ex parte fictiles.* Descco huma pedrinha do monte, sem mo-
Dan. 2. 34. vimento da terra, ou obra alguma de mãos: *Abscissus est lapis de monte sine manibus*, que dando precipitadamente nos pés da estatua, a lançou por terra, e reduzio em pó, e cinza, que em hum instante forão levadas do vento, sem mais apparecerem, nem
Dan. ibi. se saber o lugar, aonde forão parar: *Quæ rapta sunt à vento, nullusque locus inventus est eis.* E que cousa significa, e representa esta estatua, senão a figura de hum tyranno, ou vingativo, que, sendo Catholico, tem a cabeça de ouro, pois tem o seu entendimento illuminado com a luz do Euangelho, e com o lume da Fé: tem os braços de prata, pois possue as riquezas, que Deos lhe deo, com que se faz temido, e poderoso. E se hum Christão naverdo re-

ce-

cebido de Deos os dous talentos de ouro, e prata, que são os mais precioſos, para negociar com elles a ſua ſalvação, tem, e conſerva hum coração de bronze, com humas entranhas de ferro, para ſe vingar de ſeus inimigos, e com a ſua potencia arruinar os ſeus proximos: que eſpera? Senão que precipitadamente do monte altiſſimo da Divina Juſtiça venha aquella pedrinha de huma morte improviſa: *Abſciſſus eſt lapis de monte*, ſem ſe ſaber como cahio, ou donde veio ſem prévio achaque, e ſem principio de doença, *ſine manibus*, pois ſe achava com perfeita diſpoſição, e ſaude, que podia na firmeza, e duração competir com o meſmo ferro, e bronze; e com tudo apenas lhe toca a pedrinha nos pés de barro, logo ſe derrota aquella torre de carne, e logo ſe proſterna aquelle coloſſo animado, e a modo de raio tudo ſe conſumirá, não apparecendo mais nem ouro, nem prata, nem ferro, nem bronze, nem compleição, nem ſaude; tudo ſe reduzirá em pó, e cinza, ou para melhor dizer, em hum vivo carvão de fogo, que como victima do furor Divino ha de arder para ſempre no eſcuro calabouço do Inferno. Oh victima deſgraçada, para que naſceſte forte, rica, robuſta, e potente, ſe eſte teu poder, e robuſtez, eſta tua riqueza, e fortaleza, te havião de fazer cruel, e tyranno para com os teus proximos! Quanto mais cruel foſte com elles, agora tanto mais cruel, e inſoffrivel he o teu tormento: *Fortioribus fortior erit crutiatio.* Deſengane- Sap. 6.
ſe o peccador, que todas as valentias, e pondenores, em não querer perdoar aos inimigos, que o offendêrão, toda a prepotencia, e dureza do coração, em não compadecer da miſeria, e fraqueza dos ſeus proximos, são de pouca dura neſta vida, e logo com huma morte improviſa vão a parar ſempre em

em huma eternidade de penas no Inferno: *Potentes potenter tormenta patientur.*

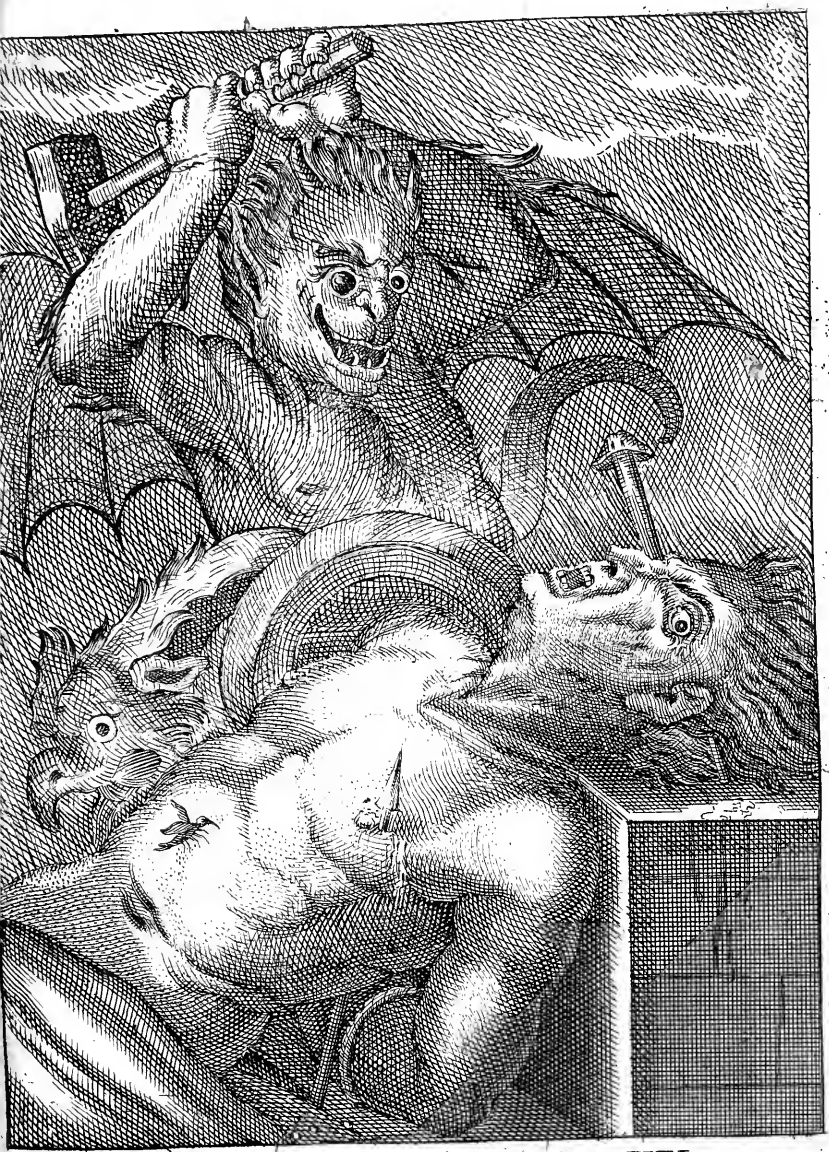
DISCURSO XI.

Do tormento do Sitio immovel.

Fiant immobiles quaſi lapis. Exod. c. 15. 16.

A Providencia Divina tem poſto hum tal temperamento ás dores deſta vida, que ſe são leves, ainda que ſejão continuadas por muito tempo, ſe podem tolerar; e ſe são inſupportaveis, ordinariamente durão pouco, pois com a morte logo acabão: *Dolor levis eſt, ſi ferre poſſumus; ſi ferre non poſſumus, brevis.* Aſſim o deſcreve Seneca. Não he iſto aſſim das dores do Inferno: ellas são agudiſſimas, intenſas, e inſoffriveis, e tantas, que qualquer dellas experimentada neſta vida, cauſaria a morte no primeiro inſtante a qualquer homem. Não quero fallar neſte Diſcurſo da multidão innumeravel das dores, que padece qualquer condenado no Inferno, porque já tratei deſte ponto em outros Diſcurſos; fallarei ſómente do tormento do ſitio immovel, que á primeira viſta não parecendo tão grave, com tudo conſiderado bem, e muito mais experimentado, ainda neſta vida por hum ſó dia, dá a conhecer claramente, que ſerá hum tormento inſoffrivel, cruel, e inexplicavel para os triſtes, e deſgraçados condenados. Eſta he a ſubſtancia reſumida, e toda a materia deſte Diſcurſo, que dividirei em dous pontos. No primeiro veremos — penoſo ſeja eſte tormento do ſitio immovel no Inferno

Sen. ep. 23.



TORMENTO DO SITIO IMMOVEL

ferno, fazendo argumento do quanto he moleſto, e do quanto atormenta ainda neſta vida o tal ſitio immovel. No ſegundo conſideraremos, quanto mais inſoffrivel ſeja no Inferno eſta immobilidade em todas as potencias da alma, obrigada, e forçada a não poder imaginar, nem cuidar outra couſa que a duração eterna deſte tormento, com huma conſideração tão firme, e fixa, que o pobre condenado padecerá em cada inſtante, do que deve padecer por toda a eternidade. A immobilidade do corpo para ſempre, a immobilidade da alma eternamente. Eſtes são os dous polos, em que ſe eſtribará toda a maquina deſte noſſo Diſcurſo do cruel tormento do ſitio immovel: *Fiant immobiles, quaſi lapis.*

Que o ſitio ſeja immovel para o condenado no Inferno, he couſa tão certa, que he de Fé. Chriſto bem noſſo, que tantas vezes fallou do Inferno, fallou tambem expreſſamente da immobilidade, que havião de ſoffrer eſtes deſgraçados. Na parabola do convite, fallando da condenação daquelle miſeravel, que ſe arrojou a entrar no banquete ſem a veſte nupcial, que ſignifica a graça, profere a ſentença neſta fórma: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores.* Quer dizer: Que ligado de pés, e mãos, o lançaſſem nas trévas. Pelas trévas ſe entende o Inferno, e pela ligadura de pés, e mãos ſe entende o ſitio immovel: *Ligatis manibus, & pedibus*, porque hum homem ligado de pés, e mãos, he certo que ſe não póde mover para mudar lugar. Com mais expreſsão o declarou o Eſpirito Santo, quando diſſe: *Si ceciderit lignum ad Auſtrum, vel ad Aquilonem, in quocunque loco ceciderit, ibi erit.* Explica a propriedade deſte ſitio immovel dos condenados pela ſemelhança da arvore cortada, e talhada pelo pé, a qual para qualquer parte, e em qualquer lu-

Matth. 22.

Eccleſ. 11.

lugar, que caia, ahi fica parada sem se poder mover, nem bolir. Por estas arvores se entendem os
Luc. homens, como pareceo ao cego do Euangelho: *Video homines tanquam arbores ambulantes*, os quaes estão em pé, em quanto vivem; mas cortando-lhes Deos Senhor nosso o fio da vida, cahem; e cahindo, se cahem para a mão direita, isto he, para a parte dos escolhidos, cahirão para se levantarem gloriosos para sempre, com voar logo as suas almas para o Ceo, e depois do juizo universal tambem os seus corpos; porém se cahem com a morte para a mão esquerda, que he dos prescitos, de qualquer modo, e em qualquer sitio, que caião, ahi estarão immoveis, sem se poderem mover: *In quocumque loco ceciderit, ibi erit*, e por toda a eternidade: *Fient immobiles, quasi lapis.*

Mas ainda que hum prescito não fosse atado de pés, e mãos, como ouvimos do Euangelho, bastava, e basta o cahir, e estar naquella prizão eterna, para ser, e ficar immovel, sem se poder bolir. Considerai comigo attenta, e miudamente o caso do desgraçado rico avarento, do qual diz o Euangelho:
Luc. 16. *Mortuus est dives, & sepultus est in Inferno.* Ha mais de mil e setecentos annos, que o rico avarento morreo, e foi sepultado no Inferno. Donde podemos inferir, que o Inferno he o sepulchro dos condenados, e que este sepulchro tem huma só porta, ou huma abertura, por onde se entra, e que por esta abertura hão de entrar os reprobos todos no dia do juizo universal, depois de ouvida aquella terrivel
Matth. sentença: *Ite maledicti in ignem æternum*, e tão envergonhados de serem descubertas as suas maldades, que correrão em tropas a precipitarem-se naquelle escuro calabouço, pedindo aos montes, que caião
Matth. sobre elles, e os sepultem: *Tunc dicent montibus: Cadi-*

dite super nos, & colles: Operite nos. Sendo isto assim, como verdade do Euangelho, tirai comigo esta illação, não menos certa, e infallivel, que facil para se perceber. Tanta multidão de reprobos entrando por huma só abertura, amontoados huns sobre os outros, e todos elles não só pezados, mas pezadissimos pelo pezo quasi immenso das culpas, carregados, e opprimidos de huma innumeravel multidão de corpos, e todos estes precipitados naquella prizão estreita; e alli cahidos huns sobre os outros, não he por ventura bastante razão para os considerarmos immoveis assim nas pessoas, como no sitio? Certo he que sim. Corrobóra esta verdade da immobilidade dos condenados o que diz Santo Ambrosio com outros Santos Padres, a saber, que assim como hum Bemaventurado em razão dos dotes glorioso terá tanta força, que com hum só dedo poderia mover todo o globo da terra, assim tambem hum condenado será tão debil, fraco, e destituido de forças, que ainda quando fosse solto, e livre, não poderia nem ainda levantar huma mão, nem hum só dedo, para affastar de si o minimo bichinho da terra, que o molestasse. E sobre toda esta fraqueza, e debilidade extrema, que bastava para o fazer extremamente immovel, estando demais a mais carregado de ferros, correntes, e algemas, que o atão, e prendem de pés, e de mãos: *Ligatis manibus, & pedibus*, que immobilidade necessariamente não será, e das maiores, que se podem imaginar.

Tornando agora ao rico avarento, que no Inferno estava ligado, e immovel nos seus tormentos, *cum esset in tormentis*, abrazado, e consumido daquelle fogo voraz, e intenso, *crucior in hac flamma*, entenderemos a razão, pela qual gritou, e pedio a

Abra-

Abrahão lhe acudisse, mandando a Lazaro que com hum dedo banhado em agua lhe tocasse a lingua: *Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam.* Estranho desejo na verdade, e pequena consolação para hum condenado, se fosse capaz de a ter! E que fazia huma gotta de agua em hum incendio de chammas, que o cercavão de fóra, que o consumião por dentro com tanta actividade, que lhe abrazavão as medullas, as entranhas, e coração, quando nem todas as aguas do Tejo, nem ainda as do Grão Pará serião bastantes a refrigerar-lhe parte de tão grande incendio? Ora sabia muito bem este condenado, que não receberia refrigerio algum desta gotta de agua, que pedia; mas pedio, ou fez esta petição neste modo, para mostrar que era tal, e tanta a immobilidade, que padecia nos seus tormentos, que nem ainda tocar a sua propria lingua podia de algum modo; por isso pedia que Lazaro lha tocasse, não para o refrigerar no incendio, que não era possivel com huma gotta de agua, mas para ao menos ter este pequeno moto, ainda que fosse *ab extrinseco* em huma tão minima parte do corpo, que he a lingua. Oh se os peccadores, que tanto amão a variedade nas suas delicias, e gostos, provassem a estar huma hora sómente sem movimento algum, dirião logo que he impossivel! Pois saibão que tanto he penoso, e insoffrivel este tormento do sitio immovel, que ainda experimentado nesta vida he bastante para converter qualquer peccador obstinado, e reduzillo a ser hum santo penitente, como veremos no exemplo seguinte.

Vivia no anno mil e quinhentos e trinta em Hollanda huma Santa Virgem por nome [illegible] célebre na Historia Ecclesiastica pela sua grande virtu-

tude, mas muito mais celebrada pelos grandes milagres, que fazia ainda em vida. Corrião de todas as partes muitas peſſoas ricas, e pobres, para alcançarem por ſua interceſsão o remedio aſſim das infermidades do corpo, como da alma, concedendo Deos a ſeus rogos muitas graças, e obrando innumeraveis prodigios. Havia naquelle tempo hum mancebo, que ſendo eſtimado pela nobreza do ſeu ſangue, era juntamente aborrecido pela ſoltura da vida, e publicas torpezas, em que vivia. Os parentes, e amigos compadecidos da ſua deſgraça, e vendo havia muitos annos, que ſe não tinha confeſſado, lhe rogárão encarecidamente que ao menos ſe foſſe aconſelhar com Santa Liduina, e lhe narraſſe as ſuas miſerias, principalmente a repugnancia invencivel de ſe confeſſar, porque ſem duvida lhe alcançaria de Deos algum remedio. Reſiſtia fortemente o moço a ſemelhante conſelho, com dizer, que as mulheres não erão, nem podião ſer confeſſores; e replicando-lhe, que pediſſe á Santa ſó remedio para tantos peccados, que tinha; elle finalmente vencido da importunação dos parentes, e amigos, foi buſcar a Santa Liduina, e ſe animou a contar-lhe os ſeus innumeraveis peccados, e talvez com a meſma vangloria, com que os dizia aos ſeus ruins companheiros. A Santa não podendo tapar os ouvidos por ter as mãos, e braços aleijados, lhe rogava pela morte, e Paixão de noſſo Senhor Jeſus Chriſto ſe calaſſe, porque não podia mais ouvir tão horriveis culpas; mas o mancebo continuava ſem vergonha, dizendo, queria confeſſar tudo, para ver que remedio lhe dava, ſegundo lhe tinhão aſſegurado os ſeus amigos, parentes. Conformou-ſe a Santa a ouvir tudo com [illegible] e depois inſpirada por Deos lhe diſſe: Já que tendes tanta repugnancia a vos confeſſar, ſereis

reis contente, que eu diga todos estes peccados a hum Confessor douto, e prudente da vossa parte, e que vos sirva de interprete? Respondendo elle, que sim, replicou a Santa, que lhe tornasse a fallar dalli a trez dias. Neste espaço de tempo a Santa rogava a Deos, chorando os peccados daquelle dissoluto mancebo como proprios, pedindo instantemente quizesse como bom pastor chamar aquella ovelha perdida ao seu rebanho, offerecendo-se a fazer penitencia daquelles tão enormes peccados. Depois dos trez dias tornou o mancebo todo alegre, e disse á Santa: Tenho, senhora, guardado a minha palavra, e torno pontual, por saber se tendes feito a minha confissão, e que penitencia me tem imposto. Por ventura (replicou a Santa) fareis vós a penitencia, que vos direi? Sim, farei, (disse o mancebo) quando seja cousa ligeira, porque se forem jejuns, cilicios, disciplinas, ou cousas semelhantes, não as quero fazer, e me vou embora. Nada disso he, (replicou a Santa) he sim huma penitencia leviſſima, que podeis fazer em vossa casa, e na vossa cama, em presença de todos, sem ninguem o saber, ou advertir. Se assim he (replicou o mancebo) dou palavra de Cavalheiro, que a farei com pontualidade. A penitencia (respondeo a Santa) he esta: que vos deiteis na vossa cama assim mole, e branda, como he, e depois de deitado muito á vossa vontade, e commodo, não vos volteis, nem vireis mais, nem de huma, nem de outra parte, até amanhecer. Fazei sómente isto, e deixai-me o resto com toda a grande carga dos vossos peccados. Esta he toda a penitencia, que devo fazer (replicou o mancebo) dos meus peccados, e nada mais? Pois eu a vou logo fazer esta noite, e daqui por diante vos mandarei [illegible] peccadores conheço para serem convertidos, e re-

rei

rei daqui por diante de peccador o peſcador das almas deſta Cidade. Chegou a hora de ſe deitar, e entrando na cama, foi buſcando o ſitio do corpo, que lhe parecia melhor, e achou que deitando-ſe de coſtas lhe era mais commodo, e ſuave; porém apenas paſſada meia hora, como impaciente queria virar-ſe de hum lado, e não ſe reſolvia a fazello, porque queria cumprir a penitencia, e guardar a palavra dada. Nunca lhe pareceo a cama dura, ſenão naquella occaſião, e o não poder-ſe virar de hum lado lhe parecia hum tormento inſoffrivel. Começou a diſcorrer comſigo neſte modo. Que he iſto? Que couſa me falta? Eu eſtou ſão, e valente, tenho ceado muito bem, eſtou em hum leito muito bem preparado, e para deſempenhar a minha palavra cumprindo a penitencia, não tenho mais que paſſar huma noite neſta poſtura, e iſto ſe me repreſenta impoſſivel. Que ſeria de mim ſe deveſſe ficar aſſim por hum mez, ou por hum anno! Ah que neſcio que ſou eu! E ſe em lugar do colchão brando, em que eſtou deitado, eſtiveſſe em humas taboas duras, como fazem tantos Religioſos de vida auſtera, ou eſtiveſſe deitado no chão com huma dura pedra por cabeceira, como fazem, e tem feito tantos penitentes! E quanto peior fora, ſe eſta cama fora de carvões accezos, não ſó por huma noite, mas por annos, e não ſó por annos, mas por ſeculos, e não ſó por ſeculos, mas por milhões de ſeculos, e não ſó por milhões de ſeculos, mas por toda a eternidade, como eſtão, e eſtarão tantos milhões de condenados no Inferno, e eſtaria eu tambem ſem duvida, ſe Deos não tiveſſe uſado comigo da ſua miſericordia: *Niſi quia Dominus adjuvit me, paulo minus in Inferno habitaſſet anima mea*! Eſta conſideração originada da daquelle ſitio ſuave, porque era em Pſalm. 93.

huma cama branda, e por pouco tempo, cauſou tanta impreſsão no entendimento daquelle nobre mancebo, que ſe reſolveo a entrar logo em huma Religião das mais auſteras, vivendo nella com grande exemplo; e todas as vezes que ſe via tentado, o remedio era deitar-ſe, e pôr-ſe immovel no lugar, em que ſe achava, como ſe eſtiveſſe ligado de pés, e mãos no Inferno, e deſte modo ficava vitorioſo da tentação. Tanto he de temer eſte tormento ainda neſta vida!

Sempre reparei na quantidade de inſtrumentos, que os tyrannos inventárão, para atormentarem os Santos Martyres, nos quaes ſe continha tambem o tormento do ſitio immovel. Para vermos iſto ſem recorrer aos tempos tanto atrazados, lancemos os olhos da conſideração a alguns tormentos, que ſe uſão ainda entre os Catholicos, quando a juſtiça, ſuppoſtos os indicios vehementes, os quer fazer confeſſar o crime, porque ha ſoſpeitas vehementes de que o commettêrão. Conſiderai a hum pobre réo deitado ſobre huma cataſta, a que no Portuguez chamão vulgarmente potro, com as mãos, e pés, não ſómente algemados, mas tão ligados ao potro, e tão carregados de ferros, que não he poſſivel fazer delles o mais leve, ou minimo movimento: o corpo, tambem tão fortemente ligado, e unido ao meſmo potro, que de nenhuma ſorte ſe póde voltar, nem mover. Ora ſe perguntares a hum deſtes miſeraveis depois de paſſado o tormento, do qual muitos ficão eſtropeados para toda a vida, qual foi o maior tormento, que padeceo naquelles tratos, vos reſponderá que o tormento do ſitio immovel, quero dizer, o não ſe poder mover, e eſtar firme no padecimento daquellas dores de braços, pés, e coſtas, he o que lhe accreſcentava a pena. E a razão aſſim o perſuade: dai-me attenção. Huma dor em hum[illegible], em hu-

huma mão, ou em qualquer parte do corpo, ſe deixa liberdade ao meſmo corpo para ſe poder mover, voltar, e tomar diverſos ſitios, não he tanto inſupportavel, porque no meſmo movimento ſente a natureza qualquer alivio. E ſe não, conſiderai vós o que faz hum deſtes Juizes, que condena os réos a eſtes tratos, (o que eu não pertendo condenar, por ſer couſa permittida pelas Leis para ſe deſcubrirem, e caſtigarem os malfeitores) que couſa faz, digo, hum deſtes, quando ſe vê accommettido da tyranna dor de huma pedra, que as mais das vezes não chega á grandeza de huma avelam? He certo que padece muito, e que não baſtão para o aliviar nem a rica cama, em que eſtá deitado, nem a cadeira de veludo, ou de brocado, em que muitas vezes ſe faz ſentar, nem as exquiſitas viandas, e delicados frutos, que ſe faz apreſentar, nem finalmente qualquer das outras delicias, que ſe lhe podem offerecer, ou á viſta, ou aos ouvidos, e ſó vereis, que todo inquieto, e deſaſſocegado não faz outra couſa, que moverſe; ſe na cama, de huma parte para a outra; ſe na cadeira, de hum braço para o outro; e ſe póde eſtar em pé, de hum lugar para o outro. Ora ſe perguntares a eſte homem dolorido, por que razão faz eſtes movimentos, dirá, porque com elles deſabafa a ſua natureza, e que ſeria maior a ſua dor, ſe não tiveſſe eſte deſafogo de ſe mover, voltar-ſe, e andar de hum lugar para outro. Donde ſe collige, que a impotencia de ſe poder mover hum homem atormentado de qualquer dor he o que mais lhe augmenta o ſeu tormento, he o que mais o afflige, e anguſtía.

Quereis ſaber a razão, por que he tão terrivel, inſoffrivel neſte mundo aquella doença, que vulgarmente ſe chama de gotta? Eu vo-la direi. Pade-

cem muitos homens neste mundo a doença de gotta, doença verdadeiramente, para a qual até agora se não tem achado remedio algum certo, que totalmente a cure, que por isso se diz com muita razão: *Solvere nodosam nescit medicina podagram.* Não havendo nem ingrediente nas Boticas, nem agua, ou quinta essencia entre os maiores Quimicos, que a possa perfeitamente curar. Ora se perguntares a hum, que padece de gotta, que cousa he o que mais o affligе nesta doença, responderá com verdade, que he o sitio immovel da parte, ou membro affecto com a gotta; e que o não poder mover ou seja o pé, ou o braço, ou a mão, onde sente esta dor, isto he para elle o maior tormento, e a maior afflicção, que padece. Assim he, e assim succede. Ora fazei aqui comigo huma digressão moral, e doutrinal. E que cousa he este mal de gotta irremediavel neste mundo? Fysicamente eu não vo-lo posso descrever, porque não faço profissão de Medico; mas moralmente eu vos direi o que he, seguindo o juizo de hum grande Prégador, e zelante Missionario. A doença de gotta he huma gotta das doenças eternas, he hum ensaio do modo, com que se padecem as dores eternas no Inferno. Notai. A dor da gotta se padece nesta vida com a circumstancia da immobilidade, porque a parte affecta com a gotta não permitte, nem consente que se mova; e isto he o que se padece no Inferno, dores, e tormentos immoveis; immoveis, porque nunca diminuem; e immoveis, porque não deixão mover de nenhum modo a quem as padece. Tirai agora a illação. E se huma dor de gotta neste mundo se faz mais insoffrivel pela circumstancia da immobilidade, como não será mais que insoffrivel a dor de hum condenado deitado, e metido em hum tanque de fogo de enxofr

Fern. l. 3 de pod.

P. le Jeune tom. 7. Serm. 37.

sem

ſem nelle poder ter o minimo movimento? *Pars illorum in ſtagno ardentis ignis, & ſulphuris in ſæcula ſæculorum*, como ſe diz no Apocalypſe. Se eſte tormento da gotta experimentado neſta vida, em razão da circumſtancia ponderada, he tanto para temer, e deo tanto que padecer, e juntamente que merecer a alguns eſcolhidos de Deos, como a S. Leandro, e outros Santos, os quaes permittio Deos ſupportaſſem neſta vida eſte, que diſſemos enſaio do Inferno, porque o não havião de ſupportar na outra vida, que couſa ſerá realmente no Inferno as dores de hum preſcito, acompanhadas com a immobilidade total do ſitio em razão daquelle infinito furor, com que Deos os caſtiga, e do qual temia tanto o Santo Rei David, quando dizia: *Domine, ne in furore tuo arguas me, neque in ira tua corripias me.* Apoc. 21. Pſalm. 37.

Pondera S. Gregorio a differença entre as delicias eſpirituaes, e ſenſuaes, e affirma que as eſpirituaes quanto mais ſe gozão, tanto mais ſe deſejão, ſem nunca enfaſtiarem: as ſenſuaes pelo contrario, quando não ſe gozão, ſe deſejão; porém depois de conſeguidas, e alcançadas, ordinariamente não são eſtimadas, antes, ſegundo a experiencia nos enſina, ſe são continuadas ſem variedade, coſtumão enfaſtiar, e vem a ſer aborrecidas. Em hum banquete grandioſo, e dilatado, ſe todos os pratos, que ſe apreſentaſſem na meza, foſſem da meſma vianda, e do meſmo modo guizados, he certo que cauſarião hum notavel faſtio aos convidados. Aſſim (ſe lê no ſagrado Texto) ſuccedo aos Hebreos, quando Deos para os livrar da fome, que padecião, lhes acudio com o manná, que lhes cahia do Ceo: *Et pluit illis manna ad manducandum.* Como o vião, e colhião ſempre da meſma fórma, e com a meſma grandeza, ainda que variaſſe em ſi o goſto, e ſabor de todos, os Pſalm. 77. v. 24.

Num. 21. manjares, o aborrecião, e não podião comer: *Anima noſtra nauſeat ſuper cibo iſto leviſſimo*; e deſejavão mais comer os comeres groſſos do Egypto, quaes erão os alhos, e cebolas, que o delicado manná.

O meſmo ſuccede nos outros regalos, e delicias deſte mundo. A conſonancia de huma harmonia, ainda que ſeja compoſta de boas vozes, e ſonoros inſtrumentos, cauſaria ſem dúvida faſtio, ſe ſempre ſoaſſe no meſmo tom, e com o meſmo deſcante. Huma Comedia, que he o divertimento dos mais apetecidos entre os mundanos, cauſaria enfado, e afugentaria os ouvintes, ſe nella repreſentaſſe huma ſó figura, e ſempre o meſmo papel. Hum jardim, por grande que foſſe, não incitaria á curioſidade, mas antes pouco deſejo de ſer viſto, ſe nelle não houveſſe mais que huma caſta de flores. Finalmente huma cama por mais rica, branda, e ſuave que foſſe, ſeria de tormento, ſe por obrigação ſe houveſſe de eſtar deitado nella, ſem a liberdade de ſe levantar. E a razão diſto he, porque a continuação das couſas neſta vida mortal as faz faſtidioſas, e a meſma couſa continuada ſe faz aborrecida, e penoſa, moſtrando niſto meſmo a natureza, que nas couſas, e das couſas deſte mundo não póde o homem ter ſatisfação, e o ſeu ultimo deſcanço: e pelo contrario o que neſta vida faz os males mais toleraveis, e mitiga de algum modo as amarguras, he a interrupção. Logo que ha alguma pauſa, algum deſcanço, alguma tregoa, ou alguma mudança, ou variedade no noſſo mal, ſentimos algum alivio, ou alguma eſperança de remedio. Quando as deſgraças, e os deſgoſtos nos moleſtão alternativamente huns depois dos outros, então ſe ſentem menos. A mudança, e alternativa diverte o noſſo entendimento, e vontade, que naturalmente ama, e deleja a va-

variedade, e por iſſo quando não deſcobre eſta variedade nas couſas deſte mundo, ainda que em ſi as taes couſas ſejão delicioſas, como era o manná, com tudo aborrecem, e enfadão. Ainda que o manná encerraſſe em ſi todos os ſabores dos mais comeres: *Omnis ſaporis ſuavitatem*, com tudo pela continuação cauſava faſtio ao povo: *Nihil aliud reſpiciunt oculi noſtri, niſi manna.* Que he iſto, não hão de ver outra couſa os noſſos olhos, ſenão manná? Vede que eſſe manná he huma comida regalada. Não importa, porque tanto agrada por ſer regalada, quanto deſagrada por continuada. Finalmente concluamos, que ſe nas couſas, que são do noſſo genio, e de regalo para a noſſa vontade, e talvez para a noſſa ſenſualidade, a continuação as faz faſtidioſas, que ſerá nas penas, e tormentos do Inferno, onde a continuação não ſómente ſerá dos tormentos, penas, dores, e anguſtias intenſiſſimas, e inexplicaveis, mas em hum ſitio continuado, e immovel para toda a eternidade, aſſim como o ſitio de huma pezada pedra, que onde a fazem cahir, não ſe póde mais mover: *Fiant immobiles quaſi lapis.* Num. 11. Exod. c. 15.

O maior horror, que me cauſa o conſiderar pauſadamente, e com ſeria reflexão eſte terrivel tormento do ſitio immovel, he a duração eterna do meſmo ſitio. Nunca ter variedade, nunca diminuição, nunca hum intervallo, nunca mudança, mas antes ſempre do meſmo modo, ſem hum ſó momento de quietação, ou de alivio, e eternamente na meſma poſtura violenta, e violentiſſima! Oh tormento dos tormentos, oh deſeſperação dos tormentos! Neſte mundo não ſuccede aſſim em nenhum tormento, ou moleſtia, ou trabalho, por grande que ſeja, porque ou acaba, e ſe conclue com a vida, ou ſe remitte, e tem mudança. Se o frio he exceſſivo, tem o *Segundo ponto.*

homem; por desamparado que seja, qualquer modo de se reparar, ou ao menos a intenção do frio abranda, e remitte o seu rigor: por aguda, e ardente que seja huma febre, lá tem suas horas de remissão, em que não dura na mesma intenção, para conceder algum alivio ao enfermo. Por grande, e intensa que seja huma dor, qual he a de colica legitima, ao menos no voltar-se o paciente de huma parte para a outra lá experimenta qualquer alivio. Mas, oh Deos! Estar hum condenado immovel de pés, e mãos, e todos os membros do corpo, sem se poder voltar, nem fazer o minimo movimento, finalmente como huma pedra entre os tormentos inexplicaveis do Inferno: *Fiant immobiles quasi lapis*, oh que desesperação!

Aristot. Phys.

O grande Aristoteles querendo definir o tempo, disse: *Numerus motus secundum prius, & posterius*; quer dizer, que o tempo se deve medir pelo que foi antes, e será depois. Esta definição abraçada de todos os Filosofos não compete á eternidade, nem conseguintemente ao tormento do sitio immovel, de que fallamos. Se o numero do movimento he o que faz o tempo, hum condenado no Inferno não tem movimento, porque está immovel nos seus tormentos, e conseguintemente se póde dizer que não tem tempo neste tormento, porque sem tempo eternamente o padecerá; nem o tempo póde ser medida do seu tormento, porque a eternidade, pela qual padecerá aquelle tormento, não tem tempo. Hum seculo contém cem annos; hum anno doze mezes; hum mez trinta, ou trinta e hum dias; hum dia vinte e quatro horas; huma hora quatro quartos; hum quarto quinze minutos; hum minuto finalmente consta de instantes, ou momentos indivisiveis. A eternidade porém não he assim, não tem annos, nem me-

mezes, nem dias, nem quartos, nem inſtantes, porque não conſta de partes, mas he hum todo immenſo ſem fim, ſem medida, e ſem termo, e tudo ſe cifra neſta palavra eternidade. Por iſſo o Principe dos Apoſtolos, como melhor Filoſofo, definio a eternidade por eſtas palavras: *Unus dies apud Dominum ſicut mille anni, & mille anni ſicut dies unus*; quer dizer, que mil annos em preſença de Deos, que he eterno, he como hum dia, e hum dia he como mil annos, que vem a ſer o meſmo que na eternidade tanto val hum dia como mil annos, e mil annos como hum dia, porque na eternidade não ha tempo de annos, nem de dias, porque he ſem tempo. O que explica maravilhoſamente neſtas palavras ſeguintes Santo Agoſtinho.

Anni tui ſicut dies unus, & dies unus non quotidie, ſed hodie, quia hodiernus tuus neque cedit craſtino, neque ſuccedit heſterno: Os voſſos annos, meu Deos, são como hum ſó dia, e eſte ſó dia não he cada dia, mas hoje; e eſte hoje voſſo não ſuccede ao dia de hontem, nem eſpera o dia de amanhã, pois toda a eternidade em Deos he hum perpetuo dia de hoje, ſem tempo que paſſar, porque não tem fim; aſſim como será tambem hum perpetuo dia para os Bemaventurados no Paraiſo, e huma perpetua, e eterna noite para os condenados no Inferno. Oh quem percebêra bem eſtes termos das palavras de Santo Agoſtinho, porque ſó então fizera algum pequeno conceito da eternidade! De maneira que a eternidade, que a reſpeito de Deos he huma couſa ſem tempo, porque o ſer de Deos nem teve principio, nem terá fim; a meſma eternidade a reſpeito dos Bemaventurados, ainda que tenha principio, porque começa a ſua eternidade de gloria do inſtante da ſua morte, ſe primeiro não for ao Purgatorio, quan- D. Auguſt. Soliloq.

quanto para as suas almas, e começará para os seus corpos do ponto da sua resurreição; e em quanto á duração será sem fim, como he sem fim a eternidade de Deos; e isto será com tal jubilo, e contentamento, que mil annos passados na eternidade da Gloria lhes parecerá hum só dia, como affirma o Profeta Rei: *Mille anni in conspectu tuo, tanquam dies hesterna, quæ præteriit.* Pelo contrario os reprobos, como affirmão os Santos Padres, e se segue por boa consequencia, nos seus tormentos o dia de hontem lhes parecerá mil annos de padecimento, e se lhes parecerá assim em razão das crueis penas, que padecem, que cousa será padecer estas penas em hum sitio immovel, que de si só bastava para os atormentar: *Fiant immobiles quasi lapis.*

Psal. 89. 4.

Expliquem os mais a terribilidade deste excessivo tormento do sito immovel pela circumstancia da eternidade, quero dizer de ser eterno. A eternidade *à parte posteà*, como explicão os Theologos, começa ou para os Bemaventurdos na Gloria, ou para os reprobos no Inferno, em hum instante, que se não póde medir nem por annos, nem por seculos, nem por milhões de seculos, porque não tem fim. Donde nasce, que se se goza algum bem, ou gosto para toda a eternidade, por pequeno que fosse, seria hum bem infinito, quanto á duração. O mesmo he do mal, que por pequeno que fosse, supposto que seja para a eternidade, se faz infinito quanto á duração. E isto por duas razões. A primeira, porque a duração eterna confere ao bem, ou ao mal, de sua natureza pequeno, hum pezo inexplicavel, que he o não ter fim, e conseguintemente huma existencia interminavel, e infinita. Assim como o gosto de hum dia he hum bem, o de dous dias hum bem duas vezes maior, e o de dez dias dez vezes maior,

assim

aſſim o goſto, que durar eternamente ſem fim por annos infinitos, ſerá infinitamente maior. A ſegunda razão, por que a eternidade, da qual fallamos, a ſaber *à parte poſteà*, contém em ſi todos os dias, e ſeculos futuros, porque ajunta em ſi toda a duração, porque ſe não póde diſtinguir, nem dividir por ſeculos, ou tempos alguns, e conſeguintemente une, e ajunta em ſi toda aquella commodidade, que hum pequeno bem podia ter, ſendo logrado por dias, ou ſeculos, reduzindo-o como a hum compendio de todos aquelles bens, que podia ter, ſe foſſe dividido por dias, ou por ſeculos; e deſte modo vem a ſer em hum momento, em razão de ſer eterno hum bem como infinito quanto á duração, que he huma couſa, que não ſe póde explicar bem com palavras humanas. Iſto que he em hum pequeno bem, ou goſto, que ſerá eterno, como ſeria em hum gráo de gloria, que comparativamente ſe póde chamar pequeno, ſe deve entender tambem de hum pequeno mal experimentado no Inferno de hum condenado, que ainda que padeceſſe poucos tormentos quanto á pena do ſentido, baſtaria que eſte pouco foſſe eterno, para ſer hum tormento exceſſivo, e infinito quanto á duração. Ora vede agora ſe a immobilidade, ou o ſitio immovel de hum condenado nas ſuas penas para toda a eternidade he pequeno tormento!

Oh Deos eterno, e amoroſo Redemptor das almas! E que tyrannia grande commette aquelle depravado homem, que he cauſa que huma creatura voſſa venha a experimentar a crueldade deſte tormento do ſitio immovel no Inferno! Solicitais a pobre, e innocente donzella, perſuadindo-lhe não ſer ...da o conſentir com o voſſo appetite: deſenquietais a honrada caſada, ou a recolhida viuva, pondo

pondo em risco não só o seu credito, e a sua vida temporal, mas tambem a sua alma: obrigais talvez com ameaços, e castigos a vossa escrava, que succede muitas vezes, depois de commettido o peccado, não ter animo para se arrepender, e confessar; e talvez continuando na culpa com os vossos incitamentos, e máos exemplos, virá a morrer impenitente para estar padecendo immovelmente no Inferno por toda a eternidade, sendo vós occasião de tanto damno. Oh barbaridade inhumana, verdadeiramente, Luciferina! Sabei que fazeis nisto o procurador, ou, como diz S. João Chrysostomo, fazeis o advogado do diabo: *Homo diaboli advocatus*, procurando tirar as almas do Paraiso, para as entregar ao demonio a padecer tormentos eternos immovelmente.

Chrysost. Homil. 16. in Euang.

He cousa sabida aquelle grande damno, e maleficio, que fazem no mundo quasi em todas as nações aquellas depravadas mulheres, a que vós chamais vulgarmente feiticeiras, ou bruxas. Estas desgraçadas, como tem arrenegado da Fé pelo contrato feito com o demonio, a quem tem vendido a sua alma, ficão conseguintemente inimigas do genero humano, principalmente Catholico, e por isso procurão fazer-lhe o mal que podem, humas vezes ás crianças depois de baptizadas, não fazendo que percão a vida, porque não querem que se salvem, mas que fiquem estropeadas, e com outros defeitos por toda a vida. Outras vezes ainda ás pessoas maiores com feitiços, os quaes lentamente causão a morte, tomando para fazerem estes maleficios por arte do diabo varias fórmas apparentes, transportando-as o mesmo diabo a varios Reinos, e lugares summamente distantes, introduzindo-as em lugares recondi tos, e fechados, sem se saber o como entrarão, porque

que o diabo, como espirito que he forçoso, lhes facilita todos os meios para estas crueldades. Destas crueldades pois, e maleficios, que causão estas bruxas, (que nem todos quantos ellas desejão fazer, fazem, porque Deos por sua misericordia o não permitte) supponhamos que huma vez em huma Cidade fizessem morrer mil pessoas. Oh que horror, oh que confusão, oh que lamentações serião naquella Cidade! Como procurarião todos, e farião diligencia para descubrir aquellas malfeitoras, para que morressem todas a fogo lento! Ora pois sabei que não seria tão detestavel o crime destas depravadas mulheres, como he detestavel o crime daquelle, que he causa, ou occasião de se perder huma alma, que antes vivia innocente, para se condenar eterna, e immovelmente no Inferno. Dizei-me pois: Qual he maior tyrannia, fazer padecer mil pessoas temporalmente nesta vida, ainda que fosse por cem annos, ou fazer penar com tormentos mais atrozes mil vezes huma só pessoa, não só por cem mil milhões de annos, mas por toda a eternidade? Ora sabei que ha mais milhões de annos na eternidade, do que houve até agora no mundo de milhões de instantes, e haverá até o fim do mesmo mundo, e vós sereis a occasião que huma tal alma esteja para toda a eternidade blasfemando, e arrenegando de Deos, e padecendo tormentos inexplicaveis no Inferno ligada, e atada sem se mover.

Oh se soubessemos bem comprehender que cousa seja a eternidade, nada deixariamos de obrar, para cooperar á salvação de huma alma! Oh meu Redemptor, e Salvador amoroso, quando considero quanto ha de padecer huma alma condenada por hum gosto de poucos momentos, concebo grande espanto. Mas maior he o meu espanto, quando con-

si-

sidero que quizestes padecer a morte, e derramar o vosso precioso sangue a fim de salvar as almas, e que o derramarieis de boa vontade, só por livrar do Inferno, quando não fosse mais que a alma do bom ladrão, dando por bem empregados todos os vossos tormentos! E que sendo isto assim, haja homens no mundo, que procurem perder as almas induzindo-as a peccar! Oh cegueira, oh tyrannia grande! Christo como bom Pastor procurando reduzir todas as almas ao seu rebanho, que he a Gloria; e vós como lobo carniceiro revestido do espirito de Satanaz procurando desencaminhar huma alma para a conduzires ao precipicio do Inferno! Christo
Luc. 15.7. para a reduzir, a toma aos hombros: *Et cum invenerit, imponit in humeros suos*; e vós para a perder, a procurais dilacerar, e corromper! Christo com tanto gosto, quando a tem lucrado: *Imponit in humeros suos gaudens*; e vós talvez vangloriando-vos, quando a tendes perdida! He singular o reparo do Doutor Angelico de não fazer Christo menção, quando achou a ovelha perdida, do muito que lhe custára em a crear, e remir com o seu proprio san-
D. Thom. gue: *Cur non dixit: Inveni ovem meam, quam emi caro pretio, & sanguine meo redemi*; mas só se lembra de se alegrar, e de que lhe dem os parabens de a ter achado: *Congratulamini mihi, quia inveni ovem meam, quæ perierat.* Ora a razão he, porque era tal, e tanto o gosto, e alegria do bom Pastor Christo em descubrir, e recuperar esta ovelha perdida, que á vista deste gosto, e contentamento parece se não lembrava, mas antes se esquecia de todos os trabalhos passados, e que lhe tinha custado a tal ovelha em a remir com o seu proprio sangue? Ora considerai agora que se he tão grande o gosto do nosso verdadeiro Pastor em ganhar huma alma perdida, qual será

ſerá o furor contra aquelle lobo carniceiro, que procura deſgarrar do ſeu rebanho huma das ſuas ovelhas! E vós talvez imaginais que não fazeis nada, ou que cauſais pouco damno, quando ſois cauſa de que huma innocente alma caia no peccado comvoſco? Ora attendei áquella admiravel ſentença de São Bernardo: *Si non eſſent hæc ad mortem ſempiternam, nunquam pro eis Filius Dei fuiſſet mortuus.* D. Bern.

Finalmente eſte tormento do ſitio immovel he tão horrendo, e penoſo, que não faltárão alguns, que ſe perſuadírão que o fogo do Inferno atormentava mais aos demonios com os ter atados, e ligados, do que com o ſeu ardor, antes que todo o tormento eſtava neſta retenção, para ſe não poderem mover: *Præter hanc alligationem quidam Doctores non videntur agnoſcere aliud ſupplicium ab igne.* Calv. l. 1. Doc. Eſta ſentença porém neſtes termos com razão he refutada de S. Gregorio, Santo Agoſtinho, e mais Padres. He verdade que o fogo do Inferno ſervirá aos condenados de correntes, de algemas, e laços apertadiſſimos, para os ter immoveis: *Pluet ſuper peccatores laqueos, ignis*, como diz o Profeta Rei: Da meſma ſorte, com que Deos encarcerou aos Egypcios com as trévas, ficando como immoveis no meio dellas: *Vinculis tenebrarum, & longæ noctis compediti*; mas nem por iſſo deixará o tal fogo tambem de queimar, e abrazar os meſmos condenados: *Ex dictis Euangelicis colligere poſſumus, quia incendium animæ non ſolum videndo, ſed etiam experiendo patiatur*, diz S. Gregorio. E Santo Agoſtinho explicando iſto meſmo diſſe aquella maravilhoſa ſentença, e digna do ſeu engenho: *Miris, & ineffabilibus, ſed veris modis, pœnam, ſeu dolorem ab igne accipiet.* Quer dizer, que o fogo do Inferno terá actividade para queimar, e abrazar as almas com hum modo verdadeiro, Pſalm. 10. Gregor. lib. 9. Mor. c. 10. Aug. l. 21. de Civit. Dei cap. 10.

ro, mas admiravel, e inexplicavel. Que vem a ser, como explicão os Theologos, elevado pela Divina omnipotencia, para poder causar este ardor excessivo nas almas dos condenados. E por isso o rico avarento, quando pedia a Abrahão refrigerio nas suas penas, fez expressa menção do fogo, e incendio, em que ardia: *Crucior in hac flamma*; para mostrar que juntamente com o tormento de estar ligado, e immovel dentro do fogo, padecia o tormento de
Matth. ser abrazado do mesmo fogo: *Crucior in hac flamma: mitte Lazarum, ut refrigeret linguam meam.* Donde venhamos a concluir, que hum, e outro tormento causará nos condenados aquelle fogo abrazador do Inferno, a saber, o queimar, e abrazar, e ter ligados, e immoveis os mesmos condenados.

Este tormento pois do sitio immovel, tão terrivel para os condenados, he huma pena, e hum castigo justamente devido a todos os prescitos, para castigar o abuso da sua liberdade, da qual se servírão para offender a Deos em todo genero de vicios. Esta liberdade, que por outra parte he o melhor predicado do homem, e pelo qual se distingue dos brutos, he humas vezes o véo, com o qual pertendem os homens desculpar as suas maldades, como
Petr. epist. 2. 2. diz o Apostolo S. Pedro: *Quasi velamen habentes malitiæ libertatem.* Quereis obrar o que vos dicta a vossa paixão, e o que vos incita o vosso appetite desenfreado, e depois vos quereis escusar com a liberdade, que Deos vos deo, dizendo, que de outra maneira não sereis livre, mas antes vivireis em hum continuo aperto, e estreiteza, fazendo figura não de senhor, que sois, e livre, mas de servo, e ligado; que he o que disse Jeremias fallando de semelhantes homens depravados em nome de Deos: *Confregisti jugum meum, dirupisti vincula mea, & dixisti: Non*
Jerem. 2.

ser-

ſerviam. Ora ſabei que eſte he hum delirio, que não póde entrar ſenão no entendimento de hum totalmente depravado. O jugo, que Deos vos poz, he ſuave. A ſua Lei como tão juſta, e conforme á razão, não he deſtructiva da voſſa liberdade, porque a podeis exercitar em evitar livremente o mal, e em eſcolher entre as couſas licitas aquella, que melhor vos parecer; e aſſim a voſſa liberdade não vos póde ſervir de véo, ou de capa para eſcuſares os voſſos vicios. Por outra parte ſabei que Deos Senhor noſſo he zeloſiſſimo do ſeu dominio, que tem ſobre todas as creaturas; porque eſte dominio he como a melhor joia da ſua Coroa, e como o timbre do imperio univerſal, que tem ſobre todas as couſas creadas; e aſſim não conſentirá mais que as creaturas racionaes por abuſo do livre alvedrio, com que as creou para ſua maior perfeição, e merecimento, queirão com eſte pretexto zombar, abuſar, e deſprezar as ſuas Leis, e os ſeus preceitos; e por iſſo caſtigará com todo o furor da ſua juſtiça eſta arrogancia dos peccadores com o tormento do ſitio immovel: *Fiant immobiles quaſi lapis.*

A liberdade do homem ſe explica de dous modos. Huma he exterior, que ſe diz liberdade de movimento, com a qual nos podemos mover, e diſcorrer por onde quizermos. A liberdade interior conſiſte em huma diſpoſição livre da noſſa vontade, dos noſſos penſamentos, e ſentidos, dos quaes Deos deixa o governo ao noſſo livre alvedrio. Eſtas duas liberdades, aſſim exterior, como interior, quando são peccaminoſas, caſtiga Deos com o ſupplicio da immobilidade: *Fiant immobiles quaſi lapis.* Da immobilidade exterior temos já fallado, e moſtrado qual ſeja, da maneira que ſe póde explicar por ſentimentos humanos. Da interior, que he a das poten- Exod. c. 15.

cias da alma, devemos saber que he ainda mais penosa. He possivel (dirá hum condenado) que além da immobilidade deste infame corpo, que não fez outra cousa ao mundo que caminhar pela estrada larga dos seus appetites, e torpezas, haja tambem esta minha alma, que he espirito creado á semelhança de Deos: *Ad imaginem, & similitudinem suam*, de padecer o tormento do sitio immovel em si, e em todas as suas potencias, quaes são a Memoria, Entendimento, e Vontade! Oh desgraça grande! Oh tormento acerbo, e inexplicavel! Que o corpo de hum condenado fique immovel para sempre no Inferno, tormento he excessivo, como temos visto; mas que a memoria fique immovel, o entendimento immovel, e a vontade immovel, parece agora ao nosso mesmo entendimento cousa imperceptivel! Neste mundo não succede assim; succede talvez por causa de hum reumatismo, ou de huma gotta arterica, ficar hum homem privado do uso de pés, e mãos, e de todos os membros do corpo, e só ter a lingua expedita para prorromper em ais sentidos, e desesperados; mas sem se poder mover em parte alguma do corpo por causa das duplicadas dores, que sente neste movimento. Porém com isto ser assim, (como eu notei alguma vez) lhe fica a memoria livre para se poder lembrar, ao menos em algumas horas, de algumas cousas, que o alegrão, e o entendimento tambem expedito para de algum modo discorrer; e muito mais a vontade para se poder conformar com a vontade de Deos, mostrar paciencia no seu padecimento, e escolher, ou aceitar aquelles remedios, que lhe parecerem mais convenientes; e finalmente persuadido o entendimento que o mal, ou bem deste mundo póde durar pouco, se anima o doente com esta consideração a soffrer

Gen. c. 2.

frer com paciencia as ſuas dores, e a offerecellas a noſſo Senhor Jeſus Chriſto.

Aſſim o fez hum S. Lourenço abrazado, e aſſado ſobre humas grelhas de ferro com fogo por baixo. Aſſim o fizerão hum S. Clemente, hum S. Venancio, e outros muitos Martyres, que padecendo pela Fé rigoroſos tormentos, louvavão a Deos, conhecendo que todas as moleſtias do ſeu martyrio havião de acabar brevemente com huma coroa de gloria. E para que não allegueis que ſó os Santos com o lume da Fé podião moſtrar eſte generoſo animo, lembrai-vos do valor, com que alguns ainda Gentios, guiados ſómente com o lume da razão, ſoffrêrão intrepidamente os tormentos; porque ſe perſuadírão, que todos os tormentos, e moleſtias deſta vida duravão pouco. Aquelle inſigne Varão Anaxarco, muito favorecido de Alexandre Magno, foi ſempre contrario aos peſſimos coſtumes de Anacreonte, tyranno de Chipre. Morto Alexandre Magno, tratou o tyranno de vingar-ſe delle com huma morte barbara, e deshumana. Fez metter em hum morteiro grande de bronze a Anaxarco bem ligado, e depois pilallo em ſua preſença com dous pilões de ferro. Anaxarco porém ſem dar hum ſó gemido, nem lançar huma ſó lagrima, lhe fallou deſte modo: *Tunde, tunde, tyranne, hoc meum vas fictile, Anaxarcum non tundes*: Pila, pila, ó tyranno, eſte vaſo fragil do meu corpo; porém deſengana-te que não poderás pilar o animo, e alma de Anaxarco. Tanto he verdade que a alma com as ſuas potencias he livre para mandar, e ſer ſuperior nos maiores apertos do corpo. Plutarc. in vita Alex.

No Inferno porém não ſerá aſſim. Se o condenado tiveſſe a vontade, e o entendimento livre para diſcorrer, eſquecendo-ſe algumas vezes dos ſeus peccados, para conſiderar em algumas couſas ale-

gres, e gostosas, não seria talvez o seu inferno tão penoso. Mas não he assim, porque no condenado tanto a liberdade do seu livre alvedrio, como o discurso do entendimento, tudo será fixo, e ligado, principalmente para tudo aquillo, que for de gosto, e recreação: *Detinebitur intellectus ad considerandum, & voluntas ad detestandum.* (dizem os Santos Padres) O entendimento estará sempre ligado para poder considerar cousa alguma fóra daquelle objecto contrario ao seu genio, de pena, e aborrecimento á sua inclinação, e a vontade tambem ligada, ainda para detestar, e arrepender-se em modo que lhe seja de alivio: *Et voluntas ad detestandum.* De maneira, que assim como no Paraiso he o lume da Gloria o que corrobora o entendimento dos Bemaventurados para verem a Deos, e desta vista lhes procede que necessariamente o amão com a vontade, assim tambem no Inferno ha hum certo lume de pena, e de infamia, que liga o entendimento dos condenados, e obriga a vontade, e todos os seus sentidos, e potencias para não cuidar, nem attender a outra cousa que áquelles objectos, que lhes podem causar pena, e afflicção: *Peccator videbit, & irascetur, dentibus suis fremet, & tabescet.* Quer dizer: O peccador verá, e conhecerá; mas conhecerá, e verá sómente para se enfurecer, para se morder, e para ranger com os dentes, e para pasmar de confusão, e vergonha, bradando, e amaldiçoando o dia, e a hora, em que nasceo.

Caict. tom. 3. art. 1.

Psal. 111.

Oh eternidade do sitio immovel, que todas as vezes que te considero, me faz tremer de medo, e pasmar de espanto! He possivel que assim o corpo, como a alma de hum condenado, com todas as suas potencias, ha de estar sempre, e eternamente fixa, para considerar sómente o que for de horror, e espanto! Oh desgraçado de mim, se vivendo em huma

ma Religião tão ſanta, occupo o meu entendimento, e vontade em cuidar em outra couſa fóra de minha ſalvação, e dos meus proximos! Oh deſgraçados todos aquelles peccadores, que occupados em cuidar ſómente nas vaidades, e torpezas do mundo, reſpondem quando são admoeſtados, e reprehendidos, para cuidar em Deos, ou na eternidade, reſpondem, digo, que não tem tempo, para o fazer! Ora ſabei, que no calabouço do Inferno, de que Deos vos livre, tereis menos tempo, antes nenhum inſtante, e nenhum lugar, para cuidares em couſa alguma, que vos poſſa dar alivio. Sendo o tempo tanto, e tão largo, quanto ſerá huma eternidade, não tereis tempo para conſiderar em couſa, que vos poſſa conſolar, ou dar o minimo goſto: *Detinebitur intellectus ad conſiderandum.* Sómente tereis na memoria, para vos lembrares, e no entendimento para conſiderares a fealdade das voſſas culpas, e a enormidade das voſſas torpezas, mas não para vos arrependeres, nem para as deteſtares em modo que vos aproveite: *Et voluntas ad deteſtandum.* Neſta vida não achaſtes hum quarto de tempo para vos affaſtar dos homens, e cuidar em Deos, e na voſſa ſalvação; lá no Inferno já compungidos ſereis perfeitos contemplativos ſem a menor diſtracção, mas contemplativos meramente da voſſa deſgraça, e da voſſa eterna miſeria. Neſta vida não pudeſtes ouvir huma Miſſa, nem rezar hum Roſario ſem infinitas diſtracções; lá no Inferno ſem diſtracção alguma, que vos poſſa aliviar, conſiderareis ſempre na voſſa grande deſgraça de ſer condenado a ſoffrer eternamente o tormento do ſitio immovel: *Fiant immobiles quaſi lapis.*

Comparão alguns a eternidade á roda de hum relogio, a qual gyrando ſempre, eſtá com tudo fi-

xa quanto ao eixo, ou ponto do meio. Mas eu a comparo com o Profeta Ezequiel a duas rodas, huma
Ezec. c. 10. no meio da outra: *Rota in medio rotæ.* A roda de fóra he aquella eternidade de penas, que gyra sobre o corpo condenado, tendo-o sempre fixo, e immovel no mesmo sitio. A roda de dentro he aquella eternidade de penas, e confusão, que lhe gyra dentro da alma, tendo-a ligada com todas as suas potencias, para não cuidar, nem se lembrar de outra cousa, senão da sua miseria, confusão, e desgraça. He
Deuter. c. 14. como hum moinho de duas pedras molares: *Inferiorem, & superiorem molam*, que estando a pedra molar, que fica debaixo, sempre immovel no mesmo sitio, a de sima a vai moendo sempre, e calcando sem nunca parar. O condenado pois com o corpo, e alma sempre immovel no mesmo sitio, e no mesmo ponto; e a eternidade de penas, e de tormentos sempre gyrando sobre elle, sem mais cessar. Este he pois, do modo que se póde explicar, por alguma maneira o tormento do sitio immovel, que padecerão os condenados no Inferno; e por muito que gemão, gritem, e chorem debaixo daquella pezadissima pe-
Apocal. c. 18. dra molar da eternidade, não serão ouvidos: *Vox molæ non audietur amplius.* Aqui se segue agora o desengano deste Discurso, que consiste na resolução, que devemos tomar, considerando que não he ainda dada a sentença da nossa condenação, e que ainda temos tempo de fugir ao Inferno, e ganhar o Paraiso. Oh infeliz de quem lendo, e ouvindo estas verdades, não se resolve a deixar para sempre o peccado! Oh desgraçado daquelle, que para satisfazer a huma paixão desenfreada, a hum gosto momentaneo, deixa a Deos pela creatura, renunciando a
D. Bern. Serm. Bemaventurança (como diz S. Bernardo) para se sepultar para sempre em huma continua miseria: *Post tan-*

LM TORMENTO DA PENADO DANNO S.s matheo sculp.

tantillam voluptatem æterna miſeria, a qual conſiſte em grande parte, como até agora temos viſto, no rigoroſo tormento da immobilidade, aſſim do corpo como da alma: *Fiant immobiles quaſi lapis, &c.*

DISCURSO XII.

Do tormento da pena do Damno.

Vos non populus meus, & ego non ero veſter. Oleæ 1.

REndeo Henrique Conde de Bergh a importante praça de Bolduc em Flandres aos Hollandezes, ſem ter feito no cerco a devida reſiſtencia, que requerem as leis da guerra. Foi depois o Conde á Corte de Bruſſellas para dar ſatisfação á Arquiduqueza de Auſtria D. Iſabel, que em nome de ElRei Filippe II. governava aquelles eſtados; porém eſcaçamente appareceo na audiencia, que logo a Arquiduqueza deſcendo parte do véo, que tinha na cabeça, cubrio o roſtro, e diſſe: Nem vós, Conde, ſereis nunca mais noſſo ſoldado, nem nós a voſſa Princeza. E aſſim dito, foi-ſe, virando-lhe as coſtas. Quem o cuidára! Perturbou eſte ſucceſſo de ſorte ao Conde, que nem via a porta da antecamara, nem atinava a ſahir, por onde tantas vezes entrou, e levado depois no coche para ſua caſa, antes de fechar trez dias morreo. Julguem agora os peccadores, que perturbação ſerá aquella de hum condenado, a quem Deos eſconderá para ſempre o ſeu Divino roſtro, face tão formoſa, que quanto mais os Eſpiritos Angelicos, e os Bemaven-

Hiſtor. Belg. lib. 2.

turados a estão vendo, sempre mais a desejão ver:
Petr. I. 12. *In quem desiderant Angeli prospicere.* E ouvirão aquellas formidaveis palavras: *Vos non populus meus, & ego non ero vester*: Vós não sereis mais meu povo, e eu nunca mais serei vosso Deos, para vos fazer algum bem. Estas palavras bem consideradas são o ultimo raio do furor Divino, que reduz a hum condenado no abysmo mais fundo da desesperação. Que Deos esteja sem mim, pouco importa. Elle basta a si mesmo; nem eu, nem as creaturas todas fazemos falta alguma ao seu ser Divino, á sua Gloria intrinseca, e á sua Bemaventurança; mas que eu para sempre haja de ser privado da vista de Deos, ter por titulo, por nome, e na realidade o não ser nunca mais sua creatura: *Non populus meus.* Esta he a mais horrivel de todas as penas, he o tormento dos tormentos, he o inferno, (direi assim, e digo bem) he o inferno do mesmo Inferno. E esta he a que os Theologos chamão pena do damno, que (como diz São Dionysio Areopagita) consiste em dous termos, em huma appetencia violenta, e fatua de possuir a Deos: *Cupiditas amens*; e em hum odio implacavel, que lhe tem, de que brota hum furor inutil, que o transporta no mesmo instante em o querer destruir, e aniquilar: *Furor inutilis.* Como a alma de hum condenado tem no Inferno, além de huma relação reciproca, huma total dependencia de Deos, e então melhor o conhece por seu summo Bem, deseja em extremo unir-se a elle; como por outra parte pelo peccado está necessariamente separada delle, e o tem por seu inimigo mortal, quizera loucamente destruillo, e aniquilallo. A pena imperceptivel, e a dor inexplicavel, que nasce da reunião quimerica destes dous extremos incompativeis, desejar com anxiedade o que nunca ha de ter; e odiar necessariamente

o que

o que ſempre ha de deſejar: *Cupiditas ameus, furor inutilis*: eſtes dous pontos são as duas columnas de Hercules, que neſte tão difficultoſo Diſcurſo denotão o *non plus ultra* do inexplicavel tormento da pena do damno. Deſejar com anxiedade o que nunca poſſuirá; e odiar neceſſariamente o que ſempre deſejará. Quem perceber bem até onde chegão eſtes dous movimentos contrarios da alma de hum condenado, ſó então fará conceito cabal, e adequado do que he a pena do damno. E em quanto eu com huns longes a vou delineando, peço ao pio Leitor que de quando em quando pare, e feche os olhos do corpo, e abrindo os da alma, a conſidere devagar, e com attenção.

He couſa horrivel o perder a Deos, ainda que agora não ſabem os peccadores o que perdem. Neſte mundo ſó conhecemos a Deos como por enigma, como diz S. Paulo: *Videmus nunc per ſpeculum in ænigmate*: quer dizer, com hum conhecimento eſcuro, e abſtractivo, em tudo dependente dos ſentidos, e aſſim a modo de meninos, mais nos move qualquer objecto material. Elle meſmo aſſim o experimentou, e em nome de todos aſſim o confeſſa: *Cum eſſem parvulus, loquebar ut parvulus, ſapiebam ut parvulus, cogitabam ut parvulus.* Daqui naſce, que o ouvirmos fallar de gozar, ou perder a Deos não faz na noſſa alma, e ao noſſo coração mais que huma leve impreſsão de doçura, e ſuavidade de hum bem infinito, ou do immenſo pelago do Inferno, em que ſe affunda quem o perde. Melhor me explicarei, dizendo aſſim: Se huma mãi, tendo filhos de menor idade, lhes fallaſſe deſte modo: Voſſo pai era Fidalgo mui illuſtre, grande titular, e abundante de riquezas; porém por hum crime de leſa Mageſtade, e de primeira cabeça confiſcárão-lhe todos os bens para a

1 Cor. c. 13.

1. Cor.

Co-

a Coroa, derão o titulo a outrem, e depois de lhe tirarem a vida, declararão-o por infame, tirando-lhe, e a toda nossa geração a nobreza, e por isto vivemos pobres, e desprezados nesta extrema miseria. Que impressão (pergunto) faria este discurso naquelles meninos? Tão pouca faria, que mais sentirião tirarem-lhes hum fruto, que tivessem na mão, declarando logo a sua pena com choros, e alaridos, que não toda a desgraça de seu pai, e tambem propria. Que a Igreja Catholica chore a morte de nosso Senhor Jesus Christo, seu amado Esposo, vendo que os seus filhos o tornão a crucificar com os seus peccados: *Rursus crucifigentes Filium Dei*, e que mande intimar pelos Prégadores nos pulpitos o muito que perderão, perdendo a graça de Deos, e o fogo do Inferno, que merecerão, e para sempre hão de soffrer, senão se emendarem, he costume justo, util, e necessario; mas com tudo vemos que toda esta perda, e damno irremediavel faz tão leve impressão nos ouvintes, por ser objecto distante, e espiritual, que mais sentem ordinariamente os peccadores qualquer perda temporal, e presente. Mas não ha de ser sempre assim. No mesmo instante que a alma de hum peccador sahe do corpo, a modo de quem se desperta de hum sono: *Quasi evigilans de gravi somno.* Na sua entrada do Inferno o primeiro objecto, que se lhe representará, será Deos. Assim succedeo ao rico avarento. Em quanto esteve neste mundo, não tratou mais que do seu corpo, vestindo-o de purpuras, hollandas, e galas, e regalando-o em banquetes com preciosos manjares: *Induebatur purpura, & bysso, & epulabatur quotidie splendidè.* E logo que se vio no Inferno, o primeiro movimento que fez, foi levantar os olhos para o Ceo: *Cum esset in tormentis, levavit oculos*; já conhece a feliz sorte, que tocou a

Hebr. c. 6.

Gen. 45.

La-

a Lazaro; já se lembra de Deos, e por isto recorre ao pai Abrahão: *Pater Abraham, miserere mei: mitte Lazarum*; já se contenta para seu alivio que Lazaro lhe leve huma gotta de agua na extremidade de hum dedo. Que freneſi he este? E que tem que fazer huma gotta de agua com hum incendio de fogo? Ah que a sede, que abraza ao rico avarento, he o appetite innato de ver a Deos, como bem o disse David: *Sitivit anima mea ad te Deum fontem vivum, quando veniam, & apparebo ante faciem Dei.* E como conhecia já claramente que a fonte viva da graça já não era para elle, pois o caminho unico para lá chegar era o ter vivido neste mundo como Lazaro, e como Abrahão, e vendo que já não estava *in via* para o poder fazer, por isto estava lacerando-se intrinsecamente com hum desejo fatuo, e com huma anxiedade frenetica: *Cupiditas amens: Mitte Lazarum.*

Luc.

Psalm. 42.

Será logo possivel que a lembrança de Deos, e do Paraiso sirva de inferno mais penoso aos condenados. Assim he sem duvida; e a perda que tem feito de Deos, he o mais cruel dos seus tormentos; pois se elles pudessem esquecer-se de Deos, e do Paraiso, não serião em certo modo prescitos. Diz o Profeta David, que o peccador verá, e se encherá de raiva, fremirá com os dentes, e pasmará de pena: *Peccator videbit, & irascetur, dentibus suis fremet, & tabescet.* Eis-aqui os trez objectos da sua contemplação. Que tem perdido a Deos: que o tem perdido por sua culpa, e vontade: e que o tem perdido por cousas de pouco mais de nada. Seria necessario conhecer intuitivamente as infinitas perfeições de Deos, para comprehender a perda inexplicavel do Paraiso. Em quanto vivemos neste mundo, não sentimos a união natural, que ha entre Deos, e as nossas almas, e a correlação necessaria, que ha entre

entre o Creador, e as creaturas. O pezo deste nosso corpo arrastra comsigo a alma a estas cousas da terra: *Corpus, quod corrumpitur, aggravat animam.* E como não conhecemos a Deos senão abstractivamente pelas creaturas, fazemos pouco caso de o perder por causa dellas; porém no Inferno não he assim. A alma desapegada dos nossos sentidos conhece então claramente que lhe he impossivel gozar de Deos na Bemaventurança; repara no grande bem que tem perdido, e no miseravel estado em que se acha. Aqui exclama Santo Agostinho: Ah que tormento inexplicavel será conhecer a Deos, depois de o ter perdido! *Quam horrendum est videre Deum, & perdere!*

Sap. c

Aug. l. 2. Conf.

Se o Inferno fosse capaz de alguma consolação, aquelles Gentios, aquelles Negros buçaes, aquelles Indios idiotas, e barbaros, que estão no Inferno, poderião dizer: Estamos penando. E que penas! E que dores! E que tormentos, taes, e tantos, que só quem está aqui, e os padece póde dar conta delles! E com tudo não tivemos o lume da Fé, nem toda a facilidade, e commodo para salvarmos as nossas almas. Tenho perdido a Deos; (diria algum delles) mas posso affirmar que quasi não o conhecia, senão com o remorso da sindereſi, que me fazia distinguir o bem do mal. Ah que se eu o tivera bem conhecido como os Christãos, não estaria nestes tormentos! Confesso na verdade que tive a graça sufficiente para obrar bem, e salvar-me, mas que effeito podia fazer esta graça sufficiente, vivendo eu entre salvagens, que mais parecião bestas que homens. Devia seguir a luz da razão, assim he; mas que luzes podia ter hum entendimento rude, sem discurso; huma razão inculta, sem estudo, sem letras, sem instrucção! Ah que se Deos tivesse permittido que vies-

se

ſe hum Miſſionario, e me alumiaſſe com a doutrina do Euangelho, não eſtaria agora penando no Inferno. Conſidere agora o pio Leitor que tormento ſerá para hum Chriſtão condenado, para hum Catholico, que tem vivido no gremio da Igreja; muito mais ſe eſte Catholico foi naſcido, e creado em Portugal, que he o Reino pela piedade, e pureza da Fé mais amado de Deos: *Fide purum, & pietate dilectum.* E ſe Deos quiz que o caracter do Baptiſmo foſſe indelebil até no Inferno, para que o Chriſtão preſcito tiveſſe ſempre preſente que elle meſmo ſe condenou, e não vê, nem verá nunca mais a Deos, porque aſſim quiz; do meſmo modo o ſer naſcido Portuguez lhe accreſcentará a pena do damno, tendo ſempre fixo na memoria que foi creado entre elles, e que ſeus pais deſde menino lhe dizião ſempre: Amarás a Deos ſobre todas as couſas, e fugirás ao peccado, que ſó nos póde impedir de ver, e gozar a Deos no Paraiſo; e agora que conhece todo o ſeu bem na execução deſtes documentos, quer amar a Deos, e não póde, porque no meſmo tempo lhe tem hum odio entranhavel, eſmera-ſe para chegar a elle, e Deos o lança, e lançará para ſempre de ſi: *Cupiditas amens.*

Hiſtor. Luſ. l. 1.

He doutrina de S. Thomaz, e dos Santos Padres, como todos ſabemos, que Deos he hum bem infinito, e infinitamente perfeito, não ſó na ſua eſſencia, mas em todas as ſuas perfeições. A ſua formoſura he infinita, e infinitamente perfeita, a ſua ſapiencia he infinita, e infinitamente perfeita, a ſua ſantidade he infinita, e infinitamente ſanta. O meſmo ſe entende dos mais attributos. Daqui ſe ſegue que quem perde a Deos, não ſó perde hum bem infinito, mas huma infinidade de bens infinitos, que todos ſe reúnem na Divindade, como no ſeu centro.

D. Thom. 2. 2. Guard. Deo.

tro. E se devemos medir no excesso desta pena com o excesso do gaudio, que havia de gozar, considere qual será o excesso da pena do damno, e com que anxiedade desejará recuperar esta perda, que não contém menos que huma infinidade de bens infinitos: *Cupiditas amens.* Perdi a Deos, (dirá então hum condenado) e em o perdendo, perdi o Reino da Gloria, onde eu havia de reinar eternamente. Oh bella Patria! Oh Clima bemaventurado! Oh Beata Estancia! Tambem eu lá tinha o meu lugar, que como a filho, e herdeiro me estava preparado. E sempre me fui lisonjeando, que no fim da vida lá haveria de ser a minha morada. Mas (oh triste peccado!) sempre te verei presente na minha memoria, na minha imaginação, no meu desejo; mas para nunca entrar nella: *Videbit eam, sed non intrabit ad illam.* Perdi a Deos, e em o perdendo, perdi o lume da Gloria, por meio do qual os Santos o estão vendo *facie ad faciem*, e contemplando-o assim mesmo como he: *Sicuti est.* Perdi a Deos, e em o perdendo, perdi a companhia da Virgem Mãi de Deos, que tanto me favorecia; do meu Anjo da guarda, que tanto me queria; e de tantos outros, que se salvárão, meus conhecidos, parentes, e amigos. Oh que consolação teria eu de conversar com elles, e como abririamos com fidelidade, e amor huns aos outros os nossos corações. Mas como as minhas culpas são totalmente oppostas á graça santificante, que elles possuem, me hão de aborrecer, e lançar de si, como a hum demonio, que eu sou. Finalmente em perder a Deos, perdi a mim mesmo; e tendo perdido a Deos, e a mim mesmo, tenho perdido tudo. E se tudo está perdido, que me resta? Que me fica? Fica-me unicamente o ser. E este ser de que me servirá? Só para sentir, e soffrer esta pena do damno tão insoffrivel,

vel, para me affligir para ſempre, e me fazer deſejar, o que nunca hei de ter, nem ver: *Cupiditas amens.*

Quando foi intimado a Ovidio o areſto de Ceſar, com o degredo para a Provincia de Ponto, não he crivel a pena, que naquelle apartamento ſentírão, aſſim elle como a ſua cara conſorte, e os ſeus amados filhos. Forão tantas as lagrimas, taes os alaridos, e tal a confuſão naquella noite, que não a ſoube o Poeta deſcrever melhor, que dizendo, parecer-lhe a ſua caſa naquellas ultimas deſpedidas hum mappa, em que eſtava epilogado em ponto pequeno a confuſão do incendio de Troia:

Si licet in parvis exemplis grandibus uti,
Hæc facies Troiæ, dum caperetur, erat. Ovid. de Ponto.

Fraca ſemelhança he a do ſentimento de Ovidio, que tanto encarece o viver em hum degredo auſente da conſorte, e dos filhos. E que tem para ſe queixar, quando na ſua mão eſtava o poder aliviar as ſuas ſaudades? Finalmente o ſeu degredo era de huma parte do mundo para outra, de Europa para a Aſia; e ſe as auſencias dos filhos foſſem dilatadas, e as ſaudades extremas, ſe era prohibido ao pai o tornar a Roma, podia remediallas com mandar aos filhos que de Italia foſſem para a Grecia.

Melhor repreſentação deſta pena do damno acho eu na Sagrada Eſcritura na peſſoa da mãi de Tobias o moço. Mandou o Velho Tobias a ſeu filho nos Paizes da Media para cobrar dez talentos, que por credito corrente lhe devia hum certo Gabêlo; porém ainda que a diſtancia do Paiz era grande, muito maior pareceo á mãi a diſtancia do tempo, não podendo já mais ſoffrer as auſencias do filho, começou a laſtimar-ſe aſſim em preſença do marido: Ah meu caro Tobias, meu filho amado, filho do

do meu coração, onde estás? Por onde andas? Que nós fossemos tão cegos de vos mandar para huma cobrança, que tão pouco importava! Maldito dinheiro, nunca fosses nosso, pois foste causa de huma tão
Tob. c. 5. grande perda: *Nunquam fuisset pecunia, pro qua misisti eum.* Bastava-nos a nossa pobreza, e agora, para sermos mais ricos, em perder ao nosso filho temos perdido tudo. Temos perdido a luz dos nossos olhos, o nosso bem, a nossa consolação, o bordão da nossa velhice, a columna da nossa casa, o lustre da nossa familia, o gosto da nossa vida, e a esperança da nossa posteridade. Tudo isto perdemos, porque isto tu-
Tob. c. 10. do estava encerrado no meu unico filho: *Heu, heu me. Fili mi. Ut quid te misimus peregrinari, lumen oculorum, nostrorum, baculum senectutis nostræ, solatium vitæ nostræ, spem posteritatis nostræ. Omnia simul in te uno habentes, te non debuimus dimittere à nobis.* E dizia isto com lagrimas de sentimento tão inconsolaveis, com soluços, e ais tão altisonantes, que os montes circumvizinhos, se fossem animados, diriamos que acompanhavão com o éco a sua pena por compaixão. Tal he a dor de huma mãi na perda de hum filho, que ama, e cuida não ha de ver mais; lhe parece huma dor sem remedio, pois perdeo nelle todo o seu bem: *Omnia in te uno simul habentes, te non debuimus dimittere.*

Tambem esta he huma debil figura da nossa pena do damno, para exprimir a dor imperceptivel de hum miseravel condenado, que perdeo a Deos. Se a mãi de Tobias chorava huma breve ausencia de seu filho com lagrimas, que o mesmo Texto Sagrado chama inconsolaveis, pois não esperava dellas remedio: *Lacrimis irremediabilibus*, porque achava na presença do filho tudo o que desejava, e na sua ausencia sentia a falta de todo o seu gosto, que des-

gosto,

goſto, que pena, que dor, que triſteza, que raiva, que deſeſperação de hum reprobo, quando ficará com evidencia perſuadido, que perdendo a Deos, tem perdido tudo? Quando verá que não o perdeo por alguns mezes, como a mãi de Tobias a ſeu filho, mas por annos, e ſeculos, e por huma eternidade, que durará para ſempre; então ſim que o inſtinto natural, já deſimpedido do pezo do corpo, a modo de fogo, quando venceo as diſpoſições da materia combuſtivel, com maior impeto ſe lançará a buſcar a ſua eſféra, que he Deos; e no meſmo tempo, vendo-ſe opprimido pelo pezo do peccado, que a modo de huma pedra de moinho, o obriga a parar no Inferno, que he o ſeu centro; então convencido por experiencia da ſua infinita deſgraça, prorompera em gritos, e ais, dizendo aſſim: Ai, triſte alma, ai, alma infeliz, que ha de ſer de ti! Tenho perdido a Deos; e em o perder, perdi a mim meſmo, e tenho perdido tudo. Chora, deſgraçada, chora; dobra as tuas lagrimas, e redobra os teus ſuſpiros. Maldito ſeja o dinheiro, maldita ſeja a fazenda, que me cauſou tão grande perda. Maldito ſeja o goſto, maldito ſeja o deleite, que me cuſtárão tão grande tormento. Maldito ſeja o amor ás creaturas, que me neceſſita agora a hum odio implacavel ao meu Creador; e ſendo elle meu inimigo, não tenho mais que eſperar, tenho perdido tudo. Perdi a Deos, perdi ao meu bem, perdi a mim meſmo. Acabou-ſe, tenho perdido tudo; e ſe tudo eſtá perdido, que me reſta, ſenão dizer: Chora, miſeravel, chora, deſgraçado, grita, geme, ſoffre, e pena para penar para ſempre, e gemer, e chorar eternamente: *Cupiditas amens.*

Ainda fará ſubir mais de ponto eſte tormento da pena do damno a ſéria conſideração deſta verda-

de, que agora direi ; e vem a ser, que a alma de qualquer condenado no Inferno tem huma capacidade como infinita, a qual nunca póde ser cheia, nem satisfeita, se não for occupada por Deos; e assim como a natureza não admitte o vacuo: *Non datur vacuum in rerum natura*, porque estaria como violentada, ficando o mundo em huma perpetua guerra, batalhando entre si os elementos com hum desconcerto notavel; assim por este principio, a pena do damno he huma pena infinita, porque deixa como vazia a capacidade da alma, privando-a de Deos, que he hum Bem infinito. Que a capacidade da alma seja infinita, prova-se com dous principios indubitaveis, e ambos fundados na Escritura Sagrada. O primeiro, que he Theologico, será para os doutos; o outro, que he Fysico moral, servirá para todos. Não ha cousa mais fallada na Theologia que serem as creaturas correlativas ao seu Creador; nem se póde pronunciar, ou entender esta palavra creatura, sem ficar nella incluida a relação transcendental, que tem com o seu Creador. Além desta, e muitas mais relações, tem qualquer alma huma relação de semelhança, por ser imagem de Deos: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram.* Em ordem á natureza, he a alma imagem de Deos por participação do seu ser. Em ordem á graça, he imagem de Deos por participação da sua santidade. Em ordem á gloria, he imagem de Deos por participação da sua Bemaventurança. E isto he tanto assim, que diz Santo Agostinho, que conforme Deos não póde estar contente, nem satisfeito, senão gozando de si mesmo; assim a alma, como sua imagem, não póde estar contente, nem satisfeita, senão gozando de Deos: *Domine, fecisti nos ad te, & inquietum est cor nostrum, donec requiescat in te.*

Aristt. lib. Phys.

D. Thom & alii.

Gen. 1.26.

Aug. lib. de Conf.

O ou-

O outro principio, por onde ſe prova a capacidade da alma ſer infinita, he a inſaciabilidade das paixões humanas. Couſa tão certa, que qualquer peccador o póde experimentar em ſi nos vicios, a que he inclinado. Vio-ſe algum dia hum avarento ſatisfeito das ſuas riquezas, por muito que poſſua? Tomára elle ainda mais, e nunca dirá baſta: *Numquam dicit: Sufficit.* Por muito dinheiro que tenha, diz o Eſpirito Santo, que o ſeu deſejo nunca ficará cheio: *Avarus non implebitur pecunia.* Ainda que com violencias, e uſuras grangee todo eſte mundo, não ha de eſtar contente. Se não diga-o Alexandre Magno, que ouvindo dizer loucamente como no concavo da Lua havião outros mundos, ainda não tinha acabado de conquiſtar huma pequena parte deſte, que logo começou a chorar, e entriſtecer-ſe, annellando com anxiedade para a conquiſta dos outros. E iſto porque? Porque a paixão da cubiça he inſaciavel. Vio-ſe algum dia hum ſoberbo ſatisfeito das honras, e eſtimação, que fazem delle? Parece que o havia de ſer Aman; pois era valído de ElRei Aſſuero, que dominava até á India cento e vinte ſete Provincias. Era Aman a ſegunda peſſoa da Monarquia, *ſecundus à Rege.* Tinha immenſas riquezas, e tantas honras, que ſó elle com a Rainha ſe aſſentavão na meza com ElRei; e com tudo confeſſava elle meſmo que lhe parecia não ter nada, porque ao entrar do Paço não ſe levantava Mardoqueo em pé para o ſaudar: *Et cum hæc omnia habeam nihil me habere puto, quandiù videro Mardocheum ſedentem antè fores Regias.* Mas que vos falta Aman? De que vos queixais? Porque fazeis caſo das cortezias de hum ſoldadinho de tão baixa eſféra? Porque? Porque a paixão da ſoberba he inſaciavel. Vio-ſe algum dia hum impúdico farto da ſua luxuria? Claro eſtá que não. Quan-

Prov. 30.

Eccleſ. 5. 9.

Eſther 5.

to mais se involve no lodo da sua impudicicia, tanto mais deseja enlodar-se, pedindo como as sanguisugas de Salamão sempre mais deleites : *Dicentes*: *Affer*, *affer*. E isto porque? Porque a paixão da luxuria he insaciavel : logo he evidente a insaciabilidade das paixões humanas.

Prov. 30.

Isto supposto, continuemos agora o nosso discurso, e argumentemos assim: Se toda a paixão humana he insaciavel, e no coração perverso de hum reprobo encerrão-se tantas paixões, e a maior parte dellas entre si especificamente diversas, julguem agora qual he a capacidade da alma; e se a alma foi creada para sómente servir, e amar a Deos, com quem tem huma total dependencia, e huma infinidade de relações, como temos visto assima, quem duvída ser necessario que a sua capacidade seja como infinita, pois só Deos póde encher aquelle vacuo tão immenso, que ella contém em si. E conhecendo claramente a alma de hum condenado, que só possuindo a Deos poderá chamar-se satisfeita, ficando socegada, e quieta no seu centro, como o fogo na sua esféra; e vendo pois que Deos pelo peccado, de que ella está ré, a lança com furor de si, e foge sempre della, considere o peccador, que violencia, que tormento, que dor, que tristeza, que desesperação! desejar sempre, e querer o que nunca ha de alcançar, nem possuir. E este desejo assim violento, e frustraneo, esta anxiedade assim fatua, e desesperada, chama-se, e he na realidade a verdadeira pena do damno: *Cupiditas amens.*

O que accrescentará em tresdobro esta pena do damno, e apurará mais a anxiedade, e desejo de ver a Deos, e unir-se com elle, será o lembrarem-se os condenados, que perdêrão a Deos, não só porque quizerão, mas por contentar hum appetite, por dar gosto

goſto a hum amigo, e por couſas de pouco mais de nada. Narciſo vendo a ſua imagem nas aguas cryſtallinas de huma fonte bem limpa, todo o ſeu diſvelo era unir-ſe mais de perto com ella; porém todo o ſeu trabalho ſempre era de balde, e a ſua mais exacta diligencia inutil, porque logo que chegava a tocar com a mão a agua, eſta turbava-ſe, e deſapparecia a ſua imagem. Aqui era a ſua pena inſoffrivel, a ſua dor ſem remedio, que o obrigava a laſtimar-ſe:

Utque magis doleam, non nos mare ſeparat ingens, Ovid.
Non via, non montes, non clauſis mœnia portis;
Exigua prohibemur aqua.

E para maior tormento das minhas ſaudades, o que me impede a união, com o objecto amado da minha imagem, não he huma navegação perigoſa do mar atlantico, não montes alpeſtres, não caminhos dilatados: *Exigua prohibemur aqua.* Bem ſei que eſta mavioſa narração de Narciſo he hum invento Poetico, ſahido do fecundo engenho de Ovidio; mas ſei tambem, e não he fabula, mas verdade de fé, que a alma de qualquer preſcito foi feita, e creada, como diſſemos, conforme a imagem de Deos: *Ad imaginem Dei creavit illam.* Gen. 1. 27. E conhecendo o meſmo preſcito, que Deos he a fonte de todos os bens, e que pela ſua immenſidade eſtá em toda a parte, e tão perto delle, que o circumda, e eſtá nelle, então *Cupiditas amens*, aquelle deſejo fatuo o obrigará a gritar, a bradar, e laſtimar-ſe, dizendo: Quem divide, quem ſepára, quem impede a união da creatura com o ſeu Creador, a copia com o ſeu original, a imagem com o ſeu prototypo: *Exigua prohibemur aqua*, o impede, o prohibe huma pequena de agua do baptiſmo deſprezada; de agua da graça trocada por hum pondonor, por hum goſto, que durou hum

momento; por huma pequena de fazenda não restituida.

Que queixas, que suspiros, que lagrimas não brotava Lisimaco Rei de Thracia! Foi este bloqueado com todo o seu exercito por Dromicheres Rei de Macedonia em hum sitio apertadissimo, onde a penuria de agua o necessitou a render-se á discrição, ficando elle, e todo o seu exercito prizioneiros de guerra, sem liberdade, sem Reino, e sem mando. Chegou depois a saciar-se de agua; e apagada já a sede, cahio em si, e considerando-se sem Reino, sem subditos, sem mando, e sem governo, qual outro Esaú, que vendendo a Jacob a primogenitura por huma escudela de lentilhas: *Irrugiit clamore magno*; do mesmo modo começou Lisimaco a chorar, a gemer, e a bradar, dizendo de si pasmado: Que seja possivel que hum Rei tão potente, hum Reino tão dilatado, e hum povo tão numeroso, tenhamos hoje todos juntos feito naufragio em hum pucaro de agua: *Parvula naufragio sufficit unda meo*! Considere o peccador com attenção. Quantos estão agora no Inferno, vossos conhecidos, vossos parentes, vossos amigos, e por ventura complices dos mesmos peccados, que ambos de dous commettestes. Sentem os mesmos tormentos, padecem a mesma pena do damno. E porque? (como disse o Santo Job) Por dar gosto áquelle amigo, por satisfazer ao seu appetite, bebêrão, e tragárão o peccado mortal, como se fosse hum pucaro de agua: *Bibit quasi aquam iniquitatem.* E de que servem agora as lagrimas, os pezares, as queixas, e os suspiros, se já não ha remedio, tudo he de balde, e só fica hum desejo fatuo: *Cupiditas amens.*

D. S. Hist.

Genes. 27.

Job c. 15. 26.

Quero dar fim a este primeiro ponto com hum reparo de grande consequencia, e desejo, que bem con-

conſiderado fique impreſſo no noſſo entendimento. E vem a ſer, que pelo appetite innato, que tem a alma para com Deos, como a ſeu ultimo fim, qualquer peccador depravado, ainda neſte mundo, quanto mais ſe immerge nos ſeus vicios, tanto mais buſca nelles (ſe bem erradamente) ao ſeu Deos. Eſte reparo, que á primeira viſta parece incluir em ſi dous termos oppoſtos, ſahio do grande, e agudo engenho de Santo Agoſtinho, que diſcorre aſſim. O' alma peccadora enganada, pecca quanto quizeres, na tua maior deſordem (ainda que não queiras) buſcarás a melhor ordem, que tu tens com Deos. Cuidas que buſcas as riquezas, mas tu te enganas, porque o que buſcas he a abundancia, e eſta não ſe acha ſenão em Deos, que tu buſcas, ſem o ſaber. Cuidas que buſcas os goſtos, e o deſcanço, mas como o verdadeiro goſto, e o deſcanço ſó eſtá em Deos, gozando delle, buſcas a Deos, ſem o querer buſcar: *Cogitas, te congerere divitias, ſed abundantiam quæris, quæ in ſolo Deo eſt, &c.* De modo, que a alma em todo o tempo, e em qualquer eſtado ſempre anella por unir-ſe a Deos; com eſta differença, que o ſeu deſejo neſta vida fica como ſuſpenſo, e retardado por duas razões: primeira, porque o pezo do corpo (como já temos dito) he como huma carga pezada, que o opprime: *Corpus quod corrumpitur aggravat animam*; ſegunda razão he, porque eſtando ainda *in via*, não fica em eſtado de ver a Deos, e por iſto ſe lhe atraveſsão nos ſentidos milhares de objectos, que a occupão, e a divertem. Mas quando a alma ſe achar na outra vida já (como dizem os Theologos) *in termino* aliviada do pezo deſte corpo mortal, e deſpida de todos os objectos, que a podião divertir, já ſem demoras, ſem ſuſpensão, e ſem divertimentos, que lhe impedião

Auguſt. lib. 30. de Civ. Dei.

Sap. c. 9. 15.

o conhecimento do seu unico, e summo Bem, que he Deos, então sim, que disvelando-se claramente a pena do damno, faz sentir a hum condenado o tormento inexplicavel, que he hum desejo fatuo, pois he desejar huma quimera, e huma união impossivel: *Cupiditas amens.* Se pois ajuntarmos na alma os dous movimentos violentissimos, hum he o instinto natural, que vendo-se desimpedido do corpo, quer impetuoso unir-se ao seu summo Bem. O outro he hum desejo vehementissimo, que tem de ver-se livre dos tormentos horriveis do Inferno, que tomára fossem já acabados. E como pelo rigor destes tormentos se ha de medir o desejo de se ver livre delles, sendo os tormentos sem termo, e sem medida, assim tambem o desejo de se unir a Deos he sem medida. E como vê, e sabe que esta união não se faz, nem se póde fazer por causa do irrevogavel aresto: *Vos non populus meus, & ego non ero vester*, aqui está o essencial da pena do damno com o seu desejo fatuo: *Cupiditas amens*; o qual desejo vendo-se frustrado, de louco passa a frenetico, e se faz a modo de huma furia bacante no Inferno: *Furor inutilis*, que he o segundo ponto, que propuzemos neste tão importante Discurso.

Ofee c. 1.

Segundo ponto.

He reflexão bellissima de Santo Agostinho, que em qualquer combate de alguma paixão predominante, quando não se póde alcançar o que se intenta, ou se perde forçadamente algum bem, que muito se estima, a violencia deste desejo ordinariamente degenera em desesperação, ou furor: *Frustrata cupiditas, sive non perveniendo, quò tendebat, sive amittendo quò pervenerat, vertitur in furorem.* Mandou El-Rei Nabucodonosor passar hum edicto, em que ordenava, que todo seu vassallo, de qualquer condição que fosse, em ouvindo tocar certos instrumentos,

Aug. lib. 21. de Civit. Dei.

se

se prostrasse de joelhos, e adorasse a sua estatua de ouro. Trez mancebos Hebreos inimigos da idolatria recusárão adorar aquella falsa deidade. Que faria neste caso hum Rei offendido? Os mandaria prender; que lhes formassem juridico o processo, e dando vista ás partes, que dissessem de sua justiça, e os sentenciassem conforme o Direito. A nada disto deo lugar a paixão, pois subindo o fogo da colera, escureceo a magestade, e perturbou-se o sereno da sua fronte: *Aspectus faciei illius immutatus est*; e Dan. c. 30.
degenerando a ira em furor: *Repletus est furore*, mandou accender sete vezes mais a fornalha, para que todos trez fossem queimados vivos nella. E por que isto? Porque a paixão da ira degenerou em furor, e furia sem proveito: *Furor inutilis*. Em hum Osee.
condenado não he assim; porque o objecto do seu furor não he perseguir, o que elle aborrece, mas querer o mesmo que elle com anxiedade busca; não he querer destruir o que aborrece, mas querer o que elle deseja, e desejará sempre; não he querer aniquilar a quem delle sempre se affasta, mas intentar com todas as forças de estar sempre unido, com quem sempre o lança de si. Furor na verdade inutil, que não tem alivio algum, ou desabafo, como hum furioso nesta vida; e conseguintemente não serve de mais a hum misero condenado, que accrescentar o seu tormento, e render mais cruel a pena do damno, que agora conhece ser a privação, e desgraça do seu Deos, que o lança de si fóra para sempre: *Furor inutilis*.

Explica este furor S. Vicente Ferreira com a semelhança do falcão, ave de rapina, que em quanto não vê, ou não segue a preza, soffre a prizão, e não faz caso da corrente, com que está atado nos pés; porém descubrindo-se-lhe aos olhos a vista da pre-

preza, lhe faz tal impressão, que usa de todas as traças, e faz todos os esforços, até ver se o caçador o solta; e em o não soltando, dobra as violencias, redobra os esforços, debate-se, e fere-se, até que de ferido, e cançado morre. Assim mesmo succederá ao reprobo no Inferno, vendo que Deos foi tanto tempo caçador da sua alma nesta vida, e não o quer mais ver, nem já ser sua preza, voltará todo o seu furor contra si: *Furor inutilis*; e para se ver solto daquella prizão de fogo, desejará que destrua a sua propria substancia, e dirá: Já que Deos não me quer mais por sua creatura: *Non populus meus*, e não quer ser nunca mais meu Deos: *Et ego non ero vester*; se ha de lembrar sempre dos meus peccados, que põe hum eterno divorcio entre mim, e elle, parta-me ao menos com hum raio, mate-me embora, destrua-me, e aniquile-me: *Interficiat me, in nihilum redigat me.*

Este era o pensamento de Absalão, este era o discurso, que fazia com Joab. Era Absalão filho de ElRei David, pai tão amoroso, que não só encom-
2. Reg. 18. 5. mendou sempre a todos a vida do filho: *Servate mihi puerum Absalon*, mas nas occasiões, e perigos desejava, e pedia a Deos a morte, com tanto que Ab-
2. Reg. 39. salão ficasse vivo: *Absalon fili mi, quis mihi tribuat, ut ego moriar pro te.* Com tudo o filho foi tão ingrato, que armou huma traição, enganando a seu pai, pedindo-lhe levar a seu irmão Amon a huma festa, e no melhor della lhe mandou tirar a vida. E que castigo lhe daria David por hum crime tão execrando, e de primeira cabeça? Filippe Prudente por hu-
Hist. Cancl. ma suspeita fundada de ter seu filho intelligencia com Coroas estrangeiras, o mandou metter em huma prizão, e não sahio della senão depois de morto. Não assim ElRei David. Deo toda a liberdade

ao

ao filho rebelde, que vieſſe, e aſſiſtiſſe na Corte de Jeruſalem ; porém que nunca mais o havia de ver, nem admittir no Paço á ſua preſença : *Non videbit faciem meam.* Triſte pena , e privação ſaudoſa, que obrigou a Abſalão a pedir muitas vezes a morte! Não. Eu não poſſo viver aſſim. Ha de ſe revogar eſte areſto , ou mitigar eſta ſentença. Sei que vivi ingrato a meu pai, fui traidor ao meu Rei : eu o confeſſo , e tenho grande pezar; porém ſe elle ſe ha de lembrar da minha maldade , e privar-me da ſua preſença, quero antes a morte, e faça-ſe embora juſtiça, e mande-me tirar a vida : *Si memor eſt iniquitatis meæ , interficiat me.* Já que não acho na Sagrada Eſcritura modello , com que melhor poſſa moſtrar a imagem, que tenho delineado na minha imaginação, paſſemos da figura ao figurado, trocando o nome de Abſalão em qualquer preſcito do Inferno, e elle nos relatará com experiencia a pena, que ſente da privação de Deos. Aſſim he, (exclama logo bradando hum daquelles condenados) ainda mal que aſſim he. Confeſſo que fui traidor ao meu Deos, fui rebelde a hum Pai caritativo , que para me livrar milhares de vezes do Inferno, ſoffreo infinitas affrontas, que eu lhe fiz. Quantas vezes ſolicitei as creaturas , para que ſe rebelaſſem contra elle, para me fazerem o meu goſto. Em fim já não tem remedio. Eſtá pronunciada a ſentença; não por dous annos, como a Abſalão, mas por toda a eternidade; não para tornar em graça , mas para ficar ſempre deſgraçado. Se nunca mais hei de ſer filho de Deos, ſe nunca mais hei de gozar delle, ſe nunca mais hei de ver a ſua face : *Non videbis faciem meam.* E convencido com certeza infallivel deſta verdade , entrará em hum furor inutil *furor inutilis* , deſejando, e procurando a ſua deſtruição : *Si memor eſt iniquitatis*

2. Reg. 14.

2. Reg.

tis meæ, interficiat me. Se Deos he para mim inexoravel, se se ha de lembrar perpetuamente dos meus peccados, tendo-os sempre presentes, para me privar da sua presença, porque não me destroe? Porque não me reduz em nada? Se diz que já não he meu Deos, e que eu já não sou, nem nunca mais
Ofee 1. serei seu: *Vos non populus meus, & ego non ero vester*, como me afflige com tantas dores, e como me affoga em hum mar de tormentos? Mas se elle ainda assim he o meu Deos, e eu não posso estar hum momento sem elle, e sem cuidar nelle; e ainda que não queira, hei de estar sempre unido a elle, como neste pensamento, e nesta união não provo algum alivio, antes experimento maior pena? Ah privação de Deos! Ah pena do damno! Agora já te conheço. Ah dor desesperada! Ah desgraçado precito, (dirá cada hum delles) que ha de ser de mim! Chora miseravel, chora, geme, soffre, e pena. E já que a pena he insoffrivel, desespera-te, mata-te, despedaça as tuas carnes, desentranha-te, e arranca o teu coração. Volta o teu furor, e tua raiva contra ti mesmo, contra a tua propria substancia, e pede, não ao teu Deos, pois já o perdeste por hum gosto de nada, mas ao teu Juiz, que por compaixão te acabe, te mate, e te aniquile: *Interficiat te.*

Ah reprobo infeliz, e desgraçado! Isto he o que pedes, isto he o que desejas? ver-te livre dos teus tormentos? Mas isto nunca o poderás alcançar. Não he o amor o que te move, mas he a dor, que te aperta. Não he a luz a que te insinua a pedir piedade, mas o teu furor cego, que de cançado parece que abranda para se enfurecer sempre mais. O teu Juiz, que he Deos, estará perto de ti, ao redor de ti, e mesmo dentro de ti com a sua formidavel justiça, a fim de accrescentar a tua pena, e

apu-

apurar ſempre mais a tua deſeſperação. Não ſómente a tua alma ſerá immortal, mas tambem o teu corpo vivirá morrendo eternamente; e ambos ſerão ſempre mortos para não gozarem de Deos no Paraiſo, e ſerão ſempre vivos para ſentirem ſempre mais, e padecerem para ſempre a pena do damno no Inferno. Nenhum tormento (diz S. Bernardo) he mais atroz, nenhuma pena he mais inſupportavel, e deſeſperada, que deſejar com anxiedade, e querer ſempre, o que nunca ha de alcançar, e ſer obrigado a ter, e poſſuir, o que nunca ha de querer: *Semper habere, quod nollet, nunquam poſſidere, quod vellet.* Bern. de Conſ. c. 12. Tal he o eſtado miſeravel, em que ſe acha hum triſte condenado; e eſte he o ſegundo objecto do ſeu furor inutil, vendo que não póde deſtruir-ſe a ſi, deſejar, e querer deſtruir ao meſmo Deos: *Furor inutilis.* Viſtes algum dia hum baixel de alto bordo combatido no meio do oceano de huma horrivel tempeſtade? Huma onda o bota para Levante, outra onda o leva para Poente; hum vento forte o leva para o caminho do Sul, no meſmo tempo hum tufão mais furioſo o faz dobrar para o Norte; agora o elevão ſobre humas montanhas de aguas, parece que vai buſcar as eſtrellas: *Fluctuſque ad ſydera tollunt*, Æneid. l. 1. dahi a pouco huns mares cavados parecem que o ſepultão no abyſmo. Deſte meſmo modo (diz Hugo de S. Victor) he a alma de hum condenado, que tem perdido ao ſeu Deos. As ondas das ſuas lagrimas, ainda que infructuoſas naquelle abyſmo, lembrão-lhe que erão poderoſas neſta vida para conquiſtar a Bemaventurança. Porém lhe ſahe logo com vehemencia o rio de fogo da Juſtiça Divina, que abſorbe o fingimento das lagrimas, e o affogão na ſua perverſa obſtinação: *Fluvius, igneus, rapiduſque egredietur à facie ejus.* Dan. c. 7. O vento dos ſeus ſuſpiros, e ſo-

lu-

luços, enganando a imaginação do prescito, lisongea a vontade perversa com huma esperança quimerica de chegar ao menos por hum instante a ver ao seu Deos. Aqui se lhe atravessa logo o contravento da indignação Divina: *Adducit Dominus ventum urentum*, que aflagellando impetuoso a rebelde vontade obstinada na culpa, deixa o miseravel condenado batido, rebatido, e para sempre combatido de milhares de movimentos contrarios; e perseverando necessariamente na sua confusão, e maldade, dá nos ultimos excessos do seu furor inutil: *Furor inutilis.*

Esta imperceptivel diversidade de movimentos contrarios, que acompanhão a privação de Deos, dizem os Santos Padres, que nasce dos máos habitos, que ficão radicados na alma, quando se separa do corpo, e que sempre durão, principalmente no Inferno. Todos aquelles amores deshonestos, aquella ambição de honras, e fazendas, com que o peccador se achava nesta vida, tão fortemente prezo, e unido com as creaturas, são ao depois no Inferno outros tantos grilhões, que o prendem, e desunem do seu Creador. Esta alma desaventurada (diz S. Jeronymo) não póde mais peccar: *Amplius peccare nequit.* Mas ainda que a morte a separou do corpo, não a separou dos seus torpes affectos. Conserva logo para sempre os seus máos habitos, as suas inclinações desordenadas, os seus vicios enormes; e como estes são totalmente oppostos ao desejo violento, á anxiedade innata, que tem de ver ao seu Deos, e unir-se com elle, esta batalha intrinseca he a genuina pena do damno, que dobra a sua raiva, redobra o seu furor inutil, e o faz prorromper em milhões de blasfemias, amaldiçoando a si, e aos pais, que o gerárão, fantasiando quimeras, imaginando

Jeron. hom. 14. in Mat.

im-

impoſſiveis, e deſejando que não houveſſe nem Anjos no Ceo, nem Santos na terra: quer que ſe deſtrua, e aniquile tudo, com acabar por huma vez elle, o mundo, o Creador, e as creaturas. Mas conhecendo depois que tudo iſto são delirios, e freneſis, cauſados da intenção da pena intrinſeca de não ver a Deos, enfurece-ſe outra vez com maior deſeſperação, provocando aos demonios, que ſe vinguem contra elle, e que o atormentem; e feito de ſi meſmo algoz mais cruel que os demonios, roeſe, morde-ſe, e deſpedaça-ſe; porém ſempre ſem utilidade, ou proveito, pois nunca alivia, ou diminue a dor, antes aggrava, e accreſcenta ſempre mais a ſua pena: *Furor inutilis.*

He certiſſimo que Jeſus Chriſto Senhor noſſo, antes de pronunciar o fatal areſto da condenação dos reprobos: *Ite, maledicti, in ignem æternum*, fará ſahir Matth. hum certo reſplandor dos ſeus olhos, com que vejão *tanquam in ſpeculo* a formoſura de ſua face, e, como diz o Veneravel Biſpo de Agen, imprimirá huma cognição abſtractiva da Gloria do Paraiſo nos ſeus entendimentos, para que a deſejem eternamente; pelo que ſe ſentirão conſtrangidos a amallo, e deſejallo com toda a extensão da ſua vontade. Triſte neceſſidade de hum reprobo de amar, e odiar no meſmo tempo a Deos, que nunca poderão gozar! O Profeta Job, fallando em peſſoa de hum preſcito, ſe queixa com Deos como a ſeu inimigo, que ſe oppõe, e combate as ſuas affeições, contrariando a todos os deſejos da ſua vontade: *Quare poſuiſti me contrarium tibi.* A primeira oppoſição he, que Deos he eſſencialmente oppoſto ao peccado; e o reprobo tem ſempre o coração, a memoria, e a vontade no deſejo dos peccados, em que morreo. Para prova diſto, vejamos qual he a vontade de hum reprobo, Joly tom. 2. Serm. de Judic.

e co-

e conheceremos como Deos lhe he essencialmente opposto. O desejo do reprobo seria tornar ao mundo para continuar no seu peccado: *Vellet sine fine vivere, ut posset sine fine peccare.* Queria que Deos não usasse da sua justiça, e que não houvesse Inferno, ou ao menos que acabasse o seu tormento com a morte. Deos se oppõe a todas estas inclinações necessariamente, pois he a mesma santidade, e quer que a sua justiça dure eternamente, e que se execute com todo o rigor contra o reprobo, endurecido na culpa totalmente contraria a Deos: *Quare posuisti me contrarium tibi.* Nem se contenta o Profeta Job de representar a summa contrariedade, e total opposição, que tem Deos com o prescito, e o prescito com Deos: *Quare posuisti me contrarium tibi.* Mas accrescenta a opposição, e contrariedade, que terá o mesmo prescito comsigo mesmo com estas palavras: *Et factus sum mihimetipsi gravis.* A minha desgraça he tão funesta, (dirá o reprobo) que sou chegado eu mesmo a ser o maior inimigo de mim mesmo. Mui leve, e fraca expressão do seu tormento parece esta, mas bem considerada he o extracto mais sublimado, e a quinta essencia mais apurada da pena do damno. Que hum reprobo seja constrangido a soffrer eternamente huma reciproca contrariedade, e formal opposição de si com Deos, e de Deos comsigo, he summa miseria: *Quare posuisti me contrarium tibi*; mas que o reprobo seja formalmente opposto, e contrario a si mesmo; que as suas affeições, o seu odio, os seus desejos, imaginações, e pensamentos, batalhando entre si, lhe fação huma guerra perpetua, e que elle mesmo possa dizer com verdade, que he o tyranno mais fero, e o mais cruel verdugo do seu supplicio, servindo de instrumento á Justiça Divina para augmentar as suas dores, e os

D. Greg. l. 3. mor.

Job c. 7.

seus

eus tormentos! Não he iſto o *non plus ultra* de to-
as as penas, e miſerias : *Et factus ſum mihimetipſi* Job c. 7.
ravis.

Oh deſgraça das deſgraças em hum reprovado
er perdido a Deos! ſer perſuadido com evidencia
nfallivel que não ha, nem póde haver couſa mais
mavel que Deos; nada mais lindo, e formoſo que
eſus Chriſto Senhor noſſo; nada mais precioſo que
Paraiſo; nada mais rico, e deſejavel que a Glo-
ia. Neſte comenos a vontade convencida de que
ſte bem infinito he infinitamente amavel, terá hu-
na propensão innata, e huma inclinação vehemen-
iſſima de poſſuillo, e gozallo, e no meſmo tempo
aborrecerá, o odiará, o deteſtará, conſiderando-o
omo objecto da ſua aversão, como cauſa dos ſeus
ormentos, e como inimigo inſuperavel, e omnipo-
ente, blasfemando-o, com odio irreconciliavel ; e
ſſim amará, e odiará tudo junto, quererá a ſua con-
ervação, e buſcará o ſeu exterminio, deſejará a mor-
e, e a morte fugirá delle : *Deſiderabunt mori*, *&* Apocal. 9.
ors fugiet ab eis. Oh vontade! Oh penſamento! Oh
leſejos contrarios a vós meſmos! Que pena, e que
ormento cauſareis a huma alma combatida das ſuas
roprias paixões, que ſerá o teatro funeſto de hu-
na guerra implacavel! Suſpirará, gemerá, gritará,
e deſeſperará, ſe deſpedaçará. E de que ſervirá tu-
lo iſto por toda a eternidade, ſenão averiguar-ſe
or experiencia, e confeſſar para ſempre, que he
um deſejo fatuo, huma eſperança louca, e hum fu-
or, que ſó accreſcenta a pena, e ſem proveito : *Cu-*
piditas amens, *furor inutilis.* Deos contrario á von-
ade deſta alma deſgraçada; ella contraria á vontade
le Deos, e ella meſma contraria a ſi meſma. Depois
tormentada com o ardor do fogo, atormentada pelos
demonios, atormentada pelos complices dos ſeus pec-

cados, e por todas as creaturas do Inferno, sem compaixão, sem soccorro, sem esperança, sem consolação, sem repouso, e sem o minimo intervallo de descanço. Este he hum leve abuso da pena do damno. Deos tem demittida de si esta alma peccadora, e impenitente. Ella nunca mais será de Deos, nem Deos por toda a eternidade, e em quanto for Deos o será della: *Vos non populus meus, & ego non ero vester.*

Oseæ cap. 1

Quero dar fim a este Discurso, com mostrar que quanto até agora tenho discorrido ácerca da pena do damno, he como hum rude dibuxo a respeito da sua idea, huma tosca copia a respeito do seu original. E esta pena do damno (dizem os Theologos) he huma pena infinita, pois se refere á ordem Divina, em qualidade de supplicio: *Est & turpium pœna Deus*, (diz a este proposito S. Bernardo) dando a entender, que conforme Deos he, e será sempre a suprema Bemaventurança dos escolhidos no Paraiso, assim tambem a pena do damno he, e será a ultima, e suprema dos reprobos no Inferno. E S. Thomaz affirma que esta pena he o mesmo Inferno, pois nella consiste essencialmente a condenação de hum prescito: *Damnatio ultima consistit in hoc, quod intellectus hominis, totaliter Divino lumine privetur, & à Dei bonitate obstinatè avertatur.* E S. João Chrysostomo confessa que se Deos creasse mil Infernos, e os ajuntasse todos em hum só, e dobrasse milhares de vezes o ardor daquelle fogo devorante, não igualaria a pena deste tormento: *Si mille quis ponat gehennas, nihil tale dicturus est, quale à beatæ illius gloriæ lumine repelli.* Da mesma maneira, se se dobrassem milhares de vezes todas as delicias do Paraiso, não igualarião o gosto de ver a Deos, em que consiste o summo da Bemaventurança, (conforme diz San-

D Bern. Serm. 5. ad Fr.

Chrysost. hom. 84. in Matth.

Santo Agoſtinho) pois ſe póde adquirir, mas não explicar, nem comprehender: *Acquiri poteſt, explicari non poteſt*, por ſer infinita. He certiſſimo o axioma filoſofico, que: *Contrariorum eadem eſt diſciplina.* Aſſim devemos diſcorrer da pena do damno, como Santo Agoſtinho da Gloria. Poderá o peccador (de que Deos Senhor noſſo o livre) experimentalla, mas não comprehendella, por ſer huma pena infinita, pois o priva do ſeu Deos, que he hum bem infinito. Aug. lib. 2.

Eu eſpero algum fruto deſte Diſcurſo, não pelas palavras, com que o eſcrevo, mas pela graça do Eſpirito Santo, que concorrerá no pio Leitor na conſideração de quão grave perda he o perder ao ſeu Deos. Ah peccador enganado, ſe ainda no voſſo coração ha algum lume da fé, com alguma faiſca do amor Divino, peço-vos que cada dia, por meio quarto de hora, conſidereis quão terrivel pena he o ſer deſmembrado de Deos, nunca mais ſer ſeu, nem elle nunca mais ſer voſſo. Se daqui por diante vos perguntarem que couſa he o Inferno, reſpondeilhes que lêão aquella funeſta inſcripção, que eſtá gravada ſobre as portas daquelle abyſmo de tormentos: *Vos non populus meus, & ego non ero veſter.* Todos os peccadores, que eſtão encerrados naquelle ergaſtulo de fogo, já não pertencem a Deos, para receberem delle alguma graça; já não são ſeu povo, para lhes fazer algum bem, mas lançados de ſi para ſempre, e entregues aos demonios, para ſerem caſtigados eternamente, como merecem. Em algum tempo de ſua vida o forão, mas agora já não o são, nem o hão de ſer nunca mais; e nunca mais ſe lembrará Deos delles em eterno: *Vos non populus meus, & ego non ero veſter.* E quantos eſtão já lá naquelle triſte eſtado! Póde ſer que eſteja voſſo pai, voſſo Oſeæ. 1.

irmão, o vosso amigo mais intimo, ou (o que será mais certo) algum cumplice dos vossos peccados. E quantas vezes mereceſtes vós a meſma pena, pois foſtes cumplice, e author das meſmas culpas! Peccador, amigo do coração, deſejo todo o bem á voſſa alma. Agora ainda ha tempo para o deſengano; porque quereis que Deos, que condenou a tantos, que fizerão menos peccados, perdoe a vós, que commetteſtes tantos mais, e muito maiores? Fazei a vós meſmo a juſtiça, que mereceis; bem vedes que Deos não ha de fazer por vós huma regra particular, nem hum novo decalogo; porque o meſmo que ſuccedeo áquelles, ha de ſucceder a vós, ſenão fizerdes logo penitencia, a qual conſiſte em largar o amor das creaturas, e convertello todo em amar ao voſſo Deos: *Non tardes converti ad Dominum, & ne differas de die in diem*: Não queirais tardar a convertervos, nem deixeis paſſar hum dia depois do outro: *Subitò enim veniet ira illius*, porque a ſua miſericordir ſe trocará logo em ira. Não vos fieis na mocidade, nem na boa ſaude. Reparai naquelle *Subitò veniet*. Virá logo, e improviſamente como Juiz ſevero, e vingativo, que tendo condenado a tantos milhões no Inferno, não deixa por iſto de ſer infinitamente miſericordioſo. E quanto tempo ha, que como Pai amoroſo nos eſtá eſperando? E ſe a ſua miſericordia não foſſe tão immenſa, que ſeria feito de nós, e de tantos peccadores, que tantas vezes o temos offendido? Não, Senhor, não permittais, que quem compõe eſte livro, e todos aquelles que o lerem, ſejão privados da voſſa viſta, e não ſejão voſſo povo: *Vos non populus meus*, pois eſtamos reſolutos de dar logo de mão a todas as occaſiões das creaturas, e não queremos daqui por diante ſervir, e amar mais, que a vós noſſo Creador, e Redemptor

Eccleſ. 5.

LM TORMENTO DA DESESPERAÇAM

tos neſta vida, para depois na outra ver a voſſa face, e gozar de vós eternamente na Gloria.

DISCURSO XIII.

Do tormento da Deſeſperação.

Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur. Iſaias 66.

COm eſtas terriveis palavras, com eſta terrivel ſentença acaba o Profeta Iſaias o livro ſacroſanto de todas as ſuas profecias: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur.* O guzano, o bicho ſempre vivo, para roer as entranhas dos peccadores, nunca morrerá, e o fogo, para os atormentar ſempre accezo, nunca ſe apagará. Repara Santo Agoſtinho, que Jeſus Chriſto Senhor noſſo ſe ſerve deſta meſma ſentença, e a repete trez vezes em hum ſó Capitulo de S. Marcos com as meſmas palavras: *Non enim piguit in uno loco eadem verba ter dicere.* Se a voſſa mão he cauſa de algum eſcandalo, cortai-a. Melhor he entrar no Ceo com huma ſó mão, que com ambas no Inferno: *Quàm duas manus habentem ire in gehennam, ubi vermis eorum non moritur, & ignis non extinguitur.* O meſmo diz dos pés, e dos olhos, que melhor he entrar na vida eterna coxo, e com hum dos olhos menos, que com ambos os pés, e olhos ſer lançado no Inferno, repetindo ſempre, onde o bicho nunca morre, e o fogo ſempre atormenta, e nunca ſe apaga: *Ubi vermis eorum non moritur, & ignis non extinguitur.* Logo he verdade (conclue Santo

Aug. l. 22. de Civ. Dei.

Marc. 9.

Agostinho) que ha, e ha de haver este bicho por justo castigo dos peccadores por toda a eternidade no Inferno. E quem não temerá, e tremerá á vista desta ameaça, trez vezes repetida por propria bocca do mesmo Deos: *Quem non terreat ista repetitio, & illius pœnæ cominatio tam vehemens ore Divino.* Mas que cousa he este guzano, este bicho, que sempre roe, sempre atormenta, nunca pára, nunca cansa? Este, conforme o genuino sentido de todos os Santos Padres, e sagrados Interpretes, he o remorso da consciencia, que á maneira de hum Juiz severo, de hum algoz inexoravel, despedaça a alma com taes reprehensões, e remorsos, até reduzilla á ultima, e total desesperação, que será a materia, e o argumento deste Discurso, que dividiremos em trez pontos. No primeiro veremos como este bicho da consciencia nasce comnosco, no mesmo instante, que temos o uso da razão, e como Censor recto nos admoesta, nos reprehende, e nos acompanha até á morte. No segundo ponderaremos, quão terrivel, e cruel verdugo será este bicho da consciencia no Inferno, reduzindo os prescitos a tormentos para sempre desesperados. No terceiro mostraremos, que por enormes, e innumeraveis, que sejão os peccados commettidos, nunca deve o peccador Catholico desesperar, pois este peccado seria peior peccado de todos os que tem commettido; e depois de morto entrará em huma desesperação sem remedio, que he o tormento dos tormentos, o inferno dos Infernos.

Aug. l. 5. de Civit.

Para bem entender que tormento seja o do bicho da consciencia, e por que causa Deos o tem escolhido por hum dos principaes instrumentos da sua ira, para se vingar com mais furor dos seus inimigos, convem saber que não ha homem no mundo,

que

que não tenha alguma luz da Divindade; e aſſim por barbaro, e ignorante que ſeja hum Indio, ou Tapuia do Brazil, por buçal, ou ſalvagem que ſeja hum negro Mina, ou de Angola, ſempre terá algum barlume, ou alguma inclinação de venerar, e temer o ſeu Tupàn, o ſeu Zambí, que nas duas linguas Brazis, e Caffres ſoa o meſmo que Deos, verificando-ſe o que diz o Profeta Rei: *Signatum eſt ſuper nos lumen vultus tui Domine.* Pſalm. 7. Eſte lume da razão creado com a noſſa meſma alma, nos faz conhecer a virtude por boa, e o vicio por máo, e que não he bem fazermos aos outros, o que não queremos que os outros façáo a nós. Para percebermos eſtas verdades não he neceſſario ter eſtudado, nem ter ouvido o Euangelho, baſta ſer homem racional, e logo experimentará em ſi huma certa complacencia, quando faz alguma obra boa, ou alguma proeza digna de louvor, alegrando-ſe comſigo, dando parte aos parentes, e amigos, e deſejando que ſe publique em todo o mundo. Pelo contrario obrando mal, ou commettendo algum crime, logo fica triſte, eſconde-ſe, afflige-ſe, deſconfia, tem medo, e até aborrece o mal, que tem feito a ſi meſmo; e iſto he o meſmo a que o Texto Sagrado, os Santos Padres, e ainda os meſmos proprios gentios chamão conſciencia, como admiravelmente explicou o Poeta:

Conſcia mens, ut cuique ſua eſt, ita concipit intra
Pectora pro facto, ſpemque, metumque ſuo. Ovid. Faſt. l. 1.

Muito melhor Guilherme Pariſienſe; chama á conſciencia hum reſplandor, ou hum raſgo da luz Divina, que alumeia as trévas do noſſo entendimento, hum éco da ſua voz, ou para melhor dizer, a meſma voz de Deos, que falla dentro de nós, e hum Euangelho do coração: *Radius Divini luminis, illu-* Guil. Par. l. 13. de an,

minans mentem nostram, vox Dei intra nos loquens, & Euangelium cordis.

Definem os Theologos a consciencia, ou a descrevem, chamando-a hum dictame da razão, hum juizo practico, por meio do qual o homem discerne o bem do mal, e conhece o que deve seguir, ou fugir: *Judicium, vel dictamen rationis practicum, quo homo discernit, quid rectè, an perperam fiat, quidve amplectendum, vel fugiendum*; e como (repara Santo Ambrosio) em hum tribunal recto de huma Republica bem governada vemos Juizes, Advogados, Notarios, Procuradores, Censores, Meirinhos, e algozes, assim tambem no tribunal da nossa alma a consciencia faz todos estes officios, e, como diz o mesmo Santo, ella he o mesmo tribunal, ella a testemunha, ella nos accusa, nos reprehende, nos convence, nos absolve, ou condena: *Quod enim in Republica bene constituta videmus Judices, Scribas, Notarios, Causidicos, Censores, Tortores, id in tribunali animæ nostræ, præstat una conscientia. Hæc enim Judex, Codex, Censor, Accusator, Testis, Tortor. Imò tribunal nostrum est, suum cuique conscientiæ testimonium.* E que isto assim seja, bem se vê nos nossos primeiros pais Adão, e Eva. Comêrão a fruta da arvore, e apenas engulírão o primeiro bocado, se lhes abrírão os olhos, conhecêrão que estavão despidos, e procurárão logo folhas de figueira para se cubrirem. Chamou Deos a Adão, que conhecendo não podia fugir delle, respondeo, que tivera medo de apparecer, porque estava nú, e por isto se escondêra: *Timui, eo quod nudus essem, & abscondi me.* E porque a Adão sobreveio este medo, e este pejo de ser visto nú? Porque logo que peccou, com quebrantar o preceito, o bicho da consciencia o começou a roer; e vendo-se despido da graça, temia, e tremia, conhecendo que

Theat. vitæ hum. v. C.

D. Amb. de Emp.

de

de creatura de Deos ſe tinha feito pelo peccado eſcravo do demonio. Aſſim meſmo ſuccedeo a Caim, logo que matou a Abel, ſeu irmão; o bicho da conſciencia o rohia, vivendo inquieto, e perturbado, pela lembrança contínua do fratricidio; e conhecendo-ſe réo no tribunal da ſua conſciencia, que já fazia o officio de Juiz inflexivel, imaginava-ſe, que quantos o achaſſem, o matarião: *Omnis igitur, qui invenerit me, occidet me.* Mas quem o havia de matar, ſe no mundo não havia mais que ſeus pais, Adão, e Eva? Era o bicho da conſciencia, que obrando como algoz, o hia matando, repreſentando-lhe de dia, e de noite o ſeu crime, ſabendo que não havia de ficar impunido: *Vermis eorum non moritur.* Gen. 4.

Tambem os gentios, ſem ter luz alguma do Euangelho, conhecêrão, ſentírão, e experimentárão quão grave tormento foſſe aquelle do remorſo da conſciencia, chamando-o hum flagello occulto, huma pena vehemente, a mais cruel, e deſeſperada de todas:

Pœnæ autem vehemens, ac multo ſævior illis,
Occultum quatiente animo tortore flagellum. Jov. Sat. 13.

O grande Alexandre, demaziadamente alegre em hum convite, ſem conſiderar o que fazia, matou a Clyto ſeu intimo confidente. Logo o bicho da conſciencia o fez cahir no mal, que fez, repreſentando-lhe a atrocidade do crime, o credito perdido, a fama denegrida; e não podendo mais ſoffrer eſte remorſo continuo, que o atormentava, não queria nem comer, nem beber, mas antes deſejava o veneno. Finalmente o bicho da conſciencia lhe dava picadas tão agudas na alma, que o reduzírão a deſeſperar-ſe, e aſſim para ſe livrar dellas, pedio muitas vezes a meſma arma, com que tinha morto a Clyto, para matar-ſe a ſi meſmo; e não a podendo conſe-

seguir, rogava a alguns criados mais intimos, que lhe dessem a morte justamente merecida. Do mesmo modo o bicho da consciencia roia o Emperador Nero, depois de ter dado a morte a Agripina sua mãi, que lhe deo a vida. Para socegar este remorso, que sem intermissão o tyrannizava, foi o Senado Romano, forão os Cabos da Milicia, e todos juntos, com huma barbara lisonja lhe derão os parabens do matricidio, como conveniente ao bem commum; e com tudo confessava elle, que todas as vezes que ouvia tocar trombetas, ou tambores, lhe parecia que era algum exercito, que vinha contra elle vingar a morte de sua mãi Agripina. Fugia de passar por onde estava o seu sepulchro; mudava Palacio, sahia de Roma, amedrentado vivia sempre com a mesma inquietação; e não se dando por seguro em parte alguma, queria desesperado matar-se: *Interdiu perterrefaciebant eum tibicines audiri bellicum canere cum maximo tumultu, quo in loco Agripinæ ossa sepulta erant. Quamobrem aliò migrabat, cumque idipsum ei accideret, perterritus aliò proficiscebatur, nullibi se tutum putans.*

Dion. in Ner.

Peior succedeo a Theodorico Rei dos Godos. Este depois de ter conquistada toda a Italia. Simaco, e Boecio hum primeiro Ministro, o outro Secretario do Estado, não approvavão as extorsões, e tyrannias, que intentava fazer, pelo que enfurecido os mandou logo degollar. A injusta vingança foi de poucos momentos; porém o castigo foi bem dilatado, e penoso. Apenas teve aviso de se ter executado a iniqua sentença dos dous innocentes varões, que logo o bicho da consciencia, como juiz recto, lhe fez conhecer a enormidade do seu delicto; e como verdugo incansavel começou em todos os instantes a atormentallo em todo o genero de tor-

tu-

turas. Quem o diſſera? Aquelle Theodorico, terror de Italia, que na guerra era hum raio, no pelejar hum Marte, que de ninguem tinha medo, ficou mais tímido que hum coelho, parecendo-lhe que em todos os cantos eſtava eſcondido Simaco, que o vinha matar; e a ſua imaginação pelo remorſo da conſciencia era de tal ſorte leſa, e perturbada, que eſtando á meza, trouxerão-lhe a cabeça de hum grande peixe, repreſentou-ſe-lhe que era a cabeça de Simaco, que vinha tomar vingança delle. Levantou-ſe logo da meza, e fugindo gritava: Acudão-me, acudão-me, que Simaco me veio matar; e o medo foi tão exceſſivo, que ſobrepujando aos eſpiritos vitaes, cahio em tal fraqueza, que em poucas horas morreo desfalecido. Daqui ſe infere ſer verdadeira aquella ſentença de Seneca, que o maior caſtigo, que poſſa ter hum réo do ſeu crime, he o tello commettido: *Maxima pœna criminis eſt, feciſſe.* O que vem confirmado, e mais claramente explicado pelo grande Doutor da Igreja S. Gregorio, cujas palavras são: Que entre os mais crueis tormentos, que ſouberão inventar os tyrannos, nenhum chega á deſeſperada pena do bicho da conſciencia: *Inter omnia pœnarum genera nulla eſt maior conſcientia delictorum. Vermis eorum non moritur.*

Sen. epiſt. ad Luc.

Greg. l. 5. mor.

He porém verdade, que o bicho da conſciencia neſta vida não faz igual impreſsão em todos, aſſim pela diverſidade dos temperamentos mais, ou menos aprehenſivos, como tambem pela força das paixões, que lhe reſiſtem; e muito mais ſe eſtas paixões eſtão já fortificadas com algum habito vicioſo de muitos annos. Então a continuação dos actos, tantas vezes repetidos, faz que o peccador pouco, ou nada ſinta o remorſo da conſciencia; e as ſuas picadas são o meſmo que dadas em huma pedra,

pois

pois o coração he já empedernido, e o máo habito o fez mudar natureza: *Consuetudo est altera natura.* Assim succedeo ao infame Heresiarca Luth[illegible], que tendo apostatado das Religiões, em que tinha entrado, fez apostatar huma Freira, furtando-a do Convento, e casou-se com ella. Fazião ambos viagem em hum caleſſe certa noite de luar como de dia. Disse a Freira: Oh que bello Ceo, e como está bem alcatifado de estrellas! E que será o Paraiso! He bello, e será sempre belliſſimo, (respondeo Lutero) mas não he para nós. E porque? (replicou a Freira) Deos não nos tem creado para ir-mos lá? A esta lembrança, que Deos nos tem posto no mundo, para gozarmos delle no Paraiso, com hum grande suspiro respondeo Luthero assim: Pelo espaço de dezesete annos continuos, me tem sempre Deos chamado com o remorso da consciencia, que me flagellava de dia, e de noite, sem me dar algum descanço, e ás vezes me dava picadas de morte, que me causavão grandes melancolias; porém eu não dando ouvidos á voz de Deos, me fazia surdo, com buscar divertimentos de meu gosto, e assim venci este bicho da consciencia, que sempre me roia, e fiz paz com elle, e elle comigo. Agora gozemos deste mundo, e das suas delicias, em quanto vivermos, e não cuidemos no outro, onde passaremos com os mais, que vivêrão, e vivem como nós. Oh ultimo desamparo da graça Divina nesta vida! Oh desesperação final de hum prescito! E quantos prescitos ainda viventes entre os Catholicos, que para gozar alguns dias, e estes incertos, de boa vida, e para satisfazer aos appetites, combatem com o remorso da consciencia, anticipando o Inferno nesta vida; porém: *Vermis eorum non moritur*, e se neste mundo he hum algoz tão tyranno, que será no Inferno?

Marc. 9.

E es-

e eſta já he a materia do ſegundo ponto deſte Diſcurſo.

Segundo ponto,

Acho nas letras ſagradas, com a commua interpretação dos Santos Padres, que eſte bicho da conſciencia atormentará os peccadores no Inferno, applicando-lhes a viſta dos ſeus peccados, que lhes eſtarão ſempre preſentes. Mas que viſta horroroſa, e que applicação tyranna ſerá eſta? Será huma applicação neceſſaria, huma applicação univerſal, huma applicação contínua. Applicação neceſſaria, porque nunca poderão impedir de ter os ſeus peccados preſentes, nem o remorſo da conſciencia naſcido delles, deixará de roer. Applicação univerſal, porque os verão todos, e não haverá algum, que o bicho da conſciencia não deſcubra, e não traga comſigo o ſeu tormento. Applicação contínua, porque os verão ſempre, e ſem algum intervallo, ou interrompimento. E ſe na eternidade ha ſeculos, ſe nos ſeculos ha annos, ſe nos annos ha mezes, ſe nos mezes ha ſemanas, ſe nas ſemanas ha horas, ſe nas horas ha minutos, e inſtantes, ou momentos; em todos eſtes minutos, inſtantes, ou momentos, em todas eſtas horas, e dias, em todas eſtas ſemanas, e mezes, em todos eſtes annos, e ſeculos, e em toda a eternidade, em quanto Deos for Deos, ſempre eſte bicho da conſciencia roerá, e atormentará os peccadores no Inferno: *Vermis eorum non morietur.* E a razão he, porque eſte bicho da conſciencia, como he gerado nas almas dos peccadores, por conſequencia a applicação, que terão aos ſeus peccados, ſerá huma applicação neceſſaria. Trabalhem os peccadores quanto puderem para divertir eſtas picadas; inventem quanto quizerem para lançar fóra eſte remorſo, tudo ficará baldado; uſem de todas as traças para aquietar a voz da ſua conſci-

sciencia; ella gritará sempre mais alto a cada hum dos condenados, e lhe dirá: Tu es prescito, tu tens perdido a Deos, e o perdeste, porque assim o quizeste, querendo antes a fealdade do teu peccado, que a formosura de Deos, e a Gloria do Paraiso: *Vermis eorum non morietur.*

Chama S. Bernardo a este bicho da consciencia huma porção da substancia da alma, ou a mesma alma, que se irrita contra si mesma, se afflige, se atormenta, se despedaça, e se desespera. E como he impossivel á alma separar-se de si mesma, pois he indivisivel; assim tambem he impossivel que não sinta este bicho da consciencia, e que possa impedir a applicação, e lembrança dos seus peccados. Este bicho gera-se na alma dos peccadores, como a traça nos vestidos: *Sicut vestimentum, quod comeditur à tinea.* Quem quizer arrancar esta traça, arrancará parte do panno, que tem roido; porém o bicho da consciencia he sem comparação mais fortemente pegado na alma de hum prescito; e sendo ella immortal, segue-se que o bicho da consciencia, como porção della, o seja tambem; e assim sempre a róe, e sempre a pica, sem se poder consumir, ou destruir hum a outro. Esta verdade a conhecêrão tambem os Gentios com o lume da sagrada Escritura, que elles lião:

Job 13.

Æneid. lib. 6.

.... *Rostroque immani vultur obunco,*
Immortale jecur tundens, fœcundaque pœnis
Vaiscer, rimaturque epulis, habitatque sub alio
Pectore, nec fibris requies datur ulla renatis.

Assim escreve Virgilio ao miseravel Ticio condenado no Inferno; e debaixo da alegoria de hum abutre, ave a mais voraz, que nunca se farta de roer ãs carnes mais podres, e fedorentas, representa o bicho da consciencia, que envolto no fedor, e podri-

dridão dos peccados do presçito, o obriga a tellos sempre presentes; e esta representação necessaria he a que come, e róe as entranhas já cheias de fogo, e de todo o genero de penas: *Fœcundaque pœnis Viscera, rimaturque epulis.* E por muito que roa, e coma, sempre aquella podridão dos peccados renascerá, como se fossem commettidos de novo; e assim o presçito nunca terá em toda a eternidade o mínimo reposo, ou descanço: *Nec fibris requies datur ulla renatis. Vermis eorum non morietur.*

O Profeta Jeremias descreve muito melhor o triste estado de huma alma roida do bicho da consciencia, relatando o cruel estado, e a total desolação da Cidade de Jerusalem. E se convem os Expositores, que a Cidade de Jerusalem he figura de huma alma peccadora, assim tambem o bicho da consciencia he o figurado, como veremos das mesmas palavras, de que o Profeta se serve para explicar a summa miseria, e desesperação de hum condenado: *Posuit me desolatam tota die mœrore confectam, dedit me Dominus in manum, de qua non potero eruere*: Me tem posto no extremo das angustias, sem nunca ter nem de dia, nem de noite algum intervallo de alivio, ou hum momento de consolação; e o que mais sinto, he ter-me dado nas mãos de hum inimigo, que feito Juiz severo, e algoz insaciavel, nunca pára, sempre me atormenta, e nunca poderei fugir delle, por estar comigo sempre presente: *Vigilavit jugum iniquitatum mearum, in manu ejus convolutæ sunt, & impositæ collo meo.* Tem tomado conta miuda de todas as minhas maldades, e quiz que o numero dellas passasse pelas suas mãos, e resumidas em hum catalogo, mo dependurou ao pescoço, para que estivessem sempre adiante dos meus olhos, para me envergonhar, e encher de confusão: *Et impositæ collo meo;*

Hierem. lam. c. 1.

Thr. 1. 14.

meo; e este he o officio, este he o effeito verdadeiro do bicho da consciencia. Oh bicho cruel! Oh vista desesperada! Oh peccado! Oh remorso, quanto es agora penoso! Vai-te de mim. Não te posso ver mais. Não. (responderá o bicho da consciencia) Tu quizeste aquelle deleite, aquella vingança, aquelle gosto, aquella fazenda alheia; agora contra tua vontade, e para maior teu tormento, e confusão, hão de estar todos os teus peccados por toda a eternidade sempre debaixo dos teus olhos, e dependurados ao teu pescoço, para que te fartes bem delles: *Et impositæ collo meo. Vermis eorum non morietur.*

Depois da applicação necessaria, segue-se a applicação universal, que augenta muito a pena, e desesperação de hum prescito. Não haverá peccado nenhum, por grande, ou pequeno que seja, que não lhe fique presente, e com maior luz, e clareza do dia, e da hora, em que o commetteo. E então o bicho da consciencia sahirá a modo de hum formigueiro, e dará ao miseravel condenado tantas picadas, quantos são os peccados. Oh que tormento insupportavel! Oh que desesperação! E conforme não haverá parte alguma do corpo, que as penas exteriores do fogo não atormentem, nem peccado algum, que não seja punido; assim tambem interiormente lhe será sempre fixo na memoria, e terá sempre presente, e nem por hum momento poderá esquecer-se delle. O bicho da consciencia lhe representará com todas as circumstancias, mais, ou menos aggravantes, que tem. Aqui nesta vida a consciencia crassa, ou erronea, escusa, encobre, ou diminue muitos peccados, com os saber disfarçar. O amor impudico se disfarça aqui, como huma simples, e innocente galanteria. Huma liberdade natural de gente

te moça, que tem as paixões vivas, se despacha por hum temperamento do fogo. A avareza se escusa com o nome de economia, ou bom governo, e tambem se baptiza com o titulo de fazendeiro, que sabe conservar, e augmentar a sua casa. A soberba, e o luxo se defende com o pretexto da nobreza, do posto, ou cargo, que temos, e convem fazer-se distinguir, para que os outros nos tenhão o devido respeito. Oh peccador, agora a tua consciencia larga te cega o entendimento. O teu coração sempre mais se endurece, e perdido nas vaidades, e deleites deste mundo, não cuidas na outra vida; mas desengana-te, que cedo chegará a morte, e no Inferno não cuidarás em outra cousa que nos teus peccados, necessariamente, e universalmente os terás sempre presentes, todos juntos, e a hum por hum, fará o bicho da consciencia, que dê a sua picada. Oh tormento! Oh desesperação! Oh bicho da consciencia, horrendo, e cruel: *Vermis eorum non morietur!*

Mais. Já que a applicação deste bicho da consciencia he necessaria, e universal, se pelo menos não fosse contínua, e désse algum descanço, ou repouso ao miseravel prescito, ou se ha de ser contínua, fosse ao menos como huma febre, que sendo contínua, tem a sua declinação, ou crescimento, fosse como a maré, que se nunca pára, tem esta variedade, que seis horas enche, e seis horas vasa; mas que em todo o circulo infinito da eternidade não possa ter a alma do prescito hum interrompimento, huma variação, hum lucido intervallo, que divirta o pensamento, que transtorne a imaginação destes meus peccados? Não? O bicho da consciencia nunca concederá nem ao teu corpo o mínimo alivio, nem á tua alma algum instante de quietação: *Non concedit requiescere spiritum meum, implet me amaritudinibus.* Job c. 9.

Mas porque tanto rigor, e tanta vingança? Com muita razão, e justiça; porque conforme Deos com hum concurso continuado influe nas almas dos Bemaventurados, a fim de que participem da sua Bemaventurança, e gozem da sua Gloria, assim a Divina Justiça, por hum effeito da sua justa vingança, influirá nos reprobos hum tal conhecimento, e vista da enormidade dos seus peccados, que para não os ver, se precipitarão no mais profundo do Inferno, e pedirão aos montes, que caião sobre elles, e aos outeiros, que os encubrão, e lhes sirvão de pedra sepulchral, para ahi ficarem para sempre sepultados: *Tunc incipient dicere montibus: Cadite super nos, & collibus: Operite nos. Vermis eorum non morietur.* Luc. 23.

Tudo isto bem considerado por Santo Ambrosio, faz que este Doutor tão grande não duvide de pronunciar esta sentença, que dos innumeraveis supplicios, que os condenados soffrem no Inferno, o maior de todos he o bicho da consciencia, e dá logo a razão. Primeiramente, he maior tormento, que a pena do senso, porque esta vem por fóra, e de hum agente exterior, o qual he o fogo, e o bicho da consciencia he interior, he como huma porção, que se acha no fundo da substancia de hum prescito; e tanta differença ha entre hum supplicio, e outro, quanto ha entre o corpo, e a alma. He tambem maior tormento que a pena do damno; não só porque o bicho da consciencia inclue em si esta pena, mas tambem porque a privação de Deos he só precisamente sensivel a huma alma, quando esta conhece, e se accusa que tem feito, ou commettido peccados, que lhe merecem esta privação, pois o bicho da consciencia he que lhe dá este conhecimento, e a reprehende. Tu perdeste ao teu Deos, e o perdeste por tua culpa, porque assim o quizeste. Considera, e vê

as

as graças, que Deos te tem feito, em tal idade, em tal tempo, em tal occaſião, em tal dia, em tal hora, para ſalvar-te, e dar-te o Paraiſo. Vê-as bem agora, e conſidera o abuſo, que tiveſte dellas. Quizeſte o vicio, aborrecendo a virtude; quizeſte o peccado, fugindo á penitencia; quizeſte dar goſto ao demonio, e offender a Deos, deſprezando a eterna Bemaventurança, para padecer no Inferno a mais tyranna miſeria: aſſim o quizeſte, pois chora, geme, padece, arraiva-te, deſpedaça-te, que bem larga he a eternidade para eſta tua deſeſperação; pois eu nunca deixarei de te atormentar, já que nunca hei de morrer: *Vermis eorum non morietur.*

Digo mais, que fazendo huma ſuppoſição impoſſivel, que ſe hum condenado no Inferno pudeſſe dizer: Eu eſtou neſtas chammas injuſtamente detido, e atormentado: Deos, ſem outra razão, que ſer todo poderoſo, e Senhor abſoluto de todas as creaturas, me quiz perder, e condenar neſte fogo, porque aſſim he o ſeu goſto, e a ſua vontade; que em quanto a mim, não me remorde a conſciencia, nem me lembra algum peccado, com que o tenha offendido, e mereça tão inſupportavel caſtigo; digo, que em tal caſo o Inferno, por tormentoſo que ſeja, não ſeria para elle Inferno; os demonios por crueis verdugos que foſſem, e monſtros horroroſos, não lhe farião medo, nem lhe parecerião demonios. Mas quando o bicho da conſciencia, como teſtemunha irrefragavel, lhe repreſenta á viſta todo o contrario, dizendo-lhe continuamente, e ſem interpolação alguma: Eis-ahi o que tu tens feito, eis-ahi o que tu mereces, eis-ahi a innumeravel multidão dos teus peccados, como tambem os tormentos ſem numero, que por elles padeces. Lembra-te quanto trabalhaſte, de quantas traças, e induſtrias te ſerviſte, para

chegar a ter entrada com aquella mulher casada, que te pareceo bem na Igreja. Que riscos, que perigos não tiveste para alcançar o teu pessimo fim! Quantas vezes te admoestei que largasses aquella communicação de escritos amorosos, que podião vir interceptos do marido, com a ultima ruina, e desgraça de ambos. Quantas inspirações te conferi, para que deixasses aquella occasião, e para que te afastasses daquella casa. Nunca te deixei viver em paz; e para que o remorso da consciencia, com que de dia, e de noite te molestava, tivesse effeito, eu te dava picadas agudissimas, para te despertar do letargo dos teus vicios, humas vezes aguando os teus gostos com maiores desgostos, e outras misturando o mel doce dos teus deleites com o fel amargoso, de crimes, traições, e inimizades; e tu sempre mais duro na tua maldade. Agora pena, geme, grita, blasfema, despedaça-te, desespera te para sempre, já que assim o quizeste: *Vermis eorum non morietur.*

Finalmente procurei dar-te picadas de morte, com representar-te ao vivo a morte improvisa de algum peccador teu vizinho, fazendo-te medo, e horror com a lembrança do Inferno, e da eternidade. Aqui no Inferno estão as pessoas, que tanto amaste, e adoraste; as creaturas mesmas, pelas quaes idolatrando-as, deixaste o Creador. Vê-as bem, regala-te com ellas se podes. Eis-ahi o dinheiro, que roubaste aos pobres, para lhes dar; as fazendas, que não pagaste, para parecer bem ao mundo, e ser rico: péga nellas, consola-te, e recrea-te, que são lindas, pois parecem todas huma purpura, e na realidade tem a propriedade, e a cor viva do fogo. Oh bicho da consciencia, mais cruel, mais tyranno, que todos os demonios do Inferno, (dirá então o prescito) deixa-me, e vai-te dos meus olhos, para

ra que não te veja mais; e já que por meu maior tormento, e eſcarneo, me repreſentas, que me farte das minhas torpezas, e peccados, farta-te tambem tu de dar-me eſtas penas, roe-me o corpo todo, deſentranha-me, arranca-me o coração, e acaba por huma vez, a mim de te ver, e penar, e a ti de fartar-te. Ah infame preſcito, (replicará o bicho da conſciencia) agora deſejas a morte, agora cuidas nella, para que acabem os tormentos, quando tanto procuravas a vida, para continuar nas tuas maldades! Não ſabes que os preſcitos no Inferno buſcarão a morte, e não a acharão; farão o poſſivel para morrer, e a morte fugirá delles: *Quærent mortem, & non invenient eam. Deſiderabunt mori, & mors fugiet ab eis?* Ora eu da minha parte te tratarei de maneira, que ſempre morras, e te farei morrer de qualidade, que ſempre vivas com o remorſo: *Ita moriuntur, ut ſemper vivant: ita vivunt, ut ſemper moriantur.* Deſeſpera-te quanto quizeres; a tua deſeſperação ſerá inutil, porque o bicho da conſciencia, e o fogo do Inferno tem cada hum delles eſta qualidade, que no meſmo tempo, que conſome, e affligе hum condenado, o repara, e conſerva: *Sic abſumit, ut ſervet: ſic ſervat, ut cruciet.* Eſta he a deſeſperação formal de hum reprobo. O bicho da conſciencia, que lhe repreſentará ſempre, e ſem intervallo algum, os crimes, que fez; e os grandes bens, que perdeo, porque quiz: *Vermis eorum non morietur.*

Apoc. 1. 9.

Euſeb. Emiſ. Hom. 4.

Caſſiod. in Pſal. 26.

Dai-me licença, pio Leitor, que vos pergunte, quaes são os voſſos penſamentos, e que conceito tendes formado, ou que tendes reſolvido, depois de ler com attenção as verdades deſte remorſo da conſciencia. Haverá tyrannia, ou carnificina em qualquer genero de tormentos, que ſe poſsão inventar

neste mundo, que não pareção de rosas, á vista dos agudos, e picantes espinhos deste remorso? Oh alma devota, que no breve decurso desta miseravel vida te sentes continuamente martyrizada das agu-
Thr. 2. das molestias dos escrupulos: *Cui comparabo te, cui assimilabo te, filia Sion?* Com quem te igualarei, ou a quem te farei semelhante nestas tuas penas? *Magna est veluti mare contritio tua.* O teu arrependimento, a tua contrição parece hum mar banzeiro, e perturbado, pelos ventos contrarios, que nunca parão, batida, e rebatida das ondas das tentações, que nunca faltão: *Quis medebitur tui?* Quem acudirá a esta tormenta desfeita? Que Piloto levará a salvamento esta alma, que tantas vezes esteve arriscada,
Psalm. 37. e perdida no mar immenso das suas maldades? *Iniquitates meæ supergressæ sunt caput meum.* E depois de ter obedecido á voz de Deos, que a estimulava á penitencia com as picadas fortes do remorso da consciencia, já convertida, e penitente, acha-se em huma nova batalha combatida de hum exercito de escrupulos. Oh alma feliz, estas puncturas dos escrupulos he o final mais certo de que já vai para predestinada, pois he a pena, que Deos lhe dá nesta vida, porque em algum tempo desprezou as picadas do remorso da consciencia. Quem acudirá? O mesmo bicho da consciencia, que dantes era hum censor rigoroso, hum fiscal severo, para te afastar do peccado, na hora da morte será hum Juiz fiel, recto, e benigno, hum Advogado amoroso, hum Patrono constante, que amedrentará o demonio, descubrirá os seus enganos, defenderá a vossa causa, e a patrocinará com allegar a paciencia, que tivestes, vos consolará com representar a coroa da Gloria, que merecestes pelas batalhas vencidas contra o demonio, mundo, e carne. Assim consolava, e confor-

ta-

tava os ſeus Monges S. Bernardo com as praticas, que lhes fazia, dizendo, que o remorſo da conſciencia he a voz de Deos, que os deſapegava do mundo para os conſervar na Religião: que as picadas deſte bicho erão eſporas, que os eſtimulavão a caminhar direitos pela eſtrada da virtude, com a certa eſperança do Paraiſo. Pelo contrario, quem deſpreza eſte bicho da conſciencia: quem reſiſte ás ſuas picadas: quem não faz caſo, ou já não ſente os ſeus remorſos, eſte já anticipadamente vive, e ſe proſtitue como preſcito, e ſenão recorre a Deos com tempo, tenha por infallivel a deſeſperação de ſalvar-ſe, da qual Deos nos livre a todos, que he a materia mais importante, que devemos tratar no terceiro ponto deſte Diſcurſo.

Terceiro ponto.

A deſeſperação, diz S. Thomaz, he hum peccado graviſſimo, e enormiſſimo, que no meſmo tempo, e immediatamente offende os dous attributos da omnipotencia, e miſericordia Divina, parecendo-lhe, que Deos não poderá perdoar-lhe tantos, e tão graves peccados. O peccador, deſeſperando-ſe, faz, e rende ſem remedio a ſua ſalvação impoſſivel, pois elle meſmo dá anticipadamente contra ſi a ſentença da ſua condenação: *Eo quod remedium ſuæ converſionis, velut impoſſibile ſtatuat, jamque ſententiam ſuæ damnationis, de ſe deſperans anticipet.* O que reduz os peccadores a deſeſperar-ſe, he o conhecimento, e lembrança de innumeraveis peccados, cuja multidão, e enormidade os eſpanta, e confunde. Conſiderão-ſe como indignos de olhar para o Ceo, quanto mais de gozallo, e poſſuillo. Imaginão, que Deos he ſeu inimigo irreconciliavel, e dizem como o primeiro deſeſperado, que veio ao mundo, e foi Cain: *Maior eſt iniquitas mea, quam ut veniam merear*: O meu peccado he demaziadamente grande,

D.Th. 2.2. q.21. art.3.

Gen. c.4.

e assim nunca poderei alcançar o perdão. Este mesmo discurso fazia Santo Agostinho, quando se considerava immerso, e perdido no lodo da sua luxuria: Confesso (dizia elle) que á vista das minhas culpas tenho algum fundamento, ou razão apparente, para me desesperar; mas se no mesmo tempo considero o Filho de Deos, o meu bom Jesus, derramando sangue, cravado em huma Cruz por satisfação destes mesmos meus peccados, o meu coração fica incapaz de ter o mínimo movimento de desesperação: *Desperare utique potuissem propter nimia peccata mea, nisi Verbum tuum Deus meus, caro fieret, & habitaret in nobis.* He certo que a representação das minhas maldades me espanta, e desanima o meu espirito, e se ponho os olhos na vida passada, seguindo os meus appetites, entrarei sem dúvida na desconfiança da misericordia Divina, mas se depois levanto os olhos a Christo crucificado, esta vista dissipa logo todos os meus temores, e o seu sangue conforta o meu coração. Quem duvída, que lembrando-me de ter vivido tantos annos escravo do demonio, atado com tantas correntes, quantos erão os fuzis dos meus peccados, que as formavão, não podia esperar outro lugar, que o calabouço do Inferno; porém fazendo agora reflexão, que sou membro de Jesus Christo, e que o seu mesmo sangue corre por entre as minhas veias, he impossivel, que eu me desespere, e que não tenha huma confiança certa, na sua santa misericordia: *Est in te Deo, & Domino nostro Jesu Christo uniuscujusque nostrum portio, & sanguis, & caro: ubi ergo portio mea regnat, ibi regnare me credo, ubi sanguis meus dominatur, ibi dominari confido.*

Aug. Man. c. 12.

Aug. Man. c. 12.

O peccador não póde ter outro fundamento, nem outra razão para desesperar-se, que o temor de

não

não poder pacificar a juſtiça Divina contra ella irritada; mas eſte fundamento não ſubſiſte, e toda a razão he imaginária, e nulla, pois diz S. Paulo, que N. Senhor Jeſus Chriſto deſeja, e quer que todos ſe ſalvem: *Qui omnes homines vult ſalvos fieri.* E que ſe alguem tiver offendido a Deos, e vive perſuadido que não ſe ha de ſalvar, não ſe deſeſpere, mas recorra a elle, pois he o Advogado, e Medianeiro entre Deos, e os peccadores: *Unus enim Deus, unus & mediator Dei, & hominum Chriſtus Jeſus, qui dedit in redemptionem ſemetipſum pro omnibus*: e tal Medianeiro, e Redemptor, que nos remio com o proprio ſangue. O Apoſtolo S. João falla neſta materia com mais energia, com dizer, que noſſo Senhor Jeſus Chriſto he a victima de propiciação pelos noſſos peccados: *Ipſe eſt propitiatio pro peccatis noſtris.* Não ſe contenta com S. Paulo de chamar Advogado, e Medianeiro, mas victima, para que entendamos, que conforme a victima toda inteira ſe ſacrifica a Deos, aſſim todo Jeſus ſe tem ſacrificado por todos os peccadores do mundo: *Non pro noſtris tantum, ſed etiam pro totius mundi*: e aſſim a juſtiça Divina fica redintegrada, e ſuperabundantemente ſatisfeita. O fundamento Theologico de toda eſta doutrina, que deve animar, e conſolar os peccadores mais deſeſperados, he, que Jeſus Chriſto, ſendo Deos, e Homem, tem dado ſatisfações infinitas, mais poderoſas para applacar a ira de Deos, do que todos os peccados poſſiveis dos homens o pudeſſem offender, e irritar; porque ainda que o peccado encerre em ſi huma malicia infinita *terminativè*, qualquer mínima pena de Chriſto tem tambem merecimento infinito, ſuperabundante, e capaciſſimo para ſatisfazer, e remir mil mundos. Ha porém differença entre eſtas duas infinidades, que a malicia do

Tim. 1. 2.

Tim. 1. 6. 2.

1. Joan. 2.

1. Joan. c. 2.

pec-

peccado, he só infinita *ratione objecti*, porque Deos, que he seu objecto, he infinito; mas quando a Pessoa do Verbo padece na sua humanidade, qualquer dor, ou pena he absolutamente infinita, e capaz de satisfazer a milhões de peccados de milhares de mundos.

Passemos agora da sciencia Theologica á moral dos Santos Padres, e veremos o que tem escrito nesta materia para consolação dos peccadores, e animallos a não desesperar-se, mas pôr toda a sua confiança na misericordia Divina. S. Basilio argumenta assim: Os vossos peccados, por grandes, e enormes que sejão, se podem numerar, e tem termo finito, mas he impossivel poder-se achar numero, medida, termo, ou fim á infinita misericordia Divina: logo o peccador não se ha de desesperar, mas chorar os seus peccados, pois com hum proposito firme, já lhes poz termo, já tem fim, e confiar na misericordia Divina, que nunca acaba: *Si peccata & magnitudine, & numero possunt definiri, miserationes autem Dei neque magnitudine, neque numero possunt circumscribi. Sine dubio non est cur desperatio adhibenda sit, sed agnoscenda misericordia Dei, & commissa peccata detestanda.* Quando hum peccador (diz S. João Chrysostomo) se achar carregado com o pezo insupportavel de innumeraveis peccados, se quizer arrepender-se de coração, e fazer penitencia, a graça de Deos alimpará a sua alma como hum crystal, e de qualidade, que nunca mais apparecerá final algum: *Si quis innumeris peccatis sit sauciatus, si eorum pœnitere vellit, ita Deus omnia abolet, ut nullum eorum vestigium appareat.* E Deos, fallando pela boca do Profeta Isaias, assegura, que se a alma do peccador for vermelha, como huma braza, ficará com o arrependimento mais alva que a mesma neve: *Si fuerint pec-*

D. Basil. in Reg. brev.

Chrysost. in pr. in Isai.

Isai. c. 13.

peccata veſtra, ut coccinum, quaſi nix dealbabuntur. Ponde os olhos (diz S. Bernardo) nos peccadores todos em tantos caſos, que a cada paſſo ſuccedem, em tantos exemplos, que cada dia ſe vem, e vos deſenganareis, que tendes offendido a hum Deos inclinado a vos perdoar, e que mais deſeja a voſſa ſalvação, que vós meſmos a podeis deſejar. Lede o Euangelho, e conſiderai ſe tendes offendido a Deos mais que a Samaritana, mais que a Magdalena, mais que S. Pedro, e S. Paulo, e o bom ladrão; e todos eſtes arrependidos, não ſó alcançárão o perdão, mas eſtão agora gozando de Deos collocados entre os maiores Santos do Paraiſo: *Numquid ampliùs Magdalena peccaſti, numquid ampliùs Paulo, numquid ampliùs Petro; attamen illi, in toto corde pœnitentiam agentes, non modo ſalutem, ſed & ſanctitudinem conſecuti ſunt.* Bern. Serm. 3. 55. Pet. 1.

Poderá ainda achar-ſe algum peccador tão endurecido, que á viſta de tantas provas, authoridades, e infallibilidade do Euangelho, ainda duvide, ou tema, que os noſſos peccados ſejão maiores da miſericordia Divina, ou dos merecimentos de noſſo Senhor Jeſus Chriſto? Dirão, que a frequencia do peccar degenerou em habito máo, e o máo habito, que paſſou em natureza, e eſta já tão depravada faz hum obſtaculo inſuperavel á noſſa ſalvação: *Abſit hoc à ſenſibus peccatorum.* Deos livre (diz Santo Agoſtinho) a qualquer peccador, que ſeja de tal ſentimento. Diga antes comigo: *Multi ſunt languores mei & magni, ſed maior eſt medicina tua*: São muitas, e grandes as minhas maldades, tanto aſſim, que a minha alma vai languendo, vai eſpirando; mas muito maior he a voſſa miſericordia. A voſſa graça he hum *elixir vitæ*, que conforta, conſola, e reſuſcita em vida: e na verdade parece couſa monſtruoſa (diz D. Aug. l. 10. Conf.

(diz S. Salviano Bispo de Marselha) ver que os peccadores se fião dos homens, todas as vezes que de palavra, ou por escrito, ou juramento, lhes promettem alguma cousa, e que não se fiem de Deos, quando nos promette, e de palavra, e por escrito nas Sagradas Letras, e com juramento, que sendo elles arrependidos, lhes perdoará os seus peccados: *Oh miseria, oh perversitas! Homini ab homine creditur, & non creditur Deo. Hominis promissionibus spes commodatur, Deo negatur.* Oh quão felices, e que bemaventurados (diz Tertulliano) que somos, pois Deos se tem empenhado com palavra jurada de usar comnosco da sua infinita misericordia, e salvar-nos, se deixando os vicios, fizermos penitencia. Pelo contrario, quão desgraçados prescitos seremos, se conhecendo infallivelmente, que não nos póde enganar, nem mentir, não quizermos fiarmo-nos delle, para continuar como desesperados nas nossas torpezas, e vicios: *Oh nos beatos, quorum causa Deus jurat! Oh nos miserrimos, si nec juranti Deo credimus!*

Salv. l.2. ad Ecc. Cat.

Tertul l.de Pœn.

Prescitos, e desesperados sejão para sempre todos aquelles, que por justo castigo do abuso, e desprezo que tiverão da misericordia Divina, morrêrão de morte supita, e improvisa, sem ter tempo de arrepender-se das suas culpas, e converterem-se a Deos; porém nós, a quem Deos, por sua especial misericordia, nos conserva ainda vivos, por achacado que seja o nosso corpo, por decrepita, e caduca que fique a nossa velhice, bastão poucos momentos para alcançar o perdão de todas as nossas maldades. Por tarde que seja a nossa penitencia, sempre (diz S. Jeronymo) será bem aceita, se ella for de coração sincero, e constante: *Nunquam est sera conversio*, e pelo caminho mais breve o bom ladrão do tormento da cruz foi para o Paraiso: *Latro*

Hier. ep.7. ad Lætam.

tro de cruce tranſit in Paradiſum. Não he a ira, e furor de Deos ſemelhante á ira, e furor dos homens. Eſtes aggravados de algum deſprezo, ou affronta, são neceſſarios mezes, e annos para os pacificar, e raras vezes tornão na meſma graça, e amizade. Não he aſſim Deos, por muito offendido, e irritado que ſeja, baſta hum momento para tornar na ſua graça, e na primeira, e fiel amizade; antes elle he o meſmo que nos buſca com as ſuas inſpirações, e, como diz S. Pedro, não tarda com as ſuas promeſſas, nos eſpera, tem paciencia, querendo ſalvar-nos com tornarmos a elle arrependidos: *Non tardat Dominus promiſſionem ſuam, ſicut quidam exiſtimant, ſed patienter agit propter vos, nolens aliquem perire, ſed ad pœnitentiam reverti.* E que iſto ſeja aſſim, conſidere cada hum quantos peccados tem feito, quantas vezes depois de confeſſado tem recahido nas meſmas culpas; e podendo Deos precipitallo no Inferno por milhares de recahidas como ingrato, como falſo, como traidor, não o tem feito; e he certo que tantos outros com menor numero de peccados, e menos graves, já lá eſtão ardendo, e arderão eternamente: *In ignem mittet, & ardet.* Petr. 2. 3. Luc. 12.

Confirma quanto temos dito neſta materia, o grande Doutor da Igreja Santo Ambroſio com huma beliſſima ſentença, digna de ſer impreſſa nos corações de todos; e vem a ſer, que nenhum peccador ſe deſeſpere, ainda que o demonio, e a conſciencia ré lhe repreſente muitos, e grandes crimes commettidos na ſua vida paſſada, e como ſeu eſcravo o tenha já aliſtado no ſeu livro dos preſcitos, não ſe deſanime, nem ſe perturbe, más trate de deſpir-ſe do amor ás creaturas, e amar unicamente o ſeu Creador: largue o vicio, e ſiga a virtude, e então eſpere, e pertenda, como qualquer outro Santo,

to, o premio da Bemaventurança. E tenha por certo, que se mudar a vida, e costumes, Deos mudará a sentença dada de prescito para o Inferno, registrando o seu nome no livro dos predestinados para o Paraiso: *Nemo diffidat, nemo veterum conscius delictorum, præmia divina desperet. Novit Dominus mutare sententiam, si tu noveris emendare delictum.* Oh bondade infinita do Padre Eterno! Oh amor immenso do Espirito Santo! Oh misericordia sem termo, e sem medida de nosso Senhor Jesus Christo! Huma confissão bem feita, huma resolução constante de fugir do peccado, e querer só a Deos, basta para ficar logo hum grande Santo, e merecer para sempre a Bemaventurança. Longe logo do coração dos peccadores qualquer mínimo movimento de desesperar-se. Mas muito mais longe, e bem longe esteja o engano de esperar mal, como já dissemos em outro Discurso. Aquelle se desespere, que desconfiando da misericordia Divina, faz a Deos hum tyranno cruel, que não quer perdoar-lhe os seus crimes, ficando elle perdido. Aquelle porém espere mal, que confiando loucamente nos merecimentos de nosso Senhor Jesus Christo, se abusa da sua paciencia, servindo-se da sua misericordia, como de carta de seguro para continuar nos mesmos vicios, differindo a penitencia para tempo, que não terá lugar para a fazer: *Nemo desperet, sed nemo malè speret. Desperat qui credit, quod etiam si pœnitentiam agat, Divina misericordia non indulgeat; malè autem sperat, qui post multa tempora ad pœnitentiæ medicamenta reservat.* Devemos esperar, e termos grande confiança na misericordia Divina, e no mesmo tempo vivermos de maneira, que não mereçamos com as nossas recahidas cahir na impenitencia final, que he o mesmo que a desesperação de salvar-se.

Ambr. l. 2. exam.

Que-

Quero dar fim a eſte tão importante Diſcurſo com huma reflexão de S. Bernardo, e vem a ſer que de mil preſcitos, que eſtão penando no Inferno, não ha dez, que morreſſem deſeſperados. A demaziada confiança na miſericordia Divina foi o engano, com que o demonio, induzindo-os a perſeverar na culpa, os aſſegurou, para que nunca mais lhes fugiſſem das mãos: *Diabolus, quantò diutius poſſedit, tantò difficilius dimittit.* Ah que ſe Deos permittíra que os peccadores habituados, eſtando ás portas do Inferno, perguntaſſem a cada hum daquelles condenados: Que deſeſperação foi a voſſa de ir acabar naquelle eterno calabouço? Reſponderião elles: Ah deſgraçados que fomos todos! Nem por ſombra tivemos penſamento de nos deſeſperar. Huma preſumpção cega, huma confiança mal fundada, huma eſperança enganoſa nos poz neſte triſte, e horroroſo eſtado. E vós, meu amigo, como eſtais ardendo naquellas chammas, não foſtes em tal anno Mordomo comigo do Santiſſimo Sacramento? Sim, fui; (reſponderia elle) mas eu fiado naquella eſmola, e obſequio que lhe fazia, nunca quiz reſtituir o alheio, imaginando-me que o faria antes de morrer; mas huma dor improviſa de eſtomago, que cuidei paſſaria logo, me cauſou a morte, ſem me poder confeſſar. E vós noſſos pais, e avós, como vos achais neſte lugar de tormentos? Não fizeſtes o voſſo teſtamento? não deixaſtes os voſſos legados pios? Oh malditos filhos, e netos! (reſponderião elles) não ſabeis que o Inferno he cheio de Juriſtas, que foi a noſſa profiſsão, de Letrados Advogados, Deſembargadores, Corregedores, Juizes, Procuradores, Eſcrivães? Quantas demandas injuſtas, quantas teſtemunhas falſas, embargos, detenſas, trapaſas, viſtas, e reviſtas, enganos, e falſidades, tudo

pa-

para prolongar mais a demanda, e ganhar mais dinheiro, e no fim até a sentença contra o que tem a razão, e justiça por si, com a total ruina de orfãos, pupillos, e viuvas, que ficão em huma extrema miseria, e desesperação. Ora não podendo refazer estes damnos, sem diminuir notavelmente a fazenda aos filhos, e netos, deixão algum legado pio, ou capella de Missas, para morrerem assim com credito, cuidando que como enganão aos homens, enganarão tambem a Deos, por ser bom, e misericordioso. Ha maior cegueira em homens de tratos, e contratos, pedir a Deos que use com elles da sua misericordia, para com ella usar tyrannia com os pobres!

Que se depois perguntassemos a todos estes condenados, qual he a maior pena, que padecem no Inferno, qual he o tormento sobre os mais tormentos, que mais os affligе, que os despedaça, que lhes trasspassa o coração, e a alma, e os induz a pronunciar blasfemias, a raivar-se, como lobos famintos, mordendo-se, despedaçando-se em huma perpetua desesperação sem proveito. Este tormento (responderião elles) he o bicho da consciencia, que, como temos visto, representará sempre ao presente todos os crimes, que tem commettido em todo o tempo da sua vida: *Arguam te, & statuam contra faciem tuam.* Que se o peccado de David lhe fazia tanto horror, e lhe dava tanta pena, ainda depois do seguro do Profeta Natan, que Deos lho tinha perdoado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*, e com tudo o chorava de dia, e de noite, nem podia esquecer-se delle, tendo-o sempre presente na lembrança: *Peccatum meum contra me est semper*; que será dos miseraveis condenados no Inferno, onde o remorso da consciencia não lhes representará outra cousa, e em to-

Psalm. 49.

2. Reg. 12.

Psalm. 50.

todos os momentos, o ſeu entendimento, a ſua imaginação não cuidará, nem fixará, ſenão na quantidade, e qualidade dos ſeus crimes: *Vermis eorum non morietur.*

O Emperador Federico III. eſtando em guerra viva com Mathias Rei de Ungria, perdeo duas batalhas; e vendo que na derradeira tinha feito do reſto, perdendo a bagagem, ficando ſem ſoldados, e ſem alguma eſperança de recuperar as terras perdidas, fugindo com toda a brevidade para Alemanha, em todos os lugares onde pouſava, eſcrevia nas paredes eſtas palavras: *Rerum irrecuperandarum oblivio ſumma felicitas eſt*: He ſumma felicidade poder-ſe eſquecer das couſas perdidas, quando já não tem remedio. No Inferno nem he, nem ſerá, nem nunca poderá ſer aſſim. Ah que ſe os preſcitos pudeſſem eſquecer-ſe dos ſeus peccados, e do Paraiſo perdido por cauſa delles, o Inferno não ſeria para elles inferno. Deſengane-ſe o peccador, que ſe não cuidar agora nos ſeus peccados, confeſſando-os, e deteſtando-os por toda a eternidade, cuidará ſempre nelles, ſem lhe vir ao penſamento, ou imaginação outro objecto. Oh cegueira! Oh confuſão! Oh total deſamparo de huma alma! Nas confiſsões de ſeis a ſeis mezes, ou de anno em anno, accuſando-ſe alguns confeſſados, ou penitentes de ter alguma má occaſião, ou de viver habituados em algum vicio, perguntando-lhes o Confeſſor do numero dos peccados, reſponderão mui enxutos: Nunca fiz tal lembrança; e outros nunca fiz tal conta, nem cuidei niſſo. Prouvéra a Deos, que aſſim não o tiveſſe experimentado, não ſó fazendo Miſsões nas Villas, mas tambem nas Cidades, e com peſſoas, que em negocios de fazendas são tão miudos, que parecem Linces, e no unico, e mais importante ne-

Dit Hiſt. v. *Fed.*

gocio da sua salvação parecem brutos. Em quanto pois aos pensamentos, e circumstancias do tempo, do lugar, da pessoa, como não foi por obra, não se põe em outra conta, não se faz caso, nem reflexão, como se não forão peccados, ou pelo menos mui leves. Desengane-se, que o maior tormento, que padecerão no Inferno os peccadores, será esta desattenção, e descuido: *Liber scriptus proferetur, In quo totum continetur.* O demonio lhes porá sempre diante dos olhos o livro da sua vida, e lerão ainda que não queirão todos os seus peccados, porque o bicho da consciencia lhes explicará todas as circumstancias, mais ou menos aggravantes; e como temos já dito em outro Discurso, na sua falsa estimação esta vista, e este remorso de ter perdido o Paraiso por cousas de pouco mais de nada, e ganhado o Inferno, porque assim o quizerão, he a formal desesperação dos condenados.

Finalmente, depois de convencidos, e desenganados os peccadores, que os prescitos, que morrem desesperados, são mui poucos, e muitos os que esperando mal, vão ao Inferno, para que este desengano seja com algum fruto, he necessario ter sempre no sentido o documento sahido da propria bocca de nosso Senhor Jesus Christo: *Regnum Cœlorum vim patitur, & violenti rapiunt illud*: O Reino do Ceo quer resolução, e valor, e só aquelles, que com animo generoso combatem as suas paixões, mortificando os seus appetites, o conquistão. Aquella mulher Euangelica, de dez drachmas que tinha, perdeo huma, e logo revolveo toda a casa para a achar. Tanto disvelo para huma drachma, que he huma moedinha de vintem? Direis, que naquellas dez drachmas se entendem os dez Mandamentos, e que tanto vai a alma ao Inferno por não guardar hum só

Matth. 11.

Luc. 3. 15.

Man-

Mandamento, como por não guardar todos: *Qui-* Jac. 11.
cumque totam legem ſervaverit, offendat autem in uno, factus eſt omnium reus. Aſſim he, e por iſto dobrou as diligencias, fechou as portas, e janellas, accendeo huma candea, *accendit lucernam*, e buſcando-a, logo a achou, fazendo grande feſta, e convidando aos amigos, e vizinhos a dar-lhe os parabens: *Con-* Luc. 15.6.
gratulamini, quia inveni drachmam, quam perdideram. Que myſterio ſerá eſte? He certo que as portas, e janellas abertas em huma caſa darão maior luz que ſincoenta tochas accezas, quanto mais de huma candea, que he huma luz tão limitada. Ah que eſta drachma perdida he figura de hum peccador meio deſeſperado, por conhecer que immergido nos ſeus vicios, tem perdido a Deos, a ſi, e o Paraiſo. Com tudo não ſe deſeſpere. Eis-aqui não menos ſeguro, que infallivel o remedio. Feche logo as janellas dos ſeus ſentidos ás vaidades deſte mundo: feche as portas a todas as occaſiões, que tem a ſua perdição, e tome a candea acceza na mão, que he a lembrança do Inferno, que merece pelos ſeus peccados. Em fazendo-o aſſim, tornará logo em vós a graça de Deos, achareis a drachma perdida da voſſa alma, pela qual farão grande feſta os Santos todos, e os meſmos Anjos no Paraiſo. Eſte he o verdadeiro, e legitimo ſentido deſta parabola, com a qual noſſo Senhor Jeſus Chriſto, como Pai amoroſo, moſtra o goſto que tem que vos convertais, e façais penitencia: *Ita dico vo-* Luc.15.10.
bis: Gaudium erit coram Angelis Dei ſuper uno peccatore pœnitentiam agente. Pelo contrario, quem quizer continuar nos ſeus vicios, e ſeguir as ſuas paixões deſordenadas, tenha por certo, que o bicho da conſciencia nunca deixará de roer neſta vida, e na outra de lhe deſpedaçar eternamente as entranhas, com lhe fixar na memoria ſem alguma inter-

rupção todas as suas maldades, que he hum inferno mais cruel do mesmo fogo do Inferno. E esta he a verdadeira desesperação sem remedio, da qual Deos livre ao pio Leitor, a mim, e a quantos, que como eu o tem merecido: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur.*

DISCURSO ULTIMO

Do tormento da Eternidade.

Ibit homo in domum æternitatis suæ.
Eccles. 12.

SEmpre o mundo abominou a crueldade deshumana do Emperador Nero, que depois de ter inventado todo o genero de supplicios para atormentar os Christãos, finalmente com tyrannia, e barbaridade inaudita os fazia metter em hum saco, todo breado de pez, e alcatrão, e depois á bocca da noite, postos nos cruzeiros, e cantos das ruas, mandava-lhes pôr fogo para servirem de lenternas viventes com alumearem aos que passavão: *Ut in usum nocturni luminis urerentur.* Terrivel espectaculo, ver a huns homens feitos como cirios ardentes, tochas vivas, brandões accezos, e assim breados, consumirem-se em chammas, e fumaças, bradando, e gemendo, e dando alaridos, e ais, que moverião compaixão ás pedras, sem ninguem ter animo, coração, ou poder de lhes acudir! Com tudo, como o fogo he activo, em menos de hora acabava-se esta tragica scena, e com a morte tambem os tormentos, e antes de amanhecer o dia, tudo esta-

Menoch. tom. 2. cent. 67.

TORMENTO DA ETERNIDADE. J. Matheo sculp.

tava reduzido em cinzas. Espectaculo muito mais terrivel, e horroroso he ver a Deos todo poderoso, profundar hum abysmo no centro da terra, e ahi occupar-se em encher de fogo a huma grande fornalha, dar toda a faculdade aos demonios para assoprallo; e como se estes espiritos infernaes não tivessem ' stante virtude, o mesmo espirito de Deos a modo de huma torrente de enxofre, com hum assopro a accende, e fórma em hum incendio: *Flatus Domini, sicut torrens sulfuris, succendens eam.* Isaí. 30. E isto porque? Para atormentar a humas miseraveis creaturas, creadas por elle mesmo á sua imagem, e semelhança: *Creavit Deus hominem ad imaginem, & similitudinem suam.* Gen. 1. E por quanto tempo? Não por hum dia, não por huma hora, mas por seculos dos seculos, em quanto Deos for Deos: *Fumus tormentorum eorum ascendet in sæcula sæculorum.* Apoc. 14. Esta he a morada, que Deos tem preparado para aquelles peccadores, que enganados da vaidade desta breve vida, por nunca cuidar na eternidade, correm á redea solta para a sua morada do Inferno: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.* Sap. 12. Oh eternidade, eternidade! Grande pensamento diz Santo Agostinho he o cuidar na eternidade: *Magna cogitatio æternitas.* Esta eternidade das penas faz tremer aos Santos, que a considerão, quanto mais aos peccadores se a considerassem. Assim tremia David, perturbando-se todo até perder a falla: *Turbatus sum, & non sum locutus.* Psalm. 76. E isto porque? Porque confrontava os dias passados da sua vida com a eternidade das penas, que merecião os seus peccados: *Cogitavit dies antiquos, & annos æternos in mente habui.* Psal. ibi. Esta eternidade das penas será a materia deste ultimo Discurso, que dividirei em trez pontos. No primeiro veremos a verdade infallivel desta eternidade do Inferno, porque

Deos póde, e a quer assim. No segundo, porque assim Deos por ser justo a quer, e a deve fazer. No terceiro, porque do pensamento, e consideração desta eternidade depende toda a nossa salvação: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.*

Sap 12.

Huma das maiores, mais difficeis, e mais importantes verdades da nossa Religião Catholica he a eternidade das penas, que Deos tem preparado no Inferno para punir os peccadores. Todas as mais verdades Euangelicas tem as suas difficuldades, porém estas são as divididas, e não accommettem o homem todo em cheio. O crer os Mysterios da Santissima Trindade, da Incarnação do Verbo Divino, e outros semelhantes, ainda que as razões humanas não os provem claramente, com tudo a vontade bem inclinada, com o lume da Fé, facilmente suppre o que falta ao entendimento. Daqui nasce, que todos crem facilmente a Gloria eterna, que Deos tem promettido aos justos no Paraiso, porque como a vontade *tendit in bonum*, quanto mais em hum objecto, que he hum bem infinito. Só a eternidade das penas do Inferno he mais difficultosa a crer, porque investe o homem todo; na memoria, no entendimento, na vontade, e em todos os sentidos, que a aborrecem. E na verdade que póde haver de mais contrario a hum homem fragil, que dizer-lhe que sendo Deos tão bom, queira punir hum peccado de hum momento com huma eternidade de penas, e que a sua justiça proporcione hum breve pensamento, huma acção peccaminosa, que durou hum instante, a hum fogo, que atormentará para sempre? E qual apparencia que hum Deos, tão misericordioso em si mesmo, e que tem tanto amor aos homens, possa resolver-se a vellos padecer eternamente, sem que a vista de tantos supplicios lhe

cau-

cauſe hum minimo movimento de piedade a dar-lhe algum deſcanço, ou dizer-lhe huma vez: Baſta?

Eſtas razões aſſim apparentes forão principio dos enganos, dos erros, e das hereſias do grande Origenes, do qual diſſe S. Jeronymo, que em quanto a ſua pena ſe conformou em explanar os dogmas da Igreja, ninguem eſcreveo melhor que elle, mas quando o mar alto do ſeu grande engenho quiz transbordar o pé da letra do Euangelho, ninguem que elle peior: *Ubi benè, nemo melius, ubi malè, nemo pejus.* Cria elle, e affirmava muito bem, que o peccador havia de ſer caſtigado no Inferno, e ſoffrer terriveis tormentos por hum ſó peccado mortal; porém depois imaginava-ſe, e tinha como por certo, que paſſados muitos ſeculos, Deos ſe moveria a compaixão, e o livraria daquellas penas eternas. Engano, e hereſia craſſa, que Santo Agoſtinho com os mais Concilios refuta no livro da Cidade de Deos. Sempre o demonio buſcou ſequazes, que publicaſſem doutrina, e dogmas falſos, contra eſta verdade da eternidade das penas do Inferno, e não podendo extirpalla, inventa mil traças para diminuila. Calvino confeſſa que os peccadores ſerão condenados por toda a eternidade no Inferno; porém para diminuir eſta pena, inventou que eſte fogo não os queimará, mas que o ſeu tormento conſiſte em ſe verem atados, e obrigados a eſtarem eternamente na preſença deſte fogo. Outros não ſe querem perſuadir que os corpos dos condenados depois da reſurreição eſtejão no Inferno ſeculos, e ſeculos, ſoffrendo ſempre as meſmas dores, parecendo-lhes que o fogo os havia de conſumir, e reduzir em cinzas. Outros conſiderando que a alma he immortal, e que em quanto eſtá unida ao corpo, eſte não morre, nem póde morrer, imaginão, e ſe conſolão que os con-

Hieron. ep. 6. ad Pan.

Aug. lib. 2. de Civit. Dei.

denados, depois de soffrerem por muito tempo o tormento do fogo, pouco a pouco, pelo habito continuado, fará o corpo como hum callo, ou ficará empedernido, myrrado, e como insensivel. Todos estes pensamentos nascem do demonio, que vai lisongeando o nosso amor proprio, e enganando o nosso appetite, que para continuar nas suas torpezas, aborrece tudo o que he eternidade do Inferno.

Mas he necessario que a verdade desta eternidade triunfe, pois Deos assim o quer, e o póde fazer; e o querer, e poder em Deos he o mesmo: *Omnia quæcunque voluit fecit.* Primeiramente, a natureza, e o ser de qualquer cousa que ha no mundo, diz Platão, e depois delle Santo Agostinho, he o que Deos quer: *Tanti utique Conditoris voluntas rei cujusque natura est.* Aristoteles, e Plinio contão, como na Ilha de Chipre ha huma certa casta de mosquitos, que vivem, voão, e comem nas chammas. E accrescenta Santo Agostinho, que em certa parte do mundo ha huma fonte, que brota agua tão fervente, que ninguem a póde, não digo beber, mas nem tocar, sem ficar mui bem queimado, e com tudo vivem, nadão, e comem naquella agua huns bichinhos, e não só não morrem, mas não podem viver em outra parte. Se vós dizeis que aquelles mosquitos, e estes bichinhos vivem naquellas chammas, e naquelle ardor do fogo, porque aquella he a sua natureza, e não padecem, e não sentem dor alguma, replica logo Santo Agostinho: Grande maravilha he que os reprobos estejão sempre penando, e morrendo de dores no Inferno, e nunca acabem de morrer; porém he muito maior maravilha que aquelles bichinhos, e mosquitos estejão sempre ardendo nas chammas, e vivendo no fogo sem sentir algum tormento, ou padecer a minima pena:

Psal. 113.

Aug. l 21. de Civ. Dei.

Mi-

Mirabile eſt dolere in ignibus, & tamen vivere, ſed mirabilius eſt vivere in ignibus, nec dolere. Diz mais o meſmo Santo, que nas montanhas de Arcadia ſe acha a pedra, que chamão *arbeſtos*, a qual huma vez que eſtá acceza nunca mais ſe póde apagar; e ſempre ardendo queima ſem nunca ſe conſumir, ou padecer diminuição. Mas para que he andar tão longe. O monte Veſuvio, perto de Napoles, e o monte Etna no Reino de Sicilia, ha mais de dous mil annos que as ſuas entranhas ardem continuamente cheias de fogo, ſem nunca minguar, ou conſumirſe, como ſe o fogo reproduziſſe cada dia a materia combuſtivel, que lhe ſerve de alimento. São cheminés do Inferno, diz Tertulliano com outros Santos Padres; porque ſe Deos não tiveſſe mão naquellas chammas, já ha muitos ſeculos que terião incendiado, e conſumido ambos aquelles Reinos, e apenas ſe ſaberia o nome de Napoles, e Sicilia: *Montes uruntur, & durant: Quid nocentes, & Dei hoſtes.* As montanhas ardem, e durão, ſem o fogo podellas conſumir, e porque não poderá Deos fazer o meſmo com os corpos dos peccadores ſeus inimigos; confirma a verdade deſta doutrina dos Santos Padres o Profeta David, quando diſſe: *Sicut flamma comburens montes, ita perſequeris eos in tempeſtate tua.* Naquelle ultimo dia tempeſtuoſo, naquella tormenta desfeita do juizo, queimará o fogo do Inferno os peccadores, como os montes, que vomitando chammas, ſempre ardem, e nunca ſe conſomem.

Aug. loco citat.

Tert: apol. cap. 48.

Pſal. 82.

He de reparar, que todas as vezes que o ſagrado Texto, e o Euangelho fallão do fogo, e penas do Inferno, ſempre accreſcentão a palavra *æternum*: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.* Se o peccador morreo em peccado, claro eſtá que a ſua morada no Inferno ſerá eterna. Clama o Profeta Iſaias: *Quis*

Sap. 12.

Iſai. 33.

ex

ex vobis habitare poterit cum igne devorante, & cum ardoribus sempiternis? Considere que não falla só no fogo, que devora, mas tambem no supplicio do ardor, que sempre dura: *Dabis Deus ignem, & vermes in carnes eorum, ut urantur, & sentiant in sempiternum.* Esta palavra *sempiternum* val o mesmo que *semper æternum.* Logo sempre eternamente os corpos dos prescitos serão queimados, soffrendo as penas inexplicaveis do fogo do Inferno. O Profeta Isaias fallando dos reprobos, acaba os sessenta e seis capitulos das suas profecias com esta sentença: *Vermis eorum non morietur, & ignis eorum non extinguetur.* Se o bicho, que sempre lhes roe a consciencia, nunca ha de morrer, se o fogo, que os atormenta, sempre queima, e nunca se apaga, corre infallivel a consequencia, que os tormentos no Inferno para os reprobos são eternos. Deixo tantos outros textos, de que he cheio o Testamento velho, especialmente dos Profetas, que erão os Prégadores, e Missionarios daquelles tempos, e todos concernentes á eternidade da Gloria para os escolhidos, e a eternidade das penas para os prescitos. Que seja possivel, que estes, e outros textos da Sagrada Escritura, lidos, e considerados pelos Gentios, com o lume da razão, e com o syndereſi, que Deos instillou nos corações humanos, lhes fizessem tal impressão para conhecer, e crer o Inferno, e a eternidade das penas, que se fazião violencia para fugir o vicio, e seguir a virtude. E que melhor se podia descrever o eterno tormento do bicho da consciencia, que roerá para sempre as entranhas dos peccadores: *Vermis eorum non morietur*, que com estes versos de Virgilio na pessoa do miseravel Ticio?

Judith. c 16.

Isai. 66.

Æneid. l. 6.

Rostroque immanis vultur obunco
Immortale jecur tundens, fœcundaque pœnis

Vi-

Viſcera, rimaturque epulis, habitatque ſub alto
Pectore nec fibris requies datur ulla renatis.

Nomea em lugar do bicho o abutre, ave de rapina, e carnivora, que ſempre irá roendo os figados dos malfeitores, e chama eſtes immortaes, porque quanto devora, tanto torna logo a renaſcer:

Semperque renaſcens Ovid. Eleg. 4.
Ut poſſit ſemper ſæpe perire jecur.

Nomea tambem *jecur*, porque eſte, como dizem os Santos Padres *eſt veluti ſedes amoris, & libidinis.* He como o centro da libidine, e o trono do amor profano. Não fallo nos tormentos diverſos, que tem excogitado, para explicar a eternidade das penas, como a roda de Ixion, cheia de ſerpentes, que ſempre virando, quando parecia no fim então começava; nos vaſos das Danaides, que não tendo fundo, quanto mais os enchião, tanto mais vaſavão. Bem ſei que me poderão dizer, que eſtes são fingimentos poeticos, ou fabulas. A que reſpondo com Santo Ambroſio, que eſtas ficções, ainda que em ſi não contém a força da verdade, explicão porém melhor a verdade á gente rude: *Fabula, etſi vim veritatis non habet, tamen rationem habet, ut juxtà eam poſſit veritas manifeſtari.* E eſte modo de manifeſtar mais claramente a verdade ao povo ignorante por via de apologos, e de parabolas, que he mui uſado na Sagrada Eſcritura, como quando fazendo conſelho as arvores, pedírão á oliveira, á vide, e á figueira, para que alguma dellas aceitaſſe de ſer o ſeu Rei: *Et dixerunt: Impera nobis*; e recuſando, aceitou o eſpinheiro. E o Profeta Natan ſe valeo da ſemelhança de hum rico, que tinha furtado a unica ovelha que poſſuia hum pobre, para reprehender a David do adulterio com Berſabé, explicando-lhe que era elle meſmo: *Tu es ille vir.* E noſſo Senhor Jeſus Chriſ-

Ambr. l. 3. de Offic.

Judic. 9.

Reg. 12. c. 19.

Christo quando prégava ás Turbas, ordinariamente era a sua prégação por via de parabolas, e sem parabolas rara vez ensinava a sua celeste doutrina: Matth. 13. *Et locutus est eis multa in parabolis, & sine parabolis non loquebatur eis.* E isto baste para mostrar que antes da vinda de Christo, os Gentios tiverão sufficiente noticia do Inferno, e da eternidade das penas.

Que se os Gentios a huma simples representação do Inferno, a hum confuso conhecimento da eternidade das penas, fugião ao vicio, e seguião a virtude, como he possivel que alguns Catholicos, com o lume da Fé, com a luz do Euangelho, para continuar a sua maldade, se imaginem que Deos olhando para a nossa fragilidade, movido de compaixão, não quererá que as suas creaturas estejão eternamente penando no Inferno? Oh quantos por se terem allucinado com esta imaginação, estão agora ardendo no Inferno! Primeiramente, todas as vezes que o Sagrado Texto falla no fogo do Inferno, quasi sempre ajunta a palavra eterno, final evidente que não falla com exaggeração, ou metafora. Segundo, quando se trata em materia da derradeira importancia, onde a genuina intelligencia he absolutamente necessaria para a salvação, nunca se servem de palavras metaforicas, ambiguas, ou interpretativas, como nos testamentos, nos arestos, nas sentenças, que devem ser entendidas, e executadas ao pé da letra: e assim nosso Senhor Jesus Christo, que como dissemos, quando prégava ás Turbas sempre, era por via de parabolas, tratando-se de fazer o aresto, e dar a sentença de condenação, disse: *Discedite à me maledicti in ignem æternum*: Ide amaldiçoados ao fogo eterno, e para que não venha ao pensamento que o fogo será eterno, mas não a acção do fogo, e serem

rem algum dia os reprobos livres daquelle tormento, reparou Santo Agoſtinho, que logo no meſmo capitulo confirma o areſto, com dizer que irão os preſcitos no ſupplicio eterno: *Ibunt in ſupplicium æternum; juſti autem in vitam æternam*, como tambem os predeſtinados na Gloria eterna. Matth. 25.

Concluo eſte primeiro ponto com huma belliſſima reflexão que faz S. Gregorio ſobre eſta meſma ſentença, e prova quanto até agora temos dito, argumentando aſſim: O Filho de Deos não póde ſer verdadeiro em hum texto, e mentiroſo no outro. Se nós damos fé ás ſuas promeſſas, devemos tambem dar fé ás ſuas ameaças: *Cur credis quod Deus dixit, & non times quod Deus minatur.* O meſmo noſſo Senhor Jeſus Chriſto, diz que os juſtos irão na vida eterna, diz tambem no meſmo lugar que os preſcitos irão no ſupplicio eterno: *Ibunt in ſupplicium æternum.* Se a pena dos preſcitos ha de acabar em algum tempo; a Bemaventurança dos eſcolhidos acabará tambem algum dia. Couſa que nunca poderá ſer, pois o meſmo Chriſto diſſe: *Gaudium veſtrum nemo tollet à vobis.* E já não ſerá Bemaventurança perfeita, porque o Bemaventurado teria ſempre no ſentido que aquelle ſummo Bem, que gozava, havia huma vez de ter fim, e iſto baſtava para ter naquelle immenſo gaudio huma ſumma triſteza. Daqui ſe infere, quão enganados andão os peccadores, quando cuidão, ou ſe imaginão que Deos como tão miſericordioſo, depois de huma longa ſerie de ſeculos terá compaixão delles, livrando-os finalmente das penas do Inferno. Horrivel, e tremenda blasfemia (ſegue a dizer S. Gregorio) querer fazer a Deos mentiroſo com o publicar miſericordioſo: *Deum dum miſericordem aſſerere volumus, mendacem (quod nefas eſt) prædicamus.* Greg. l. 24. Mor. c. 10. Joan. 16. Gregor. Dial. 4.

Te-

Segundo ponto.

Temos visto a verdade infallivel das penas do Inferno, e como Deos decretou, e ordenou que fossem para sempre eternas. Agora nos convem provar a justiça, e equidade deste decreto, e que necessariamente o havia de fazer, assim pela sua Gloria, como pelo bem público, e particular de todos os homens. Deos faz mais caso da sua Gloria, e de qualquer das suas perfeições, que de todas as creaturas, e de quanto tem creado no Ceo, e na terra. Hum dos seus attributos he de ser summa verdade: *Ego sum veritas.* E esta sua verdade, e fidelidade nas
Psalm. 116. palavras, dura, e durará para sempre: *Et veritas Domini manet in æternum.* Ora tendo elle tantas vezes dito, e repetido que as penas do Inferno para os reprobos são, e serão eternas, que fundamento, ou probabilidade tem, que se queira desdizer, e mostrar-se mentiroso? Deos quer manifestar a todos a sua bondade, e santidade, que sendo infinita, deve detestar infinitamente o peccado, que lhe he essencialmente, e diametralmente opposto; e como póde elle mostrar que infinitamente o abomina, e detesta, senão castigando-o, com pena infinita na duração, pois o peccado subsiste, e durará eternamente. Todos sabem que Deos he immutavel: *Ego*
Mald. 3. *enim Dominus, non mutor.* Que as suas sentenças não tem appellação, os seus arestos irrevogaveis, as suas resoluções firmes, e constantes, a sua palavra não só de Rei, mas de Deos, que infallivelmente se ha de executar: *Ipse dixit, & facta sunt.* Deos não he variavel como os homens, e por isto não
Jeu Serm. 36. he possivel que se mude: *Non est Deus sicut homo, ut mutetur.*

Finalmente deve, e quer Deos mostrar a sua independencia, que os Gregos chamão *autarchia*, e quer dizer que elle só basta a si mesmo, e que em na-

nada necessita das suas creaturas; e este he o florão mais glorioso, com que remata a coroa das suas infinitas perfeições. Ora se Deos quizesse por compaixão chamar a todos os já condenados no Inferno, e livrallos daquellas penas eternas, pareceria que as culpas não as merecião, ou que não podia estar sem elles, ou que lhes erão necessarios para augmentar a sua Gloria accidental, que tudo he contra o que diz o Profeta David: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges.* Psalm. 15.

E quando Deos queira maior Corte no Ceo, póde crear milhares de mundos, e milhões de creaturas, que o sirvão, e amem, e não o offendão, e desprezem, como tem feito os prescitos. Desenganem-se os peccadores, que Deos não fica menos glorificado com castigar os máos, que com premiar os bons; e os seus attributos com a sua Gloria contribuem muito á execução da eternidade das penas; pois a sua recta justiça não he menos necessaria (como veremos) para o bom governo do mundo, que a sua misericordia. Esta ainda nos póde valer, em quanto somos vivos, que depois de mortos, no Inferno não ha redempção: *In Inferno nulla est redemptio.* O unico remedio, que nos resta, he, arrepender-se logo mui devéras dos seus peccados, e mudar vida, e só deste modo, diz S. Gregorio, mudará Deos a sentença, e de prescitos destinados para o Inferno, nos fará predestinados para o Paraiso: *Novit Deus mutare sententiam, si tu noveris emendare delicta.* Greg. l. 4. Mor.

Bastaria para convencer o nosso entendimento, e tirar toda a dúvida concernente á eternidade do Inferno, saber que he hum artigo da Fé, e que Deos assim o quer, e assim o tem ordenado. A todas estas questões curiosas, por que Deos castigue com pena eterna hum peccado, que durou hum só momento,

to, se responde com o Santo Bispo de Marselha Salviano: *Homo sum, secreta Dei non intelligo, investigare non audeo*: Eu sou homem, e consequintemente ignorante, para comprehender os secretos de hum Deos; e não me atrevo investigallo. Como Deos he a summa verdade, e a verdadeira equidade, fico mais certo, e convencido com saber que elle pronunciou este aresto, e tem ordenado estas penas eternas, que se com razões humanas eu comprehendesse todas as causas, e todos os motivos deste Divino juizo: *Plus est Deus, quam omnis humana ratio, quod à Deo agi cuncta cognosco.* Com esta humilde protestação, e total respeito, e veneração a hum artigo da Fé, tão importante para a nossa salvação, quero agora, seguindo a doutrina dos Santos Padres, provar com razões humanas, com axiomas, e textos juridicos das nossas leis, que Deos para o bom governo do mundo, e para o bem público, e particular de cada hum, deve dar penas eternas no Inferno aos transgressores dos seus Mandamentos, que he a baliza deste segundo ponto.

Salv. l. 3. de Prov.

He commum sentimento de todos os povos, que os Principes, e Republicas, que tem soberanía sobre os seus vassallos, e subditos podem publicar as leis, que julgarem necessarias para o bem dos seus estados, e no mesmo tempo estabelecer as penas, para castigar os que as quebrarem. Estas penas porém nunca tiverão proporção na duração do tempo com o tempo que durou o crime, porque os Legisladores só reparavão o damno, que vinha á Republica com a infracção das Leis. A Lei condena á morte hum ladrão de estrada, ou salteador de caminhos, ainda que o furto seja bem leve, e feito em menos de hum quarto. Hum homem enfurecido mata a outrem. A sua culpa foi de hum instante,

em

em que não attentou para refrear a ſua paixão, com tudo ſe pelas circumſtancias eſcapar da forca, tem a galé, ou degredo por toda a vida: logo as Leis, como diz Santo Agoſtinho, não guardão proporção entre a culpa, e a pena na duração do tempo: *Quaſi ullæ id neque leges attendant, ut tanta ſit mora temporis, qua quis puniatur, quanta mora temporis, unde puniatur admiſſum.* E quem não ſabe que condenar a hum malfeitor á morte he dar-lhe huma pena *quantum eſt de ſe* eterna; pois bem ſabem os Juizes que não ha remedio natural, que o poſſa reſtituir em vida. Digo mais: em huma ſuppoſição poſſivel, que os homens não pudeſſem morrer, (como já no eſtado da innocencia) ſenão de morte violenta, não deixarião os Juizes de executar a juſtiça com privar a eſte malfeitor da vida, ainda que eſta foſſe eterna; e accreſcento mais, que eſta temeridade da vida ſeria hum motivo efficaciſſimo para o fazer morrer mais depreſſa, porque dirião aſſim: Eſte malfeitor póde viver eternamente, e poderá ſer eternamente ladrão turbulento, eſcandaloſo, e buſcará novos companheiros com grave damno da Republica: logo he bem que morra para ficarmos quietos, e livres delle. Eis-aqui provado como á juſtiça humana ſe attribue o poder de caſtigar os delinquentes de huma pena, que ſe póde chamar eterna, para conſervação do bem público.

Aug. l. 11. de Civitat. Dei.

Agora deve-ſe advertir, que todos os edictos, e leis, que fazem os Principes, e Republicas, com todas as penas tão rigoroſas decretadas a quem as quebranta, não ſão mais que huma participação da authoridade, e poder, que Deos lhes dá; e com tudo os povos as admittem, obedecem, nem examinão, ou piſquizão ſe a ſentença he juſta, ſe a pena he demaziada, porque ſabem mui bem que o quei-

xar-se não serve de nada, pois a lei manda, e não
Phil. Hebr. disputa: *Lex non disputat, sed præcipit*; e os subditos, e criminosos, hão de estar sujeitos á justiça, e ao que sentenceão os Tribunaes. Isto supposto, e porque Deos, que por necessidade do seu ser, e por todos os direitos, e razões imaginaveis, he o Monarca soberano de todos os homens, não poderá publicar leis, e decretar penas eternas, se as julgar proporcionadas á importancia dos delictos, e necessarias para obrigar as suas creaturas a guardallas? Deos conhece muito bem que da observancia da lei, que tem feito, depende a sua Gloria accidental, que he o unico bem, que póde tirar da producção das suas creaturas. A honra de Deos não consiste só em lhe dedicar Templos, Altares, e estatuas, como alguns se imaginão, mas em amallo, servillo, e reconhecello, como seu Soberano, e Creador, e que em tudo, e por tudo depende delle. Esta verdade até os Gentios a conhecêrão:

Mart. Ep. *Qui fingit sacros auro, vel marmore vultus,*
Non facit ille Deos, qui rogat ille facit.

Daqui nasce que os peccadores mostrão a sua cegueira, quando dizem: Que mal faço eu a Deos, quando satisfaço ao meu appetite? Vós lhe fazeis o maior mal, que podeis, pois vos fazeis independentes, e não quereis conhecello por vosso Deos, e Senhor, quebrando, e desprezando a sua lei.

Digo mais: Deos conhece que o bem particular de qualquer pessoa consiste em refrear as suas paixões, e sujeitallas á razão: conhece tambem que da observancia da sua lei depende o bem público, e a sua boa ordem da sociedade humana; e que não se guardando a sua lei, o mundo seria como huma mata brava cheia de ladrões, e malfeitores. Conhece finalmente, e sabe a violenta inclinação, que

tem

tem a natureza humana de quebrar esta lei, que nascida comnosco, sempre nos incita ao mal, e nunca nos deixa. Nem ha penas, por rigorosas, e terriveis que sejão, que a possa vencer, e refrear, senão forem eternas. S. Paulo chama á eternidade da Gloria hum pezo: *Æternum gloriæ pondus*; para advertir os Catholicos, que quando estão em termos de commetter algum peccado, devem tomar a balança, e pôr em huma banda o gosto momentaneo do peccado, e da outra a Gloria eterna, que se perde. Sem dúvida que a eternidade da Gloria pezará mais, e prevalecerá ao gosto instantaneo do peccado; porém sendo os homens tão pouco sensiveis a quanto nos promette a Fé na Bemaventurança, Deos accrescenta hum segundo pezo: *Æternus pœnarum pondus*, que he a eternidade das penas, a fim de que todos aquelles, que não se movem a deixar o peccado pela esperança do premio eterno do Paraiso, se movão ao menos pelo temor da eternidade das penas do Inferno. Pois posto em huma balança o gosto momentaneo de huma parte, e o tormento eterno da outra, quem será tão louco que queira penar eternamente, para gozar hum instante? E com tudo a maior parte dos peccadores sabendo, e crendo a eternidade das penas, que merecem, continuão a viver nos seus peccados, e bebem a maldade como a agua da fonte: *Bibunt iniquitatem quasi aquam.* Oh meu Deos! Oh meu Jesus! Que seria, senão houvesse Inferno, e as penas não fossem eternas? Que desordens não haveria no mundo? Que roubos? Que adulterios? Que mortes? Logo fica bem claro que a eternidade das penas he justa, e he necessaria, assim pela Gloria de Deos, como para o bem público, e particular dos homens.

2. Cor. 4.

Job c. 15.

Ficará esta razão mais convincente, se consider-

rarmos que cada hum conhece que ha de ser eterno, pois sabe que a sua alma he immortal, e reparando ter em si hum fundo de immortalidade, tudo o que acaba, ou tem fim, não o espanta, nem lhe faz grande medo. Vive semelhante a hum homem, que tendo hum fundo, ou terras, que lhe rendão certos cem mil cruzados cada anno de renda, todas as perdas, e despezas, que poderia fazer, nunca lhe farião temer a pobreza, em quanto ficasse inteiro, e seguro o fundo, ou o capital; assim todas as penas, que não são eternas, o amedrentão, considerando-as como passageiras, e que depois com o tempo ficará livre dellas, e senhor de si por toda a eternidade. E que isto seja assim, basta considerar quão pouco caso fazem muitos Catholicos do fogo do Purgatorio, ainda que muitos Santos Padres digão que não haja tormento nesta vida, que se possa igualar com elle. E Santo Agostinho accrescenta, que não he menos activo, e rigoroso que o do Inferno, pois se não he o mesmo, he da mesma especie: *Eodem igne, quo torquetur damnatus, purgatur electus.* E de que nasce este pouco caso das penas do Purgatorio, senão porque sabemos de certo que ellas hão de acabar? Logo se o decreto de Deos fosse só de huma pena temporal, por comprida, e rigorosa que fosse, teriamos o mesmo medo do Inferno, que do Purgatorio, commetteriamos o peccado mortal com a mesma facilidade que o venial, os adulterios, e homicidios, que as mentiras leves, e palavras ociosas. Desenganemo-nos fieis que a eternidade das penas do Inferno he justa, e necessaria, assim pela gloria de Deos, como para o bom governo do mundo, e bem particular dos homens. E concluamos com S. João Chrysostomo, que não he menos a justiça de Deos, que a sua Divina misericordia, que tem fabri-

bricado o Inferno, e que bem longe de queixarmonos do seu rigor, devemos render-lhe as graças de ter ordenado a eternidade das penas: *Imo potiùs pro ipsa gehena gratias agere debemus*; pois só deste modo com huma doce violencia nos obriga a deixar, e fugir do peccado, e ganhar para sempre o Paraiso, como bem o confirma S. Gregorio: *Idcircò pœnarum æternitatem constituit, ut nos à peccatorum perpetratione comprimeret.* Greg. l. 3. mor.

Convem todas as leis fundadas no direito da natureza humana, ser licita a justa defeza contra o injusto aggressor. Por isto os Principes fazem fortalezas, bem munidas de canhões, com fossos profundos, e cheios de aguas; e quando estas faltão, ou sécão, tomão arvores de carvalhos, e pinhos, e cortadas em grandes pedaços as lanção nos fossos, (como fizerão no cerco da fortaleza de Turin) e depois dando-lhes fogo com barris de alcatrão accezos; e isto porque? Para impedir o assalto do inimigo. E se depois de estar a Cidadella assim rodeada de chammas, o Commandante subisse sobre os muros, e advertisse os inimigos, se retirassem do cerco, pois nunca poderião fazer o ataque, e menos dar o assalto, sem cahir naquelle abysmo de fogo, e com todo este aviso o inimigo, cheio de raiva, se precipitasse, e morresse queimado, de quem seria a culpa? Da justa defeza, ou da sua louca temeridade? Que se hum homem mortal faz tanto para se livrar do seu contrario, que não fará Deos para se livrar do peccado mortal, que todas as horas o accommette, e he o maior inimigo, que elle tem. Se declara que para se defender do peccado tem posto entre nós, e elle hum abysmo de fogo, hum Inferno eterno; e que não poderemos continuar o accommettimento sem cahirmos nelle. Nos

tem avisado pelas sagradas Letras, pelos Profetas, e pelos Apostolos, que acabemos de fazer-lhe a guerra com os nossos peccados ; quando não , será obrigado a defender-se, castigando-nos com penas eternas. Estas são as suas armas, com que se defende, armas defensivas , não offensivas, pois não accommette, nem aggrava armas proprias, e convenientes a Deos ; que como o seu ser he infinito , e eterno, assim tambem as suas armas, com que se defende dos peccados, são infinitas, e eternas.

Corroboremos quanto até agora temos provado com provas Theologicas. Todo o mal , seja ou fysico, ou moral, que por sua natureza he irreparavel, he hum mal eterno ; mas o mal do peccador, que morreo em peccado, (diz S. Thomaz) he irreparavel : logo he eterno. Do mesmo modo he na ordem fysica. Quem voluntariamente se corta hum braço, ou se mata, dando-se com hum punhal no peito , sabendo muito bem que *à privatione ad habitum non datur regressus*, que não ha remedio humano para refazer este damno , ou que o possa resuscitar, mostra que consente de ficar para sempre privado da vida, ou de soffrer a pena, que lhe podia causar a falta do braço: assim o peccador, que mata a sua alma, destruindo com o peccado a caridade, que he a raiz de todas as boas obras, consente voluntariamente a todos os males, que se seguem, e se priva de todos os bens da vida espiritual, que destruio, e só se póde queixar de si mesmo, como bem o confirma Santo Agostinho: *Factus est malo dignus æterno, qui perimit in se bonum, quod posset esse æternum.*

Arist. Phys.

Aug. l. 6. 5. de Civit.

O Angelico S. Thomaz fortifica esta razão com outro argumento, que diz assim: Huma culpa eterna merece huma pena eterna ; a culpa dos condenados he eterna: logo merece pena eterna. A culpa se-

ſerá ſempre eterna, porque os condenados não eſtão mais em tempo para ſe valerem dos remedios, que Deos inſtituio para a compenſação. Nem eſtão *in via* para poder merecer, nem applicar-ſe os infinitos merecimentos do precioſiſſimo ſangue, que noſſo Senhor Jeſus Chriſto derramou para os peccadores, como diz o Profeta David: *Bibent omnes peccatores terræ*; mas não do Inferno, gloſſa S. Bernardo, porque o ſangue de Chriſto, que deſceo á terra, não deſceo ao Inferno: *Non deſcendit ad inferos ſanguis, qui effuſus eſt ſuper terram.* Reforça o argumento o meſmo S. Thomaz com dizer: A juſtiça Divina tem direito de punir hum peccado, até que o peccador não der cabal ſatisfação delle; o peccador no Inferno nunca ficará capaz de ſatisfazer: logo Deos o póde, e deve punir até que fique ſatisfeito, como bem diz S. Bernardo: *Semper puniri poteſt, quod non poteſt expiari.* O condenado he como hum homem, que he obrigado aos juros de hum grande cabedal, e em quanto não extinguir o cenſo, ſempre correm os juros. Os peccados, que voluntariamente commetteo, são o cenſo que fez, os juros são as penas que padece; como he impoſſivel extinguir o cenſo, por ſer incapaz de ſatisfazer as culpas, continuará ſempre a pagar o juro das penas, que Santo Agoſtinho chama *fœnora iniquitatis*; e como as culpas são eternas, tambem as penas ficão, e ficarão para ſempre eternas.

Pſalm. 74.

Bern. Serm. ad Frat. de Mon. D.

Th. ut ſup.

Bern. ibi.

Aug. ut ſup.

Quero acabar eſte ſegundo ponto com dizer que a pena deve ſer proporcionada á culpa, e que o caſtigo deve tomar a ſua medida da malicia, e gravidade do crime. Achão os Theologos no peccado mortal huma maldade infinita não em ſi, mas por relação a Deos, que he infinito: merece logo huma pena infinita; eſta não póde o peccador ſof-

frer na qualidade, convem logo que seja na duração. Explicarei esta malicia do peccado mortal com dizer assim: Dar huma bofetada a hum villão, ou á outra pessoa humilde, he malfeito. Dalla a huma pessoa nobre, he muito peior. Dalla a hum Fidalgo de primeiro rango, ou a hum grande, he hum attentado. Dalla a hum Principe, a hum Rei, he hum crime de lesa Magestade, e de primeira cabeça. Supponhamos agora que se encarnassem todos os Anjos, Querubins, e Serafins, e que todos recebessem esta bofetada de huma pessoa baixa, e vil. Accrescento mais: Se Deos Senhor nosso creasse creaturas possiveis *in infinitum*, e estas sempre mais perfeitas, e esta pessoa vil a todas affrontasse com a mesma bofetada, he evidente que quantos maiores gráos de malicia contrahio, quem se atreveo a dar estas bofetadas, merece outros tantos gráos de augmento de penas. Oh meu bom Jesus! Oh meu Creador, e Redemptor meu! E que tem que fazer todas estas affrontas feitas a todas as creaturas, creadas, e possiveis, se todas são como nada, respeito ao desprezo, que vos faz, e á bofetada, que vos dá, quem commette hum peccado mortal! Que digo desprezo, ou bofetada, vos torna a crucificar, como diz São Paulo, no seu coração: *Iterum crucifigentes vobismetipsis Filium Dei.* Oh que abysmo de malicia, e de ingratidões, que merece hum abysmo de supplicios, e penas, que eu não posso descrever, nem sei explicar!

Hebr. 6.

Sabemos por fé que Deos he infinito, e contém em si infinitas perfeições. Estas com hum só peccado mortal ficão todas desprezadas, e justamente offendidas. Não quero já que para satisfação vos dê Deos hum seculo de penas no Inferno por cada perfeição Divina offendida; não hum anno, não

hum

hum mez, mas hum ſó dia. Pois ſe he de fé que as perfeições Divinas são infinitas, logo para ſatisfazer a ellas, por voſſa meſma conta, os dias do Inferno hão de ſer infinitos. E que são dias infinitos de penar no Inferno, ſenão a meſma eternidade das penas, que nunca ha de ter fim. Ah triſte peccado mortal! Ah medonha eternidade das penas! Eſtas duas couſas unidas neceſſitárão ao Verbo Divino a fazer-ſe Homem, e morrer em huma Cruz, para livrar os homens da eternidade das penas, que tem merecido pelo peccado mortal: *Niſi hæc eſſent ad mortem ſempiternam*, (diz S. Bernardo) *nunquam Filius Dei pro eis moreretur.* Oh infinita malicia do peccado mortal! Oh eſpantoſa, e deteſtavel maldade! pois foi neceſſario que hum Deos derramaſſe o ſeu ſangue, até morrer em hum patibulo, para ſatisfazer ao valor da noſſa Redempção. Pio Leitor, quando ouvires dizer aos peccadores, que ſe eſpantão, e não entendem como hum Deos tão bom queira dar penas eternas por hum peccado, que dura hum ſó momento, reſpondei-lhes, que tambem vós não entendeis, e ficais muito mais eſpantado, que vendo a hum Deos agonizante, e morto em huma Cruz para lhes dar o Paraiſo, elles são tão ingratos, e tão crueis contra ſi, que querem antes ir ao Inferno, crucificando-o de novo, para ſatisfazer a hum goſto, que dura hum breve inſtante. Bern. Serm. ad Fratr.

Depois de termos viſto como Deos póde, quer, e deve dar eſta eternidade das penas aos reprobos, reſta agora o terceiro ponto, e vem a ſer, que da lembrança, e conſideração deſta eternidade depende a ſalvação dos homens: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.* Oh ſe conſideraſſem os peccadores cada noite antes de ſe deitarem eſta verdade indubitavel, e infallivel, que mais tarde, ou mais cedo, *Terceiro ponto.*

mais

mais hum anno, menos hum anno, e bem poderá ser que mais hum dia, menos hum dia, hão de entrar para sempre na casa da sua eternidade *in domum æternitatis suæ*! Oh se ponderassem esta palavra *suæ*! A sua casa da eternidade. Pois a eternidade não he para todos huma, e a mesma? Sim na duração, mas não na morada. Cada hum quando morrer vai logo morar na estancia, que aqui nesta vida se fabricou para a sua eternidade. Deixa tudo, e todos o deixão, e só o acompanhão, e seguem as obras boas, ou más que fez: *Opera enim illorum sequuntur illos.* Se as obras derradeiras que fez o puzerão em graça, vai para morada eterna do Paraiso; se forão em peccado mortal, vai para sempre ao eterno calabouço do Inferno, que he a morada, que elle mesmo fabricou para si: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.*

Apoc. 14.

Esta consideração da eternidade das penas faz temer, e tremer todos os Catholicos: *Æternitas quatuor syllabis constat, sed in se fine caret*: Esta palavra eternidade encerra-se em quatro syllabas, e todos os livros do mundo (diz S. Hilario) nunca poderão explicar o seu fim. O Padre Christovão Clavio da Companhia de Jesus, Mathematico tão celebre, como o declarão os seus livros, quiz huma vez saber o numero de quantos granitos miudinhos de arêa erão necessarios para encher o vão de todo este mundo, até o Ceo Empyreo, e feito com diligencia exacta o computo, achou que com huma unidade, e sincoenta e huma cifras estava ajustada a conta. E que tem que fazer esta conta com a eternidade, quando se a cada milhão de seculos se tirasse hum só granito para diminuir huma daquellas cifras, que multidão de milhões de seculos era necessaria. Digo mais: Se Deos creasse huma folha de papel, tão extensa, e dilatada como são todos os Ceos, e nella

Drex. de etern.

Clav. Absch.

nella se puzesse huma unidade, e depois das sincoenta e huma cifras se fossem continuando as cifras até que fosse bem cheia a immensidade daquella folha, qual Enclides, que Mathematicos, que Computistas se atreverião a fazer a tal conta, que não tem conto, e não cabe, nem póde caber no entendimento humano, mas só no de Deos, por ser infinito, e então disseſſe: Ora eu me contento, que acabados todos estes granitos, que estão da terra até ao Ceo Empyreo, e cada hum encerra em si tantos milhões de seculos, quantos cabem, como temos dito, na folha immensa das cifras, me contento digo, que os condenados fiquem livres das penas eternas do Inferno. Oh que alegria, ó que festa, ó que consolação dos desgraçados prescitos! Não caberião em si de contentes, já o fogo lhes pareceria mais brando, as penas mais suaves, e o Inferno já para elles não seria considerado como Inferno, mas como hum castigo temporal, pela grande malicia dos seus peccados mui limitado. Mas como póde ser isto, se lhes ficão tantos milhões de milhões de annos, e seculos para cada granito, e os granitos incluidos em tantas cifras são tantos, que só Deos os póde numerar, e achar o computo de cifras, granitos, e seculos? Assim he. Mas tambem os condenados, se não sabem, nem podem perceber a miudo esta conta, a sabem por alto, porque conhecem, e percebem o axioma filosofico, que *finiti ad infinitum nulla datur proportio*, quer dizer, que não ha semelhança, nem proporção entre os tormentos eternos, e aquelles, que huma vez hão de ter fim, e comprehendendo já por experiencia a erernidade, sabem que tudo que não he eterno, e ha de acabar, he como nada: *Quod æternum est, nihil est.*

Axioma Phil.

Nier. de infern.

Esta comprehensão, que terão os condenados da

da eternidade do Inferno, he o ultimo constitutivo de todas as penas, e de todos os tormentos; he huma substancia resumida de todas as miserias, que padecem, e hão de padecer por toda a eternidade, que os Theologos chamão eternidade formal *formalis æternitas*. Que fará soffrer aos condenados a cada momento a eternidade toda inteira! Esta consideração he digna de toda a reflexão, e assim a explicarei mais claramente com huma semelhança. O Sapiente Boecio define a Bemaventurança do Paraiso: *Interminabilis vitæ tota simul, & perfecta possessio*: Huma posse perfeita de huma vida, que nunca terá termo, nem fim, toda inteira a cada instante, porque no conhecimento claro, verdadeiro, e seguro, que tem os Bemaventurados, que a sua Bemaventurança será eterna, se póde dizer que gozão a cada instante, o que gozarão na eternidade toda inteira pela segurança infallivel que tem della; porém o que a misericordia Divina faz no Paraiso com os predestinados, a justiça de Deos o faz tambem no Inferno com os prescitos; e assim podemos definir a condenação dos reprobos: *Malorum omnium tota simul, & perfecta possessio*: Huma inteira, e perfeita posse de todos os males, e miserias, que os prescitos soffrerão a cada momento, quanto deverão soffrer por toda a eternidade inteira. Isto supposto, quando huma alma entra no Inferno, a justiça de Deos para achar modo de atormentar mais, fortifica o seu espirito, e o seu entendimento, para que o conheça, e comprehenda a eternidade em toda a sua extensão, e lhe abre aquella vasta immensidade de supplicios, com lhe fazer huma funesta descripção de todos os tormentos, que por toda a eternidade ha de soffrer no Inferno, com huma tão forte impressão no entendimento, que sem nunca o poder

der divertir, ſoffre toda inteira a eternidade a cada momento da ſua duração.

Os Theologos ſe ſervem de huma ſemelhança para dar huma rude idéa deſte tormento dos tormentos, que ſe póde chamar o verdadeiro Inferno do Inferno. Tomai (dizem elles) huma bola de ferro, ou hum globo de bronze, que ſeja porém perfeitamente redondo, e deixai-o cahir de bem alto ſobre hum grande eſpelho de cryſtal: ſem dúvida que o quebrará, e o fará em mil pedaços, e pedacinhos. Como póde ſer iſto? Eſte globo quando cahio não tocou que em huma parte mínima, e quaſi como em hum ponto indiviſivel o eſpelho. He verdade, e aſſim he. Mas como todas as partes deſte eſpelho ſe unem juntas por huma união univerſal, ainda que o globo caia, e toque huma ſó parte do eſpelho, como em hum ponto indiviſivel, pelo grande pezo as deſune todas, deixando-as em migalhas, e migalhinhas. Do meſmo modo o condenado no Inferno em cada momento da eternidade não he tocado dos tormentos que ſoffre, que por aquelle momento; mas como todos eſtes momentos da eternidade eſtão unidos no ſeu entendimento, e como arraigados, e fixos na ſua imaginação, accreſcentão de modo o pezo, e fazem hum tal contrapezo, tão cruel, e doloroſo, que vem a ſentir, e ſoffrer todos os momentos juntos da eternidade toda inteira em cada inſtante.

Agora entendo aquelle texto difficultoſo do Profeta Ezequiel: *Rota in medio rotæ*, que já tocámos no Diſcurſo do ſitio immovel. Duas rodas, huma grande, a outra pequena, huma dentro, a outra fóra, huma no meio da outra. Todos ſabem que antigamente, até nos tempos dos Gentios, o circulo, e a roda ſempre forão, e ainda são o ſymbolo Ezech. 10.

da

da eternidade. A roda grande, e de fóra he a eternidade das penas; a roda pequena, e de dentro he o claro conhecimento que estas penas durarão para sempre. A roda no meio da outra roda he a duração dos supplicios eternos, que será tão fortemente pegada no entendimento, na imaginação, e fantazia do miseravel prescito, que nunca poderá imaginar-se, nem cuidar em outra cousa que nesta eternidade das penas. Estas duas rodas farão blasfemar, e cahir em mil desesperações os condenados, que incessantemente desejarão, e buscarão a morte,
Apocal. 9. sem nunca a poder achar: *Quærent mortem, & non invenient.* Estando os prescitos neste mundo, aborrecião a morte, como inimiga dos seus gostos, e agora a pedem como unico remedio das suas penas. Quando elles a fugião, ella os perseguia, e os achou com o peccado, que era o idolo, que nunca quizerão deixar. Agora que a desejão, e buscão por todas as vias, não a podem achar, porque ella foge delles: *Desiderabunt mori, & mors fugiet ab eis.* Oh eternidade do Inferno! Esta he a casa, que tem pre-
Ibid. parado para si, quem vive em peccado mortal: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.* Como he possivel que o peccador, por habituado que seja, lendo, e considerando esta eternidade, não queira logo mudar de vida, e trocar a sua casa da eternidade do Inferno com a eternidade do Paraiso? *Ibit homo in domum æternitatis suæ.*

Bellissima he a reflexão, que faz Santo Agostinho
Luc. 6. sobre aquellas palavras do Euangelho: *Eâdem mensurâ, qua mensi fueritis, remetietur vobis.* Que com a mesma medida, que nós medirmos a gloria de Deos, e a sua Divina bondade, elle medirá os merecimen-
Aug. de Civit. Dei. tos, e as nossas culpas: *In eadem mensura, quamvis non æterna mala feceris, æterna supplicia remetietur.*

Cou-

Couſa prodigioſa! Quando Deos ordena huma eternidade de penas por hum peccado mortal, que durou hum ſó momento, mede com a meſma medida, que foi medido? Como póde ſer? O peccador medío a Deos por hum inſtante de goſto, e Deos mede ao peccador por huma eternidade de penas. E eſta he medida igual, e juſta? Sim, ſim he juſtiſſima, porque a vontade no peccador naquelle inſtante, que pecca, he como eterna: *Ut quia æternam voluntatem habet in peccatis perſeverare, æterna juſtitia hanc voluntatem punitura eſt.* Tinha huma vontade eterna para o peccado, procurava que aquelle goſto lhe duraſſe mais tempo, deſejava, como diz Santo Euſebio, viver eternamente para ſempre peccar: *Vellet ſine fine vivere, ut poſſet ſine fine peccare.* Muito mais, que morrendo o peccador em peccado, lhe fica aquella diſpoſição habitual, e permanente, de ficar ſempre em peccado ſe viveſſe eternamente: *Qui impœnitens fuerit, ſi ſemper viveret, ſemper peccaret*; e preſentando-ſe depois de morto no juizo de Deos, com eſta vontade tacita, e interpretativa de continuar na culpa, pois não a tem expiado, toca (diz S. Gregorio Magno) á juſtiça de Deos caſtigar com pena eterna, quem queria viver eternamente na culpa: *Ad magnam ergo judicantis juſtitiam pertinet, ut nunquam illic careant ſupplicio, qui hìc dum viverent, nunquam voluerunt carere peccato.* Eternidade por eternidade. Eternidade no deſejo dos peccadores de ſempre peccar, eternidade no Inferno de ſempre padecer.

S. Euſeb.

Greg. Dial. 4.

Ibid.

Parece-me que poderá dizer alguem: Eſta doutrina tão bem fundada na Theologia, e confirmada pelos Santos Padres não falla comigo, que nunca tive tenção de morrer em peccado, menos de perſeverar nelle. Pecco como homem fragil, mas como

Ca-

Catholico, na mesma resolução de peccar tenho no sentido de me confessar logo, e pôr-me bem com Deos. Oh cegueira, ó engano dos enganos! E quem vos assegura que não morrais no mesmo acto de peccar, como morrêrão tantos outros, que peccárão menos vezes, que vós? Por ventura lhes fez Deos alguma injustiça? O Inferno, diz S. Bernardo, está cheio de bons propositos, que nunca tiverão execução. Se perguntarmos a todos os reprobos, porque estão no Inferno, todos dirão como sempre tiverão tenção de se salvarem, mas que por hum máo successo, por huma morte improvisa lhes faltou o tempo; mas como lhes faltou, se lhes sobejou tempo para peccar, e perseverar até á morte? Não sabião elles o que diz nosso Senhor Jesus Christo, que a morte ha de vir ás escondidas como o ladrão:
Luc. 14. *Veniet tamquam fur*, e na hora que menos nós cuidarmos: *Qua hora non putatis*? E por isto não diz, que nos preparemos, mas que estejamos preparados:
Luc. 12. *Et vos estote parati.* Sim sabião. Pois porque não se preparárão, porque vivião enganados, como vivem ainda hoje os peccadores, não se resolvem, differem a outro tempo o fazer penitencia, porque em lugar de se occupar na consideração da eternidade das penas, tem sempre no sentido o momentaneo dos gostos. Eternidade, eternidade! *Ibit homo in domum æternitatis suæ.*

Quero dar fim ao ultimo Discurso deste meu livro com hum documento de nosso Senhor Jesus Christo, que servirá tambem do ultimo desengano. Chama S. Mattheus ao peccado hum caminho espaçoso, e huma porta larga, que conduz em direitura á
Matth. 7. eternidade do Inferno: *Lata porta, & spatiosa via est, quæ ducit ad perditionem*; ou chama estrada, porque por ella caminha o peccador; ou chama espaço-

sa,

ſa, porque ha huma infinidade de peſſoas, que andão por ella, ou chama tambem, porque qualquer que ſeja, que eſtá na porta, tem hum pé dentro, e o outro fóra da caſa, e para entrar de todo dentro, não tem que fazer mais de hum meio paſſo. Do meſmo modo, quem eſtá em peccado mortal, tem hum pé no mundo, e o outro no Inferno, e baſta fazer meio paſſo para entrar na ſua caſa da eternidade Diz Santo Anſelmo, que entre o peccador, e hum condenado, entre o peccado, e o Inferno, não ha. mais intervallo que de hum momento, não ha mais diſtancia que de hum ponto. De todas as couſas, que ha no mundo, nenhuma ha mais contigua que o peccador, e o Inferno; pois qualquer couſa, por pequena, e contigua que ſeja a outra, ſempre ha de ter a diſtancia de hum ponto. Aſſim o diſſe o Santo Job, fallando dos peccadores, que vivendo deſcuidados nas delicias do mundo, no eſpaço de hum ponto ſe achão no Inferno: *Ducunt in bonis dies ſuos, & in puncto ad Inferna deſcendunt.* Job 21. Mas nem de hum ponto he diſtante o peccador do Inferno. Pois ſó ſe ſepara com a morte, e como a morte não he hum ente, ou ſer real, mas huma ſimples privação, ſegue-ſe que ha menos diſtancia entre o peccador, e o Inferno, que de hum ponto. Nem ſe engane alguem com lhe parecer eſte fallar alguma ſubtileza de engenho. O peccador, a morte, e o Inferno, são entre ſi tão vizinhos, e contiguos, que não ha momento, inſtante, ou ponto, que ſeja mais breve, e indiviſivel. A prova não ſó he de Fé, mas a vemos todos os dias. Não ha momento, em que o peccador não poſſa morrer improviſamente, logo he certa a conſequencia que não ha momento em que não poſſa achar-ſe no Inferno, que he a caſa da ſua eternidade, que com os ſeus peccados ſe tem fabricado: *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.*

Finalmente para consolação dos que lerem este livro me atrevo a affirmar, que qualquer homem por grande peccador que seja, se cada dia considerar com reflexão a eternidade, he quasi moralmente impossivel, que não se salve, e que vá ao Inferno. Pois a eternidade bem concebida, produz no coração do peccador hum arrependimento das culpas, que com o desejo de fazer penitencia, lhe serve como de freio para não peccar mais, e como diz S. Gregorio, lhe faz aborrecer os gostos passageiros, e o rende forte, e constante para não temer, nem desejar cousa alguma do mundo: *Quisquis, in æternitatis desiderio figitur, nec prosperitate attollitur, nec adversitate quassatur, & dum nihil habet in mundo, quod appetat, nihil est, quod pertimescat.* Esta he a doutrina, que prégava Santo Agostinho aos seus Freguezes: *Intelligite fratres, non ideò Christiani sumus, ut de hac tantummodo vita solliciti simus*: Meus irmãos, estejamos bem attentos: Não nos creou Deos, para tratarmos só dos bens temporaes desta vida: *Sed ideò Christiani sumus, ut semper de futuro sæculo, & de æternitate cogitemus*: Mas quiz com a sua graça fazer-nos Christãos, porque em cada dia, em cada hora, e em todo o lugar, tivessemos sempre o pensamento na eternidade. Assim fazião os Christãos da primitiva Igreja. Não tinhão, nem lião outro livro de romances, ou comedias, senão os Euangelhos, e as Epistolas de S. Paulo, que sempre levavão comsigo: *Non contemplantibus nobis quæ videntur, sed quæ non videntur; quæ enim videntur, temporalia sunt, quæ non videntur, æterna.* Não perdião o tempo em considerar as riquezas, as honras, e as mais vaidades, que se vem no mundo, porque estas são enganosas, passageiras, e não durão, e logo acabão, mas occupavão o seu entendimento, e memoria na consideração da eterni-

Greg. l. 20. Moral.

Aug. Serm. 11. de tempor.

da-

dade das penas do Inferno, que nunca ha de ter fim. E este he o verdadeiro desengano dos peccadores, pois de prescitos os faz predestinados.

S. Cyrillo Alexandrino chamava aos Catholicos da primitiva Igreja *Tyrones æternitatis*, os Noviços da eternidade. E Tertulliano, diz que erão pertendentes da eternidade: *Æternitatis candidati.* Os Noviços procurão de aprender, e adestrar-se no que lhes ensinão, para depois ficarem membros da Religião, e os pertendentes trabalhão, se esmerão, e não cuidão em outra cousa que chegar ao posto, que desejão: *Cultores sumus Dei semper induti substantia æternitatis*: Adoramos o verdadeiro Deos, sempre vestidos com a substancia da eternidade. Hum soldado na guerra logo pelo seu vestido se conhece a que Regimento pertence. Hum criado, que traz libré pública, logo por ella se sabe quem he seu amo: assim quem se veste internamente da substancia da eternidade, logo apparece por fóra a sua libré, que he a modestia, a humildade, a paciencia, o desapego do mundo, o aborrecimento ao peccado, e que he soldado de nosso Senhor Jesus Christo, e seu fiel servo, pois o imita, e traz a sua verdadeira libré. Por isto quando os Christãos se encontravão (era isto nos tempos dos Neros, e Dioclecianos) perguntando-lhes como estavão, respondião: *Sto ad ostium æternitatis*: Estou nas portas da eternidade com hum pé dentro, e o outro fóra. Oh se agora me viesse o aviso (dizião elles) de ir ao martyrio, como foi a tantos outros! por crueis que fossem os tormentos, passarião logo, com a esperança em Deos, que com estes me fabricava a minha casa da eternidade no Paraiso: *Ibit homo in domum æternitatis suæ.* Se o peccador considerasse cada dia que está nas portas da eternidade, e que a cada momento póde entrar

Tert. l. de spect.

Tert. ibi.

nella, como he possivel que quizesse offender a Deos, e condenar-se: *Oh æternitas! qui te cogitat, nec pœnitet, aut certè fidem non habet, aut si habet, cor non habet*: Oh eternidade, eternidade! gritava Santo Agostinho, considerando-a. Aquelle que cuida em ti, e não se converte, ou tem perdido de todo a Fé; ou se ainda a tem, certamente já não tem coração. Mas quando hum peccador não tivesse coração para cuidar na eternidade, nem por isso se desespere, mas recorra á Virgem Mãi de Deos, que com huma nova invocação se chama nossa Senhora dos Impossiveis, porque como diz S. Lucas no Euangelho: *Quæ sunt impossibilia apud homines, possibilia sunt apud Deum*, e accrescenta S. Bernardo: *Et apud Beatam Virginem Matrem ejus.* Logo a ella como a Mãi de Deos nada he impossivel para a salvação dos homens, muito mais que ella he com o seu Bemdito Filho Corredemptora do genero humano. E como Mãi dos peccadores que não poderá? E como Mãi de misericordia que não fará para os seus devotos? Recorra logo a ella qualquer peccador, por desamparado que seja, e humilde implore a sua protecção, pedindo-lhe, que lhe arranque do coração o affecto ás vaidades, e gostos, que logo passão, e lhe ponha no pensamento a eternidade das penas do Inferno, que sempre durão, e deste modo poderá experimentar em breve tempo o que agora lhe parece impossivel, que he de preseito passar a ser predestinado. Guardai-vos bem de perder, ou esfriar na devoção da Senhora, porque como diz Santo Anselmo, assim como he impossivel que hum peccador, que não he verdadeiro devoto da Virgem nossa Senhora, se salve; assim tambem he impossivel, que todos aquelles que vivem debaixo da sua protecção, e volve sobre elles os seus olhos de misericordia, se condenem ao Infer-

Aug. in Soliloq.

Luc. 18.

ferno : *Sicut impoſſibile eſt , quòd illi , à quibus Virgo Maria oculos ſuæ miſericordiæ avertit , ſalventur ; ita impoſſibile eſt , ut hi , ad quos converterit oculos ſuos , in Inferno damnentur.* O' Virgem immaculada, e admiravel Mãi de Deos! Se agora me fora licito narrar quantas vezes, e de quantos perigos do corpo, e da alma me tendes livrado, e ainda do meſmo Inferno, não baſtarião muitos livros maiores que eſte volume. Atrevo-me a dizer que eſte livro he voſſo, pois como podia hum peccador tão enganado cõmo eu compor o deſengano dos peccadores. Quantas vezes achando-me eu com o entendimento confuſo, e obtenebrado em diſcurſos , e materias difficultoſas, e de fé, chamava pelo voſſo Sacratiſſimo nome Maria, que ſignifica illuminadora: *Maria illuminatrix , illumina mentem meam?* Allumiai tambem, Senhora, a todos aquelles, que lerem eſte livro, a fim de que deſenganados das vaidades, e delicias do mundo, fabriquem neſta vida a ſua morada eterna no Paraiſo, para vermos , e gozarmos para ſempre da viſta de Deos, e da voſſa por toda a eternidade. Amen. *Ibit homo in domum æternitatis ſuæ.*

D.Anſelmo de Laud. Virg.

Etymol. Mor.

ADDIÇÃO.

Pareceo-me juſto accreſcentar a eſte Deſengano o ſeguinte caſo , aſſás efficaciſſimo pela horribilidade do ſucceſſo , a advertir o mais deſcuidado peccador , que aſſim como Deos he o Senhor das vinganças , aſſim muitas vezes permitte que o caſtigo ſeja evidente ainda neſta vida , para exemplo da ingratidão , e abominação dos vicios. E não ha maior , nem mais efficaz remora de tudo iſto que o exemplo propoſto. Lede , e aproveitai-vos , prin-

cipalmente aquelles, que occupão o tempo, ou mais de preſſa o perdem, quando cuidão de ganhar com a cega tafuleria do jogo; porque vejão quão perto eſtão de cahirem em tão execrandos abſurdos, de que Deos, e ſua Santiſſima Mãi os livrem: e fiquem deſenganados de que o jogo, e os mais vicios não produzem outro fruto que o de perder bens, e o theſouro mais precioſo, que he a alma.

A Altiſſima Providencia de Deos, cujos ſecretos ſão impoſſiveis inveſtigar-ſe com profundiſſimos, e inexcrutaveis juizos todos dirigidos á ſua maior gloria, permitte que ſejão offendidas, maltratadas, e deſprezadas as imagens dos ſeus Santos. Porém a meſma Divina Providencia nas ſuas diſpoſições infinitamente perfeita, nunca deixou em eſquecimento os nomes de algum Santo, por quanto não obſtante as tyrannicas perſecuções a immortalidade da Gloria a Igreja lhe augmenta. Deſta ſorte ſuccedeo no anno de 750. a ſua Santiſſima Mãi, huma milagroſiſſima Imagem, que ao preſente ſe venera na Igreja dos Padres Auguſtinianos na Cidade, e Republica de Lucca, contra quem ſe atreveo impiamente hum ſoldado a ultrajalla, o que com maior gloria da meſma Senhora tem redundado ao Ceo pelos povos maior obſequio.

Em huma caſa contigua ás antigas muralhas de Lucca, corpo da guarda dos ſoldados, que guardavão huma vizinha porta, chamada de S. Frediano, ſe achárão dous entre os mais, arrebatados no jogo, quanto de fortuna diverſos, outro tanto ſemelhantes nos coſtumes; porque hum teve as pedras na mão contra a Virgem, o outro contra o companheiro huma mais que pertinaz cubiça. O mais perfido dos jogadores, de quem falta o nome á Hiſtoria,

ria, depois de ter perdido quanto tinha, por ultimo tirou do corpo os veſtidos, até a meſma camiſa, aſſim nú, e ſómente de vergonhoſo atrevimento cuberto renovou com o adverſario o jogo. Porém zombando delle a malignidade da ſorte, fazendo pouco caſo do grande reſto, que na alma lhe ficava, poz tambem eſta ſobre a meza, indignando-ſe contra o Redemptor, que diante dos olhos tinha em os braços de ſua Santiſſima Mãi, pintada na parede debaixo de huma abobeda da meſma caſa. E mudado de repente o divertimento do jogo em hum eſpectaculo de horror, começou (como he coſtume dos deſeſperados jogadores) a injuriar com execrandas blasfemias o Salvador, culpando-o como Author da ſua perda. E ainda pouco contente pegou em huma grande pedra, atrevendo-ſe com ſacrilega temeridade a atirar ao Menino Não quiz a Virgem Mãi que a pedra offendeſſe o innocente ſeu Filho, donde logo da mão direita, em que o tinha, o traſpaſſou á eſquerda. Recebeo a Virgem Mãi neſte hombro o golpe da pedra com tanta força deſcarregado, que amollando a pintura, logo da ferida ſahírão pingas de ſangue, que corrêrão até á extremidade da Imagem. Offendida de tão grande delicto, a terra ſe abrio ao infeliz ſoldado; mas não ficou de todo logo ſubmergido, e detido naquella horrenda cova por algum tempo meio engollido, para effeito de que tiraſſe fruto de tantos, que com as lagrimas nos olhos o exhortavão a que ſe arrependeſſe de tão execrando ſacrilegio, ou para que foſſe perpetua teſtemunha de hum tão grande milagre ao povo, que á fama daquella maravilha concorreo, ou para moſtrar-ſe a miſericordia da Virgem, que tanto fez para o reſtituir á graça, e á bondade de Deos, em lhe eſperar a penitencia. Não

sabendo porém aproveitar-se de huma faisca do Divino Amor em tão grande vizinhança do fogo eterno, (infeliz exemplo de desesperação) foi vivo sepultado no Inferno, cuja bocca por tantos seculos nunca mais se fechou, e com horrivel voz ainda hoje se ouvem os horrores de perpetua damnação do impio. Por hum Sacerdote foi recolhido o milagroso sangue, e posto em huma redoma de crystal, a qual se conserva em reliquiario de prata dourada sobre o Altar da mesma Virgem. Algumas pingas de sangue ainda se vem no lugar da ferida, e em outras partes da Imagem, tão formosas, e vivas, como se fossem sahidas de fresco. Deste prodigioso sangue se faz menção nos antigos inventarios das reliquias da dita Igreja debaixo do titulo de S. Salvador in Muro, no anno de 1402, e 1417. E se numera entre as mais reliquias na visita da mesma Igreja, feita o dia 18. de Março de 1509. sendo Bispo de Lucca *Xysto Gara da Rovere* Cardeal, e sobrinho de Julio XI. com as seguintes declarações.

Item ampullam sanguinis effusi de percussione lapidis ex pictura Beatæ Virginis S. Salvatoris in Muro.

E na visita de Monsenhor *João Baptista Castelli* Bispo de Rimini, e Visitador Apostolico da Cidade, e Diecese de Lucca o dia 25. de Julho de 1575.

Visitavit Altare Capellaniæ B. Virginis à miraculis, quorum initium fuit, quòd unus projecit lapidem in imaginem B. Mariæ ibidem pictam, ex qua exivit sanguis, qui servatur in Sacristia dictæ Ecclesiæ, & statim aperta est terra, & deglutivit eum, & videtur locus apertus cum clathro ferreo desuper, & hoc excedit memoriam hominum.

Este estupendo milagre se lê brevemente recopilado na inscripção, que está aos pés da Imagem da

da Virgem impreſſa em Roma, e diſtribuida em a occaſião da coroação da Senhora, e he a ſeguinte.

Hanc Deiparæ imaginem in Eccleſia D. Auguſtini Lucæ cultam, à prædicto aleatore olim ſaxo percuſſam, mira effuſione ſanguinis inſignem: Filio à dextera in lævam translato mirabilem: impio, dehiſcente terra, in Inferno ſepulto terribilem: Illuſtriſſimi, ac Reverendiſſimi Sacroſanctæ Vaticanæ Baſilicæ Canonici triplex prodigium venerati, aurea corona redimire curarunt anno ſalutis M.DC.LXXXX.

Faz menção deſta offerta *Hippolyto Maracci no tomo Principes Mariani* cap. 1. §. 16. e do ſolemne offerecimento das duas Coroas de ouro feitas pelo meſmo Cabido de S. Pedro á Virgem do Seixo de Lucca, e outros muitos Authores, que deſte caſo eſcrevêrão, de que relato alguns, como são *Ceſare Franciotti* das milagroſas Imagens de Lucca, *Joannes Bonifacius Bagatta admiranda orbis Chriſtiani tom. 1. lib. 2. cap. 5. num. 12. & tom. 2. lib. 5. cap. 11. num. 9. ex Petra Sancta de Miraculis perpet. num. 3. cap. 23. pag. 236. Gulielmo Gumpemberg Atlas Marian. Cent. 2. Imag. 278. Daniele de Nobili Memorias M. S. da Igreja de Santo Agoſtinho. Aloyſius Juglaris Elog. p. 2. Franciſcus Maria Florentini in Elog. ad Sacel. B. V. à Saxo. Luiz Torrelli ſeculos Auguſtinianos tom. 5. anno de Chriſto 1324. Donato Donati Noticias de noſſa Senhora do Sexo. Antonio Maſini Eſcola do Chriſtão cap. 14. O Illuſtriſſimo João Baptiſta da Dieci Biſpo de Brunhato noſſa Senhora do Sexo. Ambroſio Landucci Orig. do Templo dedicado a noſſa Senhora em Roma Jornada quarta.*

Federico IV. Rei de Dinamarca (ſendo Principe) indo por ſeu divertimento ver as principaes partes, e Cidades de Italia, e paſſando pela dita Cidade, e Republica de Lucca, por lhe parecer muito

de

de seu agrado se dilatou nella bastante tempo, os dominantes da dita Republica o hospedárão com aquella grandeza que a tal Principe se devia; e fazendo-lhe ver as cousas mais principaes da Cidade, a de maior admiração foi a Capella de nossa Senhora do Seixo, e a voragem referida; e dando pouca fé ao que della lhe dizião, lhe fizerão ver a verdade com fazer descer abaixo hum cão atado a numerosas braças de corda, e tirando-o assima veio morto, e todo chamuscado, espalhando hum pessimo fedor: á vista de tal prodigio se teria feito Catholico Romano, se o Predicante, que o acompanhava, não lho impedisse.

Em outra occasião, hum Padre Carmelitano estrangeiro, passando pela dita Cidade, não dando elle tambem muita fé ao referido succesſo da dita voragem, o Prior do Convento de Santo Agostinho o convidou para lhe fazer ver a verdade: tomou mais de trezentas braças de corda, e fez á sua vista descer abaixo hum cão de agua muito cabeludo, se tirou assima a corda em muita parte chamuscada, e o cão morto, e queimado.

E aqui não sem particular reflexão se observa que a Beata Virgem appareceo na milagrosa pintura, como se disse assima, em o anno de 750. quando o culto das Sagradas Imagens era impiamente impugnado pelo Emperador Leão Isaurico, tendo no anno de 726. com rigoroso Decreto ordenado, que de todas as partes se tirassem as Imagens dos Santos, e particularmente da Mãi de Deos, fazendo-as queimar no meio da Cidade, movendo huma crueliſſima guerra aos seus defensores, a qual perseguição continuárão os filhos até o anno de 786. e depois de breve tregoa Leão V. chamado o Armenio, perseguidor tambem do nome Christão, a renovou no

an-

anno de 812. de que offendida a Rainha do Ceo, por atteſtação de João Rhó da Companhia de Jeſus no Exemplo 59. ſe queixou com a mãi do meſmo Emperador em huma horrivel viſão ; e porque reprehendido ſe não emendou , depois de ter queimado em Conſtantinopla os ſagrados retratos , não ſó vio o caſtigo nos ſubditos , que em numero de trinta mil miſeravelmente morrêrão de peſte , mas tambem elle morto pelos ſeus perdeo com a vida o Imperio. *Paulo Diac. de Geſtis Roman. lib.* 18. *prope finem.*

O IN-

O INFERNO ABERTO,

PARA QUE O ACHE FECHADO o Chriſtão, diſpoſto em varias conſiderações das ſuas penas, e diſtribuidas pelos ſete dias da ſemana,

SEU AUTHOR O M. R. PADRE

PAULO SENHERI,

Da Companhia de Jeſus,

Traduzido em Portuguez pelo Padre

FR. AGOSTINHO DE SANTA MARIA,

Ex-Vigario Geral dos Agoſtinhos Deſcalços, natural de Eſtremoz.

Deſcendant in Infernum viventes. Pſ. 54. *Ne deſcendant morientes.* S. Bernard. ad Fratres de Monte Dei.

INTRODUCÇÃO.

A Inconſideração, e a ignorancia tem as feições tão parecidas, que de ordinario ſe toma huma pela outra: *Inconſideratio, & ignorantia æquiparantur*, dizem os Juriſconſultos. A Sagrada Eſcritura attribue ao não ſaber

ſaber os meſmos effeitos, que ao não conſiderar: *Quia nullus intelligit, in æternum peribunt*, diz Job: Porque ninguem ſabe, eternamente perecerão: *Deſolatione deſolata eſt omnis terra, quia nullus eſt, qui recogitet corde*, diz Jeremias: Toda a terra ſe aſſolará, e perderá, porque ninguem conſidera. Por iſſo não he de maravilhar, que ſabendo o peccador por fé, que ha de ir ao Inferno, ſe pecca, peque como ſe o não ſoubera: he que não pára a conſiderallo, e o não conſiderar he como não ſaber. O Senhor Biſpo Salviano ſe paſmava, e não podia achar razão, de que os Chriſtãos, crendo o que crem, obrem o que obrão. E aſſim perguntava: *Quid cauſæ eſt, ut quiſpiam Chriſtianus, qui futura credit, futura non timeat? Si credit, quæ dixit Deus, non timeat, quæ minatur Deus.* Lib. 5. de Eccl. Cathol. Qual ſerá a cauſa, de que os Chriſtãos creão que ha huma eternidade de caſtigo prevenida para os máos, e deſcancem ſocegadamente na maldade? Que tenhão por certo o que Deos diſſe, e não temão o que Deos ameaça? Santo Ambroſio dá a razão: *Nil timent, quia nil vident*: Nada temem, porque nada vem. Os peccadores não temem, ainda que creão, porque tem os olhos cerrados para huma attenta conſideração das couſas futuras, e abertos ſó para attender ás couſas preſentes, como os aſpides, que tem os olhos nas fontes, e aſſim vem o que ha aos lados, mas não o que vem adiante, e que mais lhes importa: *Nil timent, quia nil vident*: Nada temem os homens, porque nada vem, e nada conſiderão. E como ſeria poſſivel, que ſe ſe víra o Inferno no mundo, houvera no mundo peccado? Hum grande incendio conſome huma grande peſte. Por iſſo o Eſpirito Santo diz, que tenhamos preſente o fogo do Inferno, e ſe acabará a peſte dos peccados: *Memo-*

mor are noviſſima tua, & in æternum non peccabis. Eccleſ. 7.

Do que havemos dito ſe ſegue, e infere, que o melhor modo para cerrar o abyſmo das penas aos mortos he o abrillo aos vivos. Deſejava Santa Catharina de Sena com exceſſivo zelo poder pôr-ſe na bocca do Inferno, e fechallo á ſua cuſta, para que não entraſſe por ella nenhuma das almas remidas por ſeu doce Eſpoſo. Eu, que não tenho tal fervor, me contentarei com compôr eſte pequenino livrinho, pedindo de todo o coração ao Senhor, queira dar-lhe tanta efficacia, que poſſa cerrar para algum aquelle immenſo boqueirão, já mais ſatisfeito de devorar, e de tragar almas, como diz Iſaias: Iſaias 5. *Infernus dilatavit animam ſuam, & aperuit os ſuum abſque termino.* E porque aquelle hum, que eu deſejo livrar entre todos, o ſejas tu, ó Leitor, em nome da tua alma te apreſento eſtas poucas folhas, rogando-te empregues hum pouco de tempo cada manhã em as ler, e examinar a verdade, que contém para teu proveito. Dividi o que ſe contém neſte livrinho em tantas conſiderações, quantos são os dias da ſemana, e cada huma em trez pontos, a fim de que a diſtinção no eſcrito alivie o canſaço, e a ordem augmente a clareza.

Não vejo que haja quem poſſa cuidar, que neſta obra tenha lugar a exaggeração; mas ſe algum o duvidar, quero dizer-lhe que as penas da outra vida são ſobrenaturaes, e por eſta razão incomprehenſiveis, e incapazes da noſſa capacidade, e lingua; e que aſſim como não houve olhos, que já mais viſſem, nem ouvidos, que já mais ouviſſem, nem coração, que já mais concebeſſe couſa ſemelhante áquella Gloria, que Deos tem apparelhado para quem o ſerve; da meſma ſorte não ha olhos, nem enten-

di-

dimento, que poſſa figurar dignamente o caſtigo, que Deos tem apparelhado ao que o deſpreza, devendo manifeſtar-ſe tão grande, e Divina a ſua Juſtiça na pena, como apparece grande, e Divina no premio: *Altitudinem Cœli, & profundum abyſſi quis dimenſus eſt?* Eccl. 2. A altura do Ceo, e o profundo do Inferno, quem o pode medir? (diz o Eccleſiaſtico.) Os bens, e males da outra vida excedem as medidas deſta: por muito que digais de ſua duração, e intenção, direi ſempre infinitamente menos do que he, emſentir de Santo Agoſtinho. *Quidquid vis, dicas de æternitate; quia quidquid dicas, minus dicis.* Pſalm. 60

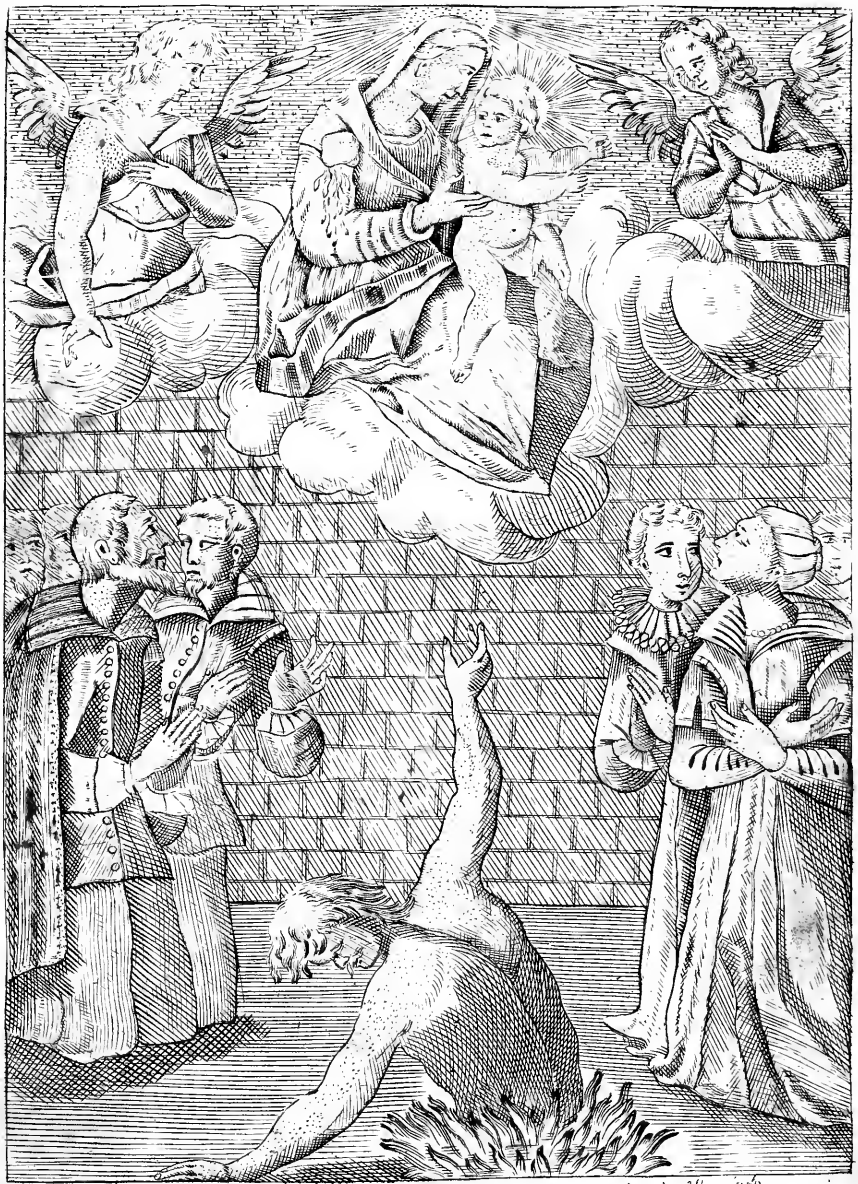
Eia pois, em vez de dar lugar á neſcia perſuaſão, de que neſta materia póde ſer mais o repreſentado que o verdadeiro, esforçai-vos a conceber hum temor, que poſſais aſſegurar o não cahir no Inferno, como diz S. Bernardino: *Quid patet, cavet; qui negligit, incidit.* E para que poſſa poſſuillo o voſſo coração, procurai, antes de ler eſtes pontos, primeiramente, encommendar-vos com alguma boa oração ao Eſpirito Santo, á Santiſſima Virgem, e ao Anjo da voſſa guarda: depois procurai interiormente na conſideração do dia, ponderando parte por parte cada couſa, e não ficando na ſuperficie; porque onde não ſe profunda, não ſe tira agua. E ſe entre dia o demonio com alguma ſuggeſtão, ou algum companheiro peior que o demonio, com algum malvado convite, ou exemplo vos incitaſſe ao mal, ponde por defenſa a conſideração meditada pela manhã, trazendo o que nella ſe contém á memoria. Aquelle grande acordo, que dizia Agoſtinho *Magna cogi atio*, de conſiderar nas penas do Inferno, que ha dado á Igreja tantos Martyres, tantos Monges, e tantas Virgens, não ſerá baſtante a dar-vos a vós for-

força, para deſprezar hum momento de deleite? Eu eſpero que ſe outros remedios não tem ſido baſtantes para vencer as tentações, o ſerá eſte; porque ſe eſte o não he, não ſei que ſeja outro mais efficaz: *Quod non ſanat medicamentum, ſanat ferrum; quod non ſanat ferrum, ſanat ignis; quod non ſanat ignis, eſt inſanabile*: O que não cura o medicamento, cura o ferro; o que o ferro não cura, remedea o fogo; o que o fogo não remedea, he inſanavel, diz o Aforiſmo dos Medicos. O que não cura o fogo do Inferno, não tem cura, diz a doutrina dos Santos.

Finalmente, porque a oração he o meio mais ſeguro, para que as almas alcancem de Deos o que mais lhes convem, para alcançar a graça mais importante de evitar a eterna condemnação, ſe aſſina em cada conſideração huma deprecação, a qual ſerve para dar cumprimento ao que nos mandou o noſſo amantiſſimo Jeſus: *Vigilate omni tempore orantes, ut digni habeamini fugere iſta omnia, & ſtare ante Filium hominis*: Eſtai ſempre em vigia, orando, para ſerdes dignos de fugir tanto mal, como he viver eternamente no Inferno, e de gozar tanto bem, quanto he o eſtar ſempre no Paraiſo.

Luc. 21.

CON-



CONSIDERAÇÃO I.

PARA O DOMINGO.

O carcere do Inferno.

PONTO PRIMEIRO.

A sua estreiteza.

CONsiderai que a primeira injuria, que faz a alma a Deos, he abusar da liberdade, que lhe tem concedido, quebrantando na presença do mesmo Senhor os Mandamentos, que lhe impoz, e protestando elle não servir ao seu Creador: *Dixisti: Non serviam.* Por isso para castigar tão detestavel temeridade fabricou o mesmo Senhor hum carcere debaixo da terra, no Inferno, lugar do mundo, onde convinha fosse posto quem ha de viver summamente apartado do Ceo, em cuja estancia não tivesse o homem liberdade, nem para dar hum passo; porque no meio de que o lugar he bastantemente capaz, todavia os condemnados não terão nem ainda aquelle alivio, de que goza hum pobre encarcerado dentro do seu calabouço, ou hum miseravel enfermo dentro do seu leito: *Congregabuntur in congregatione unius fascis in lacum, & claudentur ibi in carcere*, disse Isaias: Estarão apertados, como em hum feixe, amontoados huns sobre outros, como victimas infelices; e isto será pela multidão dos condemnados, a quem será estreita aquella grande caverna, e muito mais, porque o fogo servirá de cepo, e cadea para os ter mais opprimidos: *Pluent super peccatores laqueos, ignis, & sulphur pars calicis* Jer. 21

eorum: Choverão ſobre os peccadores cadeas, ſendo o fogo, e o enxofre parte da ſua pena.

Além diſto não concorrerá Deos com aquelles miſeraveis a algum movimento, que ſeja de alivio, porque não terá mais conta delles, como dos que já mais hão ſido, como diz Job: *Obliviſcatur ejus miſericordia.* Por eſta razão não ſó eſtarão os condemnados apertados, como as vides em hum feixe, ſenão que ainda eſtarão como immoveis. Santo Anſelmo no livro, que eſcreveo de ſimiles, diſſe, que aſſim como hum bemaventurado ſerá tão forte, que poderá mover toda a terra, aſſim hum reprobo ſerá tão debil, que não poderá apartar hum guzano de hum de ſeus olhos, eſtando-lhos roendo. Terá aquelle carcere as ſuas paredes de quatro mil milhas de groſſo, que iſto he o que ha deſde a ſuperficie da terra ao Inferno; mas ainda que foſſe o muro tão ſubtil, como huma folha de papel, não a poderião romper, nem fugir os condemnados, por terem as mãos atadas, e os pés: *Ligatis manibus, & pedibus, mittite eum in tenebras exteriores.* Oh! E que ſerá de hum peccador enſinado ſempre a mandar, enſinado a viver ao ſeu deſejo, bem que a deſprezo de ſeu Senhor, quando ſe vir mettido em hum poço tão profundo, debaixo dos pés de todas as creaturas, e debaixo dos pés dos meſmos demonios, ſem poder já mais recobrar aquella liberdade, que elle tanto amou? Oh liberdade dereſtavel, que acabas em huma eſcravidão, que não terá fim! Quanto melhor houvera ſido ſujeitar-te por hum breve tempo ao doce jugo dos Divinos preceitos, que viver agora para ſempre debaixo do pezado jugo de hum carcere tão eſtreito.

Job 24.v.20

PON-

PONTO SEGUNDO.

Suas trévas.

CONsidera que este carcere será não sómente em summo gráo estreito, mas que será em extremo tenebroso. He verdade que haverá naquelle lugar fogo, mas será hum fogo nú de toda a luz, de maneira, que os olhos padecerão, vendo terribilissimas apparencias, e estarão ao mesmo tempo privados ainda daquella consolação, que deixão os relampagos no meio da tempestade mais horrorosa. *Vox Domini intercidentis flammam ignis*: A voz do Senhor, diz David, divide no fogo a luz do ardor. E isso se verá executado no Inferno em sentir de Santo Thomaz: *Erit ardor sine claritate.* Assim haverá ardor sem claridade com hum milagre bem contrario ao que obrou Deos no forno de Babylonia, porque alli o seu Divino poder tirou ao fogo o ardor, e lhe deixou a luz; e no Inferno lhe tirará a luz, e lhe deixará o ardor. Além disto, como a materia, que dará fomento a este fogo, será enxofre, a luz, que dará, será pálida, e triste, e esta misturada com fumo daquelle voraz incendio, revolvendo-se, e confundindo-se todo, escurecendo o ar, formará huma tormenta de trévas perpetua, conforme o que está escrito: *Hi sunt, quibus procella tenebrarum servata est in æternum*: Estes são aquelles, para quem destinou Deos huma tempestade eterna de trévas. Finalmente a mesma multidão de corpos amontoados bastará a fazer huma noite horrenda, não ficando porção alguma naquelle espaço, que não esteja occupada, e embaraçada, impedindo que os olhos possão ver outra cousa, que a que lhe dará pena. Ponderai agora a desesperação de hum peccador se-

Pſalm. 18.

Ibid.

Jud. 13.

pultado neſte fogo, ſem confiança de ver eternamente luz: *Uſque in æternum non videbit lumen*, que diz David. Oh pobre miſeravel, a quem em huma eternidade ſe lhe negará ver hum raio eſcaço de reſplandor! Baſtou lá huma noite ſó para fazer encanecer hum pobre encarcerado. Oh que effeitos cauſará naquelle meſquinho huma noite, que não verá mais dia! E ſe entre todos os caſtigos do Egypto ás trévas ſó ſe lhes deo nome de horriveis: *Factæ ſunt tenebræ horribiles*, que nome daremos nós áquellas trévas, que não durarão ſó trez noites, ſenão que durarão para ſempre: *Uſque in æternum non videbit lumen?*

Exod. 10.

PONTO TERCEIRO.

O fedor.

COnſiderai quanto creſcerá a infelicidade daquelle carcere eſtreito, e eſcuro, accreſcentando-ſe-lhe hum extremo fedor; porque primeiramente, como diz Santo Thomaz com o fogo do ultimo dia do mundo ſe purgará a terra, e todas as fézes della ſe ajuntarão neſte lugar, como em huma ſentina. Demais diſto o meſmo enxofre lançará hum fedor inſoffrivel, ardendo ſempre, ſem ſe conſumir. Os corpos dos condemnados exhalarão hum fedor tão maligno, que ſe foſſe poſto no mundo hum delles, ſegundo diz S. Boaventura, ſeria baſtante para o apeſtar: *De cadaveribus eorum aſcendet fœtor*: Dos cadaveres delles ſubirá o fedor, diz Iſaias. E he de reparar, que chama cadaveres aos corpos daquelles miſeraveis, bem que eſtarão vivos, porque ſerão vivos pela pena, que ſoffrerão; e ſerão cadaveres mortos pela hediondez, que lançarão de ſi.

S. Thom. in 4. diſt. 47. q. 1. art. 2.

Iſai. 34. v. 2.

Appareceo a S. Martinho hum demonio veſtido de purpura, e coroado ricamente, e diſſe-lhe: Eu

Eu ſou Chriſto, adora-me, que bem o mereço. Mas o Santo, ſoccorrido de huma celeſtial luz, reſpondeo: Meu Senhor eſtá coroado de eſpinhos, e eſtá cuberto de ſangue, e aſſim com eſte habito novo não o conheço. E logo que o demonio ſe vio deſcuberto, fugio; mas deixou tanta hediondez naquelle lugar, que eſta ſó baſtou para fazer conhecer ao Santo quem era o que o havia occupado. Pois ſe hum demonio ſó deſpede tão maligno fedor, qual ſerá aquelle halito peſtilente, que exhalará a hedionda caverna, onde habitão todos os demonios, que atormentão as almas, e todos os corpos dos condemnados, juntos em hum lugar ſem reſpiração? O ar por todas as partes cerrado, ſem outro halito, ſe corrompe, e vem a ſer inſupportavel: cuidai pois que ſerá huma ſentina de tantas, e tão aſqueroſas immundicias, que não tem por onde reſpirar. Eſta he a eſtancia, que elegêrão voluntariamente os peccadores para ſempre, por ſe contentar com hum breve ſonho, ou appetite da infame carne. Eſtes ſão os palacios ſoberbos, que ſe lavrárão com a ſua altivez aquelles, que deſprezárão ao pobre, e o affugentárão de ſi, como a hediondo. Por eſte carcere ſe troca aquelle Paraiſo, que comprado com o ſangue do Filho de Deos vale tanto, quanto vale o preço delle. Oh troca mal affortunada! Oh cambio, que ſerá chorado com hum mar immenſo de lagrimas, e ſempre em vão! Aſſim chora o rico avarento, quando lhe dizem: *Recordare, quòd acceptiſti bona in vita tua*: Lembra-te, que te deleitaſte em vida: padece agora por huma eternidade.

Oração ao Eterno Padre para evitar o entrar no Inferno aberto.

O' Pai Celeſtial, Senhor de immenſa grandeza, e de incomprehenſivel mageſtade, que abyſmo póde já mais ajuntar tantas penas, que não ſejão menores que meus peccados, e menores que a temeridade, com a qual me rebellei contra Deos, e hei querido viver a meu capricho? Conviria que aquelle poder, com que me formaſtes do nada, e até agora me conſervaſtes, ſe empenhaſſe a fabricar hum novo Inferno, e hum carcere mais cruel, que o que tendes apparelhado aos peccadores, porque foſſe proporcionado para caſtigar a minha maldade. Eſta he a verdade, eu a confeſſo, Senhor; mas ſe eu tenho deixado de ſer voſſo filho, vós não tendes deixado de ſer meu Pai. A vós recorro, e do intimo do meu coração vos rogo vos contenteis com deſtruir em mim o peccado, perdoando-me, e que não queirais acabar-me a mim com o meu peccado, condenando-me. Eſta he a obra, Senhor, digna de voſſa grandeza, vencer com voſſa bondade minha malicia, e tirar do mundo eſte grande monſtro de minha iniquidade; porque de outra maneira, ſe me condemno, eu me haverei morto, porém minha malicia vivirá ſempre em morrer. Lembrai-vos que ſou voſſa creatura, e que voſſas mãos são aquellas, que me fabricárão á voſſa imagem: pois ſalvai, Senhor, o que he voſſo, que ſou eu, e perdei aquillo, que he meu, que he a culpa: *Tuus ſum ego Domine, ſalvum me fac.* Se eu o não mereço, mereceo-o, Senhor, aquelle voſſo Divino Filho, que me déſtes por Redemptor. Apartai a viſta de meus peccados, e ponde-a em voſſo Filho, e vede nelle aquelles merecimentos infinitos, que eu vos offereço por ſatis-

tisfação de minhas dividas; e por merecer eſte ſoccorro, proponho não peccar mais eternamente, ſenão ſervir-vos fielmente até o fim de minha vida, para merecer entrar no Paraiſo, onde em companhia de todos os eſcolhidos vos louve, e dê graças por todos os ſeculos. Amen.

CONSIDERAÇÃO II.

PARA A SEGUNDA FEIRA.

O fogo.

PONTO PRIMEIRO.

Sua qualidade.

CONſidera que a Divina Juſtiça tem eſcolhido o fogo, como inſtrumento o mais apto para caſtigar aos ſeus rebeldes; porque entre os homens não ſe acha maior ſupplicio, nem tormento, que o do fogo, e por iſſo ſe chama o ultimo dos tormentos: *Tormentorum ultimum*, e no meio deſte não ſe ha de entender que o fogo do Inferno he como o do noſſo. Ditoſas foramos, (dirão aquellas almas infelices) ſe não experimentaſſemos outro incendio, que o que ſe acha na terra. Aquelle rico condemnado, do qual ſe faz menção no Euangelho, não diz ſó que era atormentado do fogo, ſenão em tal fogo: *Crucior in hac flamma*: Sou abrazado neſta chamma; aſſinalando com aquella particula *eſta* a differença do fogo infernal ao noſſo, porque eſte foi dado ao homem por beneficio, para que lhe ſerviſſe nas artes, com diſpôr os mantimentos da vida; mas o fogo do Inferno foi feito para vingança dos impios: *Vindicta carnis impii ignis*: O vin-

Curt. l. 7. c.

Eccleſ.7. n. 19. gador das deſordens da carne he o fogo, diz o Eccleſiaſtico. O noſſo fogo vai ſempre junto com huma materia eſtranha, e mal proporcionada á ſua actividade, por onde vem a ſer como huma eſpada poſta na bainha; mas o fogo infernal ſerá como huma eſpada deſembainhada, porque a chamma por ſi ſó abrazará; e ſe ſe arrima a alguma materia, como aquella, ſerá ſulfurea, e betuminoſa, arderá com in-
Apoc. 21. dizivel violencia: *Pars illorum erit in ſtagno ardenti, igne, & ſulphure*: Arderão os condenados em hum tanque ardente de fogo, e de enxofre. Finalmente o noſſo fogo deſtroe aquillo, que abraza, por onde quanto he mais intenſo, tanto he mais breve; mas aquelle fogo, no qual arderão ſempre os reprobos, ainda que ſe arrime á materia, não a conſumirá, como tão pouco aos meſmos, que abrazará, e por iſ-
Marc.9. 48. ſo o compara Chriſto ao ſal: *Omnis enim igne ſalietur*. Todos ſe ſalgarão com hum fogo; porque atormentando com hum ardor imperceptivel aos condemnados, lhe vedará Deos, que os corrompa, fazendo os effeitos que o ſal. Por tanto ſerá bem conſiderar, que ſe huma chamma muito pequena do noſſo fogo, ſe huma ſó lavareda nos eſpanta, e não podemos ſoffrella por breviſſimo tempo, ſe não podemos tolerar a extremidade da chamma de huma véla, como poderemos eſtar ſepultados para ſempre em hum incendio mais violento, que tudo o que ſe póde crer? O' tu, que pelos peccados commettidos ultimamente, e não deteſtados eſtás certo por fé, que morrendo aſſim, cahirás naquella tão horrendiſſima fogueira, como te ſoffre o coração o deixar das mãos eſte livro, ſem te arrepender cordealmente das tuas culpas? Como tens animo de eſtar, não digo hum mez, ſenão hum momento ſó, neſte eſtado de condemnação eterna? Como podes

rir?

rir? Como podes dormir quietamente? *Potes hoc ſub caſu ducere ſomnos?*

PONTO SEGUNDO.

A quantidade.

COnſidera quanta força ajuntará aquelle fogo devorador por ſua quantidade, porque aquelle carcere infernal, devendo receber todos os corpos de tantos condemnados, ſem que hum ſe penetre com o outro, convirá em que ſeja huma concavidade de muitas leguas de circuito, de profundidade, e de altura, attendida a multidão innumeravel dos encarcerados: *Infernus dilatavit animam ſuam, & aperuit os ſuum abſque ullo termino.* Pois toda eſta grande capacidade ha de eſtar cheia de fogo, que fomentará o enxofre, ſe violento por ſua qualidade, vaſto, e dilatado por ſua grandeza. Sem iſto o fogo eſtará aqui violento, e conſtrangido ſem reſpiração, por onde todas as ſuas chammas ſerão chammas de reverberação, e por conſeguinte de huma incrivel actividade. Quem poderá duvidar, que ſe huma montanha cahiſſe naquelle incendio, ſe liquidaria de repente, como huma bola de cera? Aſſim o confeſſou o demonio meſmo a hum ſoldado, de quem foi perguntado ácerca diſto. *Cæſar, apun. Colloc. dict.* 6. E ſem o ſeu teſtemunho temos o dito irrefragavel do Eſpirito Santo, que no-lo ſegura, chamando áquelle fogo devorador dos montes: *Flamma comburens montes.* No meio de tudo iſto os peccadores em vez de eſtremecerem, zombão daquellas chammas, como ſe foſſem fogos de feſtas, e alegrias, como diz S. João Chryſoſtomo: *Licèt ignis ille exæſtuet, & fluvii flamma accendatur, nos tamen ridemus, & delicias amplectimur*: Ainda que aquelle fo-

Iſai. 5. 14.

Pſal. 82.

Sanct. Joan. Chryſ. Homil. 55. ad pop.

go

go abraze, nós nos rimos, e abraçamos os deleites deſta vida. Tendes por ventura corpo de pedra, ou
Job 7. de bronze? Não o tendes, ſegundo diz Job: *Nec fortitudo lapidum fortitudo mea, nec caro mea ænea eſt*; mas quando o tiveſſeis tal, ſe deſtruiria em hum momento entre aquelles ardores, nos quaes haveis de habitar para ſempre, ſenão deteſtais de coração, e não deixais a má vida; porém diſſe pouco com dizer, que haveis de eſtar no fogo para ſempre, porque haveis de dizer aſſim, que vós, e eu, ſenão tememos, e amamos a noſſo Senhor, ſeremos todos como de fogo, porque aquella chamma viva, e dilatada não ſe applicará ao corpo ſó por fóra, como ſuccede agora na terra, ſenão que ſe penetrará com os oſſos, com os tutanos, e com o interior do noſ-
Pſalm. 20. ſo ſer: *Pones eos, ut clibanum ignis*: Os poreis como hum forno de fogo, diz o Profeta. Será qualquer condemado como hum forno accezo, que tem as chammas dentro de ſi, dentro do ſeu ſeio, onde abrazará o ſangue immundo nas veas, os oſſos na cabeça, o coração no peito, e as entranhas dentro daquelle infeliz corpo, que cingido de hum abyſ-
Iſai. 23. mo de chammas, não terá ſocego: *Quis poterit habitare de vobis cum igne devorante*? Quem de vós-outros poderá habitar para ſempre com hum fogo abrazador? (perguntava Iſaias.) Reſpondamos: Mas antes cuidemos ſeriamente na reſpoſta.

PONTO TERCEIRO.

Sua elevação.

COnſidera que quanto ſe ha dito da força, que terá o fogo infernal, aſſim pela qualidade, como pela quantidade, he nada em comparação daquella, que adquirirá, como inſtrumento da Juſtiça Di-

Divina, a qual o elevará ſobre toda a força natural a obrar couſas de todo eſtupendas : *Deſcendit ignis à Deo de Cœlo*, diz S. João. O fogo infernal ſerá de tal qualidade, que terá o ſeu naſcimento no Ceo. Iſto he dizer, que tomará da omnipotencia de Deos hum vigor incrivel, obrando não com a ſua propria actividade, ſenão como inſtrumento com a actividade do ſeu agente, o qual dará á chamma tal vehemencia, qual lhe parecerá conveniente para vingar os ſeus deſprezos, e reſtaurar o deſprezo, que fizerão os homens da ſua Gloria : *Creatura enim tibi Factori deſerviens, exardeſcet in tormentum adverſus injuſtos* : A creatura, ſervindo a ſeu Creador, ſe encenderá para atormentar os injuſtos, diz o Texto da Sabedoria. O fogo pela ſua natureza já he como huma eſpada, a qual cahindo a pezo ſobre nós faz grande chaga. Pois que chaga não fará no Inferno, vibrada de hum braço omnipotente ? *Si acuero, ut fulgur, gladium meum* : Se afiar a minha eſpada a modo de raio, elevará Deos o fogo, e lhe dará a força, que não tem. Daqui naſce, que ſendo aquelle fogo corporeo, abrazará não ſó o corpo, mas tambem a alma ; porque como Deos ſe ſerve da agua material no Baptiſmo, não ſó para lavar o corpo, ſenão para alimpar a alma, e a ſantificar, aſſim ſe ſerve do fogo, bem que material no Inferno, para caſtigar a alma immunda, e peccadora.

Apoc. 10.

Cap. 10. 24.

Deut. 32. 41.

Ainda que o incendio infernal he effeito da Divina omnipotencia, deſprezada dos peccadores, he hum final viſivel daquelle odio infinito, que a Divina bondade tem encerrado no ſeu ſeio contra o peccado, e he huma invenção da Divina ſabedoria, para recobrar a honra, que lhe furtárão os impios. Por tanto quem poderá dizer até que ponto chegarão aquelles tormentos, que são hum golpe proporcio-

nado ao braço do Altiſſimo, e huma invenção dig-
Pſal. 99. na do ſeu entendimento: *Quis novit poteſtatem iræ tuæ?* Quem, Senhor, chegou a conhecer o poder da voſſa ira? diz David. Não chegando nós a conceber aquillo, que he ſobre o poder da natureza, como poderemos chegar a explicallo? Por tanto tu, que lês eſta obra, vê que tenhas miſericordia da tua
Eccl. 30.22. alma: *Miſerere animæ tuæ*, e ſe deſta não tens cuidado, tem pelo menos compaixão do teu meſmo corpo, pelo qual vás em todo o tempo tão ſolícito. Conſidera quão caras virão a cuſtar aquellas licenças vedadas, que agora concedes á tua carne com deſprezo da Divina Lei. Vê que já eſtá acceza aquella fogueira eterna. Vê que o vento da ira de Deos lhe ſerve de folles para augmentar ſem medida a força de ſuas chammas: já ardem dentro tantos, e tantos por menores faltas, que as tuas: não he já tempo de lhe accreſcentar nova materia com novos peccados, ſenão de as apagar com a penitencia, e
Eccl. 3. com lagrimas: *Tempus flendi.* Eſte tempo he de cho-
Luc. 6. 25. rar: *Væ vobis, qui ridetis nunc, quia lugebitis, & flebitis!*

Oração ao Verbo Divino, para que nos livre do Inferno.

O' Filho de Deos, que por compaixão de noſſo mal vos fizeſtes filho do homem, eu ſou aquella ovelhinha perdida, que vós, como bom Paſtor, buſcaſtes com tanto cuidado, compraſtes com tanto ſangue, e a deixareis agora perder, ſem terdes cuidado della? Oh não, Senhor, antes bem ponde-a ſobre os voſſos hombros, e moſtrareis a todo o Ceo o fruto das voſſas canceiras, e tambem o preço da voſſa Divina vida. Se me ſalvais, farão feſta todos os Bemaventurados, vos louvarão todos os Anjos,

e eu

e eu com elles cantarei por toda a eternidade as voſſas miſericordias. Eia, Senhor, tende piedade de mim, e livrai a minha alma das garras do leão infernal, que a deſprezo voſſo me quer tragar: *Libera me de ore leonis*: Livrai-me, Senhor, da boca do leão. He verdade que eu não vos hei tido por aquelle grande Deos, que ſois, poſpondo tantas vezes a voſſa Divina vontade ao meu beſtial appetite; mas já me dou de todo o coração, e tudo o que tenho feito o deteſto, e o retracto, e annullo, ſómente porque vós ſois ſummo bem, e porque vos amo, e quero amar ſobre todas as outras couſas, como merece a voſſa Divina perfeição, deſejando ter ainda maior dor do que tenho, por reſtaurar com eſte acto a gloria, que vos tirei com a minha culpa. Aquella miſericordia, que vos obrigou amoroſamente a ſuſpender o caſtigo, em quanto eu vos offendia, aquella vos executa agora, para que me perdoeis, eſtando humilhado na voſſa preſença. Eu tomo a minha alma, e a ponho nas voſſas mãos: *In manus tuas, Domine, commendo ſpiritum meum.* Das mãos de hum Deos vivo, nas quaes mereci cahir por minhas culpas, me appello para as mãos de hum Deos crucificado, e morto por amor de mim: eſte me julgue, eſte me ſentencee, aqui quero ficar, até que vós, Senhor, me concedais o perdão, e a ſaude, com a qual poſſa gozar o fruto da eterna Gloria. Amen.

CON-

CONSIDERAÇÃO III.

PARA A TERÇA FEIRA.

A companhia.

PONTO PRIMEIRO.

Dos condemnados.

COnsidera o grande tormento, que accreſcentarão á habitação infernal os habitadores. Eſtar com hum máo companheiro he tão grande pena, que até as plantas inſenſiveis parece que tem horror, ſegundo o que vemos, que ſe apartão, e fogem das outras plantas, que lhe não fazem boa companhia. O certo he que o Eſpirito Santo aſſegura, que he mais toleravel viver em hum deſerto em companhia das feras, que com huma mulher colerica, e iracunda: *Melius eſt habitare in terra deſerta, quàm cum muliere rixoſa, & iracunda.* Hum pobre marido, que não ouve na boca de ſua mulher, ſenão gritos, e pragas, não ſabe voltar á tarde á ſua caſa; e ſe ſe recolhe a ella, cada hora lhe parece hum anno, por ſe tornar a ajuntar a tal companhia. Pondere-ſe agora, que ſerá eſtar ſempre em huma caſa, onde já mais haverá ſocego? Que ſerá eſtar ſempre em companhia de todos os condemnados, quando o eſtar ſó com hum delles, não digo no Inferno, ſenão no Paraiſo terreſtre, ſeria pena inſoffrivel? Aſſim como no Ceo todos eſtão cheios de caridade, e ſe amão ſegundo o ſeu merito reciprocamente, aſſim no Inferno todos eſtarão cheios de odio, e ſe quererão, e deſejarão huns aos outros hum mal de morte, com huma inimizade irreconciliavel; porque

Prov. 21. v. 29.

que apartada toda a lei, e razão, não haverá vinculo de ſangue, nem affeição de parenteſco, nem adherencia de patria, nem outro motivo, que poſſa mitigar aquella raiva deſeſperada. Serão os condemnados eſpinhos huns de outros: *Spinæ congregatæ igne comburentur*: Iſai. 33. Eſtarão como eſpinhos, picando-ſe huns aos outros os reprobos, de tal modo, que cada hum ſerá hum tormento para o que terá ao lado. Quão mal leva hum enfermo a pouca piedade do aſſiſtente? Se ſe enfurece hum gotoſo, ſe o meneia outro com pouco cuidado, que ſerá ver aquelles miſeraveis, não ſó não achar remedio a ſuas enfermidades, mas não tratar com ninguem, que não lhas augmente? Os gritos, e os gemidos, que ſahirão das ſuas bocas, baſtarião a fazellos intoleraveis. Huma mãi, que ouve chorar toda a noite ao ſeu querido filho, não o póde ſoffrer, e mais ama-o muito, e tanto como a ſua vida, e não o póde ſoffrer, e ſe enfurece contra elle, e talvez o amaldiçoa. Oh que maldições ſerão aquellas, e que furias de hum condemnado entre tantos gemidos, entre tantos choros, não de hum filho querido, ſenão de huma chuſma inimiga, que não tem numero, e não por huma noite de poucas horas, ſenão por huma noite eterna? E poderá haver entre os Chriſtãos homem tão neſcio, que crea que ha de poder achar alivio naquelle lago de penas, por não ſer ſó o que as padece? Se vou ao Inferno, (diz algum deſalmado) não ſerei eu ſó. Oh loucos! Oh loucos! Quanto mais ſe multiplicão as achas em huma fogueira, não creſcem mais os ardores? Aſſim o diz S. Thomaz: *Ex damnatorum multituaine pœna ſingulorum augetur.* Pela multidão dos condemnados ſe augmenta a pena delles, quantos mais são, mais padecem os miſeraveis, communicando-ſe huns aos S. Thom. in 4. diſt. 50. q 2. art. 1.

ou-

outros as ſuas penas, e as ſuas dores, redobrando-ſe huns aos outros as ſuas miſerias. A hum infeliz lhe dão enfado ainda os meſmos amigos, que pertendem alivialo da pena, parecendo-lhe moleſtas as palavras doces, que aquelles dizem para ſua conſolação. E vós eſperais alivio da companhia, viſta, e aſſiſtencia dos voſſos mais crueis inimigos?

PONTO SEGUNDO.

Dos demonios.

COnſidera de quanto mais tormento ſerá ainda a companhia dos demonios, como daquelles, que não ſó são inimigos, mas tambem verdugos, e miniſtros da Divina Juſtiça. Eſtes affligirão de dous modos aos condemnados com o aſpecto, e com os rigores. A viſta de hum condemnado he tão horrivel, que S. Franciſco, depois de o haver viſto, confeſſou a ſeu companheiro Fr. Egidio, que ſem ajuda particular de Deos não ſe podia ver tal monſtro, nem ainda por poucos momentos ſem morrer. Santo Antonino na ſumma, que eſcreveo, refere de hum Religioſo, que vendo hum demonio, dizia que de melhor vontade entraria em hum forno accezo, que tornar a vello. Santa Catharina de Sena, fallando com o Senhor, lhe diſſe mais, pois affirmou, que antes de ver outra vez aquella eſpantoſa fórma infernal do inimigo, eleveria caminhar por ſima das chammas até o ultimo dia do mundo, iſto he dizer, que baſtaria ſó hum daquelles monſtros horroroſos, para formar hum Inferno inteiro. O Santo Job dizia, que o ſeu inimigo o vio com olhos terriveis: *Hoſtis meus terribilibus oculis me intuitus eſt.* He que fallava em peſſoa do peccador, e huma viſta ſó do inimigo o deixou tremendo.

Chr. p. 2. l. 1. pont. 4 tit. 14. c. 15.

Sanct. Antonin. trat. 1. c. 28.

Job 16. v. 10

Oh,

Oh, e que será, quando á vista dos demonios se accrescentarem as ignominias, e escarneos? Já haveis cahido na rede: (dirão os malignos a cada hum daquelles miseraveis) aprende a fiar-te de traidores, louco, que merecias estar atado; que te podias salvar com tão pouco, com restituir, com deixar a conversação perigosa, a má correspondencia, com fazer huma breve penitencia, e não quizeste. De que te queixas? Tu quizeste o mal, que possues, blasfema, e morre; mas morre sem morrer já mais, e padece sem acabar de padecer. Hum taful, perdido todo o dinheiro, mais que a mesma perda, sente as affrontas dos que lhe dão em rostro a sua desgraça: então he quando despedaça as cartas, derriba furioso a meza, brama, enfurece-se, grita, e tem em pouco a sua vida, por se vingar. Os condemnados terão raiva, para se encender em ira, mas não terão força para a vingança. Ouvirão a mal de seu grado, e verão o que não querião, e se consumirão de pena, sem poder desafogar-se. A sua vida será peior que mil mortes, pois vivirão para sempre entre inimigos horriveis, e verdugos crueis.

A Santa Igreja vem bem em separar, em quanto á habitação, ao marido, e á mulher, quando entre elles se accende huma inimizade, e aversão não ordinaria, compadecendo-se da miseravel sorte de haver de viver hum forçosamente na companhia do seu inimigo. Oh se pudesse caber esta compaixão naquelle lugar infeliz, padecendo cada hum só, e só o seu tormento, levando o Inferno comsigo a hum angulo retirado da terra, como hum carcere portatil, ou huma gaiola de fogo só para cada hum delles! Mas não succederá assim, porque nada do que desejarem os atormentados, que respeite a algum alivio, conseguirão: *Peccator videbit, & irascetur*,

tur, dentibus ſuis fremet, & tabeſcet, deſiderium peccatorum peribit : O peccador verá a fereza dos ſeus atormentadores, ouvirá as ſuas injurias, clamará raivando, e ſe conſumirá ſem proveito, porque alli não ha eſperança de alivio : *Deſiderium peccatorum peribit.*

PONTO TERCEIRO.

Dos complices no peccado.

CONſidera que ſobre todas ſerá a mais penoſa a companhia dos complices no peccado, ſendo juſto que paſſe a ſer inſtrumento da maior dor para ſatisfação da Divina Juſtiça aquelle, que foi ao peccador meio do culpavel padecer para a offender. Por tanto as furias mais crueis daquelle abyſmo ſerão ſem duvida daquelles amigos, e amigas, pelos quaes virou o homem as coſtas a ſeu Deos. Agora ſe verificará aquillo, com que ameaçou Joſué, que a quem quizeſſe amizade com a creatura, em prejuizo do amor devido a ſeu Creador, a creatura lhe arrojaria humas varas nos olhos: *Sint ſudes in oculis veſtris*, atormentando o golpe, e cauſando na memoria a mais cruel ferida. Quem póde já mais imaginar dignamente as maldições, as blasfemias, e as execrações, que ſe lançarão huns a outros os complices na culpa, deſejando reciprocamente devorar-ſe : *Unusquiſque carnem brachii ſui vorabit, Manaſſes Ephraim, & Ephraim Manaſſes, ſimul ipſi contra Judam.*

Joſ. 23. n. 13.

Iſai 9. v. 20.

Deos vos guarde, irmão meu, Deos vos guarde de já mais cahir naquelle profundo, como eu lhe peço por mim, e por vós de todo o meu coração ; mas ſabei, que ſe vos ſuccedeſſe por ultima deſgraça cahir nelle, que não haverá demonio, que tanto vos atormente, quanto vos atormentará aquel-

la

la peſſoa, que aqui amaſtes deſordenadamente. Aquelle roſtro, que vós chamais agora o voſſo Ceo, vos parecerá tão horrivel por feio, como o meſmo Lucifer. Aquelles olhos, aos quaes vós agora dais o nome de voſſas eſtrellas, deſpedirão ſettas contra vós mais penetrantes, que os meſmos raios. Aquelles cabellos, que a vós vos parecião de ouro, ſe trocarão em viboras mais crueis, que as que cá ſe conhecem. A preſença daquelle, ou daquella, ſem a qual cá vos parece que não podieis viver, a que vós buſcaveis ancioſo, e attendieis diſvelado, a quem com palavras preſenteiro, inclinando a voſſa viſta para hum infame, e vedado deleite, vos ſerá alli tão horroroſa, e aborrecivel, como a da fealdade mais enorme, e a do inimigo mais deteſtavel, de quem quererieis fugir; mas não vos ſerá poſſivel: em huma palavra tereis naquelle objecto, que cá vos foi dos voſſos deleites, hum armazem das maiores penas, hum Inferno igual, ou peior, que o meſmo, a que eſtareis condemnado, reconhecendo todos os momentos por quão pouco de podridão perdeſtes a formoſura, e beleza da cara de Deos, por quão pouco bem vos ſujeitaſtes a hum eterno mal. Hum grande ſenhor vencido na guerra, e feito prizioneiro do ſeu contrario, vendo-ſe diante do ſeu emulo, e vencedor, diſſe cheio de eſtranha confuſão aos circumſtantes: Ou tirem-me daqui, ou dem-me a morte por piedade. Ah miſeravel peccador, que morte não ſoffrerias de boa vontade, por te tirarem de diante daquella, que tu fallando mais como infiel, que como Rhetorico, chamavas cá a tua divindade! Terias por delicias, por apartar-te deſta companhia, o ſer ſepultado no ſorvedouro mais profundo do abyſmo: eſcolherias por menos mal o habitar com os dragões mais veneno-

fos; mas não ſuccederá, nem haverá remedio, porque ſe poderá dizer, e ſe poderá deteſtar aquella furia, mas não poderá afaſtar-ſe, nem deixar de te acompanhar eternamente.

Aos patricidas ſe dava lá por caſtigo poremnos encerrados em hum vaſo breado com huma ſerpente, hum galo, e huma mona, lançando-os no mar. Mas ó engenhos curtos os dos Legisladores humanos em inventar penas! Outra companhia achou a Divina Juſtiça para caſtigar aos ſeus reos, pois diſpoz huma eſtancia cheia de verdugos, e de algozes, cheia de odios, e de inſultos no meio de hum mar de fogo, que não tem praia, nem profundo. E poderá haver quem a eleja para habitação eterna? E ainda pela eleger deſprezará a formoſura da Jeruſalem celeſte? Pois não são poucos os que fazem eſte delirio: *Lata porta, & ſpatioſa via eſt, quæ ducit ad perditionem, & multi intrant per eam*: Larga he a porta, e eſpaçoſo o caminho, que leva á perdição, e muitos entrão por ella, e iſto não arraſtados, nem levados por força, ſenão livremente, e pelo ſeu pé. Oh grande cegueira!

Matth. 7. v. 13.

Oração ao Eſpirito Santo para evitar a condemnação.

O' Eſpirito Santiſſimo, que com o Padre, e com o Filho ſois hum ſó Deos, eu vos adoro deſde o abyſmo do meu nada, e vos lembro humildemente, que ſem a voſſa ajuda já não poſſo ter, nem hum bom penſamento para a minha ſalvação: *Sine tuo numine nihil eſt in homine, nihil eſt innoxium.* Pois que ſerá para vencer o maior de todos os males, que he o riſco de me condemnar, e de vos perder pelas minhas maldades? Eia, Senhor, a vós toca ſoccorrer a minha debilidade, e gloria voſſa ſerá tri-

triunfar em mim de voſſos inimigos, ſalvando-me. Não ſois vós o Eſpirito conſolador? Pois como me deixareis cahir em huma eterna miſeria? Vós, que ſois toda a minha firmeza; vós, que logo que ſahi do ventre de minha mãi á luz commua, me fizeſtes voſſo, regenerando-me com a agua do ſanto Baptiſmo, eſquecido do meu perigo, cerrareis os ouvidos a meus rogos, e não querereis ſoffrer a quem ſe deixa todo ſobre vós? Não ſuccederá aſſim, eu eſpero em vós ſó, e creio não ficarei confuſo, fiando que chegarei a glorificar a voſſa miſericordia em companhia de todos os Santos do Ceo, ainda depois de haver tantas vezes merecido o provar os rigores da voſſa juſtiça em companhia dos reprobos no Inferno; e porque eſta dita não he bem a deſeje eu para mim ſó, vos rogo por todos os outros Chriſtãos meus irmãos, e vos encommendo todos os peccadores, como a minha meſma alma. Eia cerrai-nos a todos com a voſſa graça aquelle abyſmo, que ſempre creſce ao meſmo paſſo, que creſcem as noſſas culpas. Allumeai noſſos entendimentos, para que conheçamos aonde vai parar a má vida, e dai-nos força para nos emendar agora; porque ſervindo-vos na vida preſente, mereçamos gozar-vos ſempre na eterna.

CONSIDERAÇÃO IV.

PARA A QUARTA FEIRA.

A perda do damno.

PONTO PRIMEIRO.

A perda infinita.

COnsidera a grande perda, que tem huma alma condemnada, perdendo a Deos para sempre, e com isso todas aquellas delicias, que podia esperar, se o possuisse. Quem póde já mais explicar dignamente, que seja o estar privado eternamente do summo Bem? Podiamos dizer desta privação o que disse Santo Agostinho da Bemaventurança: *Acquiri potest, æstimari non potest*: Póde-se alcançar o Ceo, mas não se póde dizer o que he o Ceo. Assim ao contrario vale o dizer, que a privação de hum Bem infinito se poderá experimentar, se poderá padecer, mas não se poderá explicar.

Esta pena em substancia he o inferno do Inferno, e nesta consiste essencialmente a condemnação, segundo S. Thomaz: *Damnatio ultima consistit in hoc, quòd intellectus hominis totaliter Divino lumine privetur, & affectus à Dei bonitate obstinatè avertatur*: A condemnação ultima consiste em que o entendimento do homem se prive da Divina luz, e que se aparte obstinadamente da bondade de Deos. E por isto he a pena do Inferno infinita de modo, que se se redobrasse milhares de vezes o incendio daquelle fogo devorador, não igualaria a este tormento em sentir de S. João Chrysostomo: *Si mille quis ponat gehennas, nihil tale dicturus est, quale à beatæ illius glo-*

Opusc. 2. c. 74.

Sanct. Joan. Chrysost. Hom. 24. in c. 7. Matth.

ria

viæ honore repelli. Ao modo, que se se redobrassem milhares de milhares de vezes todos os prazeres do Paraiso, não igualarião o gozo de ver cara a cara ao Senhor: por tanto, assim como Deos não he aquelle bem, que podemos conceber com o nosso curto entendimento, senão hum Bem infinitamente superior á todo o pensamento humano, assim o mal de perder a Deos não he aquelle, que podemos apprehender nesta vida, senão hum mal infinitamente superior a toda a consideração humana, hum mal he causado immediatamente do mesmo Deos, hum mal (digamo-lo assim) de ordem Divina, no qual entra o mesmo Deos a ser supplicio: *Est & turpium pœna Deus*: He o mesmo Deos pena dos torpes, diz São Bernardo, significando que como o Senhor será a suprema Bemaventurança dos escolhidos no Ceo, assim será a suprema pena dos condemnados no abysmo. Então se fará aquelle espantoso divorsio, se estabelecerá aquella inimizade, aquella perpetua contrariedade entre a creatura, e o Creador, que diz Oseas: *Vos non populus meus, & ego non ero vester*: A creatura não será já mais do Creador, em ordem a participar alguma consolação, nem o Creador será mais da creatura, em quanto a lhe dar alguma protecção. A creatura aborrecida detestará, e blasfemará para sempre ao Creador, sem se poder affastar da sua Justiça; e o Creador aborrecerá, e apartará de si a creatura com estar sempre junto della para a atormentar Oh divisão! Oh união! entre ambas dolorosas sem igual, e sem embargo não temida dos peccadores! O officio do Juiz se chama formidavel: *Auctoritas formidabile ministerium. Cresolio in Mystag.* E a razão he, porque póde decretar contra o reo varios generos de penas; e não será temido aquelle Deos, que depois de haver determinado innumeraveis pe-

Bern. l. 5. de conf. c. 32.

Oseas c. 2.

nas aos máos, elle meſmo ſe faz o ſeu tormento. Oh não queira ſua Divina Mageſtade, que em adiante ſucceda aſſim, ſenão que o temamos todos: *Quis non timebit te, ò Rex gentium?* Quem vos não temerá, ó Rei, e Senhor das gentes?

PONTO SEGUNDO.

Perda doloroſiſſima.

COnſidera que os peccadores agora eſtimão muito pouco a perda do ſummo Bem; porque eſtando enſinados a medir tudo com o ſentido, não podem fazer conceito daquelle mal, que ſe não póde alcançar com os ſentidos. Além de que, eſtando feitos a viver longe de Deos, não entendem que tormento he aquelle, que occaſionará o eſtar apartados daquelle Senhor para ſempre; mas neſte meſmo Juizo, como em outros, ſe moſtrão os peccadores baſtantemente neſcios, porque neſta vida nós não temos, ſenão hum conhecimento muito obſcuro da infinita felicidade, que cauſa o gozar de Deos; mas no Inferno terão para ſeu maior tormento huma viviſſima apprehensão, e conhecimento daquelle grande Bem; e conſiderando ſempre, e conhecendo que por ſua culpa ſe hão perdido, ſe desfarão de raiva, e de deſeſperação. Hum falcão em quanto não vê a preza, não ſe move; mas quando chega a reconhecella, com que impeto ſe acha, e procura romper os laços, que o tem prezo? Agora pois neſta vida a alma eſtá como opprimida do corpo, e ſe detem nelle, como o fogo debaixo da cinza, em eſtado natural; mas deſatada dos membros, como hum fogo accezo em huma mina, eſtá em hum eſtado violento; e como eſte cauſa grandes ruinas, fazendo extremos horroroſos, por ſahir daquelle car-

ce-

cere, onde eſtava prezo, aſſim a alma, por ir ao ſeu centro, que he Deos: *Deus cordis mei*, ſendo rechaçada ao meſmo tempo da ſua Divina Mageſtade, como indigna não ſe póde explicar aquelle tormento, que ella padecerá dentro de ſi, vendo-ſe obrigada a eſtar eternamente fóra do ſeu lugar. Hum oſſo fóra da ſua articulação occaſiona huma pena inexplicavel. Agora pois figurai-vós, que todos aquelles duzentos, ou mais oſſos, que compõem o corpo humano, eſtiverão a hum meſmo tempo deslocados, quem poderia dizer o tormento, que occaſionarião naquelle corpo? Pois ſabei que iſto he hum ſonho em comparação da afflicção, que ſentirá huma alma de eſtar fóra do ſeu fim, que he Deos; porque quanto he ſuperior a alma, he força que tanto ſejão ſuperiores as ſuas penas ás dos membros. Se a dor he effeito da divisão, onde a união he mais eſtreita, não faz duvida que ſerá mais dolorosa a ſeparação. De mais, que ſendo o movimento da alma para Deos, em quanto he ſuprema felicidade ſua, como diz S. Thomaz, hum impulſo natural, e neceſſario, para onde ella ſe encaminha com todo o impeto do ſeu ſer, o eſtar ſeparada violentamente, e para ſempre daquelle termo ſerá hum tormento ſem igual, e duas vezes infinito, tanto pelo bem, de que a privará, que he Deos, que não tem termo, quanto pelo termo, que durará eſta privação, que he eterno. Suppoſto iſto, que dirá hum infeliz peccador ao ouvir aquelle trovão formidavel da ultima ſentença: *Diſcedite à me, maledicti, in ignem æternum*: Apartai-vos de mim, malditos, para ſempre, que ſou voſſo Deos, para habitar eternamente com voſſos inimigos no fogo eterno. Sabemos que talvez huma mãi, feita eſcrava, ao apartar-ſe de ſeu filho, huma irmã ao apartar-ſe de outra irmã, cahírão

Sanct. Th. 1. 2. q. 15. art. 4.

mor-

mortas em terra de pura dor: agora pois, que morte não cauſará a huma alma o ver-ſe ſeparar de Deos eternamente? Não ſerá aquella morte, que acaba com os males, ſenão aquella, que mata, ſem acabar já mais de matar.

PONTO TERCEIRO.

Perda devida ao peccado.

CONſidera que eſta amargoſiſſima ſeparação, que eſta infinita perda he devida juſtamente ao peccado, e eſta torna a ordenar no mundo aquillo, que deſordenou a culpa, porque no peccado entrevem duas malicias: huma he virar as coſtas ao bem increado, não tendo conta com a ſua Divina vontade, e não eſtimando a amizade de hum Deos; a outra hè voltar a cara para a creatura, pondo neſta o ſeu fim, e o ſeu deſcanço. Aſſim ſe deprehende do que diz Jeremias: *Duo mala fecit populus meus, me dereliquerunt fontem aquæ vivæ, & foderunt ſibi ciſternas diſſipatas*: Dous males fez o meu povo, deixou-me a mim, que ſou fonte de agua viva, (vede aqui a aversão a Deos) e buſcárão ciſternas arruinadas: (vede aqui a conversão á creatura, que traz o peccado) neſtas duas malicias conſiſte o mal do peccado mortal. Agora pois, eſtas duas deſordens remedea a Divina Juſtiça no Inferno, onde caſtiga a conversão para a creatura por meio da creatura, iſto he, pelo fogo, pelas trévas, pelo fedor, pelo carcere, pelos demonios com a pena do ſentido; e caſtiga a aversão a Deos, com privar a alma do meſmo Deos com a pena do damno. Diſto ſe ſegue, que ſendo incomparavelmente mais culpavel a primeira malicia de deixar ao ſummo Bem, do que he a ſegunda de querer pôr o ſeu bem no objecto prohibido, he a razão,

Jerem. 2. 23.

zão, que a pena do damno, que correſponde á primeira malicia, ſeja incomparavelmente muito maior que a pena do ſentido, que correſponde á ſegunda. Aſſim meſmo ſe ſegue, que ſendo a aversão de Deos huma injuria, como infinita do Creador, a pena do damno he juſto que ſeja, como huma infinita miſeria da creatura rebelde, e condemnada.

E porque a meſma creatura, ſegundo o ſeu ſer, não he capaz de tanto tormento, quanto merece o aggravo feito a Deos de o deixar, por iſſo o ſupprirá a Divina Juſtiça com o ſeu poder, fazendo que o entendimento do condemnado apprehenda viviſſimamente o ſeu mal, e que cuide ſempre nelle ſem hum momento de intermiſsão: *Vigilabunt in opprobrium, ut videant ſemper*: Eſtarão ſempre velando, e vendo ſem intermiſsão o ſeu opprobrio, como diz Daniel, concorrendo a eſte infeliciſſimo conhecimento, para que ſejão extremamente miſeraveis, com huma luz de pena, aquelle Deos, que concorre com os Bemaventurados no Ceo, com huma luz de gloria, para que ſejão inteiramente ditoſos, e ſobre tudo iſto eſtá fundada a diverſidade da pena, que ſentirão os peccadores de haver perdido a Deos; porque ainda que tudo perdêrão igualmente, com tudo aquelles, que são reos de maior culpa, ficarão privados por mais titulos, e a eſtes lhes fará a Divina Juſtiça apprehender muito mais aquella perda, e conſeguintemente ſentirão mais aquelle tormento. Por tanto veja-ſe ſe são neſcios aquelles, que ajuntando tranſgreſsões a tranſgreſsões, e accreſcentando peccados a peccados, ſe conſolão facilmente com dizer: Tanto importa condemnar-ſe por hum, como por cento. Oh infelices! Deos queira uſar de piedade comvoſco, e que não caiais naquelle abyſmo; mas ſe cahirdes, verêis bem á voſſa cuſ-

Dan. c. 12.

ta

ta a differença. Quem vai condemnado por hum peccado, padece hum Inferno pela pena do ſentido, e pela pena do damno devida áquella culpa; mas quem vai condemnado por cento, padece como cem Infernos: iſto he hum tormento cem vezes redobrado em entre ambos os generos de pena, e he como condemnado tantas vezes, quantos são os titulos, pelos quaes ſe condemna. Agora pois nós, que achamos differença em nos tirarem o ſangue com a lanceta, com que nos picão, ſe he mais aguda, ou mais groſſa, e ſe a mão do Cirurgião he mais ligeira, ou mais pezada, como he poſſivel cheguemos a tal exceſſo de eſtolidez, que não façamos differença entre huma, e outra eternidade de penas, taes, quaes ſoube inventar a ſabedoria de hum Deos irritado contra quem o aborrece? Eu não me maravilho de que os peccadores ſejão chamados loucos mais de trezentas vezes na Divina Eſcritura, ſe o ponderamos bem: ſe os outros loucos ſe atão com cordas, eſtes devião ſer atados com cadeas.

Oração a Jeſus Chriſto para conſeguir o ſalvar-ſe.

SEnhor meu Jeſus Chriſto, que por exceſſo de voſſa infinita miſericordia vos fizeſtes meu Advogado para com voſſo Pai Celeſtial, que vos poſſo eu pedir mais juſtamente, que tenhais por bem a voſſa cauſa: *Judica cauſam tuam*? A cauſa verdadeiramente he minha, porque ſe trata da minha eterna ſaude; mas tambem he voſſa, porque ſe trata da voſſa gloria, porque então ſereis cumpridamente o meu Salvador, quando puzerdes a minha alma em ſalvo: *Ipſe erit ſalvator meus.* Verdadeiramente que foi exceſſo da voſſa infinita piedade o haver-me livrado á cuſta do voſſo Sangue daquelle profundo, onde me

Job 23. v. 16.

ha-

havião conduzido os meus peccados. Mas que me haverá aproveitado este excesso de misericordia, se eu, fugindo de novo das vossas mãos, me torno a precipitar naquelle abysmo de condemnação: *Quæ utilitas in sanguine tuo, dum descendo in corruptionem?* Que utilidade tirarei eu, Senhor, do vosso sangue, se me condemno? Vós bem me podeis ter da vossa mão; vós podeis fazer efficazmente, que eu me não perca, pois na vossa Divina mão está posta a minha sorte: *In manibus tuis sortes meæ.* Mas se quereis cerrar os vossos ouvidos á minha supplica, convirá que por mim troqueis aquelle amabilissimo nome de Jesus, todo cheio de esperança, e de doçura: convirá que cancelleis por mim aquella promessa, que me tendes feito, de ser a minha vida: *Ego sum via, veritas, & vita*: Eu sou o caminho, a verdade, e a vida. Sede pois, Jesus, para mim Jesus, e salvai-me, *Jesus, sis mihi Jesus, & salva me.* Mais bens me merecestes a mim, Senhor, com a vossa Paixão, que eu hei desmerecido com as minhas iniquidades; e por isto não he bem que possa mais a minha divida para condemnar-me, que para salvar-me a vossa paga. Eia pois, amabilissimo Redemptor meu, mostrai a vosso Pai as vossas chagas, que para este fim as reservastes em vosso corpo glorioso: pedi para mim aquella misericordia, que a vós se deve por direito de toda a justiça; porque enriquecido com os vossos merecimentos, e defendido da vossa protecção, venha por vós a gozar para sempre o fruto dos vossos trabalhos. Amen.

CON-

CONSIDERAÇÃO V.

PARA A QUINTA FEIRA.

PONTO PRIMEIRO.

Memoria dos prazeres paſſados.

CONſidera que como nos cadaveres da putrefacção naſcem os guzanos, aſſim da corrupção do peccado naſce nos condemnados hum remordimento perpetuo, que ſe chama guzano da conſciencia, porque os roerá com hum raivoſo deſprezo o coração, ſem deſcançar já mais: *Vermis eorum non morietur*: O guzano dos condemnados já mais morrerá, diz o Senhor. Ainda que neſta vida preſente ſintão os Santos, que a conſciencia he o mais cruel verdugo do peccador: *Ipſe eſt pœna ſua, quem torquet conſcientia ſua*, diz Santo Agoſtinho: Aquelle he a ſua meſma pena, a quem atormenta a ſua conſciencia; e S. Gregorio affirma o meſmo: *Inter innumerabiles afflictionum moleſtias nulla eſt maior, quàm conſcientia delictorum*: Entre as innumeraveis moleſtias das afflicções nenhuma he maior, que a conſciencia dos delictos; mas na realidade a conſciencia neſta vida mais faz o officio de menſageiro, citando ao peccador para o Tribunal de Deos, do que de verdugo atormentador. Eſte emprego terá no Inferno, depois de eſtar a alma condemnada com ſentença irrevogavel, porque então o Divino Juiz a entregará nas mãos deſte verdugo: *Tradet eam tortori*, que a não deixará hum momento ſocegar por todos os ſeculos dos ſeculos. Eſte guzano mais fero que todos os aſpides fará trez chagas no coração do condemnado, que poderão declarar-ſe com as pala-

Marc. 9.

Sanct Aug. ſupr. Pſalm. 36.

Sanct. Gregor. ſupr. Pſalm. 143.

lavras do Pontifice Innocencio III. no seu livro do desprezo do mundo: *Affliget memoria, sera turbabit pœnitentia, torquebit angustia*: Affligirá a alma a memoria dos deleites passados, a turbará com o tardo arrependimento dos peccados commettidos, e a atormentará com huma inexplicavel angustia pelo conhecimento das occasiões malogradas. Cap. 1.

Primeiramente affligirá com a memoria: *Affliget memoria*, dos deleites passados. He grande tormento de hum infeliz o lembrar-se da sua passada felicidade: *Ego ille quondam opulentus, repentè contritus sum*, dizia Job: Eu, que me vi opulento, me vejo agora cheio de miseria. Pois que dirá hum peccador naquelle abysmo, quando se lembrar que esteve ensinado a fazer-se temer de todos, ultrajando tambem ao mesmo Deos, e tambem blasfemando-o, e se verá tão debil, que se não poderá mover do outro lado? No mundo, por conservar o seu posto, traçou muitas vinganças; e agora vivirá eternamente debaixo dos pés dos demonios: *Vadent, & venient super eum horribiles*, e não poderá escapar, nem livrar-se deste abatimento. No mundo era dado todo a deleites, contentando a gula com toda a sorte de bebedice, a satisfazer os appetites carnaes com toda a sorte de impurezas, a dar-se sempre aos seus gostos; e alli não haverá outro, que chorar, nem haverá outro, que padecer, e morrer de desesperação: *Crucior in hac flamma*: Ardo nestas chammas. Oh memoria funesta! Oh troco luctuoso! Ao menos se puderão, como nesta vida, no meio daquella morte, divertir aquelles fastidiosos pensamentos com a musica, com a conversação, ou com outras diversões, fora menor a sua desgraça; porém aquelle guzano já mais dormirá: *Qui me comedunt, non dormiunt*: Os que me roem, não dormem, Job 16. Job 20. v. 25.

diz

Job 30. v. 17. diz Job. Neſte tribunal do Inferno não ha dias feriados; não poderá já mais a alma ſuſpender as ſuas operações; não poderá divertillas; eſtará, a mal de ſeu grado, ſempre applicada, trabalhando ſempre ou por melhor dizer, penando ſem intermiſsão. Mas quem poderá conceber que effeito fará no entendimento de hum condemnado aquelle breve gozo, que vivendo, tirou do uſo das creaturas contra a Divina vontade? A terra viſta deſde o Ceo parece hum ponto. Pois qual parecerá a noſſa vida tão curta, viſta (digamo-lo aſſim) deſde o profundo da eternidade, ſe a hum peccador vizinho á morte lhe parece a ſua vida, como hum ſonho? Como lhe parecerá depois de hum milhão, e outros milhões de milhões de ſeculos, paſſados dentro de hum forno accezo entre tantas penas? Huma hora ſó baſtaria a fazer infeliciſſima a memoria, que á iſto parece alEccleſ. 11. v. 29. lude o do Eccleſiaſtico: *Malitia horæ oblivionem fecit luxuriæ magnæ.*

Julgai que infelicidade ſerá, depois de hum numero de annos innumeraveis, lembrar-ſe de hum bem momentaneo, gozado como huma ſombra, e ſatisfeito, e pago com hum eterno tormento? Aquelles, que perdêrão a ſua alma, e a ſua vida, por cumprir com o duelo, por ſuſtentar hum empenho, por não deixar huma má amizade, por não perdoar hum aggravo, por levantar hum pouco a ſua caſa, que dirão, quando ſe virem naquellas trévas, perdida a memoria de ſua familia, comida de guzano aquella formoſura, reduzida a cinzas a ſua caſa, ſua patria, e toda a terra com as chammas do fogo do fim do mundo? Seria hum tormento inſoffrivel o haver eſcolhido eſtar huma noite no fogo, por haver vivido mil annos em toda a ſorte de prazeres. Pois que pena ſerá o haver elegido o deſpenhar-ſe por huma eter-

eternidade no abyſmo de todos os males, por haver bebido huns curtos ſorvos de envenenados deleites? *Guſtans guſtavi paululum mellis, & ecce ego morior*, dizia Jonathas. Por goſtar hum pouco de mel, morro. Oh morte, que não tem fim! Oh eſtolidez, que não tem igual!

PONTO SEGUNDO.

O arrependimento tardo dos peccados commettidos.

COnſidera a ſegunda ferida deſte guſano roedor, que ſerá hum arrependimento tardo, e infructuoſo do mal commettido: *Sera turbabit pœnitentia*: Turbará a tarda penitencia. O peccado neſte mundo paſſa entre os peccadores por hum mal de riſo: *Quaſi per riſum ſtultus operatur ſcelus.* Não aprendem os homens outro mal no peccado, que huma innocente deformidade: *Deformitas ſine dolore*, e por iſto ſe enſoberbecem talvez, e ſe levantão, e jactão com as culpas, como ſe as manchas da alma foſſem adorno, como no jaſpe. Mas não ſe duvide que trocarão a opinião lá baixo no Inferno, onde a viſta monſtruoſiſſima de hum ſó peccado mortal cauſará mais dor de coração, que a viſta de todos os monſtros infernaes. A Bemaventurada Santa Catharina de Genova, allumeada do Senhor altamente ſobre eſta verdade, coſtumava dizer, (como ſe eſcreve na ſua vida) que antes quizera ver á hora da ſua morte todos os demonios com ſerem tão çujos, que a fealdade de hum minimo acto, oppoſto á ſua Divina vontade. Diſcorrei agora que pena ſerá aquella de ver ſempre a abominação de tantas maldades, como são em ſi meſmas. Diſſe, que verão os reprobos ſempre a abominação das ſuas maldades; porque a Divina Juſtiça fechará o entendimento do

Prov. 10. v. 23.

Cap. 26.

condemnado nos males commettidos, fazendo que cuide niſſo ſempre, e a vontade, para que os deteſte, ſem poder fazer outra couſa: *Juſto Dei judicio omnia peccata memorantur, & de omnibus continuò torquetur*: Por juſto juizo de Deos terão preſentes todos os peccados, e continuamente ſerão atormentados por elles, diz S. Boaventura. Beſtial foi a vingança daquelle marido aggravado da ſua conſorte, o qual depois de haver affogado por ſua propria mão ao adultero, deixou hum pedaço de cadaver pendurado, a fim de que com a viſta, e com o fedor déſſe a morte á adultera, fechada no meſmo apoſento, como com effeito ſuccedeo. Julgai pois com quanta maior ventagem ſaberá vingar-ſe a Divina Juſtiça, regulada nas ſuas obras por huma infinita rectidão, e de huma ſabedoria igual. Suſpenderá o corpo do delicto diante dos olhos das almas condemnadas, e quererá que contemplem continuamente as ſuas faltas, para que tenhão ſempre vivo o conhecimento, e a memoria da ſua infelicidade: *Statuam contra faciem tuam*: Porei os teus delictos diante de ti, diz David. E Santo Agoſtinho accreſcenta: *Non ut te corrigas, ſed ut erubeſcas*: Não para que te emendes, mas para que te envergonhes. Diſſe tambem, que verão os condenados as ſuas abominações, como ellas são em ſi meſmas; porque o Senhor lhes participará o conhecimento, que elle meſmo tem, com que apparecerá áquelles a ſua culpa tal, qual apparecerá a Deos, iſto he, hum abyſmo de monſtruoſidade, e de malicia, não como na vida, que as vião como hum mal de nada. Aſſim o diz São Thomaz: *Tunc confuſio reſpiciet æſtimationem Dei*: Então a vergonha verá a eſtimação de Deos, de modo, que os infelices, vendo por huma parte a regra de toda a bondade, que he o Divino querer, e de outra a oppo-

S. Boav. in 4. diſt. 50. q. ult.

Pſalm. 49.

S. Thom. q. 87. ſupr. art. 2. ad 4.

posição inflexivel, que terão a essa regra, se fabricarão a si mesmos com aquelle conhecimento a summa infelicidade: *Posuisti me contrarium tibi, & factus sum mihimet ipsi gravis*, dizia Job: Puzeste-me contrario a vós, e a mim mesmo me fiz molesto. E se bem chorarão eternamente os reprobos a sua maldade, mas já mais se ajustarão, nem concordarão com Deos; porque a elles lhes desagradará só aquillo, que a Deos agrada, que he a pena, e agradará aquillo, que descontentará a Deos, que he a culpa: *Nunquam recto, pravoque conveniet, hæc enim sibi invicem adversantur*, dizia S. Bernardo: Ao justo, e ao peccador nunca lhes agrada huma mesma cousa, porque o bom, e o máo dizem opposição entre si. Oh estado de infinita miseria! Conhecer sempre a infinita miseria! Conhecer sempre a infinita malignidade do peccado, e dar-lhe sempre entrada no coração! Arrepender sempre de haver sido máo, e crescer sempre a sua maldade: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper*! A soberba daquelles, que te aborrecem, cresce sempre. A este infructuosissimo arrependimento se encaminha, ó peccadores, a vossa iniquidade; e ainda em vez de fugir este mal com a penitencia, vos chegais mais cada dia a este precipicio com novos, e novas culpas. Que vos posso eu dizer? Não ha palavras proporcionadas para declarar esta insensivel ignorancia, ou tontice. Que quando o homem foge com tanta providencia huns males de nada, vá temerariamente solicitando huns perigos tão horrendos? He acaso a nossa natureza outra, quando se trata dos males do corpo, que quando se trata dos males da alma? O' demonio maldito, onde achaste hum encanto tão poderoso, que assim tira o juizo aos peccadores? O' tu, que lês esta consideração, escreve indelevelmente na tua

S. Bern. liv. de conf. c. 14.

memoria eſtas palavras: *Reſpice finem*: Vê com cuidado o fim. Não ponhas a conſideração naquella breve doçura, que traz agora o peccado: fixa-a naquelle eterno arrependimento, que ſe lhe ſegue no abyſmo: *Reſpice, reſpice finem*: Conſidera, conſidera o fim.

PONTO TERCEIRO.

As occaſiões boas malogradas.

COnſiderai a terceira ferida, que fará o guzano da conſciencia nos condemnados: eſta ſerá huma anguſtia immenſa de haver perdido, e deſaproveitado tantas, e tão boas occaſiões de ſe ſalvar, e agora não póde conſeguir huma, por eſtar de permeio o juramento de Deos, que durará por todos os ſeculos, de que não haverá já tempo de remediar a paſſada negligencia: *Juravit per viventem in ſæcula ſæculorum, quia tempus non erit amplius*: Jurou pelo que vive pelos ſeculos dos ſeculos, de que já não haverá mais tempo. Iſto he o que com mais pezada deſeſperação exprime, e tira dos corações infelices hum choro inconſolavel: *Torquet anguſtia, quia tempus non erit amplius*: Atormenta a anguſtia, de que já não haverá mais tempo. Gemia em termos de enternecer as pedras huma voz, para ſe fazer ouvir de hum Santo Religioſo, do qual perguntada: Quem es, e qual he a occaſião da tua dor? reſpondeo: Sou huma alma condemnada, e choro com meus companheiros mais que todas as outras miſerias o tempo perdido, e que já mais tornará. O' tempo até aqui precioſo, e ſempre mal empregado, já em jogos, já em amores, já em converſações, já em prazeres, e já em peccados, tu es a vibora mais cruel, que nos envenenas o coração! (dizem os condemnados.) A que preço não compra-

Apoc. 10.6.

Drexel. de Damnat. c. 3.

prarião os infelices huma meia hora para pedir a Deos, para se confessar, para mortificar com voluntaria penitencia o seu corpo? Se a eternidade pudéra ter fim, escolherião o passar toda huma eternidade em tormentos reduplicados, por conseguir esta meia hora de penitencia; mas já he impossivel. O que antes foi tão facil, porque o tempo da penitencia já não tornará: *Quia tempus non erit amplius.* Entre tanto ao verem os condenados, que perdêrão o thesouro do tempo voluntariamente, sem o poder recobrar, maldirão com infernal raiva, já a Deos, que aborrecem como inimigo; já aos demonios, que aborrecem como a traidores; e aos companheiros, que os ajudarão ao mal; e a si mesmos, mais que a todos os mais; porque a olhos abertos se quizerão precipitar naquelle abysmo de pena. Ah louco! (dirá cada hum) Ah miseravel, que quizeste trocar por hum momento de çujo deleite huma eternidade de horrendo supplicio! Não mo dizião os Confessores? Não mo aconselhavão os livros bons? Não mo segurava a Fé, dizendo-me, que o termo do peccado era a condemnação? E eu insensato, e eu besta maldita não quiz abrir os olhos ao meu bem, senão que me quiz como apostata condemnar. Já passou o tempo, em que Deos me chamava com tantas inspirações, me rogava com tantas vozes, me solicitava com tantas promessas, e com tantas ameaças, e eu me fiz surdo; agora que rogo, que me desespero, depois de haver derramado hum mar de lagrimas, não alcançarei aquelle bem, que pude conseguir com huma só. E estará sempre despiedoso Deos, sem se compadecer de mim, e das minhas miserias? Pelo menos fora esta huma morte, que désse fim a tantos males; mas não será assim, porque a morte do Inferno causará o maior tormento, sem acabar

com a vida; pois ao paſſo, que tirára a vida a pena, vivificára a ſentença, como dizia Euſebio Emiſſeno: *Occidente pœna, vivificante ſententia.* Pelo qual não ficará outro alivio, que o morder-ſe, e deſpedaçar-ſe a lingua: *Commanducaverunt linguas ſuas præ dolore.* Se deſpedaçárão as linguas com a dor. Antes do diluvio alguns ſervos de Deos, prégando aquelle propinquo caſtigo aos peccadores, para que ſe lhes imprimiſſe mais vivamente, eſculpírão em marmores aquelle aviſo; mas não forão cridos, até que rotas as cataractas do Ceo, ſe affogárão nas ondas os iniquos. Eu denuncío a que não deixe o peccado hum diluvio eterno de agua, mas de fogo; huma tempeſtade perpetua de todos os males, e não ponho em marmores eſte aviſo, e ameaça, ſenão neſtas poucas folhas. Queira Deos que ache quem me creia, antes que paſſe o tempo de evitar o caſtigo.

Euſeb. Emiſ. l. 1. de ad Mont. Apoc. 16. 11.

Beroſus, l. 1. apud Pereiram in Geneſ. l. 8.

Oração ao Anjo da Guarda para merecer o ſeu auxilio, e lograr com elle livrar-ſe do Inferno.

O' Anjo Santo, em cujas mãos, por ſingulariſſima providencia de meu Senhor Jeſus Chriſto, tenho eſtado conſignado, e poſto deſde o meu naſcimento, quando poderei eu agradecer-vos baſtantemente o favor de me haveres livrado do Inferno tantas vezes, quantas me haveis guardado de morrer em peccado mortal? Quantas maldades haveria commettido, ſe dellas me não livrára a voſſa inſpiração? E quantas vezes no meſmo peccado o demonio me houvera ſubmergido, como a ſeu viliſſimo eſcravo, ſe vós, Protector meu, ſempre vigilante para o meu bem, me não houveſſeis aſſiſtido com a voſſa piedade, e me não houveſſeis detido da Divina Juſtiça, porque me não entregaſſe nas ſuas mãos? A minha

má

má vida, com o fedor das culpas, vos apartava de mim; mas vós não quizeſtes deixar a eſte apodrecido cadaver, antes bem com incomparavel paciencia haveis ſempre ſolicitado a minha emenda, para me terdes por voſſo companheiro na Gloria. Se ſuccéder aſſim, eu vos prometto então de vos dar as graças ſem ceſſar, como deſde agora o começo a fazer com todo o meu coração; mas entre tanto não detenhais, ó guia da minha alma, e da minha vida, ó luz da minha peregrinação, os voſſos officios, para me introduzir naquella Patria ditoſa. Livrai-me deſte inimigo cruel, que de dia, e de noite me arma laços para me tragar: eu vos peço que alcanceis da Divina bondade, que não permitta que eu habite com os anjos infernaes, mas que tenha a ſorte dos eſcolhidos; e para que o logre, dai-me vós força, valor, e conſtancia. Chamai em voſſa ajuda, e em minha ao Principe da Milicia Celeſtial S. Miguel, para que de novo precipite no abyſmo ao demonio rebelde, que me faz guerra. Chamai a todos os Santos Anjos voſſos companheiros para negocio, que tanto importa, pois aqui ſe trata da gloria de Deos, e ſe trata de dar goſto ao Divino Redemptor, tão cheio de caridade para comigo, que pela minha ſalvação daria outra vez a vida na Cruz. Eu da minha parte eſtou reſoluto de me não apartar da voſſa doutrina, mas antes de viver ſempre dependente das voſſas inſpirações, eſperando por eſte meio o fugir da condemnação, e de chegar em companhia voſſa a gozar, e a louvar a noſſo Deos, e Senhor. Amen.

CONSIDERAÇÃO VI.

PARA A SEXTA FEIRA.

PONTO PRIMEIRO.

A extensão das penas.

CONsidera que nesta vida, se bem o homem he capaz de padecer muitos males, mas não he para os padecer todos em hum tempo; porque aqui hum mal castiga ao outro, e dous venenos fabricão talvez hum remedio; mas no Inferno será tudo ao contrario; porque as penas se darão lá a mão, e serão os condemnados como huns vasos tão cheios, quanto póde caber da ira de Deos: *Vas iræ*, (diz S. Paulo.) Vaso de ira ao modo, que no Paraiso todas as cousas serão materia de gozo, assim, diz São Thomaz, no abysmo tudo será materia de tristeza, não faltando alli cousa, que possa tornar a alma infelicissima; porque será a miseria dos reprobos por todos os lados cumprida, como no Ceo está por todas as partes cumprido o bem dos escolhidos. A este fim irá Deos ajuntando todas as penas, e formando dellas hum feixe para o carregar sobre as costas daquelles desaventurados rebeldes, esgotando as settas do armazem da sua justiça, para as arrojar sobre os condemnados, e não ficará nenhuma que não faça ferida: *Congregabo super eos mala, & sagittas meas complebo in eis*: Ajuntarei sobre elles todos os males, e satisfarei nelles o enfado das minhas settas, diz Deos no Deuteronomio.

Rom. 9.

S. Thom. in 4. dist. 50. q. 2. art. 2.

Bastaria só o fogo para fazer infelicissimos aos reprobos, porque com isso terião incomparavelmente mais dor, que o que occasionarião todos os mar-

ty-

tyrios, que já mais pudérão inventar os homens, nem os demonios; porque aquella será huma invenção de Deos, como diz Isaias: *Præparata est enim Tophet, à Rege præparata, profunda, & dilatata; nutrimenta ejus ignis, & flatus Domini, sicut torrens sulphuris, succendens eam*: Preparou o Senhor huma estancia profunda, e dilatada, cujo nutrimento he o fogo; e o vento da sua ira he como huma torrente de enxofre, que o accende, e augmenta. Tudo isto merece a maldade dos homens; e assim como de todos os sentidos, e todas as potencias abusárão para peccar, merecem ser castigados em todos os sentidos, e potencias com tantas dores, que lhe pareceo ao Profeta, que se não podião numerar: *Quis poterit præ timore iram tuam dinumerare?* Tudo o que temos dito até aqui vê, e olha aos sentidos externos: as potencias internas, como mais perfeitas, são mais capazes de dor, e assim serão mais atormentadas. A fantasia será sempre affligida com imagens espantosas; e se por huma melancolia, que padece talvez hum nesta vida de dia, e de noite, revolve entre si mil especies funestas, que será na conspiração de todos os males? Quando hum condemnado vê sobre si cerrado o Ceo, e debaixo de si hum inextinguivel fogo, ao redor de si os intoleraveis demonios, e dentro de si huma inconsolavel pena, o appetite sensitivo ondeará, como em hum fluxo, e refluxo de hum contínuo naufragio de tedios, de agonias, de raivas, e de angustias, exposto a todos os golpes da Divina Justiça, sem poder reparar, nem hum sómente. O' Deos, se huma gottinha de agua, cahindo continuamente sobre huma pedra, a consome, que fará sobre o coração daquelles infelices o diluvio eterno de todos os males, chamados para vingar a injuria do Creador? *Pluet super illos bellum sævum*: Isai. 33. Psalm. 99.

vum: Choverá ſobre elles huma guerra cruel. (dizia
Job 20. Job) O entendimento eſtará cheio de horriveis tré-
vas interiores mais eſcuras, que as exteriores, de
que eſtará cheio aquelle carcere de modo, que de
quanto tem ſabido, ſó ſe lembrará daquillo, que
vale para os affligir: *Nec ſcientia erit apud miſeros*,
diz o Eccleſiaſtico. Não lhes ficará ſabedoria aos mi-
ſeraveis.

Hum Doutor celebre de París, apparecendo a
hum Biſpo, confeſſou que não ſabia outra couſa no
Inferno, ſenão que eſtava condemnado, e que não
tinha que eſperar alivio. A vontade eſtará contumaz
na ſua malicia, ſem que já mais em todo o eſpaço
interminavel dos annos eternos haja de ter hum mi-
nimo movimento para o honeſto, de modo, que ac-
creſcentando ſempre obſtinações a obſtinações, quan-
to eſtará mais opprimida de Deos, tanto mais ele-
vando-ſe contra elle meſmo com odio, e com ſober-
ba, ſuſtentará eternamente a ſua infelicidade, e mi-
ſeria. Deſejarão ſempre os condemnados o prazer,
e a vingança, e já mais poderão conſeguir o ſeu
deſejo: aborrecerão ſempre a juſtiça, e o caſtigo, e
S.Bern.livr. de Conſider. c. 12. já mais poderão fugir á pena: *In æternum non ob-
tinebit, quod vult, & quod nonvult in æternum nihilo-
minus ſubſtinebit*: Eternamente (diz S. Bernardo) dei-
xarão de alcançar o que querem, e eternamente ſof-
frerão o que não querem. Com razão diz o Santo,
que não podem ter os condemnados maior pena que
Ibi. eſta: *Quid tam pœnale, quàm ſemper velle, quod nun-
quam erit, & ſemper nolle, quod nunquam non erit*?
Que couſa póde haver tão penoſa, como querer ſem-
pre o que nunca ſerá, e aborrecer perpetuamente o
que nunca deixará de ſer? Se a meſquinha alma do
condemnado pudéra achar-ſe debaixo da poderoſa
mão de Deos, e beijar aquella direita, que tão juſ-

ta-

tamente a açouta, mitigaria a ſua dor, como a mitigão no Purgatorio aquellas ſantas almas, que eſtão nelle; mas a proterva ſempre ſe enfurece mais, e como hum çapo debaixo da vara, que o fere, redobra com o veneno a raiva, deſejando fugir á pena, ſem aborrecer a culpa; e porque todas as paixões eſtarão ſoltas, e ſem freio, todas ſe unirão na alma para novo aſſalto; mas ſerão rechaçados os ſeus esforços com infinita dor. Que pena ſerá a deſeſperação daquellas deſventuradas creaturas, vendo deſprezados, e ſem logro por toda huma eternidade os ſeus deſejos, vendo que em todos os ſeculos, ſendo tantos os ſeus tormentos, não lhes diſpenſará Deos nem huma gottinha de agua para ſeu refrigerio? Eſte he o termo, aonde vão conduzidos os peccadores áquella falſa eſperança, e verdadeiriſſima eternidade de obrar ſempre mal, e de eſperar ſempre bem; de perſeverar nos peccados até á morte, e de ter por premio a Gloria; de multiplicar em Chriſto Senhor noſſo ſempre novas feridas com novas culpas, e de querer tirar, como de hum tronco, ſempre balſamo de piedade. O Eccleſiaſtico diz: *Fili, non ſemines mala in ſulcis juſtitiæ, & non metes eam in ſeptulum*: Filho, não ſemees males nos ſulcos da juſtiça, e não os colherás ſete dobrados. Eſte he o conſelho, que vos dá a Divina miſericordia: Não ſemeeis peccados, e não colhereis penas. Sabeivos aproveitar opportunamente; porque aquella eſperança, que augmenta a iniquidade, acaba em huma eterna deſeſperação.

PON-

PONTO SEGUNDO.

Da intensão.

CONsidera que com razão aquelle infeliz rico chamou ao Inferno lugar de tormentos: *Locum tormentorum*, porque aqui he o centro de todos os males. E por esta cauſa, assim como as couſas, que ſe achão no ſeu centro, estão mais fortes, que em qualquer outro lugar, e com todas as qualidades no ultimo gráo da intensão, assim os males no Inferno serão não ſó ſem numero, mas ſem nenhuma comparação intenſos, e puros. Primeiramente alli as penas não terão contrario algum, que as mitigue, e adoce, senão que serão tudo pena, ſem miſtura de alivio, como no Ceo os gozos serão tudo gozo, ſem miſtura de pena; ſem iſto os meſmos bens no Inferno ſe converterão em males; a companhia, que em outro lugar he conſolação dos miſeraveis, alli será hum ſummo aggravo; a luz, que em outras partes he tão bella, alli será mais aborrecida, que as meſmas trévas; o conhecimento, que em outras partes recrea com a ſabedoria, alli será mais penoſo, que a ignorancia; e a morte, que he o ultimo de todos os terrores, naquella deſordem de todas as couſas será o objecto de todos os deſejos.

Neſta vida preſente as dores não são muito largas, ou não são grandes; porque a natureza ou faz força, e as vence, ou cahe ao grande pezo dellas, e perece logo. Assim o dizia Seneca: *Brevis morbus alterutrum facit, aut extinguetur, aut extinguet*; mas no Inferno todas estas regras sahem falsas, porque alli as dores serão intoleraveis pela intensão, e interminaveis pela duração, não ſe diminuindo com o tempo a pena, nem conſumindo-ſe no tempo o paciente. Alli como não haverá couſa de deſcanço, e

Senec. Ep. 78.

mo-

moderação no tormento, tão pouco o haverá nos atormentados, mantendo-se sempre não só vivos como qualquer, senão com huma especial vivacidade, a fim de que sintão a sua miseria, e que a não possão apartar de si, nem por hum momento: *Ut urantur, & sentiant usque in sempiternum*: Se queimarão, e o tormento se sentirá eternamente. Assim o pede a Magestade Divina ultrajada dos peccadores; assim o requere o sangue de Jesus Christo pizado; assim o requere o Paraiso desprezado, e posposto a huma podridão. A Divina Justiça, que hè a que nutre, e repara a honra Divina, tomará a seu cargo vingar estes aggravos, e fazer-se conhecer pelo que ella he: *Cognoscetur Dominus judicia faciens*. Conhecer-se-ha o Senhor julgando aos peccadores; porque os miseraveis, que aqui apenas conhecêrão a Deos, e que já mais o pudérão ver, o conhecem então pelo pezo da espada, que descarregará sobre elles, e como que sensivelmente o vejão nas chagas, que executará em suas almas. Por tanto se póde crer, que das penas de hum daquelles infelices, entre todos os homens da terra, bastaria aquella que tocasse a cada hum, para lhe dar morte mais dolorosa, que haja já mais experimentado algum reo. Por tanto imaginai, que desesperação será aquella de cada huma alma condemnada, que por sua culpa se acharia sepultada viva para sempre naquelles calabouços infernaes com dores tão excessivas? Hum nobre, e delicado, se em pena das suas desordens se lhe gerasse nas suas entranhas huma pedrazinha, não póde soffrer huma daquellas pontas, e grita, e dá voltas na cama, como huma serpente ferida, e diz mal da sua sorte, e se enfada, e indigna com os remedios; e isto sendo os colchões de penas, estando o camarim mui forrado de armações, consolando-o os amigos,

Jud. 16.21

Psalm. 9.

gos, confortando-o os Medicos com a esperança da saude, sua mulher o serve com amor, toda a casa está solícita de dia, e de noite para lhe dar alivio, e elle não padece mais que huma ligeira picada em huma partezinha do seu corpo, tendo são tudo o demais; pois que será, quando elle mesmo, se for condemnado, se vir sepultado em hum abysmo de fogo, de trévas, de fedor, ferido em todas as partes do seu corpo, e em toda a sua alma de toda a sorte de males? *Omnis dolor irruet super eum.* Todas as dores descerão sobre elle, e isto entre execrações de companheiros tão aborrecidos, entre os pescoções, e insultos dos demonios tão crueis, entre a gritaria de tantos justiçados sem descanço, sem soccorro, sem esperança, precisado a morrer cada momento com mil mortes. O não crer esta verdade, depois de tantos argumentos, como nos propõe a Fé, he huma loucura extrema: julgai pois que loucura será o crello, e viver sempre em peccado, isto he dizer viver tão longe daquelle abysmo, quanto está hum morto da sepultura; pois não lhe he menos devido a hum peccador o estar sepultado no Inferno, do que he a hum cadaver estar posto em huma sepultura. Rara cousa he que a nossa malicia haja obrigado a Deos, sendo tão bom, a fabricar hum lugar de tantas penas, para ser obedecido, e amado dos peccadores. Mas quanto he mais estranho, que depois de haver fabricado hum lugar de tantas penas, ainda não seja amado aquelle Senhor, nem obedecido dos peccadores!

Iob 20. v. 22.

PON-

PONTO TERCEIRO.

A comparação da Gloria.

CONsiderai que o ultimo complemento da pena dos condemnados se formará da Gloria dos escolhidos no Ceo: *Elevans oculos suos, cum esset in tormentis, vidit Abraham à longe, & Lazarum in sinu ejus*: Levantando os olhos o rico, estando nos tormentos, vio a Abrahão de longe, e Lazaro no seu seio. Esta vista com huma cruel antipatia recrescentava os tormentos daquelles mesquinhos, porque quasi igualmente aborrecerão a sua propria miseria, como a alheia felicidade. Por tanto, bem que já mais haverão visto a Deos, terão impresso na sua mente hum conhecimento vivissimo do grande bem, que he o possuillo para sempre, e este mesmo conhecimento se acclarará em grande maneira no ultimo dia do Juizo, quando virem a humanidade glorioza de Jesus Christo, que lhes servirá de hum terror incomparavel ao mesmo tempo, que por ella mesma, como pela maior obra de todas as que fez Deos, aprenderão summamente a grandeza da Divina Magestade, e por conseguinte a Bemaventurança dos predestinados, de que gozarão eternamente. Luc. 16. 23.

S. Thom. q. 8. q. 7. n. 17.

Por outra parte a inveja, como todos os outros vicios espirituaes, será nos condemnados vehemente no maior gráo, sendo esta como hum outro Inferno dentro daquelles corações malaventurados: *Dura sicut Infernus æmulatio.* He cruel como o Inferno a inveja, pois trocando em tormento proprio o bem dos Santos, vivirá com grande raiva de ver que os não tem por companheiros das suas penas. Os Judeos só de ver a Santo Estevão ventajoso nas disputas, se sentião despedaçar os seus corações, e as entranhas, e rangião os dentes contra elle: *Dis-*

Actor. 7. n. 54.

se-

secabantur cordibus suis, & stridebant dentibus in eum. Daqui se póde inferir, qual será a raiva dos reprobos com a memoria do triunfo inexplicavel dos escolhidos. Certamente se esta pena não fosse mui crescida, não fora tantas vezes lembrada da Escritura, para aterrar aos homens proveitosamente. S. João no seu Apocalipse diz que os reprobos serão atormentados de dia, e de noite diante dos Anjos, dos Santos, e de Christo seu Juiz: *Cruciabuntur igne, & sulphure, in conspectu Angelorum sanctorum, & ante conspectum Agni.* S. Paulo affirma, que aquelle, que não obedece ao Euangelho, pagará a sua temeridade com hum eterno castigo, e á vista de hum Deos omnipotente, cuja face não verá: *Qui non obediunt Euangelio, pœnas dabunt in interitu æternas à facie Domini.* Verificando-se isto muito mais, em quanto os Santos virem a pena dos reprobos na Divindade, como em espelhos; e os reprobos conhecerão na sua miseria a gloria dos Santos, como hum enfermo conhece o bem da saude nos males, que padece.

Sanct. Joan. Apoc. 14.

2. ad Thes. 1. 8.

Por isso Isaias affirma, que hum dos mais crueis tormentos, que padecerão os máos por suas culpas, será o morrer de fome, de tristeza, e de dores do coração naquelle mesmo tempo, que os bons serão satisfeitos de huma eterna abundancia de prazeres, e se alegrarão em todas as horas pela copia redundante de gozos: *Facietis malum in oculis meis, & quæ nolunt elegistis, propterea ecce servi mei comedent, & vos esurietis; ecce servi mei lætabuntur, & vos confundemini; ecce servi mei laudabunt præ exultatione cordis, & vos clamabitis præ dolore cordis, & præ contritione spiritûs ululabitis.* Maiormente que os condemnados não só conhecerão que os Santos gozão de immensa alegria, quando elles brotão em alaridos entre os immensos martyrios, senão que tambem co-

Isai. cap. 65.

nhe-

nhecem que Deos juntamente com os Bemaventurados se goza, e alegra das suas penas pela gloria, que resulta á Divina Justiça da condemnação dos peccadores. Oh! isto sim, que ferirá no intimo das almas daquelles infelices haver de padecer tantos estragos, e ruinas por huma eternidade, e havellas de padecer na presença do seu Juiz, e dos émulos, que mais aborrecerão; e de os haver de padecer com tanto accrescentamento da felicidade daquelles, constrangidos, e necessitados a ser como huma victima de hum sacrificio perpetuo, consumida, sem já mais se consumir, em honra do Altissimo. E se isto he assim, se eu, desgraçado, me condemno; e tu, que lês estas considerações, te salvas, tu te gozarás sempre dos meus tormentos, e eu raivarei sempre dos teus alivios: e pelo contrario, se eu me salvo, e tu te perdes, eu me rirei sempre das tuas miserias, não como mal teu, senão como a bem de Deos, vingador de suas affrontas: *Lætabitur justus cum viderit vindictam, manus suas lavabit in sanguine peccatoris*: Se alegrará o justo, quando vir a vingança (diz David) lavando suas mãos no sangue do peccador. Oh que desesperação será não só não receber alivio entre tantos males, mas accrescentar além disto a felicidade dos mais odiados inimigos com a sua pena! O impio Juliano apostata, ferido de huma mão invisivel, tomou hum punhado do seu sangue, e o arrojou contra o Ceo, dizendo blasfemante: *Saturare Nazaræne, vicisti*: Sacia-te, Nazareno, que venceste. Quaes pois serão as blasfemias, as maldições, e os odios contra cada hum dos Bemaventurados, que não só se rirão, mas que se alegrarão, e se adornarão em certo modo com o sangue indigno daquelles rebeldes? He tão digna de temer-se esta inexplicavel desgraça, que se hum só por cada Cidade, e de cem a cem Psalm. 57.

annos houveſſe de cahir naquelle abyſmo, e chorar ſempre entre aquella chuſma deſeſperada, cada hum de nós ſe devia encher de terror, que ſerá ſabendo que tantos, e quantos cahem cada dia? *Multi ſunt, qui intrant per eam.* Muitos (diz S. Mattheus) entrão por aquella porta. E aſſim nos coſtumamos a viver continuamente em peccado? Iſto he dizer: Aſſim nos damos a caminhar ſempre por hum caminho, cujo ultimo termo he aquelle irreparavel precipicio? Oh pai infeliz, que geraſtes hum deſtes monſtros, que eſtão para ſe condemnar! Oh mãi mal affortunada, que déſtes leite a eſſe aborto da natureza! Matrimonio deſgraçado, pelo qual veio ao mundo hum inimigo eterno de Deos! Porém ainda muito mais infeliz, mais deſgraçado, e mais fatal tu, que queres antes provar eſtas penas, que crellas: *Væ quibus priùs experienda ſunt iſta, quàm credenda*: Ai de vós-outros, (dizia Euſebio) os que antes quereis experimentar as penas daquelle abyſmo, que crellas!

Matth. 7.

Euſeb. Hom. 1. ad Monac.

Oração aos Santos advogados, para que nos alcancem do Senhor a graça para nos ſalvar.

O' Santos Protectores meus, eſcolhidos por mim entre os outros pela confiança grande, que tenho na voſſa interceſsão, vós não tendes já que temer, eſtando no porto, e aſſim pela voſſa indizivel caridade tende cuidado de mim, vendo-me entre as ondas do mar deſte mundo com tanto riſco de me perder eternamente, que bem neceſſito da voſſa protecção, pois tantas vezes me tenho poſto, nos voſſos olhos, no voluntario naufragio da culpa. E onde eſtaria eu agora, ſe a precioſa mão de meu Senhor me não houvera ſuſtentado, para que não me fundiſſe? E ſe vós, moſtrando-vos tão parciaes da minha ſaude,

de, me não houveſſeis alcançado tempo de penitencia, e de emenda? Ao conſiderallo me encho de horror, e apenas o poſſo imaginar. Oh! e o que direis vós, que me diz com huma perfeita intelligencia o fundo daquelle abyſmo infernal? Tantas graças vos rendo, quantos são os momentos daquella vida, que por voſſas orações ſe me concedeo para me arrepender; e além diſto vos rogo por aquella ineffavel bondade de meu Senhor, que vos elegeo para eternos amigos ſeus, e para que foſſeis herdeiros do ſeu Reino Celeſtial, que não ſuſpendais os voſſos rogos á viſta das minhas iniquidades, antes bem vencei a minha dureza com a efficacia das voſſas deprecações, alcançando-me o perdão total de minhas culpas paſſadas, com huma graça abundante de morrer primeiro, que tornar a commettellas; e deſta reſolução quero que ſejais teſtemunhas, como da paz, que reſolvo a eſtabelecer, e manter eternamente com meu Senhor, proteſtando diante de vós, que aborreço com extremo a horrivel ingratidão, e diabolica temeridade, com que o offendi tão gravemente; e declarando, que ſe houveſſe ainda de o offender, elegeria antes o ſer aniquilado, que commetter tão grande maldade. Entre tanto vós, que ſois agora teſtemunhas deſte propoſito, ſede tambem para o diante advogados meus, alcançando-me força para conhecer com o voſſo exemplo os meus inimigos, mundo, diabo, e carne, e para triunfar depois em voſſa companhia no Paraiſo.

CONSIDERAÇÃO VII.

PARA O SABBADO.

A eternidade das penas.

PONTO PRIMEIRO.

A ſua interminabilidade.

CONſidera que ſe as penas do Inferno forão ligeiras, ſó por não ter termo na ſua duração, virião a ſer infinitas. Pois que ſerá, ſendo intoleraveis pela ſua atrocidade, e juntamente interminaveis pela ſua duração? Quem póde entender que pezo he o que accreſcenta á dor, o não haver de ter já mais fim? O tormento de huma hora he grande mal, e he dobrado mal o tormento de duas, e he cem vezes dobrado mal o tormento de cem horas; e aſſim a eſta proporção, quanto mais dura a pena, tanto eſta ſe faz mais tremenda. Aquella pena pois, que durará por horas infinitas, por dias innumeraveis, e por ſeculos ſem fim, he certo que he hum mal infinito, e por conſeguinte ſobrepuja todo o noſſo conhecimento ao conceber-ſe. Por tanto, ſe ſe propuzeſſe aos condemnados o partido, ou de tolerar para ſempre a picadura de huma abelha em hum olho, ou ſoffrer todos os tormentos do Inferno por tantos ſeculos, quantas são as eſtrellas do Ceo, elegerião ſem duvida o ſer miſeraveis por todos os ſeculos, como tiveſſe fim a ſua miſeria, que tolerar hum mal tão pequeno, como o da picada de huma abelha, ſe eſte não havia de ter fim, nem termo. Tudo he breve, e tudo aquillo ſe póde deſprezar, que não dura eternamente. S. Jeronymo diz a eſte intento, que não póde ſer dor aquella, que

tem

tem fim: *Quid enim poteſt grande eſſe, quod habet finêm?* He que a dor, que acaba, não atormenta por huma eternidade; e o que eſtará huma eternidade ſem affligir, não póde chamar-ſe pena grande. A dor, que já mais acaba, como não póde comprehender-ſe, aſſim não póde deixar de ſe temer, ſenão de hum louco privado de juizo; mas o mal he, que aſſim a pena, como a culpa, o peccador as engole, mas não as maſtiga: *Os impiorum devorat iniquitatem.* Detenhamo-nos pois hum pouco medindo eſta eternidade, que vence toda a medida.

Tomai na mão hum relogio de arêa, com o qual medis as horas, que correm, e dizei entre vós: Se eu houveſſe de eſtar vivo no meio do fogo por tantos milhares de annos, quantos são os grãos de arêa, que ſe contém neſte relogio, quando ſe acabaria o meu tormento? Tanto tempo ha, que dura o mundo, e ainda não ha que dura ſeis mil annos; pois quantos mais ſerão os grãos, que correm naquella hora, que os que ha que permanece o mundo, pois quaſi não ſe podem contar? Agora pois o que morre em peccado mortal he de fé, que depois de haver padecido por todos os ſeculos, que correſpondem áquelles grãos de arêa, haverá paſſado nada dos ſeus tormentos, ficando a eternidade, que tem de padecer toda inteira. Vamos adiante, meçamos mais, figuremos hum monte daquella meſma arêa meuda, que tem em ſi o relogio, tão grande, que chegue até o Ceo, e dizei: Se eu houveſſe de eſtar vivo, e deſeſperado no fogo tantos milhares de annos, quantos são os grãos de arêa deſte monte, quando ſe acabarião os meus tormentos? Pois ſe eu morro em peccado mortal, he de fé, que depois de haver padecido por todos eſtes milhares, não haverá paſſado toda a minha pena, porque a eternidade eſtará in-

teira. Digamos mais. Supponhamos que este monte tão levantado se multiplique tantas vezes, quantós são os grãos de todas as arêas do mar, as folhas das arvores, as penas das aves, as escamas dos peixes, os cabellos dos animaes, as gottas de agua, que tem chovido, e choverá desde o principio do mundo até o fim, e os atomos do ar, que entendimento humano poderá já mais comprehender este grande numero, se apenas o comprehenderá o entendimento de hum Anjo? Pois se eu, e vós morremos em peccado mortal, he de fé que estaremos todo este tempo no fogo, e que passarão todos estes annos, porque tem termo, sem que passe nenhuma parte das vossas penas, e sem que se diminua hum instante da eternidade, porque ainda então ficará toda inteira. Oh eternidade! Oh eternidade! Ou não tem fé os peccadores, ou não tem entendimento? Podeis vós negar, que o viver em peccado he estar exposto ao perigo de cahir em hum abysmo, donde não podereis sahir eternamente? Não o podeis negar, se sois Christãos. Podeis deixar de confessar, que vivendo de tal sorte, não estais longe daquelle abysmo, senão mui vizinho, e que quasi tendes hum pé dentro: *Uno tantum, ut ita dicam, gradu ego, morsque dividimur*? Pois como póde vir em qualquer momento a morte, assim vós podeis em qualquer momento ser precipitado no abysmo. Agora pois: se expôr-se a hum perigo manifesto de estar mil annos no fogo, por hum viliſſimo, e breviſſimo prazer, seria huma grande loucura, maior seria expôr-se ao perigo de estar lá dous mil annos: maior, e muito maior he pôr-se a perigo de estar cem mil, e por ultimo o estar lá sempre, e por todo o tempo, que durar a eternidade. Oh loucos os homens, pois por tão breve deleite se solicitão tantas miserias! *Post tantillam*

1. Reg. 20.

lam voluptatem, tam grandis miseria! Por hum deleite (diz S. Bernardo) tão grande miseria! Costumais dizer, que o cuidar attentamente na eternidade he perder o juizo? Não he assim, antes o cuidar attentamente nella vos fará o cobrar o juizo, se o haveis perdido. Sanct. Bern. ad Fratres de Mont. Dei.

PONTO SEGUNDO.

A sua inevitabilidade.

COnsiderai que se esta successão dos seculos sem fim pudesse no Inferno receber algum alivio pela variedade, seria por esta parte mais toleravel aquella casa; mas não será assim, porque não haverá por aquella successão diminuição alguma nos tormentos, sendo sempre a mesma pena. O maná com incluir em si todos os sabores, veio a causar fastio aos Hebreos, por ser sempre o mesmo: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri nisi maná.* Não vem outra cousa os nossos olhos, senão o maná; e isto o differão os do povo no segundo anno, que lhes concedeo, como dizem os Interpretes. Pois que dirião no cabo de quarenta annos? Que no cabo de hum seculo? Oh miseraveis peccadores! Se aquella eternidade do abysmo fosse para hum convite perpetuo de humas mesmas viandas, vos pareceria no fim tão fastidioso, que vos traria a ponto de desesperar. Pois qual será a vossa desesperação, sendo a eternidade, que vos espera, hum lugar de todos os tormentos, sempre a mesma, e com a mesma pena? Vós, que não podeis tolerar hum Sermão, senão tem variedade, nem huma Comedia, senão tem alegres entremezes, como o passareis em huma eterna miseria sem alivio, sem mudança, nem recreação? Aquelles, que habitão debaixo da Zona torrida, vi- Numer. 11. v. 6. Cornel. hic.

vem affligidos dos raios do Sol, mas de noite ſe recobrão daquella pena. Hum enfermo, ſe ſe vê atormentado hum eſpaço de tempo dos ſeus males, outro eſpaço deſcança; e não ha ferida tão cruel na alma, ou no corpo, que o tempo lhe não conceda algum alivio; mas aos condemnados faltão todas eſtas eſperanças. Eſtarão debaixo dos raios da Divina juſtiça, ſem que venha a noite, que tempere a dor das ſuas feridas. Pelo menos pudérão os infelices enganar-ſe a ſi meſmos, e perſuadir-ſe, que virá alguma vez a conſolação, ainda que não haja de vir; porém nem iſto poderá ſucceder, porque Deos quererá que tenhão ſempre diante dos olhos eſcrita indelevelmente a ſentença de ſua eterna condemnação, ſem eſperança de alivio, e ſem que já mais poſsão divertir o penſamento a outra couſa. Se aqui no mundo alguem padece algum tormento, cada hora lhe parece hum dia: agora pois quão largas lhes parecerão áquelles meſquinhos as miſerias não interrompidas por infinitos ſeculos? Não padecerão ſó os infelices por huma eternidade, ſenão que padecerão a meſma eternidade; porque eſtando eſta ſempre diante dos ſeus olhos, os opprimirá com o ſeu pezo continuamente áquelle modo, que hum globo immenſo de bronze opprime com todo o ſeu pezo o plano, ſobre que carrega, ainda que o não toque, ſenão em hum ponto. Aſſim como talvez affligе mais o temor do ſupplicio, que ameaça, do que a meſma execução delle: *Peior eſt bello timor ipſe belli*; a eſſe modo no Inferno á execução das penas ſe accreſcentará o temor de huma eterna ameaça, pois ſendo inevitaveis os males, he força que o temor mais cruel, que qualquer verdugo, anticipe, e dobre as penas em todos os inſtantes. Vós tendes horror de ler eſtas couſas, e não o tendes de peccar? Se he aſſim,

vós

vós temeis ver hum precipicio pintado, e não temeis de entrar em hum verdadeiro.

PONTO TERCEIRO.

CONsiderai que os homens diſcorrendo ſempre como homens, ficão talvez paſmados de que Deos a huma culpa tão breve de hum peccador tenha eſtabelecido huma pena eterna de fogo, ſem poder compôr o ſeu diſcurſo eſte rigor ou com a Divina bondade, que tanto tem de compaſſiva, ou com a Divina juſtiça, que não caſtiga fóra da devida proporção. Mas não ha que eſtranhar a maravilha dos mundanos, toda fundada na ignorancia das couſas eſpirituaes: *Animalis homo non percipit ea, quæ ſunt Spiritûs Dei; ſtultitia enim eſt illi, & non poteſt intelligere*: O homem animal (diz S. Paulo) não percebe aquellas couſas, que são do Eſpirito de Deos; ſe os peccadores entendeſſem a malicia do ſeu peccado, trocarião aquelle eſpanto em outro mais eſtranho. Agora paſmão de que Deos haja feito hum Inferno para huma culpa ſó; e então paſmarão de que por qualquer culpa não houveſſe Deos feito muitos infernos, e de que não houveſſe prevenido para qualquer tranſgreſsão hum cumulo de penas, ſete vezes mais atrozes, que as que prevenio. Bem entendeo eſta verdade Santo Agoſtinho, pois affirma que a miſeria dos condemnados he eterna, porque ſe proporciona com a ſua malicia: *Nunquam eſſet dæmonum æterna miſeria, niſi eſſet magna malitia*: Não fora eterna a miſeria dos demonios, ſenão fora grande a ſua malicia. Ponderai que todo o peccado mortal, ſendo hum deſprezo ou tacito, ou expreſſo da Divina vontade, he injuria de Deos. Agora a injuria creſce por duas partes, ou pela grandeza do offendido,

1. ad Cor. 2.

Sanct. Aug. de Civ. Dei l. 9. c. 13.

ou

ou pela vileza do que o offende : por onde, ſendo infinita a Mageſtade do Senhor , e ſumma a vileza noſſa, ſe ſegue, que aquella injuria, que fazemos a Deos, he como infinita, e he hum abyſmo de malicia mais deteſtavel, que ſerião infinitas injurias feitas a infinitas creaturas. Por tanto, devendo a pena correſponder á culpa, por reintegrar a ordem quebrantada, deve ſer eſta infinita, não podendo ſer infinita na intensão, por não ſer a creatura capaz de tanta pena, conveio que foſſe infinita na extensão, e que duraſſe ſempre. Vede como fica ſatisfeita a admiração dos peccadores. Eſta meſma verdade ſe conhecerá ainda melhor , conſiderando que a malignidade de hum peccador he tão exorbitante, que não ſe póde vencer, nem ſatisfazer-ſe com todas as boas obras de todas as puras creaturas, que por iſto foi neceſſario o encarnar o Filho de Deos , e tirar de ſuas veas o theſouro , que pode ſer juſto preço do peccado: agora pois aquelle mal, que ſe não póde compenſar com todas as acções virtuoſas das creaturas, ainda que ſe repitão por todo o tempo, bem merece huma pena mais larga, que todo o tempo, e por conſeguinte eterna. Por tanto, ó peccadores, não deſprezeis já mais a Deos, que póde caſtigar com huma eterna condemnação : ſe a pena do peccado não foſſe eterna, poderia ſer menos temida ; pois o que não he eterno, he nada : *Quod æternum non eſt nihil eſt* ; mas não temer o que he eterno, he hum infinito delirio. A bondade de Deos não he huma ſingéla negligencia de cuidar dos males, como falſamente o aprehendem os peccadores, ſenão huma ſantidade infinita oppoſta ao peccado, que diz em ſi hum odio immenſo contra elle, eſtando empenhada a moſtrallo, caſtigando-o com huma pena correſpondente áquelle odio, iſto he, com huma pena infinita.

ta. Affim deve pezar as couſas quem ſe ſerve da balança da Divina juſtiça, que não póde enganar, e não de pezos enganoſos do mundo igualmente enganados, e enganadores.

Vede agora quão prodigioſo mal ſeja hum peccado grave, pois contém nas ſuas entranhas huma eternidade de miſeria. Se pudereis com os olhos do voſſo entendimento penetrar a fundura profunda, e maligna de hum peccado mortal, verieis dentro delle as ſementes de hum fogo eterno, de hum choro eterno, de hum carcere eterno, de hum fedor eterno, de hum eterno arrependimento, de huma eterna deſeſperação, e da perda eterna de todo o bem. Tudo iſto ſe contém em hum peccado, bem que he por hum acto tão breve, como no ovo pequeno do baſiliſco ſe contém huma progenie venenoſiſſima, e nella muitas continuadas mortes. Tudo iſto he o Inferno, ou por melhor dizer, nada diſto he o Inferno; porque he hum mal infinitamente ſuperior a quanto ſe póde dizer, e comprehender-ſe por nós, e que todavia ha de redobrar tantas vezes a ſua pena, e o ſeu rigor, quantas ſerão as faltas, que a alma levar áquelle lugar de miſerias, e de trévas: *Terra miſeriæ, & tenebrarum.* Haveis vós já mais conſiderado ſeriamente neſta verdade? *Intellexiſtis hæc omnia?* Se haveis cuidado niſto, como póde ſer que por hum ruim, por hum çujo, e por hum brebe deleite vos arrojeis, peccando tão alegremente, naquelle abyſmo de culpas; e, quanto he de voſſa parte, naquelle abyſmo de pena, que o vai ſeguindo, arrojando-vos em hum precipicio, do qual vos não podeis livrar, ſe o meſmo Deos, que deſprezais, não eſtendêra a mão para vos deter? Sinal evidente de que o não conſideraſtes; e ſe cuidaſtes nelle, devia ſer muito ligeiramente; porque de ou-

Job 10. 12.

Matth. 17.

tra

tra ſorte, como havieis de dormir em hum eſtado tão vizinho ao naufragio: *Quid tu ſopore deprimeris? Surge, invoca Deum tuum*, que he o que ſe diſſe a Jonatas. Como tu dormes, ſendo tempo de invocar a teu Deos? Se o mal fora ſómente provavel, e não certo, e de fé, devieis temello, e meditar nelle todas as horas: rogai pois daqui por diante a Deos, que vos livre de tão grande mal: correi de preſſa á confiſsão, aborrecei as más companhias, fugi aos perigos de peccar, frequentai os Sacramentos, fazei penitencia: ſahi, ſe he neceſſario, do mundo, por ſalvar a voſſa alma. Finalmente nunca póde ſer demaziado o cuidado, que ſe põe em aſſegurar a eternidade: *Non poteſt eſſe nimia ſolicitudo, ubi periclitatur æternitas*, como dizia S. Bernardo.

Jonat. I. v. 6.

Oração á Virgem Santiſſima, para que nos alcance a eterna ſaude.

OH Mãi benigniſſima de piedade! Como nenhuma creatura ſe aſſemelha mais ás perfeições incomprehenſiveis de voſſo Filho, que vós, aſſim nenhuma ſe aſſemelha mais na miſericordia. Será pois imitar a ſua infinita caridade, e compaixão para com os peccadores o ſoccorrer a eſte miſeravel, livrando-o do abyſmo de ſeus peccados, e da condemnação tão juſtamente por elles merecida. Eu ſei quanto intereſſais vós na gloria de voſſo Filho, e quanto deſejais que a ſua Redempção ſeja copioſa, e que o fruto do ſeu ſangue ſeja ſempre maior: por eſte recorro a vós com toda a confiança, ſeguro de que não negareis a interpoſição dos voſſos rogos áquelles, por quem voſſo Santiſſimo Filho não ſe dedignou de dar a vida. Que ſeria de mim, Senhora, ſe por meus peccados fora condemnado a eſtar

ſem-

ſempre no fogo ? A não ver mais a cara do voſſo Deos, e meu ? A ter por huma eternidade aquelle Senhor, e a vós por meus inimigos ? Oh já mais ſucceda couſa ſemelhante ! *A' morte perpetua libera me, Domina*: Da morte eterna livrai-me vós, Senhora. Oh grande Mãi de quem vos invoca ! Alcançai-me o favor de ſer livre daquella tremenda ſentença: não ſe deva couſa alguma a mim, pois o não mereço: deva-ſe tudo á voſſa interceſsão, pois mereceis tudo aos merecimentos do Salvador, ás ſuas chagas, e á ſua morte, que tem infinito valor. Vós foſtes elegida por voſſo Filho ao pé da Cruz por Advogada, e Mãi noſſa, permitti pois que eu vos diga, que cumprais com o que tendes a voſſo cargo; e pois ſois Mãi de peccadores, moſtrai-o: *Monſtra te eſſe Matrem.* Fazei que ſe ouça a voſſa voz em meu favor, e baſtará, para que ſeja eu ditoſo: ponde-me á ſombra da voſſa protecção, e já eſtou ſeguro. Por ultimo impetrai-me de voſſo Divino Filho a miſericordia de não peccar mais mortalmente, ſim de ſervir com fidelidade até o ultimo inſtante a meu Creador, e Redemptor, para o poder gozar eternamente, e ſupprir em companhia dos Santos no Ceo o pouco ſerviço que até agora lhe tenho rendido na terra. Amen.

Orações Jaculatorias para pedir o amor de Deos.

DEos meu, vós me creaſtes, para que vos amaſſe, fazei que conſiga o fim, para que fui creado. Oh que atrevido ſou, pois peço tão grande amor ! Eu vos pedíra, Senhor, couſa proporcionada com minha baixeza, ſe vós me não mandáreis que vos amaſſe. Creaſtes-me, para que vos amaſſe: ameaçais-me, ſe vos não amo: morreſtes, porque vos amaſ-

maſſe: mandais-me que vos ame, eu o deſejo. Deos meu, quem ſou eu, para que vos ame? Quem ſou eu para vós, ſenão tormentos, affrontas, e cruz? Quem ſois vós para mim, Deos meu, ſenão ſaude, deſcanço, e todo meu bem?

Se vós, ſendo eu quem ſou, me amais, como não vos amo eu a vós, ſendo vós quem ſois?

Senhor meu, eu não mereço amar-vos, e vós mereceis ſer amado ſobre todas as couſas.

Amor meu, de quem todos os juſtos amores procedem, como não morro por vós? Como vos não amo mais que a mim?

Oh Bondade infinita, principio, e fim de todo o noſſo bem! Como não me abrazo em voſſo amor, pois ſó tal Bondade merece ſer amada de todos?

Formoſura da minha alma, de quem ſahe toda a que ha, como me não namoro de vós, pois a formoſura leva atrás de ſi os corações, olhos, e almas de todos?

Se não vos amo, meu Deos, pelo que ha em vós, porque vos não quererei entranhavelmente pelo que vos devo?

Se o filho ama ſeu pai, como não amo eu tal Pai? Se a eſpoſa ama a ſeu eſpoſo, como não amo eu o Eſpoſo da minha alma? Se os membros amão a ſua cabeça, e os effeitos as ſuas cauſas, como não morro por vós, que ſois meu Creador, meu Conſervador, e a cauſa de todo o meu bem?

Apartai-vos de mim todas as creaturas, que não quero querer, ſenão a meu Creador.

Oh meu Deos! Oh meu amor! Oh meu deſejo! Oh meu refugio! Oh minha conſolação! Oh minha eſperança, quando vos amarei? Quando por caridade eſtarei unido comvoſco? Oh deſcanço, e

bem

bem da minha alma, pois vós me amais ineffavelmente, ame-vos eu ſingularmente. Oxalá vós ſó poſſuireis meu coração! Oh, Senhor, ſe vos amaſſe, ſem que outro amor me pudeſſe divertir!

Oh ſe ſe abrazaſſe, e conſumiſſe o meu eſpirito na immenſidade de voſſo Divino amor!

O' Senhor, que quero eu, ſe deixo a vós? Quero a vós.

O' Deos infinito, quem ha ſemelhante a vós?

O' Deos de immenſa mageſtade, quem vos amára mais que a ſua vida, e alma, pois vós ſois minha vida, e alma!

Alegro-me, Deos meu, de vos ter por meu Deos, e quizera amar-vos mais que a mim, pois a mim me amais vós mais, que todos a vós.

Deos meu, e todo meu bem, receba eu todo o creado por perda, e detrimento, por vaidade, e nada a troco de vos ſervir com todo o affecto de meu coração.

Oh quem vos amára, amador de minha alma, com hum amor tão creſcido, que não tiveſſe igual na terra!

Oh ſe eu vos conhecêra, como vós me conheceis, e vos pudéra amar, como vós me amais!

Ame-vos, ó Senhor, quanto poſſo, até vos ver como deſejo.

Não ame eu couſa fóra de vós, pois não ha couſa boa, nem amavel, que o não ſeja por vós.

O' Amado de meu coração, ſe tanto me namora a formoſura, e belleza das creaturas, que ſerá a do Creador?

O' Pai amoroſiſſimo, de quem todo o amor procede, dai-me o amor, que me pedís, e eu vos darei o amor, que de mim quereis.

Oh regalo de minha alma, quem fora capaz de amor

amor infinito, para o empregar todo em voſſa formoſura infinita!

O' Deos inviſivel, veja-vos eu claramente para vos amar ſuavemente, porque não he poſſivel ver-vos, e não vos amar.

Se mereceis, Deos meu, ſer amado infinitamente pelos beneficios, que me fazeis, e tendes feito, quanto mais vos devo amar pelo amor, que me tendes?

O' Amador eterno, quem vos tivera amado deſde que fui homem, pois vós me amais deſde que ſois Deos!

O' amavel principio meu, e ſumma felicidade de minha alma, que alma quero eu fóra de vós?

Bem meu eterno, e verdadeiro, feri o intimo de meu coração com a frecha de voſſo amor.

O' Senhor, quando vos agradarei em todas as couſas?

Quando ſerei todo voſſo? Quando vos amarei ardentiſſimamente?

Quando me abrazareis todo na chamma de voſſo accendido fogo de caridade?

Por vós, Senhor, ſuſpiro, e por vós desfalece minha alma.

Deos meu, em todas as minhas couſas infundi-me a voſſa luz, para que vos conheça: accendei o meu tibio coração: alentai, esforçai, e animai a minha fraqueza, vida da minha alma, centro do meu coração, e gloria minha, para que ſempre vos ame.

Acto de Contrição.

SEnhor meu Jeſus Chriſto, Deos, e homem verdadeiro, Creador, e Redemptor meu, por ſeres vós quem ſois, porque vos amo, e eſtimo ſobre to-

todas as couſas, me peza de todo o meu coração de vos haver offendido, e proponho firmemente de nunca mais peccar, e de apartar-me de todas as occaſiões de offender-vos, de confeſſar-me, e de ſatisfazer, e cumprir a penitencia, que me for impoſta: e offereço a minha vida, obras, e trabalhos em ſatisfação de todos os meus peccados; e como confio em voſſa bondade, e miſericordia infinita, aſſim vos peço mas perdoeis pelos merecimentos de voſſo precioſo Sangue, e Paixão, e me deis graça para emendar-me, e perſeverar até á morte. Amen.

FIM.

INDICE

Das couſas mais notaveis.

A

Adulterio. Todas as nações do mundo, ainda barbaras, dão pena de morte aos adulteros. Diſcurſo 9. fol. 246. Os Profetas o chamão peccado grande, maximo, e profundo, muito mais depois que o Matrimonio he Sacramento. fol. 247. A caſa, onde reina o adulterio, he hum Inferno anticipado. fol. 246.

Alexandre Magno. Ouvindo a Timotheo, célebre Citharedo, tocar huma batalha, enfureceo-ſe como valente; mas tocando logo a retirada, e depois hum deſcante mavioſo, cahio deſmaiado como hum amante. Diſc. 3. fol. 56. Conſiderando o credito perdido, por ter morto a Clyto, ſeu intimo confidente, pedio muitas vezes a meſma arma para matar a ſi meſmo. Diſc. 13. fol. 361.

Alexandre Severo, Emperador. Comeo tanto em hum jantar, que depois de duas horas morreo. Diſc. 5. fol. 121.

Armada. A grande armada de Filippe Prudente, perdida na eſcuridão da noite, por cautela de evitar huns fogos de folguedo, que fazião os Hollandezes. Diſc. 2. fol. 32.

S. Arſenio. Trocou os cheiros ſuaves do ſeculo com hum fedor perpetuo na ſua cella. Diſc. 4. fol. 91.

Avareza. He hum vicio, que abrange a todos. Diſc. 8. fol. 199. Tambem as mulheres cahem neſte vicio, e ainda os Eccleſiaſticos. fol. 201. Todos os mais

mais vicios ou cansão, ou aborrecem, ou acabão por velhos; ſó o avarento quanto he mais velho, tanto na cubiça he mais moço, e robuſto. fol. 209. He moralmente impoſſivel que o avarento ſe ſalve. Diſc. 8. fol. 197. per tot.

B

Bajazetes, Emperador dos Turcos. Feito cativo do grande Tamborlão dos Tartaros, prezo em huma gaiola de ferro, corria toda a Aſia, eſtando ſempre no meſmo lugar. Diſc. 1. fol. 12. Aſſim o condemnado, quando Deos permitte que do Inferno appareça neſte mundo, traz comſigo o meſmo aperto da prizão, e tormento. fol. 12.

Baronio Cardeal. Grande vitoria, que teve de ſi meſmo. Diſc. 4. fol. 82.

Bruxas. Os damnos grandes, que fazem ao genero humano com os ſeus maleficios. Diſc. 10. fol. 317. Muito menor mal fazem eſtas bruxas deteſtaveis, do que fazem aquelles, que são cauſa, ou occaſião de ſe perder huma alma, que induzindo-a a peccar, vai para o Inferno. fol. 317.

C

Cativeiro. Quantos ſenhores de engenho, lavradores, e feitores eſtão no Inferno por uſarem tyrannias com os eſcravos. Diſc. 10. fol. 287. Que juizo terrivel ſe fará delles, e que tormentos crueis padecerão, por não lhes darem o neceſſario, e obrigallos a trabalharem para ſi no dia de deſcanço, que he o Domingo. fol. 288. Não baſ-

ta não uſar tyrannias, e crueldades com os cativos, mas he tambem neceſſario não maltratallos de palavras com injurias, e nomes execrandos. fol. 291. O primeiro deſengano, e maior tormento, que teve o rico avarento, quando entrou no Inferno, foi ver a Lazaro no ſeio de Abrahão. fol. 292. Aſſim a maior confuſão, e pena dos ſenhores, que maltratárão os ſeus eſcravos, ſerá no dia do Juizo vellos á mão direita já reſplandecentes entre os Bemaventurados. fol. 294.

Carcere do Inferno. Mais horrivel, e penoſo dos carceres de Dionyſio Rei de Siracuſa, de Galeacio Viſconti Duque de Milão, de Ezelino tyranno de Padua, &c. Diſc. 1. fol. 2. 3. Vide *Inferno.*

Conſciencia. He hum dictame da razão, hum juizo pratico, por meio do qual o homem diſcerne o bem do mal, e conhece o que deve ſeguir, ou fugir. Diſc. 13. fol. 359. Baſta ſer homem racional para ſentir em ſi complacencia em obrando bem, e triſteza, e medo em tendo obrado mal. fol. 359.

D

Deos. Tem poſto o Ceo no alto, e o Inferno eſcondido debaixo da terra, para que os homens o amem, e o ſirvão, não como eſcravos, por medo do caſtigo, mas como filhos, e herdeiros do Paraiſo. Diſc. 1. fol. 4. Sendo bom, e miſericordioſo, he tambem no meſmo tempo juſto, e vingativo. Diſc. 7. fol. 167. e ſeg.

Demonios. O maior diſvelo dos demonios he dar o ſeguro aos peccadores com a preſumpção da bondade, e miſericordia Divina ſer infinita, para que continuem a fazer maiores peccados. Diſc. 7. fol. 163.

Deſ-

Deſeſperação. He hum peccado enormiſſimo, que offende os dous attributos da omnipotencia, e miſericordia Divina, parecendo-lhe que Deos não poderá, ou não quererá perdoar-lhe tantos, e tão graves peccados. Diſc. 13. fol. 375. O peccador, que ſe deſeſpera, rende impoſſivel a ſua ſalvação, pois elle meſmo dá anticipadamente contra ſi a ſentença da ſua condemnação. fol. 375.

D. Diogo Oſorio. Vendo-ſe na eſcuridão de hum calabouço, ſendo de 25. annos, amanheceo todo branco, como hum velho decrepito. Diſc. 2. fol. 36.

Dionyſio Rei de Sicilia. Mandou fabricar hum ouvido de pedra marmore na abobeda da prizão, que eſtava debaixo do ſeu paço, para ouvir as queixas dos prezos. Diſc. 3. fol. 71.

E

E *Nxofre.* Fallando a Sagrada Eſcritura do fogo do Inferno, ſempre falla no enxofre, e porque. Effeitos, e qualidades do enxofre, e combinação com o fogo do Inferno. Diſc. 4. fol. 96. e ſeg.

Eternidade das penas do Inferno entre as couſas da Fé. He a mais difficultoſa a crer, e porque. Diſc. ultimo fol. 389. Até os Gentios tiverão noticia della, a temião, e obravão bem por medo della. fol. 396. Engano de Origenes ſobre a eternidade das penas. fol. 391. O demonio, e os Hereges fazem o poſſivel para diminuir as penas do Inferno. ibi. Só a eternidade do Inferno póde refrear o homem do peccado. fol. 405. De que modo o condemnado no Inferno ſoffre a cada momento a eternidade das penas toda junta. fol. 412. Os

primitivos Chriſtãos ſó cuidavão na eternidade, e por iſto ſalvavão-ſe todos. fol. 418. Quem não póde cuidar no Inferno, e na eternidade, não ſe deſeſpere, mas recorra a noſſa Senhora com todas as véras, que o alumeará, e ſalvará. fol. 420.

Exemplos. Hum Doutor célebre de París tornou do Inferno a dizer o que lá havia ácerca de ſaber as ſciencias. Diſc. 1. fol. 25. De hum moço amante dos bailes, e cantigas deshoneſtas. Diſc. 3. fol. 74. Do Emperador Otho terceiro, que faltando ao propoſito de deixar a huma dama, a meſma por caſtigo de Deos lhe tirou a vida. Diſc. 4. fol. 94. De trez Sacerdotes inclinados á crapula, e vicio da gula. Diſc. 5. fol. 110. De dous Monges, que morrêrão affogados do comer, fartando-ſe em huma cea. Diſc. 5. fol. 119. De hum moço luxurioſo, que eſtando já em graça, para ſe querer deſpedir na hora da morte da amiga, foi ao Inferno. Diſc. 6. fol. 151. De hum moço, que vendeo a ſua alma ao demonio, com pacto de poder reſgatar com aviſallo trez dias antes de morrer, e o aviſou. Diſc. 7. fol. 181. De Luiz XI. Rei de França, que morreo como viveo. Diſc. 7. fol. 190. De hum Sacerdote, que por ambição de mais fazenda morreo peſſimamente, e ſem dizer Jeſus. Diſc. 7. fol. 204. De hum ladrão, que furtou hum boi a hum Moſteiro. fol. 216. De hum velho avarento, que não queria reſtituir, e ir ao Inferno para não deixar os filhos pobres. fol. 224. De hum Confeſſor, e hum confeſſado, levados ambos de dous por dous demonios em corpo, e alma para o Inferno. fol. 227. De huma famoſa concubina, que promettendo a Deos, ſe lhe dava a vida, de ſer huma Magdalena penitente, aviſada para morrer, proteſtou que morria com dar a ſua alma ao demo-

monio, e logo reſpirou. fol. 240. De hum cavalleiro, que encontrando-ſe na ponte da Cidade de Pavia com huma dama, para lhe dar goſto ſe precipitou elle com o cavallo no rio. fol. 253. De hum moço, que ſendo condemnado á morte por cauſa da amiga, indo para a forca, vendo-a na janella, deo hum arranco para ſe ir deſpedir della. fol. 257. De Santa Liduina, que converteo hum grande peccador, com ordenar-lhe que dormiſſe na ſua cama molle huma noite ſem ſe virar. Diſc. 11. fol. 302.

F

F*Ederico terceiro, Emperador.* Seu dito memoravel, depois de ter perdido tudo em duas batalhas. Diſc. 13. fol. 385.

Fedor. O fedor do Inferno excede todos os fedores do mundo juntos. Diſc. 4. fol. 82.

Fogo. Porque eſcolhido por Deos para caſtigo dos condemnados. Diſc. 1. fol. 15. O fogo do Inferno he mui differente do noſſo, e o rico avarento não ſe queixava do fogo, mas de tal caſta de fogo. fol. 16. Contém em ſi todo o genero de tormentos. fol. 87. Chama Chriſto ao fogo do Inferno ſal; e como tem a virtude, e propriedades do ſal. fol. 13. Deos dará tal virtude a eſte fogo, que ſempre queimará, e nunca conſumirá. Diſc. 10. fol. 286. Depois de cem mil annos hum condemnado ſentirá as dores tão vivas, e agudas, como na primeira hora, que entrou no Inferno, reparando ſempre quanto queima, e conſome. fol. 286.

G

Gotta. A doença da gotta até agora não teve remedio, porque he huma gotta das dores do Inferno, para que nos lembremos dellas. Disc. 11. fol. 308.

Groninga em Hollanda tem no torrião da Cidadella seis colubrinas fabricadas pelo artifice com a escala da Solfa ut, re, mi, fa, sol, lá, o estrondo dellas era suave, o estrago terrivel com sua applicação. Disc. 3. fol. 57.

Guglierme Duque de Mantua. Mandou fabricar huma sala com abobeda com tal arquitectura, que o que se dizia secretamente em hum canto, se ouvia no outro. Disc. 3. fol. 72.

Gula. Os gulosos padecerão grandes tormentos no Inferno. Disc. 5. fol. 108. São freguezes do diabo, que he o seu Paroco, e os sepulta no Inferno. fol. 113. Gulosos, e bebedores são incorrigiveis. fol. 116. Prezos ao laço pela garganta como as aves. fol. 118. Ordinariamente vivem pouco, e Deos os castiga com morte repentina. 119. e seguinte.

H

Henrique Conde de Bergh. Morre, porque a Archiduqueza de Austria D. Isabel, dando-lhe audiencia, com parte do véo, que tinha na cabeça, cubrio o rostro. Disc. 12. fol. 327.

Holocausto. Os condemnados hão de ser as victimas de holocausto, que hão de arder, e ser eternamente immoladas á justiça de Deos. Disc. 1. fol. 18.

I

Jejum. O jejum confere muito para a ſaude. Diſc. 5. fol. 122. E os que mais jejuão vivem mais. fol. 129.

Inimigo. Deos de nenhuma couſa he tão zeloſo como de não perdoar aos noſſos inimigos. Diſc. 10. fol. 294. O maior inimigo, que tem Deos, he o enganoſo *peccavi*, em que ſe fião os peccadores na hora da morte. Diſc. 7. fol. 185.

Inferno. Que haja Inferno he verdade tão certa, como he certo que ha Deos. Diſc. 1. fol. 5. A largura, e profundidade do Inferno quanta ſeja, e ſendo tão dilatada, como caberão tantos milhões de corpos nelle. fol. 7. O carcere do Inferno he hum lugar, onde o condemnado nunca gozará de bem algum, e padecerá para ſempre todos os males. fol. 25.

Jogo. Caſo execrando de hum jogador, que atirando com huma pedra a huma Imagem de noſſa Senhora, foi ſovertido no Inferno. fol. 422.

L

Lacedemonios. Sendo tão poucos, com que eſtratagema vencêrão os Sibaritas. Diſc. 3. fol. 66.

Laços. O laço do demonio, com que mais aperta os peccadores, he aquelle de não reſtituir a fazenda alheia. fol. 222.

Lagrimas, que ſahem dos olhos de hum coração arrependido, são hum novo baptiſmo. Diſc. 2. fol. 52.

Liſimaco ſendo Rei da Turquia, apertado mais da ſe-

ſede, que do inimigo, entregou a ſi, e ao ſeu Reino por hum pucaro de agua. Diſc. 12. fol. 342.

Luthero. Só depois de dezeſete annos deſamparado de Deos perdeo o remorſo da conſciencia. Diſc. 13. fol. 364.

Luxuria. Não ha peccado, que mais irrite a Deos, e o caſtigue com maior rigor, como he a luxuria. fol. 261. Não ha peccado, que mais cegue o entendimento, como a luxuria. Diſc. 9. fol. 234. Faz perder o conhecimento de Deos, do ſeu peccado, de ſi meſmo, e do que ſomos. fol. 236. e ſeg. Hum luxurioſo he o meſmo que hum endemoninhado. fol. 243.

M

Miguel Paleologo III. Emperador do Oriente, eſtando bebado lhe foi tirado o Imperio, e a vida. Diſc. 5. fol. 121.

Morte. Differença, que vai entre huma bella morte, e huma boa morte. Diſc. 7. fol. 187.

Mulher Euangelica. De dez drachmas perdeo huma: fecha as janellas, e portas, e accende a candeia, e logo a acha. Diſc. 13. fol. 386. Moraliza-ſe. ibi.

Muſica. Deſcripção da muſica. fol. 55. A ſua origem Divina. fol 53. Canonizada por Deos no ſeu Templo com quatro mil muſicos, e por S. Gregorio Magno. fol. 54. Santo Agoſtinho diz que o uſo bom da muſica he ſinal de predeſtinação. fol. 53. O uſo máo della faz os homens preſcitos, e até de racionaes, brutos, e idolatras. Diſc. 3. fol. 59. Com as mudanças da muſica nas Cidades mudão-ſe os coſtumes. Diſc. 3. fol. 65.

N

Nabuco. A eſtatua de Nabuco he figura dos ſenhores de engenho, e de todos aquelles, que uſão tyrannias, e crueldades com os ſeus eſcravos. Diſc. 10. fol. 296.

Nero Emperador. Depois que matou a ſua mãi Agripina, fugia de paſſar por onde eſtava o ſeu ſepulchro; mudava palacio, ſahia de Roma, e não ſe dando por ſeguro em parte alguma queria matarſe. Diſc. 13. fol. 362.

Niceforo. Por pedir perdão a Sapricio, que depois de muitos tormentos eſtava para ſer degollado pela Fé, ficou Martyr. E Sapricio, que não lhe quiz perdoar, renunciou logo a Fé, e ficou apoſtata. fol. 295.

O

Occaſião. S. Martiniano o que fez para fugir da occaſião, e como Deos lhe acudio com milagres. Diſc. 6. fol. 140.

Olhos. Deſcripção dos olhos, e ſeus effeitos. Diſc. 2. fol. 27. Tem dous officios, os outros ſentidos hum ſó. Diſc. 2. fol. 27. Pelos olhos entra ordinariamente o peccado. Aſſim delles deve ſahir com as lagrimas o remedio. fol. 29. Os olhos tem liga ſecreta com o coração. Diſc. 2. fol. 42. São exploradores, e eſpias, com as quaes o Santo Job queria treguas. fol. 43. Os olhos querem ver para ſerem viſtos. Por iſto a Magdalena por não ver ſahio de Marſelha, e por não ſer viſta buſcou huma gruta nos Alpes. fol. 50.

Ove-

Ovelhas. Como póde ſer que as ovelhas, que são ſymbolo dos predeſtinados, ſejão tambem ſymbolo dos preſcitos. Diſc. 10. fol. 290.

P

Peccador. Não ſó deve o peccador pedir perdão a Deos dos peccados proprios, mas tambem dos alheios, e porque. Diſc. 6. fol. 147. Por depravado que ſeja, quanto mais ſe immerge nos ſeus vicios, tanto mais buſca nelles (ſe bem erradamente) ao ſeu Deos. Diſc. 12. fol. 343.

Pena de damno. He huma pena infinita, como dizem os Theologos, pois ſe refere a ordem Divina em qualidade de ſupplicio. Diſcurſ. 12. fol. 354. He o Inferno do meſmo Inferno, pois nelle conſiſte eſſencialmente a condemnação de hum preſcito. fol. 355.

Penitencia. S. Pedro de Alcantara foi tão rigoroſo, e penitente, que tinha feito pacto com o ſeu corpo de não lhe dar goſto algum neſta vida. Diſc. 6. fol. 158.

Pytagoras. Com a ſua eſcola diz que os cheiros baſtão para a nutrição, e ſuſtento da vida. Diſc. 4. fol. 93.

Preſumpção. A preſumpção da bondade, e miſericordia Divina precipitou Lucifer, e os mais demonios no Inferno. Diſc. 7. fol. 160. Do meſmo engano uſa o demonio comnoſco. Diſc. 7. per totum.

R

Emorſo da conſciencia. Até os Gentios chamão flagello occulto, huma pena a mais cruel, e deſeſperada de todas. Diſc. 13. fol. 361. O peccador, que em peccando não ſente o remorſo da conſciencia, he o final mais certo que já he preſcito. fol. 363.

Reſtituição. Abſolutamente neceſſaria para ſalvar-ſe. Diſc. 8. fol. 215. Reter o alheio contra a vontade do dono, he o meſmo peccado, que furtar, fol. 219. Manda Deos na Lei velha, que por huma ovelha furtada ſe reſtituão quatro, e porque. fol. 220.

Roſario. S. Domingos com o ſeu Roſario livrou a muitos do peccado de adulterio. Diſc. 9. fol. 251.

S

Sibaritas. Povos dados ás delicias, por ter enſinado a bailar os cavallos, ficão na batalha derrotados, e perdidos. Diſc. 3. fol. 66

Solfa. Os elementos da ſolfa ut, re, mi, fá, ſol, lá, inſtituido pelo artifice nas ſeis célebres colubrinas da Cidade de Groninga. Diſc. 3. fol. 57.

Sunamite. Faz os officios de ſoldado, e de muſico. Contempla, e peleja. Diſc. 3. fol. 64.

T

Tacto. Entre os mais ſentidos he o mais perniciosſo. Diſc. 6. fol. 127. Hum cego luxurioſo conhecia as idades pelo tacto. Diſc. 6. fol. 134. e dizia ſer falſo o ditado Portuguez: O que os olhos não vem, coração não deſeja. fol. 134. Remedios para ſe livrar do perigoſo vicio do tacto. fol. 136. Judith, e Joſé para ſe livrar do perigo do tacto, fugirão tambem do contacto das roupas. Diſc. 6. fol. 136. e ſeg.

Tentação. Não ha peior tentação do demonio, que quando ſe transfigura em Anjo de luz, incita o peccador a algumas devoções, ou penitencias exteriores para cobrar boa fama, e aſſim continue com maior confiança a peccar, e vá á redea ſolta para o Inferno. Diſc. 7. fol. 170.

Theodorico Rei, e terror de Italia, fez cortar injuſtamente a Simaco a cabeça, e logo o remorſo da conſciencia foi tal, que pondo-lhe na meza a cabeça de hum grande peixe, repreſentou-ſe-lhe que era a cabeça de Simaco, que vinha tomar vingança, e morreo. Diſc. 13. fol. 362.

Tiberio, Emperador. Aos reos, que eſtavão na ſua graça, dava logo a morte; aos que tratava como inimigos, a prizão perpetua. Diſc. 1. fol. 2.

V

Ver. Vio huma vez o Patriarca S. Franciſco o demonio, e confeſſou que era impoſſivel ſem auxilio eſpecial de Deos olhar para aquelle monſtro,

tro, e não morrer logo. fol. 40. Santa Catharina de Sena, que o vio por hum inſtante, pedia antes caminhar por hum caminho liſtrado de fogo, que tal viſta, fol. 40.

Crime da conſciencia. Será o cenſor mais ſevero, o juiz mais terrivel, o algoz mais cruel, que atormentará os preſcitos no Inferno. Diſc. 13. fol. 369. He maior tormento que a pena do ſenſo, porque eſte vem de hum agente exterior, que he o fogo. fol. 370. He tambem maior tormento que a pena do damno. fol. 370.

Z

Zeno, Emperador do Oriente. Perdeo o Imperio, e a vida pelo vicio da bebedice. Diſc. 5. fol. 121.

FIM.

69-8
R.B. Roscoe
5/14/69

CA765
P442d